

The background of the cover is a photograph of a forest. On the left, a large, dark tree trunk is visible. The rest of the image is filled with a dense canopy of trees, through which a bright, golden light is shining, creating a misty and ethereal atmosphere. The ground is covered with fallen leaves.

Lilia Uzêda

ETÉREOS

O DESPERTAR

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

LÍLIA UZÊDA

ETÉREOS

O Despertar

Livro 1

Coleção
NOVOS TALENTOS DA LITERATURA BRASILEIRA


São Paulo 2013

Copyright © 2013 by Lília Uzêda

COORDENAÇÃO EDITORIAL	Letícia Teófilo
DIAGRAMAÇÃO	Claudio Tito Braghini Junior
CAPA	Monalisa Morato
PREPARAÇÃO	Luci K. Kasi
REVISÃO	Mônica Vieira / Project Nine

*Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Uzêda, Lília

Étéreos : o despertar, livro 1 / Lília Uzêda. -- 1. ed. --
Barueri, SP: Novo Século Editora, 2013. (Coleção novos talentos
da literatura brasileira) --

1. Ficção brasileira I. Título. II. Série.

13-04373

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

Edição Digital: 2014

Todos os direitos reservados à:
Novo Século Editora Ltda.
Alameda Araguaia, 2190, 11º andar – Barueri – SP

E-ISBN: 978-85-428-0252-8



Para minha mãe, Maria.

Agradecimentos

A Deus por tornar este sonho possível.

Todo o meu reconhecimento aos meus pais, Maria e Raimundo, por toda uma vida de muito apoio.

Minha eterna gratidão à minha irmã, Marcele, pelo companheirismo e os bons conselhos.

Às minhas sobrinhas, Thainá e Tairine, o entusiasmo e a motivação de vocês foram imprescindíveis para que esta história chegasse ao fim.

Agradeço a Novo Século Editora por toda atenção dedicada à minha obra.

Aos familiares e amigos que contribuíram com essa caminhada, também sou muito grata pela compreensão que tiveram com as minhas ausências.

A Eliab, um companheiro de tantas jornadas, sou imensamente agradecida por tê-lo sempre ao meu lado. Obrigada por me mostrar o quanto sou capaz!

Prólogo

Respirei fundo Procurando conter a ansiedade que arrebatava os meus pulmões!

Experimentava o entendimento de que um passo em falso dissolveria a minha tranquilidade, algo que com o passar do tempo eu havia aprendido a apreciar bastante.

Assistia o dissipar da minha paz que por tantas vezes foi questionada por pura implicância com a monotonia, mas que contemplaria com fervor diante do conflito insistente que nascia daqueles olhos de tom indefinido.

Encarar aqueles gestos indecifráveis correspondia a enfrentar o fenecer da minha serenidade. Conhecia de uma forma angustiante a quietude lentamente se dilapidar na severidade de sua voz. O desejo de que o meu contorno desaparecesse persistia subentendido em seu aparente semblante de repulsa.

Não existiam alternativas!

Minha mente explodia em milhares de partículas mostrando-me que tudo sucumbia a um único destino: o imenso corredor que me separava da minha liberdade absurdamente vigiada por suspeitas infundadas.

Uma brisa soprou fria como gelo estremecendo o meu corpo perante uma atitude visivelmente indiferente. Por ora a minha saliva se transformou em algo concreto, e eu saboreava o arranhar do medo descendo pela garganta.

Por inúmeras vezes questioneei por que não recuava da cristalina crueldade que se manifestava por meio do cerrar dos seus punhos.

A nítida sensação de que o homem à minha frente seria capaz de devastar quem ousasse atrapalhar os seus objetivos me incomodava, pois as minhas suposições, os meus propósitos e as minhas intenções se colocavam de maneira oposta a tudo aquilo que ele havia planejado.

Em meu pensamento insistentemente se repetia: aquele confronto seria o meu fim?

recomeçar

Escutar o trotar do cavalo fez o meu corpo erguer-se da cadeira rapidamente. De imediato, me recompus e com lentidão caminhei com passos displicentes até a janela da sala. Motivada por um estranho temor, levantei a cortina de linho, reconhecendo de maneira rápida a visita que acabara de chegar.

Abandonei a sensação lisa e fria do tecido e tomei a direção da porta. Algo presente no semblante do visitante revelava que precisava abri-la se quisesse promover o fim daquela agonia.

— Pai... O que aconteceu? — a minha voz irrompeu um pouco trêmula o silêncio.

Meu pai carregava uma tristeza desmedida! Olheiras imensas contornavam os olhos abatidos, os cabelos brancos desgrenhados pelo vento e a camisa amarrotada pela agitação, aspectos que retiravam a sua serenidade sempre tão característica.

Depois de apertar fortemente as mãos nitidamente tensas, o meu pai fitou-me com tanto pesar que as minhas pernas tremeram. Enxerguei declaradamente através daquele olhar límpido que ocorrera uma perda.

— Liv... Infelizmente a minha esposa morreu — ele murmurou cabisbaixo, enquanto Ama entrava no cômodo trazendo um pouco de água fresca. Em seguida ela nos

deixou a sós novamente sem testemunhar o findar daquele diálogo carregado de consternação. — Não imagino como serei capaz de suportar tamanha dor... Talvez a morte seja a única certeza que temos na vida, no entanto parece que nunca estamos preparados para ela.

Eu nunca havia lidado com a morte com tanta proximidade. Não tinha qualquer conhecimento do que fazer perante aquela situação, nem mesmo que palavras pronunciar diante da angústia que preenchia os seus olhos num tom vívido de vermelho. Permaneci paralisada por um tempo impreciso observando as lágrimas que escorriam por seu rosto deprimido.

— Pai... Sinto muito pela sua perda — eu disse, munida de toda a sinceridade em presença do seu evidente desalento. — Como Felipe e Liana estão suportando tamanha tristeza? — a minha voz embargou quando pronunciei os nomes dos meus irmãos.

Meu pai balançou a cabeça fervorosamente, como se o gesto fosse algo capaz de aliviar a tensão.

— Seus irmãos estão desolados! — lamentou, antes de sentar-se numa cadeira sinalizando para que fizesse o mesmo. — Nunca os vi tão tristes... Preciso do seu apoio nesse momento tão crítico.

Inspirei profundamente, buscando refrear o tormento que as últimas palavras me despertaram. “Precisar do meu apoio” surgia como uma expressão que descrevia a necessidade de ocorrer mudanças para as quais certamente não me encontrava preparada.

— Sabe que sempre poderá contar comigo — garanti, tentando demonstrar calma; em seguida, repousei no colo a almofada azul bordada com margaridas, para disfarçar as pernas inquietas. — Reconheço que Marta não carregava nenhuma simpatia por mim e não posso culpá-la, porque certamente ela devia ter motivos para sustentar tal postura; no entanto, gostaria que soubesse o quanto estou triste por conta desse acontecimento.

— Filha... O problema se resumia apenas ao que sua presença representava — percebi o constrangimento vívido em sua voz após a explicação. — Algumas vezes, Marta me pediu perdão por tê-la afastado da nossa família; ela confessou que aquele gesto foi necessário porque a convivência com você era algo insuportável. Vê-la todos os dias significava ter de encarar os erros que ela havia cometido no passado... — ele fez uma pausa. — Uma atitude impensada de minha esposa acabou por acarretar a sua existência.

Ao fim daquela frase entendi que sob qualquer perspectiva não era mesmo estimada por Marta.

— Eu posso compreendê-la — expressei a mentira indispensável, porque não havia como compreender uma situação tão peculiar. — Diga-me... Como posso ajudar?

— Gostaria que voltasse a Lanóvia — o meu pai declarou quase como uma ordem a sua vontade. — Sei que nesse momento os seus irmãos precisarão muito da sua companhia e do auxílio precioso de Ama — ele disse, omitindo o fato de que também ansiava por aquele retorno.

O seu pedido assustou-me tão profundamente que experimentei o desejo de levantar-me da cadeira. Sem disfarçar a transparente inquietação, repousei a almofada sobre o assento, iniciando uma caminhada carregada de agitação pela pequena sala.

Era imensamente feliz com a calma que cercava a minha rotina e regressar, algumas vezes, significava abrir caminho para novos acontecimentos. O meu coração sutilmente divulgava que talvez não estivesse pronta para encarar a minha sina, que até o momento era algo capaz de transformar a minha paz em constantes pesadelos. Ah... Os pesadelos!

Os pesadelos pareciam simplesmente inevitáveis... Os maus sonhos me faziam companhia durante o sono nem sempre tranquilo. Geralmente as mesmas cenas se repetiam noite após noite, proporcionando, como consequência, um lençol encharcado pelo suor do meu martírio noturno.

Continuamente surgiam visões de regiões montanhosas tomadas por uma escuridão assustadora; chamas flamejantes que sucumbiam a minha pele ao calor intolerável, inúmeros semblantes sobrecarregados por uma dor pasmosa, o vermelho vibrante do sangue fluindo de minhas mãos pálidas. Enquanto dois homens, de que não distinguia os rostos, se enfrentavam numa batalha particular. Tantos monstros assombrosos atormentavam por quase todas as noites aquele que deveria ser um repousar sossegado em minha cama.

A proposta que meu pai havia feito não me parecia nada tentadora. Regressar a Lanóvia evidenciava que seria preciso passar por um difícil processo de readaptação à vida em sociedade. Em meu íntimo, desconfiava que talvez a minha falta de preocupação com as convenções posteriormente se tornasse um problema sem proporções.

Era aparente que a minha alma se afeiçoara ao brilho do sol mais intenso, ao balançar das árvores por causa de uma brisa quase permanente, ao barulho costumeiro dos animais rondando a cabana, ao resplandecer majestoso da lua cintilante, e a tantos outros elementos surpreendentes que cercavam o meu dia a dia. Como eu poderia retornar depois de ter vivido tanto tempo afastada de todos?

Depois que mudei para o lado sul da floresta de Hans, poucas vezes havia voltado a Lanóvia. Aquela possibilidade quase concreta de voltar simplesmente me assombrava; seria como retornar ao começo da juventude, regressar a uma época em que se passa boa parte do tempo com os olhos carregados por expectativas com o futuro.

Ao enxergar a decisão definitiva descrita nas linhas da face de meu pai, percebi que não adiantaria fugir do que me esperava. Avistava, com uma nitidez que particularmente considerava trágica, que enfrentaria o meu destino mesmo que ainda não estivesse pronta para isso.

— Pai... Tem mesmo certeza desta decisão? – perguntei totalmente incrédula, como se isso pudesse ajudar de alguma forma ou talvez porque quisesse verdadeiramente escapar do que me aguardava.

— Sim — ele respondeu, sem esboçar nenhum traço de dúvida.

— E como acha que Felipe e Liana reagirão a essa possibilidade de regresso? — indaguei. — Os dois já sabem que o senhor deseja que eu retorne a Lanóvia?

— Liv... Os seus irmãos a amam — meu pai disse, com irritação perante a pergunta que julgava dispensável. — Tenho confiança plena de que será muito bom para a família o seu retorno ao nosso convívio.

Eu não carregava tanta confiança no que dizia respeito aos sentimentos dos meus irmãos por mim. Afinal de contas, eu não era filha oficial do casal, e sim fruto de uma relação que o meu pai viveu durante o período em que a esposa abandonara a casa por não suportar as dificuldades que eles enfrentavam.

Recordo-me da infância feliz que passei no vilarejo; no entanto, no início da minha juventude, a personalidade intempestiva de Marta prevaleceu, fazendo com que meu pai decidisse que seria melhor me mandar residir na floresta de Hans.

Desde então a minha nova morada havia se tornado uma cabana aconchegante, num lugar quase inacessível dentro da mata. A companhia de Ama diminuiu a tristeza do isolamento quase forçado. Aquela senhora muito amável tornou-se responsável por cuidar das tarefas do lar e da minha educação.

No dia escolhido por Marta para realizar a mudança, os ventos potentes, de origem inexplicável, transportaram-se com força sobre as planícies. Buscando minimizar o

embaraço que a situação de me afastar daquela casa provocava, o senhor Raul distraiu-me com os detalhes sobre o seu passado com a esposa exigente.

A incontestável Marta pertencia a uma família muito abastada que residia numa região ao noroeste de Lanóvia. O meu pai me contou que a conheceu durante uma viagem feita a pedido do rei Henrique. Um duque daquela cidade receberia de presente uma bela espada, por conta da sua inquestionável lealdade à família real de Lanóvia num período bastante crítico.

O rei Henrique fizera um excelente pagamento ao meu pai pela arma; contudo, como uma forma de agradá-lo por tamanha dedicação pela confecção do armamento, enviou-o a uma viagem de entretenimento.

No jantar de boas-vindas realizado na residência do duque, o meu pai fora apresentado a Marta e o encantamento foi recíproco, porém alguns dias depois ele sabia que precisaria retornar à sua realidade, então fez a proposta de casamento.

O meu pai fez questão de explicar à futura esposa que não tinha posses e por esse motivo não poderia lhe proporcionar uma vida confortável. Contudo, no arrebatamento da paixão, Marta disse que não se importava com conforto. Entretanto, após alguns anos de convivência as queixas aconteciam praticamente todos os dias.

Meu pai relatou-me, com lágrimas vivas em seus olhos castanhos, que num dia chuvoso percebeu que a esposa desaparecera de casa, deixando o pequeno Felipe aos seus cuidados. Alguns anos mais tarde ela retornou com a

justificativa de que precisava deixar um pouco aquela vida de privações ou então enlouqueceria por conta das dificuldades.

Foi nesse período em que Marta esteve ausente do vilarejo que o meu pai conheceu a minha mãe. Um romance muitas vezes definido como proibido, e que sucumbiu ao fim definitivo por conta do retorno da companheira do senhor Raul para casa.

Diante de todos os percalços descritos, a minha intuição revelava que pelo menos Felipe, o meu irmão mais velho, não me receberia tão afetuosamente como o meu pai imaginava. Bem, o rapaz sustentava um gênio forte herdado da mãe e isso já demonstrava nitidamente o tipo de recepção que eu teria. De certa maneira, eu não poderia culpá-lo por isso. Imagino que Felipe talvez tenha sido a pessoa mais prejudicada por conta daqueles acontecimentos do passado.

Lembro-me de Marta fazendo questão de comentar com os vizinhos que o filho carregava o excelente porte físico de sua família, uma forma de depreciar sutilmente o meu pai. Quando encarava a fisionomia séria que Felipe fazia questão de sustentar, defrontava-me com os olhos grandes num tom de mel fascinante, olhos que combinavam em perfeição com os cabelos castanhos. Em minha memória persistia a lembrança da voz rouca ecoando pelos corredores naqueles tempos de friagem severa em que Marta era obrigada a tolerar a minha presença em sua casa.

Liana, a minha irmã mais nova, era uma criança adorável e sua presença era constante nos domingos em Hans.

Enxergava da janela o corpo magrelo sacudindo na carroça, enquanto os cabelos castanhos cintilavam ao encontro do sol vibrante. Os olhos castanhos-escuros se arregalavam com os tombos inesperados, embelezando a sua face de porcelana. Os lábios se abriam num sorriso largo toda vez que eu repetia que nossas mãos eram iguais, por sinal a única semelhança que possuíamos herdada do nosso pai.

Relembrar os meus irmãos reforçava a necessidade de saber um pouco mais sobre a minha linhagem. O anseio difundiu-se pelas minhas veias acendendo a certeza de que aquela seria a hora mais apropriada para esclarecer todas as dúvidas relacionadas à minha existência.

Existiam diversos rumores sobre a minha origem, mas sempre que buscava qualquer esclarecimento a respeito do assunto o meu pai evitava a conversa com celeridade impressionante. O senhor Raul repetia rápido e fervorosamente que todas as dúvidas seriam explicadas no momento certo.

— Eu sei que o senhor deseja o meu retorno imediato a Lanóvia para alegrar um pouco os meus irmãos... E não é que não seja do meu agrado retornar ao seu convívio, mas preciso lhe fazer um pedido antes de as possíveis mudanças começarem — murmurei cabisbaixa, esticando os dedos com o propósito de aliviar a tensão.

Ergui as vistas e notei que meu pai me encarava atordoado. Em seu pensamento ressoava a frase: *Como ela pode me pedir alguma coisa numa hora dessas?*

Os meus olhos assistiam a sua incredulidade diante da minha necessidade, enquanto se refletia em minha mente

uma pergunta: *Como se explica o fato de eu saber exatamente o que ele pensa?*

No segundo seguinte considerei outra questão: *Será que meu pai percebeu a mudança em meus olhos assim que descobri o que ele pensava?*

Fechei as pálpebras numa busca alucinada de que os meus olhos assumissem o tom natural outra vez, mesmo ciente de que talvez o movimento não fosse suficiente para restaurar a realidade. Aquela modificação inexplicável da cor dos meus olhos foi observada pela primeira vez por Ama.

Era mais um dia de sol magnífico na floresta de Hans. Eu tinha passado toda a manhã divertindo-me com as águas calmas de um pequeno córrego. Assim que retornei à cabana decidi “adivinhar” o que Ama havia cozinhado para o nosso almoço. Encarei a sua face descrente perante o desafio e procurei realizar com tranquilidade a primeira tentativa. O acerto imediato provocou espanto em sua fisionomia.

Caminhei com agilidade pelo corredor, perseguindo-a por conta do sobressalto manifestado e por ter ficado boquiaberta. Ela ignorava a minha súplica de calma e continuava procurando por algo em todas as gavetas do quarto. Não demorou quase nada até que Ama entregasse em minhas mãos frias o objeto tão procurado: um espelho.

Assim que enxerguei o meu reflexo naquela superfície lisa e reluzente, fiquei surpreendida pelo tom perolado que os meus olhos assumiram depois da suposta “adivinhação”.

Imaginamos que o evento poderia ser explicado pelos raios de sol que incidiam sobre a cabana ou até mesmo por alguma substância venenosa que estivesse presente na água do córrego; contudo, com o passar dos dias o meu comportamento tornava-se cada vez mais curioso.

Fomos percebendo que aquele fenômeno ocorria toda vez que eu exercitava a arte de “adivinhação” ou quando algumas visões inexplicáveis atormentavam a minha cabeça, guiando-me a passeios que me causavam a estranha sensação de afastamento do meu corpo.

A intensidade com que aqueles acontecimentos incompreensíveis passaram a acontecer quase sempre causava um assombro alarmante em mim ou em qualquer pessoa que os presenciasse.

— Diga-me o que deseja! — ele pronunciou paciente diante da minha rogativa; o som da sua voz acabou trazendo-me de volta ao nosso diálogo.

— Gostaria de saber detalhes sobre a minha vida — indaguei contida, imaginando se ele revelaria aquele tão guardado segredo. — Existem tantos boatos com relação à minha existência que se torna praticamente impossível saber quem realmente sou.

A reprovação recobriu a sua face perante a necessidade de desvendar o passado; contudo, decididamente o meu pai não percebeu a discreta transformação em meus olhos, e o senhor Raul não fez nenhum comentário a respeito.

O meu pai nunca havia comentado sobre como conheceu a minha mãe, nem mesmo quando nem onde a conheceu. O que sabia sobre a minha existência fazia parte dos

comentários que escutava nas poucas vezes em que ia até a cidade ou ao vilarejo.

— Liv... Para que trazer à tona um assunto tão delicado neste momento que considero tão complexo? — compreendi que o tema o incomodava bastante. — Diga-me: do que sente falta? O meu carinho não lhe basta, minha filha? — o meu pai falou num tom melancólico.

— Claro que sim! O senhor tem sido um pai muito atencioso e preocupado ao longo desses anos, porém receio que preciso saber a verdade... Porque... — fiz uma pausa. — Bem... Não sei como explicar ao senhor, mas eventos muito estranhos estão ocorrendo comigo — discorri tão rapidamente que foi preciso respirar fundo para recuperar o fôlego.

— Eventos estranhos? — ele perguntou, franzindo o cenho. — Que tipo de eventos estranhos?

— Quando encaro as pessoas posso ler exatamente tudo o que pensam — o meu pulso acelerou diante da ansiedade que a conversa provocava, mas prossegui calmamente a explicação. — Quando o senhor entrou por aquela porta enxerguei através dos seus olhos “a morte”. A sua aflição não fez com que notasse a transformação em meus olhos depois que li o seu pensamento — expliquei, com certo temor, porque não sabia qual seria a reação dele. — Bem... Os meus olhos... Eles... Os meus olhos assumem, de forma misteriosa, um tom perolado quando leio o pensamento de alguém.

— Liv... — ele disse num tom de repreensão. — Deveria ter revelado antes que esses eventos estavam acontecendo

— o meu pai anunciou as palavras sem nenhuma surpresa; era como se esperasse por aquela revelação.

— Tive muito medo de que o senhor achasse que eu havia enlouquecido — declarei, desconfiada por sua total falta de surpresa.

— Não acharia que ficou louca porque sei o quanto é uma pessoa especial — a sua expressão se modificou de repente; um semblante de serenidade surgiu depois que ele pronunciou aquelas palavras.

— Especial? — questionei, com certa admiração.

— Acho que chegou o momento de revelar suas origens — o meu pai disse, erguendo-se para colocar a caneca de argila em cima da mesa. — Nem sempre fui assim... — olhei com amabilidade para ele. — Velho e cansado — ele completou o pensamento. — Embora não pareça, já fui um homem forte e corajoso.

— Pelo o que me parece o senhor ainda é — afirmei com convicção.

— Filha... Está sendo apenas gentil — ele retrucou.

Resolvi não comentar mais nada sobre o assunto porque precisava escutar as suas confissões e, se eu me contrapusesse a qualquer coisa, certamente passaríamos horas discutindo as suas infinitas qualidades.

— Quando Marta foi embora repentinamente do vilarejo, acabei ficando muito confuso e, numa tentativa de tranquilizar os meus pensamentos, caminhei até o lado norte da floresta de Hans com o propósito de caçar.

Meu pai retornou pacientemente até a cadeira, sentando-se novamente. Ele inclinou o pescoço sutilmente para trás

como se precisasse do gesto para reavivar as suas memórias.

— As pessoas comentam que no lado norte da floresta de Hans existe uma passagem que nos guia a um lugar repleto de espíritos, monstros assustadores, criaturas inimagináveis, mas era evidente que não acreditava em nada daquilo... — ele se difundiu em quietude antes de prosseguir com as suas lembranças. — Eu escutava todos os relatos que envolviam aquele lugar, mas aquela parte de Hans me parecia como outra floresta qualquer; eu nunca havia notado nada de mágico naquele lugar.

O silêncio persistente durante a narrativa foi suficiente para reavivar as lembranças que tinha sobre aquele lugar. A floresta de Hans era considerada por mim um ambiente magnífico; achava fantástica a sua divisão milimétrica em dois lados completamente distintos.

O lado sul da floresta era habitado por alguns humanos. Uma pequena parte vivia numa espécie de isolamento, sobrevivendo apenas dos elementos existentes na própria floresta. Outros, por sua vez, garantiam uma boa convivência com a civilização, chegando até mesmo a frequentar o comércio da cidade. Felizmente, me encontrava dentro do grupo que estabelecia um convívio com Lanóvia, o que tornava possível reconhecer em meu comportamento alguma civilidade.

Existiam relatos bastante confusos sobre a existência de criaturas indescritíveis; no entanto, durante um bom tempo boa parte dos cidadãos de Lanóvia considerava praticamente inconcebível acreditar naquelas conversas

que se espalhavam pela região, pois inúmeras pessoas que visitaram o lado norte da floresta sustentavam com veemência que nada de sobrenatural acontecia.

— E o senhor não acreditava em nada? — interroguei perplexa perante a descrença.

— Alguns humanos diziam que naquele lugar extraordinário havia uma passagem que poderia nos levar ao mundo oculto. Os mais velhos ressaltavam a existência de seres elevados, criados pela Força Divina e que interagem conosco, estabelecendo o equilíbrio em nosso mundo — meu pai relatou, quase esboçando um sorriso. — Com o passar do tempo, as pessoas começaram a não omitir os fatos relacionados ao mundo escondido. Algumas dessas pessoas, que diziam conhecer a personificação dos Etéreos, relatavam que eles eram criaturas formidáveis e extremamente poderosas.

— Os Etéreos são seres que têm todo o meu respeito! — exclamei sincera. — Não ousaria desafiá-los ou profaná-los... A Casa dos Raios, também conhecida como Casa de Zarion, localiza-se bem próxima daqui. Quando sigo até aquele lugar preencho o meu coração com bons pensamentos — expus, estendendo o braço em direção à porta numa clara tentativa de aliviar a agonia.

— A maioria das pessoas da região tem respeito pelos Etéreos e não duvida da existência deles. Confesso que eu fazia parte daqueles que não acreditavam que a Força Divina nos resguardava de todo o mal... Reconheço que era um homem de pouca crença — ele revelou com calma.

— Os humanos que creem pedem proteção à Força Divina e aos Etéreos para as guerras, para as colheitas, para as viagens... — eu disse tão lentamente que a voz vagarosa permitiu que meu pai refletisse sobre os tempos de descrença. — Precisamos agradecer sempre, a todo o momento, porque a bondade da Força Divina e dos Etéreos muitas vezes nos afasta de diversas catástrofes.

Por toda a minha vida ouvi falar da existência dos Etéreos, seres sublimes criados pela Força Divina, responsáveis por executar os mais diversos acontecimentos existentes no planeta. Luz, Escuridão, Chuva, Vento, Raio, Relâmpago, Trovão, Terremoto, Terra, Neve, Água e Fogo... Elementos naturais que inexplicavelmente assumiam a forma humana e por meio dessa personificação estabeleciam momentos de interação com os humanos.

A força existente naquelas criaturas possuía uma influência grandiosa e muito variada em nossas vidas. Alguns humanos reverenciavam os Etéreos, pois a energia intensa que brotava deles estava ligada tanto à plantação de um simples alimento quanto às forças descomuns de uma tempestade.

O fato de meu pai ter iniciado uma conversa sobre a existência dos Etéreos atraía o meu interesse e despertava ainda mais a minha curiosidade, sempre tão aguçada. O que os Etéreos teriam a ver com a minha existência?

— Pai, por favor, conte-me logo o que aconteceu — aludi apressadamente.

— Encontrava-me triste com o fato de Marta ter me deixado sem aviso e com uma criança tão frágil — o meu

pai engoliu em seco depois da explanação. — A única diversão que possuía eram os passeios revigorantes que fazia em Hans. Eu sempre pedia a uma vizinha que tomasse conta de Felipe e, por causa do período curto que possuía para distração, não perdia tempo com permissões que julgava uma bobagem — ele comentou, explicando os motivos nada convincentes do seu desrespeito. — Adentrava pelo lado norte de Hans sem demonstrar qualquer respeito. Em minha opinião, aquele lugar era realmente uma floresta qualquer.

— Aconteceu alguma coisa para que mudasse de opinião? — repliquei, observando o meu pai voltar a segurar a caneca.

— Certa vez enxerguei um belo carvalho — seus olhos brilharam intensamente ao pronunciar aquela frase. — Perto da árvore frondosa e verdejante havia um lenhador. Assim que o homem iniciou o gesto que cortaria a planta eu gritei, impulsionado por uma força interior, pedindo ao sujeito que não a derrubasse — o meu pai narrou plácido. — Julguei o meu comportamento no mínimo estranho, justamente eu, que seguia rumo ao norte para quebrar normas... Agora implorava com fervor a um desconhecido para que uma simples árvore não fosse derrubada.

— E o que aconteceu depois? — indaguei veloz, porque as pausas insistentes aumentavam as doses de curiosidade que massacravam os meus lábios.

— O homem desistiu de cortar a árvore e seguiu o seu caminho — ele disse, dando um longo suspiro. — Quando eu

me preparava para deixar a floresta, escutei uma voz melódica dizer: *“Muito obrigada”*.

— A quem pertencia a voz que você ouviu? — interpelei de imediato, pois não abriria mão de nenhum pormenor.

— Aquela voz... Pertencia a Etérea Híndria — os meus olhos arregalaram-se diante da revelação.

Um sopro sereno de vento brotou repentinamente, espalhando pétalas delicadas de flores do campo por todo o chão da minha pequena sala. O meu pai sorriu diante daquela manifestação, interpretada como um sinal de permissão das ventanias para que a verdade fosse rapidamente revelada.

— A Etérea Híndria? — pronunciei com espanto. — Está dizendo que escutou a voz das ventanias? Pai... Tem mesmo certeza do que está dizendo? Tem convicção de que ouviu a voz dos ventos?

Ele balançou a cabeça positivamente e em seguida esticou a mão até afastar o cabelo colado em sua testa pelo suor de ansiedade. O nervosismo mostrava-se cada vez mais intenso com o reavivar daquelas palavras.

Arfei com uma ansiedade inexplicável, enquanto preparava o meu coração para escutar todas as palavras que deixariam os meus lábios comprimidos, pelo amplo conflito que a conversa provocava.

— Nunca havia visto criatura mais bela — os olhos cintilaram com magnitude ao final daquela frase.

— *Nunca havia visto?*... — o assombro ainda não havia abandonado a minha face quando ele anunciou os termos

que me deixaram ainda mais espantada. — O senhor está dizendo que a viu? — disse, após um suspiro quase eterno.

O meu pai praticamente não respondia às minhas perguntas; seguia relatando o passado como se lhe fizesse bem regressar a todas aquelas memórias.

— A expressão de Híndria era magicamente doce; havia uma ternura imensurável em seu sorriso — ele repousou o olhar em cima da minha face alarmada. — Em cada gesto executado por Híndria existiam proporções iguais de calma e turbulência.

A narrativa sobre a personalidade instável das ventanias prosseguia em presença do meu espanto perfeitamente aceitável.

— Híndria revelou que o meu gesto desculpava todos os erros cometidos anteriormente... — ele hesitou antes de prosseguir. — Parece que houve um descuido por parte de Leander, o guardião da passagem, e a minha atitude foi responsável por impedir que a comunicação entre os mundos fosse extinta para sempre. Não preciso nem descrever em detalhes o quanto me apaixonei por ela...

— Permita-me entender... Apaixonou-se por Híndria? — indaguei, sacudindo a cabeça perante a naturalidade com que ele descrevia aqueles fatos.

— Vivemos uma bela história de amor, mas precisei deixá-la quando Marta retornou ao vilarejo — espantei-me com a sua decisão. — Intimamente, Híndria reconhecia que o nosso relacionamento não seria duradouro. Éramos de mundos completamente opostos, até mesmo a sua

permanência personificada em nosso mundo era controlada — ele explicou, fazendo cessar o meu espanto.

— Então... Foi um dos Escolhidos dos Etéreos... — murmurei abismada. Meu pai assentiu, carregado por uma curiosa calma.

Os Escolhidos dos Etéreos eram os humanos que tinham qualquer vínculo com aqueles seres fantásticos. A ligação permitia aos Escolhidos ter acesso a diversas experiências dentro da atmosfera etérea, porém um pacto de silêncio quase sempre era firmado. Os humanos poderiam revelar apenas o que fosse consentido pelos Etéreos.

— Depois de algum tempo regressei à floresta, por não suportar a distância que Híndria havia colocado entre nós — ele disse, manifestando uma tristeza sincera. — Durante alguns meses a força dos ventos quase não existia por aqui, era como se momentaneamente outra energia estivesse sendo responsável por mover os moinhos — ele comentou, perante os meus olhos sobressaltados. — Adentrei pela mata espessa por tantas vezes chamando o nome de Híndria que finalmente, num dia claro de verão, acabei sendo surpreendido.

— Surpreendido? — a minha voz quase não saiu. — Por favor, defina surpreendido.

— Híndria apareceu contigo nos braços...

O meu pai silenciou-se vendo a minha aflição manifestada pelo balançar descontrolado dos meus pés. Depois que escutei as suas últimas palavras propositadamente refreadas, mordi os lábios buscando

conter a invasão de sentimentos inusitados que se apoderavam de mim.

Ele caminhou apreensivo até a janela antes de prosseguir com o desfecho da minha surpreendente origem. Os seus passos cautelosos foram considerados irritantes e desnecessários em um momento tão delicado.

A verdade que desejei conhecer durante toda a minha existência encontrava-se a centímetros de distância de mim, precisamente nas lembranças de meu pai.

— Pai... Preciso que não me esconda a verdade! — disse, desejando findar a minha aflição. — O que aconteceu depois?

Procurei diminuir a velocidade com que milhares de suposições invadiram a minha mente. Permiti que o ar escapasse do meu corpo vagarosamente, o que possibilitou uma propagação ínfima de tranquilidade.

O olhar perdido atravessava a janela numa clara tentativa de evitar aquilo que não poderia ser evitado, enquanto me desviava da súbita vontade de ler cada linha do seu pensamento angustiado. Com uma racionalidade que não me era nem um pouco peculiar, compreendi que precisava controlar o desejo obsessivo de descobrir a realidade.

Observei os passos ainda mais firmes em seu retorno angustiante até o meu lado. Um passo... Uma vida... Meu pai encarou a minha face aturdida sem esconder mais nada.

a descoberta

Os seus olhos nem pestanejaram antes do despontar vívido da verdade.

— Híndria revelou que você era o fruto do nosso amor, mas que infelizmente não poderia cuidar de você — ele relatou de imediato. — No mundo etéreo isso não seria possível, mesmo que ela desejasse ficar com você mais do que tudo.

Deslizei as mãos gélidas até meus joelhos trêmulos e recostei as costas tensas no encosto da cadeira, vivenciando numa proporção exata a surpresa de descobrir quem era minha mãe e o medo de ser diferente das outras pessoas.

Apreciei a janela porque não tinha coragem suficiente de encarar a nova realidade pairando transparente sobre os olhos de meu pai. De certa forma a sua confissão havia despertado algo enigmático e assustador, em dimensões iguais.

Avistei o movimento discreto das nuvens alvas, encarei o céu magnificamente azul, visualizei o balançar incansável das copas das árvores, até experimentar um calafrio inexplicável percorrer o meu corpo, fazendo com que a voz enfim escapasse dos meus lábios.

— Então... Quer dizer... Que está revelando que sou filha de uma Etérea! — murmurei com perplexidade,

comprimindo as minhas têmporas.

Assimilava com dificuldade os motivos, justificáveis, que levaram o meu pai a me resguardar da curiosidade de todos. Aquela descoberta de que era uma mesoetérea explicava de forma clara o encantamento expressivo das pessoas quando me observavam.

Abrangi sem qualquer dificuldade por que possuía visões incompreensíveis, entendi claramente em questão de segundos por que decifrava pensamentos e finalmente encontrei uma explicação admissível para a mudança em meus olhos quando invadia a privacidade alheia. Eu não era totalmente humana! Era uma mesoetérea profunda e intensamente confusa!

Parte da essência que corria em meu sangue advinha de uma Etérea e mesmo contra a minha vontade, de alguma forma, aquilo me tornava especial aos olhos das pessoas.

— Por isso que as pessoas sempre cochichavam quando eu aparecia pelo comércio ou no vilarejo... — concluí, perplexa. — Aqueles boatos de que eu não era humana tinham bastante fundamento...

— Híndria a colocou calmamente em meus braços pedindo que eu cuidasse de você — a sua voz embargou. — Quando a encarei tão frágil, tão dependente... Não tive qualquer dúvida e a levei imediatamente até a nossa casa. Eu já havia escutado comentários sobre a existência de filhos dos Etéreos espalhados por nosso mundo e, segundo alguns relatos, eles conviviam bem com a parte humana.

— E como Marta reagiu à minha chegada? — indaguei, preenchida por sobressalto e demonstrando todo o meu

assombro nos lábios entreabertos.

Meu pai me apreciou com agonia ao considerar a memória que responderia à minha pergunta.

— Híndria concedeu a permissão de revelar o que fosse necessário para estabelecer a sua permanência na vila — ele disse, atravessando as mãos pelos cabelos com discreta agitação. — Expus à minha esposa todos os pormenores da sua origem eteriana para que fosse possível estabelecer a sua estadia em nossa casa. Expliquei com todos os detalhes o envolvimento que tive com Híndria. Depois de muita resistência obtive o consentimento de Marta, no entanto logo os conflitos começaram.

O meu pai descrevia com acanhamento o comportamento da esposa.

— Marta fez questão de espalhar a sua existência por todos os cantos do território. A curiosidade das pessoas com relação a você determinou a minha decisão de trazê-la para a floresta o mais rápido possível.

— Onde Híndria está agora? — questionei com nervosismo.

— Imagino que Híndria esteja em todos os lugares do mundo e também sei que em seus momentos de descanso ela costuma ficar em Beltar, que é a morada dos Etéreos — os dedos curtos entrelaçaram-se. — A sua mãe não mantém mais contato comigo — a voz se pronunciou triste. — Híndria não compreendeu que eu a trouxe para a floresta apenas com o intuito de protegê-la, e não para atender ao capricho de minha esposa.

— Quando conhecerei minha mãe? — quis saber, carregada por emoção.

— Certamente ela fará questão de vê-la em breve, principalmente porque já deve ter tomado ciência de que lhe revelei a verdade — o tom carregado de certeza brotou de sua voz.

— Espero que esse momento não demore a acontecer — afirmei com alegria, mas sustentando uma fisionomia carregada pela admiração que a conversa havia me provocado. — Se for da sua vontade, podemos partir agora mesmo.

Agora o meu coração se encontrava sobrecarregado de pressa em lugar do conflito. Desejava partir em busca de todas as mudanças, porque alimentava em meu peito a esperança de que conheceria a minha mãe em breve.

— Fico feliz que esteja disposta a seguir viagem tão rapidamente — ele murmurou, recoberto pela ausência de culpa, afinal ele não precisava mais esconder a verdade.

Sorri exibindo uma sinceridade vívida, buscando aliviá-lo de qualquer responsabilidade pela omissão de fatos tão importantes sobre a minha vida.

Levantei ligeiramente com o propósito de arrumar apenas o necessário para dar início àquela nova vida. Nada do simples mobiliário da cabana seria levado; não existia espaço na carroça. Coloquei em minha bagagem apenas alguns poucos vestidos, uns poucos pares de meias, os adereços de cabelo, um par de botas e uma sandália de tiras.

Meu pai nos contou que, enquanto arrumávamos as bagagens, já fazia alguns dias que Felipe, prevendo uma resposta positiva quanto ao nosso retorno, tornou-se o principal responsável pela reforma do cômodo que Ama e eu ocuparíamos.

Segui a direção que nos levaria até Lanóvia, atravessando com entusiasmo a estrada que me conduziria ao despertar de uma vida completamente nova. Uma vida cheia de surpresas... Uma vida carregada de incertezas.

A noite cintilante acabou trazendo consigo um frio que congelou os nossos ossos. O meu pai decidiu interromper a cavalgada, proporcionando-nos um merecido descanso depois de tantas horas de viagem. Os seus dedos arroxeados se esforçaram na tarefa de alcançar alguns gravetos; o desígnio fervoroso de acender uma fogueira havia se tornado algo notável. Depois que ele executou o objetivo sem dificuldades, o calor provocado pelas chamas recobriu os nossos corpos de uma maneira agradável.

Ama aproveitou as chamas para preparar um caldo de legumes, enquanto eu escutava pela décima vez o meu pai enumerar as mudanças ocorridas no governo do memorável príncipe Franco.

A animação efusiva com que o seu brado relatava os avanços expressivos da cidade não foram suficientes para manter a minha concentração no que dizia respeito ao progresso provocado pelo comando brilhante do príncipe.

Experimentei um sufocar quase insensato impregnar o meu peito, sobretudo a sensação se modificou para bom senso quando uma coruja piou ao longe. O alerta exaustivo

do animal persistiu por alguns momentos antes de se silenciar por completo.

— Estou com a impressão de que a noite está mais fria do que o habitual para esta época do ano — Ama reclamou, colocando o cobertor em suas costas.

— Parece que a noite está mais escura também! — expressei enfática.

— Uma noite normalmente escura como todas as outras — meu pai expressou, desconsiderando o meu temor. — Como foram seus últimos dias em Hans? — ele desviou rumo à conversa.

— Divertidos, como sempre! — divulguei, sem perder a preocupação com o clima nada característico. — O sol quase constante permitiu muitas caminhadas, longos passeios empolgantes a cavalo e banhos refrescantes de cachoeira.

— Não reservou nem um pouco do seu tempo para aprender tarefas importantes na vida de uma mulher — ele disse com censura. — Deveria ter se preocupado com afazeres como cozinhar, bordar, costurar...

Executei um sinal exaustivo com a mão esquerda para que meu pai não prosseguisse com a lista de compromissos.

— Reservei um tempo mínimo para essas obrigações — respondi contrariada.

— São deveres que poderão lhe garantir um bom casamento! — ele disse, arqueando as sobrancelhas.

— Eu carrego a esperança de que encontrarei um marido que não deseje apenas uma serviçal — murmurei, entortando os lábios.

— As ideias revolucionárias de sempre — o meu pai expressou, contendo um sorriso.

Um súbito arrepio estendeu-se por meu corpo, e o meu coração disparou depois de um aperto lancinante.

— Após a refeição prosseguiremos com a viagem — adverti com nervosismo, mudando de assunto.

— Por que tanta rapidez? — meu pai questionou, esticando os dedos até alcançar a caneca da mão estendida de Ama. — Podemos descansar mais um pouco antes de partir; os cobertores e a fogueira nos manterão aquecidos.

— Não sei... — expus, incerta. — Agora a pouco uma coruja piou tantas vezes que parecia estar nos alertando sobre algum perigo.

— Liv... Que bobagem! — o meu pai retrucou. — Estamos numa floresta em plena madrugada! Imagino que o piar de uma coruja seja algo perfeitamente natural.

— Espero que esteja certo — comuniquei com insatisfação, caminhando até a carroça com o intuito de buscar outro cobertor.

— Talvez a menina tenha razão, senhor — Ama disse, concordando com a minha repentina vontade de prosseguir viagem. — Não existe motivo para continuarmos com este descanso. Estaríamos nos expondo a perigos desnecessários. Além do mais, se prosseguirmos imediatamente chegaremos a Lanóvia ao amanhecer.

— Acredito que essa partida arrebatada trata-se de uma atitude dispensável — o meu pai persistiu, no instante em que desviei a atenção para uma penumbra que se formava ao longe.

— O que será aquilo se formando próximo ao vale? — indaguei, estreitando os olhos e movendo o indicador para o alto.

— Liv... Ao que está se referindo? — meu pai murmurou, levantando-se para observar melhor.

— Estou me referindo àquela formação curiosa ocorrendo próximo ao vale — expliquei, apontando de forma ainda mais precisa. — Seja lá o que for... Tenho a impressão de que está se movimentando — conclui sem acreditar no que descrevia.

— Talvez seja apenas uma nuvem carregada... Pode ser que uma tempestade esteja se aproximando — a voz dele surgiu hesitante pela primeira vez naquela noite. — Precisamos procurar por um abrigo.

— Não me parece uma nuvem carregada de chuva — Ama disse sobressaltada.

— Por todos os Etéreos... O que é aquilo? — meu pai pronunciou, quase inaudível.

Assustava-me a evidência significativa de que não se tratava apenas de uma nuvem carregada de chuva. Foram segundos até que se escutasse um grasnar insuportável, único som dominante naquele lugar. A escuridão recobriu todo o ambiente, aniquilando as chamas flamejantes da calorosa fogueira.

Ama recostou-se na carroça como se precisasse daquele apoio para manter-se de pé. Os seus dedos seguravam com firmeza a estrutura de madeira numa tentativa de promover o mínimo de segurança perante a sombra sinistra que prosseguia violenta em nossa direção.

Os meus joelhos estremeceram diante da manifestação do inesperado; engolia em seco, assustada, com o irritante rugido que divulgava a clara intenção de ataque. Dei alguns passos para trás imaginando se o gesto seria suficiente para me proteger daquele exterior impregnado por sombras.

Meu pai movimentou-se num bailado ansioso. Finalmente ele compreendia que o perigo iminente se achegava completamente descontrolado e o seu desespero mostrava que ele não reconhecia uma forma eficaz de enfrentá-lo.

A suposta nuvem carregada de chuva era na verdade centenas de corvos voando numa rapidez incalculável. Os animais provocaram um barulho tão assustador que a minha alma transbordou em desesperança. Foi preciso apenas um piscar de olhos para contemplá-los pairando sobre nossas cabeças, o que tornou os gritos ainda mais desagradáveis.

— Precisamos nos proteger! — o meu pai exclamou, com perturbação, calculando cada movimento.

— Os animais parecem enfeitiçados! — gritei com ansiedade.

Um dos bichos voou certo, avançando contra mim com uma ferocidade insana. Meu pai atirou o caldo quente da caneca em sua face funesta. Um ruído estridente estourou da garganta do animal, que o atacou dando-lhe bicadas precisas. Felizmente Ama alcançou um galho de árvore para defender o meu pai da ofensiva.

Os corvos reuniram-se numa espécie de redemoinho negro e grandioso. O ar que brotou do fenômeno agitou os

meus cabelos, enquanto a poeira que ascendia do chão rasgava a nossa pele.

— O que está acontecendo? — o meu pai inquiriu, arrancando a espada de dentro da carroça, ato inútil naquele momento.

Os corvos revolveram-se até desaparecerem por completo, restando apenas uma sombra nefasta. De dentro da aparência sombria ouvimos um grito pavoroso arrebear pela atmosfera tenebrosa. Assistíamos claramente aterrorizados à manifestação de alguma força inexplicável.

— Não permitirei que interfira em meus planos! — a voz assustadora lançou-se diretamente a mim. — Amaldiçoada!

No centro da sombra apavorante, olhos vermelhos apareceram recobertos pelo ódio. Aquela fúria implacável se transformou velozmente numa energia descontrolada que determinou o rolar dos nossos pertences desgovernados pelo chão. A potência descomunal tornava praticamente impossível a tarefa de permanecer em pé.

Uma trepidação violenta abriu o solo em fendas intimidantes, pois delas irrompiam labaredas intensas que ascendiam até o céu, completamente dominado pela escuridão.

O abalo intenso arrancou com facilidade as raízes de uma árvore gigantesca e, inesperadamente, ela foi lançada de maneira proposital sobre mim. Num golpe de sorte, o meu pai previu a artimanha do inimigo e empurrou o meu corpo para longe.

— Estou esperando há muito tempo pela chance de dominar o mundo... Transformarei tudo num grandioso

Império de Trevas... Não deixarei que estrague tudo! — a voz gravemente estridente arranhava os meus ouvidos.

— Não sei do que está falando... — busquei argumentar sem sucesso após a queda.

— Destruirei todos os estúpidos que tentarem atravessar o meu caminho! — a voz persistia em ameaças.

Uma esfera de fogo escapou da nebulosa com o intuito de atingir o meu corpo, que ainda se recuperava do tombo. Movida por astúcia, que nem sabia que possuía, saltei na direção oposta, observando a bola de calor deparar-se com um pedregulho que beirava a trilha.

— Não pense em machucar a minha filha! — meu pai expressou com raiva.

— Velhaco... Melhor calar a boca imunda ou então o mandarei agora mesmo a um passeio sem volta pelo mundo das sombras! — a voz ameaçadora esbravejou. — Não se atreva a estragar os meus planos, sangue amaldiçoado!

No exato momento em que escutávamos todas as agressões com o pavor saltando aos olhos, um murmúrio agudo ecoou como se escapasse das nuvens, uma calma ventania perolada circundou a sombra negra em toda a sua extensão, a tranquila lufada de vento esvoaçou os meus cabelos e os fios negros se agitaram como asas de uma águia num voo solitário.

Após a aparente calmaria inicial desaparecer rápida e inesperadamente, os ares assumiram uma intensidade incalculável e avançaram contra o malfeitor; entretanto, de uma maneira impressionante, a força dos ventos não nos

afetava; permanecíamos eretos mesmo com a intensa turbulência que escapava do redemoinho perolado.

— Deixe-a em paz! — o tom melodioso dominou o ambiente e faíscas peroladas escapavam do local de onde brotava a voz.

A ameaça incógnita foi aprisionada por aquela energia espantosa que logo em seguida preencheu o local de uma paz gloriosa. O último sopro da nuviosa ameaçadora enclausurou-se dentro do redemoinho misterioso e por fim respiramos aliviados assim que o silêncio invadiu os nossos ouvidos novamente.

— Liv... A sua mãe nos salvou — meu pai disse quase sem fôlego.

— Por que acredita que foi a minha mãe? — indaguei abalada.

— Reconheci a voz de Híndria — ele murmurou com convicção.

Estava imensamente feliz e agradecida pela ventania ter nos livrado do perigo. Depois de tantas descobertas naquele dia totalmente avesso à minha rotina sempre tranquila, era importante perceber que a minha mãe se preocupava comigo.

Após o acontecimento assustador ao qual espantosamente havíamos sobrevivido intactos, o meu pai decidiu por não fazer mais nenhuma parada. Secretamente, reconhecia que ele possuía motivos de sobra para acelerar o meu retorno à cidade.

O dia amanhecia esplendoroso quando nos aproximávamos de Lanóvia, os raios dourados erguiam-se

acima do planalto verdejante, aquele clarão vibrante espalhava fagulhas que faziam arder os nossos olhos.

Fazia algum tempo que não visitava a cidade, porém a minha memória tumultuada ainda não esquecera os traços tão característicos daquele lugar tão especial. Recordava perfeitamente dos cheiros deliciosos impregnando os ares frescos, das cores brilhantes que recobriam as construções, dos sons familiares que repercutiam através de vozes e harpas. Lembrava-me com grande fascínio do circular agitado de pessoas pelo comércio de especiarias, principalmente aqueles que vinham dos vilarejos mais afastados.

Girei o pescoço e vi a ladeira íngreme que levava até o castelo imponente sobre a colina, o local estratégico onde a rainha Sophia residia com os seus filhos, mas desvie-me rapidamente daquele contemplar fervoroso.

Por um momento, o vento soprou suave, elevando grãos de areia do chão cinzento; os meus olhos inclinaram-se diante do fulgor cintilante que escapava deles, com um movimento quase automático; o meu pescoço se estendeu, fazendo com que encarasse o topo da ladeira outra vez. Foi praticamente impossível desviar a atenção do castelo, pois um raio de luz refletiu diretamente sobre uma das janelas da construção majestosa, recobrando toda a atmosfera de magia.

O meu olhar reclinou-se cauteloso em direção a pequenas casas que tingiam o céu com a fumaça que saía dos telhados. As ruas estreitas e aconchegantes exibiam frutas suculentas, enquanto os vidros transparentes das

compotas ostentavam as nuances magníficas dos doces. Deslumbrei-me com a beleza dos tapetes trazidos de outros continentes a ponto de quase esbarrar-me em uma das tendas.

Meu pai solicitou que eu descesse do cavalo, imaginando que seria a melhor maneira de admirar a cidade. Sorri, por julgar desnecessário, pois já havia contemplado Lanóvia em todos os seus detalhes. Ainda assim, obedeci à sua vontade e caminhei até as tendas, esticando os dedos pálidos sobre a maciez dos tecidos.

— Liv, suba novamente no cavalo! — meu pai informou apreensivo, notando os olhares enlevados em minha direção. — Chega da cidade por hoje.

As minhas características físicas destoavam completamente daquele lugar de pessoas tão perfeitamente bronzeadas pela lida ao sol quase sempre escaldante. Grandes olhos azuis iluminavam a minha face angulosa e a pele lívida contrastava com meu cabelo negro, que se estendia até metade das minhas costas. A boca, desenhada numa linha fina, esboçava alguns pedidos de calma diante da inquietação de meu pai, ao mesmo tempo em que meu nariz levemente arrebitado se retorceu quando um comerciante berrou que se casaria comigo sem nenhum esforço.

Todos os cidadãos presentes no grandioso comércio ficaram perturbados com a minha presença. Agradei aos Etéreos quando por um instante a cidade desviou todos os olhares ao soldado da cavalaria, que trazia boas notícias aos lanovianos.

— O príncipe Franco conquistou mais um território! — o homem gritou quase sem voz, obtendo aplausos efusivos em retribuição ao importante aviso.

Desde que o príncipe Franco havia se tornado o comandante do exército, as conquistas da cidade aumentavam a cada dia. O meu pai me contava todas as aquisições do príncipe durante as suas visitas em Hans. Considerava a narração das vitórias no mínimo entediantes, não me interessava por guerras, pois concluía que por conta delas inocentes costumavam morrer.

O príncipe Franco sempre me causou intensa repulsa, a sua sede por poder e conquista me incomodava em excesso. O povo de toda a região costumava chamá-lo de Franco, o “Príncipe Sem Coração”.

Quando o meu pai pronunciava aquele nome intolerável, a súbita vontade de mudar o assunto brotava em minhas veias. Carregava certa dificuldade em aceitar a ideia de que o “Príncipe Sem Coração” seria o primeiro na linha de sucessão ao trono e que muito em breve se tornaria o rei de Lanóvia. Intimamente eu sabia que a impressão negativa que carregava do príncipe não condizia em nenhum aspecto com a opinião da maior parte da população.

O príncipe Franco havia conseguido vencer mais uma guerra, voltaria vitorioso à convivência com os seus súditos. A sua fama de conquistador implacável percorria o mundo e todos o temiam.

Quem conseguiria fazê-lo parar? Fui invadida por esse pensamento repentino.

— Liv! — espantei-me com a evidente animação que explodia na voz de meu pai. — O príncipe Franco venceu mais uma batalha! — orgulhoso, ele celebrava mais uma proeza do príncipe.

— Ele conseguiu mais poder, mais riqueza, mais glória — repliquei irritada. — E como fica o povo de Lanóvia? — disse, notando alguns olhares confusos diante da minha reação. — Carregado por privações, como sempre, explorado por impostos, o nosso território é repleto de desigualdades, portanto não vejo motivo para celebrar.

— Não seja injusta — meu pai defendia o insuportável. — Nem ao menos o conhece para chegar a tais conclusões — pensei que conhecê-lo seria algo que faria questão de evitar durante toda a minha vida. — Minha filha, precisa reconhecer que o reino cresceu muito depois que o príncipe Franco assumiu o exército.

Odiava admitir algumas verdades ditas pela empolgação demasiada de meu pai. Lanóvia estava realmente mais poderosa, mas não carregava nenhuma simpatia pelo príncipe Franco e com toda a certeza nada do que ele fizesse me agradaria.

Numa única coisa todos os cidadãos de Lanóvia concordavam: a cidade possuía altos impostos. O príncipe Franco gastava quase tudo que recolhia em armamentos e segurança. O “Príncipe Sem Coração” não permitiria que a sua cidade fosse invadida, assim como o seu ego não suportaria perder uma guerra. Mesmo sendo admirado por quase todas as pessoas da região, por minha conta e risco, o julgava um ser humano egoísta, cínico e

assustadoramente frio, como as gotas de chuva numa noite de inverno rigoroso.

Aqueles instantes fizeram com que percebesse que o príncipe Franco realmente me amedrontava. Pensar em sua existência desviou os meus pensamentos de tal forma que quando me dei conta estávamos na casa de meu pai assistindo a Liana nos receber com um sorriso nada contido.

— Como consegue ficar cada vez mais bonita? — Liana indagou quase sem pausa me observando descer do cavalo.

— Obrigada! — sorri para ela. — Cresceu muito desde a última vez que nos vimos — respondi, notando que a menina não me dava ouvidos. Seus olhos arregalados me despertavam uma vontade de gargalhar diante daquela reação de deslumbramento.

— Seus olhos... Estão mais azuis do que o céu... A sua pele está tão maravilhosamente brilhante — ela sussurrou, aproximando-se para me tocar, como se precisasse ter certeza de que eu fazia parte do mundo real. — Será que serei parecida com você quando crescer?

— Certamente! — disse com entusiasmo para animá-la. — Lembre-se sempre... Somos irmãs! Veja... — estiquei as mãos. — Temos os mesmos dedos.

— São iguaizinhos! — ela disse orgulhosa, enquanto juntava sua mão à minha.

Observei Felipe aborrecido como sempre. O meu irmão se aproximou, arrancando os pertences da minha mão com rispidez. Ele estava bastante diferente desde a última vez que nos vimos... Mais bonito, mais forte, no entanto muito mais triste.

Quando contemplei sem permissão a sua mente, descobri que não era da sua vontade o meu retorno àquela casa. Os nossos passos maltratavam o assoalho, enquanto caminhávamos igualmente desapontados até o quarto.

Desejei regressar à floresta, pois não queria vivenciar aqueles pensamentos rudes, mas reconhecia que não poderia acatar minha aspiração, pois havia prometido ao meu pai que o ajudaria.

— Felipe... Como tem passado? — sondei cabisbaixa, arriscando uma aproximação.

— Como acha que estou? — Felipe replicou irônico, atirando os meus pertences em cima da cama. — Estou péssimo... Acabei de perder a minha mãe — ele bradou rispidamente.

— Espero ajudá-los de alguma forma — expressei com pesar.

— Não precisamos da sua ajuda — ele disse ingrato, ignorando a minha oferta. — Saiba que a sua permanência nesta casa representa apenas a vontade do meu pai.

Felipe julgava, equivocadamente, que não existiam sentimentos de minha parte em relação à morte de sua mãe. Em seu pensamento, se repetiam milhares de vezes as tristes palavras: *Não deixe a bruxa enfeitiçar você.*

O meu irmão achava que eu era uma bruxa... Que ótima recepção!

— Eu sei que tem inúmeras razões para acreditar que não carrego sentimentos com relação à morte de sua mãe, mas gostaria que soubesse que sinto muito por sua perda —

esclareci com calma, desviando os olhos. — O seu sofrimento é o meu sofrimento.

— Por acaso lhe disse alguma coisa? — ele indagou de maneira irritada, detestando imaginar minha permanente presença de agora em diante.

— Não... Só que... — abaixei a cabeça e não consegui completar a frase por causa da angústia que desvendar os seus pensamentos me causava.

— Liv, seja bem-vinda — Felipe pronunciou grosseiro, quando me pus a encará-lo novamente com a esperança de que os meus olhos estivessem azuis. — Apenas lhe peço que não arrume confusões por aqui... Não quero ter de resolvê-las.

— Que tipo de confusão arrumaria? — retruquei sem graça.

— Acredito que sabe muito bem... Não precisa de mim para explicar em detalhes — Felipe expressou com frieza.

Meu irmão bateu a porta do quarto com uma força que avaliei exagerada. Aproveitei o sobressalto provocado pelo impacto da batida e procurei conhecer o ambiente, que havia passado por pequenas mudanças.

Notei as duas camas estreitas dispostas uma de cada lado, o armário de madeira modesto recostado na parede oposta à janela e uma cômoda pequena ao lado de uma suntuosa penteadeira com aparência desgastada, indicando que houve outro dono antes de o móvel pertencer àquele lugar.

Passeava pelo quarto admirando com felicidade cada pedaço dele, uma experiência profundamente calculada

com um único objetivo: fugir da recepção fria de Felipe.

Repousei os dedos pela cortina de algodão, olhei o meu reflexo desanimado no espelho embaçado, arrumei os cabelos desgrehados e em seguida, desprovida de qualquer entusiasmo, considerei desarrumar as minhas malas... Tentativas frustradas de amenizar o desprezo!

Definitivamente o meu irmão me odiava. O rapaz lutava com todas as forças para não carregar nenhum sentimento positivo com relação a mim. Felipe concluía que seria um grande erro gostar da irmã que, mesmo sem intenção, causou muito sofrimento à sua mãe, muito embora ele não soubesse que foram as próprias escolhas de Marta que lhe causaram tanta dor.

Pela janela admirei a vila com suas casinhas simples, escutava as conversas entusiasmadas do povo acolhedor, as crianças brincando animadas pelas ruas. Voltar a viver naquele lugar não seria nenhum problema, apenas detestava a possibilidade de saber que incomodava alguém.

Felipe atravessou a rua visivelmente descontente, trocando algumas palavras com um amigo que o aguardava. Gesticulava com perturbação e chutava a poeira no chão com impaciência; certamente reclamava do meu retorno.

Poderia fazer um esforço se quisesse descobrir o que conversavam, mas julguei que seria melhor não assumir esse comportamento por enquanto. Condutas desse tipo fariam Felipe sustentar a certeza da existência de algo sobrenatural. Eu nunca desejei tanto ser comum como naquele momento.

Durante toda a manhã, Liana me olhou como se eu fosse uma espécie de divindade. De certa forma, aquele jeito extremoso da menina me agradava bastante.

Felipe permaneceu reservado durante todo o almoço. Nem mesmo o ensopado delicioso que Ama havia preparado provocou qualquer reação no rapaz. O meu pai arriscava de todas as maneiras estabelecer uma conversa, mas o meu irmão permanecia impassível a qualquer assunto.

O conflito que persistiu durante toda a manhã provocou em mim uma necessidade irrefreável de respirar ar puro. Decidi perambular sem rumo pelas redondezas. O desconforto que a minha presença causava a Felipe limitava os meus passos pela casa. Era insuportável constatar que a acolhida não fora tão cordial quanto o meu pai esperava.

Sem que ninguém percebesse, deixei a casa buscando o meu dócil cavalo no estábulo. Iniciei aquele passeio permitindo que o animal me guiasse. Àquela altura, eu não tinha vontade de determinar uma direção. Contudo, algum tempo depois da cavalgada, imaginei que talvez tivesse sido melhor ter dado um pouco mais de atenção ao caminho escolhido pelo cavalo. A velocidade da marcha levou-me até um morro bem distante do vilarejo.

Abandonei o cavalo com uma vivacidade espantosa. Sem nenhum controle, desabei o meu corpo em cima da vegetação rasteira. Arranquei as botas com rapidez, colocando os pés numa grama impecavelmente verde; respirei com profundidade e em seguida apreciei com encantamento o céu; fechei os olhos depois de um suspiro

profundo. Mesmo com os olhos cerrados, a espetacular percepção de que caminhava pelas nuvens.

Seria apenas um sonho maravilhoso ou um pesadelo que me levaria ao chão no momento seguinte? Seria mais uma das minhas visões inexplicáveis ou simplesmente um momento de delírio por conta das mudanças?

Após alguns segundos de uma agonia admissível, experimentei uma energia irrevogavelmente surpreendente percorrer a minha pele gélida. Imediatamente a sensação inesperada me fez avaliar que o desprendimento, com toda a certeza, possibilitaria algo fora do meu domínio... E os meus olhos finalmente se abriram assustados.

encontros

— QUEM ESTÁ AÍ?— inquiri alarmada, observando a figura embaçada caminhar em minha direção.

Com muito esforço ergui o meu corpo do chão, enquanto as minhas mãos deslizavam inevitavelmente por uma névoa clara. Recurvei o pescoço em todas as direções, buscando minimizar a tensão que perpetuava um arco doloroso e intenso até os meus braços. Aumentei o meu ângulo de visão, procurando qualquer evidência por trás daquele mundo totalmente desconhecido.

Travando uma batalha contra a letargia desgastante que vivenciava, aguardava ansiosa por uma resposta coerente à pergunta que havia feito segundos antes.

Distinguia que existia um vestígio de voz irreconhecível ao longe que talvez sanasse a minha dúvida, mas o som emitido pelo brado possante daquele ser escapava do meu entendimento.

Culpei o evidente torpor por tamanha dificuldade de comunicação, muito embora considerasse que seria providencial deixar o local sem estabelecer qualquer contato com aquela força imensurável que me perseguia insistentemente.

O sopro incontrollável que surgia por entre as nuvens lentas promovia o balançar dos galhos secos bem à minha frente. O ruído alarmante dos ventos fazia trepidar o solo

instável abaixo dos meus pés. Os meus joelhos estremeceram, procurando imprecisa e necessariamente por uma rota de fuga.

Durante a minha escapada flutuante, o meu coração intensificou a percepção dos cinco sentidos do meu frágil corpo. As coisas se complicaram ainda mais quando percebi que a voz tomara o mesmo rumo que eu, perpetuando os clamores distorcidos pela atmosfera.

A ansiedade que percorria as minhas veias determinou o pesar do meu corpo. Tomei no solo denso, sentindo a aflição espalhar-se sobre cada pedaço de mim, um fato que tornou a minha visão ainda mais turva.

O medo que atingia a minha mente em proporções incomensuráveis impedia qualquer controle sobre aquela situação. Precisava fugir do caminho nebuloso que se manifestava diante dos meus olhos cansados, porém não fazia ideia de como sobreviveria à abordagem de uma energia tão enigmática.

Rastejei até alcançar um pilar próximo à escadaria do que parecia ser um templo grandioso. Busquei por movimentos rápidos adentrar ao local, que passou a ser considerado um esconderijo, entretanto a desorientação dificultou a subida por toda a extensão daquela superfície dura e fria; o meu joelho trincava de dor cada vez que tocava um degrau de mármore.

As imensas colunas dispostas em fileiras seguramente serviriam de abrigo, bastava que conseguisse alcançar o final da escadaria com sucesso. As minhas pálpebras

cerraram reflexamente quando encararam a porta prateada reluzente a centímetros de mim.

Um sussurro rasgou a minha garganta, fazendo com que arrancasse das minhas entranhas a velocidade que provocaria o afastamento do perseguidor. Avistei logo atrás de mim uma silhueta descomunal se formando. Os braços erguidos provocaram um sopro de vento avassalador que recobriu a atmosfera por um brilho perolado.

— Quem está aí? — repeti quase sem voz.

— Liv... Não imagina como sonhei com este momento — a doçura que surgiu daquela voz abrandou o medo que a manifestação incomensurável havia me provocado. — Foram tantos anos de uma angustiante espera, mas felizmente nos encontramos.

— Híndria? — questionei um pouco atordoada, admirando aquele contorno ainda desfocado tomar proporções um pouco mais próximas da minha.

— Sim! — ela respondeu sorrindo, enquanto aparentemente abria os braços.

— Senti a sua falta a minha vida inteira — pronunciei, visualizando-a perfeitamente depois que o pavor me abandonou.

Híndria me abraçou afetuosamente, encarando o meu semblante alegre por enfim conhecê-la.

— Também senti muito a sua falta — minha mãe confessou, repousando os lábios no topo da minha cabeça. — Por todos esses anos sonhei com o dia em que finalmente a encontraria.

— É tão maravilhosa! — disse encantada, observando os lampejos que deixavam as suas mãos cintilantes. — Exatamente da forma como meu pai descreveu.

Híndria era realmente uma criatura encantadora. Os olhos azuis brilhantes como pedras preciosas me fitavam com carinho e as formas desenhadas do seu corpo extravasavam encanto naquela túnica perolada enfeitada por um cordão de pérolas em sua cintura. Uma brisa controlada apenas por sua vontade brincava com os cabelos pretos, que se destacavam em sua pele cintilante.

— O seu pai apreciava a minha forma humana — ela pronunciou acanhada diante do meu comentário. — Como ele tem passado? — a pergunta soou quase num tom de obrigação; era como se o passar dos anos não tivesse diminuído a mágoa.

— Acredito que o meu retorno fará com que a tristeza de meu pai diminua — proferi, refletindo que precisava encerrar todos os desgostos do passado. — Gostaria que o perdoasse, pois ele não teve muita escolha com relação a mim. Ele tomou a decisão que julgou ser melhor para o meu futuro, e posso lhe garantir que fui muito feliz durante o tempo que vivi em Hans.

— Prometo que farei o possível para esquecer os fatos ruins que fizeram parte do nosso passado — os lábios dela se juntaram até desaparecerem num traço fino. — Gostou das mudanças que estão ocorrendo em sua vida? — ela disse, desviando o assunto do meu pai.

— Algumas mudanças são sempre bem-vindas! — entortei os lábios por conta do pensamento seguinte. — No

entanto, o meu irmão me odeia profundamente — murmurei tristemente, afastando-me um pouco dela.

— Felipe logo se acostumará com tudo isso — ela expressou com um suspiro, fazendo com que meus cabelos se agitassem. — Liv, precisa aprender a ser mais paciente com seu irmão, um pouco de compreensão não faz mal a ninguém — ela prosseguiu serena, relaxando os ombros.

— As mudanças estão sendo muito difíceis para mim também, mas tentarei compreendê-lo melhor — expliquei, admirada com a paz que nos cercava. — O meu pai disse que vai precisar da minha ajuda, mas infelizmente não sei como posso ajudá-lo. Parece que o meu retorno piorou muito a convivência naquela casa... Às vezes penso que existe algo muito maior por trás de tantas transformações... É como se durante todo esse tempo eu estivesse escutando uma espécie de chamado.

— Estou mais aliviada que traga consigo a consciência de que existe algo muito maior por trás do seu retorno — Híndria confirmou com uma intensidade totalmente inesperada. — O seu destino encontra-se pronto para ser despertado!

— Destino? — balancei a cabeça para os lados. — Espero que esse destino nada tenha a ver com os pesadelos horripilantes que tenho... Às vezes, em meus sonhos confusos, escuto uma voz me mandando seguir em busca do escolhido... Ela diz que a nossa união será responsável pelo bem de todo o povo — descrevi, carregada pela curiosidade.

— Em breve descobrirá o que o destino lhe reserva — ela sussurrou, enrolando uma mecha do meu cabelo. — Nesse momento, precisa apenas reconhecer que os rapazes do vilarejo, o príncipe Franco e os mesoetéreos precisarão ser muito fortes para enfrentar tudo o que está prestes a acontecer.

— O que está para acontecer? — perguntei indiscreta, pois imaginava que ela precisava omitir alguns fatos.

— Não tenho permissão para lhe contar tudo — Híndria explicou, enquanto uma nuvem cinzenta recobria o céu à nossa volta. — Posso revelar apenas que deverão permanecer unidos, pelo bem de todos.

— Suas palavras estão me assuntando — disse, encarando a nuvem acima de nós, que surgia como um sinal de mau agouro. — Eu fico preocupada com a integridade do meu irmão e de todas as pessoas que possam estar envolvidas nesse acontecimento tão misterioso.

— Posso lhe afirmar que se permanecerem unidos durante a batalha... Nenhum mal será suficiente para vencê-los — a tranquilidade por ora havia deixado a sua voz, enquanto uma ventania intensa soprava por entre os fios dos seus cabelos. — Eu lhe advirto que serão muitas as dificuldades, muitos feridos, muitos mortos — por alguns segundos o pavor tomou conta de todo o ambiente.

Admirei os seus olhos chamejantes de temor pelo que o futuro breve me reservava.

— Realmente não sei o que acontecerá de fato — ela respondeu sincera, desviando o olhar. — Sei que se trata de uma batalha claramente dividida entre as forças da luz e as

forças sombrias — as últimas palavras foram pronunciadas com um receio visível. — A maior guerra que esse reino já assistiu.

— Eu não quero lutar! — disse apreensiva.

— Sinto muito, mas não terá escolha — aquelas palavras despontaram tão assertivas que aumentaram a minha apreensão.

— Não gostaria de machucar ninguém — pronunciei com extremo abatimento, voltando a admirar as suas órbitas perfeitas. — Não quero me envolver em guerras, pois não estou de acordo com elas; acredito que um bom diálogo possa resolver melhor as divergências.

— Receio que a diplomacia não será suficiente para resolver as adversidades que se aproximam — ela anunciou firme, sustentando um semblante sério e controlando serenamente as lufadas de ventos. — Não precisa ficar temerosa porque estará lutando ao lado de pessoas íntegras. Quando entregar o coração ao seu destino, o escolhido ficará tão forte que os inimigos correrão para destruí-lo — ela declarou, enquanto a minha capacidade de respirar diminuía. — Espero que não se desvie do seu caminho.

A sua fisionomia sossegou outra vez. Imaginei que não adiantaria continuar a procura por respostas relacionadas à possível batalha. Minha mãe certamente não tinha consentimento para sanar todas as minhas dúvidas naquele instante.

— Estou extremamente feliz por finalmente tê-la conhecido — descrevi a intensidade do que sentia dando-lhe

um longo abraço.

— Gostaria que soubesse que também estou muito feliz — assegurou ela, segurando as minhas mãos com suave pressão. — Liv... Precisa tomar cuidado, pois sua presença e a dos outros da sua espécie despertará inúmeros sentimentos nas pessoas. Preocupo-me contigo porque sei que precisa aprender a conduzir melhor todo o poder que possui — Híndria anunciou preocupada.

— Que lugar é esse? — questionei, desviando o assunto sobre as minhas habilidades.

— Beltar... A morada dos Etéreos — a minha mãe respondeu, afastando as nuvens que recobriam a paisagem. — Está precisamente acomodada no local que chamamos de Casa dos Ventos, a minha casa real.

Quase desmaiei quando visualizei à minha frente a beleza que o medo havia me impedido de enxergar. As múltiplas cores espalhadas pela atmosfera brilhante, as formas variadas das construções imponentes, os sons reconfortantes das águas, a harmonia dos ventos movendo-se em todas as direções. Um céu absurdamente azul sustentava ao mesmo tempo um sol esplendoroso num tom de ouro indescritível e inúmeras estrelas reluzentes ladeadas com a lua. Logo abaixo cachoeiras corriam por rios infinitos, enquanto nuvens densas desabavam chuva em vales extraordinários recobertos por uma neve alva.

Os meus olhos vibrantes brilharam com o cintilar das faíscas explodindo incandescentes das montanhas de fogo, enquanto as gotículas quentes desabavam vigorosas sobre alguns campos sem vida.

Ao lado da Casa em que estávamos localizavam-se enfileirados mais onze construções magníficas. Uma delas chamou a minha atenção porque parecia abandonada e escura, um contraste com as outras edificações tão esplendorosamente belas.

— Ao todo são doze casas reais em Beltar. Em seu mundo existem apenas as réplicas de nossas casas — Híndria comentou, diante dos meus olhos visivelmente curiosos. — Dentro desses locais estão concentradas as nossas acomodações. Sem falar que tudo de que precisamos para aumentar a nossa energia e estabelecer o controle dos respectivos elementos em seu planeta está localizado dentro dessas casas. Aquela casa totalmente dourada naquela colina mais alta... — ela apontou com o indicador direito a direção que deveria observar. — Aquela é a Casa da Luz... Ela pertence a Uno.

— E aquela ali? — indaguei, apontando o local escuro que havia despertado a minha atenção.

— Aquela era a Casa da Escuridão, mas felizmente Hulter foi banido da morada dos Etéreos. Hoje ele reside no mundo das sombras — o alívio recobriu a sua face depois daquela informação. — Quando a escuridão foi banida daqui, infelizmente ela levou consigo uma parte considerável da energia de todos os elementos — ela respirou profundamente. — Nem sempre sou a responsável por ventos que destroem comunidades inteiras; algumas vezes Hulter está por trás disso, utilizando a energia que retirou de mim; em outras vezes a destruição que o homem tem causado ao planeta provoca o descontrole dos elementos —

Híndria relatou, fitando-me amorosa depois das suas explicações, mas aparentemente concentrada nos eventos vindouros. — Os tempos difíceis se aproximam.

— Fique sempre ao meu lado! — implorei. — Acredito que dessa forma tudo será mais fácil.

— Sempre estive ao seu lado — minha mãe afirmou, afastando-se um pouco. — Infelizmente preciso ir agora.

— Por que tão cedo? — sondei, buscando o impossível, pois era nítido que seu tempo comigo havia se esgotado.

— Nos veremos muito em breve! — ela anunciou, desaparecendo entre as nuvens.

Despertei com o som retumbante de cavalos que provavelmente passavam na estrada logo abaixo do morro. Caminhei esticando os braços e desejando averiguar a origem da cavalgada que me acordara de uma emoção tão espetacular. Compreendia a cada passo que aquilo não havia sido apenas um sonho, mas sim um encontro com minha mãe.

A minha visão ainda turva deparou-se com a estrada de terra seca logo abaixo. Encarei centenas de cavalos conduzidos por homens que expressavam com gestos vigorosos as suas conquistas. Notei, imediatamente, que aquele deveria ser o exército do príncipe Franco voltando de mais uma guerra. Os galopes possantes dos cavalos deixavam um rastro de poeira assombroso pela estrada.

As gargalhadas definiriam o mais puro êxtase. A empolgação da cavalgada era a responsável pela trepidação intensa embaixo dos meus pés e aqueles gritos espantosos despertariam até alguém em sono mais profundo. A

manifestação do esperado frenesi que a vitória havia provocado era demonstrada a cada clamor.

Esbocei um sorriso carregado de sarcasmo por reconhecer que aqueles soldados eram extremamente tolos, pois algumas vezes perdiam a própria vida apenas para aumentar a glória e o poder de um só homem: o “Príncipe Sem Coração”.

Bem ao fundo da cavalaria, um homem atraiu os meus olhos de uma maneira muito especial. Mesmo completamente recoberto pela obscuridade do pó que se elevava do chão, contemplá-lo perpetrou uma vibração que provocou o cambalear do meu corpo; tornou-se necessária a proteção de uma ventania repentina para que não despencasse do morro.

Uma euforia incompreensível apoderou-se de mim, provocando um revirar em meu estômago. De repente, tudo se resumiu a uma sensação de um nausear sufocante pela minha garganta... E o meu mundo tornou-se turbulento. Tinha certeza que a minha vida nunca mais seria a mesma depois daquele encontro.

Atravessei com rapidez em direção ao animal, consumida por um sentimento que não dominava. Ligeiramente, controlei as rédeas e tomei o caminho oposto à minha casa, numa esperança avassaladora de alcançar o meu destino, que havia se pronunciado.

Cavalguei velozmente com o intuito de encontrá-lo, porém colidi com a poeira deixada pela cavalaria, e nada mais.

Um cansaço perfeitamente compreensível foi manifestado pelo trotar quase arrastado do animal. Precisava desesperadamente de um pouco de água para o cavalo se quisesse continuar até a minha casa.

Observei um terreno plano ao fundo da floresta que cercava a estrada, onde existia uma pequena cabana por entre as árvores. O cavalo guiou-me até a frente da residência, restaurando subitamente a rapidez, talvez porque o animal percebesse que a possibilidade de matar a sua sede estava cada vez mais próxima.

Após três batidas potentes na porta de madeira maciça, uma senhora baixinha surgiu com um belo sorriso emoldurando o seu rosto redondo. Ela enxugou as mãos molhadas, com intensidade, em seu vestido marrom. Com uma expressão recoberta por um curioso alívio, a simpática senhora coçou os cabelos brancos presos a um coque alguns segundos depois de ter colocado os olhos negros sobre mim. Quase sem disfarce apreciei com deslumbre o belo tom da sua pele morena.

— Que bom que a menina finalmente chegou! — ela exclamou com uma estranha intimidade. — Amarre o animal à cerca... Posso lhe garantir que o cavalo encontrará tudo o que precisa junto a ela — a senhora iniciou uma caminhada ao interior da cabana antes de prosseguir com a conversa que cessaria a minha expressão de alarde. — Aguardarei você lá dentro.

A cabana era meticulosamente arrumada. Notei diversos vasos de tamanhos e cores variados e repletos de ervas, que enfeitavam prateleiras presas a parede. O meu

estômago revirou-se novamente quando encarei uma cesta de frutas adornando uma pequena bancada. No centro da sala, uma mesa redonda revestida por uma toalha de renda alvíssima amparava um punhado de pergaminhos que despertaram a minha curiosidade.

— Por acaso... A senhora me conhece? — questionei, notando a nítida satisfação que a minha presença causava.

— Eu me chamo Sara — ela se apresentou quase formalmente. — Quer comer alguma coisa?

Com o indicador direito, a senhora muito amável apontou a cesta cheia de frutas em cima da bancada de madeira.

— Não estou com fome — respondi obstinada, buscando esclarecer a saudação curiosa que recebi quando cheguei. — De onde a senhora me conhece? Falou comigo como se já tivesse me visto, porém não recordo de tê-la conhecido — insisti com uma expressão intrigada.

— Desvendi a sua chegada em meus sonhos — ela comentou, aproximando-se da mesa impecavelmente arrumada. — Como a menina se chama? — a voz surgiu num tom de ansiedade.

— Eu me chamo Liv — respondi de imediato, unindo as sobrancelhas com a imaginação carregada de agitação. — Como assim em seus sonhos? — perguntei, apreciando a mesa sobre os seus ombros. — O que precisamente desvendou em seus sonhos? — persisti.

— Venha comigo — ela murmurou, levando-me até a mesa, e com um gesto previsível pediu-me que sentasse numa das cadeiras.

Sara afastou com agilidade os pergaminhos.

— Os sonhos falavam do futuro? — indaguei, demonstrando interesse.

— Basicamente sim — ela expôs, colocando a mão sobre a mesa. — Na verdade, os sonhos nos dão certo direcionamento. — Sara movimentou os lábios, soltando um suspiro longo em seguida. — Foram eles que mostraram a sua chegada — o tom da sua voz diminuiu. — A sua presença será imprescindível durante a batalha contra as forças sombrias que querem dominar o mundo.

— Ah... Claro, acho que compreendi tudo! — expressei com uma discreta ironia. — A senhora deve conhecer a minha mãe — afirmei, colocando os cotovelos sobre a mesa e observando melhor os trejeitos de Sara. — Por acaso ela teria comentado com você algo sobre a batalha? — pronunciei incerta, com um deboche exagerado. — Decerto, a minha mãe está utilizando a sua simpatia como uma motivação para me convencer a participar de uma guerra que considero sem sentido.

— Eu não estive com a sua mãe, mas sei que alguém tentará cessar a nossa paz roubando a metade do medalhão — a sua voz escondia um medo sem proporção. — Os sonhos revelam que poderá nos auxiliar a vencer os planos da escuridão.

— Do que está falando? — inquiri, por não me concentrar o suficiente para descobrir o que Sara pensava. — Sobre qual metade do medalhão está se referindo?

— Vejamos... Por onde podemos começar? — a senhora disse, caminhando enérgica até uma estante e retirando um

grande livro dela. — Tenho que lhe explicar em detalhes todas as adversidades que enfrentará de agora em diante.

Sara folheou diversas páginas num movimento vagaroso demais para a curiosidade que explodia em meu inevitável olhar atento. Calmamente aquela senhora agradável repousou os dedos finos quando encontrou a página que procurava.

Numa folha amarelada à direita existiam registros dos quais eu não compreendia o significado, por conta da letra minúscula ou talvez porque fossem escritos numa língua que eu não conhecia. No centro da página à esquerda havia o desenho de um belo medalhão adornado por formas variadas.

A figura era composta por múltiplos círculos de linhas excessivamente finas. No meio dos círculos, uma esfera volumosa surgia fazendo escapar de dentro dela doze traços que ascendiam em retas, extravasando pelo infinito.

— Nunca ouviu falar da história do medalhão? — ela persistiu incrédula quando observou minha negativa. — Por quais caminhos tem andado, menina? — Sara comentou irônica. — Por acaso esteve perdida pela lua?

Se a nova conhecida soubesse o quanto meu pai fazia questão de me afastar de tudo que era sobrenatural, talvez entendesse melhor o motivo de eu ter me tornado tão alheia àqueles assuntos.

— Apresento-lhe o Medalhão Elemental! — Sara explicou, inclinando o livro para que eu enxergasse melhor o desenho. — Algumas pessoas contam que a Etérea Hária, a personificação das chuvas, nunca aceitou muito bem a

proteção que a Força Divina sempre conferiu às criaturas terrenas. Totalmente dominada pela inveja, Hária passou milênios buscando encontrar uma forma de vingar-se de todos os humanos.

— Esse medalhão mágico possui poderes? — interpelei, apontando para a figura, mas sem desviar a atenção de Sara. — Qual é a relação dele com a vingança de Hária?

— Uma resposta de cada vez — ela ergueu a mão direita como se me pedisse paciência. — Sim... Ele possui muitos poderes, e o medalhão tem relação direta com os objetivos de Hária — Sara afirmou, concentrando-se na figura espetacular exposta no livro empoeirado. — O medalhão foi feito com a essência de todos os elementos etéreos... O mito conta que Hária retirou de cada Etéreo um pouco da energia dos seus respectivos elementos sem que eles permitissem. Luz, ventos, terra, raios, escuridão, águas, entre outros... A junção de tanta energia tornou o medalhão extremamente poderoso.

— E o que aconteceu depois que o medalhão ficou pronto? — disse cuidadosamente, passando a mão sobre o livro.

— Hária dividiu o medalhão em duas partes iguais — ela traçou uma linha na figura, demonstrando a divisão exata do artefato. — Uma das partes ficou sob a proteção dela, precisamente encravado na pedra magna dentro da Casa da Chuva, ou seja, a casa de Hária. A outra parte poderia ser escondida em qualquer outro lugar do grandioso mundo oculto — Sara entoava a voz, causando-me entusiasmo. — Hária então revelou que aquele que reunisse as duas partes

do medalhão poderia ter um pedido realizado. Na verdade, a força das chuvas desejava apenas provar para a Força Divina e para todos os Etéreos que os humanos eram seres que não valiam a pena.

— Hária conseguiu provar que os seres humanos não valiam a pena por meio do medalhão? — questionei com admiração, ajeitando-me na cadeira.

— Infelizmente sim — Sara pronunciou cabisbaixa, passando a mão entre as folhas envelhecidas. — Iniciou-se uma verdadeira guerra na busca pela metade do medalhão. Famílias inteiras foram destruídas por conta de satisfação pessoal. Uma batalha sangüinária foi travada dentro do mundo oculto para que o tão sonhado desejo fosse realizado por Hária — Sara parou, buscando uma forma aceitável de descrever o desfecho dos fatos. — Hária conseguiu mostrar para todos... O lado sombrio dos humanos.

Olhei ansiosa, suplicando com os dedos entrelaçados o restante da história.

— Filhos destruíram os seus pais... Pais aniquilaram filhos, nação contra nação, entre outras ocorrências espantosamente escabrosas — Sara tossiu um pouco antes de continuar a narrativa. — O medalhão necessita de um tempo até obter o ápice da energia dos doze elementos. Geralmente, um pouco mais de vinte anos é necessário para concentrar todo o potencial do artefato depois que ele é utilizado.

Escutar as palavras que Sara pronunciava sobre aqueles fatos até pouco tempo desconhecidos realmente me interessava.

— Sempre que a energia estava prestes a se manifestar, já era esperado que acontecimentos absurdos sobreviessem no mundo — Sara deu continuidade à narrativa. — Hária divertia-se bastante quando alguém unia as partes do medalhão por conta de toda a destruição provocada, mas principalmente por causa da realização do sacrifício.

— Hária exige um sacrifício? — indaguei, arrastando o livro para o meu lado.

— Exato — Sara explicava, diante do meu olhar preocupado. — Todo ser humano que une as partes do medalhão precisa realizar um grande sacrifício — Sara ergueu as sobrancelhas antes de prosseguir. — Atrocidades foram cometidas para realizar inúmeros desejos egoístas, porém certo dia a história começou se modificar.

— De que maneira as coisas começaram a se modificar? — questionei, olhando pela janela e notando que a noite começava a chegar.

— Naquele tempo, a cidade de Lanóvia passava por um momento muito complexo. O bondoso rei Henrique, pai do príncipe Franco, não suportou testemunhar o povo passando por tantas privações — ela afirmou, espalmando as páginas do livro e fazendo com que a poeira subisse direto até as minhas narinas.

A minha visão focava irrequieta em seus lábios, esperando a continuação de suas palavras.

— A seca destruiu as plantações, a fome assolou a todos da região, a peste atingiu centenas de pessoas, os assaltos tornaram-se frequentes e a morte do povo, inevitável — ela contava nos dedos as mazelas que abateram a cidade. —

Todos sabiam que a energia do medalhão estava prestes a ser liberada naquele período. O rei Henrique também sabia disso e seguiu até o lado norte de Hans; com a ajuda de um mesoetéreo entrou no mundo oculto. O exército e o rei lutaram corajosamente contra milhares de homens do conde Trevor pela metade do medalhão — Sara esboçou um sorriso de alívio.

Uma inquietação nítida, com o passar tempo, difundia-se pela minha face lívida. Imaginei que me encontrava a tantas horas longe de casa, que certamente o meu desaparecimento seria um motivo de grande preocupação para o meu pai.

— O rei Henrique encontrou a metade do medalhão escondida nas águas de um dos rios da floresta. Depois, com bastante coragem, prosseguiu com o seu exército até o monte Ireu. Alguns acarianos tentaram roubar a parte que estava com o rei, enquanto ele subia o monte; no entanto, novamente ele conseguiu vencer a batalha — ela descreveu, com uma vivacidade que saltava dos olhos. — Ele solicitou a Hária que o povo fosse libertado de todas as dificuldades que acometiam a região na época. Aquela seria a primeira vez em nossa história que alguém realizaria o desejo ofertado pelas Chuvas em benefício de outras pessoas.

— E qual foi a atitude de Hária diante do pedido? — disse com pressa, olhando o horizonte pela janela.

— Hária não gostou nem um pouco da solicitação do rei — Sara disse, apertando os lábios. — Algum tempo depois do ocorrido, o próprio rei Henrique contou que a Chuva

tentou convencê-lo a fazer um pedido muito mais pessoal — Sara inspirou profundamente antes de continuar. — Preciso lhe antecipar que as investidas de Hária de nada adiantaram; o rei Henrique continuou solicitando que o povo fosse socorrido daqueles tempos de agonia.

Percebi, enquanto observava os seus passos lentos pela sala, que não adiantaria a precipitação; aquela iniciativa não cessaria a minha curiosidade. Sara possuía o seu próprio tempo para narrar os acontecimentos.

— Conte-me o que aconteceu depois que o rei Henrique manteve o pedido — pronunciei, preocupando-me cada vez mais com a passagem dos minutos; no entanto, não poderia deixar a cabana antes que tudo estivesse esclarecido. — Que maldade Hária praticou depois que ele manteve o desejo de ajudar o povo?

— Como havia dito antes, Hária exigiu um sacrifício — Sara disse, esperando a minha reação. — Algo que sempre será exigido a todos aqueles que unirem as metades do Medalhão Elemental.

— E qual foi o sacrifício que o rei Henrique precisou realizar? — disse, com mais uma pergunta.

— Este é um mistério que perdura há mais de vinte anos — ela respondeu, fechando o livro. — A única coisa que se sabe pela região foi que Hária cedeu um tempo para que o rei Henrique realizasse o sacrifício — Sara murmurou, com o dedo indicador para cima. — Foi como magia! — os olhos expressivos brilharam. — Assim que ele colocou os pés em nosso mundo todas as adversidades foram resolvidas. O povo celebrou a atitude de desprendimento com felicidade,

afinal de contas o altruísmo do rei libertou todos das penúrias que abatiam a nação.

Sara explicou, coçando o queixo para reavivar as memórias:

— No entanto, num dia frio de inverno, as chuvas fortes se espalharam por toda parte deixando todos extremamente assustados — ela continuou, tornando aparente o medo que experimentou na época. — Confesso que as chuvas intensas daquele dia apavoraram até a mim que sou uma mulher muito corajosa... Hária havia chegado em Lanóvia para cobrar do rei o sacrifício.

— O rei Henrique realizou o sacrifício?

— Sim — Sara disse com rapidez. — O acordo entre os dois era que, se o rei não realizasse o sacrifício, todas as dificuldades retornariam aos territórios em dobro — Sara murmurou a explicação, movimentando-se até deixar a cadeira. — Como todos os territórios permaneceram ilesos após a visita das chuvas, conclui-se que o rei havia feito o sacrifício a que Hária tanto aspirava.

— Nunca imaginei que uma Etérea pudesse planejar algo contra os humanos... Hária ainda tem o meu respeito, mas também tem a minha indignação — resmunguei.

— Devemos esperar tudo de todos! — ela retrucou, levando o livro de volta à estante.

Sara retornou calmamente até o meu lado.

— Qualquer pessoa pode se apoderar do medalhão? — indaguei.

— Antigamente sim, mas agora não.

— O que ocasionou a mudança nas regras? — perguntei, retirando do rosto uma mecha de cabelo que incomodava.

— A inconformidade do rei Henrique — Sara explicou sucinta. — O rei retornou à Casa das Chuvas pouco tempo depois de ter realizado o tortuoso sacrifício. Dizem que ele precisava demonstrar toda a sua revolta diante de algo que julgou ser custoso demais para realizar por Hária.

Os ângulos protuberantes da sua face se moveram e o nariz recurvou-se numa curva dolorosa:

— A personificação das chuvas ainda não havia se preocupado em esconder a metade do medalhão que o rei entregara a ela — Sara sussurrou, como se aquela parte da história fosse um assunto proibido. — O rei Henrique aproveitou-se da distração e retirou da Casa das Chuvas a metade do objeto.

— Por que o rei furtou uma das metades do medalhão? — indaguei, com discreta agitação promovida pelo aproximar da noite.

— Parece que ele carregava a esperança de juntá-lo novamente — ela estreitou os olhos. — O rei Henrique nunca revelou o sacrifício que fez, mas parece que foi algo tão absurdamente grave que ele sempre carregou em seu peito a expectativa de poder reverter a situação algum dia.

— Hária aceitou o furto da metade do medalhão sem nenhuma retaliação? — murmurei, diante da expressão tranquila que Sara havia assumido momentaneamente.

— Claro que não! — ela murmurou o óbvio. — O rei Henrique não foi punido porque obteve o apoio de alguns dos Etéreos. Parece que eles julgaram que nem todos os

humanos eram tão egoístas como Hária havia dito e que ele era a prova concreta disso, pois sacrificou-se para salvar o seu povo — ela esclareceu com aparente passividade. — A personificação da neve, Naya, escondeu o medalhão dentro dos seus limites, fazendo uma aliança com o rei Henrique. A metade do medalhão seria entregue somente àqueles que possuíssem o seu sangue real. Dizem que os Etéreos acharam melhor que os descendentes do rei tomassem posse da parte do medalhão; eles concluíram que a dignidade daquela família poderia ser uma maneira de livrar o artefato das mãos de gente perigosa.

— Somente os filhos do rei Henrique... — concluí, notando que Sara ainda faria ressalvas ao que eu havia proferido.

— Somente os filhos do rei poderão pegar a metade do artefato que está nas mãos de Naya, porém qualquer pessoa poderá levá-la até a Casa das Chuvas — ela explicou. — Ficou combinado que o rei revelaria ao seu filho mais velho qual seria o seu desejo, pois dessa forma existiria uma possibilidade de reverter o sacrifício feito no passado — Sara comentou, demonstrando um pouco de preocupação com o horário. — Infelizmente o rei morreu antes de contar ao príncipe Franco o que deveria ser feito quando o medalhão estivesse em seu poder.

— Quantos mistérios existem por trás dessa batalha! — exclamei atônita.

— Isso sem falar em todas as profecias — Sara ficou um tempo em silêncio imaginando se deveria comentar sobre elas. — São tantos presságios que chego a ficar um pouco

confusa... O Escolhido... O Emissário da Noite, esse prenúncio, por exemplo, trata-se de algo muito assustador.

— Profecia do Emissário da Noite? — perguntei enfática.

— Existe uma profecia muito antiga, guardada na Casa da Luz, que diz que o Emissário se levantará contra o Escolhido para tentar transformar o nosso mundo em uma noite eterna.

— Imagino que o Emissário da Noite seja Hulter — conjecturei, arranhando as unhas com nervosismo sobre o tecido. — Quem mais teria interesse em transformar tudo em escuridão?

— Acho que talvez tenha razão — ela explanou com evidente preocupação.

Respirei fundo ao vê-la segurar a minha mão com amabilidade depois daquele encontro precioso, afinal ela fora a responsável por me revelar fatos valiosos que ajudariam na batalha que estava por vir.

— Os sonhos foram bem claros quando revelaram que a garota de olhar reluzente e de essência Etérea retornaria — sorri para ela. — Durante todo esse período tudo precisará ser cuidadosamente preparado, pois a energia do medalhão estará prestes a ser liberada. Assim que o evento ocorrer, logo se iniciará uma luta alucinada para se apoderar dele.

— Como sabia que eu possuía a essência etérea? — disse, sem desviar os olhos dela.

— Pelo visto o seu pai lhe escondeu muitas verdades — Sara suspirou, buscando encontrar um pouco mais de força para continuar com as explicações. — As pessoas que possuem envolvimento com a magia, assim como todos os

mesoetéreos, sabem como reconhecer quem possui a essência etérea — Sara sorriu, mas a expressão permanecia cansada. — É possível descobrir um mesoetéreo por meio da sua aura. Nos humanos as auras não são visíveis, mas quando se trata dos mesoetéreos elas podem ser vistas... Claro que é preciso muita concentração, ou então a aura poderá passar despercebida.

— Está dizendo que consegue enxergar a minha aura? — disse titubeante diante da revelação, notando Sara retornar à mesa.

— Exatamente — ela murmurou com calma. — A sua aura tem um tom perolado magnífico.

— Quer dizer que quando eu encontrar um mesoetéreo conseguirei reconhecê-lo por meio da sua aura? — ela assentiu com a cabeça. — Que mágico!

Esfreguei o rosto por conta do cansaço, sustentando um sorriso em seguida.

— Os sonhos podem nos revelar muito sobre nossas vidas — Sara disse, embaralhando as cartas. — Por acaso não gostaria de tentar?

Antes mesmo que concordasse com o sugerido, uma exigência foi feita para que eu contasse qualquer sonho recente que havia tido. Contei com detalhes os pesadelos que tinha quando morava na floresta. Ela permaneceu um tempo em silêncio como se interpretasse cada pedaço de tudo o que eu revelara.

— Em seus sonhos enxergo a realização de algumas conquistas, uma série de dificuldades... — ela dizia,

entortando os lábios. — E nitidamente todo o trajeto que percorrerá em busca da metade do medalhão.

— E sobre o amor, não revela nada? — anunciei, por ser o assunto que mais me interessava no momento.

— Os seus sonhos revelam que seu coração será entregue nas mãos de dois cavalheiros, mas apenas um deles será o seu amor verdadeiro — ela proferiu rapidamente.

— Como um coração poderá ficar dividido entre dois amores? Não acho que seja algo conveniente. Possivelmente a sua interpretação dos meus sonhos deve estar completamente equivocada — revelei, com um nervosismo aparente.

— A probabilidade de erro é mínima — ela respondeu confiante.

— Estou bastante temerosa com o que acabou de me revelar.

— Não se pode temer o desconhecido.

Sara continuou a conversa relatando todos os fatos que considerava de extrema importância. Segundo a minha simpática nova amiga, eu precisava ter o conhecimento das inúmeras coisas existentes no mundo sobrenatural.

Depois de um tempo, ela se levantou da mesa e apanhou uma maçã verde na cesta de frutas. Com autoridade, entregou-me a fruta, tornando impossível proferir um não. Abocanhei a superfície brilhante, experimentando o líquido doce solver em minha boca.

— A senhora vive aqui sozinha? — indaguei, mastigando a maçã.

— Vivo com as minhas plantas, os meus animais, as minhas dúvidas... No fundo, no fundo, nunca estamos sozinhos — ela murmurou, sorrindo.

— Voltei para Lanóvia precisamente há um dia; antes vivia na floresta de Hans... Talvez fosse melhor que tivesse continuado por lá — ponderei, mordendo mais um pedaço da maçã.

— Aqui viverá os dias mais felizes e mais tristes de sua vida — Sara disse com convicção, segurando a minha mão.

— Nossa! — respondi, levantando-me da cadeira e abandonando o resto da maçã deliciosa sobre a mesa. — As suas palavras me assustam cada vez mais.

— Não tenha medo de lutar por aquilo que acredita — ela murmurou, concentrando a atenção em mim.

— Engraçado... Fala exatamente como a minha mãe — completei, seguindo em direção à porta.

— Poderá contar comigo sempre que precisar — Sara comentou solícita.

Agradei o apoio com um sorriso e caminhei em direção à porta.

— Primeiro a minha mãe fala de uma batalha grandiosa, agora a senhora confirma esse embate — disse, estreitando os olhos. — Precisarei de toda ajuda possível.

Comentei, abandonando a choupana e seguindo até meu cavalo, que se alimentava com um pouco de grama.

— Antes preciso lhe dar um conselho... — Sara comentou, franzindo o cenho. — Não trave uma batalha dentro de si. Permita que a vida siga o seu caminho natural. Não se lamente, não entristeça, qualquer que seja a situação.

— Farei todo o possível — respondi, enquanto montava em meu cavalo.

— A tristeza nos enfraquece — Sara pronunciou com calma, repousando a mão ao lado do peito. — Nas horas de desespero, arranque força do fundo de sua alma e prossiga com o seu desígnio, perseverante em sua fé.

— Por acaso tem ideia de quando a batalha acontecerá? — murmurei, equilibrando o tronco por conta do movimento inesperado feito pelo animal.

— Não se sabe o dia, nem mesmo a hora... — ela fez uma pausa, vislumbrando o crepúsculo. — Apenas seja forte... Forte exatamente como ele.

— De quem a senhora está falando? — murmurei admirada.

— Estou falando do seu destino... — Sara disse, sustentando um sorriso que de certa forma me acalmava. — Procure não se enganar... Somente um deles é o seu amor verdadeiro.

Sorri, controlando as rédeas do cavalo, mas minha vontade era regressar o mais rápido possível para casa.

Depois de um breve tempo de cavalgada, admirei o céu, defrontando-me com a lua cheia cintilando. O canto de alguns pássaros noturnos ecoava a distância naquela escuridão que curiosamente não me assombrava. Pela estrada apenas o som abafado da pata do cavalo tocando o chão de terra. Dentro de mim, traços de um silêncio quase reconfortante.

Poderia fugir da sina que me aguardava, entretanto não ambicionava aquilo verdadeiramente. Era um futuro que se

mostrava bastante assustador, mas que ainda assim gostaria de vivê-lo, desejava experimentá-lo com avidez até a última gota. Ponderei que as melhores coisas da vida acontecem... Inesperadamente.

Ao deixar a minha casa no início daquela tarde, idealizei que seria apenas mais um passeio comum, somente mais uma tarde rotineira, no entanto me enganei. Aquela tarde aparentemente corriqueira havia me proporcionado encontros que transformariam absolutamente tudo.

Cavalgava acompanhando com serenidade o ritmo daquele acalento tão costumeiro, enquanto perguntas praticamente sem respostas se emaranhavam em minha mente. *Seria mesmo Hulter o Emissário da Noite? Qual teria sido o sacrifício do rei Henrique? Por quanto tempo suportaria ficar longe dele? Por quanto tempo?*

a visão

Quando finalmente cruzei a entrada da vila, a noite escura recobria o firmamento. Adentrei pelo estábulo com rapidez, tentando diminuir os rastros da minha escapada. Não demorei a perceber uma movimentação nada peculiar do lado de fora, interferindo naquela que era a principal característica da vila: o sossego.

Deixei o cavalo em segurança e, com receio, testemunhei os berros de meu pai. Ele dava ordens expressas a um rapaz alto, que apenas balançava a cabeça positivamente. Aquele desespero desmedido obrigou-me a perguntar o que havia ocorrido em minha ausência a um garoto que se aproximou. O menino relatou que a irmã “inconsequente” de Felipe estava desaparecida desde muito cedo, e que o fato havia levado metade dos homens da vila a uma procura incansável pela garota. Após escutar o relato do garoto, julguei que teria sido mais coerente de minha parte ter avisado sobre o passeio.

Avistei o instante em que Felipe atravessou a entrada da vila acompanhado por seus amigos, que utilizavam tochas para iluminar o trajeto. Assim que meu irmão observou o meu contorno em frente ao estábulo, devastou-me com seu olhar de total reprovação pelo meu comportamento.

— Espero que esteja feliz com esse tumulto! — ele ralhou, caminhando devagar até o estábulo, segurando o

cavalo pelas rédeas. — Era sobre esse comportamento inapropriado a que me referia quando pedi que não se envolvesse em confusões — Felipe proferiu, a fim de que todos ouvissem. Envergonhei-me em presença da situação desconfortável. — Um desgaste totalmente desnecessário.

Felipe entrou no estábulo, enquanto meu pai descia as escadas da varanda com uma expressão agoniada.

— Liv... Por onde andou, minha filha? — meu pai indagou, demovido pela preocupação, abraçando-me em seguida.

— Pai... Fui apenas dar um passeio pelas redondezas — murmurei sem graça com os olhares que se lançavam sobre mim. — Eu costumava fazer passeios como esse pelo lado sul da floresta de Hans. Não imaginei que causaria tantos transtornos.

— Mas causou! — Felipe grunhiu, saindo do estábulo. — Agradeço pela ajuda de todos na tarefa desgastante de procurar a minha doce irmãzinha — a ironia arrebentou dos lábios volumosos. — Gostaria de pedir desculpas pelo tempo perdido inutilmente.

— Felipe... Não precisa se desculpar por nada — o rapaz alto com pele de ébano, que conversava com o meu pai minutos antes, obtemperou com pressa. — Estamos contentes porque nenhum mal se abateu sobre a sua irmã.

— Carlo... Ainda assim agradeço pela ajuda! — Felipe declarou educadamente, voltando os olhos ao meu pai. — Se meu pai tivesse ficado menos angustiado com o sumiço de Liv, com certeza teríamos evitado toda a agitação em busca de alguém que, pelo visto, não queria mesmo ser encontrada.

Estreitei os olhos mordendo os lábios com força, claramente irritada com os comentários de Felipe.

— Pai... Não precisava ter causado tanta agitação — considere com acanhamento por conta do sumiço. — Estava apenas conhecendo a região. Quando morava na floresta passeava praticamente todos os dias.

O meu pai segurou as minhas mãos com firmeza, passando os dedos em meus cabelos com amabilidade, enquanto Felipe sustentava uma expressão que revelava nitidamente: *“Gostaria de apertar o pescoço dela”*.

— Na floresta estava mais segura do que aqui em Lanóvia — o meu pai me advertiu. — Eu prefiro que não saia sozinha — ele discorreu, com autoridade na voz.

— Por que não posso sair sozinha? — disse, considerando a decisão um pouco exagerada.

— Papai... O senhor devia permitir que Liv saísse sozinha quando desejasse — o sarcasmo recobria a voz de meu irmão. — Quem sabe num desses passeios revigorantes ocorra um adorável encontro com os temíveis midrões. Seguramente os selvagens a arrastariam até a mata e com certeza a sua permanência naquela tribo seria no mínimo aprazível — ele prosseguiu irônico. — Passaria os dias trabalhando como escrava e as noites satisfazendo todas as vontades dos maiores guerreiros midrões. Parece algo muito divertido, não é mesmo?

Meu pai mirou Felipe com censura por conta da sugestão.

— Por que não me conta como foi o passeio? — meu pai sondou, abrindo a porta devagar e buscando amenizar a ironia de meu irmão.

— Passei a tarde naquele morro próximo à cidade — revelei, notando seu interesse em minha aventura. — Assisti ao regresso do exército do príncipe Franco.

— Imagino como os soldados deveriam estar orgulhosos por mais uma conquista — a altivez espalhou-se por sua voz.

Ele iniciou uma daquelas conversas sobre as vitórias espetaculares do exército de Lanóvia. Decidi seguir até o meu quarto porque precisava descansar, e escutar os relatos sobre as conquistas do príncipe Franco seria algo que dificilmente conseguiria suportar.

Dentro de minha cabeça aborrecida pelas duras críticas de Felipe, idealizei a volta do exército do príncipe Franco para casa. Faria qualquer coisa apenas com o propósito de esquecer as ironias maçantes do meu irmão.

Pensei nos inúmeros acontecimentos possíveis naquele retorno dos soldados após um período tão longo de batalhas. Imaginei um reencontro animado daqueles que tinham famílias, o abraço caloroso daqueles que possuíam filhos, a felicidade de regressar aos braços da mulher que amavam.

Conjecturei que o regresso do príncipe Franco certamente deveria ter sido um pouco diferente, principalmente se considerasse que o sujeito era o temido “Príncipe sem Coração”; sendo assim, a minha imaginação relevava que ele seria alguém desprovido de qualquer relação de afeto.

Experimentei uma luz intensa brotar do meu corpo sem nenhum controle. Tive a percepção espantosa de que a minha alma havia deixado o corpo temporariamente, e ela

tornou-se certa quando visualizei a cama preenchida pelo meu corpo rígido.

A minha mente dissipava milhares de pensamentos que me permitiam vivenciar a sensação explícita de que flutuava em direção ao castelo. Era impossível manter sob domínio a força espantosa que escapava de minhas mãos e iluminava com cores intensas aquele caminho... Algum tempo depois distinguia nitidamente o som de vozes.

— Franco... — a voz requintada de uma mulher saudava a entrada do príncipe. — Parece ainda mais forte do que quando nos deixou.

Discerni com dificuldade uma sala aparentemente luxuosa enquanto tentava controlar inutilmente as sensações daquela fluidez. O príncipe caminhou com passos vigorosos até uma mesa localizada bem ao centro. Encarei, sentadas à mesa, as duas silhuetas nebulosas, por conta das minhas vistas embaçadas; infelizmente não enxergava os seus rostos.

— Tem certeza de que lhe pareço mais forte? — o príncipe Franco indagou, com leve desconfiança. — Curiosa a sua opinião, minha mãe, pois houve momentos em que precisamos racionar a comida — a voz surgiu com um sorriso.

— Não imagina como sentimos a sua falta neste castelo — ela murmurou, aproximando-se para abraçá-lo. — Seus irmãos não aguentavam mais essa distância forçada de você.

— Onde eles estão? — o príncipe perquiriu, colocando algo reluzente como uma espada em cima da mesa. —

Também não suporto mais carregar a saudade que sinto deles.

Era estranho reconhecer que o “Príncipe Sem Coração” demonstrava alguma espécie de sentimento.

— Logo eles estarão conosco — a rainha pronunciou, sem retirar a face da direção em que ele estava. — Perdemos muitos soldados? — a pergunta surgiu logo após ela erguer uma taça de prata cintilante.

— Como em toda guerra! — ele respondeu com frieza. — Nós tivemos as nossas baixas, mas que não poderão ser consideradas em vão porque conseguimos a vitória — a sua voz fazia crescer o meu desprezo. — A cidade de Abrante faz divisa com territórios extraordinários... Ela estava sem governo há bastante tempo, não permitiria que os acarianos se apropriassem daquelas terras.

— Não me sinto confortável quando precisa enfrentar os acarianos — a rainha sustentava certo temor; o salto do seu sapato estalou no assoalho de madeira por conta da inquietação. — Aqueles homens são tão rudes e inescrupulosos!

— Hesdras não mede as consequências para alcançar o poder — o príncipe concordava com o receio da mãe. — Dizem que planejou a morte do próprio pai para chegar ao trono de Acária... — ele permaneceu em silêncio por um breve instante. — Preciso confessar-lhe que tenho sérias intenções de conquistar aquela terra também!

— Não os provoque, meu filho! — a rainha o aconselhou num tom sério.

— Dizem pelas redondezas que os acarianos têm procurado uma forma de conquistar os nossos territórios — o príncipe explicou os motivos para a antecipação ao ataque. — Não permitirei que Hesdras consiga realizar tal feito... — o príncipe girou o pescoço em minha direção; ele respirou fundo, como se notasse a minha presença. — Os acarianos são... Perigosos... Preciso planejar um ataque antes que eles nos destruam.

O príncipe prosseguiu a conversa anulando a ideia de que percebera a minha observação inapropriada da conversa alheia.

— Franco... Sabemos que é o melhor guerreiro da região — a rainha afirmava sem hesitação. — Tenho certeza de que a sua vitória seria certa se acarianos ousassem nos atacar.

— Não carregue tanta certeza assim — sua voz debelava grande seriedade. — O excesso de confiança pode nos fazer perder uma guerra. Os acarianos não possuem regras, não respeitam os inimigos e sustentam com orgulho péssimos intuítos.

Mesmo com a falta de nitidez, notei quando a rainha apoiou os cotovelos sobre a mesa, unindo as mãos embaixo do queixo num sinal de preocupação.

— Péssimos intuítos? — ela conteve a extensão da pergunta, por receio da resposta.

— Os acarianos querem se apoderar do medalhão — ele respondeu, observando a mãe ficar cabisbaixa.

— Não! — ela foi categórica. — Meu filho... Não permitiremos que isso aconteça. Uma conquista dessas destruiria tudo ao nosso redor.

— Reconheço que não posso permitir tamanha perturbação, mesmo abominando o assunto — ele disse, com uma preocupação evidente e girando a cabeça na direção em que eu estava. — Estou aguardando há muito tempo para confirmar a história contada tantas vezes por meu pai... Se esse artefato tiver mesmo tanto poder, saiba que preparei o exército de Lanóvia para evitar a sua conquista pelos inimigos — a porta da sala se abriu, fazendo com que o rumo da conversa se modificasse. — Veja só quem chega iluminando o ambiente... Duvido que a personificação de qualquer Etérea seja mais bela do que a minha irmã.

A princesa Norah adentrou com calma, deixando o seu perfume inebriar o ambiente.

— Não zombe dos Etéreos... A força que possuem é poderosa o suficiente para lhe aplicar um bom castigo — a moça recomendou consideração por aqueles seres sublimes.

— Norah... — ele pronunciou, dando uma gargalhada sarcástica. — Não temo nada, nem a ninguém, e temerei muito menos seres que não tenho certeza se existem realmente — ele suspirou enfadado. — Quem os viu? Um bando de sacerdotes e sacerdotisas que beiram a loucura com suas profecias insanas.

— Agora tenho plena certeza de que será mesmo castigado — ela fez a observação aproximando-se do irmão. — O nosso pai os viu... Sabe o quanto ele sempre exigiu respeito de nossa parte.

— A sua irmã tem razão — a rainha advertiu, aparentemente incomodada com o diálogo.

— Esse assunto me irrita profundamente — o príncipe Franco fez questão de ressaltar o desconforto. — Por acaso não sentiu saudades de mim?

— Claro que senti saudades! — Norah confirmou, beijando-lhe a mão com afeição. — A sua presença é muito importante por aqui... Andreas é absurdamente irresponsável; ele não seguiu nenhuma das suas instruções.

— Irresponsável? — o príncipe Franco indagou com zombaria. — Acho que essa palavra não o define perfeitamente... — uma pausa acabou sendo feita como se fosse necessária para recuperar a concentração momentaneamente perdida. — Onde... Onde está Andreas?

Alguns passos arrebataram firmes pelo assoalho, desviando totalmente a minha atenção à figura elegante que entrava no espaço. O príncipe Andreas tinha uma aparência deslumbrante, mesmo tendo os meus olhos recobertos por uma atmosfera nebulosa.

— Estou bem aqui, meu irmão... E não pude deixar de ouvi-la, querida Norah — Andreas declarou com cautela.

— Não acho que Andreas seja irresponsável... Reconheço que às vezes lhe falta um pouco de juízo... — Franco pronunciou, para evidente desagrado de Norah, que balançava a cabeça negativamente. — No entanto, precisamos reconhecer que Andreas possui um coração grandioso.

— Dizem que o seu coração repousa em meu peito — Andreas sibilou, apanhando uma fruta que enfeitava a

mesa.

— Deve ser mesmo verdade — ele concordou, sem argumentar qualquer defesa, observando os criados servirem o jantar.

— O seu coração está nas mãos do seu destino! — Norah proferiu com discreta firmeza. — Pelo menos é o que diz uma das antigas profecias que compõem as areias da vida.

— Não acredito nestes disparates — ele sustentou irritado. — Não existe nada em meu peito além do desejo de ser rei... E as emoções muitas vezes nos desviam dos nossos reais objetivos.

Era inaceitável presenciar a forma como o príncipe Franco admitia com alegria o fato de ser alguém que não carregava nenhuma emoção.

— Conte-me tudo o que aconteceu durante a batalha — Andreas solicitou com empolgação. — Precisa me ensinar seus golpes majestosos, para o caso de sua morte.

— Andreas! Não discorra as suas bobagens! — a rainha recomendou ríspida. — Seu irmão é protegido pelos Etéreos.

— Não sou protegido pelos Etéreos — ele disse, sem disfarçar a arrogância. — Sou protegido pela minha força e pela sabedoria que me foi passada por meu pai e pelos conselheiros.

— Franco continua ofendendo os Etéreos — Norah expôs com certa impaciência, enquanto ele demonstrava uma distração inesperada. — Temo por seu castigo!

— Aconteceu alguma coisa importante enquanto estive fora? — Franco disse, ignorando a intimidação feita pela irmã.

— Sucedeu-se um pedido de casamento um tanto repentino — a rainha explicava o que ocorrera na ausência dele.

— Por acaso pediram a senhora em casamento? — Franco apurou, espalmando as mãos com alegria por conta do gracejo.

— Sua irmã foi pedida em casamento — a rainha enunciou, sem empolgação.

— Que louco se atreveu a isso?! — ele expôs com uma falsa exaltação, no intuito de irritar a irmã. — Casar-se com Norah seria prejuízo na certa. Este pobre homem tem riqueza suficiente para cobri-la de joias?

— Não sou tão interesseira como pensa — Norah resmungou. — Se estivesse apaixonada me casaria até com um feirante.

— Norah... Somos da realeza. Feirantes não nos cabem! — ele replicou. — Não acredito que o conselho aceitaria o envolvimento da nobreza com a plebe... Particularmente, nunca me envolveria com uma plebeia, pois com toda certeza as diferenças sociais fariam a nossa relação ser fadada ao fracasso. Mulheres sem educação, sem elegância, além do mais, não perderia o meu trono por uma mulher qualquer.

Ao escutar aquelas palavras, considerei que o príncipe Franco era realmente mais desprezível do que pensava.

— Franco, meu caro irmão... Já está ficando velho... — Andreas pronunciou com o riso contido. — Deveria procurar alguém para estabelecer uma união estável, alguém que pudesse gerar os seus filhos e ser sua companheira.

— Escutem uma coisa... — ele declarou, passando os dedos entre os cabelos. — O casamento somente será bem-vindo quando tiver alguém ou algo muito importante em jogo. — Franco assumiu sem nenhuma vergonha da sua sordidez. — Preciso conseguir boas alianças.

— Fala do casamento como se fosse um negócio! — Andreas considerou, com crítica.

— E ainda me toma por interesseira! — Norah expôs num tom vingativo, soltando o garfo bruscamente sobre o prato. — Sempre faz tudo tomado por segundas intenções.

— Agora todos me julgam, no entanto saibam que faço pelo nosso bem... Pela nossa proteção — ele colocava com arrebatamento os seus motivos. — É muito importante conquistar novas terras e sempre se aliar àqueles que são mais poderosos... E se os poderosos tiverem filhas bonitas, creio que as alianças se tornem melhores ainda. — Franco ficou em silêncio por um breve momento, depois prosseguiu. — E como tem passado o povo desta cidade?

— Franco, as pessoas têm reclamado dos impostos — o príncipe Andreas disse com rapidez, como se não tivesse ponderado o que articularia.

— Os impostos existem para serem utilizados na manutenção da segurança — a resposta dele foi ainda mais rápida. — Os impostos cobrem os custos de tudo que precisamos para não sermos facilmente conquistados.

— Poderíamos diminuir um pouco — o príncipe Andreas argumentava em favor do povo.

— Não... Não poderíamos e não diminuiremos — ele proclamou aquelas palavras sem nenhuma comoção. — As

coisas relacionadas à redução de impostos foram plantadas nas pessoas pelos *Insurrectos*!

— Conseguiu descobrir quem são esses revolucionários?

— Norah disse, com aparente preocupação.

— Eles não são revolucionários, são apenas agitadores — o príncipe Franco anunciou, com raiva. — Algo me diz que Felipe, o ferreiro daquele vilarejo aqui perto, estaria envolvido com esses rebeldes.

Experimentei um frio na barriga ao ouvir o nome de meu irmão.

— O Felipe que forja parte das espadas do exército? — a rainha parecia não acreditar em tal afirmação.

— Sim... Ele mesmo, minha mãe — a voz do príncipe Franco respingou ríspida de raiva. — Da última vez que nos atacaram eram poucos homens, mas tinham um bom armamento. Eles pareciam saber precisamente em que estrada passaríamos — ele apontou com desconfiança. — Alguns dias antes, Felipe conversou com alguns soldados, e um deles me garantiu que descreveu em detalhes o deslocamento que faríamos ao ferreiro.

— O que os *Insurrectos* pretendem? — Norah parecia interessada no assunto, pois a sua voz brotou num tom de preocupação.

— Norah, eles aspiram um representante do povo governando junto com a realeza — o príncipe Franco proferiu as palavras com indignação.

— Talvez fosse justo que realmente houvesse um representante do povo no poder — ela desvelou, sem nenhum acanhamento.

— Justo? — ele indagou, dando uma gargalhada. — Norah, nós fomos escolhidos — a frase fez o meu coração disparar. — Os nossos ancestrais lutaram e morreram por tudo o que temos hoje. Não me parece justo ter que dividir o controle de tudo.

— Por que ainda negocia com Felipe? — Andreas fez a pergunta com uma voz impregnada de desconfiança.

— Andreas, ninguém faz espadas como ele e o senhor Raul — Franco disse, apontando a espada que se encontrava sobre a mesa. — São as melhores da região!

— Dizem pela cidade que Felipe tem uma irmã que é bruxa... Que a garota é muito poderosa — Andreas contou, sorrindo com leveza; em seguida, apoiou o antebraço na enorme mesa.

Aquela referência permitiu o desejo de movimentar discretamente a minha essência em direção às janelas.

— O povo sempre cheio de crenças! — Franco zombava. — Acreditam em inúmeros absurdos. Andreas, deveria circular menos em meio ao povo, quem sabe assim não deixa de acreditar em tantas asneiras!

— Outro dia, estive pela cozinha e escutei uma das cozinheiras contando que a moça seria filha do ferreiro Raul com uma Etérea — Norah descreveu os fatos verdadeiros.

— Norah... Deveria andar menos na cozinha — Franco pronunciou num tom baixo, mas ainda sustentava certo domínio.

— Franco... Não sei como pode não acreditar em coisas tão incríveis que ocorrem tão junto a nós. — Norah articulava as palavras como se considerasse absurda a

postura do irmão. — Existem muitos filhos de Etéreos em nosso mundo.

— Norah, não tenho tempo a perder com tantas bobagens! — Franco anunciou, com agastamento. — A maioria dessas histórias faz parte da crendice popular daqueles desocupados do mercado ou da feira. Como podem acreditar que um homem teve uma filha com uma Etérea? — ele indagou com aversão. — Os Etéreos jamais desperdiçariam o seu precioso tempo envolvendo-se com meros mortais. Talvez essa tenha sido a desculpa que o senhor Raul encontrou para não ter uma punição por causa de um filho fora do casamento.

— Eu tenho vontade de conhecê-la — Norah confessou, de forma acalorada.

— Não tem medo que ela lhe lance um feitiço? — o questionamento de Franco surgiu jocoso.

— Claro que não — Norah pronunciou firme. — A moça deve ser no mínimo interessante. Será que ela é humana? Por que o pai a criou fora de Lanóvia?

— Como podem acreditar em histórias sobre uma mulher que nunca viram? Tudo não passa de lendas, assim como as sereias... Estive em diversos rios, naveguei por tantos mares e nunca apareceram para mim.

— De repente, as sereias não o julgaram especial... — o príncipe Andreas disse, balançando o pescoço.

— Engraçado... — o príncipe Franco avaliou, com um sorriso que me provocou náuseas. — O que um simples ferreiro teria de tão especial para ter uma filha com uma Etérea? — ele questionou.

— Crianças... — a rainha interrompeu a conversa. — Devemos nos concentrar em nosso jantar.

Senti uma pressão avassaladora assim que voltei a perceber o meu corpo. Acordei como de um sonho, onde ouvia vozes, mas não podia enxergar com clareza os rostos; parecia que minha imaginação havia me levado muito longe.

Sentime enfraquecida, tonta, sem saber se realmente tinha ouvido vozes ou se aquela conversa seria apenas fruto da minha fantasia. Tentei levantar da cama, mas as forças haviam desaparecido do meu corpo. Permaneci deitada por um tempo impreciso, buscando encontrar explicações para aquela estranha visão, contudo nada se esclareceu, mesmo com o passar da semana.

Os dias custavam a passar, eles quase se arrastavam.

Em nossa casa, nenhuma grande mudança: a indiferença persistente de Felipe, a preocupação excessiva do meu pai, a doçura calorosa de Liana e a atenção esperada de Ama.

A monotonia promovia um dilacerar ansioso em meu peito, que aguardava pelo encontro com o acaso. Não respirava como antes, não me sentia como antes, não vivia como antes... Tudo se resumia em um anoitecer cinzento porque o meu destino não se encontrava ao meu lado. Vivenciava um desmoronar inexplicável de emoções por conta da ausência daquele completo estranho. Um sentimento forte e vivo repousava em meu corpo, descansava em minha mente, habitava em minha alma: o desejo de vê-lo.

— O senhor irá até a cidade amanhã? — disse, adentrando a cozinha inesperadamente a ponto de fazer meu pai assustar-se.

— Com toda certeza não irei, mas seu irmão certamente precisará seguir até a cidade — ele uniu as sobrancelhas com uma desconfiança aceitável. — Por que tanto interesse?

— Será que Felipe estaria disposto a levar-me a um passeio? — inquiri ansiosa, enquanto observava todo o receio provocado pela pergunta.

— Não acho que seja uma boa ideia — meu pai pronunciou firme, destruindo os meus planos. — Felipe irá o castelo com a intenção de fazer negócios — ele explicou, erguendo uma caneca de argila.

— Então... Felipe se encontrará com os soldados? — perguntei, arregalando os olhos.

— Isso mesmo — ele pronunciou, como se quisesse finalizar o assunto, mas, para o meu estranhamento, prosseguiu. — Por esse motivo não acho conveniente a sua presença.

Ignorei a opinião de meu pai quanto à minha aproximação com os soldados e segui até o meu quarto sonhando com a possibilidade de ter uma boa-noite de sono.

Quando os primeiros raios de sol entraram pela janela, ergui o corpo da cama com agilidade. Precisava lavar o rosto em busca de alívio para a forte tensão que persistia sobre os meus músculos, por causa da noite praticamente em claro.

Ouvia claramente a minha respiração acelerada por conta do silêncio que dominava o ambiente. Depois de algum tempo, um barulho vindo do lado de fora da casa assustou-me, mas não me impediu de averiguar do que se tratava. Pela janela lateral da cozinha, notei a chegada de um rapaz numa carroça.

O garoto esguio de nariz avantajado guiava o cavalo da carroça clamando por uma quietude que julguei impossível; era espantosa a sua total falta de jeito com o animal.

Abri com cuidado a porta do fundo e saudei animadamente o visitante.

— Bom dia! — disse, sob o olhar sobressaltado do rapaz.

O susto determinou a derrubada descontrolada de metal por toda parte. Aquela balbúrdia foi suficiente para provocar o despertar de todos os moradores da casa, no entanto apenas o meu irmão apareceu para ver o que acontecia.

— Nicolau... Este barulho todo me assustou! — Felipe declarou com calma, esfregando os olhos.

— Assustou-se? Então quer dizer que se assustou — o garoto disse, sacudindo os cabelos claros. — E o que eu digo? Eu é que estou profundamente assustado com a presença dessa moça ao seu lado — o rapaz se explicava, apontando em minha direção. Era como se me julgasse uma espécie de assombração. — Quem é essa garota?

— Receio que precisará se acostumar com a presença dela aqui em casa — ele preveniu com desagrado a constatação. — Nicolau... Essa é a minha irmã Liv — Felipe nos apresentou de maneira polida.

Gentilmente, o rapaz estendeu a mão trêmula para me cumprimentar, recordando-se rapidamente da minha existência.

— Chegou bem cedo! — Felipe mencionou admirado, abrindo a boca buscando espantar o sono.

— Depois de tantos dias ausente por causa do resfriado, precisava compensar de alguma forma — ele justificava as faltas. — Além do mais, soube que o príncipe Franco retornou de Abrante. O exército, com toda certeza, está precisando de armas novas e de conserto para as antigas — Nicolau ponderou, demonstrando interesse pelo trabalho.

— Coloque a sela em meu cavalo, ofereça-lhe um pouco de água e comida, depois arrume a carroça — Felipe disse pacificamente. — Tomarei um banho rápido e seguiremos até a cidade.

Entrei na cozinha com a intenção de aprontar um lanche que eles pudessem comer durante o trajeto. A lenha queimava flamejante quando coloquei o pequeno caldeirão no fogo com a intenção de cozinhar alguns ovos. Esquentei o leite adoçando com mel numa proporção exata ao paladar de meu irmão. Cortei o pão fresco em quatro pedaços, espalhando geleia de figo e pedaços de queijo por cima.

Não conseguia deixar de escutar o eco dos sons produzidos por Nicolau no estábulo. Considerei que isso dificultava o meu planejamento com relação a encontrar uma forma de convencer Felipe a me levar para um passeio.

— Seu amigo não quer comer alguma coisa? — sondei, contida, assim que Felipe retornou à cozinha. — Prepararei um lanche para os dois.

— Por que tanta gentileza, Liv?— Felipe inquiriu com suspeita.

— Por que me odeia tanto? — indaguei com certa irritação; estava farta da sua indiferença.

— Essa não é a questão — ele retorquiu, sem esconder o tom raivoso de sua voz. — Apenas sei reconhecer quando uma pessoa nos trará problemas.

— Eu não quero causar problemas — o tom sério em minha voz mostrava a sinceridade do que dizia. — Eu amo essa família!

— Não nos causará problemas intencionalmente, mas considero que isso certamente será algo inevitável — Felipe contestou, assumindo a mesma seriedade.

Nós éramos irmãos e competia a Felipe a tarefa de me oferecer proteção. Pela primeira vez, estava descrito em seus olhos que ele não me odiava verdadeiramente, apenas carregava o receio pelos infortúnios que poderiam acontecer comigo.

— Felipe... Sei me defender — assegurei com aparente calma. — Por mais que pareça frágil, acredito que tenho capacidade de enfrentar as adversidades que nos cercam — discorri de forma honesta. — No lado norte de Hans por diversas vezes deparei-me com o perigo.

— Pode ter certeza de que os homens da civilização são muito piores do que os perigos da floresta de Hans! — Felipe articulou sorrindo, com descrença nas palavras que eu acabara de dizer. Quando levantou-se da cadeira com intenção de buscar o pão em cima do armário de madeira,

eu o acompanhei até o local para convencê-lo de que estava errado.

— Sei que nós fomos criados separados... — enunciei com a voz embargada. — Mas tenho certeza que a situação hostil que persiste entre nós fará a nossa família infeliz... E não é o que queremos, não é verdade?

— Eu não queria que estivesse aqui — Felipe disse sincero, quebrando a casca do ovo perfeitamente cozido. — A vida inteira as pessoas me questionaram sobre você — ele colocou a frase com certa mágoa. — Em todos os lugares dessa cidade as pessoas me apontavam por sua causa. A maioria por aqui acredita na história descabida que meu pai inventou para amenizar a culpa.

Felipe mordeu o ovo com voracidade, extravasando a fúria.

— Nosso pai não inventou nada — defendi o meu pai veemente das acusações. — Tudo o que ele contou à sua mãe realmente aconteceu... E posso lhe provar — a minha voz expressou-se alterada, na tentativa de engolir o choro.

— Chamará sua mãe até aqui? — ele retrucou com ironia, mas ainda restavam traços de dúvidas com relação à inocência de nosso pai devorando a sua mente.

— Sei que achará que sou louca, mas estou disposta a fazer todo o possível para que compreenda de uma vez por todas que o nosso pai não mentiu — a minha voz soou estranhamente amena diante da sua postura azucrinante. — Posso saber exatamente o que se passa em seu pensamento... Se me permitir... É claro — disse sucinta.

— Eu não acredito no sobrenatural — Felipe comentou irritado, balançando a cabeça negativamente. — Então quer dizer que pode ler meus pensamentos... — ele investigou, sarcástico. — Então leia esse aqui.

Felipe pressionou o indicador sobre a têmpora, concentrando-se em seu maior segredo.

— Antes preciso lhe dizer que existe uma condição — reconheci que aquela seria a oportunidade crucial de provar a inocência de nosso pai, mas também era uma maneira de seguir para resolver a questão que me atormentava há dias.

— E qual seria essa condição? — Felipe falou desconfiado.

— Em caso de acerto da minha parte, eu poderei pedir tudo o que quiser — determinei tranquila, porque conseguiria atingir facilmente o meu objetivo. — Combinado?

— Combinado — ele sorriu, por duvidar. — Sei que não acertará mesmo — Felipe replicou confiante, levantando um pouco o queixo.

— Precisaré ser sincero — pedi, imaginando que ele poderia não admitir a verdade.

— Sou um homem de palavra — ele espalmou a mesa.

Felipe voltou a concentrar-se em seu pensamento mais secreto, enquanto me esforçava para não sorrir por causa da minha esperada vitória. As mãos enormes recobriam a sua cabeça como se o gesto fosse capaz de me impedir de realizar a iminente descoberta. O meu coração disparou subitamente e os meus olhos umedeceram em abundância no momento exato em que decifrei cada linha do pensamento que pairava na mente incrédula de meu irmão.

— Felipe... Faz parte dos *Insurrectos*, um grupo que tem sérias intenções de que alguém do povo governe junto com a realeza.

O meu irmão me fitou com assombro, engolindo um pedaço de pão bruscamente.

— Os seus olhos... Os dois... Os olhos... Estão de outra cor! — Felipe se espantou, enrugando a testa. — Que tipo de bruxaria é essa? Como pode saber o que eu estava pensando?

— Não se trata de bruxaria — pronunciei, fazendo questão de esclarecer os fatos. — Os meus olhos assumem um tom diferente todas as vezes que utilizo a minha habilidade. Espero que fique bem claro que não se trata de nenhum tipo de bruxaria.

Observei o meu reflexo na vidraça da janela, notando que os meus olhos voltaram à tonalidade natural, acontecimento que provocou um entusiasmo curioso em meu irmão, que ergueu os braços acima da cabeça.

— Será que podemos tentar mais uma vez? — Felipe indagou, com um ânimo inesperado em sua voz sempre tão séria. — Gostei muito daquela parte dos olhos perolados — ele movimentou o indicador em torno das órbitas.

Concordei imediatamente porque precisava restabelecer uma ligação com meu irmão, e por felicidade aquele momento havia se tornado bastante oportuno. Felipe concentrou-se utilizando vários subterfúgios para confundir a minha leitura; os seus pensamentos se embaralhavam de modo proposital.

— Seus pensamentos estão confusos — analisei impaciente. — Quem é Luna? Ou seria... Catarina! Quem é Catarina?

— Fantástico! — ele exclamou, com os lábios entreabertos.

Contemplei a sua alegria pela manifestação de um dom que ele julgava tão especial, mas sobretudo porque meu irmão havia confirmado uma verdade repetida por nosso pai todos esses anos.

— Estou maravilhado com o que acabei de testemunhar! — Felipe afirmou, animadamente vencido. Em seguida, levantou-se para lavar as mãos numa tina com água. — Pode pedir o que quiser.

— Bem... O meu pedido é algo muito simples... — mordi os lábios imaginando se Felipe acharia o mesmo. — Algo muito fácil de realizar... Gostaria de ir à cidade contigo — disse rapidamente as palavras finais.

Engoli em seco, segurando as mãos entrelaçadas, tentando disfarçar a minha aflição.

— Não acredito que hoje seja um dia apropriado para levá-la até a cidade — Felipe disse com seriedade.

— Nós combinamos! — adverti melosamente. — Eu acertei o desafio.

— Se soubesse que pediria isso, confesso sinceramente que não teria concordado — ele alegou, segurando minhas mãos; aquela era a primeira demonstração de carinho desde que eu havia chegado. — Liv, estou indo ao castelo negociar com o príncipe, e com certeza os soldados estarão perambulando pelo pátio — Felipe prosseguiu a conversa

com um tom preocupado, sem imaginar que era justamente daquilo que precisava para findar a minha agonia. — Aqueles homens são um tanto grosseiros... Receio que algum engraçadinho possa atormentá-la enquanto estiver ocupado. Não teria como protegê-la dos gracejos desagradáveis.

— Por favor, prometo que vou me comportar — anunciei com discreto ânimo. — Estou a tantos dias trancafiada em casa... Tenho convicção de que um passeio me faria muito bem!

— Está bem! — Felipe disse sorrindo, ao testemunhar a minha controlada animação. — Por favor, não se enfeite em excesso... — ele fez uma pausa quando me preparava para deixar a cozinha. O cessar súbito de sua voz inibiu o passo seguinte, tornando possível escutar a orientação que se seguiria após o silêncio. — Esqueça a recomendação estúpida, porque até vestida de trapos continuaria linda.

Havíamos estabelecido uma conexão que deixou o meu pai contente. Ele vibrou de alegria especialmente quando Felipe comentou que me levaria num passeio pela cidade.

Nicolau perguntou repetidamente se meu irmão estava mesmo certo da decisão de me levar até o castelo. Da janela do meu quarto, escutava o rapaz enumerar os perigos inimagináveis que certamente ocorreriam durante a trajetória. Felizmente, Felipe não parecia alguém que pudesse ser influenciado. Mesmo com todos os argumentos convincentes do narigudo, o meu irmão não mudou de opinião.

Desci as escadas da varanda e as minhas mãos tremiam. Lavei a garganta seca com um pouco de água do cantil, buscando encontrar um meio de delongar a permanência na vila. Queria apenas o tempo necessário para ter certeza se desejava realmente aquele encontro tão precoce com o estranho.

Como nenhuma ideia passou pela minha cabeça e o meu irmão gesticulava avidamente para que eu segurasse as rédeas do cavalo, fiz a única coisa possível naquele instante, obedecê-lo.

O meu coração anunciou vividamente pelo bater acelerado que aquele era o dia predestinado, era o dia marcado para um encontro com o destino.

a estranha

Visualizei a estrada magnífica em sua beleza natural. A longa trilha de terra era cercada por árvores em ambos os lados, árvores enormes que pareciam estar naquele mesmo lugar por séculos, árvores que brotavam como as principais testemunhas de diversos acontecimentos. Inclinei o pescoço com prudência para observá-las melhor, concluindo de imediato que elas seriam esconderijos perfeitos para terríveis perigos.

Admirei cada violeta que perfumava e preenchia de encanto um caminho considerado mágico por praticamente todos os moradores do território.

A placidez tão característica daquelas primeiras horas da manhã tornava o canto dos pássaros ainda mais perceptível e demonstrava que os temores de Nicolau com relação a me levar até a cidade não faziam o menor sentido.

— Felipe, preciso lhe fazer uma pergunta — os seus olhos castanhos previam o teor do que escaparia da minha boca. — Quem seria essa tal de Luna? — indaguei, notando que meu irmão devotava toda atenção a mim.

— Prefiro não falar sobre o assunto — Felipe respondeu com irritação ao escutar o nome que ele repetiria a seguir. — Luna... Foi alguém sem importância.

— Alguém sem importância? — Nicolau indagou, retorcendo o nariz enorme.

O olhar de reprovação de Felipe fez com que um Nicolau cabisbaixo desviasse a carroça de algumas pedras que atravessavam a estrada.

— Poderíamos falar então sobre... Catarina? — prosseguia com a investigação.

— Acho que é melhor esquecer Catarina também — Felipe retorquiu, tentando encerrar a conversa.

— Por que não revela o que sente a ela? — o encorajei quanto às suas intenções.

— A Catarina? — ele replicou. — Não... Definitivamente não — Felipe disse com veemência.

— Por que não? — persisti com as indagações.

— Catarina tem muitas posses... Com toda certeza não se interessaria por um ferreiro — Felipe murmurou sem revolta.

— Ela não foi a primeira mulher por quem tive um sentimento e com toda certeza não será a última — ele disse com confiança, rindo um pouco mais alto do que julguei necessário.

— Não? — inquiri sorrindo. — Então quer dizer que por trás desse jeito de cavalheiro cordato esconde-se na verdade um grande conquistador.

— Não sou conquistador — ele defendeu-se sem hesitar. — Quando estou com uma mulher costumo ser fiel... Pena que não possa afirmar o mesmo com relação às mulheres.

O meu irmão prosseguiu com uma série de reflexões sobre o comportamento traiçoeiro de algumas mulheres, enquanto eu sorria sem graça por reconhecer que era irrevogavelmente fiel a alguém que ainda não fazia parte da minha vida.

Experimentei o coração ser convertido num grandioso deserto. Era espantoso perceber que a ausência daquele completo estranho transformava os meus sonhos em poemas inacabados, palavras sem sentido algum.

Ao longe, nos deflagramos com uma silhueta feminina aproximando-se de nós. Uma senhora caminhava a passos muito lentos pela estrada tranquila. A coluna totalmente curvada por conta do envelhecimento dificultava os passos, os cabelos brancos presos no coque largo suportavam a força dos ventos, o olho esquerdo totalmente branco destacava-se na face enigmática, enquanto as mãos sustentavam o peso de unhas enormes. As características eram impecavelmente visíveis mesmo a certa distância, fato que imediatamente considerei curioso.

O calor escaldante parecia ter enganado o meu senso de percepção, pois bastou um piscar de olhos para que me espantasse com a presença da estranha velhinha junto ao meu cavalo. Felipe demonstrou desconforto com a inesperada aproximação.

— Que bela moça! — a sua voz surgiu rouca.

Acalorei os lábios com um sorriso, procurando agradecer o elogio, mas era notório que me encontrava angustiada com o prenúncio inesperado.

— Digna de um grande rei... — o tom que ela usou sugeriu discreta ironia. — As crianças estão indo para a cidade?

— Sim — Felipe respondeu breve.

— Precisam ter cuidado... A mocinha é muito valiosa — as rugas em sua testa amarelada tornaram-se pavorosas

exatamente como o seu sorriso nefasto. — É possível perceber de muito longe quando estamos diante de um mesoetéreo.

— Obrigado pelo aviso — Felipe emitiu amedrontado. — Se não estivéssemos com tanta pressa poderíamos continuar a conversa — o meu irmão fez um sinal com a intenção de apressar o galope. — Quem sabe num outro momento.

— O rapaz parece estar com muita pressa. Aguardem um pouco mais porque tenho uma surpresa... — a velha fez a observação quase como uma ordem. — Deixe-me ver... Estava bem aqui até alguns minutos atrás... — ela abriu um saco marrom, testemunhando as fisionomias transbordarem de medo.

— Temos... Temos mesmo que ir! — Nicolau replicou, segurando as rédeas e impulsionando os cavalos a partirem numa fuga rápida daquela criatura exótica. — Felipe... Não podemos nos atrasar.

A tentativa de escapar foi velozmente frustrada pelo olhar de insatisfação da senhora, e em seguida pelo fato curioso de que os cavalos de Nicolau não obedeceram a nenhum comando dado por ele.

— Um presente para alguém muito especial — ela comentou, exibindo os poucos dentes que possuía em sua boca.

Assim que a figura misteriosa abriu a mão esquerda, os meus olhos curiosos repousaram sobre uma pequena pérola acinzentada que rolava por suas pregas palmares. O brilho extraordinário da peça proporcionou um estado de transe

que tornou qualquer movimento praticamente impossível. A velha desconhecida praticou alguns giros interessantes por entre os seus dedos com a singela peça luminosa. Os nossos olhos se mantiveram firmes naquele balanço que provocava uma incontrolável sensação de acalento.

A criatura notou vitoriosa que as muralhas que defendiam a nossa integridade caíram motivadas pelo som estridente que ecoava das oscilações provenientes do movimento incessante da pérola. Finalmente a velha permitiu que a pérola cintilante rolasse até despencar vagarosamente no chão.

— Protejam-se! — uma voz ecoou de dentro da floresta.

— *Cerum transformem!* — a voz da velha irrompeu assustadora.

A pérola espatifou-se em fragmentos mínimos quando atingiu o solo. De dentro dela uma substância amarelada saiu e moveu-se de forma desgovernada em minha direção.

Nicolau saltou da carroça, caindo inerte sobre um pequeno arbusto. O garoto seguiu a orientação expressa da voz desconhecida que nos acompanhava por trás dos arbustos e que nos alertava sobre o perigo.

De maneira espetacular Felipe atirou-se do lombo do cavalo ao chão arrancando-me subitamente do animal em que estava. Meu irmão segurou-me firme pela mão buscando nos afastar rapidamente da ameaça, porém parecia impossível escapar do que parecia ser magia.

A massa amarela nos seguia mais rapidamente do que podíamos correr. Aquele feitiço poderoso movia-se pelo

terreno seco, provocando desespero e medo diante do que poderia significar o nosso fim.

Não seria possível explicar de forma racional o que os nossos olhos presenciavam. Disparávamos pela linha reta da estrada, entretanto aquele monstro bruto sabia exatamente que deveria nos seguir. A velocidade incalculável com que a massa se movia nos mostrava o intuito transparente de nos devastar.

A velha vibrou quando a cria inanimada da sua maldade nos alcançou subindo por nossos pés de forma tão veloz que impossibilitava a nossa escapada.

Gargalhadas explodiam dos lábios da estranha, enquanto experimentávamos o calor da cera quente recobrir a nossa pele.

Nicolau levantou do arbusto com o intuito de nos ajudar, mas antes mesmo que conseguisse executar o seu feito, a megera ergueu um medalhão cunhado com lua negra em sua direção.

— *Ibidem!* — ela pronunciou com força, fazendo Nicolau paralisar.

— O que está acontecendo? — berrei nervosa.

— Parece algum tipo de magia — Felipe disse, olhando a cera que endurecia em sua perna. — Sua bruxa maldita! Será banida do reino de Lanóvia assim que descobrirem que praticou magia das sombras!

— Não me diga! — o tom irônico tornou-se mais potente. — Seriam as crianças as responsáveis por revelar ao estúpido príncipe Franco que pratiquei uma magia proibida?

— ela sorriu balançando o quadril. — Claro que não... Porque estarão mortos... E os mortos não falam com os vivos.

Após aquela afirmação, soube que tudo poderia estar definitivamente perdido. Queria acreditar numa saída, mas não enxergava como sobreviver ao efeito de uma magia tão poderosa.

Encarei a velha querendo reconhecer a face da inimiga covarde. Odiava a ideia de ser atacada por alguém que escondia o seu verdadeiro rosto.

Olhei para meu irmão com tristeza quando notei a sua tentativa desesperada de arrancar a cera quente que ascendia veloz pelos nossos joelhos. Eu sofria enxergando as palmas de suas mãos ficando cada vez mais vermelhas, e por reconhecer que aquela luta havia se tornado praticamente inútil.

— *Ad excludendum!* — a voz feminina vigorosa penetrou por aquela atmosfera sombria.

Uma forte ventania balançou os galhos secos das árvores, enquanto redemoinhos intensos fizeram a poeira subir. A onda de calor azulada que despontou detrás das árvores se projetou com uma potência suficiente para derreter toda a cera que recobria a metade do nosso corpo.

Ao fim daquele espetáculo inesperado de magia da luz, a bruxaria feita pela estranha tornou-se apenas uma poça amarelada recobrindo o chão, e que pouco a pouco começou a ser sorvida pela terra.

— Não pensem que desistirei! — a velha bradou enfurecida, fazendo uma enorme névoa encobrir a sua desapareição.

Olhamos fixamente na direção de onde surgira a voz da salvadora. Com rapidez me aproximei do local apenas com a finalidade de agradecer, porém presenciei a fuga de um vulto adentrando pela floresta, como se não desejasse nenhum reconhecimento pela proeza.

— Parece que fizeram magia das sombras por aqui! — reconheci a voz de Sara de imediato. — Escutei o barulho da minha casa, apressei-me o máximo que pude, mas pelo que vejo alguém chegou primeiro para salvar a pele de vocês — Sara fez uma breve pausa encarando Nicolau. — Coitado... O pobre rapaz ainda está enfeitiçado — Sara avaliou com graça a postura ofensiva do garoto e ponderou a distância antes de erguer o medalhão dourado com uma lua cheia cravada — Nada que não possa ser resolvido com magia das boas.

Sara pronunciou palavras incompreensíveis que trouxeram Nicolau de volta à vida. Sem perceber que havia acabado de livrar-se do efeito de um feitiço, o rapaz produzia chutes e pontapés em pleno vazio.

— Acabarei com você, miserável! — Nicolau disse, sem abrir os olhos.

— Nicolau... Agradeço por sua coragem, mas por felicidade a bruxa já foi embora — Felipe declarou, buscando acalmar os cavalos.

Nicolau recobrou a consciência e caminhou cabisbaixo até a carroça.

— Sara, o que aconteceu por aqui? — indaguei, sentindo a necessidade de controlar o pânico.

— Fizeram um feitiço que poderia ter transformado os dois em estátuas de cera para sempre. Ainda sinto o cheiro da magia espalhado pelo ar — Sara pronunciou enquanto testemunhava o arrancar de pequenos pedaços de cera grudados em meu vestido. — Por sorte, alguém que os observava conhecia feitiçaria, e de uma forma brilhante desfez a bruxaria.

— Sei apenas que essa pessoa era uma mulher... Não pude ver de quem se tratava, mas seremos gratos eternamente por ter nos salvado de algo tão cruel — afirmei, ajeitando o enfeite de cabelo e dando passos tranquilos até o meu cavalo.

Sara arrancou uma pomada de ervas dos bolsos e com delicadeza derramou boa parte do conteúdo sobre as mãos avermelhadas de Felipe, que não rejeitou a oferta de cura. Provavelmente, a queimadura provocada pela cera ainda o incomodava bastante.

— Precisam tomar todo o cuidado de agora em diante — Sara advertia, guardando o que havia sobrado da pomada. — Os nossos inimigos são cruéis, eles querem a metade do medalhão e estarão dispostos a destruir todos aqueles que lutarão junto ao príncipe.

— Então aquela bruxa estúpida errou feio — Felipe disse, subindo ao cavalo com a intenção de prosseguir viagem. — Em nosso vilarejo não temos nenhum intuito de ajudar o príncipe Franco, não estamos satisfeitos com algumas de suas decisões.

Sara uniu as sobrancelhas.

— Isso é o que pensa! — ela sussurrou inaudível, buscando não provocar Felipe.

Resolvemos seguir a curta viagem sustentando objetivos distintos depois do transtorno ocorrido. Felipe relatou que não deixaria de cumprir o compromisso, porém que faria o possível para não demorar. Nicolau resolveu lanchar, como se quisesse garantir um pouco de força em caso de outro ataque, enquanto eu, bem, eu resgatava a possibilidade avassaladora de encontrar o estranho.

Cavalgava em direção à cidade afastando-me de Sara, mas presenciando os seus acenos insistentes juntamente com os pedidos de cuidado.

— Por um momento acreditei que a bruxa nos destruiria — Nicolau expôs, aparentemente assustado.

— Confesso que também pensei o mesmo. A forma como aquela cera quente ascendia sobre as nossas pernas foi realmente assustador — exprimi nervosa. — Quem será que desfez aquele feitiço?

— Tive a sensação de que conhecia aquela voz — Felipe disse intrigado, esfregando a testa.

Os animais ainda pareciam agitados com o evento sobrenatural.

— Achei muito estranho o fato de a moça não ter permanecido no local para que pudéssemos agradecê-la — revelei, incomodada com a situação.

— Será que a pessoa que nos salvou das mãos nojentas daquela bruxa... Tratava-se de alguém que conhecíamos? — Nicolau disse, coçando o queixo.

— Olhem, a cidade! — Felipe berrou, interrompendo a dedução do garoto.

Contemplar a cidade cada vez mais próxima preenchia o meu coração de uma doce esperança. O brilho do sol tornava a visão ainda mais fascinante do que em todos os sonhos que tivera com aquele lugar.

Desejava veementemente que a intensidade dos raios clareasse todas as ruas, para quem sabe poder encontrá-lo numa pequena transversal silenciosa, e finalmente vivenciar o cessar de minha agonia.

Do ponto em que estávamos, observávamos a cidade com nitidez, avistávamos o contraste de suas pequenas casas com as suas suntuosas construções, como a réplica da Casa do Etéreo Uno. Admirei a luz que emanava da edificação erguida majestosamente numa bela colina.

Curvei o pescoço em direção ao mercado central, com seu desenho arredondado e portas imensas por todo o seu contorno. O movimento intenso ao seu redor possibilitou que a minha atenção repousasse sobre a variedade de produtos ofertados pelos comerciantes.

Respirei fundo quando atravessamos um portão espetacular e adentramos por uma rua estreita e íngreme. Do local em que estávamos era possível visualizar o castelo inteiramente, uma construção muito antiga cercada por muralhas grandiosas e torres descomunais.

As bandeiras azuis tremulavam exibindo o brasão da família real, o desenho da águia com as garras presas a um escudo dourado.

À medida que subíamos a pequena ladeira que nos levaria até o majestoso palácio, percebíamos o aumento significativo na movimentação dos compenetrados soldados que faziam a segurança do local.

Encarei cada rosto inabalável naquela busca vã pelo meu estranho. O desapontamento transfigurou a minha face outrora esperançosa. Experimentei a sensação de conforto novamente quando Nicolau pronunciou animadamente que não havíamos cruzado nem com a metade dos soldados do exército do príncipe Franco.

Quando alcançamos a muralha abissal do castelo, um soldado altivo identificou Felipe com celeridade. O homem berrou com potência de uma das torres frontais, solicitando que abrissem o enorme portão.

O ranger abafado das dobradiças acabou sendo a última coisa que escutei antes de meus olhos se depararem com algo absurdamente luxuoso, algo muito mais magnífico do que havia imaginado.

Toda a estrutura do palácio impactava pela grandiosidade e beleza da construção. Os incontáveis pavimentos de pedras apresentavam em sua parte residencial janelas com vitrais coloridos, as portas de madeira maciça exibiam o esplendor das maçanetas douradas e o ladrilho extraordinário do pátio próximo ao alojamento dos soldados formava a figura resplandecente do sol.

Sorri com deslumbramento diante do jardim majestoso; esfreguei os olhos buscando enxergar com mais clareza as flores de tantas espécies, tamanhos e cores. Os incontáveis

canteiros de tulipas amarelas foram responsáveis por determinar o meu silêncio por um longo tempo.

— Felipe, estou impressionada com tanta beleza — atestei, observando que um dos soldados me fitava com encantamento, tornando impossível ao jovem rapaz concluir a tarefa de fechar o grandioso portão.

— Costumo dizer que o castelo deve ser o lugar mais impressionante da região. — o meu irmão pronunciou, descendo do cavalo e encarando o soldado, que desviou o olhar. — Deixaremos os cavalos por aqui — Felipe apontou a baia de visitantes.

Caminhamos até uma espécie de gabinete ao lado do alojamento. Observei alguns soldados agrupados que faziam o treinamento costumeiro; as duplas revezavam-se durante as lutas, utilizando as armas com as pontas encobertas.

Nicolau tropeçou por três vezes buscando intimidar aqueles soldados que insistiam em lançar olhares inapropriados em minha direção. Felipe girou o pescoço para trás, diminuindo os passos.

— Liv, não os encare muito — meu irmão previniu num tom baixo. — Não quero ter que brigar com ninguém por sua causa.

— Não se preocupe; não haverá brigas por minha causa — retorqui com sinceridade, desistindo de encontrar o “estranho”.

— Confiarei em você! — ele retribuiu sorrindo. — Lembre-se que esses soldados são homens rudes, não os provoque — ele disse em tom ainda mais baixo. — Sem falar que

retornaram há pouco tempo de uma batalha árdua. Imagino que esses homens devem estar desacostumados com a presença de mulheres.

— Venham por aqui — um soldado de expressão fechada nos guiou ao interior do gabinete. — Felipe... O príncipe estava muito ansioso com sua visita.

Não demorou muito até que avistássemos o príncipe sentando numa bela cadeira de madeira forrada por veludo vermelho. O cheiro maravilhoso que tomava conta do ambiente certamente deveria exalar da pele de aparência macia. Os cabelos loiros brilhavam radiantes com a intensa luminosidade que invadia o local. Os olhos verdes acinzentados não se desviavam de mim, enquanto o nariz e a boca se movimentavam em perfeita harmonia, formando o ângulo de um sorriso extraordinário.

— Príncipe Andreas... — Felipe proferiu surpreso, colocando o braço à minha frente, impedindo que me aproximasse. — Onde está o príncipe Franco?

— Franco ainda dorme — ele expôs, com os olhos voltados a mim, ignorando a tentativa de meu irmão de garantir afastamento.

— Raciocinei que o príncipe Franco já estivesse pronto para os negócios — Felipe articulou insistente. — Se soubesse que ainda precisava de descanso teria demorado mais alguns dias para vir.

— Felipe... — o príncipe Andreas disse num tom que repreendia o comentário de meu irmão. — Franco ainda está extremamente cansado da viagem. O conflito de Abrante talvez tenha sido um dos mais difíceis que o meu irmão

precisou enfrentar. Por isso releve o seu pequeno atraso, e não se preocupe porque logo ele estará conosco — o tom da voz indicava que a conversa teria outro rumo. — Quem é a moça que o acompanha?

— É a minha irmã... Liv — Felipe informou num tom sério.

— A irmã bruxa? — o príncipe Andreas indagou, recebendo sem nenhum disfarce a reprovação de Felipe.

— Alteza... Deseja ver as espadas agora? — Felipe desconversava, querendo evitar o desconforto.

— Desculpem a falta de gentileza de minha parte — ele enunciou tão cortês que seria impossível ignorá-lo. — As pessoas dizem tantas coisas sobre ela... Que acabei sendo descuidado com o comentário — ele sorriu com cordialidade, amenizando todo o constrangimento causado pela indagação anterior. — Poderia pedir que a sua irmã se aproximasse mais um pouco? Gostaria de vê-la mais de perto.

Felipe não apreciou a ideia do príncipe Andreas. O desagrado encontrava-se estampado em sua face zangada, no entanto não seria possível negar um pedido tão simples e, mesmo contra a sua vontade, ele fez um sinal para que eu chegasse mais perto.

De perto a beleza do príncipe Andreas realmente impressionava. Ele levantou-se da cadeira no momento em que fiz a reverência. Com a cautela de uma raposa, os dedos suaves passearam sobre o meu rosto, gesto que agitou meu irmão e Nicolau.

— Pela força de todos os Etéreos... Você é mesmo real? — ele exprimiu admirado, retirando os dedos de minha face.

— Acho que sim, Alteza — considereei sorrindo.

— Os seus olhos têm um brilho tão intenso que quase não parecem reais... — ele murmurou, sacudindo a cabeça como se precisasse despertar de um sonho. — A voz impecavelmente aveludada, os cabelos intensamente brilhantes, a pele cintilante como a lua... — Andreas recitou, ainda encarando o meu rosto. — A personificação da perfeição.

— Príncipe Andreas... Todas as criaturas humanas carregam a perfeição porque foram criadas pela Força Divina. Não existe nada de tão especial em mim que não possa ser visto no senhor ou em qualquer outro mortal — repliquei.

— Talvez tenha um pouco de razão! — ele concordou, esboçando um sorriso. — Felipe, precisa tomar muito cuidado com Liv — Andreas alertou meu irmão. — Após conhecê-la de perto ficou nítido pra mim que ela é muito especial.

— Nós estamos sendo cuidadosos! — Felipe repontou brevemente. — Será que poderíamos tratar do que realmente interessa? — o meu irmão queria desviar o foco de minha presença.

— Com toda certeza — a afirmativa determinou a respiração aliviada de Felipe.

A negociação iniciou-se acalorada por parte de Nicolau e meu irmão, porém o encanto que a minha presença causava no príncipe Andreas impedia qualquer conversa coerente da parte do belo rapaz.

Felipe repetia inúmeras vezes as mesmas explicações detestando notar que os olhos do príncipe permaneciam vidrados em mim. Por esse motivo, quando comentei que deixaria o galpão com a intenção de dar um passeio pelo jardim, a sugestão foi rapidamente aceita por meu irmão.

Enquanto passeava tocando com delicadeza as rosas perfumadas, observei sentada em um banco de mármore uma moça que olhava fixamente o salpicar revigorante das águas de uma fonte espetacular. A semelhança com o príncipe Andreas revelou que aquela deveria ser a princesa Norah, sobretudo a escolta de dois soldados logo atrás do banco confirmaria a desconfiança.

Cumprimentei-a calmamente fazendo uma reverência, mas o gesto cuidadoso não foi o suficiente para impedir que a distraída moça se assustasse com a minha presença. Os soldados se agitaram, porém logo perceberam que eu não oferecia nenhum risco à princesa.

— Trabalha aqui no castelo? — a princesa interpelou, intrigada com a minha presença.

— Não trabalho no castelo — respondi com cordialidade.
— Eu me chamo Liv, e estou acompanhando o meu irmão.

Estendi a mão, percebendo por meio dos semblantes aborrecidos dos soldados que o gesto não era apropriado a alguém da realeza, mas a princesa aceitou o cumprimento sustentando um sorriso sincero diante da minha espontaneidade.

— Quem é seu irmão? — ela questionou, estreitando os olhos.

— O... O... Meu irmão é Felipe... Um dos melhores ferreiros de toda a região — retorqui, recebendo o olhar de espanto que esperava.

— A irmã bruxa? — ela interrogou, movendo-se com uma estranha alegria. — Desculpe-me pela falta de educação — ela espalmou a mão sobre o banco. — Sente-se um pouco comigo.

— Estou começando a me acostumar com o título — expus com ironia, sentando no mesmo banco.

— Outro dia mesmo falávamos sobre você — ela comentou, sorrindo com os olhos. — Disse que adoraria conhecê-la.

Ao escutar as palavras de Norah compreendi que a visão do castelo fora algo real.

— Você me parece uma moça normal — ela atestou, decepcionada.

— Sou sim... QUASE NORMAL. Por acaso imaginou que eu tivesse orelhas enormes, garras estranhas e dentes afiados? — emití, sobrecarregando a face por trejeitos; queria evitar questionamentos sobre o “quase normal”.

— Não sei... — ela disse, sorrindo; em seguida ficou pensativa, decidindo qual seria a próxima pergunta. — Liv... É imortal como sua mãe?

— Não sou imortal — respondi a pergunta tranquilamente, porque não me desagradava ter a mortalidade. — Sou tão mortal quanto a senhora.

— Não precisa me chamar de senhora ou princesa. Chame-me apenas pelo meu nome, afinal de contas não é todo dia que encontramos a filha de uma Etérea — ela

expôs, demonstrando que gostaria de estabelecer uma amizade comigo. — Não gostaria de entrar um pouco? Creio que a negociação deve demorar, enquanto espera o seu irmão poderíamos fazer um lanche.

Norah levantou-se rapidamente do banco segurando a minha mão numa clara tentativa de impedir um não.

— Posso lhe apresentar a minha mãe — ela considerou com naturalidade, mas meus olhos se estreitaram diante da possibilidade de conhecer a rainha. — Bem ao contrário do que meu irmão Franco pensa, a minha mãe acredita fielmente na existência dos mesoetéreos e ficaria feliz em conhecê-la.

— Acredito que não estou vestida adequadamente para conhecer a rainha Sophia — contestei, tentando fugir do encontro.

Observei com certo acanhamento a minha túnica de linho branca que se estendia até os tornozelos. Tão exageradamente longa que enchia o meu peito de alegria, pois o comprimento excessivo escondia as minhas velhas botas de montaria. O meu simples vestuário refletia um total contraste com o belo vestido azul turquesa que a princesa usava.

— Como se precisasse estar bem vestida... Algumas mulheres não precisam de muita coisa para impressionar — ela refutou, balançando a cabeça. —Tenho certeza de que a minha mãe não se importará com isso.

Norah guiou-me calmamente até o interior da residência. O castelo possuía instalações ainda mais magníficas internamente. Por instantes, estremeci perante a

possibilidade de ficar perdida em meio a tantos salões. Norah conhecia cada pedaço daquele lugar grandioso como se fosse a palma das mãos.

O encanto dominou-me com a proximidade dos belos quadros decorando as paredes, das peças de tapeçaria enfeitando os corredores e das almofadas que embelezavam o ambiente com classe.

— Norah... Não se perde em meio a tanta grandiosidade?
— indaguei, impressionada.

— Já me acostumei... Quando criança as coisas eram mais complicadas, mas atualmente não me perco mais — ela sussurrou com uma simplicidade admirável. — Acredito que a minha mãe esteja nesta sala.

Seis soldados faziam a guarda no corredor que levava até o lugar ao qual a princesa se referia. Eles não a impediriam de executar a tarefa afoita de empurrar a porta pesada. Na parte de dentro, me deparei com a rainha sorridente assim que avistou a filha.

— Norah... Quantas vezes precisarei pedir para que bata na porta antes de entrar? Às vezes, reuniões importantes podem estar acontecendo — a rainha repreendeu com delicadeza a impulsividade da filha. — Apresente-me a moça que a acompanha — ela inpeliu desconfiada.

— O nome dela é Liv... A irmã de Felipe — Norah respondeu, girando em minha direção e sustentando um sorriso que me acalmou bastante por conta da expressão intrigada da rainha — Felipe... O ferreiro... Liv é aquela moça de quem falávamos outro dia.

— Claro! — a rainha declarou, sem disfarçar a admiração.
— Então Liv não se trata de uma lenda como Franco imagina! — um sinal com a mão direita pedia que me aproximasse.

— Não sou uma lenda, majestade — curvei-me diante dela. — Sou uma súdita leal de carne e osso... Gostaria de dizer que estou lisonjeada por conhecê-la.

— Não fizeram justiça a você — ela pronunciou com circumspecta delicadeza. — Espalharam o boato de que seria uma bruxa, outros afirmavam com veemência de que era uma lenda, mas não espalharam nada sobre a sua beleza.

— Algumas pessoas possuem o péssimo hábito de esquecer as qualidades — explanei, num tom categórico.

— Tem toda razão! — ela concordou, desviando os olhos para a princesa. — Norah... Solicite a um dos soldados que vá chamar Franco. Quero que meu filho veja com os próprios olhos...

— NÃO! — exclamei, num volume desnecessário, antes mesmo que a rainha completasse o pensamento seguinte, pois reconhecia que não disfarçaria a antipatia que sentia pelo príncipe Franco. — Quem sabe outro dia... Preciso voltar ao alojamento agora, pois o meu irmão pode estar preocupado com o meu sumiço.

Deixei a sala imaginando se a rainha teria percebido algum indício do meu incompreensível descontrole com a probabilidade de encontrar o príncipe Franco. Odiava as atitudes daquele homem com todas as minhas forças mesmo sem nunca tê-lo conhecido. Passei a detestá-lo

ainda mais depois da visão que tive do castelo. Gostaria de evitar ao máximo o que considerava um tedioso pesadelo.

O nervosismo sem explicação que dominava os meus olhos embaçados impedia que encontrasse a saída que me levaria ao pátio. Mordi o lábio com força procurando conter o grito de socorro, pois não queria que julgassem como um disparate a minha agonia apenas porque me encontrava perdida naqueles corredores intermináveis.

Após diversas tentativas frustradas de encontrar a saída, escutei o clamor que me faria paralisar.

— Senhorita... Nem mais um passo!

desencanto

Escutei aquele ruído tão peculiar da espada sendo arrancada da bainha, um gesto interpretado pela minha fervorosa angústia como ameaçador e dispensável. Virei cuidadosamente sentindo os meus cabelos balançarem com o movimento precisamente calculado do meu corpo. Precisava evitar qualquer situação que servisse de pretexto para o cavaleiro avançar contra mim. Assim que encarei o seu rosto inexpressivo fui totalmente dominada pela surpresa.

Acorde do pesadelo, imaginei. É óbvio que se trata de um pesadelo, pensei, sentindo as pernas trêmulas.

O homem que enfrentava com desespero naquele corredor imenso, o homem que se tornara o meu pior tormento tratava-se do “estranho” por quem o meu coração procurava. Percebi que a nuvem de poeira havia desaparecido totalmente, porém a nebulosidade de seus sentimentos persistia.

Recordava do rosto milimetricamente anguloso, dos brilhantes cabelos castanhos claros, aqueles olhos num tom indefinido perturbador, algo em torno dos tons de mel e nuances de verde. O estranho era muito mais forte do que a minha mente confusa se lembrava, forte o bastante para devastar todas as adversidades à sua volta.

A altura excessiva de certa forma me abismava, fato compreensível perante a minha estatura mínima, fora dos padrões. O temor provocado pelo amor difundiu-se pela minha espinha sob forma de um frêmito incontável quando encarei a pele bronzeada cintilando como a luz do sol.

Aproveitei todo instante que me pertencia buscando admirar ardentemente cada marca de batalha talhada em sua fisionomia indecifrável. A minha atenção voltou-se especialmente até a cicatriz encantadora no canto superior dos lábios. Aquela linha tênue estremeceu com imprecisão quando os nossos olhos se cruzaram contra nossa vontade.

Ali se encontrava o meu destino carregado pelas suas imperfeições tão perfeitas!

Repousei a manga da túnica pela minha face deslumbrada, fazia questão de impedir que as lágrimas escorressem. A decisão de esconder a minha fraqueza possibilitou que enxergasse primeiramente um pequeno balde com utensílios de jardinagem depositados aos seus pés, e logo em seguida o azul marinho do uniforme repleto de medalhas.

O soldado jardineiro certamente deveria ser de elevada patente, talvez aquele fosse o único motivo para deflagrar tanta arrogância em seu semblante quando o afrontei.

A suspeita quanto à integridade do meu caráter refletia-se em sua agitação desconfiada, espalhava-se em seus passos imprecisos, difundia-se cada vez mais intensa em seu coração revoltado.

Um tremular inevitável fazia solver pela minha boca o gosto doce do encontro envolvendo-se com o sabor amargo do desencanto.

Após alguns segundos de um silêncio quase sufocante, consegui pronunciar algumas palavras.

— Eu... Eu me chamo Liv... A... A princesa Norah me convidou para entrar — disse, gaguejando.

— Onde conheceu a princesa? — ele discorreu cético, duvidando da minha explicação.

— Nos conhecemos no jardim agora há pouco — respondi, desistindo de encará-lo; os seus pensamentos me destruía. — Estou no castelo acompanhando o meu irmão... Ele é o ferreiro.

Ergui os olhos sem acreditar como aquele homem possuía coragem de apontar a espada em direção a alguém tão indefeso.

— Senhor, por favor, será que poderia abaixar a sua espada, por gentileza? — indaguei, exibindo o medo.

— Espanta-me com profundidade o fato de revelar que seria uma conhecida da princesa — ele comentou, ignorando o meu pedido, muito embora a espada em punho parecesse mais uma atitude reflexa do que racional. — A princesa não costuma ter muito acesso a pessoas como... — ele hesitou antes de completar. — A gente do seu nível social.

O comentário inútil feito pelo soldado jardineiro provocou em minha fisionomia evidente repugnância.

— O meu irmão tem acesso livre ao castelo porque fornece armamentos à tropa. Enquanto ele negociava com o

príncipe Andreas, decidi conhecer o jardim mais de perto. Durante o passeio encontrei a princesa — esclareci, arrancando a última gota de fôlego. — Nós conversamos um pouco, e ela gentilmente me convidou para tomar um lanche. Foi exatamente isso o que aconteceu — discorri com impaciência.

— Creio que a princesa sabe melhor do que ninguém que não é conveniente a entrada de desconhecidos no interior do castelo — ele insistia em ser desagradável. — Se realmente a senhorita foi convidada a entrar... Receio que a princesa será devidamente repreendida por tal atitude.

— Não sou totalmente desconhecida — a conclusão surgia pelo fato de Felipe ser bastante conhecido por todas as pessoas que circulavam pelo castelo. — Talvez a princesa Norah tenha feito o convite por considerar que sou completamente inofensiva — retruquei, ironizando a sua postura ofensiva.

Por um breve momento tive a impressão de que um sorriso discreto surgiu em seu olhar impenetrável.

— Caso não saiba... Ninguém é completamente inofensivo — ele replicou, integralmente dominado por um medo inexplicável. — O que procurava pelos corredores do castelo?

— Procurava pela saída — respondi, atordoada perante os conflitos que atormentavam a mente do acusador. — Acabei perdida em meio a tantos corredores — desviei os olhos dele.

— Eu posso acompanhá-la até a saída — ele murmurou, descrente com a minha justificativa, enquanto a mão

apontava o final do corredor.

— Eu não preciso da sua companhia. — discorri com seriedade, levantando o queixo enquanto jogava o cabelo atrás dos ombros. Com empáfia, procurei tomar o destino que ele havia apontado, ansiando por abandonar o maldito castelo e retirar os meus olhos da sua face deslumbrante.

— Faço questão! — ele insistiu, como se temesse um comportamento duvidoso de minha parte; resumidamente, aquele homem temia que eu roubasse o castelo.

— Por acaso o cavalheiro estaria pensando que tenho pretensões de roubar o castelo? Acredite... Não preciso praticar algo do tipo. Quando não posso ter algo que desejo simplesmente me conformo, não saio por aí praticando pequenos furtos — assegurei, com uma irritação sarcástica retorcendo os lábios. — Não carrego uma sede incontrolável por conquistas a ponto de devastar tudo à minha volta como o príncipe Franco, por exemplo... — levei a mão esquerda impregnada por uma crítica mordaz até os lábios. — Ah... Desculpe o comentário maldoso sobre o poderoso monarca — restabeleci o tom de seriedade em minha voz. — Imagino que a breve convivência com o cavalheiro à minha frente tenha resultado em meu comportamento inadequado.

Com impaciência, a espada retornou à sua cintura e o meu “desencanto” segurou-me pelo braço, transportando-me de forma nada gentil até a saída. A rapidez com que desejou livrar-se de mim fez com que os seus objetos de jardinagem se espalhassem pelo corredor.

Assim que cruzamos o belo jardim avistei o meu irmão agitado pelo pátio.

— Liv, por onde andava? — Felipe disse preocupado.

— Estava no interior do castelo — murmurei, arrancando o meu braço frágil de sua mão firme. — A princesa Norah me convidou para entrar, no entanto este soldado jardineiro estúpido, atrevido, grosso, rude... Deduziu coisas inadequadas ao meu respeito e resolveu ameaçar-me com sua espada ou seria com sua pá de jardinagem? — Felipe observava com espanto o despautério. — Que fique bem claro que não tenho medo de nada. Por que não arranca a espada agora que está diante do meu irmão?

— Liv... Precisa acalmar-se! — Felipe pronunciou com nervosismo.

— Parece que temos algo em comum! — ele resmungou os pingos de ironia. — Nesse aspecto sou muito parecido com a senhorita, porque também não... conheço o medo — *“não conhecia”*, ele pensou, enquanto lançava os meus olhos perolados sobre o jardim. — Apenas acredito que tenho o direito de não aceitar gente estranha rondando o castelo — a exaltação explodiu dos seus lábios finos.

— O sujeitinho precisa mesmo ter algumas aulas de boas maneiras, porque somente dessa forma aprenderá a tratar melhor os convidados da princesa — adverti, voltando a observá-lo. — A rainha Sophia não deveria permitir que soldados tão deselegantes, tão desprovidos de fineza perambulassem por dentro do castelo — pronunciei, colocando as mãos na cintura. — Eu me queixarei

pessoalmente com a princesa Norah sobre o tratamento sem cordialidade que dispensou a mim.

— Liv... Acho melhor não falar mais nada... — Felipe demonstrava aflição em seu semblante. Era difícil aceitar que meu irmão estivesse intimidado com a presença do soldado jardineiro.

— Como não falar mais nada? — indaguei num grito enfurecido. — O indivíduo intolerável tratame sem a mínima gentileza e ainda tenho que silenciar a minha indignação diante dos insultos? — encarei-o novamente, sendo sucumbida pela tortura.

— Por que não vai queixar-se com a princesa agora mesmo? — os seus olhos realmente me perturbavam. — Imagino que deva conhecer muito bem o caminho até os aposentos dela. Comporta-se como se fosse tão íntima, por isso suponho que não se perderia novamente — o deboche disseminou-se por aquelas palavras.

— Não tenho que obedecer as suas ordens — bufei enraivada. — Sua mãe parece não ter lhe dado educação, porque se tivesse o mínimo de polidez saberia que não é dessa maneira que se trata uma dama.

— Onde está a dama? — ele replicou irritante, olhando à sua volta e tornando-se a perfeita descrição de escárnio. — Devo informá-la que minha mãe me educou muito bem. Precisa entender que não posso aceitar pacificamente a entrada de estranhos, e muito menos que esses estranhos se comportem como se estivessem beirando a loucura — ele revelou, dando-me as costas.

Marchei enfurecida barrando a sua caminhada com a mão espalmada em seu peito.

— Quer dizer que sou louca! — exclamei irônica. — Pensou injustamente que eu tinha intenções de roubar algum objeto valioso do castelo... Por esse motivo me ofendi e acabei perdendo o controle.

— Consegue ler pensamentos também? Que interessante! — o sarcasmo fazia queimar a minha face. — Claro... Como não pensei nisto antes? — os braços se abriram à minha frente. — Comentou que era irmã de Felipe; imagino que deva ser a bruxa de quem todos falavam — ele proferiu com desdém enquanto retirava a mão do seu tórax.

— Não leio pensamentos! — expliquei com perturbação a negativa; considerava que talvez não fosse apropriado que as pessoas tomassem conhecimento do dom. — Apenas julguei o seu pensamento pelo jeito impróprio com que me abordou... E não admito que uma pessoa detestável como você refira-se a mim como bruxa.

— E eu não admito que se refira a mim como “você” — a voz repercutiu com impaciência.

— E como deveria chamá-lo? — interroguei, expondo com vivacidade um sorriso sarcástico. — Por que não me revela a maneira correta para que faça isso da próxima vez que encontrar o gentil cavalheiro?

— Como um súdito tem a obrigação de chamar um príncipe... “Alteza”. Acredito que seria bem mais apropriado — ele ordenou, mordendo os lábios para sufocar o ódio que alimentava.

Espantei-me ao descobrir que o soldado jardineiro, ou seja, aquele que imaginava ser o meu tão esperado destino, na verdade era um membro da realeza.

— Liv... Parece que estava escrito que conheceria Franco — Norah disse de forma amistosa, aproximando-se de nós. Ela entregou-me o enfeite de cabelo que nem notara que havia perdido. — Deixou cair quando saiu da sala naquela correria desabalada.

Agradei com acanhamento a preocupação de Norah, estendendo a mão até alcançar o objeto.

— Norah... Já tive o prazer inestimável de conhecer a sua amiga — ele pronunciou irritado, observando o alojamento. — Com licença... Tenho muitas coisas pendentes a resolver.

Os seus olhos despediram-se dos meus com uma rapidez que considerei dolorosa. Não conseguia aceitar que o arrogante “Príncipe Sem Coração” era o homem a quem entregaria o meu amor. Eu sempre o detestei intensamente e permaneceria odiando pelo resto da eternidade. Depois que cheguei àquela conclusão por meio de pensamentos confusos, considerei que nunca havia conjecturado tantas mentiras em tão poucos segundos.

— Liv... Não deveria ter saído da sala tão apressadamente somente porque queria evitar um encontro com Franco. Compreendo que o meu irmão intimida um pouco as pessoas, mas apesar de tudo ele não morde! — Norah expôs com calma.

— Quase mordeu! — Felipe pronunciou como um sussurro.

Norah o encarou sem entender uma palavra do que meu irmão havia dito.

— Eu... Eu o ofendi numa proporção imensurável. Tudo por causa da desconfiança dele — expliquei ainda zozza. — Deveria ter controlado melhor o meu gênio intempestivo. Afinal de contas, o príncipe Franco tinha razão de desconfiar de uma estranha rondando o castelo.

— Reconheço que na grande maioria das vezes Franco realmente aparenta ser uma pessoa um pouco rude — Norah expôs sem parecer surpresa. — Eu peço desculpas sinceras se meu irmão a ofendeu de alguma forma.

— Gostaria que pedisse desculpas ao príncipe por mim — proferi cabisbaixa, agradecendo aos céus pela respiração mais calma. — Estou envergonhada com a quantidade de insultos que disparei contra ele.

— Não permita que este mal-entendido a impeça de regressar ao castelo. Saiba que será sempre muito bem-vinda aqui — Norah discorria com sinceridade.

— Não acredito que o príncipe tenha a mesma opinião — comentei, concluindo que era a mais estúpida das criaturas.

— Não se preocupe com isso — Norah buscava me tranquilizar com a mais genuína gentileza. — Conversarei pessoalmente com Franco e esclarecerei todo esse contratempo.

Assim que Norah voltou ao castelo, Felipe iniciou o esperado sermão.

— Quantas vezes precisarei repetir que não se envolva em confusões? — ele anunciou, pausadamente.

— O príncipe Franco foi extremamente grosseiro comigo — busquei a minha defesa.

— Por acaso queria que o príncipe Franco a convidasse para um chá?

— Com certeza seria mais apropriado — falei, com o intuito de descontrair o ambiente.

— Convenhamos, ele tem toda razão em se preocupar com a segurança do castelo — Felipe disse, dando alguns passos.

O meu irmão caminhou observando em todas as direções até fixar o rosto sobre Nicolau, que se encontrava próximo à carroça.

— Não deveria ter circulado pelo castelo sem ter um acompanhante, poderia ter aguardado a princesa Norah ou até mesmo chamado um soldado que estivesse disposto a lhe indicar a saída.

— Prometo que me mantereí o mais longe possível do príncipe Franco. Tudo que mais desejo é evitar conflitos desnecessários — informei convincente, notando a agitação do pátio.

— Assim espero! — Felipe expressou o seu desejo com tanta veemência que os seus lábios se estreitaram. — Precisamos voltar para a vila antes que escureça. Se durante a vinda enfrentamos perigos... Imagine se estivermos cavalgando na estrada durante a noite?

Felipe seguiu até Nicolau procurando certificar-se de que todo o trabalho já havia acabado. O meu irmão parecia ansioso em deixar o castelo depois de tantos insultos disparados contra o príncipe.

Aproximei-me da baia de visitantes. Passando a mão com amabilidade na crina do cavalo, direcionei as vistas ao alojamento onde o príncipe Franco havia entrado minutos atrás. Não desejava encontrá-lo novamente; aspirava, munida de toda força presente em meu ser, tornar-me momentaneamente invisível.

O meu coração disparava somente com as lembranças das profecias, os meus lábios tremulavam apenas de imaginar que existia a possibilidade de minha vida estar ligada à dele por inúmeros caminhos.

A onda turbulenta de pensamentos havia me guiado tão distante da realidade que nem mesmo notei o momento exato em que o príncipe Franco se juntou a Felipe e Nicolau.

— Felipe... Em quanto tempo pretende retornar? — o príncipe Franco perguntou, sem tirar o rosto da minha direção.

— Acho que em torno de quinze dias ou até um pouco mais — Felipe expôs, subindo ao cavalo.

— Ficaria imensamente agradecido se fizesse o serviço rapidamente.

Aquelas palavras surgiram como uma súplica; por alguns momentos distingui nuances de humildade em sua voz deliciosamente grave.

— Farei o possível, Alteza — Felipe garantiu, observando Nicolau subir atrapalhado na carroça. — Acredito que estarei de volta em quinze dias.

— Ótimo! — o príncipe respondeu cortês, direcionando os olhos perfeitos que fiz questão de evitar. — Mudando um pouco de assunto... — ele hesitou, em presença dos

semblantes curiosos que se espalharam pelos nossos rostos. — Algumas pessoas têm sido saqueadas constantemente na estrada que leva ao vilarejo. Tem alguma ideia de quem possa estar sendo responsável por esses ataques?

— Alteza... Soube da ocorrência desses ataques — Felipe respondeu com ansiedade em deixar o castelo. — Porém, infelizmente não tenho muitas informações.

— Acredito que sejam os *Insurrectos* — ele replicou pertinaz. — Os rebeldes estão querendo promover o pânico na população.

— Desculpe-me, Alteza, acredito que o senhor esteja completamente enganado. — Felipe respondeu com uma indignação que considerei estúpida.

— Enganado? — ele indagou persistente. — Sabe de algo que possa esclarecer melhor os roubos?

— Não sei — Felipe demonstrou um visível nervosismo naquele ecoar de uma voz trêmula. — Apenas acredito que os roubos podem estar sendo praticados pelos midrões ou até mesmo por bruxas.

— Bruxas? — o príncipe Franco perguntou surpreso.

— Exatamente — Felipe confirmou, esperando despistar as desconfianças do príncipe quanto à rebelião. — Hoje mesmo nós fomos atacados por uma bruxa quando seguíamos pela estrada. Felizmente o pior não aconteceu, entretanto acredito que seja melhor que fique sabendo que elas estão regressando à cidade.

O príncipe Franco compreendeu o alerta fazendo um sinal positivo com a cabeça. No segundo seguinte nos

encaramos, e os olhos de tom indefinido mergulharam em minha alma com uma ansiedade incomensurável.

— Prometo que se tomar conhecimento de algo mais concreto com relação aos ataques comunicarei pessoalmente Vossa Alteza — Felipe inevitavelmente mentiu.

— Ficaria muito grato com a sua consideração — ele replicou mordaz. — Apesar de ter citado o retorno das bruxas, os ataques não pareciam sobrenaturais. Espero que os *Insurrectos* não estejam por trás de atitudes tão desastrosas... As pessoas da cidade têm comentado que são apenas vândalos.

— Acabei de recordar que outro dia um rapaz do vilarejo também foi atacado. — Nicolau disse, demonstrando aflição diante das insinuações do príncipe. — Toda a sua colheita foi saqueada na estrada. Um dos homens que estava no bando deixou cair a máscara, por descuido, e o garoto notou a pintura facial característica da tribo dos midrões.

O príncipe Franco parecia não levar em consideração nenhuma das justificativas dadas pelos rapazes; tinha apenas o objetivo de pressioná-los com o propósito de descobrir algum indício sobre os revoltosos ou confirmar as suas suspeitas.

— Os *Insurrectos* estão cada vez mais atrevidos — o príncipe expressava-se, carregado de furor. — Nos últimos dias espalharam cartazes por toda a cidade incentivando o povo a enfrentar a realeza. Claro que a população ignorou completamente esses estúpidos. Sei que não se sentem ofendidos com a colocação, afinal de contas, rapazes tão

trabalhadores não concordam com as propostas do bando rebelde — a ironia era nitidamente evidente. — Fiquei decepcionado com essa recepção após tantos dias de conflitos. O meu próprio povo... Tramando contra minha família enquanto arriscava a minha vida aumentando os domínios do território.

— Os cartazes apenas pediam ao povo união na luta por um representante dentro do conselho — Felipe reportou, arriscando-se ainda mais. — Imagino que isso não possa ser considerado uma traição. Os *Insurrectos* não têm nenhuma intenção de lhe retirar do trono.

— Pelo que vejo conhece muito bem a causa — o príncipe zombou, demonstrando saber que Felipe estava envolvido naquilo até o pescoço.

— O propósito real dos *Insurrectos* não parece ser novidade para ninguém nesta cidade — Felipe respondeu enquanto Nicolau estremecia na carroça. — Não sou o único homem em Lanóvia que sabe das intenções dos rebeldes.

— Espero que os *Insurrectos* saibam que desaprovo as suas manifestações. Se por acaso, algum dia, colocar as mãos em qualquer membro da revolução, eu disse “qualquer membro”, o indivíduo será devidamente punido pelos atos de rebeldia — o príncipe utilizou a expressão num tom de ameaça.

Felipe, por fim, silenciou-se, tentando fazer com que as coisas não se complicassem. O meu irmão era um dos membros da rebelião, e o príncipe tinha certeza do fato, apenas não tinha provas para condená-lo.

O príncipe Franco fitou-me sem disfarçar o incômodo que a minha presença lhe causava. Em um instante do mais puro descuido o seu olhar deixou transparecer faíscas.

— O que estou fazendo de errado agora? — indaguei provocativa. — O príncipe Franco... Vossa Alteza Real gostaria de prestar mais alguma recomendação? — contestei, sem desviar os olhos.

— Seja mais cuidadosa! — ele aconselhou, com um semblante incompreensível.

— Prometo que serei cuidadosa da próxima vez — concordei, fazendo uma reverência.

— Preciso lhe confessar que preferia que não houvesse uma próxima vez — ele pronunciou as palavras que feriram como uma lança.

— Sinto muito em ter que desapontá-lo, mas a sua irmã não compartilha do mesmo desejo — retruquei, notando que Felipe segurava o riso.

— Farei um esforço enorme para recebê-la mais adequadamente da próxima vez — ele declarou sério. — Pelo que pude compreender, a minha irmã realmente insistirá em estabelecer contato com a senhorita.

Ignorei o seu visível desdém marchando até o cavalo e procurando alcançar a sela o mais rapidamente possível. A minha destreza habitual com o animal desapareceu bruscamente. Foram três tentativas fracassadas de acomodar-me no dorso do bicho. Considerei que a não realização da simples tarefa poderia ter sido causada pelo nervosismo diante daquele olhar insistente.

Se não estivesse profundamente constrangida com aquele desastroso episódio, teria achado interessante não finalizar a empreitada de subir no animal. Aquela era a primeira vez que o príncipe Franco ostentava um sorriso esplêndido; o gesto acabou sendo responsável por tornar a minha dificuldade ainda maior.

— Senhorita... Posso ajudá-la? — a voz do príncipe Franco surgiu melódica quando Nicolau fez alusão de descer da carroça com o intuito de me auxiliar.

— Acho... Acho que posso subir sozinha — recomendou, fazendo um esforço inútil para deixar o chão.

— Liv... Aceite logo a ajuda do príncipe — Felipe disse, com uma inquietação por causa do anoitecer que se aproximava.

— Acho que consigo montar sozinha em meu próprio cavalo — afirmei, mostrando o que na prática parecia impossível.

— Com a habilidade que está demonstrando, certamente amanhã conseguirá montar o animal — Nicolau ironizou sorrindo. — Todavia, não precisa ficar preocupada, nós não estamos com pressa mesmo — o garoto colocou os braços atrás do pescoço.

O príncipe Franco observava a minha resistência em aceitar a sua oferta, fazendo resplandecer numa proporção ainda maior aquele sorriso despretensiosamente lindo.

— Liv... — o príncipe Franco soprou o meu nome como uma brisa leve numa noite quente de verão. — Poderíamos estabelecer uma trégua temporária? — a sinceridade de

suas palavras me invadiu. — Não estaria demonstrando fraqueza se aceitasse a minha ajuda.

Engoli em seco quando os passos estáveis o colocaram à minha frente, os dedos firmes envolveram a minha cintura com uma intimidade inesperada, o suave cheiro amadeirado do uniforme impregnou o tecido da minha túnica assim que o tórax primoroso se aproximou, afundei-me profunda e intensamente no brilho dos seus olhos, as suas mãos perfeitas tremulavam diante de uma perturbação que considerei inexplicável. Quase sem esforço os braços fortes do príncipe me colocaram com delicadeza em cima do cavalo.

— Obrigada — a minha voz quase submergiu.

— Disponha — ele aludiu, afastando-se do animal.

Completamente dominada por todos os tipos de sensações que um ser humano poderia experimentar, descobri que a partir daquele instante havia perdido totalmente a minha paz.

Nos afastávamos do castelo num cavalgar pacífico. Quando girei o pescoço analisando tudo o que pudesse estar descrito nas linhas de sua face ambígua, os olhos revelaram que Franco definitivamente me evitaria, porém logo em seguida reconheci que a sua tentativa seria algo altamente perigoso e frustrado.

Ao vê-lo de braços cruzados observando com atenção os nossos cavalos atravessarem os portões da fortaleza, abrangei que eu dependia dele se quisesse me manter viva, enquanto o príncipe Franco dependeria de mim se quisesse começar a viver.

— Felipe... Precisamos acabar com essa ideia de rebelião — Nicolau expressou quando descíamos a ladeira.

— É mesmo um covarde! — Felipe ralhou, irritado com o amigo.

— Nicolau está certo! — concordei com o garoto — O príncipe deixou bem claro que tomará decisões drásticas se colocar a mão em cima de um membro da rebelião.

— Nós aproveitamos a ausência do príncipe Franco para pregar os cartazes, roubamos algumas armas dos soldados da ronda, mas agora que ele voltou acho prudente abrandar um pouco a nossa causa — Nicolau pronunciou aquelas palavras com os olhos assustados.

— Não podemos nos desviar do nosso propósito — Felipe insistia, controlando o galope do animal. — Não recuaremos por causa de uma ameaça do príncipe.

— Nós precisamos pelo menos desistir da ideia de sequestrar a princesa — Nicolau disse baixinho.

— O que disse? — berrei nervosa. — Por acaso enlouqueceram? Não podem fazer isso... É muita insanidade... O príncipe mataria um de vocês se soubessem o que estão planejando.

— Não faremos nenhum mal à princesa Norah — Felipe esclareceu, tentando me convencer de que aquela seria uma boa ideia. — Queremos apenas assustá-los um pouco; talvez se fizermos algo dessa magnitude o príncipe finalmente nos dê ouvidos.

— Não vou permitir que se envolva com tamanha estupidez — adverti com palavras que soaram com autoridade. — Contarei ao nosso pai os propósitos dos

Insurrectos, e não participará desse rapto insano porque deve obediência a ele — olhei para esquerda. — Nicolau, desejo que fique longe disso também.

Nicolau assentiu com a cabeça.

— Não tem o direito de contar ao papai! — Felipe esbravejou.

— O príncipe deixou claro que punirá os rebeldes... Planejar o sequestro da princesa Norah seria o caminho mais rápido para ser trancafiado no calabouço — contrapus com sensatez.

— Ou um destino muito pior, o de ser condenado à força — Nicolau expôs, agitando os ombros na tentativa de manter distante de si tal condenação.

— Temos que nos preparar para outros eventos, pois os problemas já começaram a surgir — recomendei, observando que ainda estávamos na metade do caminho. — Felipe... Presenciou o que aconteceu hoje mais cedo; aquela bruxa quase nos transformou em cera. Coisas bem piores acontecerão com o objetivo de impedir a nossa luta pela metade do medalhão; existem outras formas de conquistar o que desejam.

— Nem amarrado lutaria ao lado do príncipe Franco — Felipe rebateu impaciente, controlando o cavalo. — Não me envolverei com esse assunto da batalha no mundo oculto... Isso é problema da família real; afinal de contas, dizem que foi o pai do príncipe Franco que furtou a metade do medalhão da Casa das Chuvas.

— Felipe... Sabe muito bem que isso diz respeito a todos nós! — rebati.

— O que sabe sobre o medalhão? — ele indagou com aparente escárnio dominando a face. — Liv... Não seja ingênua... Isso tudo não passa de uma lenda que ronda os nossos territórios há anos, nem mesmo sabemos se esse medalhão existe realmente, mas mesmo que exista não ajudarei o príncipe Franco a consegui-lo.

— Felipe... Se o medalhão cair em mãos erradas, como nas mãos daquela bruxa, por exemplo, estaremos todos perdidos — articulei, repousando uma das mãos sobre o seu ombro, buscando aliviar a tensão.

— Liv tem razão! Se as bruxas de Winter conseguirem a metade do medalhão, as sombras dominarão o nosso mundo — Nicolau mencionou, guiando a carroça mais ao centro da estrada. — Os ancestrais dessas bruxas eram um clã muito poderoso que dominou tudo ao nosso redor por muito tempo. Quando passaram a utilizar o conhecimento que possuíam com o intuito de praticar magia das sombras, foram banidas do nosso reino — Nicolau disse olhando o céu. — Acredito que elas devem estar enlouquecidas procurando uma forma de concretizar uma vingança contra todos nós.

— Também foi a realeza que banuiu as bruxas de Winter! — Felipe insistia em se manter numa posição contrária. — A família real é que precisa tomar cuidado — ele olhou em minha direção entortando os lábios. — Devo lhe advertir que o príncipe Franco não enxerga com bons olhos tudo que é sobrenatural, portanto evite dizer que possui uma relação de amizade com Sara, e nem por sonho deixe que descubra a sua habilidade... Talvez ele a banisse também.

Entristeci quando escutei a veemente advertência. Tive a nítida sensação de que um fosso escuro e frio se abria estabelecendo uma distância significável entre a minha vida e a vida de Franco.

— Existe um único feiticeiro morando no castelo, porém fique a senhorita sabendo que por muita insistência da rainha — Nicolau comentou, fazendo um bico. — O velho Malvin não pode praticar magia, pelo menos não de maneira explícita.

— O feiticeiro trata-se de uma espécie de conselheiro diante dos conflitos sobre-humanos, principalmente aqueles conflitos que envolvem o lado norte da floresta de Hans — Felipe explanou, desviando os olhos para o alto.

Um vento gélido soprou daquele céu carregado por nuvens cinzas, numa evidência clara de que o tempo mudaria drasticamente.

— Parece que uma tempestade está se aproximando — Felipe pronunciou, aumentando a velocidade do galope. — Precisamos nos apressar!

A tempestade já havia chegado, já havia tomado conta de mim, e meu irmão nem havia notado.

a chuva

As primeiras gotas de chuva começaram a cair quando cruzamos a entrada do vilarejo. Os pingos vigorosamente grossos, amparados pela força do vento, provocavam a sensação de cortes em nossa pele. Corremos até o estábulo, testemunhando a definição de tempos de tempestades, especialmente quando escutávamos os sons retumbantes dos trovões.

Atravessamos casa adentro completamente encharcados, condição que surpreendentemente nos deixava felizes, pois parecia quase impossível suprimir as gargalhadas provenientes da lembrança do grande susto que Nicolau havia tomado na estrada por conta do ronco mais potente de um trovão.

— Ama, por favor, traga algumas toalhas antes que eles fiquem resfriados — o meu pai disse com preocupação.

— Providenciarei as toalhas agora mesmo, senhor — Ama gritou da cozinha.

— E como foram os negócios com o príncipe? — meu pai indagou com interesse.

— Deliberei toda a negociação com o príncipe Andreas, e me parece que o príncipe Franco não fará nenhuma objeção ao nosso acordo — Felipe explicou, estendendo a mão para pegar uma toalha das mãos de Ama, que chegava à sala. — Daqui a alguns dias voltarei à cidade e entregarei as novas

encomendas. Eles solicitaram rapidez na entrega das armas, no entanto não será problema algum, pois temos algumas espadas prontas no acervo do galpão... — Felipe uniu as sobrancelhas, e completou a explanação com um assunto que eu gostaria que permanecesse enterrado. — Quem teve problemas durante o passeio foi Liv.

Por um momento considerei que Felipe estivesse se referindo ao episódio com a bruxa. Passado certo tempo, concluí que não fazia sentido algum, pois na indireta dada a meu pai, o meu irmão fizera questão de se excluir do evento. Finalmente, compreendi que Felipe fazia referência ao contratempo com o príncipe Franco.

— Filha, o que aconteceu com você? — meu pai perguntou angustiado.

— Na verdade... Tive um pequeno desentendimento com o príncipe Franco — respondi breve.

— Pequeno desentendimento! — Felipe pronunciou com alarde. — Por um momento considerei que pediria a minha espada emprestada! — o meu irmão comentou com exagero, enquanto enxugava a cabeça molhada.

— Papai... Creio que Felipe talvez esteja dando uma grandiosidade equivocada aos fatos — disse, levantando-me para pegar as toalhas. Arremessei uma das peças diretamente nas mãos de Nicolau.

— Não posso acreditar que alguém teve coragem suficiente de enfrentar o príncipe e eu não estava presente para assistir ao memorável espetáculo! — Nicolau articulou com tom de desânimo.

— Contudo, preciso fazer uma pequena ressalva — Felipe mencionou a futura análise dos fatos por meio de um sorriso. — Convenhamos... Só enfrentou o príncipe Franco daquele jeito porque não sabia quem ele era — a afronta com relação à minha atitude expressou-se por meio dos braços abertos de maneira pretensiosa.

Desagradava-me reconhecer que Felipe duvidava da minha bravura genuína. Talvez se soubesse que se tratava do príncipe Franco tivesse sido um pouco mais polida; no entanto, ainda assim não permitiria que ofensas sem fundamento se perpetuassem.

— Enfrentaria qualquer pessoa que me tratasse daquela forma — retruquei firme.

Nicolau mostrou-se entusiasmado com a observação e arremessou a toalha molhada ao chão como uma manifestação de apoio.

— Como o príncipe Franco a tratou? — meu pai seguia, com tom preocupado.

— Ele foi grosseiro, estúpido, provocador — proferi as primeiras palavras que vieram à cabeça.

— Sem motivos? — o meu pai persistia, deixando-me incomodada.

— Sem motivo aparente — declarei, num tom duvidoso.

— Não gostei da maneira como o príncipe Franco a olhou quando estávamos prestes a partir — Felipe afirmou, limpando a garganta antes de continuar. — Papai... O príncipe Franco a fitou como se estivesse arrebatado de encanto.

— Concordo plenamente com Felipe! — Nicolau expôs, estabelecendo o pânico no semblante de meu pai. — O príncipe não toleraria tantas ofensas sem punição se não estivesse realmente impressionado com a pessoa que o ofendeu.

— Parece que estão enxergando coisas demais naquele encontro sem importância! — pronunciei a mentira, pois não desejava nutrir o assunto.

— Por favor! — a impaciência se definiu por trás daquela expressão alarmada de meu irmão. — Reconheço quando um homem está seduzido por uma mulher — Felipe proferiu, quase por instinto.

— Não apresentei nenhuma conduta que pudesse ser interpretada pelo príncipe como sedução — contestei.

— Não sei... — ele manifestou, passando o indicador no queixo. — Prefiro que fique bem longe do príncipe Franco.

— Não tenho intenção de estabelecer qualquer contato com aquele senhor — expus, contrariando a verdadeira vontade, que agora fazia os meus dedos latejarem. — Não precisa tamanha inquietação por conta desse assunto.

— Esqueçam o príncipe Franco! — o meu pai disse, enfim, encerrando a conversa.

Esquecer o príncipe Franco... Como se para mim aquilo fosse humanamente possível!

— Troquem agora mesmo as roupas molhadas e retornem à cozinha para o jantar — o meu pai descrevia em detalhes tudo o que deveríamos fazer antes de sentarmos à mesa. — Nicolau passará a noite por aqui, pois já está tarde demais; além disso, está chovendo muito e a falta de circulação de

peessoas poderia trazer um vulpino no resto do caminho que o levaria até em casa.

— Acho que o pobre Nicolau está cansado demais para enfrentá-lo — Ama disse satírica.

— Comentam por aí que essas criaturas com corpo de homem e cabeça de raposa adoram comer ossos no jantar — Felipe relatou, esfregando as mãos. — Nicolau... Acho melhor aceitar o conselho de meu pai. Se os vulpinos encontrarem o seu corpo esguio pela frente seria considerado um prato muito apetitoso para eles.

Sob o efeito de várias gargalhadas os rapazes desobedeceram às ordens de meu pai e partiram em direção à cozinha antes mesmo de trocarem a roupa molhada. Observei felicidade pura em torno da mesa com eventos aparentemente tão simples.

Durante o meu sumiço momentâneo, Felipe havia comprado um doce de abóbora para Liana. Foi comovente a animação da garota quando recebeu o agrado. Momentos como aquele eram preciosos e jamais seriam esquecidos.

Andei com displicência em direção ao quarto. Lavei o rosto na tina em cima da cômoda de madeira e os meus dedos inexplicavelmente estranharam a água fria. Após enxugar a minha face cansada, apreciei o céu encoberto por nuvens densas através da janela... Encarei o véu negro, grandioso e espetacular mesmo na ausência total das estrelas.

Sentei na cadeira ao lado da cama, imaginando qual teria sido a impressão que causara ao príncipe Franco. Procurei

intimamente por toda a concentração de que precisava para estabelecer uma nova visão do castelo.

Senti a turbulência sem controle invadir o meu corpo e guiar-me por um caminho de cores e formas distorcidas. Naquele vagar transcendental surpreendente, percebia os meus pés descalços flutuarem em busca de algo que acalmasse o meu coração agitado.

— Franco... — reconheci a voz feminina que batia à porta.
— Posso entrar, meu irmão?

— Claro que sim! — Franco respondeu rápido.

A concentração inabalável permitiu que eu enxergasse nitidamente tudo à minha volta. Havia conseguido me transportar até o quarto do príncipe Franco.

— Mamãe pediu que viesse pessoalmente chamá-lo para o jantar — Norah sentou-se na cama, encarando-o à escrivantina.

— Não estou disposto — ele respondeu de imediato, curvando a cabeça com a intenção de ler o que parecia ser um documento importante. — Diga à mamãe que não se preocupe comigo; mais tarde pedirei que me sirvam uma sopa.

— Sopa? — ela indagou surpresa. — Odeia sopa! O que fez de tão grave a ponto de desejar tamanha penitência? — Norah sustentou sem rodeios. — Parece que Liv conseguiu irritá-lo, impressioná-lo, arrebatá-lo...

Norah teria continuando com a impressão que teve, mas foi subitamente interrompida.

— Acha que aquela moça causou-me tudo isso? — ele indagou, entretanto prosseguiu antes que Norah

respondesse. — Estou apenas indisposto. Talvez tenha sido algo que comi mais cedo. Espero que o incômodo seja suficiente para explicar-lhe por que necessito apenas de uma sopa no jantar dessa noite.

— Sei... Claro que responde — Norah pronunciou, duvidando da explicação e rolando calmamente pela cama até posicionar-se de bruços. — O seu comportamento modificou-se bastante depois que Liv voltou ao vilarejo.

— Estou realmente impressionado... Em tão pouco tempo notou tantas mudanças? — ele interpelou jocoso. — A sensibilidade com que as mulheres percebem os acontecimentos ao seu redor trata-se de uma particularidade admirável, muito embora na grande maioria das vezes estejam completamente equivocadas.

Norah expressou-se com uma careta como uma retaliação pelo comentário.

— Observei uma ansiedade incomum em você — ela passou os dedos delicados sobre a maciez da seda. — Andreas comentou que você considerou seguir até o vilarejo com o propósito de desculpar-se por conta do mal-entendido. Foi preciso que o prudente soldado Lenói, um dos seus homens de maior confiança, lhe apresentasse as inúmeras justificativas para que desistisse da ideia absurda de seguir até o vilarejo sendo quase noite.

— Agora está me criticando porque eu desejava pedir desculpas àquela moça? — ele ironizava.

— Não estou lhe criticando — Norah fez a ressalva, sentando-se novamente. — Estou achando a sua conduta um tanto estranha — ela admitiu, num tom sério. — Em

minha opinião a moça lhe impressionou mais do que gostaria.

— O que disse? — ele inquiriu espantado. — Aquela moça não me causou nenhuma impressão.

— Não pode continuar negando que ela lhe despertou um grande interesse. Percebi um discreto encanto em seu olhar mesmo depois de tantas ofensas — Norah provocava intencionalmente. — Algo que nunca havia visto antes.

— Quanta bobagem! — ele denotou, fitando a irmã com impaciência, enquanto analisava as conclusões dela como equivocadas. — Acha que me interessaria pela filha de um ferreiro? — ele estreitou os olhos diante da pergunta.

— E por que não? — ela contrapôs.

— Norah... — o nome foi pronunciado com uma impaciência ainda maior. — Serei o futuro rei deste povo — ele alegou com orgulho, distorcendo a face que queimava os seus olhos. — Enfrentei milhares de exércitos, aumentei os nossos territórios, conquistei inúmeras riquezas para essa coroa... — ele fez uma pausa.

Norah levantou-se e deu alguns passos pelo quarto, muito atenta ao discurso nada convincente do irmão.

— Conheci lindas princesas, belas duquesas, condessas maravilhosas... Tive mulheres magníficas da nobreza aos meus pés, mas nunca lhes dei qualquer tipo de esperança. Compromissos poderiam me desviar do meu objetivo. Se nunca me casei com mulheres de linhagem nobre... Por que acredita que me interessaria por uma plebeia sem educação? — ele exaltou o tom de voz durante o questionamento.

As palavras de Franco feriam como espinhos rasgando a minha pele.

— Porque não mandamos em nossos sentimentos — ela contestava, com o objetivo de obter a confissão. — Talvez nenhuma das mulheres citadas por você tenha despertado em seu coração o que Liv despertou.

— Está completamente enganada... Não tenho nenhum interesse naquela moça; aliás, achei até a coitadinha um pouco sem graça para quem se diz filha de uma Etérea — ele atestou sorrindo; os meus olhos se distraíram quando Norah aproximou-se dele.

— Acredito que não estou enganada! — Norah afirmou, espalmando a mão sobre a escrivaninha fazendo com que ele se assustasse. — Quando encaro os seus olhos tristes, consigo compreender com mais clareza porque a tratou de forma tão grosseira — ela sussurrou entortando os lábios. — Deseja que Liv se mantenha afastada de você!

— Ora essa! — ele denotou, dando de ombros. — A tratei daquela maneira porque era apenas uma estranha rondando o castelo.

— Claro... — Norah disse, colocando a mão na cintura. — Liv é perigosa, muito perigosa, perigosíssima... Com apenas um golpe a pobrezinha ficaria inconsciente por dias de tão frágil — ela não aceitava a justificativa que considerava sem fundamento. — Encontre outra desculpa para as mudanças em seu comportamento.

— Não estou inventando desculpas — ele parecia visivelmente aborrecido. — Digamos que expusesse que a moça realmente causou-me alguma impressão... — Franco

deu um longo suspiro antes de continuar com a declaração. — Quando a encontrei naquele corredor foi como se já tivesse visto aqueles olhos em meus sonhos — ele hesitou diante da admiração de Norah; ele teria hesitado ainda mais se pudesse sentir a minha surpresa perante a revelação. — Ainda assim... Preciso que entenda de uma vez por todas que não me envolveria com Liv. Jamais desistirei de seguir o meu destino.

— E se essa moça for o seu destino? — Norah insistiu com ânimo; o silêncio fez com que continuasse. — Lembre-se do que os sacerdotes da Casa da Luz disseram a Malvin?

— Os sacerdotes revelaram um monte de bobagens a Malvin, besteiras que faço questão de esquecer todos os dias — ele expôs firme. — O meu destino é ser rei de Lanóvia! E tenho certeza que terei uma rainha à minha altura.

Um trepidar brusco arrancou-me do quarto com uma violência avassaladora. A força severa com que retornei ao meu corpo produziu tanta intensidade que ascendi da cadeira à parede numa velocidade sem precedentes. A pancada vigorosa sobre as minhas costas ainda molhadas causou uma dor intensa, mas que rapidamente foi minimizada pela frieza do tecido.

Vivenciei uma urgência em esclarecer o que seria aquele foco luminoso persistente próximo à penteadeira. Espantei-me ao constatar que metade dos objetos que faziam parte da decoração do móvel repousava aleatoriamente pelo chão do quarto. O que seria responsável por produzir tamanha força?

Permiti que o ar se esvaísse do meu corpo vagarosamente antes de partir em busca de respostas. Com uma dificuldade considerada pertinente, ergui o tronco me arrastando até enfrentar o espelho. As minhas unhas curtas cravaram o móvel rígido, e os meus olhos assombraram-se ao analisar a imagem refletida.

De uma maneira assombrosamente mágica, parecia que a forte tempestade do lado de fora da casa havia sido transferida inexplicavelmente para o interior daquele objeto.

Compreendia, desprovida de qualquer traço de racionalidade, que os meus olhos incrédulos assistiam ao desabar de gotas cristalinas dentro do espelho do meu quarto. Apertei todos os músculos da face, reconhecendo que aquele evento não fazia sentido algum.

A chuva torrencial dentro do espelho movimentou-se tempestuosa, promovendo os primeiros sons alarmantes, mas sem determinar qualquer forma física que identificasse o episódio como algo natural.

O ruído arrebentou do interior para fora do espelho numa intensidade que produziu vibrações imensuráveis em meu corpo. Aquele movimento excessivo foi responsável por produzir um calor que insistia em queimar a minha pele.

Observava o espelho em toda a sua extensão sem conseguir disfarçar o pavor que aqueles lampejos vivos provocavam em meu semblante. Analisando de forma bem racional, não existia nenhum sentindo naquela tempestade dentro do espelho, mas seja lá o que fosse aquele fenômeno inexplicável uma certeza pairava em minha mente: ele desejava comunicar-se comigo.

— Não devia brincar com um dom que não conhece — os pingos de chuva formaram lábios, que se dirigiram a mim, furiosos. — Deve tomar muito cuidado ou acabará ferida mortalmente num desses momentos de divertimento — a ironia escapava do espelho.

— O que está acontecendo aqui? — interroguei incrédula diante do acontecimento.

— Estúpida... Exatamente como a mãe — as gotas sacudiram-se numa gargalhada arrepiante.

— Quem ou o que está falando comigo? — indaguei, temendo a resposta. — Por que não se identifica?

Definitivamente fui pega de surpresa após aquela pergunta, sem qualquer indício de resposta. Um dilúvio sem proporções extravasou de dentro do espelho, invadindo o meu quarto em toda a sua totalidade.

A força da água que inacreditavelmente escapava do espelho lançou o meu corpo desgovernado até a porta. Levantei ainda mais encharcada, buscando por qualquer traço de energia que me fizesse afrontar o inimigo poderoso.

— São as malditas bruxas de Winter! — emití furiosa. — Apareçam, suas megeras!

Após pronunciar a minha conclusão, outra gargalhada espantosa brotou do espelho, ferindo os meus ouvidos.

— Errou, queridinha! — a falsidade imperou na última palavra. — Não são as maravilhosas e temidas bruxas de Winter! Admiro-as muito pela força com que lutam pelos seus objetivos... Algumas vezes, penso que elas deveriam

ser um pouco menos agressivas, mas não as culpo, o mundo é uma selva, não é mesmo?

— Seja lá o que for... O que quer de mim? — debati, percebendo que a minha imagem não estava refletida no espelho.

— Não quero a permanência da metade do medalhão nas mãos dos descendentes do rei Henrique — a voz comentou; notei que a chuva aumentava inacreditavelmente dentro do espelho, e numa proporção ainda maior do lado de fora da casa.

— Os filhos do rei Henrique não utilizarão a metade do medalhão para o mal — justifiquei, com nervosismo. — Por que o artefato não pode permanecer com eles?

— Receio que isso não seja um assunto que lhe diga respeito — a voz disse com fúria. — O príncipe Franco encontrou o coração, e agora lutará de corpo e alma com a intenção de defender os interesses do pai dentro do mundo oculto.

— Do que está falando? — indaguei, levando as mãos com desespero até a nuca. — Será que poderia ser mais específica?

— Quando penso que até pouco tempo atrás ele nem mesmo considerava a possibilidade de entrar na floresta de Hans... O príncipe Franco nem sequer possuía qualquer interesse pelo medalhão — a voz resmungou com ódio. — Se não tivesse voltado a Lanóvia para encontrá-lo, sua menina idiota! Tudo teria saído exatamente como eu havia planejado — a chuva explodiu do espelho, chicoteando a minha face assustada. — O ceticismo do príncipe Franco o

levaria a uma derrota certa, e a escuridão dominaria o mundo.

— Por que deseja que a escuridão domine o mundo?

— Porque odeio os humanos, e quero que saiba que não estou disposta a facilitar nem um pouco a caminhada de vocês na busca pelo medalhão — os lábios se moveram com rancor. — O rei Henrique enganou os meus olhos furtando algo que já não lhe pertencia mais, e todos pagarão por isso!

— Hária! — gritei com espanto.

— Avise o seu príncipe que a hora dele se aproxima — ela pronunciou raivosa.

— Está cometendo um grande equívoco...

A força da chuva novamente me impulsionou para baixo, impendido que a minha defesa prosseguisse em frente ao espelho.

— Não adianta gastar a sua saliva imunda... — ela fez uma breve pausa. — Farei tudo o que estiver ao meu alcance para atrapalhá-los, belezinha!

A chuva dentro do espelho aumentou em proporções incomensuráveis. A potência com que as gotas desabavam das nuvens negras possantes provocou o estourar do espelho em milhares de pedaços cortantes, que esvoaçaram pelo quarto em todas as direções possíveis.

Curvei o corpo colocando a cabeça entre as pernas, buscando proteger os olhos do ataque de Hária. Alguns estilhaços do espelho atingiram os meus braços, ao mesmo tempo em que escutava o meu irmão golpear a porta com o intuito de arrombá-la.

Alguns segundos depois, uma energia espantosa surgiu circundando os pequenos pedaços brilhantes. Presenciei os fragmentos espatifados do espelho ascenderem juntamente com a água espalhada pelo chão bem diante dos meus olhos incrédulos. A agitação primorosa permitiu que os elementos flutuassem pela atmosfera até retornarem à sua origem: o interior reluzente do belo contorno arredondado da penteadeira.

Depois de um tempo não existia nenhuma gota de água, nenhum pedaço de espelho, apenas o meu corpo inerte após uma experiência tão absurdamente desgastante.

— Liv... O que aconteceu aqui? — Felipe berrou assim que entrou no quarto.

— Querida... Você está bem? — meu pai sondou, curvando-se ao meu lado.

— Acho que não — Liana pronunciou, apertando os olhos. — Olha só... Tem sangue no braço dela.

— Quem lhe machucou? — Nicolau questionou, atormentado.

— Por onde o criminoso escapou? — Felipe indagou, achando estranho o fato de a janela estar fechada.

A minha fisionomia extenuada encarava a face assombrada de todos em presença do meu silêncio, compreensível apenas para mim.

— Vou buscar algo para desinfetar os ferimentos — Ama disse, deixando o local com rapidez.

— Liv... Escutamos os gritos da cozinha — meu pai pronunciou, ajudando a erguer o meu tórax. — Precisa nos dizer o que aconteceu por aqui.

— O espelho... — sussurrei.

— O que tem o espelho? — Felipe caminhou até a penteadeira como se não percebesse nada de errado com o espelho.

— Por acaso o espelho não está quebrado... Rachado... Qualquer coisa do tipo? — questionei, caminhando lentamente na direção que meu irmão se encontrava.

— O objeto está em perfeito estado — Nicolau respondeu diante da minha admiração, colocando-se à frente do objeto tão questionado.

— Não pode ser! — proferi, passando a mão com muita cautela em meu reflexo. — Hária... Esteve aqui em meu quarto me ameaçando através desse espelho.

— Liv... Por acaso andou bebendo? — Felipe indagou, enquanto Liana subia em um pequeno banco para averiguar melhor o objeto.

— A personificação das chuvas esteve aqui em seu quarto? — Nicolau perguntou com ansiedade. — Talvez seja mais seguro retornar à minha casa...

— Explique melhor o que aconteceu, minha filha — meu pai enunciou, com calma.

— Pai... Hária não deseja que Franco... — Felipe repreendeu a intimidade com que falei aquele nome. — Que seja... Que o príncipe Franco se apodere do medalhão — todos observavam atentos a narração. — Hária falou comigo através do espelho. A Etérea pronunciou que fará tudo o que estiver ao seu alcance com o objetivo de impedir que o medalhão fique em nosso poder, pois ela deseja vingança.

— Liv... Mil desculpas, mas está muito difícil de acreditar nessa história... — Felipe rebateu, no momento em que Ama retornava ao quarto.

— Por que a sua irmã mentiria? — o meu pai replicou, com irritação saltando aos olhos. — Hária nunca aceitou muito bem os mesoetéreos, e não deve mesmo estar contente com a possibilidade de o príncipe Franco apoderar-se do medalhão.

— Sinto muito, Felipe, mas precisará acreditar em tudo o que a nossa irmã disse. — Liana preveniu esticando o dedo em direção a uma das extremidades do espelho. — Está faltando um pedacinho bem aqui.

Felipe e Nicolau inclinaram o pescoço e constataram que realmente faltava um pequeno fragmento do espelho.

— E onde estaria o pedaço que falta? — Nicolau perguntou, virando-se para mim.

— Está bem aqui... Bem aqui! — respondi, levantando o antebraço e cessando qualquer dúvida.

Enquanto Ama cuidava com atenção dos ferimentos, eu relatava em detalhes o acontecimento inesperado. A conversa acalorada sobre o ataque finalmente findou-se e então decidimos não falar sobre o assunto com ninguém, muito menos relatar ao príncipe Franco a advertência dada pela Etérea.

Felipe julgou que o príncipe me consideraria uma louca se relatasse os verdadeiros acontecimentos. Todos retornaram à cozinha, tornando a minha necessidade de permanecer naquele local algo no mínimo apavorante.

A chuva havia diminuído quase por completo do lado de fora, o que de certa forma me sossegava. A tranquilidade se perpetuou ainda mais quando escutei o vento soprar calmo, sacudindo vagarosamente as folhas das árvores, um indício de que não estava sozinha.

Entediada, realizei as tarefas seguintes de forma tão reflexa que nem ao menos percebi que havia trocado de roupa. Catei as roupas molhadas do chão, peregrinei até o corredor e lancei-as com vigor dentro do cesto, imaginando que certamente não seriam lavadas tão cedo, pois para minha tortura os dias que se seguiriam seriam chuvosos.

— Do quarto pude escutar os risos... — afirmei, indo até o armário para pegar uma caneca. — Sobre o que conversavam?

— Sobre o que mais poderia ser? — meu pai comentou, estampando um sorriso mordaz em seu rosto.

— Conversávamos sobre as trapalhadas de Nicolau — Felipe elucidou, levantando-se para tomar mais um pouco da sopa.

Observava com perplexidade o meu irmão derramar o líquido sedoso e brilhante em seu prato, imaginando que aquele gesto seria uma sessão de tortura para o príncipe Franco.

— Nicolau... Passará a noite aqui em casa; não tem receio de que seus pais fiquem preocupados com a sua ausência? — interpelei, estreitando os olhos diante da expressão triste que o rapaz assumiu.

— Os meus pais morreram — Nicolau murmurou cabisbaixo.

— Desculpe-me pela minha indiscrição — repliquei, preenchida por tristeza. — Eu sinto muito.

— Acabou de perguntar algo sobre a parte mais triste da vida de Nicolau — Felipe proferiu com pesar na voz.

— Como eles morreram? — indaguei, repousando a caneca sobre a mesa. — Claro que, se não quiser falar, conversaremos sobre outro assunto — expliquei, pois não queria incomodá-lo com perguntas que pudessem lhe causar sofrimento.

— Atualmente, consigo falar sobre o assunto — ele esclareceu, causando-me espanto a visível maturidade. — Os meus pais foram atacados por midrões... Um povo selvagem que vive nos arredores de Lanóvia — Nicolau descreveu com ira. — Alguns membros da tribo roubam, matam inocentes, atacam trabalhadores... São uns verdadeiros monstros. O empregado que acompanhava a minha família contou que meu pai reagiu ao assalto; por conta disso os midrões os feriram mortalmente — ele tossiu duas vezes antes de prosseguir. — Os meus pais morreram durante o assalto, e o empregado alguns dias depois, o coitado não resistiu aos ferimentos — a voz embargou um pouco. — Eu tinha 10 anos na época. Como ainda era pequeno, fiquei sob os cuidados de uma prima da minha mãe. Resolvi ajudá-la com as despesas da casa procurando um trabalho. Felipe e seu pai me ofereceram pequenas tarefas com uma remuneração mais que justa.

— Ainda mora com a prima de sua mãe? — inquiri.

— A minha prima morreu há cerca de dois anos... — ele ficou em silêncio por alguns segundos. — Minha família são

vocês agora.

— Nós o consideramos como um membro da nossa família e por isso o amamos muito — meu pai disse num tom protetor, levantando-se e seguindo em direção à saída da cozinha. — Inclusive, pode mudar-se para essa casa na hora que desejar.

— Estou bem instalado em minha casa — ele respondeu, tomando uma colherada de sopa. — Agradeço a sua gentileza.

O restante da noite seguiu com as narrações das aventuras fantásticas de Nicolau. Observava da varanda que algumas pessoas ainda circulavam arrumando os depósitos, outras seguiam em direção à cidade em meio àquela escuridão, tentando se proteger da chuva fina; as mulheres mais idosas bordavam toalhas, enquanto assistiam alguns pais lutarem exaustos na tarefa de colocarem os filhos para dormir.

Assim que notei o meu pai cochilando no banco da varanda, Nicolau seguindo até a sala atrás de acomodações e Felipe tomando uma caneca de leite quente na soleira da porta, interpretei aqueles sinais como indícios a seguir em busca do meu merecido descanso.

Adormeci instantaneamente assim que repousei sobre a cama.

— Híndria? — surpreendi-me com o encontro num deserto infinito.

— Estou aqui porque precisamos conversar — ela elucidou com um semblante preocupado. — Liv... Possui a

capacidade de se desprender do seu corpo e seguir até onde o seu pensamento a levar.

— Então por isso estou tendo aquelas visões do castelo...
— divaguei.

— Aquilo não são visões. Na verdade, você tem presenciado tudo o que viu e ouviu — ela fez um silêncio desconfortável, como se estivesse insatisfeita com aquele dom. — Estou aqui porque preciso lhe pedir que tenha muito cuidado. Trata-se de uma habilidade muito perigosa. Se por acaso se desconcentrar, poderá nunca mais retornar ao seu corpo — Híndria parecia determinada a me assustar.

Por que a minha mãe havia me dado uma habilidade tão perigosa?

— Hária me atacou dentro do meu quarto — revelei aflita, desviando a conversa para algo que considerava mais importante. — Ela fez muitas ameaças, inclusive me recriminou por utilizar esse dom.

— Não se preocupe com a visita de Hária... Ela já foi devidamente repreendida por tal feito — a minha mãe comentou aliviada.

— Como posso controlar essa habilidade? — aspirava saber como o dom funcionava para usá-lo a meu favor.

— Precisa manter o foco sempre no local exato onde o seu corpo estiver — Híndria discorreu com muita clareza. — Prometa que não utilizará essa habilidade, pelo menos por enquanto.

— Farei o possível! — disse, sem promessas. — Por que me deu uma habilidade tão perigosa?

Híndria me encarou como se não estivesse disposta a responder. Reconheci por meio do seu silêncio que tudo era mais complicado do que imaginava.

— Quando vou encontrá-lo? — questionei algo que considerava mais interessante.

A minha mãe percebeu de imediato que fazia referência a Franco.

— Em poucos dias — ela replicou com convicção.

— Espero que o próximo encontro não seja tão conflitante — anunciei, esperançosa.

— Quando se conhece apenas a escuridão, muitas vezes a luz pode amedrontar — Híndria articulou, passando a mão em meu cabelo. — Talvez as coisas ainda sejam um pouco complicadas no próximo encontro.

— Complicadas em que sentido?

— Preciso partir agora, Liv — ela declarou sorrindo, desviando-se da pergunta.

— Não demore a aparecer — pedi sorridente.

— Prometo que não vou demorar... E, quando encontrar o príncipe Franco, procure tratá-lo de maneira mais adequada — ela recomendava, movida por resignação. — Não queremos que os conflitos entre vocês se perpetuem por muito tempo.

— Farei o possível — murmurei calma.

Híndria seguiu agitando as areias das dunas cintilantes até desaparecer completamente dos meus sonhos.

Quando o sol adentrou pela janela após vinte dias de chuva ininterruptos, o sorriso sincero voltou a iluminar o meu rosto. Avistei da varanda Felipe conversando com meu

pai. Resolvi me juntar aos dois assim que notei a agitação com que meu irmão entrava e saía do galpão.

— Estão indo para a cidade? — questionei, vendo Felipe executar cuidadosamente a tarefa de selar os cavalos.

— Estamos sim — meu pai respondeu desconfiado. — O seu irmão irá ao castelo entregar algumas espadas...

Felipe interrompeu meu pai.

— Passei do prazo que combinei com o príncipe Franco — Felipe comentou afoito seguindo até a carroça. — Aproveitarei a estiagem, pois preciso fazer as entregas das espadas.

— Enquanto Felipe estiver no castelo entregando as encomendas, seguirei até o mercado, pois preciso comprar alguns mantimentos — meu pai completou. — Nicolau também nos acompanhará.

— Poderia me levar com o senhor? — sondei, num tom carinhoso, tornando impossível uma negativa ao pedido.

— Não acho que seja apropriado levá-la à cidade depois de tantos episódios sobrenaturais — Felipe retrucou diante do meu desagrado, colocando algumas espadas no fundo da carroça.

— Passei os últimos vinte dias trancafiada por conta da chuva. A nossa casa mais parecia uma prisão! — resmunguei. — Bordei todos os tecidos que possuía, fiz doces com todas as frutas existentes na cozinha, Ama reclamou do excesso de doces, por conta deles Liana não se alimentou corretamente, ajudei em todas as tarefas do lar... Acho que seria justo que me levassem a um passeio.

— Está bem! — meu pai concordou impaciente. — Espero que se comporte melhor do que da última vez — ele advertiu, sem observar a insatisfação de Felipe.

Corri com uma agilidade absurda até o meu quarto, sentei em frente ao espelho e escovei o cabelo repetidamente; precisava extravasar toda a inquietação.

Escolhi um vestido azul no qual Ama havia acabado de fazer um conserto. Com toda a pressa do mundo, calcei as botas empurrando-as até que se acomodassem em meus pés. Disparei pelo corredor quando escutei os gritos de Felipe vindos da varanda.

Dessa vez, a trajetória foi bem mais tranquila. Agradecemos por não existirem bruxas à espreita, porém, por conta da chuva que tivemos nos últimos dias, as dificuldades foram expressivas, principalmente quando a carroça atolava.

Era metade da manhã quando entramos na cidade. Felipe fez questão de despedir-se rapidamente para que sob nenhuma hipótese implorasse em segui-lo ao castelo. Nicolau o acompanhou apressado pelo caminho íngreme que os levaria ao local onde eu realmente desejava estar.

Tomamos o rumo oposto, seguindo em direção à alameda que nos levaria ao mercado. As ruas do comércio eram bastante movimentadas, bem diferentes da calmaria que cercava a vila. Um garoto lépido recebeu algumas moedas de meu pai; ele cuidaria dos cavalos enquanto fazíamos as compras.

A agitação do lugar fez com que as pessoas não notassem a minha presença. Numa grande loja sortida de

mercadorias, um senhor robusto aproximou-se de meu pai. A intimidade com que conduzia a organização de todos os produtos sem a lista demonstrava que o meu pai devia ser um freguês bem antigo.

— Liv... Gostaria de levar um pouco de uvas? — meu pai iniciava uma conversa comigo.

— Sim... Gosto de uvas! — respondi sorrindo.

Um feirante passou agitado por nós, seguido por muitos outros, que gesticulavam ininterruptamente. Notamos que algo de estranho acontecia.

— Joel... Que agitação é esta no mercado? — meu pai indagou ao senhor que despachava um suculento cacho de uvas.

— Os soldados estão desde cedo querendo retirar a tenda de uma senhora. Alguns comerciantes estão protestando — o homem respondeu, num tom de revolta.

— Por que querem remover a tenda? — o meu pai interpelava, olhando na direção da confusão.

— Parece que a pobre coitada ficou um tempo doente e não teve dinheiro para pagar os impostos — o homem respondeu, colocando um pouco de aveia em um saco.

— Que absurdo! — esbravejei. — Como ela poderia pagar pelos impostos se estava doente?

Comecei a dar uns passos em direção ao motim.

— Liv... Para onde está indo? — meu pai interrogou em voz alta.

— Vou me aproximar um pouco mais; quero ver melhor tudo o que está acontecendo — respondi, ignorando o alerta

incisivo de meu pai com relação a não me envolver naquela confusão.

Os soldados insistiam que a mulher precisava desarmar a tenda, porém a pobre senhora implorava dizendo que dependia daquela atividade se quisesse permanecer pagando os impostos.

— Todos aqui conhecem as leis! — o soldado bradou, austero. — Quem não paga os impostos não pode permanecer no mercado. Imagine se perdoássemos as dívidas de todos os comerciantes? — ele comentou, apontando em direção aos presentes. — Não seria possível fazer as obras necessárias, nem oferecer a segurança, entres outras coisas.

— Meu filho... Tenha compaixão dessa pobre velha... — a mulher implorava, enquanto amansava os cabelos brancos.

— Temos ordens expressas para desarmar todos aqueles que estiverem com os impostos muito atrasados — o soldado retrucou friamente. — Faz mais de cem dias que a senhora não cumpre as suas obrigações com o tributo. O príncipe lhe deu três prazos diferentes, contudo a senhora não cumpriu nem um terço do acordo. Precisa retirar-se do mercado até quitar o seu débito.

— Estava adoentada — a velha chorava em desespero. — Todo o dinheiro que tinha guardado acabei utilizando para resolver alguns problemas dos meus netos.

— Estou lhe pedindo por gentileza que retire a tenda para o seu próprio bem, senão... — ele balançou a cabeça.

— Senão... — a minha voz elevou-se diante dos comentários de protesto contido dos outros mercadores.

— Liv... Esse assunto não é da nossa alçada... — meu pai advertiu.

— Senão retirará a tenda dela usando a força! — repliquei. — Soldado, por acaso não está ouvindo o que essa senhora disse? — apontei a comerciante, que me encarava assustada enquanto fazia a sua defesa. — A pobre mulher estava doente... E se estava doente não podia trabalhar, e se não podia trabalhar... Como pagaria os impostos?

— O príncipe Franco foi bem claro em suas ordens... Ela precisará pagar a dívida se quiser permanecer no mercado! — outro soldado comentou com intensidade.

— Mas como essa senhora pagará a dívida se não pode permanecer no mercado para vender a mercadoria? — rebati.

— Os netos dessa senhora são muito fortes; podem trabalhar com a intenção de saldar a dívida — o soldado ralhou, convicto da sua razão.

— Inclusive temos ordens de confiscar a mercadoria — o terceiro soldado se manifestou. — Ela servirá como pagamento de parte da dívida.

— É dessa forma que o futuro rei trata o seu povo? — berrei irada com a situação da pobre senhora. — Aquele homem sem coração não se importa se os súditos ficam doentes, ele quer apenas receber o dinheiro dos impostos. Custe o que custar — olhei a multidão alarmada.

— Senhorita... Se continuar ofendendo o príncipe Franco, nós seremos obrigados a levá-la ao calabouço! — o soldado mais alto ameaçava.

— O príncipe Franco deu todos os prazos possíveis a essa senhora, no entanto ainda assim ela não conseguiu honrar a dívida — um homem gritou do meio da multidão.

— Minha filha... Você não pode se referir ao príncipe Franco de uma maneira tão hostil — meu pai preveniu, esticando-me nervoso pelo braço.

— Precisam negociar com o príncipe Franco maiores prazos para o pagamento de impostos — pronunciei, virando-me bruscamente em direção à aglomeração. — Precisam argumentar o que poderia ser feito numa situação atípica, como no caso de morte, doença ou até mesmo roubo. Não podem aceitar passivamente que os seus direitos sejam cerceados e muito menos que as mercadorias sejam confiscadas.

— Senhorita... É a lei para quem não paga os impostos — o soldado insistia.

— Aquele maldito príncipe Franco provavelmente está em seu castelo fazendo o desjejum com um majestoso garfo de ouro, enquanto o povo está sendo impedido de ganhar o seu dinheiro com honestidade — bradei dando as costas às pessoas, voltando-me para a senhora, que assumiu um semblante ainda mais atemorizado.

De repente, aquela multidão agitada envolveu-se no mais completo silêncio, e eu escutei aquela estranha quietude sem entender absolutamente nada.

aprisionada

— A quem possa interessar... O meu desjejum foi feito muito antes que a moça temperamental que vos fala estivesse acordada — o tom grave da sua voz invadiu os meus ouvidos. — Inúmeras pendências com relação ao nosso reino já foram solucionadas, antes mesmo que a senhorita deixasse o vilarejo onde mora com intenção de proclamar calúnias ao meu respeito! — o príncipe Franco pronunciou com fúria, fazendo a multidão que nos observava se dissipar. — Pois fique sabendo que cometeu um delito muito grave; ofendeu um membro da família real!

— Não ofendi ninguém! — obtemperei diante do seu olhar raivoso. — O que disse foi a mais pura verdade; não pode continuar tratando o povo dessa forma!

— Quem pensa que é para dizer de que maneira devo tratar os meus súditos? — ele aumentou o tom, aproximando-se de mim a ponto de provocar o desespero de meu pai. — Não estou cometendo nenhum crime. Questões como a dessa senhora que defende com tanto afinco estão muito bem definidas nas leis deste reino. O comerciante que não paga os seus impostos não poderá permanecer no mercado.

— Claro... — a minha voz tremulava, sugerindo um tom irônico. — Os impostos precisam ser pagos para que seja possível manter as suas extravagâncias. Afinal de contas,

imagino que seja a contribuição do povo que permite a aquisição das ferramentas necessárias para que continue conquistando mais cidades, e explorando mais pessoas.

O príncipe Franco chegou tão próximo que podia sentir o seu hálito adocicado invadir as minhas narinas. Inclinei um pouco a cabeça para conseguir encará-lo, considerando um exagero as acusações que fazia.

— Os impostos precisam ser pagos porque precisamos manter a segurança do mercado, a conservação da paz em nossa cidade, a realização de obras, a manutenção da limpeza, entre outras coisas.

— Alteza... Desculpe o descontrole de minha filha — meu pai se explicava com uma voz propositalmente baixa.

— Não precisamos pedir desculpas — afirmei, encarando os olhos que atormentavam a minha serenidade.

Elevei o pescoço enquanto as pessoas assistiam boquiabertas à demonstração de audácia diante da maior autoridade de Lanóvia. O príncipe Franco encarou-me como se não conseguisse acreditar que os ultrajes persistiam mesmo depois das convincentes explicações.

Num gesto tomado pela raiva, a mão macia apoderou-se do meu braço, tornando impossível evitar o arrepio que se estendeu pela minha pele. O príncipe Franco percebeu o sinal completamente involuntário em presença de tanta proximidade; no entanto, fez questão de ignorá-lo, aumentando a pressão que fazia sobre a minha carne. Por alguns míseros segundos a sua boca ficou tão próxima da minha que se tornou um martírio ter que evitá-la.

— Raul... — ele sussurrou, engolindo em seco. — Sabe o quanto respeito o senhor e a Felipe, mas não posso desconsiderar o atrevimento de sua filha — meu pai sustentava uma fisionomia embaraçada. — Ela cometeu uma série de delitos. Perturbação da paz, ofensas a um membro da realeza... A sua filha está impossibilitando que os soldados cumpram o seu dever. Felizmente tenho muitas testemunhas, portanto posso puni-la severamente.

— O que fará comigo? — indaguei, buscando arrancar o meu braço de suas mãos firmes; tarefa que considerei impossível em presença da força considerável que nos mantinha próximos. — Por acaso o príncipe me condenará à força? — ironizei, observando um mercador que carregava bravamente um grande saco em suas costas e estava visivelmente preocupado com o destino que eu teria por desafiar o “Príncipe Sem Coração”.

— Não tão severamente! — ele ironizou, estreitando os olhos, pois o sol resplandecia soberano num céu completamente azul. — Acredito que apenas uma noite no calabouço será suficiente para acalmar-lhe os nervos. Prometo que oferecerei a cela mais confortável que estiver disponível — quase pude notar um sorriso vitorioso em seus lábios.

Apesar do dia intensamente claro, aquela notícia ecoou como a mais completa escuridão aos olhos de meu pai. As pessoas buscavam apoiá-lo, outras argumentavam pacificamente de que não seria preciso uma atitude tão intensa contra alguém tão indefeso.

O príncipe Franco desconsiderou todos os apelos, arrastando-me com uma potência que julguei desnecessária pelas ruas do comércio. Os meus olhos incendiavam com o inundar das lágrimas, porém o orgulho não permitiu que nenhuma gota de lamento escorresse naquele momento em que experimentava a aspereza em sua voz.

O seu olhar ambíguo sustentava a agonia disfarçada de autoridade. Estava claro que o príncipe Franco não desejava verdadeiramente me encarcerar.

Paramos em frente a uma carroça gradeada cercada por soldados fortes. A intensidade com que ele cessou o movimento fez com que os meus cabelos açoitassem a minha face. O príncipe Franco fazia questão de extravasar um ódio bastante duvidoso contra mim.

Assim que subi vagarosamente na carroça, um soldado fez menção de que amarraria os meus punhos com a corda, mas rapidamente o “Príncipe Sem Coração” manifestou-se dizendo que não seria necessário.

— Alteza... Sei que não devo contestar a sua decisão, mas tenho certeza que Liv não o ofendeu por mal — o meu pai, visivelmente abalado, lutava para evitar a minha prisão.

— Papai... Fale apenas por você, porque quanto a mim não retiro uma única palavra do que disse — resmunguei, com a intenção de provocar o príncipe.

A face do príncipe, repleta por todas as rugas de irritação, recaiu sobre o meu semblante provocador, enquanto a sua cabeça sacudia fervorosamente em todas as direções, demonstrando toda a insatisfação com o meu comportamento.

— Sinto muito! — o príncipe disse, parecendo sincero, enquanto tentava esconder os movimentos nervosos. — Não posso desconsiderar todo esse excesso de atrevimento. A sua filha pronunciou diversas calúnias, não posso permitir que escape do castigo. Se não tomar uma providência contra o desacato, logo outras pessoas se acharão detentoras do mesmo direito — o príncipe expôs, partindo em direção ao cavalo, e sendo seguido pelos passos amedrontados de meu pai. — Prometo que não vou machucá-la.

O príncipe Franco silenciou-se, olhando-me fixamente. As palavras finais não inibiram a raiva inconstante. Neste exato momento, o seu cavalo iniciou os primeiros galopes pelo caminho que nos levaria até o castelo, para ser um pouco mais precisa, diretamente ao caminho que me levaria até o calabouço.

Meu pai caminhou, colocando a mão por entre as grades da carroça. Eu não reconhecia nenhum traço de calma em seu semblante, mesmo depois da promessa do príncipe de não me machucar.

— Não precisa ficar preocupado! — assegurei sem fingimento, porque a situação realmente não me incomodava. — Amanhã cedo estarei em casa.

— Liv... Não continue com ofensas... — meu pai advertiu aflito, contrariando o pedido que havia feito. — Não o desafie! O príncipe Franco nem sempre é condescendente.

Sorri com tranquilidade, sentindo o balançar da carroça. Os dedos do meu pai aos poucos se afastaram dos meus;

ele desistiu dos pedidos de clemência assim que a carroça dobrou a esquina.

Quando cruzamos os portões quase intransponíveis do castelo, os soldados que faziam a guarda espantaram-se com um prisioneiro tão inesperado ocupando a carroça. Imediatamente os comentários chegaram ao alojamento, fazendo com que Felipe corresse na direção que levaria ao calabouço.

— O que está acontecendo aqui? — Felipe perguntou atordoado. — Por que Liv está presa?

O príncipe Franco abriu a grade com rapidez, oferecendo ajuda durante a descida dos curtos degraus da jaula. Rejeitei com todo prazer a sua oferta, apoiando-me sobre o ombro de um soldado até alcançar o chão. A mão estendida do príncipe Franco permaneceu vazia depois da minha negativa.

— Sua irmã ofendeu-me perante todos no mercado — a voz do príncipe Franco soou firme como uma rocha. — Queria provocar uma revolução por causa de uma senhora que estava com os impostos atrasados.

— Liv... Por que se envolveu nesta confusão? — Felipe inquiriu, transtornado. — Alteza... Por favor, permita-me que a leve para casa comigo. Prometo que farei todo o possível para garantir que a partir de agora a minha irmã não faça nada que o desagrade.

A rigidez em minha face demonstrava todo o meu ódio, mas na verdade tudo não passava de uma dissimulação dos sentimentos reais que me atormentavam. Bloqueei com

muita rapidez o desejo arrebatado de ler os pensamentos do príncipe, pois faria tudo para não estragar o disfarce.

— Felipe, tenho muita consideração por sua família, mas não posso deixar de punir um culpado — ele argumentava. — Prometi a seu pai que não permitirei que nada de ruim aconteça à sua irmã — ele encarou Felipe com altivez. — Precisa reconhecer que ela merece uma boa lição. Pergunte a qualquer pessoa no mercado... — ele apontou para o portão. — Todos lhe dirão o quanto fui desafiado e ofendido.

— Estava lutando pelo bem de uma pessoa indefesa! — a frase escapou da minha garganta, aumentando mais a exaltação do meu falso carrasco.

— Liv... Cale-se! — Felipe clamou, impaciente. — Alteza... Espero que possa perdoá-la por tanto desrespeito. A minha irmã cresceu em meio à floresta, por isso possui uma natureza intempestiva e tão avessa às convenções.

— Estou lhe dando a minha palavra de que a deixarei em sua casa amanhã — o príncipe Franco proferiu, com uma expressão um tanto contrariada. — Espero que a senhorita tenha um bom comportamento ou, do contrário, serei obrigado a mantê-la aqui por tempo indeterminado.

— Gostaria de me fazer sua prisioneira para sempre, Alteza? — interpelei, com sarcasmo.

— Para sempre? — ele replicou, evitando um sorriso. — Não suportaria tamanha tortura.

— Liv... Não piore as coisas! — Felipe advertia, com a face empalidecida. — Alteza... Permitiria um momento com minha irmã a sós?

O príncipe Franco gesticulou com um sinal afirmativo. Observando Felipe enfurecido, guiou-me até a lateral da carroça.

— Será que poderia parar com as provocações, por gentileza? — Felipe praticamente sussurrava para não ser escutado. — Deve ter irritado muito o príncipe Franco. Interrompa esse comportamento inadequado agora mesmo ou passará o resto dos seus dias trancafiada no calabouço! — Felipe diminuiu mais o volume da voz. — Não fica preocupada com o fato de ficar tão à mercê desses soldados? — arrebentei os lábios trêmulos com um suspiro de impaciência. — Conversarei com os *Insurrectos*, pois tentaremos um resgate ainda esta noite.

— Não se atreva a fazer isso! — exigiu com vigor, respirando fundo; precisava prosseguir a conversa. — Será apenas uma noite; não podem arriscar suas vidas! Se o príncipe colocar as mãos em cima de um de vocês, com toda certeza o prisioneiro seria condenado à força por traição! — meus olhos quase saltaram das órbitas. — Nenhum soldado se atreveria a encostar as mãos em mim — certifiquei com segurança.

— Não tenha tantas garantias — ele murmurou, temeroso.

— Não cometa nenhuma loucura esta noite! — acautelei, beijando-lhe a face. — Vamos encerrar o assunto, pois o príncipe está vindo para cá.

— Felipe... Sinto muito em interrompê-los, mas preciso levá-la ao calabouço — o príncipe insistiu com autoridade.

Meu irmão despediu-se considerando aquela prisão um abuso, enquanto eu me conformava com o castigo bem merecido por conta da petulância mesmo diante de todas as explicações que o príncipe Franco havia me dado.

Descemos vários lances de escadas até adentrarmos por um ambiente desconfortavelmente frio. O calabouço localizado no subsolo do castelo sustentava uma aparência sombria e aterrorizante.

Notei que as celas ocupadas por prisioneiros se localizavam num corredor extenso, distante do local para onde era conduzida. Talvez o príncipe Franco estivesse realmente preocupado em me manter afastada dos bandidos perigosos.

Um dos soldados que o acompanhava abriu a imensa porta de ferro, de espessura grossa, do que parecia ser a “solitária”. A abertura minúscula central na parte de cima dava a dimensão exata da clausura que ocuparia.

Dentro do ambiente privado de boa ventilação existia apenas uma cadeira velha, uma pequena mesa de madeira ao canto e uma estreita cama sustentada por correntes presas à parede.

Admirei o brilho de raios solares adentrando pela fresta, no alto da muralha, que excepcionalmente me afastava da liberdade.

— Espero que tenha gostado das suas acomodações — ele comentou com escárnio, sustentando o sorriso que me converteu em agonia. — Passará esta noite no calabouço, pois preciso que compreenda de uma vez por todas que tem o dever de me respeitar — o príncipe me lançou um olhar

incompreensível. — Mais tarde mandarei que lhe sirvam alguma coisa para comer.

— Não precisa se preocupar comigo — retruquei, dando de ombros.

— Não se trata de uma preocupação especial. Nós não costumamos matar os nossos prisioneiros de fome — ele afirmou, fazendo questão de demonstrar que aquele seria um tratamento costumeiro aos presos. — Não estou fazendo nada mais do que a minha obrigação.

— Avaliando a excelente acomodação que ocuparei, fico imaginando a qualidade da comida que seria servida aqui — ergui as sobrancelhas com arrogância. — Dispensio a comida, pois não estou com um pinga de fome.

— Respeitarei a sua vontade! — o príncipe Franco esticou os lábios, escondendo um sorriso amável. — Quando a senhorita estiver faminta nos avise; teremos um grande prazer em lhe servir o cardápio variado destinado aos prisioneiros.

Ele deu alguns passos como se desejasse deixar a cela rapidamente.

— Espero que tenha a dignidade de manter a sua palavra, deixando-me voltar à minha casa amanhã — aumentei o tom de voz, esfregando as mãos pelos braços.

— Tudo dependerá do seu comportamento — ele respondeu com um olhar que destruiu o chão abaixo dos meus pés. — Defendeu aquela senhora com tanta veemência porque reconheceu a oportunidade de aproveitar-se da situação, apenas com a intenção de me ofender gratuitamente.

— Ah... Claro... — juntei as mãos, comprimindo-as em meus lábios estremecidos. — Parece que algumas vezes enxergamos o outro por nós mesmos — zombei, aproximando-me dele. — Certamente se estivesse em meu lugar só a defenderia se estivesse movido por algum interesse — encarei os olhos no tom indefinido que amava. — Não sou como Vossa Alteza... Ajudei aquela senhora porque considerei muito injusta a atitude que estava sendo tomada contra ela — desviei o olhar antes de tudo se tornar difícil demais para controlar.

— Conhecia aquela senhora, Liv? — o meu nome escapou de seus lábios com doçura; fui obrigada a encará-lo novamente. — Nunca julgue sem conhecer a verdade dita pelos dois lados. Entenda que, se exige que uma ordem daquela fosse executada, era porque tinha motivos para tanto — a voz gravemente rouca me entorpecia. — Aquela senhora gasta tudo o que ganha com jogos e pagando as dívidas dos netos nos bares. Deveria escutar menos o que os inimigos dizem sobre a minha conduta e se concentrar numa forma de me conhecer melhor.

— Conhecê-lo melhor? — contestei, após uma gargalhada. — Será que concederia tamanha honra a uma mísera plebeia? — ironizei, curvando-me diante dele. — Vossa Alteza está sempre tão preocupada com batalhas que esqueceu de mostrar o coração ao seu povo. Esqueceu de mostrar o que nós, humanos, possuímos de melhor... A capacidade de amar — expressei com cautela, pois não gostaria que o príncipe interpretasse as minhas palavras

como uma afronta. — As pessoas por aqui não o respeitam; elas apenas o temem.

— Quando se perde o temor... Se perde o respeito — ele refutou, como se fosse deixar o local, mas arrependeu-se ligeiramente e virou-se em minha direção. — Não imagina o tamanho da responsabilidade que existe por trás de todo esse império — ele gesticulou os braços com agitação. — Talvez ainda seja muito jovem para compreender isso. Quem sabe algum dia possa entender as minhas razões.

O príncipe Franco virou-se de costas, deixando a cela com uma rapidez torturante. Com calma, ordenou ao soldado que trancasse a porta imediatamente. Escutei os passos firmes maltratando o corredor até restarem apenas gritos de prisioneiros insatisfeitos com a clausura.

Como desejei odiá-lo, como ambicionei detestá-lo, como almejei abominá-lo, mas nenhum traço de raiva respingava em meu coração angustiado.

Enlouquecia de tanta impotência, aprisionada por grandiosas paredes acinzentadas. Sucumbia a um desespero avassalador, aprisionada por um amor que a cada dia detestava experimentar.

Com o passar dos minutos, respirar me pareceu uma tarefa quase impossível. Gritei, escutando apenas o eco da minha própria voz como única resposta; por fim, adormeci de tanto cansaço.

Acordei no final da tarde com uma voz feminina esbravejando com o soldado.

— Ora essa! — ela pronunciou irritada. — Soldado, abra logo essa maldita porta!

— Senhora... O príncipe Franco disse que ninguém estava autorizado a entrar na cela desta prisioneira! — o soldado explicava inutilmente.

— Estou lhe dizendo que preciso que abra a maldita porta imediatamente! — ela persistiu com empáfia. — Recusará um pedido da realeza, soldado?

O ranger promovido pelas dobradiças da porta arrebentou em meu peito como uma bela melodia.

Norah adentrou radiante, com um vestido vermelho, e acompanhada por uma criada, que carregava uma bandeja com frutas e uma jarra de barro que devia conter água.

A mulher alta e corpulenta colocou a bandeja em cima da pequena mesa. Em seguida, aproveitou as mãos livres e acendeu uma vela no castiçal.

Norah pediu educadamente que a criada se retirasse, para que ficássemos mais à vontade.

— Que lugar pavoroso! — Norah pronunciou estarrecida. — Acredito que o meu irmão talvez não esteja sendo justo contigo permitindo que passe a noite nesse lugar horrível — a voz sincera me comovia. — Implorei à minha mãe que a tirasse do calabouço, porém ela foi categórica ao dizer que jamais passaria por cima de uma ordem dada por Franco — a voz alterou-se em crítica por conta da atitude da mãe. — A rainha Sophia acredita que, se o príncipe Franco a colocou aqui, é porque realmente deve ter merecido.

— Digamos que a rainha Sophia talvez tenha um pouco de razão, mas, verdade seja dita, o seu irmão não tem a mínima afeição por mim — murmurei, caminhando até a jarra em cima da mesa; precisava beber um pouco de água.

— Andreas solicitou inúmeras vezes que Franco voltasse atrás em sua decisão, mas o meu irmão mais velho está mesmo irredutível — Norah explicou, espalmando a cama com a esperança de que pudesse diminuir a poeira. — Franco nos contou que a senhorita passou um pouco dos limites no comércio — as suas mãos se aquietaram, desistindo da tarefa de amenizar o pó. — Será que não consegue controlar esse gênio?

— Não sou geniosa! — defendia-me da característica atribuída injustamente. — Simplesmente não gostei da forma como aquela senhora estava sendo tratada — sussurrei com acanhamento, mordiscando uma ameixa. — Porém... Devo confessar que seu irmão provoca certo descontrole em mim.

Norah sorriu quando escutou a palavra “descontrole”.

— Mais tarde pedirei que lhe tragam uma sopa bem quente, além de cobertores e travesseiros — ela comentou, observando o local. — Felizmente, amanhã ficará livre desse tormento. Por favor, não provoque Franco ou poderá complicar as coisas para você e a sua família também.

— Acredite... Eu tento! — afirmei, com sinceridade. — Porém algumas coisas não funcionam como eu gostaria...

— As coisas nem sempre são da maneira que gostaríamos... — Norah fez a observação aproximando-se da bandeja e, com energia, agarrou um cacho de uvas. — Não acho que seja prudente enfrentar o meu irmão; não pode tratá-lo como se ele fosse um homem comum... Franco será o futuro rei desse povo.

— O que profetizaram sobre seu irmão? — questionei.

— Curioso que pergunte isso... — ela repontou, intrigada.
— Outro dia conversávamos exatamente sobre o assunto. Existem profecias muito antigas sobre ele espalhadas em diversas Casas dos Etéreos... Uma delas diz que Franco estará pronto para a batalha apenas quando encontrar o seu coração.

— Interessante! — declarei, com um sorriso contido; queria evitar que Norah percebesse o quanto havia ficado feliz com a informação.

— Claro que Franco considera todas as profecias sem importância alguma — Norah esclareceu, abandonando as uvas para ajeitar o laço do vestido. — O meu irmão abomina magia; ele simplesmente detesta tudo que possua um caráter sobrenatural.

— Fale-me um pouco mais sobre Franco... Quer dizer, sobre o príncipe Franco. — corriji rapidamente. — As pessoas comentam coisas horríveis sobre a personalidade dele.

— Bem... Sei que parecerá contraditório o que direi, mas Franco talvez seja a melhor pessoa que conheço. Ele é muito justo em suas decisões. Não faz ideia de quantas pessoas o meu irmão ajuda todos os dias, não imagina como ele luta com o próprio sangue pela integridade do povo — Norah declarou, sentando-se ao meu lado. — Franco sempre foi um irmão muito amoroso e protetor. Andreas passou a vida inteira queixando-se do excesso de zelo. Às vezes, chego a acreditar que Franco sempre foi o filho mais amado por meus pais, pois existe algo nele que faz com que a minha mãe o deseje sempre por perto — ela apertou os

lábios antes de pronunciar as palavras que se seguiriam. — A minha mãe abomina a ideia de perdê-lo...

— Talvez o seu irmão não seja o filho mais amado. Imagino que a rainha sustente um temor muito maior com relação à integridade do príncipe Franco porque ele está sempre envolvido em combates, portanto exposto a mais riscos — tentei justificar o comportamento da rainha.

— Inúmeras coisas que dizem sobre Franco nem sempre são verdadeiras — Norah comentou, enérgica. — Existe certa dose de exagero no que dizem, mas ele afirma que isso o deixa muito contente, porque acaba afastando os inimigos do nosso território.

— E quanto aos relacionamentos amorosos? — questionei um pouco acanhada. — Não que eu tenha qualquer interesse em seu irmão... Longe de mim!

— Quando se trata de mulheres... — Norah comentou sorrindo diante da minha respiração acelerada. — Bem, Andreas sempre foi o mais bonito, mas as mulheres sempre acabam desabando aos pés de Franco sem que ele faça qualquer esforço para isso... Mesmo sem querer o meu irmão mais velho tem o poder de enlouquecer as mulheres — pensei: *Como se eu não soubesse disso...* — Imagino que o semblante sério, o bom caráter, a coragem incontestável, a força indiscutível... Acabam sendo atributos maiores do que a beleza quando se trata de conquistar o coração de uma mulher — ela expôs diante dos meus olhos atentos. — Posso lhe afirmar com toda certeza que o fato de não ser o mais bonito nunca o incomodou. Franco sempre conquistou todas as mulheres que desejou.

— Foram tantas mulheres assim? — indaguei, nitidamente irritada.

— Bem... Acho que estou exagerando um pouco — ela disse sorrindo, a ponto de minimizar a minha irritação. — Preciso voltar aos meus aposentos agora; detestaria arrumar confusão com Franco — o tom respeitoso escapou dos seus lábios. — Espero que tenha uma boa-noite!

— Agradeço pelo cuidado que está tendo comigo — pronunciei docemente, dando-lhe um abraço.

— Tenho convicção de que faria o mesmo por mim! — ela expôs com sorriso radiante, numa tentativa de melhorar o meu humor perante a noite nebulosa que se aproximava.

Norah abandonou a cela ainda queixando-se com o soldado sobre a impertinência de minutos antes. Num golpe de pura sorte do rapaz, a criada interrompeu questionando algo sobre o vestido sujo de poeira, o que fez com que a princesa finalmente cessasse as reclamações quanto à conduta dele.

Eu apreciava a chama da vela se esvaindo... Imaginei se o soldado me ofereceria outra. Apertei os olhos e encarei a chama perdendo a força. Ponderei que não negaria a oferta, pois acreditava que passaria a noite em claro, e passá-la na mais profunda escuridão seria assombroso.

Um tempo depois, uma moça simpática chegou com todos os aparatos que Norah havia prometido. Ela conversava animadamente enquanto trocava os lençóis empoeirados, mas respondia evasivamente às perguntas sobre o paradeiro do príncipe Franco. Fiquei bem mais calma quando ela colocou outra vela no castiçal.

— A sopa está deliciosa — comentei.

— A princesa solicitou que fosse feita especialmente para a senhora — a moça disse, virando-se para a mesa.

A tristeza da solidão abateu-me depois que a agradável moça deixou a cela com o relato sobre as tarefas que ainda precisaria cumprir naquela noite.

Vez por outra, escutava alguns passos pelo corredor, outras vezes as vozes dos soldados arrebatavam pela passagem a ponto de fazer cessar os gritos de alguns prisioneiros.

Pela pequena fresta logo acima de minha cabeça notei o céu novamente encoberto por nuvens gris. Desviei o pescoço quando o barulho trincou a porta da minha cela.

— Parece que a minha irmã está mesmo preocupada em lhe oferecer uma boa hospedagem! — ele disse zombeteiro, adentrando sem meu convite.

A penumbra não me impedia de reconhecer aquele rosto.

— Preciso lhe dar alguns avisos — ele pronunciou, fechando a cela. — Não vou tolerar mais os seus desacatos, tampouco aceitarei que insulte qualquer membro da minha família ou faça comentários maldosos sobre a forma como vivemos — ele disse com altivez, dando alguns passos. — Espero que estejamos entendidos porque não quero me indispor com seu irmão, muito menos com seu pai. Eles oferecem préstimos à minha família há muitos anos.

Vislumbrei o seu rosto carregado pela dureza sem pestanejar. Meu cérebro parecia responsável por impedir que as lágrimas se derramassem pelo meu rosto diante da

maneira fria com que o príncipe Franco conduzia aquelas palavras.

— Podia ter esperado até amanhã para me dar avisos tão importantes — retruquei, estranhando o fato de o príncipe ter voltado ao calabouço com a finalidade de recomendar algo que estava cansada de saber.

— Considerei que deveria lhe dar os avisos ainda hoje; não queria deixar passar o calor das suas ofensas — ele informou, aproximando-se da cama. — Não precisa ficar temerosa por passar a noite no calabouço. Patrício é um dos meus homens de confiança; pedi que fizesse a guarda da sua cela pessoalmente.

— Agradeço a consideração — resmunguei displicente.

— Espero sinceramente não ter que tomar mais nenhuma atitude drástica com relação a você... — o príncipe Franco pronunciou, com toda a franqueza. — Desejo com todo o ardor que se mantenha afastada de mim e da minha família — existia uma inverdade oculta naquela frase impetuosa.

— Deseja isso verdadeiramente? — questionei, colocando-me à sua frente a ponto de sentir o calor exalar da sua pele; os lábios finos estremeceram com a tensão provocada pela aproximação.

— Com todo o meu coração! — ele revelou, enquanto a ironia recobria os olhos perfeitos.

— Pensei que não tivesse um — especulei mordaz quando percebi que ele havia gostado da dualidade por trás daquelas palavras.

O príncipe Franco percorreu os olhos extasiados sobre minha face, fazendo com que o rubor preenchesse o meu

semblante confuso. Escondi com brilhantismo a vontade devastadora que as minhas mãos tinham de afagar o seu rosto.

— Caso não seja um delito muito grave, eu adoraria descansar um pouco agora — apertei os olhos, afastando o desejo de saber o que ele pensava. — Vossa Alteza, se importaria de me deixar repousar?

— Requerer tão educadamente que a deixe descansar no conforto de sua cela jamais poderia ser considerado um crime...

A voz ferina acabou sendo calada pelo soldado que arrebatava o punho com inquietação na porta da cela.

— Pode entrar, soldado! — Franco pronunciou, recobrando o tom sério.

— Alteza... Estamos sendo atacados! — o soldado gritou, sacudindo as mãos.

— Os *Insurrectos*! — o príncipe deduziu, em voz baixa. — Como eu previa...

— Estão lançando flechas de fogo em direção às torres do castelo! — o soldado elucidou, procurando respirar fundo para recuperar o fôlego rapidamente. — Primeiro os anarquistas mandaram este bilhete — o soldado ergueu o papel escuro.

“Libertem os inocentes!” — enxerguei o que estava escrito.

— Alguns segundos após o envio da mensagem, os crápulas nos atacaram com as flechas — o príncipe Franco amassou o bilhete com descontentamento perante o relato

do soldado. — Os soldados da guarda noturna estão aguardando as suas ordens.

— Qual é a relação que você possui com os *Insurrectos*? — o príncipe inquiriu ríspido, acomodando a mão sobre o meu braço.

— Não sei do que está falando! — disse, dando-lhe as costas.

— Tem certeza? — a sua voz ecoou irônica. — Por que os *Insurrectos* arriscariam a vida mandando libertar inocentes? A única inocente que se encontra presa esta noite, coincidentemente, é a senhorita!

— Os *Insurrectos* lutam pelo povo — arguí nervosa. — Portanto, se faço parte da plebe, nada mais natural que lutem pela minha libertação.

Admirei os olhos de tom indefinido defrontando-me com o seu pensamento: *Ela acha mesmo que consegue me enganar!*.

— Conseguiram identificar alguém? — o príncipe questionou, com interesse pela resposta, sem perceber a alteração na cor dos meus olhos.

— Todos estão mascarados, senhor — o soldado explicou, permitindo que os meus olhos tivessem tempo de voltar à normalidade. — Também estão com um número pequeno de homens; por enquanto não precisamos nos preocupar.

O príncipe Franco ordenou que o soldado organizasse a tropa com o objetivo de capturar um dos rebeldes. Se eu pudesse escapar dali, certamente correria com a finalidade de evitar que um dos rapazes caísse nas unhas dos guardas.

— Peça avidamente em suas orações que ninguém seja capturado essa noite — ele asseverou enfurecido, caminhando em direção à saída. — Porque não serei tão compreensivo como tenho sido até agora.

Não era bem o que eu esperava para aquela noite! Eu havia recomendado a Felipe que não tentasse nenhum tipo de resgate, pois eu carregava a plena convicção de que, se algo do tipo fosse executado, os rebeldes seriam severamente punidos.

Todos reconheciam que o príncipe Franco desejava que a rebelião tivesse um fim. Pela primeira vez, considerei que aquela prisão descabida talvez tivesse sido apenas uma estratégia com o objetivo de atrair Felipe diretamente à cova dos leões.

Ao mesmo tempo, reconheci que existia algo grandioso demais entre mim e o príncipe Franco. A certeza disso fez com que eu perdesse o mínimo da racionalidade que possuía e, munida de uma confiança imensa, resolvi convencê-lo a desistir do embate com os rebeldes.

Aproveitei o pequeno descuido do soldado enquanto ele fechava a porta e corri até o lado de fora da cela. As minhas mãos imprudentes agarraram o braço do príncipe Franco, impedindo que ele continuasse a subir as escadas. O soldado tentou barrar a inconveniência, porém um gesto categórico do príncipe fez com que o rapaz empacasse no corredor.

— Para que tanta precipitação? — eu questioneei, encarando seu olhar aborrecido sobre a minha atitude censurável. — O soldado disse que estão em pequeno

número; logo os rebeldes irão embora sem que seja necessário derramar sangue nos arredores do castelo. Para que assustar a população desnecessariamente?

— Considero que foi muito atrevimento da parte dos *Insurrectos* nos atacar — escutei a voz instável converter a sua expressão em mais completa indignação. — Liv, esses homens insatisfeitos não podem simplesmente atacar o castelo sem receber em troca uma punição severa — um semblante vitorioso surgiu. — Imagine... No caos que se transformaria essa prisão se por acaso os rebeldes decidissem que têm o direito de resgatar os membros de sua família que porventura estejam presos! — estremeci, porque ele sabia do envolvimento de Felipe. — Não quero que os ataques se transformem em rotina!

— Ignore o ataque! Não coloque um exército grandioso apenas para combater meia dúzia de *Insurrectos*! — argumentei. — Por que um desgaste desnecessário? Demonstre a sua grandiosidade colocando-os para correr daqui.

O príncipe Franco não emitiu nenhum som diante da minha rogativa. As suas mãos conduziram-me novamente até a cela. A voz estonteantemente grave voltou a aparecer apenas quando ele solicitou ao soldado que fechasse a porta com mais cuidado dessa vez.

Demorou um pouco até que a calma se instaurasse outra vez. Considerando o silêncio que se perpetuava pelos corredores, avaliei que nenhum dos *Insurrectos* havia sido capturado.

Recostei a cabeça na parede úmida para me esvair dos pensamentos ruins e nem percebi o momento exato em que adormeci.

Despertei com os primeiros raios de sol em minha face amarfanhada. Levantei com presteza até alcançar a travessa de água em cima da pequena mesa. Lavei o rosto agarrando-me com felicidade à possibilidade de que logo estaria longe do calabouço.

Um soldado esguio abriu a porta grandiosa bem devagar e uma criada adentrou com rapidez, segurando uma bandeja de prata repleta de frutas, pães e queijos.

Assim que o soldado notou que eu havia terminado o desjejum, a sua voz firme se pronunciou, ordenando que deixasse a cela. Acatei a orientação revolvida por uma alegria intensa. O rapaz me acompanhou com cortesia até os jardins e ofereceu-me um cavalo.

O príncipe Franco não me acompanhou até a vila. A sua indiferença acentuou em meus olhos uma espantosa tristeza, melancolia que não disfarcei do soldado durante todo o caminho até minha casa.

O meu destino havia ignorado a minha existência, exatamente como havia ignorado os *Insurrectos* na noite anterior.

A minha família resolveu não me questionar sobre a noite que passei no calabouço. O meu desapontamento parecia grande demais para que se estabelecesse qualquer conversa sobre o acontecido. Nem mesmo quando Felipe relatou em detalhes o ataque ao castelo estabeleci qualquer sinal de ânimo.

O tempo voltou a ficar nebuloso. Por dias incontáveis a chuva não parou de cair. Poucas coisas realmente me importavam àquela altura. A minha família era algo que eu considerava prioridade; fazia tudo o que estivesse ao meu alcance para ajudá-los. Nas outras horas do dia, lutava com toda a força pela tarefa desleal de esquecê-lo.

Não procurava por notícias, nem mesmo criava qualquer oportunidade com a intenção de encontrá-lo, pois não seria inteligente de minha parte buscar por algo capaz de me machucar tão intensamente. Porém, toda vez que a racionalidade abandonava a minha mente eu reconhecia que precisava vê-lo novamente. Como ele poderia ser ao mesmo tempo o meu veneno e a minha cura?

inesperado

É preciso temer o ócio, porque uma dose desmedida dele pode trazer à tona os nossos pensamentos mais ameaçadores. Refletir daquela maneira era tudo de que eu precisava, pois, consumida por aquele pensamento lógico, decidi abandonar o refúgio que havia se tornado a minha cama, seguindo distraidamente pelo corredor, que me conduziria até a varanda da casa.

O caminho que levava ao galpão de repente pareceu-me de algum modo o mais atrativo. Marchei, repleta de ritmo, na tentativa de bisbilhotar o que Felipe andava fazendo naquele resto de dia carregado de nuvens cinzentas e um vento frio.

Por mais estranho que o galpão parecesse, ele possuía alguns atributos que o tornavam agradável. Considerei a temperatura bastante aprazível naqueles tempos chuvosos, exceto nas proximidades do forno, de onde escapava uma quentura insuportável. A luminosidade era equilibrada, graças às janelas laterais que clareavam o ambiente e ainda permitiam uma boa ventilação. Era naquele lugar grandioso junto à nossa casa que Felipe produzia as espadas luminosas que o colocavam no posto de melhor ferreiro da região.

Os meus olhos inevitavelmente se estreitavam assustados a cada martelada vigorosa de meu irmão.

— Deseja alguma coisa, Liv? — Felipe interpelou surpreso quando me viu na entrada do galpão.

O meu irmão parecia ter se acostumado quase forçosamente com aquela rotina de marasmo que eu havia estabelecido para mim nos últimos tempos. Felipe assistia com profunda irritação as incontáveis horas desperdiçadas que eu passava em meu quarto assim que as tarefas do dia se esgotavam.

— Não — respondi, dando um passo à frente. — Não tinha mais nada a fazer em casa então resolvi distrair-me um pouco por aqui — completei, displicente.

— Estou muito feliz que tenha tomado a decisão de deixar aquele quarto — Felipe expressou, dando uma martelada que determinou o tapar dos meus ouvidos. — Quando chegou ao vilarejo meses atrás você possuía tanta animação... Espero que os bons tempos estejam de volta!

— O que está fazendo? — indaguei, aproximando-me dele.

— Você é engraçada! — ele observou, passando a antebraço na testa para enxugar o suor.

— Engraçada? — questionei sorrindo. — Por quê?

— Você tem interesse por assuntos tão masculinos... — Felipe explicou, dando outra martelada. — Poderia estar passeando pelo vilarejo ou visitando um conhecido, mas prefere ficar por aqui — ele me encarou e depois de um tempo prosseguiu. — Estou fazendo uma espada.

— Preciso de qualquer motivação que me conduza para fora daquele quarto. Estou entediada com tanta chuva... — contrapus com calma.

— Acredito que amanhã o tempo deva melhorar — Felipe falou, sem desviar-se do trabalho.

— E Nicolau e meu pai... Onde estão? — indaguei, recostando-me à parede.

— Estão no depósito arrumando a carroça — Felipe pronunciou, apontando o local ao fundo. — O tempo melhorando ou não, amanhã levarei o resto da encomenda ao príncipe Franco.

Quando escutei o nome do príncipe arrisquei manter a linha, mas a tarefa me pareceu impossível. Meu irmão percebia a minha impaciência e frustração sempre que se pronunciava aquele nome. Era uma batalha inútil que eu travava internamente, na esperança de que ninguém percebesse os meus verdadeiros sentimentos.

— Por que está me olhando assim? — inquiri.

— Assim como? — Felipe perguntou, curvando a cabeça para se concentrar novamente no trabalho.

— Desconfiado — refutei, sem concluir se seria o correto a fazer, mas era o que precisava no momento.

— Toda vez que alguém pronuncia o nome do príncipe Franco tenho a impressão de que você fica desconcertada — os olhos castanhos repousaram sobre mim. — O príncipe lhe disse algo de muita gravidade? Aconteceu alguma coisa no castelo que não me contou? — Felipe prosseguia com uma enxurrada de perguntas. — O príncipe Franco tentou aproveitar-se da situação?

— Não... Ele não fez nada! — retruquei insatisfeita, observando o brilho do metal.

Felipe retirou as luvas grossas e arrastou dois bancos de madeira. A palma da mão em direção ao banco era o sinal para que me sentasse. Imaginei que escutaria o sermão que julgava desnecessário.

— Não deve esperar nada de pessoas como ele — Felipe considerou, sem pena. — O príncipe Franco carrega consigo apenas o desejo pelas conquistas, terras, riquezas. Não existe qualquer sentimento naquele coração que não seja ambição — o meu irmão me advertia, arrancando qualquer traço fino de esperança. — Se por acaso tem sentimentos com relação ao príncipe Franco, precisará cortar o mal pela raiz imediatamente.

— Por que acha que tenho algum sentimento por ele? — resmunguei desnecessariamente; os meus anseios com relação ao príncipe Franco tornavam-se cada vez mais visíveis.

— Porque depois que o conheceu eu tenho percebido uma agonia muito grande em seu íntimo — a sinceridade de Felipe me enternecia. — Você tem inventado milhares de pretextos para ir à cidade, então às vezes penso que deseja somente vê-lo — ele entrelaçou os dedos com uma inevitável ansiedade. — Depois daquela noite que você passou na prisão, você regressou muito triste; tenho percebido que perdeu todo o ânimo. Vive suspirando pelos cantos, cantarolando músicas tristes, não tem escapado escondido para os seus passeios habituais — ele sorriu por estar dizendo aquilo. — Às vezes sinto como se você precisasse do príncipe Franco para voltar a sorrir — a afirmação escapou contra a sua vontade.

Eu precisava mostrar a meu irmão que eu sabia que não me encaixava no mundo do príncipe Franco, pronunciar calmamente que algumas pessoas enxergam os seus destinos num fechar de olhos, explicar que reconhecia a total falta de garantia daquele amor, mas que seria impossível libertar-me dele.

Sem aquele sentimento inesperado eu seria apenas noite; os meus dias seriam noites eternas devastadas pela solidão.

— Felipe... Infelizmente tem toda razão — constatei, notando que ele se apavorou com a confissão. — Sinto algo muito forte pelo príncipe Franco que não consigo explicar.

— Esqueça o príncipe Franco! — a voz de Felipe surgiu tão apreensiva que podia sentir a vibração das suas cordas vocais. — O príncipe jamais se casaria com alguém do povo. Tenho certeza de que ele não perderia tudo que levou uma vida inteira para construir... Nem por você, nem por ninguém.

Meu irmão falava com tanta certeza que me sentia dissolver em pequenos fragmentos de aflição.

— Tenho plena consciência de tudo que está me dizendo, mas receio que seja tarde demais... — disse melancólica. — Acho que nunca vou conseguir esquecê-lo!

— Nunca me parece tempo demais! — ele expressou categórico, com esperança de arrancar o sentimento que eu expressava. — Caso não saiba, o tempo é algo muito precioso e não deve ser desperdiçado. Acredito que perderá excelentes oportunidades de ser feliz se continuar a agir assim — Felipe instilou, segurando a minha mão. — Existem

bons homens aqui mesmo em Lanóvia que dariam tudo para se casar com você. O príncipe Franco não serve para você... Ele é arrogante, preconceituoso...

— Calma! — aumentei o tom da voz. — Farei tudo que estiver ao meu alcance para me manter o mais longe possível dele.

— Preciso que se afaste do príncipe Franco porque não quero ter de enfrentá-lo por sua causa — ele se levantou com agitação. — Se eu fizer algo que ameace a segurança do futuro rei, poderei receber a pena de morte por enforcamento.

— Eu não quero que nenhum mal lhe aconteça — sibilei quase sem voz por conta da aflição. — Prometo que ficarei longe dele para sempre.

Caminhamos calmamente para fora do galpão e, como já não chovia, foi possível ver o céu em sua grandiosidade indescritível. A penumbra fantasmagórica espalhava-se naquela tortuosa imensidão infinita.

Agradei às estrelas chamejantes que apareceram no firmamento escuro daquela noite gélida. Os pequenos pontos cintilantes tornaram-se testemunhas daquela triste conversa, mas afastaram quase por completo a sensação de vazio.

Durante alguns segundos questionei insistentemente: *E se o príncipe Franco quisesse me manter por perto... O que eu poderia fazer para evitar?*

Os primeiros raios de sol cruzavam o céu quando escutei os passos apressados de Felipe pelo corredor. Nem me atreveria a implorar que meu irmão me levasse à cidade.

Seria algo praticamente impossível de se concretizar, principalmente depois do que conversamos no dia anterior.

Nicolau assobiava do lado de fora da casa enquanto terminava de arrumar a carroça. Ama fez menção de levantar-se da cama, entretanto fiz um sinal para que permanecesse deitada; eu mesma poderia preparar o lanche que seria devorado durante o caminho.

Saí do quarto praticamente me sustentando pelas paredes; as minhas unhas encontravam com fervor a madeira abrasiva que permitia a minha caminhada até a cozinha.

— Prepararei um lanche bem substancioso; precisarão afugentar a fome no percurso até a cidade — afirmei, esfregando os olhos embaçados quando meu irmão adentrou o cômodo.

— Obrigado... Mas não pedirá nada em troca ou pedirá?
— ele respondeu com desconfiança, retirando uma caneca do armário.

— Não pedirei nada em troca dessa vez — repliquei, alcançando o cesto do pão. — A que horas pretende voltar da cidade?

— Pretendo voltar à tardinha — Felipe avisou, despejando um pouco de água na caneca. — Deseja alguma coisa da cidade? — ele completou solícito, tomando um gole em seguida.

— Não... Não quero nada — divulguei a mentira.

Presenciei o meu irmão exhibir um sorriso aliviado no momento em que abandonou a caneca de argila sobre a

mesa. Em seguida, ele partiu galante em seu cavalo negro, acompanhado pelo garboso Nicolau em sua carroça.

Abandonei o meu corpo sobre o banco da varanda por quase toda a manhã, pensando que Felipe era privilegiado por possuir tanta liberdade. Conjecturei que talvez pudesse conquistá-la no mesmo nível algum dia, mas por enquanto estava feliz em ter limites, pois eles me afastariam de decisões inapropriadas.

Bem verdade que possuía apenas limites físicos... Lembrei-me que carregava comigo a liberdade da alma, e foi assim que busquei concentração suficiente, desprendendo-me até o castelo.

— Felipe, que enorme satisfação em vê-lo! — Andreas saudou o meu irmão com animação.

— Que enorme satisfação em reencontrá-lo, alteza — Felipe o cumprimentou, enquanto eu sorria por perceber que os dois não notavam a minha presença. — Patrício disse que o príncipe Franco me atenderia em seu gabinete.

— Franco já está à sua espera — o príncipe Andreas respondeu, abrindo a porta do gabinete.

— Príncipe Andreas... O senhor não nos fará companhia? — Felipe pronunciou, deixando nítido que se sentiria melhor com a presença dele.

— Tenho alguns compromissos — o príncipe Andreas esclareceu, deixando o gabinete.

Franco, com um sinal amistoso, solicitou a aproximação de meu irmão. Felipe caminhava acanhado, parecendo não estar nem um pouco à vontade naquele ambiente luxuoso.

— Trouxe o restante da mercadoria? — ele proferiu, olhando em minha direção; de alguma forma estranha acreditava que Franco podia sentir a minha presença.

— O resto da encomenda está na carroça — Felipe respondeu agitado. — Os dias de chuva acabaram me beneficiando um pouco. Nenhuma diversão, apenas trabalho.

Franco riu da observação sincera do meu irmão.

— Felipe, aqui está o seu pagamento pelo serviço — ele anunciou, entregando um pacote ao meu irmão. — Quanto à diversão... Será que posso lhe oferecer um vinho?

— Claro que sim — Felipe refutou, com suspeita.

Franco caminhou até uma mesa recostada junto à estante. O nervosismo fez com que algumas gotas de vinho respigassem sobre a toalha de renda que cobria o móvel. Uma das mãos firmes entregou a taça de metal a Felipe, enquanto o dedo indicador apontava uma bandeja com queijos e pães que se encontrava logo à frente.

— Nicolau veio com você? — Franco perguntou, bebendo um pouco do vinho e observando Felipe assentir positivamente. — Mandarei que sirvam algo ao rapaz também.

— Nada de vinho! — Felipe advertiu.

Franco abriu a porta do gabinete e trocou algumas palavras com um soldado. Em seguida, retornou ao interior do ambiente, sentando-se numa cadeira majestosa em frente ao meu irmão.

— Por que a sua irmã não o acompanhou nesta visita? — Franco indagou, enquanto a minha face era tomada pela

surpresa.

— Liv tinha muitos afazeres em nossa casa — sorri com a desculpa de Felipe, pois ele sabia que eu não tinha nada de mais para fazer. — Temos uma irmã muito pequena, e Liv tem ajudado nosso pai a cuidar dela... Por outro lado, como estava vindo a trabalho, não seria conveniente trazê-la.

— Imaginei que talvez ela não tivesse vindo até o castelo por minha causa — ele observou, colocando a taça em cima da mesa. — Infelizmente não temos tido bons encontros. Primeiro aquele mal-entendido no castelo, depois aquelas ofensas que a levaram ao calabouço... — ele ficou em silêncio, ponderando se deveria continuar a conversa. — Mesmo depois de tantos acontecimentos desagradáveis, gostaria que a sua irmã soubesse que será sempre bem-vinda aqui — ele sorriu desconcertado com as últimas palavras. — Norah tem muita afeição por Liv; seria injusto impedir uma aproximação entre as duas.

— Eu darei o recado — Felipe assegurou com rispidez, mudando o tom em seguida. — A princesa Norah foi visitá-la outro dia no vilarejo — o príncipe assentiu, revelando que sabia do passeio. — As duas passaram horas conversando animadamente em nossa casa. A princesa pediu que Liv retribuísse a visita, mas a minha irmã tem tido pouco tempo livre, por isso ainda não atendeu ao pedido.

Na verdade, a visita não fora retribuída porque Felipe havia convencido o meu pai a manter-me o mais distante possível do palácio.

— Compreendo... — Franco respondeu, sem acreditar na justificativa. Com elegância, ergueu a taça e bebeu um

pouco mais de vinho. — A sua irmã... Onde ela vivia antes? — ele indagou, com incerteza.

— Na floresta de Hans — Felipe interpelou evasivo, por conta do interesse de Franco.

— Diante de tantas lendas existentes sobre aquela floresta, o seu pai não considerou que seria perigoso para uma moça morar sozinha por lá? — o príncipe interpelou, sob a atenta observação de Felipe. — Ele não temia que algo de ruim acontecesse por conta do isolamento?

— A minha irmã não morava sozinha na floresta de Hans; ela tinha a companhia de uma senhora muito amável que cuidava dela como se fosse uma filha. O meu pai também considerava que a mãe de Liv pudesse protegê-la dos perigos — Felipe atestou descontente, passando a mão em sua testa suada pelo nervosismo.

— Dizem que a mãe dela é uma Etérea... Acredita mesmo nisso? — ele questionou, estreitando os olhos naquele tom indefinido devastador.

— Alteza, não gostaria que se ofendesse, mas por que tamanho interesse em minha irmã? — Felipe manifestou grosseiro, tornando o meu tormento ainda maior; não queria que a conversa se encerrasse.

— Curiosidade — o príncipe explicou, dando de ombros. — Afinal... Dizem que sua irmã é uma bruxa.

— Sinto muito se lhe ultrajarei com as minhas conclusões, mas não me parece que seja curiosidade — Felipe retrucou, num tom que me causou preocupação. — O senhor sempre soube da existência de minha irmã, porém nunca me questionou nada sobre o assunto. Todas as

peessoas da vila sempre me perguntavam sobre Liv. Quando ia à cidade, a minha irmã se tornava o assunto principal; até mesmo o príncipe Andreas já me perguntou sobre ela certa vez, mas o senhor nunca... O seu inesperado interesse realmente me preocupa.

— Por que o meu interesse em sua irmã lhe preocupa, Felipe? — ele indagou com insatisfação.

— Preocupa-me porque não tardará a assumir o seu tão sonhado trono. Todos pela região têm conhecimento de que realizará, em breve, o desejo de seus pais e assumirá as responsabilidades perante o povo — Felipe pronunciou agitado, arrastando a cadeira um pouco para trás e se erguendo com discreto domínio. — Logo se tornará o rei de Lanóvia — o meu irmão cerrou os olhos antes de continuar. — Não posso permitir que ninguém faça a minha irmã sofrer... Ninguém! — a ênfase da última palavra foi quase ameaçadora.

— Acredita mesmo que tenho algum interesse por Liv? — ele proferiu, dando um sorriso discreto.

— Sinceramente... — o meu irmão fez uma pausa. — Não tenho qualquer interesse com relação ao que se passa em sua cabeça — Felipe sustentou um tom ríspido. — Apenas anseio com veemência que o senhor não se aproxime dela — o pedido surgiu respeitoso. — Sei que existem outras belas mulheres espalhadas pelo mundo que estariam dispostas a se tornar o seu objeto de diversão — disse ele, esboçando um falso sorriso de cordialidade. — Espero que compreenda o meu posicionamento, pois não desejo que Liv se magoe.

— Felipe... Não tenho a intenção de magoá-la — o príncipe Franco esclareceu, preenchido de sinceridade. — Além do mais, nós sabemos que não existe motivo para tamanha preocupação... — ele sorriu com acanhamento depois da afirmação. — Não é segredo que a sua irmã não me suporta... Liv deixou bem claro que sou o sujeito mais detestável da face da Terra — o príncipe respirou profundamente. — Por isso fique tranquilo! Posso lhe garantir que nada me desviaria dos meus objetivos. Não foram somente os meus pais que sonharam com a possibilidade do meu reinado, reconheço que isso também se trata de um desejo veemente de minha parte.

— Queria realmente acreditar que está me dizendo a verdade — Felipe murmurou com desconfiança. — Sabemos que os homens da nobreza geralmente não se importam com as consequências quando desejam algo.

— Felipe, não faria mal a Liv sob nenhuma circunstância... — ele atestou com veracidade, curvando a cabeça. — Por respeito a você... — Franco considerou se devia continuar. — Não posso negar que fui tomado por uma espécie de sentimento para o qual não encontro explicações — não consegui evitar o sorriso vitorioso, que se desfez no momento seguinte. — Às vezes chego a considerar que estou enfeitiçado, por conta da mudança tão abrupta em meu comportamento.

— Não acredito que a minha irmã tenha feito um feitiço que contribuísse para tal mudança — Felipe pronunciou a frase como uma defesa. — Liv pode ser diferente, mas não é uma bruxa. Sei que não executaria algo do tipo, pois a

minha irmã tem conhecimento de que os feitiços são proibidos em Lanóvia.

— Em consideração à sua família, prometo que colocarei uma pedra em cima desse assunto — ele proferiu a frase com tanta convicção que o meu irmão respirou com suavidade. — Nós somos de mundos completamente diferentes — a conclusão o fazia visivelmente infeliz. — Tenho certeza de que serei libertado do que vem me consumindo depois da cerimônia de coroação — ele comprimiu os lábios com força, sendo observado com atenção por Felipe. — Fique com o coração em paz — o príncipe encarou Felipe firmemente. — Como lhe disse anteriormente, não faria nada que pudesse causar dor e tristeza à sua irmã.

— Tenho certeza de que esquecê-la é o melhor a fazer — Felipe aconselhou, estendendo a mão num gesto amistoso. — Preciso retornar à vila; ainda tenho muito a fazer por hoje.

Franco sorriu com franqueza, apertando firme a mão de Felipe como se naquele instante os cavalheiros estivessem selando um pacto.

Despertei abrangendo que conseguia controlar melhor a minha habilidade, ao mesmo tempo em que imaginava que a minha mãe detestaria a desobediência. A prova disso manifestou-se com o balançar insistente dos ventos sobre o telhado da casa.

As pessoas da vila já estavam acostumadas com a minha presença; elas me cumprimentavam com respeito e evitavam fazer comentários. A fama de bruxa, que havia se

espalhado, fora suficiente para deixá-las temerosas; certamente a mesma fama também fora responsável por evitar questionamentos quanto aos espasmos inevitáveis provocados pelo meu dom, como naquele final de manhã.

Enxerguei, a distância, um homem se aproximando a cavalo. Por um mísero instante cheguei a cogitar que fosse o príncipe Franco, no entanto bastou que o jovem se aproximasse para que reconhecesse aquela face iluminada.

— Príncipe Andreas? — questionei surpresa.

A luz do sol incidia em seus cabelos claros, confundindo a minha visão em deslumbramento. Não compreendia os motivos que o levaram até a vila sem a escolta dos soldados, assim como não entendia o agastamento translúcido em seu semblante depois que desceu do cavalo.

— Eu precisava vê-la — ele articulou apressadamente.

Notei que algumas pessoas curiosas nos observaram naquele encontro inesperado; elas sabiam que os membros da família real compareciam aos vilarejos apenas quando existiam compromissos oficiais de extrema necessidade, porém vê-los em nossa humilde vila havia se tornado algo costumeiro.

— Eu me sinto muito honrada com a sua visita — murmurei envergonhada. — Por favor, queira entrar.

— Depois da sua prisão equivocada não retornou mais à cidade... — Andreas disse, subindo os degraus que o levariam até a varanda. — Precisava vê-la novamente — ele repetiu, diante do meu evidente desespero.

— Com esse período de chuva incessante tornou-se praticamente impossível ir a qualquer lugar — expliquei,

ignorando a parte em que revelara a estranha necessidade de me reencontrar. — A princesa Norah até veio visitar-me outro dia; fiquei muito contente em recebê-la aqui no vilarejo. As crianças fizeram uma festa enorme; a minha irmã ficou muito triste por não conhecê-la. Liana estava muito adoentada — comentei, dando alguns passos para trás.

O meu afastamento proposital não foi suficiente para detê-lo em seu propósito, visível em seus olhos esverdeados. Engoli em seco quando o príncipe Andreas atravessou o braço em minha cintura. Rapidamente me desviei de suas garras. Não estava satisfeita com aquele comportamento, mas precisava manter-me calma se não quisesse ofendê-lo.

— Por acaso estaria com medo de mim, Liv? — o príncipe Andreas mostrou-se insatisfeito com a rejeição.

— Claro que não — respondi rápido. — Somente não considero que seja apropriado ficar tão próxima a alguém com quem não tenho um compromisso — os meus olhos se desviaram em direção a algumas crianças que brincavam mais à frente. — Deseja um pouco de água fresca?

— Não, mas agradeço a sua gentileza — ele replicou, ainda descontente. — Encontrei com Felipe mais cedo no castelo e o deixei no gabinete tratando de negócios com Franco.

O príncipe Andreas percebeu velozmente que o nome do irmão mais velho me deixou visivelmente atormentada.

— Notei que a sua face se modificou quando pronunciei o nome do meu irmão — ele considerou, enrugando a testa. —

Por acaso Franco lhe desperta algum interesse?

— Não, alteza — respondi de imediato. — Nenhum interesse.

— Não seja ingênu... — um sorriso mordaz transformou o seu semblante em evidente agitação. — Franco nunca amou ninguém além de si mesmo. Eu não tenho dúvidas de que ele faria com você o mesmo que faz com todas as mulheres — ele arqueou as sobrancelhas ainda sustentando o conflito. — Diversão... Apenas diversão e nada mais — a sua expressão suavizou um pouco.

— O seu irmão não me desperta nenhum interesse — garanti quase convicta.

— Franco sempre sonhou em ser rei de Lanóvia — ele sussurrou pensativo, olhando o movimento da vila. — Sabe o que aconteceria se por acaso o meu irmão se apaixonasse por uma mulher do povo?

— Desculpe-me a franqueza, mas reafirmo que não tenho qualquer interesse no assunto — retruquei, entretanto o príncipe Andreas ignorou o meu pedido.

— O príncipe Franco, de codinome “Príncipe Sem Coração”, perderia o trono tão aguardado — Andreas explanou, esboçando um aceno cordial a uma moça que o reverenciava. — O tão sonhado trono deste reino. O meu irmão perderia todo o poder, toda a bajulação, todas as possibilidades de aumentar as suas conquistas — o príncipe Andreas comentava sem pesar, presenciando o desmanchar do meu rosto em tristeza. — Franco lutou em inúmeras guerras, arriscou-se muitas vezes, sempre em busca de alcançar o maior reino de todos. O meu astucioso irmão

batalhou dia após dia com o intuito de se tornar o general mais poderoso de toda a região... E conseguiu! — ele gesticulava com agitação as suas opiniões. — Franco não deixaria tudo que conquistou por amor.

Demonstrava fielmente nas linhas da minha face abatida o quanto aquela conversa inesperada me entristecia involuntariamente.

— Mas... — o “mas” era uma palavra dúbia; o que se seguiria após a sua pronúncia poderia significar bênçãos ou maldições. — Se por acaso me oferecer uma esperança mínima que seja... Eu deixaria toda aquela riqueza pelo seu amor — o sorriso faceiro surgiu como uma espécie de consolo. — Abandonaria todo o conforto do castelo porque sei que seríamos felizes para sempre.

— A felicidade nunca me pareceu algo que pudesse ser eterno. Vivemos constantemente insatisfeitos porque não abrangemos que a sua grandiosidade está justamente em ser efêmera — os olhos verdes me fitaram. — Príncipe Andreas, acredito que esteja apenas encantado com o fascínio que a minha vida desperta nas pessoas — considerei com tranquilidade. — Não temos qualquer conexão, e é óbvio que não está apaixonado por mim... Apenas pensa que está.

Estrategicamente aquelas palavras dissolviam-se pelos meus lábios sustentando a esperança de demovê-lo do interesse por mim.

— Penso que estou? — ele murmurou confuso.

— Exatamente — afirmei persuasiva, enquanto me distanciava. — Os seus olhos refletem apenas um

arrebatamento por conta do deslumbre com as minhas origens — declarei com a certeza que havia encontrado em seus pensamentos minutos antes. — Isso não me parece amor de verdade, mas não o culpo por tamanho entusiasmo. Quem não se encantaria por uma história tão fascinante quando temos um mundo tão repleto de crueldades, não é mesmo?

O príncipe Andreas demonstrava os primeiros sinais de convencimento.

— Peço desculpas por tamanha sinceridade, e espero francamente que possa entender os meus motivos — disse, respirando fundo. — Podemos ser grandes amigos, se vossa alteza assim desejar.

O príncipe Andreas permaneceu calado por um período que julguei excessivo. Abaixou os olhos três vezes evitando a persistência de minhas palavras ecoando pela sua mente; em seguida, entortou os lábios três vezes antes de aceitar definitivamente a minha conclusão.

— Então, que sejamos amigos! — Andreas finalmente concordou, fazendo com que experimentasse a invasão da tranquilidade. — A partir de hoje não precisa me chamar de príncipe, alteza e nem de coisas similares — ele sorriu, firmando a amizade. — Chame-me apenas pelo meu nome.

— Fico imensamente feliz em compartilhar de uma amizade tão especial.

— Agora, satisfaça um pouco a minha curiosidade... Como conseguiu lutar contra o meu charme tão irresistível? — ele piscou ferino.

— Não imagina como a tarefa foi árdua — respondi à pergunta capciosa com um sorriso. — Digamos que utilizei uma estratégia muito particular.

— Espero que não divulgue a sua estratégia às moças da região.

— Não tenho intenção de que a minha tática se propague.

— A propósito... — ele continuou, sacudindo os cabelos brilhantes. — Por acaso conhece aquela moça que passou por nós enquanto conversávamos?

— Um conquistador inveterado... — comentei, sentando-me à varanda.

O príncipe Andreas realmente não nutria um amor avassalador por mim. Demorou pouco tempo até que lançasse o seu potencial charme a todas as moças que passavam em frente à minha casa.

Passamos um tempo considerável numa conversa animada. Andreas contava-me sobre as aventuras no castelo, enquanto eu narrava a vida pacífica que tive na floresta. Continuaríamos nos divertindo com assuntos tão aprazíveis se algo não tivesse desviado a nossa atenção.

Impressionei-me ao observar junto à entrada da vila uma moça que caminhava em direção à estrada. A túnica marrom parecia abundantemente ensanguentada, os cabelos alvoroçados sacudiam com o vento tempestuoso, enquanto os pés descalços tocavam o chão com dificuldade.

— Aquela moça parece ferida — murmurei, apontado na direção exata.

— Parece que ela está gravemente ferida — Andreas comentou, com um nervosismo aparente. — Infelizmente a pobre jovem está tomando a direção da estrada. Presumo que se viesse ao nosso encontro poderíamos ajudá-la. — Andreas expôs descendo as escadas, sendo acompanhado por mim numa velocidade similar. — Acho que devemos tentar alcançá-la; precisamos ajudá-la de alguma forma.

Insistentes, avocávamos a moça com o intuito de oferecer ajuda; no entanto, parecia que os seus ouvidos estavam selados. A frágil criatura visivelmente abatida enveredava cada vez mais pela estrada que levava até a cidade.

Andreas finalmente alcançou com gentileza o braço fraco da esquelética moça, porém, de forma inesperada, uma energia bizarra o repeliu, espalhando fagulhas flamejantes que queimaram a sua mão.

Após o grito vibrante de dor ecoado como uma sinfonia cruciante, observei a repulsa nascer na expressão dele, enquanto os dedos sinalizavam um exaustivo gesto de recuar.

— Acabarei com os dois! — ela disse com uma voz distorcida.

Diante dos nossos olhos apavorados observamos uma metamorfose minimamente assustadora. Dos braços esqueléticos surgiu uma substância esverdeada que correu até encontrar-se com os pés vermelhos deformados. As nossas faces alarmadas testemunharam que da união tenebrosa formaram-se asas hediondas que balançaram incansavelmente, aumentando o nosso pavor. Presas

enormes brotaram da boca espantosamente grandiosa. Saboreei o amargo provocado pelo tremor dos meus joelhos quando garras afiadas ergueram-se em nossa direção. Um grito agudo ensurdecedor arrebentou da garganta daquele ser aterrorizante.

— Por todos os Etéreos... — a voz de Felipe ecoou assustada nas costas daquele monstro. — Corram!

A ordem dada por Felipe foi obedecida de imediato. Recurvei o pescoço presenciando o instante em que meu irmão atingiu o bicho esquisito com a espada. A coragem daquele ato despertou um furor ainda maior no animal. A estranha criatura avançou descontrolada sobre as nossas cabeças.

Adentramos na floresta numa tentativa de despistá-la, mas a tática não foi suficiente para desviar os olhos vermelhos de nós. Escutávamos os gritos nefastos do monstro por entre as árvores seculares.

O pesadelo maléfico tornou-se pior quando as unhas do bicho seguraram a camisa de Andreas, retirando os seus pés do chão. Felipe atirou um pedregulho, atingindo a cabeça do perseguidor, que velozmente largou o príncipe, mas não desistira de me alcançar.

Não carregava um traço de força sequer para continuar a luta contra aquela fera incontrolável. O desespero avassalou a minha alma quando percebi que estava acuada pelo tronco de uma árvore imensa. Busquei escapar com velocidade porque o semblante da morte era algo insuportável, mas as raízes da planta fizeram com que eu tropeçasse, despencando sem chance ao chão.

A lembrança da minha mãe preencheu cada linha do meu pensamento. Aquela ligação foi responsável pelo brotar de uma energia incalculável, que mobilizou vigorosamente as folhas verdejantes da árvore. E os ventos sacudiam todas as estruturas abaixo dos meus pés.

Um cipó com movimentos serpenteados destacou-se em meio às inúmeras folhas e, com rapidez, a sua forma alterou-se de maneira surpreendente, transformando-se numa haste metalizada unida em suas pontas por uma corda flexível.

As minhas mãos trêmulas logo experimentaram o peso de um arco espetacular. Aquele parecia ser um presente dos ventos e tornou possível batalhar por uma vitória contra a fera bestial. Mas eu precisava solucionar imediatamente um impasse que surgiu logo após receber o presente: não existiam flechas no local. A minha visão embaçada demonstrava claramente a aproximação do meu terrível carrasco. O voo do animal inespecífico era inteiramente acompanhado pela necessidade de um confronto capaz de devastar cada fibra do meu coração.

Uma folha da árvore flutuou pela atmosfera até repousar calmamente em meu ombro exposto pelo vestido despencado. A voz de Híndria repercutiu através dos ventos aos meus ouvidos, explicando-me exatamente como deveria utilizar a folha.

Aderi a folha verde com ansiedade à corda flexível do arco. O cheiro delicioso de mato espalhou-se pelo ar, sufocando o odor fétido que escapava da venta daquela criatura que nos atacava.

Preenchi os pulmões de ar, soltando a explosão de oxigênio diretamente na folha. Um lampejo fez com que precisasse cerrar os olhos por um momento. Segundos após o gesto executado com capricho, inexplicavelmente a folha em minhas mãos havia sido convertida numa flecha de ponta brilhante como uma pérola.

Dominada por instinto, lancei a flecha, que passou próximo à asa do monstro. Assim, escapei do ataque mortal do animal, que vacilou temporariamente em seu voo sinistro. O grito de fúria ressoou por toda a floresta, aumentando o ódio da criatura, que então veio em minha direção com uma velocidade incalculável.

Uma intuição genuína fez com que me inclinasse, alcançando a pequena pedra logo abaixo dos meus pés. Posicionei a pequena pedra sobre a haste do arco e, após um sopro, ela se transformou numa nova flecha chamejante.

Disparei-a com destreza, testemunhando o tórax da fera finalmente ser atingido. O monstro debateu-se até tombar no chão e ser tragada por uma fenda de fogo aberta no solo escurecido.

— O que aconteceu por aqui? — Andreas indagou quase sem fôlego e esfregando os cabelos. — O que foi aquela coisa monstruosa que quase nos partiu em pedaços? — ele proferia as palavras com vivacidade, enquanto eu arrumava a manga do meu vestido. — Uau... Que aventura!

— Aquela coisa era uma Kanítora — Nicolau explicou, espantando um mosquito que o incomodava.

— Kanítora... — Andreas pronunciou, estreitando os olhos. — Certa vez escutei o feiticeiro Malvin falando alguma coisa sobre essas criaturas.

— Seguramente o feiticeiro Malvin deve ter lhe dito que são criaturas que servem ao Etéreo Hultar, portanto são escravas da escuridão — informei, voltando a respirar aliviada. Lembrei-me de alguns ensinamentos de Sara e fiquei totalmente impressionada com o arco que sustentava em minha mão. — As Kanítoras protegem a entrada do mundo das sombras.

— São as Kanítoras que guardam os portões de fogo do mundo das sombras. As criaturas são treinadas com o objetivo de destruir qualquer pessoa que tente adentrar ao mundo das sombras sem autorização — Nicolau demonstrava conhecimento do assunto. — Por isso é praticamente impossível que um humano consiga deixar o mundo das sombras com vida. Esses bichos são capazes de cometer atrocidades para que ninguém se aproxime do seu senhor sem consentimento.

— Com toda certeza a agitação delas tem relação com o fato de o Medalhão Elemental estar muito perto de manifestar a sua energia — Felipe disse, maltratando o lábio inferior com uma mordida. — Todos na região vão querer se apoderar do medalhão, com o intuito de obter um desejo realizado por Hária.

— Parece que os nossos inimigos não estão de brincadeira no quesito “*precisamos eliminar os adversários*” — Andreas afirmou, admirando o arco em minha mão.

— Precisa avisar imediatamente o príncipe Franco sobre o que aconteceu por aqui! — Nicolau expôs, diante do olhar atencioso de Andreas. — Por mais que o seu irmão odeie tudo o que esteja relacionado à magia, por mais que carregue todas as dúvidas quanto ao assunto... Ele não poderá ignorar os eventos sobrenaturais, porque lutaremos numa batalha que nos levará ao mundo oculto.

Felipe encarou Nicolau, desaprovando a parte que definiria a nossa luta ao lado do príncipe.

— Com toda certeza avisarei — Andreas concordou. — Mesmo reconhecendo que Franco esbravejará contra mim, isso se não fizer questão de proferir que inventei tudo com o desígnio de chamar a atenção.

— O príncipe Franco não acredita no poder da magia? — indaguei, querendo me aprofundar em tudo o que dizia respeito a ele.

— O meu irmão acha que tudo não passa de credice popular. Franco abomina tudo que tenha relação com magia, cometendo o grande erro de sustentar que todas as histórias fazem parte do inventário do povo — Andreas elucidou, olhando diretamente para minha mão. — E de onde surgiu o arco em suas mãos?

— Quanto ao arco maravilhoso... Imagino que seja um presentinho da sua mãe. — Felipe concluiu, passando o braço em volta do meu ombro.

— Exato! — concordei sorrindo. — Minha mãe precisava me proteger do ataque daquela criatura — agitei os cabelos com uma das mãos. — Acabamos de ter mais do que certeza de que a escuridão tem sérias intenções de nos

destruir — deduzi. — Qual será o interesse de Hulter em se apoderar da metade do medalhão?

— Isso não é assunto nosso — Felipe advertiu com um tom sério.

— Acredito que Hulter seja o Emissário da Noite — afirmei perante os olhos atentos de Andreas.

— Acredita mesmo? — o príncipe interrogou, com um semblante visivelmente angustiado. — Malvin comentou que o Emissário da Noite tem como missão destruir Franco e transformar o mundo numa noite eterna.

— Se por acaso Hulter for mesmo o Emissário e levantar-se contra o príncipe Franco nós correremos sérios riscos — Nicolau atentou, com evidente preocupação.

— Não precisamos nos preocupar com isso porque nem sabemos se Hulter é mesmo o Emissário da Noite — Felipe pronunciou impaciente, encarando as botas encharcadas pela lama. — Vamos para casa... Os dois estão precisando limpar-se de toda essa sujeira.

— Como conseguiu as flechas? — Nicolau interrogou, tropeçando num tronco caído pela trilha.

— As flechas podem ser qualquer coisa — aclarei entusiasmada, dando mais um passo.

— Qualquer coisa? — Nicolau perguntou, duvidando da minha declaração. — Veremos... Tome esse graveto — ele se curvou e alcançou o que desejava. — Prove diante dos meus olhos que ele poderá se transformar numa flecha.

Recebi o pequeno galho seco das mãos ansiosas de Nicolau, achando graça que ainda existisse alguma dúvida com relação ao que havia dito. Encostei o graveto no fio

resistente do arco e soprei com força até que todos presenciassem a explosão de energia; a flecha surgiu cintilante perante os olhos alarmados.

— Que coisa incrível! — Nicolau disse espantado.

Nicolau quis segurar o arco esplêndido, com intenção de lançar a flecha no tronco robusto de uma árvore; no entanto, assim que a sua mão repousou sobre a arma admirável, a bela flecha voltou espantosamente a ser um graveto.

— Parece que o arco não funciona com você — Felipe declarou, estourando numa gargalhada.

— É bem provável que funcione apenas com Liv — Andreas disse encantado. — Por favor, Nicolau, pode me passar o arco e o graveto? — o rapaz obedeceu; Andreas segurou o arco maravilhado ao constatar que não ocorreram mudanças. — Liv... Queira segurá-lo de novo — ele solicitou com gentileza, assistindo depois o meu sopro transformar o graveto em flecha novamente. — Imagino que a sua mãe deva ter feito a arma especialmente para você; por esse motivo, outras pessoas não poderão usá-la.

— Fantástico! — Felipe exclamou abismado. — Outro dia escutei pelo comércio que os filhos dos Etéreos costumam ser presenteados com armas extremante poderosas.

— A sua arma é mesmo maravilhosa — Andreas elogiou entusiasmado.

— Gostaria de lhe pedir que não comentasse sobre a arma com ninguém, nem mesmo com o seu irmão — recomendei, enquanto Andreas me escutava com atenção. — Conte ao príncipe Franco apenas sobre a Kanítora, mas

não revele nada sobre o meu arco... Receio que ele possa querer tirá-lo de mim.

— Não se preocupe, não falarei com ninguém sobre a arma — Andreas pronunciou, para meu alívio.

— Príncipe Andreas, precisa voltar à cidade antes que escureça — Felipe afirmou com preocupação.

— Então precisamos andar mais rápido — rematei, alcançando a estrada.

Chegamos ao vilarejo ainda totalmente movidos por todo o entusiasmo despertado pela última aventura. Para nossa felicidade havíamos escapado como vencedores depois do embate com uma das criaturas da escuridão.

Nicolau partiu célere em direção ao fundo do galpão, pois precisava providenciar a água que limparia as botas do príncipe Andreas, que àquela altura estava coberta por uma lama seca.

Um morador do vilarejo dirigiu-se ao nosso encontro relatando que os soldados estiveram à procura do príncipe Andreas e que ficaram nervosos com o fato de terem encontrado apenas o cavalo. O senhor nos explicou que os homens do exército recomendaram que o príncipe só retornasse à cidade quando a escolta retornasse para buscá-lo.

O príncipe Andreas tinha consciência de que seria perigoso seguir sozinho em direção à cidade. Mesmo sendo tão espantosamente forte e bem treinado, depois do que havia acontecido conosco, ele duvidava de sua segurança.

Os soldados não procrastinaram muito para retornar ao vilarejo. O capitão da escolta agradeceu os cuidados com o

príncipe e partiu com pressa para a cidade. Andreas praticamente não teve tempo de se despedir.

Aproveitei que a atenção de todos estava voltada à partida de Andreas e entrei no galpão com o propósito de esconder o arco. Não queria explicar em detalhes tudo o que havia ocorrido ao meu pai.

Assim que o som dos cavalos cessou por completo, a lembrança de que Felipe havia tido uma conversa sem rodeios com Franco surgiu em meus pensamentos. Naquele instante inacabado de agonia em meu peito, as Kanítoras verdadeiramente não me preocupavam mais; angustiava-me descobrir a impressão que meu irmão tivera do inevitável acerto de contas. Esperaria o momento certo para questioná-lo sobre o episódio; por enquanto, Nicolau seria suficiente na tarefa de me fornecer algumas informações.

— Nicolau, aposto que está faminto — disse, fingindo não ter interesse na conversa que Felipe teve com o príncipe Franco.

— Estou sim — ele concordou comigo. — Felipe demorou tanto tempo conversando com o príncipe Franco, comendo e bebendo do melhor, que se esqueceu da vida, e, o pior de tudo, esqueceu-se de mim — Felipe o olhou com reprovação.

— Como pode ser tão sorrateiro! — Felipe declamou, unindo as sobancelhas. — O príncipe Franco mandou lhe servir um lanche no pátio do castelo e, pelo que me consta, você comeu tão bem quanto eu! — o meu irmão falava, enquanto descarregava algumas ferramentas da carroça.

— Nicolau está em fase de crescimento; me parece natural que sinta muita fome — o meu pai considerou de maneira convincente, aparecendo na varanda. — Por que estão tão sujos?

O senhor Raul perguntou com autoridade, mas a cumplicidade em nosso olhar evidenciava que seria melhor esconder o ataque das Kanítoras.

— Muita lama pela estrada! — Nicolau disse sem pestanejar.

— E por que Liv estaria suja de lama se não os acompanhou até a cidade? — meu pai indagou com desconfiança.

— Não os acompanhei até a cidade, mas fui até a entrada da vila com a intenção de ajudá-los e acabei me emporcalhando também — respondi com um sorriso convincente. — Pai, receio que não podemos perder tempo com tantas perguntas ou Nicolau logo terá uma síncope.

— Acho que está certa — ele disse, desistindo de exigir explicações. — Então vamos até a cozinha que eu mesmo preparo o jantar, enquanto Nicolau me distrai contando as novidades da cidade.

— Felipe... Posso ir à cozinha? A fome está quase consumindo todas as estruturas do meu frágil e másculo corpo — Nicolau enunciou em tom de súplica.

— Claro que sim, esfomeado — Felipe esbravejou. — Eu termino de arrumar as coisas por aqui — ele encerrou o diálogo com um sorriso contido.

Nicolau subiu apressado todos os degraus da varanda e por pouco não caiu quando o bico da bota arrastou no chão.

Meu pai não presenciou o desequilíbrio do garoto porque já estava na cozinha.

Discerni ao longe que uma mulher observava Felipe com discreto arrebatamento. A face entristecida verteu-se em amor quando os olhos vibrantes repousaram sobre o meu irmão notadamente distraído. Uma brisa noturna agitou os longos cabelos negros quando a luz da lua incidiu sobre a pele acobreada.

— Nicolau... Quem é aquela moça? — a curiosidade que fluiu pela minha voz fez Nicolau inclinar o pescoço para trás.

— Não é possível que ela esteja de volta! — ele murmurou abismado, arrastando as mãos pelos cabelos dourados. — Não posso acreditar no que meus olhos veem. O nome dela é Luna — Nicolau respondeu ainda surpreendido, observando Felipe entrar no galpão.

— Eu nunca a tinha visto por aqui antes — atentei, concluindo que deveria ser a mesma Luna que vivia nos pensamentos confusos de Felipe.

— Luna estava fora do vilarejo todo esse tempo — Nicolau a encarou desconfiado. — Felipe não gostará nada de saber que ela retornou.

— Por que o meu irmão não gostaria desse retorno? — insisti, querendo mais detalhes.

— Prefiro deixar que ele mesmo lhe explique — Nicolau desconversou.

Luna percebeu o nosso indiscreto interesse e antes mesmo que Felipe pudesse vê-la, com passos cuidadosos se afastou das proximidades de nossa casa.

— Os dois ainda estão aqui fora? — Felipe indagou surpreso, deixando o galpão.

— Nós já vamos entrar — respondi atônita.

Em nossa cozinha calorosa, Ama ajudava o meu pai a preparar o jantar. Liana brincava em algum outro cômodo da casa. Meu pai deixou a cozinha por um instante procurando por minha irmã, tornando o momento bastante propício para iniciar o interrogatório.

Numa clara tentativa de agradar Nicolau e obter respostas satisfatórias, ofereci um pedaço de pão generoso. Eu precisava arrancar qualquer impressão de Felipe sobre a conversa com o príncipe Franco.

— Então, Nicolau... Como estava o castelo? — questionei displicente.

— Movimentado como de costume — ele replicou como se desejasse desviar a conversa sobre o castelo. — Encontrei com minha amada em pleno comércio... Rose estava lindíssima como sempre.

— Rose por acaso lhe cumprimentou? — perguntei, demonstrando interesse.

— Ignorou-me sem nenhum traço de arrependimento — ele relatou, entortando a boca com uma careta.

— Prometo que vou ajudá-lo a reconquistá-la — declarei, servindo-lhe um copo de leite quente. — Só que, para isso, precisaremos ir à cidade mais vezes sem a companhia de Felipe... Assuntos como esse exigem muita discrição.

Verdadeiramente gostaria de ter dito: *O meu irmão precisa estar distante de mim para que seja possível uma aproximação com Franco.*

— Será muito difícil ir para a cidade sem a companhia de Felipe... — ele mencionou, carregado de sinceridade.

— Por que seria muito difícil? — retruquei.

— Felipe resmungou o caminho todo que a sua presença na cidade será evitada por uns tempos — o rapaz comentou, bebendo aquele gole interminável, sem importar-se com a aflição que se difundiu pela minha expressão. — Deveria conversar com seu irmão, esclarecer melhor os fatos. Não continue me questionando, porque nunca poderei lhe dar a resposta de que tanto precisa — Nicolau recomendou astuto, compreendendo as minhas verdadeiras intenções.

Deixei rapidamente a cozinha compreendendo que Felipe continuava no galpão. Era nítido que o meu irmão gostaria de evitar qualquer questionamento sobre o encontro com Franco.

— Qual foi a sua impressão depois da conversa que teve com o príncipe? — pronunciei direta.

— O príncipe Andreas? — Felipe desconversou, ajeitando o machado num canto da parede. — Parece que o príncipe ficou realmente muito assustado com a Kanítora. Ele disse que ainda hoje procuraria o feiticeiro Malvin para esclarecer algumas dúvidas.

— Não se faça de desentendido — rebati. — Sabe muito bem que não estou falando do príncipe Andreas.

— Não? — ele indagou sarcástico. — Seja mais específica.

— Qual foi a sua impressão depois da conversa que teve com o príncipe Franco?

Fiz a pergunta respirando profundamente, procurando estabilizar as batidas descompassadas do meu coração.

— O narigudo não segura mesmo a língua! Nicolau não devia ter comentado com você sobre a conversa que eu tive com o príncipe Franco — deixei a culpa recair sobre o garoto. — Deseja mesmo saber qual foi a minha impressão? — ele resmungou com irritação ao notar o meu gesto afirmativo.

Aguardei silenciosa os comentários sinceros de Felipe sobre a conversa.

— Devo confessar que algo no comportamento do príncipe Franco parecia estar mesmo diferente — Felipe reparou contrariado. — Um homem sempre tão frio, indiferente, insensível, parecia envolvido por algum sentimento... — o meu irmão prosseguiu, evitando qualquer manifestação de entusiasmo. — Claro que nem imagino que espécie de sentimento seria — ele completou abrasivo. — O príncipe Franco prometeu que não fará nada que possa machucá-la, mas considero que talvez seja melhor estabelecer uma distância. Tenho medo que utilize a sua posição social para conseguir o que deseja.

— Tentarei me manter o mais longe possível — discorri a frase com total falta de firmeza. — E, a propósito, mudando um pouco de assunto... Luna retornou ao vilarejo.

A fisionomia de Felipe transformou-se por completo. Com discreta angústia, o meu irmão fechou as enormes portas de madeira do galpão, pensando: *Nicolau não consegue mesmo ficar de boca fechada*. Reconheci que precisava me pronunciar em defesa do rapaz.

— Não pense que Nicolau comentou algo sobre o assunto. Receio que esteja completamente enganado com relação a isso — expus firme.

— Liv... — o meu nome surgiu como uma repreensão. — Lendo os meus pensamentos novamente? — ele indagou irônico.

— Algumas vezes é involuntário! — respondi envergonhada, tentando esconder os olhos. — Notei que uma moça o observava a distância. O comportamento estranho chamou a minha atenção, e Nicolau apenas comentou que se tratava de Luna.

— Então... Luna infelizmente retornou ao vilarejo... — Felipe lamentou, dando um longo suspiro.

— Por que fica tão nervoso quando se fala dessa moça? — questionei com curiosidade.

— A moça que você viu é alguém que tenho evitado lembrar que existe — Felipe esclareceu ansioso. — Luna é uma espécie de fantasma do passado que regressou com a finalidade de me atormentar.

Ingressamos em casa compartilhando do sossego doloroso que a impotência é capaz de provocar. Demonstrávamos declaradamente o quanto havíamos sido atingidos por algo que comporta a capacidade de deflagrar sentimentos bons e ruins em proporções tão idênticas.

Eu analisava Felipe sendo consumido pelo amargor de um desapontamento desmedido proveniente do retorno daquela mulher. Os dedos compridos penetraram nos cabelos castanhos como se a tristeza pudesse ser minimizada por aquele gesto impaciente.

Admirava as minhas mãos ainda trêmulas por conta da impressão que meu irmão tivera sobre os sentimentos de Franco. O príncipe não parecia indiferente à minha existência; por esse motivo, experimentava a alegria inundar os meus olhos cansados.

Estávamos inteiramente devastados por um amor intenso e profundo. A misteriosa poção perturbadora preparada dentro da essência de almas impregnadas por uma inconstante racionalidade; aquela mistura deliciosamente sedutora que, se não for devidamente dosada, poderá tornar-se algo extremamente letal.

o desconhecido

O passar dos dias não trouxe mudanças significativas no rumo da minha rotina sem vivacidade. Por várias vezes considerei desprender-me com o propósito de descobrir como o príncipe Franco havia interpretado a atitude de Andreas em visitar-me no vilarejo.

Nos momentos em que a curiosidade difundiu-se pelas minhas recordações, questionava-me com traços de intensidade espalhados, num mordiscar discreto de lábios e num apertar inconstante de mãos, se ele teria ficado com ciúme do irmão.

Desistia de manifestar o dom quando avaliava que talvez ainda não estivesse totalmente recuperada da última aventura, e por considerar que a minha mãe não aprovaria a utilização daquela habilidade enquanto ela não estivesse sob o meu total controle.

A lembrança do sentimento inesperado por Franco atormentava-me de maneira incessante, mesmo que por todas as horas do meu dia tentasse evitá-la. A distância forçosamente imposta não diminuía a sensação de que o amor apoderava-se de mim, provocando um ardor intenso que se espalhava pelas fibras da minha carne.

Franco havia deixado claro que não desistiria dos objetivos com relação ao seu reinado. Durante a conversa com Felipe, ele praticamente havia pactuado que se

afastaria de mim, portanto eu compreendia que o nosso destino seria decidido conforme a sua vontade soberana, fato que infelizmente não permitiria que deixasse de amá-lo, o que tornava a minha vida adoravelmente insuportável.

O medo imensurável de nunca tê-lo comigo estranhamente dominava as minhas atitudes; eu saboreava aquela angústia amarga e perversa entranhada em mim.

Continuei enrolada nos lençóis de algodão por mais tempo do que gostaria. Todos estavam acordados, sustentando uma conversa animada em algum lugar da casa. Queria evitar questionamentos; por isso permaneci estática. Não conseguiria esconder a tristeza que se transportava da minha alma manifestando-se vívida em meu semblante devastado.

Ponderei, após o centésimo minuto, que não continuaria a ser consumida pela amargura. As palavras de Sara ressoaram em minha memória como um murmúrio insistente: *“A tristeza nos enfraquece”*.

Levantei abruptamente encarando o sol imperante num céu azul quase sem nuvens. Ergui a janela do quarto experimentando o ar quente, que encheu o meu peito de um breve entusiasmo.

Próximo à entrada da vila observei a figura de um homem montado a cavalo. A postura altiva chamou a minha atenção e acentuou a indiscrição em meu olhar. Não conseguia identificá-lo mesmo que apertasse os meus olhos com todo o esforço. A longa capa preta com capuz que ele vestia recobria a sua face de maneira intencional.

A persistência de um contemplar curioso em sua direção proporcionou como única resposta o galope acelerado do cavalo obediente, permitindo que o cavaleiro abandonasse a vila sem sequer olhar para trás.

— Que estranho! — murmurei, dando de ombros.

Banhei o rosto com cuidado, resistindo contra a repentina vontade de retornar à confortável cama. Abri a cômoda esticando os dedos até alcançar a toalha que enxugaria a apatia que revestia o meu rosto.

Demovida de todo ânimo, retirei o primeiro vestido que encontrei no armário, calcei as velhas botas marrons e, com uma segurança questionável, caminhei até a cozinha.

O barulho de antes se desfizera por completo. Apenas Ama cantarolava descascando batatas firmes e úmidas que fariam parte do almoço.

— Bom dia... Onde estão todos? — perguntei desestimulada.

— Estão no galpão — ela respondeu, repousando a faca na tigela.

— Nicolau esteve por aqui? — interroguei, querendo estabelecer uma conversa que desviasse as perguntas de Ama quanto ao meu estado de espírito.

— Esteve — ela refutou olhando-me fixamente. — O garoto passou boa parte da manhã contando as suas peripécias pela floresta — Ama deu um sorriso contido. — Quer um pouco de leite?

— Quero sim — afirmei sem arrebatamento.

Ama trouxe o leite fresco e notou o enorme esforço que fiz para bebê-lo.

— Liv... Não vai comer nada? — ela indagou, esperançosa por uma resposta afirmativa.

— O leite foi suficiente — informei concisa, implorando aos Etéreos que controlassem o desígnio constante que Ama possuía de empurrar comida.

— O seu pai está muito preocupado com você — ela declarou, passando as frutas e o pão em minha direção; o meu pedido havia sido totalmente desconsiderado.

— Meu pai não tem motivos para isso — proferi sorrindo, arrancando uma banana do cacho.

— Não tem motivos? — ela retrucou, numa surpresa exagerada, apenas com o propósito de sensibilizar-me. — O seu sorriso forçado não me engana; posso enxergar claramente que a tristeza tem lhe feito companhia há muito dias — escutei as palavras sensatas enquanto devorava a banana.

Deixei a cozinha sob os protestos de Ama, sem exhibir qualquer disfarce de que a conversa não tinha me agradado. Com calma, busquei a direção da varanda, experimentando a brisa leve desarrumar os meus cabelos.

A minha vida tinha estagnado involuntariamente. Sem qualquer evidência de admiração, observava que as pessoas permaneciam executando os seus círculos de sobrevivência. O único lugar que ainda permanecia sem qualquer rotação parecia ser o mundo ao qual eu pertencia.

Ao longe, Luna analisava cautelosamente a nossa casa. A claridade permitia que eu enxergasse melhor cada traço expressivo da sua face. Saudei-a de maneira amistosa, porém a bela moça inesperadamente retribuiu a saudação

com um o olhar raivoso. Não desistiria de estabelecer contato apenas por causa de uma careta nada receptiva. Com um sinal discreto solicitei que ela se aproximasse, no entanto ela ignorou o meu gesto, afastando-se novamente.

Estranhei o jeito da moça e iniciei alguns passos turbulentos em direção ao galpão, no entanto velozmente abrangi que Luna deveria ter os seus motivos para demonstrar um comportamento tão hostil.

— Nicolau... Ataque-me! — foi a primeira coisa que escutei assim que entrei no galpão.

— Felipe... Não estou gostando dessa sua atitude agressiva — Nicolau ponderava, recuando dos golpes certos de meu irmão.

— Eu que não estou aprovando a sua postura defensiva — Felipe alegou, partindo na direção do garoto. — Precisa me atacar!

Nicolau esbarrou no extenso balcão de madeira e a espada rolou pelo chão, exterminando todas as suas chances de vitória.

— Acha mesmo que se tornará um grande guerreiro borrando-se de pavor por conta da minha espada? — Felipe interpelou, enfiando a cabeça num barril de água e retirando-a logo em seguida. — Acredito que a minha irmã seja muito mais corajosa do que você.

Nicolau mostrou-se aparentemente triste diante daquela conclusão dolorosamente franca do seu impaciente mentor. Felipe representava uma espécie de irmão mais velho para ele, por esse motivo era tão firmemente respeitado, e

qualquer comentário maldoso que meu irmão pronunciasse o machucava com profundidade.

— Ora, Felipe!!! — resmunguei irritada. — Nicolau, ignore todas as grosserias que ouviu. Tenho certeza de que algum dia se tornará um grande guerreiro — proferi palavras que de certa forma o tranquilizaram.

Nicolau alcançou a espada e a colocou numa bancada de ferro, seguindo com celeridade para fora.

— Liv... Nicolau é muito brando em suas atitudes — Felipe pontuou, sem nenhuma pena. — O garoto está sempre com medo de tudo ao seu redor.

— Precisa ter paciência — retruquei. — Não pode esquecer o trauma que Nicolau viveu por conta da violência.

— Paciência? — ele indagou irônico, sacudindo os pesados cabelos molhados. — Tenho muita paciência com ele. Passo horas do meu dia lhe ensinado diversas estratégias de defesa, mas o garoto prefere concentrar as energias apenas em Rose! — Felipe fitou o lado de fora enraivecido. — Homens fracos não têm vez! Não imagina quanto temo pela segurança dele... Se por acaso ocorrer uma batalha, como Nicolau se defenderá dos inimigos?

— Entendo a sua preocupação — disse, mais tranquila. — Contudo tratá-lo dessa forma dificultará ainda mais seu amadurecimento — coloquei a mão sobre o seu ombro. — Nicolau fica extremamente triste toda vez que faz algo que você desaprova.

— Lembrarei disso da próxima vez — ele concordou, calmo. — Por acaso veio aprender alguns golpes comigo? —

Felipe perguntou exibindo a sua vasta habilidade com a espada.

— Não... Acabei de ver Luna lá fora — comentei, aguardando a sua reação.

— Por favor, esqueça o assunto! — Felipe replicou áspero.

— Fiz um sinal para que se aproximasse, mas Luna ignorou-me por completo — afirmei, franzindo o cenho.

— Luna não teria a audácia de entrar em nossa casa sem a minha permissão — Felipe grunhiu raivoso.

— O que essa moça fez de tão grave? — contestei, reconhecendo o desagrado em seus olhos castanhos.

— Queria que Luna desaparecesse novamente — a sinceridade escorria de seus lábios.

— Felipe... — fiz uma pausa. — Por favor, conte-me tudo o que aconteceu.

— Quer mesmo saber? — o tom de voz revelava que o meu irmão ansiava por um “*não*” como resposta, entretanto decidi contrariá-lo.

— Claro que desejo saber a verdade — afirmei, arregalando os olhos.

— Luna nem sempre morou aqui no vilarejo — Felipe encostou-se à parede como se precisasse de apoio. — Quando ela chegou à vila lembro-me de ter ficado muito impressionado, nos aproximamos e sem que percebêssemos estávamos envolvidos — ele ficou pensativo, como se as lembranças o tivessem afastado das coisas ruins. — Teria me casado com Luna se os acontecimentos não tivessem nos levado a outro rumo.

— De que outro rumo está falando? — questionei aflita.

— Eu a amava intensamente! — Felipe murmurou, preenchido por sentimento. — Em certos momentos posso até compreender o que sente pelo príncipe Franco — o meu irmão, enfim, estabeleceu um momento de cumplicidade. — A curiosa necessidade de ter a pessoa amada sempre por perto, o medo incomensurável de perder... Mas fui tão tolo, tão estúpido.

— Por quê? — minimizei a pergunta.

Felipe aparentava intensa fragilidade; o meu irmão não lembrava em nada o homem que esbravejava minutos atrás.

— Luna traiu a minha confiança! — ele ciciou, quase inaudível, perante meus olhos incrédulos. — Ocultou fatos importantes que nunca deveria ter escondido.

Eu poderia amenizar a narrativa lendo os seus pensamentos, evitando assim que repetisse palavras que o machucavam tanto, porém determinei que a vida prosseguisse com o seu curso natural. Felipe precisava deixar escapar pelos seus olhos úmidos toda a mágoa que guardava de Luna.

— Liv, nunca confie cegamente em alguém — meu irmão alertava-me tomado pela dor. — Luna escondeu suas verdadeiras origens — Felipe demonstrava desconforto com a conversa. — Ela não me revelou que era uma feiticeira.

Olhei surpreendida porque em nenhum momento imaginei que Luna pudesse ser uma feiticeira. Felipe passou parte da vida rejeitando-me porque tinha pavor da fama de bruxa que eu tinha, e ter se apaixonado por alguém

envolvido com magia parecia uma punição genuína preparada pelos Etéreos.

— Desejou esquecê-la somente porque descobriu que a moça era feiticeira? — declarei com perplexidade.

Felipe sacudiu a cabeça negativamente.

— Luna pertence a uma comunidade chamada Sinaia — ele explicou, descontente. — A tribo fica localizada ao sul da floresta de Hans; é um local habitado somente por mulheres.

— Lembro-me de já ter ouvido falar dessa tribo antes — disse com animação.

— Boa parte das mulheres dessa tribo possui conhecimentos sobre magia — Felipe prosseguiu, com discreta repulsa à palavra “magia”. — Algumas mulheres passam anos preparando-se com técnicas de luta e no aprimoramento de poções, tudo com o objetivo de proteger o Medalhão Elemental — Felipe murmurou, engolindo em seco. — São mulheres muito fortes, escolhidas pelos Etéreos e apoiadas pela realeza por causa de um pacto muito antigo feito com o rei Henrique.

— Até o momento não encontrei motivos que justificassem o rompimento do compromisso que tinha com Luna — expressei confusa, lançando um olhar atencioso em sua direção. — Pelo que Sara me revelou, o envolvimento dessas mulheres parece ser com magia da luz.

— As mulheres da tribo de Sinaia são muito independentes — ele seguia a conversa sem nenhuma vivacidade. — Elas não precisam de homens para absolutamente nada. Apenas nos usam com o propósito de

se divertir e procriar. Abominam tanto a figura masculina que, quando nascem meninos, elas entregam os pobres coitados sem arrependimento a viajantes, mercadores... Muitos soldados que fazem parte da guarda do príncipe Franco são filhos dessas mulheres. O rei Henrique sempre fez questão de acolher esses meninos — ele explicava com calma.

— Sabia da existência dessa tribo, mas não com tanta riqueza de detalhes... — disse, caminhando até um banco de madeira.

Felipe deu alguns passos, procurando dissipar o evidente nervosismo.

— As mulheres de Sinaia são divididas em grupos de acordo com o nível de aprendizado. Apenas as líderes dos grupos podem ter contato com a civilização — ele declarou, erguendo o braço e apoiando a palma da mão sobre a parede. — Elas frequentam o comércio porque vendem o artesanato feito na tribo. Utilizam as moedas obtidas com as vendas para comprar mantimentos, tecidos e armas. E quase sempre acabam arrumando confusão com homens que não aceitam a forma de vida delas.

— E como Luna acabou vindo parar aqui na vila? — estiquei os braços ao alto para relaxar.

— Ela nunca me explicou as circunstâncias que a fizeram vir morar no vilarejo. — Felipe respondeu à pergunta demonstrando um falso desinteresse pela situação. — Sei apenas que Betânia, uma senhora que nunca teve filhos, acolheu Luna — ele revelou, retirando a mão da parede. — Nós vivíamos felizes juntos, porém um dia, sem motivo

aparente, notei que algo estava diferente. Durante uma conversa que tive com Malena, a melhor amiga de Luna, descobri que não fora somente eu que havia notado a mudança repentina — ele colocou os dedos sobre o balcão. — Malena prometeu que descobriria a verdade por trás da transformação.

— Por que Malena trairia a confiança da melhor amiga somente para ajudá-lo? — perguntei desconfiada.

— Porque sempre teve muita consideração por mim — ele replicou, aparentemente irritado com a minha pergunta e dando-me as costas. — Malena descobriu durante o período de investigação que Kira, a chefe das mulheres de Sinaia, estava passando alguns dias no vilarejo, pois pretendia convencer Luna a voltar à tribo.

— Por que Kira desejava o retorno de Luna à tribo depois de tanto tempo?

— As mulheres de Sinaia receberam um aviso da Etérea Selíope. A Terra havia revelado que a energia do medalhão estaria muito perto de se manifestar e se fazia necessária a presença das melhores guerreiras da tribo para defendê-lo das mãos erradas — ele virou-se de frente antes de continuar. — Fui capaz de perdoar Luna por ter escondido as origens e continuamos planejando o nosso casamento, afinal de contas ela havia se recusado a retornar porque desejava continuar ao meu lado — os seus lábios estremeeceram. — No entanto, o que aconteceu depois seria impossível de perdoar.

— O que Luna fez de tão sério? — questionei, encarando o rosto tomado pelo desgosto.

— Ela me traiu com outro homem — ele sibilou abatido, testemunhando o meu quase desabar do banco. — Um sujeito asqueroso... Eu mesmo encontrei os dois juntos.

— Luna nunca se defendeu? — perguntei, levantando do banco para caminhar um pouco pelo galpão.

— Claro que sim — ele respondeu irrequieto. — Aquela dissimulada disse que eu estava enganado, que nem mesmo sabia como aquele homem havia aparecido em sua casa — os seus olhos marejaram. — Contudo, se observarmos o histórico das mulheres de Sinaia, veremos que esse comportamento faz parte da rotina daquelas mulheres.

— E o que aconteceu com Malena? — inquiri, observando a expressão dele se tornar mais suave.

— Malena acabou indo embora daqui — ele repontou, com certo desconforto.

— Espere um momento... E onde Catarina se encaixa nisso tudo? — investiguei, buscando uma explicação. — Porque quando cheguei por aqui parecia que você tinha bastante interesse nela.

— Catarina talvez seja apenas uma fuga — a sua voz escapou sem anseio. — Ela tem muitas posses, dificilmente seríamos felizes juntos. Não cometerei o mesmo erro do nosso pai.

— Nossa! — disse alarmada. — O desfecho do seu relacionamento com Luna foi muito intrigante. Por que Luna o trairia se eram tão felizes juntos?

— As mulheres da tribo de Sinaia não valorizam sentimentos — Felipe concluiu rapidamente. — Por que não

entramos agora? — ele indagou, esboçando um sorriso nada convincente. — Estou tão faminto... E o cheiro delicioso da comida de Ama está torturando o meu estômago.

Felipe passou o braço longo em torno do meu ombro e guiou os meus pés para o lado de fora do galpão. Obedeci aos seus comandos, analisando que alguma coisa não se encaixava naqueles relatos. Existia sinceridade nos olhos negros de Luna; existia um sentimento verdadeiro plantado em seu coração.

Era o começo da tarde e o sol convidativo iluminava o céu fantástico, estimulando um passeio pelas redondezas.

Quando me afastei alguns metros do vilarejo, compreendi, com grande assombro, que estava sendo seguida. Concentrei inúmeros pensamentos positivos em Híndria, solicitando que os ventos protegessem a minha tentativa de passeio de qualquer mal.

Aumentei inesperadamente a velocidade do galope, segurando com firmeza as rédeas do animal, no entanto o perseguidor apresentou a mesma atitude abrupta, perseguindo-me com uma rapidez que considerei absurda.

As minhas mãos exalavam um suor frio de pavor; respirava tão rapidamente que experimentava um sufocar assombroso; os meus cabelos negros agitavam-se, chicoteando a minha face temerosa, até que finalmente uma voz feminina me abordou.

— Moça... — o silêncio se fez em seguida.

Girei o pescoço e me surpreendi quando repousei os olhos na figura destemida de Luna. Diminuí

instantaneamente a velocidade, escutando o relinchar intenso do cavalo.

— É muito perigoso seguir por essa trilha sozinha — ela advertiu, apontando o caminho à nossa frente. — O seu marido não lhe falou sobre os perigos da trilha?

— Marido? — disse confusa. — Se estiver falando de Felipe, somos irmãos — sorri para ela. — Eu me chamo Liv.

— Liv... Claro! — ela murmurou aliviada. — Eu sou Luna — ela esticou os dedos cumprimentando-me cordialmente.

— Por acaso me conhece? — perguntei, esboçando um sorriso.

— Felipe sempre falava sobre a irmã que morava na floresta — ela sorriu, deixando os dentes perfeitos à mostra. — Eu sempre quis muito conhecê-la.

— Parece que aqui em Lanóvia as pessoas que ainda não me conhecem carregam o desejo insano de me conhecer — articulei, observando a paisagem. — Não compreendo o porquê de tanta curiosidade, já que existem outros mesoetéreos pela região.

— É uma espécie de lenda por aqui. O fato de seu pai tê-la escondido de todos aguçou a curiosidade alheia — Luna deu uma explicação que não me convenceu. — Para onde estava indo?

— Não tenho nenhum destino — respondi sem ânimo à pergunta.

A ausência de entusiasmo não possuía qualquer relação com a presença dela, mas apenas com a permanente insatisfação explicada pela falta sem coerência que o príncipe Franco me fazia.

— Conheço uma trilha não muito distante daqui e um pouco menos perigosa, que nos levaria a uma cachoeira maravilhosa — ela expôs animada. — Gostaria de ir até lá comigo?

Ponderei que um banho junto à natureza seria interessante para renovar as energias, no entanto me encontrava incerta com o fato de não conhecer Luna profundamente; tinha apenas as referências dadas por Felipe, que por sinal eram as piores possíveis.

Enfrentei aquele sorriso encantador abrangendo que nunca conhecemos ninguém profundamente. Todos nós possuímos um lado oculto; talvez aquela fosse uma oportunidade de Luna se mostrar de verdade.

Prosseguimos em silêncio por toda a trilha que nos levaria à espetacular cachoeira. Escutei a sua voz terna novamente quando recomendou, munida de experiência, que deixasse o cavalo amarrado a uma árvore.

Percorremos por um tempo considerável um terreno íngreme dentro da mata. As pedras escorregadias por causa da umidade dificultavam a trajetória até o local esperado. Os meus dedos tocavam flores exóticas que espalhavam um cheiro inebriante pelo ar.

Vislumbrei o rio correndo límpido, cercado de pequenos morros por todos os lados. Sustentei a impressão nítida de que havíamos adentrado em um buraco. A queda d'água abissal transformava o lugar numa espécie de paraíso terreno.

Descemos o morro numa corrida alucinada. A ânsia de mergulhar naquela correnteza brilhante nos levou a retirar

as botas com uma rapidez sobre-humana. Depois de alguns pulos truculentos, finalmente os nossos corpos encontraram a fluidez da água cintilante.

— Que lugar maravilhoso! — discorri, olhando em todas as direções.

— Gosto bastante desse lugar — ela enunciou, relaxada. — Acredito que seja o meu local preferido em Lanóvia.

— Felipe nunca me trouxe aqui — relatei, com descontentamento.

— Talvez porque a cachoeira esteja cheia de recordações para ele — ela concluiu tristonha.

Luna não exibia mais um sorriso em seu semblante. Com cautela, nadou até deixar a água, sentando-se numa pedra grandiosa. Decidi acompanhá-la, pois seria a oportunidade perfeita para esclarecer o passado do meu irmão.

— Quer conversar um pouco? — perguntei de forma despretensiosa.

— Temo que não acredite em mim — ela respondeu ansiosa, prendendo os cabelos atrás do pescoço. — Receio que me julgue exatamente como seu irmão tem feito todo esse tempo.

— Não precisa temer — procurei acalmá-la. — Não estou aqui para julgá-la... Julgar não se trata de uma responsabilidade que eu possa abranger.

— Felipe acredita com muita convicção de que foi traído — ela respirou fundo. — Porém eu sei que Malena, a minha melhor amiga na época, tem alguma relação com o mistério de um homem que nem ao menos conhecia ter ido parar em meu quarto — Luna concluiu com firmeza. — Tenho certeza

de que ela tinha interesse em Felipe, e por esse motivo planejou a nossa separação nos mínimos detalhes — sua voz surgiu com revolta. — Eu amo Felipe desde a primeira vez que o vi — ela não mentiu ao pronunciar aquelas palavras.

Luna não tinha a mínima ideia se devia confiar em mim, mas ao mesmo tempo os seus olhos revelavam que ela não tinha outra alternativa, por isso a moça seguia descrevendo as suas conclusões efusivas sobre o final daquela história.

— Um dia antes de Felipe flagrar-me com aquele sujeito maldito, Malena havia me dado um chá dizendo que seria bom para acalmar os meus nervos. Eu estava preocupada demais com as exigências de Kira com relação ao meu retorno à tribo — ela narrou, sem disfarçar a dor que sentia interiormente. — Depois do maldito chá oferecido por aquela megera, recordo-me apenas de acordar com os gritos de seu irmão ecoando por todo o quarto.

— Betânia, a senhora que lhe criou, não podia lhe defender das acusações? — interoguei, encarando os seus olhos tristes. — Certamente ela deve ter visto algum movimento estranho...

— Betânia não teve como me defender das insinuações; ela também havia caído em sono profundo — ela comentou, irônica. — Descobri após alguns dias que Betânia também tomara o mesmo chá.

— Malena usou um dos truques mais antigos! — comentei jocosa.

— Não adiantaria falar das minhas desconfianças sobre a atitude de Malena — ela expressou em tom de revolta. —

Resolvi galgar a minha defesa com inúmeros argumentos, mesmo assim Felipe acreditou apenas no que seus olhos viram — ela segredou cabisbaixa. — Vasculhei os territórios atrás do sujeito que foi encontrado comigo, mas nunca consegui provar a minha inocência a seu irmão — ela elucidou, enfurecida. — Betânia acredita que somente Malena poderia provar que sou inocente, mas como conheço o caráter duvidoso dela reconheço que talvez isso nunca seja possível.

— Com uma amiga como Malena não é preciso ter inimigos — disse sorrindo e oferecendo a mão que a ajudaria a levantar. — Ela poderia ter lutado pelo amor de Felipe utilizando artifícios mais dignos.

— Jamais faria algo que provocasse o sofrimento de Felipe — ela discorreu com sinceridade. — Outro dia, quando uma bruxa os atacou na estrada, usei magia para salvá-los, mesmo sabendo que era algo proibido nos arredores da cidade.

— Foi a sua magia que impediu que a bruxa nos transformasse em cera! — pronunciei, impressionada com a revelação. — Agradeço imensamente por ter nos livrado daquela enrascada!

— Não precisa agradecer por isso; eu não suportaria testemunhar a dor de Felipe.

Depois daquela conversa franca estava claro que Malena passara por cima dos sentimentos de Luna apenas com o intuito de ter o que desejava.

Confortava-me reconhecer que aquilo que se fazia de bom ou de ruim de alguma forma sempre retornava para

quem o fazia.

— Prometo que tentarei ajudá-la — declarei com animação. — Sei que está me dizendo a verdade e tenho certeza de que meu irmão também enxergará isso algum dia.

— Liv... Agradeço pela confiança — ela revelou franca. — Conte comigo sempre para tudo que precisar.

— Será muito bom ter uma amiga no vilarejo! — relatei com agitação, espremendo os cabelos molhados na pedra ressecada pelo sol. — Meu pai não tem me deixado ir muito à cidade, principalmente ao castelo.

— Por acaso teria alguma relação com o príncipe Andreas? — ela perguntou com um olhar travesso.

— Como sabe sobre o príncipe Andreas? — questionei espantada.

— Eu o vi em sua casa outro dia — ela esclareceu de forma rápida, amarrando o cabelo com uma tira de couro. — Confesso que fiquei bastante empolgada observando o modo sutil como escapava das garras aguçadas dele — Luna voltou a sorrir. — Apaixonou-se por alguém que tem fama de galanteador.

— Não me apaixonei pelo príncipe Andreas — proferi, com pouca disposição para revelar a verdade.

— Se não tem relação com o príncipe Andreas... — Luna abriu os olhos com certo sobressalto. — Não me diga que teria alguma relação com o príncipe Franco! — ela respirou fundo. — Desculpe-me a franqueza, mas ele é um homem tão intensamente rude... Algumas vezes, esqueço que faz

parte da realeza; está sempre tão envolvido em guerras que acabou se tornando tão grosseiro quanto os seus soldados.

— Apaixonei-me por Franco antes mesmo de conhecê-lo — rumorejei desanimada, confessando a verdade.

Luna compreendia a intensidade de cada palavra que eu pronunciava, porém acreditava que sustentava o dever de me alertar.

— Espero que saiba que ele tem um único objetivo — ela ficou em silêncio esperando qualquer reação; a minha passividade fez com que continuasse. — Tornar-se o rei de Lanóvia; e esse desejo movimenta tudo à sua volta — Luna expôs, virando-se para mim.

— Estou me preparando para esquecê-lo — comentei com um sorriso sem graça, imaginando que precisava variar o assunto. — Muito bonito o colar em seu pescoço.

— Ganhei o colar da pedra azul durante os festejos da Celebração da Chegada das Summerwitchs há alguns anos.

— Qual é o significado desses festejos? — indaguei, notando um barulho estranho no alto do morro.

— Trata-se de uma festa encantadora que ocorre na tribo de Sinaia — Luna discorria com calma. — Durante esse evento, as mulheres da minha tribo comemoram a chegada de alguns membros do Clã Summerwitchs que escapavam dos ataques cruéis do Clã dos Winter no passado.

— Então a festa celebra a chegada das fugitivas na tribo — concluí.

— Exatamente — ela disse, tocando a pedra reluzente do colar. — Os bruxos de Winter começaram a exterminar os bruxos de Summerwitchs por questões relacionadas à luta

pelo poder. As Summerwitchs buscaram proteção na tribo de Sinaia; desde então, existem festejos que relembram toda essa época — a animação havia retornado à sua voz. — Existem disputas acirradas com a finalidade de ganhar um presente especial. Estão comentando que a festa deste ano terá como presente uma poção poderosa... Dizem que a poção tem força suficiente para ressuscitar alguém...

Antes que Luna completasse a frase, observamos o relinchar insistente dos cavalos e tratamos de nos apressar, com o objetivo de tomar conhecimento do que acontecia. Assim que chegamos ao local, notei a expressão de Luna converter-se em pavor quando encarou a figura de um homem que segurava as rédeas dos bichos.

O olhar do desconhecido recaiu sobre o meu como uma maldição, um feitiço sinistro que jamais poderia ser quebrado. Senti quase de imediato o cheiro de sangue abafar toda a fragrância das flores. Considerei a possibilidade de que estivéssemos feridas, mas de maneira surpreendente assimilei que não existia nenhum ferimento, nenhum arranhão, assim como não existia nada ao nosso redor que justificasse aquele aroma angustiante.

— Não pode levar os nossos cavalos — reclamei, vendo os olhos brilhantes como pérolas negras perdurarem sobre mim. — Escutou o que eu disse? Deixe os cavalos onde estão!

O sujeito parecia contrariado diante da minha oposição, mas ignorou aquela sutil ameaça esboçando os primeiros passos.

— Liv... Cale-se! — Luna advertia. — Deixe que ele leve os cavalos.

— Como voltaremos para casa? — indaguei irritada, por não visualizar o rosto detrás da capa. — Não estou disposta a caminhar tanto, somente porque um facínora estúpido deseja levar algo que nos pertence.

Luna franziu o rosto perante a minha obstinação, enquanto esfregava as mãos com ansiedade pelas linhas do vestido encharcado.

— Por que não segue o conselho da sua amiga? — a voz agressivamente grave fez o meu corpo paralisar.

Um vento repentino soprou, permitindo que a capa se movimentasse e deixasse à mostra a pele morena. O desconhecido ignorou totalmente os meus protestos acalorados. Assim que o sujeito execrável nos deu as costas decidi enfrentá-lo de maneira mais enérgica. A total reprovação de Luna exibiu-se pelo retorcer em seus lábios e pelo fato de ela permanecer imóvel.

Caminhei impulsiva até que minha mão frágil repousou violenta sobre o braço forte do ladrão. Numa agilidade sobrenatural, experimentei um empurrão intenso do desconhecido, fazendo com que meu corpo rebatesse diretamente sobre a árvore onde havíamos amarrado os animais momentos antes.

— Por favor, não a machuque! — Luna implorou, colocando-se de joelhos diante do malfeitor.

O maldito desconhecido colocou-me de costas, tornando impossível realizar a tarefa de observar a sua face. Conheci

a sensação desagradável de experimentar o calor da sua pele se propagar pelo meu vestido ensopado.

— Posso matá-la sem piedade por conta da sua ousadia — ele sussurrou ao meu ouvido, fazendo o meu coração disparar.

— E por que motivo ainda não fez isso? — provoquei, engolindo em seco, com um sorriso discreto que apenas Luna reconheceu como ironia.

— Por acaso estaria me desafiando? — a voz percorria por cada pedaço trêmulo do meu corpo. — A moça não imagina com que tipo de pessoa está lidando.

Uma de suas mãos atravessou vigorosamente o meu pescoço gélido e o silêncio assustador foi interrompido pela voz trôpega da única testemunha da presumível crueldade.

— Senhor... Ignore... Tudo o que a minha amiga está dizendo! — Luna gaguejava de temor pelo meu destino. — Pode levar os nossos cavalos, as botas, também tenho algumas moedas... Carregue tudo o que desejar, mas não a machuque!

— Vá embora daqui imediatamente! — ele ordenou.

— Não... Por favor... Permita que ela venha comigo — Luna clamou em desespero.

— Se você não desaparecer das minhas vistas agora mesmo... Cravarei a adaga nas costas da sua amiga bem diante dos seus olhos — ele vociferou, num tom enfurecido.

— Faça o que ele pede — aconselhei com tranquilidade, desejando que ela obedecesse; os ventos sopraram fortes.

Luna disparou em direção ao caminho que levava à trilha. Parecia bastante óbvio que a minha nova amiga procuraria

por qualquer tipo de ajuda. A ventania trazia o som abafado da sua voz assustada clamando por socorro, enquanto os cavalos permaneciam agitados à nossa volta.

— Por que não ficou quietinha como a sua amiga? — ele apertou o meu braço com força. — Não imagina como posso lhe fazer muito mal... — as palavras se pronunciaram devagar na mesma proporção com que a sua mão repousou em minha cintura. — Poderia acabar com você muito mais rápido do que imagina...

O ofegar acelerado da minha respiração denunciava o medo evidente. Não reconhecia se aquele inimigo era um humano ou mais uma das criaturas pertencentes ao mundo das sombras.

Inclinava o pescoço com o propósito de encará-lo; precisava ler os seus pensamentos. No entanto, tornou-se impossível lutar contra alguém tão espantosamente mais forte.

— A minha amiga certamente encontrará alguém que virá me salvar das suas garras imundas, e celebrarei muito quando uma espada for cravada em você sem nenhuma compaixão — ralhei enfurecida.

— Não imagina como estou assustado! — ele comentou, num tom carregado de sarcasmo.

— É um grandessíssimo covarde! — repliquei. — Como teve coragem de atacar duas moças indefesas?

— Eu não as ataquei; queria apenas os cavalos — ele retrucou, escorregando os dedos pelas minhas costas molhadas. — Se não fosse por sua atitude desrespeitosa, a senhorita teria partido com a sua amiga.

— O que fará comigo? — argumentei temerosa.

— Tenho alguns planos para você... — a voz surgiu com um sorriso.

— Ambiciono ardentemente que os seus planos possuam total relação com deixar-me em segurança na estrada — proferi, considerando-me venturosa por não ser capaz de conhecer os pensamentos do desconhecido.

— Considerei algo mais íntimo... — ele sugeriu, sem disfarçar o sorriso mordaz em sua voz. O suor de ansiedade escorreu em abundância pela minha testa.

— Algo... Algo mais íntimo? — gaguejei. — Acho que não faço o seu tipo, não sou muito voluptuosa.

O desconhecido explodiu numa gargalhada quase infinita.

— Gosto das magricelas — ele respondeu num sussurro. — Digamos que algo mais íntimo teria relação com deixá-la em segurança na sua casa... Afinal de contas, nunca se sabe quando um ladrão sem escrúpulos aparecerá pelo caminho — a gargalhada irônica irritava.

O meu tórax demonstrava os primeiros sinais de dor por conta da proximidade com o tronco irregular da árvore; o sangue circulava com celeridade, fazendo o pulso bater descontrolado diante do sarcasmo desmedido daquele homem.

Refleti como havia sido estúpida por enfrentá-lo; no entanto, desde o momento em que o vi, senti que o desejo de combatê-lo parecia algo mais intenso do que a minha razão. Cogitei a possibilidade de ter sido enfeitiçada por uma bruxa. Isso explicaria uma atitude tão imprudente,

porém desconsidereei totalmente a hipótese porque sabia que estava em plena consciência quando o provoquei.

A sua mão calejada retirou os cabelos molhados que cobriam o meu pescoço, atirando-os sobre o meu peito angustiado. Quase inconsciente, experimentei o hálito fresco aliviar os músculos carregados pela tensão. O seu corpo, num movimento inoportuno, recostou-se ao meu inteiramente contra a minha vontade.

— Não queria machucá-la... — a voz soprou ao meu ouvido.

— Acabe logo com isso! — protestei furiosa.

— Adoro o seu espantoso atrevimento — ele expôs, deslizando a mão até esbarrar em meu quadril. — Por que não me diz o seu nome?

— Porque não lhe interessa! — retruquei, repelindo o seu toque.

Um segundo após aquela frase anunciada com o mais puro ódio, a lâmina fria da adaga tocou a minha garganta. A respiração acelerou as batidas de arrependimento em meu coração e as lágrimas escorreram pelas maçãs do meu rosto. Os seus dedos firmes passearam num rosto encharcado de aflição.

Para a minha felicidade eterna, o silêncio que habitava a floresta fora tomado por passos apressados e por indicações precisas do local em que me encontrava.

— Preciso partir agora... — ele fez uma pausa, arrastando o nariz com anseio pelos meus cabelos. — Parece que a sua amiga encontrou ajuda. Espero revê-la em breve — ele murmurou, enfim desaparecendo das minhas vistas.

Finalmente Luna adentrou ao local barulhosa trazendo consigo um senhor gorducho que segurava, hesitante, um machado.

— Aquele homem a machucou? — ela repetiu milhares de vezes, observando cada parte de mim. — Aquele covarde fez alguma coisa contra sua vontade?

— Não... — respondi, segurando as lágrimas. — Ele não... — fiquei pensativa antes de prosseguir. — Ele não me machucou porque felizmente chegaram a tempo.

— Onde o maldito sujeito se enfiou? — o senhor pronunciou com certo receio.

— Acho que adentrou pela mata — declarei, repousando a mão sobre a testa.

— Liv... Não deveria enfrentá-lo daquela forma... — Luna recriminava a minha atitude.

— Moça... Arriscou a sua vida! — o senhor advertia. — Agradeça aos Etéreos por esse ladrão não ter feito nenhuma maldade com você.

— Quem era aquele homem? — inquiri aturdida, sentindo o cheiro dele ainda invadindo as minhas narinas.

— Devia ser um salteador miserável ou talvez um midrão — Luna respondeu, parecendo preocupada comigo.

— Se fosse um midrão, com certeza a moça não estaria viva — o senhor expôs, caminhando até os cavalos. — Os midrões possuem fama de serem muito cruéis — ele olhou diretamente para mim. — Seguramente os insultos que lançou sobre ele não teriam sido aceitos sem uma retaliação. Um midrão teria acabado com ela, talvez seja algum meliante inexperiente.

— Impressionante... Ele nem mesmo levou os cavalos...
— Luna atestou espantada.

— Teria sido difícil escapar com dois cavalos — supus, sentindo os meus joelhos fraquejarem.

— Devem retornar para casa antes que escureça — o senhor recomendou com delicadeza.

Agradecemos a ajuda dada pelo cavalheiro solícito e partimos em seguida num galope vigoroso. Ao longe, começamos a distinguir o fogo ainda tênue das primeiras tochas que iluminariam a noite que se aproximava.

Recomendei a Luna que não comentasse o ocorrido com ninguém do vilarejo, pois sabia que as restrições a meus passeios aumentariam em proporções imensuráveis.

Abandonei o cavalo dentro da baia no pequeno estábulo, enquanto ainda mantinha o semblante assolado pelo pavor do desconhecido.

— Luna... Eu preciso encontrar uma maneira de ir até a cidade — mencionei baixo, com receio de que alguém ouvisse.

— Anseia em seguir até a cidade porque deseja encontrá-lo... — ela balançou a cabeça negativamente. — Todos aqui em Lanóvia reconhecem a dureza daquele homem. Chamam-no de “Príncipe Sem Coração” — Luna acalmava com a palma da mão o cavalo ainda assustado. — Talvez o mais certo a fazer fosse esquecê-lo.

— Não se pode lutar contra um sentimento verdadeiro — pronunciei, arriscando persuadi-la. — Não acho que posso continuar travando uma batalha comigo mesma.

— Para que começar algo que pode estar predestinado a ter um triste fim? — ela argumentava, buscando me fazer desistir.

— Porque preciso me sentir viva novamente — expressei, dando um longo suspiro.

— Então que assim seja — ela finalmente concordou. — Pelo menos temos uma desculpa para irmos à cidade amanhã.

— Temos? — interpelei surpresa.

— Preciso levar as encomendas de Betânia ao comércio — ela comentou, sorrindo da feliz coincidência. — Diga a seu pai que me fará companhia, mas Felipe não pode desconfiar de nada ou proibiria o passeio.

— Acho que consigo esconder isso dele — respondi sorrindo.

Assim que entrei em casa explanei ao meu pai todos os motivos que justificariam o passeio à cidade sem a presença de Felipe.

Expus que seria impossível que a minha nova amiga aceitasse a companhia do meu irmão após um rompimento sem muitas explicações. O meu pai ficou contente com o retorno de Luna, e por fim compreendeu que realmente ela tinha razão.

Os passos que me guiaram até o quarto refletiam o que meu coração pronunciava: *iria encontrá-lo e precisava estar preparada.*

enfeitado

Acordar cedo foi inevitável! Subjugada pelo medo da descoberta do meu passeio, fiz o mínimo de barulho possível. Não queria que Felipe acordasse e impedisse a “fuga” permitida por meu pai.

Antes mesmo de o sol despontar no horizonte, empunhei uma tocha e segui até a casa que Luna havia apontado no dia anterior. Bati à porta com firmeza até que alguém finalmente veio atendê-la.

— Bom dia — cumprimentei-a. — Imagino que a senhora seja Betânia.

A senhora confirmou a suposição com um sorriso caloroso, parecendo espantada com o meu ansioso ímpeto matinal.

— Chegou um tanto cedo! — ela disse, escancarando a porta, demonstrando que me reconhecia.

— Não queria ser responsável pelo atraso de Luna — expliquei, repousando a tocha no alpendre na entrada da casa.

Betânia fez um sinal assim que adentrei, oferecendo-me o conforto de sentar-me numa cadeira localizada junto à porta. Permaneci de pé mesmo depois da gentileza, imaginando que talvez daquela forma Luna se sentisse pressionada a demorar menos.

— Luna está terminando de carregar a carroça lá nos fundos — ela comentou, sorrindo da minha pressa. — Como tem passado o cabeça dura do seu irmão?

— O meu irmão vai muito bem — respondi, sem esconder a aflição.

— Ele nunca mais dedicou um pouco de seu tempo para fazer uma visita a esta pobre velha — a senhora murmurou insatisfeita.

— Felipe tem andando muito ocupado — esclareci de imediato, justificando as ausências de meu irmão.

Escutei alguns passos desacelerados ecoando pelo corredor da casa.

— Liv? — ela indagou surpresa. — Chegou muito cedo! — Luna enunciou com alarme, entrando na sala. — Comeremos alguma coisa antes de seguirmos até a cidade.

Luna me convidou a sentar à pequena mesa e ofereceu-me leite, pão e geleia de pêssegos. Devorei rapidamente cada pedaço do pão, enquanto Luna comia pacientemente, desconsiderando a minha aflição.

— Ei... Tenha calma, pois o príncipe Franco não desaparecerá — ela recomendou, mostrando os belos dentes alvos.

— Eu sei que não... Mas custa ser um pouco mais rápida? — comentei enfática. — Se por acaso Felipe nos encontrar pelo vilarejo, dificilmente permitirá que eu siga com você até a cidade.

Por fim, Luna compreendeu a minha aflição, apressando-se naquele desjejum interminável. Em seguida, caminhou até o quarto, colocando as mãos sobre a escova, que

passou rapidamente por entre os fios desajeitados. Iniciamos os primeiros passos agitados pelo corredor quase infinito, que nos levou novamente à entrada da casa.

Os primeiros raios de sol passavam por entre as folhas das árvores nos aquecendo naquela trajetória que parecia infinda. Os cascos dos cavalos tocavam o chão produzindo um som abafado pela estrada. Virei os olhos assim que escutei o ranger de uma carroça logo atrás de nós. Meu vizinho simpático cumprimentou-me com um caloroso: *“Bom dia”*.

Luna conversou durante todo o caminho que nos conduziria até a cidade. A cada curva ela se recordava de algo importante que eu deveria saber sobre o seu passado. Descreveu com pormenores o período em que esteve fora da vila. Ela decidiu regressar a Sinaia com o objetivo de finalizar os conhecimentos sobre magia, contudo a saudade de Felipe foi crucial para acelerar o aprendizado e planejar o seu retorno imediato à casa de Betânia.

Continuava em silêncio, sentindo o meu estômago revirar. A possibilidade de um novo encontro com o príncipe Franco estava me deixando nauseada; considerei que a carroça se arrastava como uma tartaruga naquela manhã.

Adentramos os portões largos da cidade partindo em direção ao mercado. Restabeleci o ânimo porque tive a impressão de que não demoramos nada até alcançarmos as ruas movimentadas.

— Não se afaste muito da carroça — Luna recomendou.
— Alguns comerciantes conhecem a sua condição de mesoetérea. Receio que o fato de estarmos sem a

companhia de um cavalheiro provoque comentários inoportunos.

— Está bem! — garanti tranquila. — Observarei apenas as tendas mais próximas.

— Depois inventaremos alguma desculpa para visitar o castelo — ela propôs astuciosa.

— Não precisamos de desculpas — ela permaneceu com o olhar fixo em minha direção. — Direi a verdade aos soldados, que sou convidada da princesa — expus.

— Por favor, não se afaste muito daqui — ela advertia novamente, dessa vez utilizando um pouco mais de vigor. — Não conhece muito bem o comércio — Luna explicou, retirando uma boa parte das encomendas da carroça. — Tenho certeza de que seu irmão acabaria comigo se algo de ruim acontecesse.

A distração provocada pelo afastamento de Luna permitiu que os meus olhos repousassem precisamente sobre a variedade de produtos expostos nas tendas espalhadas por todos os cantos do comércio.

Meu pai havia me dado algumas moedas na noite anterior, pois gostaria que eu comprasse algo útil. Peregrinei por entre as tendas que exibiam pedrarias buscando por algo que me agradasse. A beleza daquelas mercadorias tão variadas talvez tenha sido responsável pela distância que tomei da carroça.

Considerei retornar quase de imediato ao meu local de origem, porém a parte central do comércio parecia um enorme labirinto de ruas estreitas... Alguns segundos

apenas foram precisos para que, infelizmente, compreendesse que estava perdida.

Um foco intenso de luz avermelhada surgiu exuberante à minha frente. A animação preencheu a minha face quando considerei que poderia ser Híndria procurando uma forma de guiar-me pelo caminho correto.

A luminosidade intensa desceu com rapidez por uma rua apertada. Sem questionamentos, continuei aquele caminhar impaciente, experimentando cada nóculo de tensão em meus calcanhares. A celeridade com que a luz me arrastava pela viela escura provocava um resquício de temor, que aumentou ainda mais quando escorreguei bem no final daquele lugar assombroso.

Recuperei o equilíbrio enquanto um aperto corroía o meu estômago. O brilho se tornou muito mais intenso, e foi preciso fechar os olhos porque a claridade ofuscava a minha visão.

Assustei-me após perceber que a explosão vívida de luz que me acompanhava simplesmente havia se transformado instantaneamente numa densa fumaça negra. Descobri dolorosamente que não se tratava da ajuda dos ventos, mas, provavelmente, uma armadilha do inimigo, que almejava aumentar a minha angústia naquela manhã que até minutos atrás era esperançosa. Porém, a cada passo titubeante que me conduzia a uma curva escura, imaginava o quanto aquela manhã poderia tornar-se tenebrosa.

O temor apoderou-se do meu corpo quando visualizei a rua sombria e quase desabitada em que me encontrava. À minha frente, avistei dois ou três casarões que se alinhavam

num beco sem saída. Não parecia possível precisar o número exato de casarões que ocupavam o local sobrecarregado por energias indescritíveis, no entanto considerei que, diante da possibilidade de perigo que poderia enfrentar, aquilo definitivamente não teria a mínima importância.

Vozes exaltadas vinham de uma construção envelhecida com paredes acinzentadas. O barulho de copos desabando sobre mesas evidenciavam que a movimentação do lado de dentro era grande. Com curiosidade, encarei os diversos cavalos que descansavam à sua porta.

Caminhei com uma intenção fervorosa de encontrar qualquer pessoa que pudesse explicar o caminho de volta ao mercado. Antes que pudesse alcançar aquele lugar bizarro, que analisei inexplicavelmente como tão desejado, fui surpreendida por um homem notoriamente embriagado.

Busquei desvencilhar a minha face amedrontada daquela presença inoportuna, mas o sujeito tinha quase três vezes o meu tamanho, tornando a minha tarefa algo praticamente impossível.

— O que uma moça tão bonita faz sozinha por essas redondezas? — o homem perguntou apertando o meu braço.

— Acho que estou perdida — murmurei, querendo conter o pavor que se apoderava dos meus gestos imprecisos. — O senhor poderia fazer a gentileza de me explicar como posso voltar ao comércio? — o pânico apresentava-se em todos os agudos da minha voz.

— Poderia levá-la à minha casa... — ele ofertou, passeando os olhos estranhamente amarelados sobre mim. — O que acha do convite?

Procurei arrancar o máximo de ar dos meus pulmões, pois precisava recuperar qualquer traço de comedimento. Repeti para mim mesma que não existia nada de mais por trás daquelas palavras ditas de forma tão traiçoeira.

— Estou imensamente agradecida diante de tanta cortesia, mas infelizmente preciso declinar do seu convite — expus, tentando disfarçar o nervosismo. — Tenho uma amiga me aguardando nas proximidades do comércio e sei que ela deve estar bastante aflita com o meu inesperado sumiço — justifiquei, engolindo em seco. — Gostaria que me explicasse como faço para sair daqui.

— O que está procurando caminhando por essa rua? — os meus olhos perolados marejaram diante das suas conclusões.

— Não conheço a cidade direito — expliquei, com a voz excessivamente trêmula. — Nem mesmo sei como vim parar neste beco sem saída.

— Isso mesmo... Sem saída! — ele exclamou, exibindo os dentes avantajados. — Não tenho qualquer interesse em saber de que maneira a mocinha veio parar aqui. O que me importa, verdadeiramente, é que não a deixarei escapar! — ele anunciou, num tom de voz arrepiante.

Arrisquei com um gesto firme afastar-me daquela possível ameaça, entretanto o movimento foi impraticável, pois aquele ser parecia dominado por algo sobrenatural cravando as unhas em meus braços frágeis.

Os gritos ascendiam pela minha garganta seca, mas encontrava-me tão profundamente aterrorizada que nenhum som ecoava. A minha voz não se repercutia por mais que tentasse incansavelmente.

Um odor insuportável brotou de sua boca imunda quando o algoz relatou com detalhes todo o mal que me faria. Aquele homem, aparentemente, embriagado havia se tornado uma espécie de monstro assustador, com a pele totalmente esverdeada e as unhas opacas horripilantes. Os olhos inexpressivos e impenetráveis me analisavam enquanto o sorriso indescritivelmente assustador divertia-se naquela luta nitidamente desleal.

Os vigores cessavam das minhas mãos vibrantes bem antes das minhas expectativas. Bradei por Híndria em pensamento. Cerrei os olhos quando uma ventania descomunal soprou abrindo as portas do casarão acinzentado.

Após a manifestação clara de uma possível defesa das ventanias, uma mulher sorridente surgiu na rua obscuramente silenciosa. Espantada, o seu sorriso se desfez quando testemunhou o implorar exaustivo dos meus dedos esticados em sua direção.

A moça acovardou-se em presença da cena funesta a que assistia; recurvou-se silenciosa, adentrando ao local novamente. Continuei em posse das garras devoradoras da criatura incontrolável.

O ser visivelmente descontrolado arriscava, de forma insistente, arrancar os meus lábios com as suas presas alarmantes. Tomada por uma última gota de coragem,

cravei os dentes em sua boca áspera como pedregulho de uma terra árida.

A atitude audaciosa provocou ódio vigente no monstro. O seu aborrecimento foi devidamente expressado por uma bofetada violenta que fez o meu corpo tombar ao chão.

Cuidadosamente, conduzi a mão trepidante até o topo do rosto dolorido. Assombrei-me com o sangue vermelho vivo escorrendo por entre os meus dedos pálidos. O execrável homem proferiu um grito bestial assim que presenciou a minha face estilhaçada.

Respirei com intensidade diante daquele delírio exterminador que escapava do semblante aterrorizador do meu carrasco. A minha carne gelidamente trêmula desmanchou-se em tristeza, que se espalhou por entre as frestas desalinhadas das pedras cinzentas que recobriam toda a extensão daquela pequena rua úmida.

Com o supercílio latejando, arrisquei conter o sangramento utilizando a pressão dos meus dedos. Procurava de todas as formas evitar o ataque brutal do monstro sedento. A região lateral da minha testa palpitava enquanto o homem produzia passos curtos numa desconfortável aproximação.

Depois de algum tempo, comecei a ficar convencida de que seria pouco provável que conseguisse conter a explosão de sangue que escorria pelo meu pescoço, tingindo o meu vestido de linho cru num tom vibrante de escarlate.

A percepção apática da derrota apoderou-se do meu corpo exausto, provocando o resfriar insuportável de toda a minha pele. Os meus pulsos hesitantes involuntariamente

cerraram-se, mas não esboçaram qualquer reação de defesa.

O terror extremo espalhou-se pela minha mente abatida, quando as mãos do inimigo, carregadas por sombras, ergueram-se diante de mim.

O martírio perdurava incessante, destruindo todas as minhas esperanças de sobrevivência. Recostei a cabeça à parede fria do casarão, recordando inutilmente que não deveria ter desobedecido as orientações dadas por Luna.

O salpicar da lama respingava sobre a minha face vencida cada vez que o calcanhar vigoroso do meu oponente arrebatava o chão. À medida que as pegadas abissais eram deixadas para trás, a minha mente estonteada demonstrava por meio de uma dor dilacerante a aproximação do carrasco.

Um ruído incomensurável arrebatou pelo silêncio lúgubre. Presenciei uma mão forte repousar violentamente sobre o ombro do monstro incoercível. A força inacreditavelmente possante atirou o infeliz diretamente ao centro da rua.

Após o baque abafado do corpo no chão, notei um espectro negro abandonar o indivíduo inerte. Concluí, quase de imediato, que o homem fora enfeitado.

Os soldados fizeram um círculo grandioso em volta do homem caído ao chão. Sem esboçar qualquer traço de controle, o príncipe Franco comprimiu com as botas o pescoço do sujeito abatido.

Os guardas do exército incentivavam um castigo feroz para alguém que consideravam abominável; incitavam com

ânimo a destruição completa da criatura que me agrediu covardemente.

A moça que testemunhara minha agonia minutos antes em frente ao casarão questionou-me se gostaria de entrar. Balancei a cabeça negativamente, sendo consumida por tê-la julgado covarde; ela apenas entrara com o intuito de procurar ajuda.

Precisava recuperar ligeiramente a vivacidade, pois reconhecia que talvez aquele homem estivesse enfeitiçado quando iniciou o ataque.

O príncipe Franco demonstrava sem disfarce que estava intensamente tomado pela cólera. Golpes certos deferidos contra o sujeito promoviam o cambalear do corpo de um lado a outro; o homem fazia um esforço sem medida para manter-se de pé.

— Alteza, por favor... Pare! — supliquei, recuperando a calma.

O príncipe Franco trouxe o homem junto a mim com impaciência. Num gesto vigoroso as suas mãos ergueram a cabeça do acusado.

— Olhe para ela, seu sujeito miserável! — o homem me encarou aturdido. — Espero que nunca mais tenha o atrevimento de passar na mesma rua em que ela estiver... Se por acaso colocar as suas mãos imundas em cima dela novamente... Se tiver a audácia de respirar perto de Liv... Acabarei com você sem misericórdia! — Franco explicou, balançando o sujeito com uma força significativa. — Entendeu o que lhe disse?

— Eu entendi, alteza — o homem respondeu baixo.

— Quero escutar alto, seu desgraçado! — Franco exigiu furioso.

— Nunca mais encostarei um dedo sequer nessa moça! — o homem berrou com nervosismo. — Senhor... Eu não sei o que aconteceu.

— Como não sabe o que aconteceu? — Patrício, o soldado que fez a escolta durante a minha breve estadia na prisão, indagou irônico.

— Juro que não sei... Eu estava jogando cartas no bar... Uma mulher apareceu oferecendo uma bebida — o homem gaguejava durante a explicação. — Aceitei a bebida... Depois não me recordo de mais nada; não consigo nem me lembrar de como encontrei a moça...

— Como era a mulher que o abordou? Por acaso lembre-se de que forma ela estava vestida? — indaguei, desconfiada que fora mesmo um ato de bruxaria. — A mulher lhe disse alguma coisa que pudesse comprovar que foi enfeitiçado?

— A mulher era alta, magra, tinha os cabelos pretos — o homem descreveu a provável culpada pelo ataque. — Ela usava um medalhão em seu pescoço, com um emblema que não me lembro agora. Devo confessar que ela possuía um comportamento estranho.

— Comportamento estranho? — questionei com curiosidade.

— Enquanto eu bebia o conteúdo da taça, a mulher pronunciava inúmeras palavras que eu não conseguia compreender o significado — o homem explicava, diante da descrença de Franco.

— Deve ter sido mesmo feitiçaria... — disse convicta.

— Prefiro acreditar que esse senhor estava sob o efeito de alguma bebida forte... Aliás, todos nós sabemos que as bruxarias estão proibidas por aqui há bastante tempo. — Franco explanou, soltando o homem. — Por esse motivo todas as bruxas afastaram-se do território.

— Acredito que ele está dizendo a verdade. Esse homem foi realmente enfeitiçado por essa tal mulher de comportamento estranho — manifestei com firmeza. — A forma como me atacou poderia ser facilmente definida como sobre-humana.

— Depois que tomei a bebida era como se tivesse perdido toda a minha sanidade — o homem justificava os atos.

Franco fez sinal para que dois soldados se aproximassem.

— Levem-no ao calabouço! — Franco ordenou firme. — Feitiçaria ou não, pelo menos essa noite o cavalheiro passará por lá — a ironia surgiu dos seus lábios.

A mão de Franco afagou a minha cabeça com carinho. Dentro dos seus olhos todo o furor havia desaparecido completamente.

— O que fazia por esses arredores? — ele perguntou apreensivo.

— Estava acompanhando uma amiga, comecei a apreciar o comércio e por conta da distração acabei me perdendo — expliquei, engolindo o choro que invadia a minha garganta. — Nem mesmo sei de que maneira vim parar nesse beco sem saída.

Omiti o fato de que havia sido guiada por um foco de luz até aquele lugar. Considerei a atitude mais apropriada, pois compreendia que o príncipe rejeitava tudo que tivesse relação com magia.

— Precisa me prometer que nunca mais passará nem perto daqui — ele pediu amável.

— Eu prometo, alteza — ponderei ansiosa, notando que a moça que me ajudou retornava para dentro do casarão.

— Aqui não é um lugar para uma moça de família — ele fez a observação de forma cuidadosa. Depois de um breve silêncio, completou com ânimo: — Por favor, não precisa chamar-me de alteza, chame-me apenas pelo meu nome.

Franco apreciava ansioso cada detalhe do meu rosto machucado, enquanto dos meus olhos apenas transbordava amor.

— Desculpe-me por ter lhe causado tanto transtorno — murmurei sincera.

— Não precisa se desculpar — ele proferiu, encarando a minha face com aqueles olhos de tom indefinido. — Toda essa região da cidade é repleta de laráprios, bêbados, prostitutas... — ele retirou paciente uma mecha de cabelo que incomodava os meus olhos. — Por isso não quero que fique perambulando por essas redondezas.

— Obrigada por ter me ajudado — agradei sorrindo.

— Quando encarei aquele infame atacando-a nem mesmo sei relatar as sensações que experimentei — Franco demonstrava, sem disfarçar, a minha importância.

— O sujeito era muito forte — afirmei estupidamente.

— Quando o vi tocando a sua pele... Tive vontade de acabar com ele, exterminá-lo sem nenhum pesar — ele expôs, recuperando a ira.

— Receio que a minha amiga deva estar morrendo de tanta preocupação — considere, mudando o assunto, pois não queria que a sua irritação perdurasse. — Sei que ela deve estar procurando por mim em todos os lugares.

— Solicitarei que alguns soldados partam até o comércio em busca da sua amiga — ele murmurou solícito. — Nossa... Está muito machucada! Não acho conveniente que retorne à vila desse jeito. Seguiremos ao castelo para cuidar dos ferimentos.

— Não acho que seja preciso — discordei da proposta. — Acredite em mim... Sei que não é o que parece, mas estou me sentindo muito bem.

— Não permitirei que regresse para casa sem cuidar desses machucados — ele pronunciou com discreta autoridade. — Seguirá comigo até o castelo enquanto os soldados procurarão por sua amiga — Franco enrugou a testa antes de pronunciar a pergunta: — Qual é mesmo o nome dela?

Contemplei os seus pensamentos, notando que o príncipe havia decidido não evitar mais a proximidade entre nós. Recurvei a cabeça por alguns instantes, procurando esconder a mudança discreta em meus olhos.

— A minha amiga se chama Luna — informei, respondendo à pergunta. — Muitas pessoas a conhecem no mercado, portanto creio que não será uma tarefa difícil encontrá-la.

Ele apresentou as instruções necessárias para que Luna fosse devidamente encontrada, inclusive pediu que a descrevesse em minúcia ao rapaz polido que nos ouvia com atenção. O soldado esguio seguiu em companhia de outros com a finalidade de encontrar a minha amiga, seguramente desesperada com o meu desaparecimento.

Franco caminhou segurando a minha mão fria e pulsante até o seu cavalo. Munido de todo o cavalheirismo possível, carregou-me com afabilidade pela cintura, colocando-me em cima do animal. O gesto inesperado fez meu corpo estremecer.

Com uma agilidade intrínseca, Franco subiu tocando a crina do animal, que permaneceu calmo mesmo sendo montado por uma pessoa estranha. Durante a cavalgada, algumas vezes inclinei o pescoço, defrontando-me com o seu sorriso; outras vezes desviava o olhar, encarando alguém que o cumprimentava respeitosamente.

— Devo estar com uma aparência péssima, não é mesmo? — interpelei, quebrando o silêncio. — Preciso admitir que aquela foi uma luta muito injusta... A minha aparência deve estar horrível, numa proporção impressionante.

— Horrível? — ele indagou sorrindo. — Acredito que essa palavra nunca combinará com você.

— Por que todos estão nos olhando de forma curiosa? — questionei.

— Acho que estão surpresos com a minha atitude — ele respondeu. — As pessoas devem estar impressionadas com o fato de você estar comigo em meu cavalo — a sua voz

surgiu como um sussurro. — Digamos que antigamente não costumava ser tão solícito como tenho sido ultimamente.

— Talvez todos tenham uma visão errada de você — insinuei, repousando a mão em minha costela, que agora começava a incomodar um pouco.

— Acredito que as pessoas enxergavam apenas aquilo que eu permitia que fosse visto — ele expôs, me admirando de forma docemente carinhosa. — Talvez ainda se impressionem com certas atitudes de minha parte porque ainda veem o homem que eu era.

— O homem que era? — inquiri, aguardando a resposta.

— O homem que era! — ele reafirmou sorrindo. — Parece que fui atingido por uma espécie de feitiço — encarei com reprovação os olhos que me arrebatavam. — Contudo não me parece algo feito com ervas ou poções mirabolantes. Acabei sendo enfeitiçado pelo olhar de uma jovem de personalidade muito peculiar e, para o meu profundo desespero, acredito que não exista cura para tal magia... — ele comentou relaxado, enquanto alcançávamos uma rua íngreme. — Acredito apenas que exista uma forma mágica de amenizar tamanho tormento.

— E como se pode amenizar toda essa agonia? — perguntei sorrindo, compactuando com as suas palavras.

— Estando o mais próximo possível de quem o enfeitiçou — ele respondeu, desviando de um cachorro que cruzou a rua. — Quando estou perto da pessoa que lançou o feitiço... O tormento, o suplício, a tortura desaparecem misteriosamente. Simplesmente começo a implorar energicamente, até mesmo para coisas que nunca acreditei

que existissem, apenas clamando para que esse amor nunca me abandone.

— Não precisa sobrecarregar-se de tanto temor; certamente a pessoa que o enfeitiçou deve compartilhar do mesmo sentimento, portanto nunca o abandonará — elucidei, experimentando uma ardência nas maçãs do meu rosto.

— Não me parece tão simples assim — ele relatou enquanto nos aproximávamos do castelo. — Talvez circunstâncias mais fortes determinem um possível afastamento — ele informou, perdendo o brilho em seu rosto.

Uma coisa parecia certa após o diálogo repleto de mensagens nas entrelinhas: Franco possuía sentimentos sinceros e profundos, porém reconhecia que as convenções sociais poderiam nos separar e, aparentemente, isso o deixava dominado pela impotência.

Os portões do castelo se abriram com muita rapidez. Franco conduziu o cavalo ao lado de dentro com presteza. Andreas foi a primeira pessoa a se aproximar de nós. Ele não disfarçou a preocupação quando notou o estado deprimente em que me encontrava.

— Liv... Então o ataque foi mesmo verdadeiro... — a voz de Andreas irrompeu a atmosfera com perplexidade. — Conte-me o que aconteceu com você!

— Preciso lhe confessar que ainda não sei muito bem o que aconteceu, mas pelo que pude assimilar por meio de detalhes discordantes, parece que fui atacada por um

bêbado, até que se prove o contrário — expliquei ainda atordoada.

— Como está se sentindo agora? — Andreas questionou, demonstrando uma ansiedade esperada em presença do meu aspecto lastimável. — Achei que os soldados que chegaram anteriormente estavam exagerando.

Franco desceu do cavalo observando a inquietação de Andreas e sustentando em todas as linhas de expressão um semblante enciumado. O jovem implicante ergueu as mãos fazendo alusão de que me ajudaria a descer, mas foi rapidamente interpelado pelo irmão.

— Eu a coloquei em cima do cavalo; por favor, permita que eu mesmo a retire. — Franco interview, sem notar a careta feita pelo irmão.

Andreas entortou os lábios, obedecendo à vontade fortemente expressada pelo irmão.

— Agora estou melhor — respondi à pergunta feita por Andreas. — Se não fosse pela coragem do príncipe Franco... Nem quero imaginar o que poderia ter acontecido comigo.

Franco afastou-se um pouco de nós, entregando o cavalo esplendoroso nas mãos de um rapaz magro junto ao estábulo.

— Acredito sinceramente que o meu irmão mataria até a mim se fosse preciso para defendê-la — Andreas ponderou com exagero.

— Não diga uma bobagem dessas! — recriminei a colocação. — Tenho certeza de quanto Franco o ama; sei que jamais faria qualquer coisa que pudesse machucá-lo.

— Pelo menos uns bons socos e pontapés sei que receberia — ele insistiu, num tom baixo. — Outro dia comentei das minhas intenções com você e o meu irmão ficou transtornado. Esbravejou com todas as letras que eu deveria me afastar de você imediatamente — Andreas resmungou, colocando a mão em concha na direção dos lábios finos. — Baseando-me em sua mudança brusca de comportamento, estou começando a acreditar que Franco seria capaz de abandonar todo o império que conquistou por sua causa.

— Não me parece algo tão simples assim... — disse desanimada, fazendo minhas as palavras de Franco momentos antes.

— Decididamente seremos somente amigos — Andreas murmurou sorrindo, observando que o irmão se aproximava. — Nenhuma palavra sobre a minha visitinha ao vilarejo, por favor. Não quero duelar com Franco, pois estaria em generosa desvantagem.

— Tenho certeza de que muito em breve encontrará alguém que o amará profundamente — discorri com um sorriso.

— Que nem de longe terá a sua beleza e a sua graça — Andreas comentou, beijando a minha mão.

Franco dirigiu um olhar furioso ao irmão galanteador, que persistiu em sua provocação gratuita, exibindo gestos e palavras cuidadosamente analisadas apenas com o intuito de irritá-lo. Para o príncipe Andreas, havia se tornado divertido observar que o irmão, sempre tão ajuizado, frio e

insensível, estava totalmente vulnerável na presença de uma simples mulher.

— Por que não entramos um pouco, minha querida? — Andreas convidou astuto, estendendo a mão. — Cuidarei dos seus ferimentos com tanto empenho que provavelmente esquecerá todo o mal que aquele bêbado imprestável cometeu contra você.

— Posso cuidar dela sozinho — Franco pronunciou aborrecido.

— Franco... Tem certeza de que não precisará mesmo de ajuda? — Andreas ironizou, erguendo a sobrancelha direita.

— Não — Franco resmungou visivelmente irritado. — Por que não desaparece das minhas vistas?

— Eu não lhe disse? — Andreas desfechou, afastando-se de nós.

— O que Andreas lhe disse? — Franco interrogou.

— Andreas? — indaguei despretensiosa, querendo evitar atritos desnecessários. — O seu irmão não me falou nada que tenha qualquer relevância — retorqui. — Acredito que ele esteja apenas querendo lhe provocar.

Franco conduziu-me com delicadeza para dentro daquela imensidão absurda que era o palácio. Cruzamos um corredor imenso repleto de soldados por todos os lados. Era possível perceber, por meio dos pensamentos persistentes, que boa parte já havia tomado conhecimento do ocorrido, tudo por causa da chegada do prisioneiro que ocuparia uma das celas do calabouço naquela noite.

Observei que Franco diminuiu os passos até cessar, enfim, a caminhada diante da porta imensa vigiada por um

soldado robusto. O rapaz desviou-se da entrada quando Franco fez um sinal convidando-me a entrar. A porta se abriu fazendo os meus olhos repousarem sobre um cômodo majestosamente luxuoso.

A minha atenção desviou-se até a cama grandiosa, coberta por uma colcha de seda num tom verde campestre, formando uma bela harmonia com as cortinas verde-musgo de veludo. As almofadas decorativas de aparência sedosa se espalhavam pelo móvel imponente, atribuindo-lhe um encantamento indescritível.

Uma pequena banca de madeira no canto da parede ostentava um vaso de cristal com rosas vermelhas que beiravam a perfeição. Ampliei a visão encarando um armário grandioso, onde provavelmente ficavam guardadas as peças do seu ostentoso vestuário.

Franco caminhou em direção à cômoda, apanhando com destreza em cima do móvel uma baixela de prata. A concentração do movimento não o impediu de notar o esforço que eu fazia para que as minhas botas imundas não manchassem o belo tapete de trama colorida e bem trabalhada.

Um instante após a minha frustrante tentativa de não emporcalhar o local ocupado por minhas botas velhas, Franco desviou o pescoço, constatando o aparente desconforto dos meus pés sobre o tapete suntuoso.

— Por favor, sinta-se à vontade — ele impeliu sincero. — Não se preocupe com o tapete, eu nem gosto muito dele — Franco declarou com amabilidade.

Após a recomendação, obedecida sem contestação, ele abriu uma gaveta estreita e retirou de dentro um pequeno frasco. Cautelosamente, as suas mãos fortes despejaram o conteúdo do frasco no interior da baixela de prata.

— O seu quarto é um lugar muito bonito — descrevi, procurando relaxar. — As almofadas, as cortinas, tudo de um excelente bom gosto.

— Obrigado — ele replicou cortês. — Por favor, sente-se na cama.

Pensei algumas vezes antes de executar a sua vontade, porque lembrei da sujeira que recobria o meu vestido, porém no instante seguinte compreendi que não adiantaria desobedecer a ordem.

Franco trouxe a baixela reluzente, colocando-a em cima da cama. Era muito difícil acreditar que aquele homem, que todos achavam inacessível, cuidava de mim de forma tão cautelosa.

Os seus dedos afundaram no líquido acompanhados de um tecido alvo. Em seguida, as mãos cuidadosas passaram vagarosamente o conteúdo sobre o ferimento em minha testa. Assim que o fluido levemente esverdeado encontrou a carne ferida, o ardor determinou o franzir inevitável em minha testa, como um sinal evidente de incômodo.

— Está doendo muito? — ele averiguou preocupado, estreitando os olhos como se compartilhasse da minha dor.

— Um pouco — respondi com outra careta quando o tecido macio encontrou a minha testa novamente.

— Coloquei uma infusão muito eficiente na água; dessa forma se recuperará mais rapidamente — a sua voz soou

animada. — Utilizo-a quando retorno das guerras; costuma funcionar muito comigo. E acredite no que lhe direi agora... — ele fez uma pausa. — Costumo retornar sempre mais machucado do que você está nesse momento — ele disse sorrindo, sem diminuir os cuidados com o ferimento.

— Não tem medo de morrer numa dessas batalhas? — indaguei, querendo todas as respostas possíveis sobre os seus anseios.

— Eu nunca tive medo de morrer — ele retorquiu, quase sem pensar, à minha indagação. — Sempre imaginei que se morresse numa batalha, morreria dignamente. Aliás, o medo nunca foi uma companhia que me permitisse ter.

— Então está revelando que nunca saboreou o medo... — declarei, apoiando as mãos sobre a cama para afastar a dor que insistia em me incomodar. — Não tinha medo que algo ruim acontecesse à sua família?

— Reconhecia que a minha família se encontrava protegida pelas muralhas do castelo, portanto nada no mundo era capaz de me causar qualquer espécie de temor... — ele esclareceu com seriedade, interrompendo momentaneamente os cuidados com o meu braço. — Ser detentor de tanto sangue frio tornou-me inacessível, invencível, impenetrável... — os olhos de tom indefinido reluziram por conta das palavras que se seguiriam. — Hoje, sei que possuo uma enorme fraqueza, e já não sustento frieza suficiente para resolver todas as questões desse reino.

— Conjectura como se algo tivesse se modificado... Qual seria a enorme fraqueza que proporciona tanto brilho aos

seus olhos? — sondei, admirando os dedos longos se aproximarem do meu braço.

— Tem razão... Algo se modificou por completo e atualmente posso lhe garantir que possuo um ponto fraco — a voz tornou-se quase inaudível ao fim daquela frase. — Algo que os meus inimigos usarão contra mim sem clemência. Tornei-me um homem tão vulnerável quanto qualquer outro... Existe algo que temo perder.

— O que teme perder? — indaguei ansiosa pela resposta.

— Temo perder você — ele revelou, como se não precisasse mais se esconder.

— Teme perder a mim? — murmurei incrédula. — Está revelando que teme perder a mim? Por acaso tem certeza do que está confessando?

— Sim — Franco confirmou sorrindo. Isso fez com que esquecesse a razão por míseros segundos. — Devo confessar que no início relutei bastante, porém com o passar dos dias acabei me rendendo aos sentimentos que absorviam a minha mente. Cavalguei diversas vezes até o vilarejo apenas na esperança de vê-la, e sempre aparecia a cada dia mais perfeita, então eu escapava rapidamente de lá, almejando evitar a verdade que me atormentava — Franco sustentou um sorriso. — Sem falar que detestaria que alguém me reconhecesse por trás daquela capa.

— Um dia desses notei a sua presença — ponderei sem disfarçar o sorriso. — Gostaria que soubesse que compartilho da mesma verdade que o atormenta.

A sua face esplendorosa cobriu-se de inúmeras nuances de um amor intenso.

— Apesar disso, me parece quase impossível concretizar algo entre nós — ele desviou ligeiramente os olhos tristes. — Sou o primeiro na linha de sucessão ao trono. A minha mãe tem intenções muito claras com relação ao meu futuro; além do mais, o maior desejo do meu pai era que me tornasse o rei de Lanóvia.

— E qual é o seu maior desejo? — investiguei, segurando a sua mão.

— Tornar-me o rei de Lanóvia também sempre foi o meu maior desejo, mas agora estou imensamente confuso — o brilho desapareceu por completo dos seus olhos. — Às vezes, penso que seria capaz de trocar o trono para viver uma vida ao seu lado, porém, no instante seguinte, reconheço que tenho obrigações com o meu povo... E com a memória de meu pai.

— Encontra-se profundamente dividido... — afirmei melancólica.

— Completamente — ele proferiu de imediato. — O meu coração deseja conhecê-la intimamente com todo o fervor. A possibilidade de caminhar ao seu lado preenche a minha vida de felicidade, entretanto logo repercutem as minhas responsabilidades. Sempre regressam à minha memória tudo que lutei para conquistar e que talvez seja tarde demais para renunciar — ele transpôs o tecido com gentileza sobre o meu cotovelo. — Não é permitido o casamento de um rei com uma mulher do povo... Vasculhei em toda a convenção de Lanóvia, mas não existe nada que possibilite tal união.

— Não tome nenhuma atitude precipitada — sorri para ele. — Gostaria que soubesse que acatarei qualquer que seja a sua decisão com relação a nós — garanti, buscando lhe oferecer um pouco de conforto.

— Para tornar possível uma mudança em nossas leis, seria preciso que a minha mãe, como rainha, interferisse, e ainda assim seria necessária a aprovação da maioria dos membros do conselho — ele mergulhou o tecido na infusão mais uma vez. — Infelizmente, tenho que reconhecer que a minha mãe nunca alteraria a convenção de Lanóvia apenas para que me casasse com uma plebeia.

O silêncio que se seguiu foi um pouco constrangedor.

— Considera-se uma pessoa feliz? — desviei do assunto que o incomodava.

— A senhorita sempre se comporta desse modo? — ele perguntou, estreitando os olhos.

— De que modo? — retruquei.

— Completamente dominada pela curiosidade! — ele relatou sorrindo. — Já fez tantas perguntas que estou até um pouco tonto — Franco pronunciou com um sorriso arrebatador.

— Acredito que sou exatamente assim na maioria das vezes, principalmente quando o assunto em questão me desperta um grande interesse — atestei sorrindo. — Responda-me... Considera-se uma pessoa feliz?— insisti.

Quase por instinto, conduzi a minha mão trêmula delicadamente até o seu rosto fascinante.

— Posso lhe assegurar que acabou de me fazer o homem mais feliz do mundo agora — ele respondeu ainda atônito

com meu gesto de carinho.

Escutamos batidas intempestivamente aflitas à porta e nos desviamos com velocidade em direção ao ruído. Assistimos titubeantes Norah adentrar o quarto com intensa celeridade. Os olhos arregalados revelavam a surpresa ao notar que o irmão cuidava pessoalmente dos meus ferimentos com tanto afinho.

Assim que Franco se distraiu com o movimento suave do tecido dentro da baixela, ela demonstrou, por meio de gestos exagerados, todo o seu espanto diante daquela dedicação nada peculiar.

O príncipe sorriu sem graça quando contemplou o comportamento imponderado da irmã. Implorei, por meio de um olhar insistente, que aquela explosão excessiva de espanto cessasse; felizmente a princesa atendeu ao pedido, dando alguns passos displicentes pelo quarto.

— Quando Andreas comentou que estava aqui no castelo em companhia de Franco, juro que custei muito a acreditar — ela manifestou, sentando-se do lado oposto. — Precisava ver com os meus próprios olhos.

— Não recomendo que acredite apenas naquilo que os seus olhos veem — disse, sentindo a infusão provocar ardência em minha testa mais uma vez.

Norah revirou os olhos.

— Se não fosse pela coragem de Franco diante daquela situação arrepiante, algo muito pior poderia ter acontecido — explanei, virando o pescoço para encará-la.

— Andreas contou-me que um bêbado a atacou — ela relatou, passando a mão delicadamente pela minha cabeça.

— Não sei se aquele homem estava bêbado ou se estava enfeitiçado, como ele mesmo disse — expressei, experimentado o pavor das lembranças.

A expressão de Franco recriminava totalmente a minha suposição de que o homem pudesse estar enfeitiçado.

— Acredito que tenha sido mais do que um golpe de sorte que Franco estivesse justamente por perto para ajudá-la. Talvez os Etéreos estejam querendo aproximá-los. — Norah expôs sem nenhum receio, observando o irmão levantar-se para colocar a baixela de volta à cômoda.

— Eu nem sei como agradecer a Franco pela atitude de bravura — declarei sincera.

— Ah... Eu imagino como...

Franco interrompeu o final do pensamento inapropriado de uma Norah extremamente sorridente.

— Liv... Gostaria de fazer um lanche? — ele questionou, reprovando a insinuação de Norah com um olhar estreito.

— Não sei se posso aceitar — comentei com dúvida, enquanto Franco estendia o tecido molhado para que eu amenizasse as manchas de sangue em meu vestido. — Estou muito preocupada porque a minha amiga ainda não foi encontrada — expliquei com ansiedade, massacrando a mancha sobre o tecido.

— Precisa ficar calma — ele disse, num tom terno. — Tenho certeza de que os soldados logo chegarão com notícias de sua amiga.

— Por favor, aceite nos acompanhar num delicioso lanche — Norah insistiu, unindo as mãos na altura do queixo. —

Solicitaremos aos soldados que nos avise quando a sua amiga estiver no castelo.

Franco adiantou-se, explicando aos guardas que nos comunicassem sobre qualquer notícia de Luna. Caminhamos a passos lentos até alcançarmos um salão lateral à direita do corredor.

As portas do local foram abertas sincronicamente por dois serviçais simpáticos. Admirei com encantamento a parede decorada por louças delicadas e o balançar incessante das cortinas brancas.

Refreei os passos antes de alcançar a grandiosa mesa de madeira em conjunto com suntuosas cadeiras forradas por veludo vermelho. A lentidão permitiu que os meus olhos se aborrecessem com as manchas marrons que ainda recobriam algumas partes do meu vestido.

A rainha Sophia, sentada ao lado de Andreas, demonstrava implicitamente que a minha presença recorrente começava a incomodá-la, mas a polidez com que me cumprimentou possibilitou certa tolerância ao desprezo lançado pelo seu olhar.

Por meio de um gesto provocativo, Andreas ofereceu-me a cadeira ao seu lado. Franco contemplou-me, demonstrando que permitiria que fizesse a minha escolha. Sentei-me ao seu lado como se aquela preferência fosse uma tendência natural. Andreas contentou-se com a companhia de Norah.

Uma copeira nos serviu um chá com um aroma muito agradável e reconfortante. A rainha fez questão de que me servisse de todos os doces presentes no ostentoso lanche

da tarde. Ela repetia o nome de cada um, divertindo-se com o fato de eu não conhecer a maioria deles. Em seu pensamento nitidamente cruel, a rainha considerava que eu era somente mais uma morta de fome que Franco desejava ajudar. Sorri do seu engano.

— O soldado comentou que você esteve muito perto de matar o bêbado que atacou Liv — Andreas disse, quebrando o seu estranho silêncio.

— Aquele homem mereceu — Franco respondeu breve.

— Um dos guardas explicou que você parecia descontrolado — Andreas provocou, carregado por um discreto sarcasmo que se seguiu. — Ele narrou os fatos num tom bastante contido: *“Nunca vi o príncipe Franco tão combatente nem na maior das batalhas”*.

A voz surgiu num tom grave exagerado. Franco cruzou os braços, buscando parecer sério, numa clara intenção de refrear as brincadeiras do irmão.

— Tenho certeza de que qualquer homem ficaria descontrolado se estivesse em meu lugar — Franco asseverou, aumentando a voz. — É perfeitamente aceitável descontrolar-se quando você se depara com um grandalhão atacando uma moça tão frágil.

— Liv... O que levou o meu irmão a ficar tão irracional? — Andreas investigou, comendo um pedaço de queijo.

— Franco tem toda razão — expus com timidez, observando que a rainha havia odiado a intimidade com que pronunciei o nome do filho. — Você teria agido exatamente igual a ele se presenciasse o ataque.

— O príncipe Franco perdendo a razão... O príncipe Franco perdendo o domínio... O príncipe Franco perdendo a cabeça... — Andreas prosseguia, visando alcançar a irritação do irmão. — Imaginei que morreria sem presenciar tal acontecimento.

— Andreas, não provoque o seu irmão — a rainha interferiu, com um sorriso dissimulado. — Permita que Franco e a convidada terminem o lanche em paz — ela me olhou atentamente. — Para alguém que foi criada numa floresta, estou observando que sabe se portar bem à mesa — ela discorreu surpresa com o meu comportamento.

— Meu pai preocupou-se com a minha educação — expliquei convincente.

— Liv... Mesmo tão machucada continua encantadora! — Norah discorreu, me fazendo corar. — Creio que se eu tivesse metade desse brilho que emana dos seus olhos certamente arrumaria um marido que não estivesse pensando apenas em meu dote.

— Qual homem não perderia a cabeça por uma mulher tão encantadora? — Andreas articulou, apanhando a taça de metal reluzente.

— Preciso concordar com o que Andreas diz — a rainha pronunciou com descontentamento. — Até mesmo o mais improvável de todos os homens se encantaria com uma beleza tão enigmática — os olhos dela repousaram sobre Franco.

— Eu a levarei pessoalmente até a sua casa — Franco mencionou estável. A rainha Sophia não escondeu a censura diante do desejo do filho, repousando a taça com

ferocidade sobre a mesa. — Explicarei como ocorreu o ataque ao seu pai e a Felipe.

— Ficaria muito agradecida se fizesse isso — assenti, ignorando a reprovação da rainha. — O meu irmão sempre faz uma série de ressalvas toda vez que preciso vir à cidade e, diante do acontecido, receio que essas proibições apenas aumentariam.

— Se você fosse minha... — Andreas fez uma pausa proposital, divertindo-se com a impaciência de Franco em relação ao comentário. — Se fosse minha irmã, com toda certeza também colocaria algumas restrições.

Franco lançou o guardanapo em direção ao irmão, que apenas retribuiu o gesto com gargalhadas vitoriosas. Permaneci em silêncio, observando que o resto do lanche decorreu cheio de trivialidades.

Um soldado forte nos avisou que Luna finalmente havia sido encontrada. Levantei da mesa cumprimentando a rainha, sem perder a fineza. Houve um convite de retorno breve ao castelo feito pela própria rainha Sophia. Entendi, após o seu sorriso, que fora apenas uma mera questão de civilidade.

Norah nos acompanhou até o jardim do castelo e acabou sendo testemunha do enorme alívio que experimentei quando Luna despontou nos portões, correndo com alegria e ofertando-me um abraço.

— Liv... Bastou deixá-la um pouco sozinha para que desobedecesse a todas as minhas orientações... — Luna repreendia o meu comportamento. — O soldado contou-me tudo o que aconteceu.

— Posso afirmar que graças a Franco estou bem — assegurei, desviando o corpo na direção dele. — A propósito, gostaria de lhe apresentar o príncipe Franco e a princesa Norah.

Luna curvou-se com graciosidade perante os dois.

— Prazer em conhecê-los — ela discorreu, preocupando-se com o machucado em meu rosto.

— Preciso levá-las para casa antes que fique muito tarde — Franco escusou, seguindo em direção aos estábulos.

— Por favor, não demore em visitar-me — Norah requestou com um sorriso amável. — Espero que da próxima vez não ocorram brigas, prisões e muito menos ataques de bêbados — todos riram da observação.

Enquanto deixávamos o castelo acompanhados por uma comitiva razoável de soldados, percebia que não possuía qualquer receio com relação àquele amor enfim revelado. Viveria intensamente todo aquele sentimento que emanava quando estávamos juntos; estranhamente não temia pelo nosso futuro.

Os Etéreos nos aproximaram porque sabiam que enfrentaríamos um destino incerto; eles reconheciam que precisaríamos ser fortes, pois lutaríamos numa batalha com o objetivo de impedir que o poder caísse nas mãos tempestuosas dos homens errados.

Amparei uma única certeza ao encarar os seus olhos naquele crepúsculo fascinante: sentia-me imensamente feliz de permanecer ao lado dele, quer fosse na hora da guerra, quer fosse na hora de paz.

as feras

— Está escurecendo rápido demais — Franco comentou, observando a tocha chamejante que um dos soldados segurava com cautela. — Imagino que seu pai deva estar bastante preocupado com a sua demora.

Encarei aqueles olhos ansiosos sorrindo da inquietação demonstrada pelo gesticular insistente das suas mãos. Reconheci, de maneira quase instantânea, que a escuridão não me causava qualquer pavor; sentia-me absolutamente segura montada em seu cavalo.

— Felipe não perderá a oportunidade de disparar-me inúmeras ofensas — Luna disse, guiando a carroça com truculência.

— Não se preocupe; direi a Felipe que você não teve nenhuma culpa — expressei, notando que aquilo ainda não fora suficiente para acalmá-la. — Desobedeci a todas as suas orientações, portanto não permitirei que meu irmão a ofenda, pois reconheço que, afinal de contas, a culpa pelo acontecido foi toda minha.

— Como se fosse possível conter o temperamento intempestivo de Felipe... — ela resmungou. — Infelizmente, demos o motivo que seu irmão precisava para nos afastar definitivamente.

— Pelo visto, o seu irmão não aprova a amizade entre as duas. Quais os motivos que Felipe teria para se opor? —

Franco indagou, virando o pescoço diretamente a Luna.

Antes que a minha amiga, constrangida, respondesse, interpelei a voz fraca que esboçou surgir diante da resposta mais adequada àquela pergunta: *“Uma suposta traição?”*.

— Na verdade, o meu irmão foi noivo de Luna por um tempo, mas por conta de algumas mentiras descabidas os dois acabaram separados — esclareci, observando que a resposta havia sanado as dúvidas de Franco. — Depois do rompimento bastante tumultuado, os dois tornaram-se inimigos.

Luna agradeceu com um sorriso discreto a minha omissão quanto à possibilidade de o término ter ocorrido por causa de infidelidade.

— Quando Felipe colocar os olhos em cima de todos os machucados, não quero nem imaginar o sermão que teremos que escutar — Luna esbravejou, sentindo o balançar fervoroso da carroça. — Estava me perguntando, por todo o caminho, como um homem bêbado teve força para fazer tamanho estrago?

O comentário enérgico de Luna fez com que Franco levasse a mão até o meu rosto, numa evidente apreensão. Por um breve momento, o seu gesto causou-me um contentamento desmedido. Experimentar o delicioso deslizar das suas mãos macias, sentir aquele toque delicado causava-me a impressão de que raios de sol penetravam a minha pele naquela noite fria.

— Acredito que o homem que me atacou não estava bêbado; tenho plena convicção de que estava enfeitiçado — afirmei, desviando os olhos de Franco, no instante em que

sua mão se afastava de mim. — A voz enfurecida, o cheiro desagradável e até mesmo a cor da sua pele eram incomuns para um ser humano... Nada naquele homem parecia normal durante o ataque.

— Talvez as bruxas de Winter tenham atacado mais uma vez. Aquelas megeras estão cada vez mais presentes em tudo de ruim que vem acontecendo... — Luna emituiu, sustentando certo temor. — Imagino que o pobre homem tenha sido apenas utilizado como uma armadilha bem planejada com a intenção de acabar com você.

— Espero sinceramente que a bebida tenha sido a única responsável pelo comportamento daquele homem — Franco pronunciou, apertando os lábios com irritação. — Se por acaso algum dia colocar as mãos nas pessoas que têm praticado bruxaria em Lanóvia, concederei uma punição severa sem nenhuma piedade.

— Alteza, sei que magia está proibida por aqui há bastante tempo, mas, do modo como as coisas estão ocorrendo ultimamente, receio que muito em breve praticá-la será inevitável — Luna explicou, perante o desagrado de Franco. O seu descontentamento foi expresso pelo apertar firme das rédeas do cavalo. — Pessoas sem escrúpulos estão chegando ao território porque querem o medalhão; não existirá forma melhor de nos defender desses inimigos que não seja por meio da magia.

— Odeio todos os eventos sobrenaturais — Franco deu o alerta num tom furioso. — Não gosto de envolvimento com guerras em que a magia é praticada livremente; possuo habilidade suficiente para resolver tudo à minha maneira.

Tenho conhecimento de que existem formas imparciais de se lutar com dignidade.

— O seu pensamento apenas será válido quando não tivermos que enfrentar gente como as bruxas de Winter — embasei o discurso corajoso de Luna. — Aquelas malditas são muito perigosas; elas são detentoras de uma sabedoria relacionada à magia das sombras, e com toda certeza usarão tudo que sabem quando partirem ao mundo oculto em busca do medalhão.

— Não estou decidido se seguirei realmente atrás desse maldito medalhão — Franco pronunciou irritado. — Sinceramente, não acredito nessa bobagem de que sou o Escolhido, como os sacerdotes relatam que está descrito nas areias da vida.

— Areias da vida? — o soldado com a tocha pronunciou, como se precisasse compreender melhor o termo.

— Isso mesmo! — Luna disse, devolvendo a resposta num tom de quem gostaria de explicar o termo. — A Força Divina tem conhecimento dos inúmeros eventos que poderão acontecer em nossa existência. Assim que nascemos, são lançadas, no Templo Celeste, as areias da vida... Dependendo das escolhas durante a nossa trajetória, as coisas ao nosso redor podem acontecer exatamente como estão descritas nas areias da vida ou poderão passar por inúmeras transformações. Tudo dependerá única e exclusivamente de nossas escolhas!

— Como os fatos dependem de nossas escolhas, não estou nem um pouco interessado nessa partida até o mundo oculto — Franco expressou, dando de ombros. — Existem

coisas mais importantes para me preocupar do que com esse medalhão da discórdia.

— Alteza, precisa estar disposto a vencer a batalha pelo medalhão! Nós precisamos da salvação! — Luna professou com nervosismo. — Se por acaso o Medalhão Elemental cair em mãos erradas, o mundo será totalmente destruído por uma energia maligna.

— A garota tem toda razão — Patrício disse com firmeza. — O senhor não pode permitir que as sombras dominem a humanidade. Alguns sacerdotes já me contaram que em muitas ocasiões torna-se praticamente impossível escapar do que está escrito nas areias da vida; muitas vezes, de uma forma ou de outra, o destino se cumpre.

— Patrício, por acaso também acredita nessas loucuras? — Franco replicou para o soldado, que confirmou com a cabeça. — Por favor, será que poderíamos mudar de assunto?

— Franco, se o assunto o incomoda tanto... — articulei, insatisfeita com seu descaso — Claro que podemos falar sobre outras coisas.

— Eventos que de preferência não tenham qualquer relação com o sobrenatural — ele resmungou, ainda contrariado.

Escutar a sua veemente negativa quanto ao que tinha procedência sobre-humana dominou o meu pensamento. O que poderia ser mais sobrenatural do que invadir os pensamentos alheios enquanto os olhos mudam de cor? O que poderia ser mais sobre-humano do que a alma

transportar-se de um lugar a outro enquanto o corpo sucumbe a tremores incontrolláveis?

Esfreguei a mão com agonia pela nuca, arquitetando em pormenores a escolha do momento certo em que revelaria a verdade sobre os meus dons tão espetaculares.

Viramos uma das curvas tortuosas da trilha enquanto Luna comentava sobre os costumes nada convencionais das mulheres de Sinaia. Franco apontou em direção a dois soldados esguios que seguiam na comitiva, confirmando que os rapazes eram filhos legítimos de mulheres da tribo, mas que agora estavam sob a total responsabilidade da realeza.

A conversa teria prosseguido com entusiasmo não fosse por uma carroça abandonada na estrada. Alguns soldados desceram com celeridade de seus cavalos com o desígnio de remover o obstáculo.

— Alteza... Alguém parece estar caído na estrada! — o soldado mais próximo da carroça berrou devido a distância.

— Espero que não seja mais uma vítima dos salteadores — Franco considerou, descendo do cavalo enquanto o resto da tropa fazia o mesmo.

— Não estou gostando nada disso... — Luna sussurrou, levantando-se do assento.

— Poderia me dizer do que não está gostando? — indaguei, engolindo em seco ainda em cima do cavalo de Franco.

— Não sei... Estou sentindo um cheiro estranho! — Luna gritou apavorada.

Os homens do exército deram passos imprecisos para trás, retirando as espadas da bainha e elevando os seus escudos. Todos os pensamentos daqueles homens se voltaram à possibilidade de um ataque surpresa naquela noite gélida e sombria.

O arqueiro experiente, que se encontrava junto ao cavalo que eu ocupava, preparou uma de suas flechas, esforçando-se no propósito de permanecer em pé. Naquele instante, a incerteza do que poderia estar prestes a acontecer perturbava a sua mente. Os meus olhos desviaram rapidamente do seu rosto; detestaria que o rapaz percebesse a mudança neles.

— O corpo está completamente queimado! — o soldado informou, buscando afastar-se do que havia encontrado.

— Quem faria uma maldade desse nível? — indaguei, demovida pela incredulidade e segurando as rédeas do cavalo.

— Os nossos inimigos são muito piores do que imagina — Franco disse, buscando o equilíbrio diante do tremular insistente da terra. — Soldados, retirem a carroça da estrada, recolham qualquer indício que permita uma identificação no futuro e...

Franco não havia terminado de revelar quais seriam as suas intenções quando abalos ainda mais intensos começaram a sacudir o chão.

— Por todos os Etéreos... A força dos terremotos deve estar se vigando da descrença do príncipe Franco — Luna sussurrou sem que ninguém escutasse. — O Etéreo Taires, com toda certeza, deve estar querendo provar que o

príncipe não poderá fugir do destino descrito nas areias da vida.

— Sinto muito em ter que lhe dizer isso, mas não me parece que seja a força dos terremotos se manifestando — murmurei, agitando os ombros energicamente. — Existe algo dentro da mata que parece descontrolado e a intensidade dos tremores mostra que está se movimentando em nossa direção.

Ouvi um rosar que provocou um frêmito pela minha espinha.

— Soldados, por favor, formem um círculo consistente em volta das moças — Franco gritou, aproximando-se com rapidez. — Seja lá o que estiver por trás dessas árvores, não permitirei que lhe machuque — ele afirmou, segurando a minha mão. — Liv... Confia em mim?

— Confio! — garanti sem hesitar.

— Venha comigo — ele ordenou, retirando-me do seu cavalo cuidadosamente. — Permaneça dentro da carroça com Luna. Teremos condições de protegê-las melhor se estiverem juntas.

Disparei em direção à carroça e, com a ajuda de Luna, sentei-me no banco estreito. Os meus pés não se firmavam por conta da magnitude provocada pelas passadas do incógnito.

— Alteza... O... O... O que é aquilo? — Patrício disse gaguejando.

A claridade intensa despontou, transformando em cinzas as árvores diante de nossos olhos. Um calor devastador recobriu a nossa pele quando outra labareda impulsiva

surgiu na trilha, promovendo um rastro negro sobre a terra seca.

Escutávamos o estalar das chamas embalando as correntes de ar. Transtornados pelo pavor, nos preparávamos para o que se seguiria após o cessar do fulgor fulminante.

— Despertaram um monstro! — o soldado desviou-se de uma labareda, que espancou a rocha logo atrás dele.

Os olhos de Franco arregalaram-se ao presenciar algo que assustaria qualquer ser humano. Apalpei o fundo da carroça procurando por qualquer coisa que pudesse nos defender do inimigo que finalmente se apresentava.

Detestei recordar que havia deixado o meu arco escondido no galpão. Considerei como a minha arma seria útil naquele instante. Evitava usá-la porque reconhecia que o seu poder mágico despertaria a cobiça de nossos inimigos.

— Acho que estou alucinando! — Franco considerou, com a espada em punho.

A figura de tamanho espantoso colocava as patas cuidadosamente sobre o solo. O corpo recoberto por um pelo dourado parecia ser uma espécie de leão, porém as duas cabeças distintas impressionavam a ponto de causar um pânico irrefreável.

À direita, a cabeça achatada de uma víbora apresentava os dentes impregnados por um veneno que escorria translúcido até impactar o chão. Do lado esquerdo, não menos apavorante, a cabeça de um dragão descomunal lançava chamas flamejantes pelos ares.

— Não temos como vencer esse animal! — Luna expôs, visivelmente apavorada, ao meu ouvido. — Se ao menos estivesse com o meu medalhão da pedra azul, poderia utilizar magia mesmo contra a vontade do príncipe... — mordi os lábios com agonia quando escutei as suas palavras. — Retirei-o do pescoço pela manhã e, por causa da pressa, acabei esquecendo-me de colocá-lo novamente.

Franco correu até a carroça onde estávamos como se controlasse as batidas do seu coração, para que não arreventassem o seu peito. Saltei ao chão encarando com pânico o monstro que espalhava fogo em direção aos soldados.

— Precisam correr floresta adentro! — impeliu-nos, observando o fogo destruir quase tudo ao nosso redor. — Busquem por qualquer caminho que as afaste daqui imediatamente.

— Franco... E para onde você vai? — perguntei, temerosa pela resposta.

— Liv, nós não temos muito tempo! — ele disse com firmeza. — Faça o que estou mandando!

— Não vou deixá-lo aqui com esse monstro! — esbravejei, segurando em seus ombros.

— Preciso destruir aquela criatura! — ele enunciou, apontando a espada na direção da fera irreprimível. — Acabou de testemunhar o que aquele animal fez com a pessoa que estava percorrendo a estrada — ele indicou, com nervosismo, o corpo carbonizado. — Preciso encontrar uma maneira de exterminá-lo. Não posso permitir que esse monstro aproxime-se da cidade ou dos vilarejos, mas não

conseguirei fazer isso porque estou apavorado com a possibilidade de essa anomalia machucá-la.

— Franco... Aquele ser monstruoso provavelmente irá matá-lo. Não pode lutar contra algo dessa magnitude! — sustentei, enquanto Luna descia da carroça oferecendo, com suas mãos, alívio à minha apreensão. — A casa da feiticeira Sara fica bem próxima daqui; tenho certeza de que ela deva conhecer alguma magia que seja capaz de destruir uma quimera.

— Abaixem-se! — Luna berrou, enquanto sentíamos o calor da chama acima de nossas cabeças.

— Não posso desperdiçar tempo tentando convencê-la a fugir! — ele reconheceu, vencido. — Já que não anseia escapar, por favor, pelo menos se esconda atrás daqueles arbustos.

Fui praticamente arrastada por Luna até um arbusto localizado bem na lateral da trilha. Eu estava dominada pela sombra do medo de perdê-lo, por causa de uma atitude que avaliei insana. Como Franco acabaria com um monstro tão devastador?

A minha amiga arriscou tomar uma distância maior, porém os meus pés não se moviam para muito longe da luz que escapava das ventas do dragão. Não afastaria os meus olhos frenéticos nem por um segundo de Franco, e nem permitiria que os meus ouvidos impacientes não escutassem as suas ordens vigorosas aos soldados.

— Marcus... — um arqueiro magro se aproximou. — Preciso que junte mais três homens e lance cordas nas patas do monstro. Façam de uma forma que o bicho

permaneça pelo menos por alguns segundos parado bem abaixo daquela árvore — o seu dedo trêmulo apontou o local exato.

O soldado correu, juntando os homens, que retiraram com pressa as cordas grossas dos lombos dos cavalos.

— Patrício... Os outros soldados deverão me dar cobertura para que eu consiga subir na árvore — Franco pronunciou altivo, observando os soldados da linha de frente, que se esforçavam em manter a besta o mais distante possível.

— O que pretende fazer, alteza? — Patrício indagou, enfileirando os soldados.

— Acabar com a fera! — ele retorquiu com um sorriso vitorioso.

Patrício nem ousou contrariá-lo. Cada soldado presente naquela pequena batalha repentina ofereceu a cobertura necessária para que Franco chegasse até a árvore tão cobiçada.

Inclinei o pescoço, notando que o arqueiro e os demais soldados conseguiram rapidamente o tão desejado objetivo. A fera animalesca tornou-se ainda mais irritada quando percebeu que se encontrava presa às cordas. Engoli em seco quando abrangi que certamente elas não demorariam a arrebentar.

Com uma desenvoltura impressionante, Franco atingiu o topo da árvore almejada sem qualquer traço de temor. A minha saliva arranhava a minha garganta cada vez que observava as feras enfurecidas com suas órbitas hediondas.

Todas as fibras do meu coração acelerado congelaram quando seu corpo lançou-se desprotegido em cima da criatura bestial. Com alívio, testemunhei uma brisa leve conduzi-lo precisamente até o seu alvo extremamente temperamental. Agradei rapidamente a Híndria pela ajuda.

Franco cambaleava, tentando manter-se equilibrado no dorso do animal intempestivo. A cabeça da víbora tentou cravar os dentes afiados em seu braço. Respirei suavizada quando o arqueiro acertou uma flecha pujante bem no olho do animal; o gesto certo freou aquele provável ataque.

A oportunidade foi devidamente utilizada por Franco. Com um vigor imensurável, a sua espada se lançou em direção à cabeça da áspide. Observei o reluzir vibrante decaindo em inúmeros golpes sobre o pescoço do monstro, que se debateu incontrolável até cessar cada espasmo. O ruído provocado pelo movimentar da língua furiosa foi silenciado pelo seu fenecimento.

A cabeça sobrevivente, a do dragão, agitou-se disseminando sopros de um ardor vingativo por todos os cantos. Os soldados espalharam-se por todos os lados numa atitude reflexa de proteção, enquanto Franco sucumbia o seu corpo ao trepidar incoercível da fera.

Apertava com amargura as tramas do meu vestido, implorando aos Etéreos que me escutavam que utilizassem todas as forças com o propósito de terminar aquele pesadelo. Animei-me quando o vento levantou a poeira, atingindo os olhos vermelhos do dragão. Coloquei a cabeça do lado de fora do arbusto e escutei os gritos nefastos

ecoam pelos ares; o pavor desmedido fez com que eu retornasse imediatamente à posição anterior.

As árvores verdejantes bloqueavam a luz da lua imponente acima de mim; densas nuvens recobriam as estrelas naquela noite assustadoramente escura; nenhum brilho além das poucas tochas que se mantinham intactas nas mãos de alguns soldados ou das labaredas que escapavam destrutivas da cabeça do dragão.

O trotar de um cavalo chamou a atenção de Luna, que caminhou a passos vagarosos ao interior da floresta. Resolvi acompanhá-la por não suportar analisar cada passo de Franco naquela luta incessante contra aquele bicho letífero.

A figura de um homem surgiu soberba, fazendo com que minha amiga desse passos imprecisos para trás. Vestido por um véu de sombras, não era possível identificar os traços da sua face nebulosa. Paralisei detrás do arbusto quando escutei a sua gargalhada extravasar pelo ambiente tempestuoso.

— Avise o príncipe Franco que não desistirei tão facilmente — ele disse, com uma voz nuviosa, diretamente a Luna; não parecia possível notar a minha presença por conta da distância em que me encontrava. — Gostaria que ele soubesse que o despertar do meu animal de estimação tratou-se apenas do começo... Quero que o Escolhido fique bem longe do medalhão ou as consequências poderão ser as piores possíveis.

— Quem é você? — Luna indagou, num tom azedo, no instante em que os meus olhos repousaram sobre o medalhão que ele carregava em seu pescoço.

— Apenas mais um inimigo! — o sujeito desvelou, partindo em direção à mata fechada.

A sua voz arrepiante impulsionou-me de volta à estrada. Uma ventania soprou tempestuosa sobre as plantas à minha frente, tornando amplo o meu campo de visão.

Evitei encarar o momento em que a espada cintilante de Franco partiu em direção à cabeça do dragão. Um trincar familiar arrebentou pela atmosfera. Alguns segundos depois, visualizei o seu salto ágil do dorso do animal, que se debelou em agitação antes de se transformar em cinzas, exatamente como a cabeça imóvel no chão.

Os soldados vibraram depois que as escórias do monstro foram velozmente absorvidas pelo solo. Aqueles homens cumprimentavam Franco animadamente, buscando assumir os seus postos para que a viagem prosseguisse.

Disparei até os seus braços com tanta velocidade que experimentei o tropicar do seu corpo assim que ele correspondeu ao meu abraço excessivamente afetuoso. Vislumbrei seu sorriso reconfortante, considerando que havia escapado do mergulho da mais profunda escuridão. Atrás de mim apenas o murmúrio de soldados que assistiam impressionados à amabilidade com que Franco correspondia ao meu gesto irreprimível.

— Como pode ter sido tão absurdamente irresponsável?
— reclamei, encarando o seu sorriso tranquilo. — Poderia ter morrido nas garras daquele monstro, sabia?

— Estou bem — ele retrucou, olhando os braços. — Foram apenas poucos arranhões.

Encaramos o momento exato em que Luna deixou o arbusto, cambaleante pelo excesso de pânico.

— Feiticeiro... — Luna afirmou, levando a mão ansiosa ao peito, buscando recuperar o fôlego. — Foi um feiticeiro que despertou a fera que estava adormecida nas profundezas de um poço próximo daqui.

Franco afastou-se de mim e caminhou até a rocha onde Luna se recostara.

— Tem certeza do que está dizendo? — Franco indagou, chamando dois soldados com a mão.

— Claro que sim — Luna respondeu com agastamento. — Escutei o trotar de um cavalo e logo após encontrei um feiticeiro que não quis se identificar, porém pediu que lhe avisasse que o despertar de uma quimera foi apenas o começo — Luna expôs, enquanto Franco respirava fundo.

— Soldados, sigam na direção exata em que Luna apontar — Franco explicou, virando os olhos aos rapazes. — Se tivermos sorte ainda poderão alcançá-lo. Prenda-o sem maiores questionamentos. Não quero que o feiticeiro ganhe tempo. Ele poderia utilizar magia para escapar.

Os soldados partiram céleres ao local precisamente orientado por Luna.

— Franco, aquele homem deseja que você se mantenha afastado do medalhão — comentei, com o olhar tristonho.

— Receio que o feiticeiro não precisa se preocupar com isso — Franco explanou com desdém. — Ultimamente, tenho admitido para todos, inclusive para minha mãe, que não estou nem um pouco interessado nessa guerra pelo medalhão — ele colocou-me em seu cavalo, subindo em

seguida. — Agora desejo apenas levá-la em segurança para casa.

Lancei-lhe um olhar torturado, revelando explicitamente que aquele desinteresse inalterável me preocupava bastante.

Os soldados retiraram a carroça do meio da estrada e guardaram os vestígios que poderiam identificar quem seria o dono por trás do corpo carbonizado, enquanto a mão rechonchuda de um dos guardas distribuiu um monte de terra sobre as cinzas espalhadas pelo chão.

A ansiedade de Franco naquele cavalgar célere fez com que não demorássemos muito a adentrar no vilarejo. Fomos observados sem nenhuma discricção por todos os moradores da vila que ainda estavam pelas ruas.

Na varanda, notei a figura do meu pai preenchida de nervosismo. Ele nem esperou que alcançássemos a entrada da casa. Pisou apressado em direção aos cavalos, enquanto Felipe abandonava o galpão, defrontando-se com Luna, situação que o deixou visivelmente atordoado.

— Minha filha... — meu pai fez uma pausa enquanto me acolhia em seus braços. — O que aconteceu? Como conseguiu tantos machucados?

— Um bêbado estúpido me aborreceu na cidade, mas Franco acabou dando conta dele. Tenho certeza de que ele não incomodará mais ninguém por um longo tempo — expliquei, querendo encerrar o assunto e omitindo completamente o evento com a quimera. Detestaria complicar ainda mais a situação naquele momento.

— Bem que falei que você não devia ter deixado Liv ir para a cidade sozinha — Felipe ralhou irritado.

— Felipe, eu não estava sozinha — disse, contendo a irritação. — Luna estava me acompanhando.

— Parece que a companhia de sua amiga não adiantou muito, ou então não chegaria em casa tão machucada — Felipe demonstrava uma impaciência fora do normal. — Príncipe Franco, agradeço sinceramente por ter ajudado a minha irmã.

Franco curvou a cabeça diante do agradecimento de Felipe.

— Desobedeci às orientações dadas por Luna e por isso acabei me perdendo nas ruas do comércio — expus.

— Senhor Raul, peço desculpa pelo acontecido — Luna declarou ao meu pai, ignorando Felipe. — Prometo que ficarei mais atenta da próxima vez.

— De minha parte, não haverá próxima vez — Felipe falou exaltado.

— Na verdade, não deseja que Liv retorne à cidade comigo porque não aprova a nossa amizade — Luna comunicou irritada.

— Os meus anseios não lhe dizem respeito — Felipe discorreu brevemente.

— Temos que resolver as nossas divergências, porque não me afastarei de Liv apenas para satisfazer a sua vontade — Luna ponderou decidida, movendo os belos cabelos negros.

— Não tenho nada a resolver com você — Felipe retrucou grosseiro.

— Felipe, por favor, tenha um pouco de calma! — Franco pediu, procurando abrandar a situação. — Quando a sua irmã for à cidade novamente, prometo que tomarei conta dela pessoalmente.

— Eu agradeço, alteza, mas prefiro que Liv não retorne mais à cidade sem a minha companhia — Felipe afirmou inflexível. — Tenho muito medo do que as influências ruins podem fazer à conduta de alguém — os seus olhos atingiram Luna.

— Felipe... Sabe melhor do que ninguém que eu não permitiria que nada de ruim acontecesse a Liv — Franco insistia, ajeitando o uniforme e abrangendo com astúcia que a implicância não se referia a ele. — Estou dizendo que tomarei todos os cuidados para mantê-la em segurança e afastada de qualquer coisa que possa prejudicá-la.

— Como o príncipe Franco está se responsabilizando por Liv, não vejo nenhum motivo de impedi-la de voltar à cidade — meu pai observou, encerrando a conversa.

— Amanhã estarei aqui para vê-la — Luna percorreu veemente, beijando minha face e despedindo-se de todos, com exceção de Felipe, a quem lançou um olhar furioso.

— Príncipe Franco, entre um pouco para que possamos lhe servir um vinho — meu pai convidou com solidez. — Também mandarei servir vinho aos seus soldados.

Franco aceitou o convite observando a minha face com ternura. A situação de nossa casa era totalmente diferente da qual o príncipe estava acostumado, porém o seu sorriso sincero demonstrava que ele parecia inteiramente à vontade com a nossa simplicidade.

Diante de tantos pedidos, Franco acabou narrando as suas muitas aventuras nas inúmeras guerras. Meu pai escutava cada uma delas com um semblante completamente extasiado.

Tudo o que existia de melhor em mim não me pertencia mais. Tudo pertencia àquele homem para quem entregaria a minha alma, o meu destino.

No jantar daquela noite havia uma sopa de legumes, lentilhas, milho, azeite e pão. Afastei a sopeira porque recordei que Franco simplesmente detestava aquele caldo fumegante. Se Ama soubesse que receberia um príncipe em nossa casa, talvez tivesse providenciado um assado.

Liana sentou-se à mesa com os olhos compridos, tão fascinada por Franco quanto eu.

— Espero que a comida esteja de seu agrado, alteza — meu pai falou animado.

— Estou imensamente feliz com a sua hospitalidade — ele anunciou, sorrindo com discreto ânimo. — Por favor, sintam-se à vontade para chamar-me apenas pelo meu nome.

— Nossa! — ela estreitou os olhos, ajeitando-se na cadeira. — É o príncipe Franco, não é mesmo? — Liana perguntou tão espantada que provocou risos.

— Sou sim — ele respondeu sorrindo.

— Eu me chamo Liana... Sou irmã dela — Liana pronunciou apontando para mim.

— Imaginei que fossem irmãs — ele mencionou sorrindo.
— Pelo que vejo, a beleza fascinante parece ser uma

característica das mulheres dessa família — Franco relatou, conquistando o coração dela para sempre.

— Um príncipe em minha casa... — Liana comentou com deslumbramento. — Preciso chamar os meus amigos para que possam conhecê-lo.

— Não precisa interromper a sua refeição; prometo que voltarei outras vezes — Franco convenceu a garota com aquele sorriso que abrilhantava tudo à sua volta.

— Alteza... Por acaso se casaria comigo? — ela perguntou, enfiando uma colherada de sopa na boca de forma natural.

— Se fosse alguns anos mais velha, certamente me casaria — ele considerou, de forma gentil.

— Hum... Então poderia se casar com a minha irmã? — Liana retrucou sorridente.

— Liana, por favor, deixe o príncipe Franco comer em paz — Felipe articulou, buscando ignorar o que Liana havia perguntado. — Pare de atormentá-lo com tantas perguntas inúteis.

O jantar correu com a narração empolgante de Franco sobre o episódio do bêbado e da quimera. Meu pai escutava os fatos impressionado com a coragem do príncipe e muito preocupado com a minha integridade, enquanto Felipe repetia que se estivesse presente certamente o teria ajudado a acabar com as feras.

Quando se preparava para partir, Franco agradeceu novamente a hospitalidade a meu pai, despediu-se de Felipe com uma polidez invejável e com amabilidade beijou a cabeça de Liana.

Admiravelmente, ele me segurou pela mão, guiando-me até o lado de fora da casa. A atitude repentina provocou-me uma súbita vontade de flutuar de tanta felicidade. Os soldados sentados próximos ao galpão levantaram-se quando avistaram Franco, mas ele fez um sinal exaustivo para que permanecessem onde estavam.

— Se eu pudesse me casaria com você agora mesmo, tendo a lua e as estrelas como testemunhas — Franco desvelou, arrebatado de fascínio.

— Eu adoraria viver ao seu lado para sempre! — assegurei convicta.

— Queria adormecer em seus braços e acordar com seu sorriso — Franco discorria a sua confissão, fazendo o meu corpo estremecer. — Adoraria experimentar todos os dias o seu cheiro delicioso impregnado em mim. Não imagina como tem sido complexo descobrir tantas emoções de forma tão súbita. Justamente eu, que não dava qualquer valor aos sentimentos... — a sua respiração acelerou. — Acreditava que o poder era a única coisa que realmente importava, contudo torna-se arduamente irônico compreender que o poder em minhas mãos talvez seja a única coisa responsável pelo nosso possível afastamento — ele pronunciou triste, entrelaçando os dedos com aflição.

— Franco... O nosso amor é como uma chama eterna — murmurei, beijando as suas mãos frias. — Ele nunca sucumbirá.

— Não posso lhe prometer nada, mas poderá contar comigo para sempre — o seu semblante foi invadido por sinceridade. — Quando o seu dia estiver escuro, saiba que

estarei disposto a iluminá-lo. Quando a sua noite estiver fria, saiba que estarei disposto a aquecê-la. Quando estiver exausta de caminhar, estarei disposto a levá-la em meus braços — Franco sussurrou, alinhando o dedo indicador em minha face. — Estou profundamente empenhado na tarefa de fazê-la feliz, entretanto sei que não tenho como oferecer-lhe um compromisso agora.

— Curiosamente... Estamos ao mesmo tempo tão próximos e tão distantes... — constatei abatida.

O seu sorriso perfeito espalhava um brilho intenso, enquanto os olhos de tom indefinido me penetravam como lanças afiadas. Nunca me esqueceria da suavidade que ressoava de sua voz docemente grave, nem mesmo daquela brisa noturna que agitava os seus cabelos acobreados. Poderia viver mil anos, mas as lembranças daquela noite jamais escapariam da minha memória.

Enquanto o vento agitava a cortina da janela, agradecia aos Etéreos por não terem me presenteado com o dom de prever os acontecimentos futuros. Odiaria descobrir que teria uma vida longa e infeliz longe de Franco. Compreendia, naquele instante em que o vilarejo foi se tornando cada vez mais silencioso, que possuir a habilidade de ler pensamentos e desprender-me da minha matéria simplesmente me bastava.

As suas mãos macias abandonaram o meu rosto inconformado com a sua partida. Sentia uma nostalgia intensa atormentar os meus sentidos. Eu não enxergava as cores, eu não escutava as vozes, eu apenas sucumbia a uma saudade imensa.

os insurrectos

— Daria tudo por esses pensamentos! — Felipe pronunciou, chegando à varanda da casa e retirando-me do transe.

— Conhece a maior parte deles — respondi sem ânimo.

— Deixe-me ver... — ele expôs, colocando as mãos em minha testa. — Hum... Franco, Franco, Franco... — a voz rouca zombava solitária. — Espere um pouco, parece que existe um pensamento diferente perambulando por aqui, acho que me enganei... Novamente o príncipe Franco ocupando a sua cabeça e o seu teimoso coração.

— Acho que nunca conseguirei esquecê-lo... — confidenciei, depois de um suspiro.

— Para que isso acontecesse, precisaria querer esquecê-lo de verdade — Felipe asseverou, apoiando as mãos sobre o parapeito da varanda. — Não se trata de implicância, mas gostaria que ficasse o mais distante possível dele. A distância certamente evitaria o sofrimento — ele respirou fundo, encorajando-me a desistir. — Não imagina como tenho medo de que o príncipe Franco fique para sempre dentro de você — ele apontou o dedo em direção ao meu tórax.

— Como Luna está dentro do seu coração? — indaguei, esperando uma confissão.

— Já esqueci Luna há bastante tempo — ele murmurou, buscando o céu como se precisasse fugir da verdade.

— Felipe... Não pode continuar mentindo para si mesmo — disse, ignorando a sua resposta.

— Luna não serve para ser a minha esposa. Acho que lhe contei com todas as letras que ocorreu uma traição, não foi mesmo? — Felipe discorreu, como se não quisesse escutar o que confessava.

— Como pode ter tanta certeza disso? — perguntei, arquitetando uma defesa.

— Encontrei Luna acompanhada de outro homem em sua cama — ele afirmou com impaciência. — Além do mais, independentemente de ter se concretizado uma traição ou não, ela escondeu quem era de verdade — Felipe franziu a testa com desconforto.

— Como Luna poderia lhe contar de onde tinha vindo? — interroguei. — Felipe... Abominava a sua própria irmã por acreditar que fosse uma bruxa! — repreendi, encontrando os seus olhos castanhos. — Imagine o que teria feito se descobrisse que Luna era uma feiticeira de Sinaia?

— Não tente justificar as atitudes de Luna — ele ralhou firme, ajeitando a gola da camisa, que o incomodava. — Não tente defendê-la. Nada mudará o que penso — o agastamento transpôs os seus lábios. — O assunto está encerrado por aqui, e acho melhor entrar logo porque a noite está ficando muito fria.

Luna precisaria se esforçar muito se quisesse convencê-lo de que nunca existiu uma traição. Concebi que a única forma de resolver a situação seria uma confissão de Malena,

mas a minha intuição revelava que uma admissão de alguém que a minha amiga considerava uma megera seria algo praticamente impossível.

Despertei para um novo dia buscando lembrar cada detalhe da confissão de amor que havia escutado de Franco na noite anterior. Recordei aquele sorriso mágico, relembrei o toque de suas mãos em minha pele trêmula, a voz macia penetrando por meus ouvidos. Tudo tão perfeitamente legítimo, que poderia senti-lo comigo, que poderia amá-lo sem medo de qualquer frustração.

Caminhei até a varanda, escutando o ressoar dos martelos vindos do galpão. O sol obrigou-me a cerrar os meus olhos. Deparei-me com Liana brincando com algumas crianças do lado de fora da casa.

— Por favor, diga a eles... — Liana implorava agitada.

— Dizer o quê? — questionei, sentindo-a segurar com força o vestido verde que eu usava naquela manhã. — Liana, dessa forma rasgará o meu vestido.

— Conte a todos que o príncipe Franco jantou em nossa casa ontem! — ela impeliu, sacudindo o quadril.

— Crianças... — sorri com graça, fazendo uma pausa. — O príncipe Franco esteve no vilarejo ontem à noite e como Liana já deve ter lhes dito... Sim, ele jantou em nossa casa.

— Acreditam em mim agora? — Liana replicou, mostrando a língua para um dos garotos.

— Comporte-se, Liana — repreendi o seu comportamento. — Gostaria que pedisse desculpas ao garoto.

Liana desculpou-se imediatamente com o menino de cabelos volumosos. Os fios dourados eram tão brilhantes que pareciam raios reluzindo vibrantes numa intensa tempestade de verão.

— O que aconteceu com o seu rosto? — o menino inquiriu, dando uma cambalhota em seguida.

— Um homem muito mal fez isso comigo — esclareci distraída, sentando-me à varanda, tendo todas as crianças ao meu redor.

— Ainda assim continua linda — sorri perante o elogio dele. — Foi verdade que o príncipe Franco disse que se casaria com Liana? — o menino interpelou, encostando-se ao gradil da varanda.

— Ele disse que se casaria se, por acaso, Liana fosse muito mais velha — respondi.

— Se eu fosse o príncipe Franco me casaria com você! — ele garantiu com graça, arrancando o sorriso de outras crianças. — Por acaso, a senhorita aceitaria se casar comigo se eu fosse mais velho?

— Com toda certeza! — anunciei, notando algo de especial no garoto.

Beijei-lhe o rosto, observando-o disparar pelo vilarejo enquanto gritava, acompanhado das outras crianças: *“Liv se casaria comigo!”*.

— Parece que o príncipe Franco encontrou um rival à altura — Luna disse, repousando o pé no degrau. — A sua aparência está bem melhor hoje.

— Estou tão feliz que nem sinto dores — proferi, em devaneio.

— Felipe por acaso comentou algo com relação a mim? — ela pronunciou, como se o questionamento não fosse importante.

— O meu irmão ainda está muito magoado com o passado — aduzi, encarando todo o seu desapontamento. — Tentei defendê-la de todas as formas, mas infelizmente ele não acredita em você.

— A maneira como Felipe tem conduzido essa situação é tão insuportável... — Luna murmurou com os olhos marejados.

— Felipe não me parece alguém feito de pedra — justifiquei, sorrindo para ela. — Existem sentimentos escondidos que nem o passar do tempo conseguiu abrandar — quase pude enxergar um sorriso em sua face. — Algum dia meu irmão irá perdoá-la por ter escondido a verdade sobre a sua origem, assim como descobriremos uma forma de encontrar o verdadeiro culpado pela farsa da traição.

Passamos o resto da manhã conversando sobre as possíveis mudanças que acontecerão em nossas vidas por conta da batalha pelo medalhão. Luna confirmou que, por causa das areias da vida, os sacerdotes tiveram conhecimento da profecia que divulgava que Franco impediria que o mal se abatesse sobre o mundo. Ela acreditava fervorosamente que também foram as areias da vida que demonstraram que o príncipe estaria pronto para a guerra apenas quando encontrasse o seu coração.

Escutava cada palavra dita por Luna sobre os prováveis acontecimentos futuros, questionando-me se foram também as areias da vida responsáveis por revelar a Sara que

entregaria o meu coração nas mãos de dois homens, porém que apenas um deles seria o meu amor verdadeiro.

No final da manhã, Luna seguiu em direção à sua casa. A voz estridente de Nicolau repercutiu pelo galpão, desviando a minha atenção ao lugar. Andei sem pressa em busca de distração; tinha conhecimento de que precisava ofuscar os meus pensamentos confusos.

— Nicolau, não apareceu por aqui ontem! — mencionei com desconfiança, erguendo a sobrancelha. — O que aconteceu?

— Bem... Tive um leve desconforto intestinal, mas estou bem melhor — Nicolau comentou, irritando-se com as nossas gargalhadas por causa do motivo que o havia feito faltar ao trabalho.

— Fiquei sabendo de tudo o que aconteceu pela cidade ontem — o rapaz enunciou, mudando o rumo da conversa.

— Como ficou sabendo? — perguntei ainda entre risos.

— Não se comenta outra coisa por todos os cantos — Nicolau informou de imediato, enrugando a testa com falta de apreço pelas nossas risadas. — Estive pelo comércio mais cedo na esperança de encontrar com Rose, mas foi apenas tempo perdido... — ele estreitou os olhos completando. — Retiro completamente o que disse, afinal de contas o tempo não foi tão perdido assim; com o passeio acabei sabendo dos detalhes da sua aventura.

— Que interessante! — disse, encorajando-o a prosseguir, mesmo com todos os indícios de reprovação de Felipe. — Explique-me esses detalhes.

— Disseram que o príncipe Franco quase matou o homem que a atacou — Nicolau relatou, ainda impressionado com os comentários. — Comentaram por todos os lugares em que estive que ele está completamente apaixonado por você... Bradavam por todos os cantos que o príncipe havia destruído uma quimera com as próprias mãos apenas para protegê-la.

Os meus olhos, outrora lânguidos de saudade, se abriram vibrantes após um sorriso grandioso. O meu corpo sedento transbordou de tanta emoção. Sentia-me como se fosse a terra recebendo as primeiras gotas de chuva depois de um longo período de estiagem.

— Por que apareceu por aqui somente agora? — Felipe me perguntou, mudando propositalmente de assunto.

— Estava conversando com Luna — declarei, diante do seu evidente desagrado.

— Não gosto quando perde seu tempo conversando com gente desse tipo! — Felipe esbravejou, fazendo Nicolau encolher-se no canto.

Seguiu-se um momento de silêncio constrangedor.

— Parece que ninguém por aqui é suficientemente bom para mim — ironizei. — Não deseja que fique perto de Luna, ordena para que me mantenha longe de Franco. Daqui a alguns dias proibirá até a minha amizade com o Nicolau — alfinetei, apontando o rapaz.

— Deixem-me fora disso! — ele contestou temeroso.

— Apenas temo que o príncipe Franco lhe magoe... — ele obtemperou, fazendo uma pausa. — E, quanto à Luna, não acho que seja uma moça de princípios.

— Agradeço a sua preocupação, contudo receio que não pode decidir o que é melhor para mim — reclamei com objetividade. — Nicolau... Vamos entrar um pouco, imagino que esteja com fome.

Nicolau partiu sem pestanejar, seguindo os meus passos apressados até a varanda, enquanto escutava todas as minhas reclamações quanto às imposições descabidas que o meu irmão colocava sobre mim.

Observei a chegada quase inesperada de um rapaz ao galpão. Os cabelos alourados sacudiam com o vento; os olhos reluziram depois da incidência persistente dos raios solares sobre a sua face; o nariz, desenhado, retorceu-se com uma desconfiança que particularmente me incomodava bastante. Recordei que aquele parecia o mesmo jovem que fazia companhia a Felipe no dia do meu retorno ao vilarejo.

— Quem é aquele rapaz que está indo ao galpão? — interroguei, fitando com empáfia o seu olhar inabalável.

— Que bom que Estêvão voltou de viagem! — Nicolau declarou rapidamente, acenando ao rapaz, que retribuiu a cortesia antes de entrar no galpão. — Acredito que Estêvão talvez seja o melhor amigo de seu irmão — Nicolau comentou, entortando o bico. — Felipe ficará muito feliz com o retorno dele.

O garoto limitou-se a não revelar mais nada sobre o suposto melhor amigo de Felipe. Escapava das minhas perguntas enfiando colheradas de lentilhas na boca. Sentei à mesa desanimada, derramando azeite sobre as folhas de alface, aceitando, meio a contragosto, aquele sufocar da minha curiosidade sempre tão peculiar.

Era quase final da tarde quando Felipe adentrou em meu quarto comentando o teor da conversa que teve com o amigo mais cedo no galpão. Por conta de todos os comentários espalhados pela região, os rebeldes queriam utilizar a minha influência sobre o príncipe Franco com o objetivo de pleitear a possibilidade da presença de um plebeu dentro do conselho real.

Os *Insurrectos* decidiram que o meu irmão me levaria até uma reunião que aconteceria naquela mesma noite, para que a proposta fosse devidamente apresentada. Eles tinham excelentes propósitos com relação à forma de governo de nossa cidade e lutavam para estabelecer condições mínimas de igualdade entre as pessoas. Percebi que não havia nenhum problema em ouvir com atenção os seus anseios.

A expressão de Felipe demonstrava o descontentamento no que dizia respeito a me envolver com a rebelião; particularmente, o meu irmão julgava que aquilo poderia ser um erro fatal.

— Confia no príncipe Franco o suficiente para participar de uma reunião com a rebelião? — Felipe inquiriu incrédulo.

— Claro que sim — respondi firme.

— Não teme que o príncipe lhe faça alguma retaliação quando descobrir que está envolvida com os rebeldes? — Felipe insistiu com os seus receios.

— Claro que não — disse veemente. — Tenho certeza de que Franco não faria nada comigo se descobrisse — refutei sem qualquer temor. — Escutarei o que seus amigos têm a

dizer; se eu não concordar com a proposta, não me envolverei com o assunto.

O restante daquele dia pareceu que definitivamente se arrastava; concentrava-me em ouvir as marteladas de Felipe se propagando intensas e as gargalhadas do meu pai escutando os contos mirabolantes de Nicolau.

Liana sentou-se ao meu lado na varanda. A minha irmã exalava uma doçura que me trazia paz.

— O príncipe não virá visitá-la hoje? — ela questionou com os olhos vivos.

— O príncipe Franco deve estar muito atribulado — respondi serena.

— Imagino que ele tenha muitos cavalos para tomar conta... — Liana discorria ingênua, como se aquela fosse a única preocupação de Franco.

— Ah... Claro que sim! — confirmei sorrindo. — Muitos cavalos, muitos soldados, muitas espadas, entre outras coisas.

— Quando se casará com ele? — ela indagou devagar. — Aposto que será uma bela cerimônia de casamento naquele castelo maravilhoso.

— Hum... — fiz uma pausa. — Não sei se nos casaremos, pois existem coisas que nos separam.

— Que coisas? — ela interpelou cismada.

— Como poderia lhe explicar isso... — fiquei um pouco em silêncio. — Nós pertencemos a mundos completamente diferentes — aclarei, encarando um semblante completamente confuso. — Franco faz parte da nobreza,

sabemos que ele é um príncipe destinado a ser rei, enquanto eu sou apenas uma mulher do povo.

— A riqueza não nos torna diferentes, o que nos torna diferentes é o que trazemos no coração — ela explicou com maturidade, para minha surpresa.

— Tem toda razão — concordei, brincando com seus cabelos.

Felipe fechou o galpão quando a noite começou a despontar. Os seus passos confirmavam que ele estava totalmente incerto da decisão que havia tomado. Pedi que Liana entrasse assim que Felipe alcançasse a varanda. A ordem foi atendida pela garota, que obedeceu sem questionamentos.

Nicolau acendeu a tocha que iluminaria o nosso trajeto naquela noite deslumbrantemente escura. Iniciamos a nossa caminhada num sigilo profundo. As estrelas afloravam sobre o céu, enquanto a lua reluzia o seu brilho refletido no córrego que atravessamos. Adentramos a mata soturna até encontrarmos uma trilha estreita que nos levaria diretamente a uma cabana recuada.

Felipe abriu a porta envelhecida sem dificuldades e deparei-me com o local repleto de pessoas que mantinham uma conversa acalorada sobre diversos assuntos.

Um silêncio esperado se fez quando aqueles homens notaram a minha presença.

Estêvão, com os seus cabelos iluminados, observou a minha chegada com mais afinco, recostando-se em uma das paredes da cabana. Aqueles olhos intrigantes de safira

ambicionavam desvendar todos os assuntos relacionados à minha existência.

Felipe apresentou-me primeiramente a Carlo. Reconheci imediatamente aquele homem de estatura mediana; o rapaz estava presente no dia fatídico em que desapareci pelos arredores de Lanóvia sem avisar. Os cabelos crespos, os lábios volumosos, o olhar marcante e a pele escura harmonizavam-se.

Levi aproximou-se de mim com um jeito doce que encantava na mesma proporção da sua voz macia. Com calma, o rapaz passou as mãos pelos cabelos castanhos, emoldurando um sorriso por meio dos olhos acobreados.

— Liv... Deve imaginar que talvez estejamos todos loucos. Sentimos muito em ter que envolvê-la nisso, mas sabemos que não existe outro jeito — a voz de Levi surgiu, abrandando qualquer agonia.

— Nós queremos uma coisa muito simples do príncipe Franco... — Carlo fez uma pausa. — Queremos um representante do povo fazendo parte do conselho. Alguém que possa defender não somente os interesses da rainha e da família real, mas também os interesses dos povoados.

A proposta parecia tão dignamente justa; não me parecia absurdo desejar que existisse alguém defendendo os direitos dos menos favorecidos.

— Por mais que a ideia lhe pareça justa — Estêvão repetiu aquelas palavras como se tivesse lido meus pensamentos. — O príncipe Franco não pensa da mesma forma. Ele e os membros do conselho sustentam que a nobreza é superior e que, portanto, não se devem misturar

as coisas por aqui... — A irritação fez com que Estêvão fosse interrompido.

— Por outro lado, alguma coisa modificou-se no comportamento do príncipe Franco depois da sua chegada — Carlo concluiu, apoiando a mão sobre uma pequena mesa. — Nunca imaginamos que o príncipe se sentaria à mesa de uma família do vilarejo, muito menos que compartilharia de uma refeição.

— Nós já enviamos as nossas propostas, mas o príncipe nunca as considerou — Levi pronunciou esbraseado, perdendo por ora a aparente calma. — Improvisamos as nossas manifestações, induzimos os mercadores a não trabalharem por dias — ele deu um longo suspiro antes de prosseguir. — Sempre que marcávamos um encontro com o príncipe Franco almejando uma negociação justa, ele comparecia ao local combinado com toda a tropa. Como tínhamos receio de uma captura, desistíamos de nos apresentar.

— Liv, sabemos que seu irmão não está contente com a ideia, mas infelizmente a sua influência sobre o príncipe Franco torna-se o nosso último recurso para alcançarmos algo que consideramos tão lícito — Carlo discorreu, enquanto se aproximava de mim.

— Acreditava que aquele homem frio jamais seria capaz de amar alguém — Estêvão expôs, me encarando. — Pelo visto acho que me enganei!

— Gostaríamos que conversasse com o príncipe sobre o nosso propósito — Carlo sugeriu diante da agitação de todos.

Felipe permaneceu em silêncio como se não quisesse compactuar com aquela decisão. Para meu irmão, era a minha segurança que estava em jogo. E se Franco considerasse a minha atitude como traição?

— Conversarei com Franco, na hora que julgar mais apropriada — garanti, notando a alegria de todos. — Contudo, precisam prometer que não farão qualquer tipo de manifestação enquanto aguardam uma resposta e principalmente deverão esquecer a ideia de sequestrar a princesa Norah. Isso não tem o mínimo cabimento.

Todos aceitaram as minhas condições com satisfação.

— Nós agradecemos pela sua atenção — Levi falava com doçura.

— Basta admirá-la mais de perto para se perceber que não se trata de uma mulher comum — Carlo aludiu, enquanto se afastava de mim.

— Ela é tão humana como nós — Felipe resmungou.

— Não é mesmo! — Estêvão proclamou displicente. — Essa garota é uma mesoetérea! Nunca será como nós.

Por mais que meu irmão quisesse mostrar a todos que eu era uma pessoa comum, aquilo parecia praticamente impossível. Comecei a experimentar em meus ossos o peso de ser diferente; considerava um tanto custoso ser avaliada pelos homens como uma espécie de divindade.

O meu coração permanecia acelerado em nosso retorno para casa. Durante o percurso evitamos comentários sobre os assuntos discutidos durante aquela noite. Nicolau parou em frente à sua casa, entregando a tocha chamejante nas mãos de Felipe.

Encarei a lua resplandecente quando atingi os primeiros degraus da varanda. Preenchida por lentidão, entrei em meu quarto sentindo o meu peito sossegar, muito embora soubesse que havia concordado com um grande desafio: não seria uma tarefa muito fácil convencer Franco de que precisava governar com um homem do povo em seu Conselho Real.

Quando abri os olhos pela manhã experimentei a sensação de um corpo ainda dominado pelo cansaço. Havíamos dormido tão tarde que certamente não descansei o necessário para recuperar as minhas energias. Fechei os olhos na tentativa de continuar dormindo, no entanto a estratégia não funcionou. Sem alternativa, levantei-me e fiz tudo como de costume.

Enquanto tomava o café da manhã com certo dissabor, ponderava se estava tomando o caminho certo. Deveria realmente questionar Franco sobre um assunto que ele não aprovava? Ao mesmo tempo, avaliava que era a participação do povo que estava em jogo.

Sabia perfeitamente que Franco nunca me faria mal, mas também reconhecia que a minha atitude poderia desapontá-lo, além de abranger que existia a possibilidade de que ele tomasse uma atitude mais drástica, buscando acabar com a rebelião, o que me apontava claramente que aqueles homens poderiam ser presos ou mortos. Talvez interceder a favor dos *Insurrectos* fosse uma aposta muito alta.

Os dias cada vez mais ensolarados tornaram as visitas de Franco à vila mais costumeiras. Adorava a desenvoltura com

que ele descia do cavalo caminhando com elegância até espalmar as mãos sobre a balaustrada.

Em cada uma daquelas visitas indagava-me se deveria revelar a verdade sobre os meus dons, mas sempre que a conversa se desviava até a magia, percebia a sua evidente irritação e, por conta disso, acabava afugentando a conversa para outro assunto.

Vez por outra, arriscava abordar algo a respeito dos rebeldes, mas o calafrio sempre tomava conta de mim perante as suas impressões negativas sobre a rebelião. Aí desistia imediatamente da ideia de continuar discursando a favor dos *Insurrectos*.

Estêvão também aparecia no galpão com uma frequência bem maior do que Franco aprovava. O rapaz chegava com o seu jeito pretensioso contando novidades que ocorriam pela cidade ou trazendo algum tipo de doce preparado por sua mãe. Felipe quase sempre devorava todo o agrado antes mesmo que chegasse a experimentar.

Estêvão aproveitava a minha presença quase constante ao galpão e sempre me atormentava com algum gracejo. Não conseguia evitar aqueles encontros, pois praticamente todos os dias experimentava a estranha necessidade de lustrar o meu arco. Nicolau retorcia com exagero o nariz imenso por causa da repetição com que eu realizava a tarefa.

Luna evitava o galpão, procurando não encontrar com Felipe. A minha amiga repetia incansavelmente que precisava ficar o mais distante possível de confusões. Ela aparecia sempre no início das tardes, quando o movimento

no vilarejo diminuía, pois a maioria das pessoas encontrava-se na cidade.

Eu assistia encantada cada demonstração de Luna com o Medalhão da Pedra Azul, enquanto a minha amiga divertia-se observando os inúmeros objetos que se transformavam em flechas ágeis disparadas pelo meu arco.

Fazia alguns dias que Franco não aparecia no vilarejo. O sol espalhava o seu brilho solitário quando amarrei a faixa azul em minha cintura. Naquela manhã, abandonei a varanda da casa buscando encontrar uma maneira de persuadir Nicolau a me acompanhar até a cidade.

Persistia em meu peito a necessidade de agradecer à moça que me ajudara com o episódio do enfeitiçado, além do desejo devastador de diminuir a saudade que sentia de Franco.

Enquanto dava passos calculados até o galpão, reconhecia que sob nenhuma hipótese poderia falar da intenção de ir à taberna, pois com toda certeza Nicolau não concordaria em me ajudar. Utilizaria “Rose” como o pretexto perfeito; não existiria nada mais atrativo do que expor ao garoto que falaria com moça a seu favor.

Os raios solares sobrecarregavam-se em festa quando atingiram a minha pele pálida. Pisava os calcanhares distraídos pelo chão barroso, preenchendo os pensamentos por incontáveis estratégias de persuasão, porém a distração não impediu que percebesse que alguém tentava me acompanhar.

— Bom dia... Liv — Estêvão me cumprimentou dando um sorriso.

— Bom dia — respondi ao cumprimento sem nenhum ânimo. — Para onde o cavalheiro está indo tão cedo? — questionei, virando o pescoço e imaginando o teor da resposta que se seguiria, nada além da nossa rotina.

— Estou indo ao galpão falar com seu irmão, depois seguirei até a cidade — ele me olhou desconfiado. — Por que pergunta?

— Apenas curiosidade — repliquei dando de ombros.

— Quer algo da cidade? — ele perguntou insidioso. — Posso trazer tudo que a senhorita desejar — ele retorquiu ainda mais insidioso.

— Muito gentil de sua parte, mas não quero nada da cidade — repontei com certa irritação. — Tenho que resolver algumas pendências por lá, mas todas as pendências dependem da minha presença para serem resolvidas.

— Se quiser posso levá-la comigo — Estêvão propôs, dando um sorriso.

— Não sei... Eu estava pensando em pedir a Nicolau que me acompanhasse — denotei incerta, contemplando o belo dia de sol.

— Será que a companhia de Nicolau seria mais agradável que a minha? — Estêvão incutiu, tornando imprescindível um desvio daquele olhar. Não seria sucumbida pela vontade de saber o que ele pensava.

— Não acho muito adequado. Estou tentando evitar comentários maldosos — respondi, pondo-me a imaginar o que Franco pensaria a respeito. — Seguir até a cidade com Nicolau seria o mesmo que seguir com um irmão.

— Então que o nosso passeio fique para uma próxima vez — ele mencionou, parecendo ter compreendido os meus motivos. — Tenho certeza de que logo seremos tão amigos que as pessoas não perderão tempo com comentários, por ora não quero incomodá-la mais.

— Não está me incomodando — declarei, enquanto desviava de algumas crianças que brincavam na rua.

— Fico feliz em saber disso — ele finalizou.

Chegamos em frente ao galpão e em nenhum momento Estêvão retirou aquele par de pedras de safira de tudo o que eu fazia. Aquela insistência me incomodava em demasia. Precisava lutar contra a vontade que me corroía: desejava saber com fervor o que se passava em seus pensamentos.

O rapaz adentrou ao local soltando aquela voz que soava quase sempre como uma mistura entre a modéstia e a pretensão. Aproveitei a oportunidade perfeita e executei um sinal discreto que trouxesse Nicolau até o lado de fora. Detestaria que Felipe soubesse das minhas intenções.

— Preciso que venha comigo até a cidade — falei diretamente.

— Nem pensar... — ele retrucou arrastado.

— Ora essa, Nicolau. Por favor, Vamos comigo até a cidade! — implorei.

— Caso não tenha percebido... Eu trabalho, sabia? — ele gracejou, levantando um pedaço de ferro para enfatizar.

— Sei que Estêvão está indo à cidade, mas receio que não seja muito apropriado que ele me acompanhe. Não

quero que Franco se aborreça ao saber que fui até a cidade acompanhada por um jovem solteiro.

— E eu por acaso não sou solteiro? — ele indagou, retorcendo o enorme nariz.

Expliquei todos os motivos que me afastavam da companhia de Estêvão, notando que Nicolau não dava muita importância a nenhum deles.

— Quem sabe o nosso passeio não seja a oportunidade ideal para um encontro com Rose? — sorri dissimulada.

— Como pode ser tão ardilosa? — ele indicou, para a minha surpresa. — Usando Rose como pretexto para me arrastar à cidade! Pois fique a senhorita sabendo que cansei de me rastejar. Procurarei por alguém que queira realmente receber todo o amor guardado nesse peito forte — Nicolau atestou convicto, massacrando com um golpe as frágeis costelas.

— Nicolau... Agindo dessa forma preciso concordar que Rose tem razão — adverti em tom sério. — Não me parece que sente amor de verdade por ela, já que desistiu tão cedo de lutar — declarei, tentando persuadi-lo.

— Acha mesmo que devo continuar com isso? — ele retrucou.

Assenti com a cabeça.

— Então vamos à cidade! — ele concluiu, enfim.

Para minha surpresa. Felipe não criou caso dessa vez. Certamente, isso se devia ao fato de Estêvão, o seu melhor amigo, ter revelado minutos antes que seguiria até a cidade. O meu irmão pensou imediatamente que o nosso

trajeto seria supervisionado por alguém valente o suficiente para me defender de qualquer intempérie.

Nicolau retirou a carroça dos fundos do galpão, repetindo mais de cem vezes que aproveitaria a oportunidade para fazer umas entregas atrasadas de Felipe, ao mesmo tempo em que fazia questão de ressaltar ao meu irmão toda a sua eficiência. O competente rapaz encerrou o falatório engolindo em seco, assim que Felipe o encarou com o olhar atravessado.

O céu se tingira num azul vibrante quando finalmente seguimos em direção à estrada. Eu estava concentrada na tarefa de agradecer pessoalmente a ajuda daquela moça, aliada ao fato de que poderia realmente ajudar Nicolau a reconquistar a sua amada.

Estêvão percebia que a sua presença me incomodava. Era como se ele soubesse exatamente qual seria a minha próxima atitude. Eu estranhava aquela cumplicidade com alguém que mal conhecia.

Agradei aos Etéreos assim que a cidade surgiu, cintilando como o sol, acima das planícies bem diante dos nossos olhos. Estêvão despediu-se de nós bem na entrada da cidade, enquanto Nicolau mudava a rota para seguirmos até a casa de Rose.

Paramos em frente a uma casa simples. Nicolau olhou-me como se quisesse desistir, mas julguei que seria tarde demais porque, antes mesmo que batesse à porta, uma mocinha de longos cabelos ruivos e encaracolados surgiu.

O rosto coberto por pintas não ficara feliz com a presença de Nicolau. Os olhos castanho-claros encararam o rapaz de

forma furiosa, enquanto um leve sorriso mostrou-se para mim, deixando exposto um furinho do lado direito do rosto charmoso.

Apresentei-me à garota e depois lhe pedi um pouco de água para o animal que puxava a carroça. Após uma longa conversa, seguida de muitas explicações e a promessa de que a levaria ao castelo por conta da minha amizade com alguns membros da família real, Rose finalmente reconsiderou o pedido de desculpas de Nicolau.

Depois de conseguir o tão sonhado pedido de desculpas, não foi difícil convencê-lo a levar-me diretamente ao meu principal objetivo, a taberna.

Assim que entramos naquela rua sem saída, um arrepio percorreu a minha espinha. A escuridão reforçou a minha recordação quanto a todos os momentos horríveis que havia passado naquele lugar nada receptivo.

Com rapidez, desci da carroça, notando que Nicolau observava a minha atitude sem questionar. Bati à porta delicadamente, alegrando-me quando uma mulher de olhos escuros rasgados a atendeu. A boca fina entortou-se com a minha presença, e os cabelos pretos na altura dos ombros sacudiram-se com indiferença.

— Não sei se lembrará de mim, mas fui atacada aqui outro dia... Uma moça da taberna me ajudou — sorri de forma amistosa, pois precisava melhorar aquela recepção.
— Será que poderia falar com ela por um momento?

— É a moça do príncipe Franco, acertei? — ela proferiu sorrindo, para meu alívio.

— Desculpe... Eu não me apresentei — apertei a sua mão, notando que ela parecia estranhar a minha atitude. — Eu me chamo Liv.

— Eu me chamo Stefanini — ela anunciou, virando os calcanhares e pondo-se mais para dentro do local. — Deve estar procurando por Léa — o seu olhar voltou-se ao interior do salão, a moça esticava o pescoço buscando encontrar o que procurava. — Gostaria de entrar um instante?

— Eu poderia? — repliquei, com admiração pelo convite.

— Não temos nenhum cliente na taberna no momento, sendo assim não vejo problema nenhum se entrar — ela esticou o braço abrindo mais a porta. — Nicolau, não vai querer entrar também? — ela perguntou com intimidade.

— Preciso tomar conta da carroça — ele respondeu, apreensivo com a minha entrada naquele estabelecimento.

O casarão era espantosamente grande. Uma pequena escada de madeira levava ao andar de cima. As mesas compridas exibiam as canecas de argila utilizadas durante a noite anterior. Um balcão separava o salão do bar nada modesto repleto de garrações de vinho.

Eu não precisava ler os pensamentos daquelas mulheres para reconhecer que carregavam tristeza, solidão, desespero, traição e dor.

Léa chegou rapidamente ao salão. Reconheci de imediato aqueles olhos castanhos. Com agilidade, as suas mãos pequenas amarravam os cabelos encaracolados no alto da cabeça.

— Como tem passado, menina? — ela examinou num tom preocupado.

— Agora estou bem melhor — refutei estranhamente calma. — Estou aqui porque precisava lhe agradecer.

— Não foi nada — ela replicou sincera. — Sabe que não deveria estar aqui, não é mesmo? As senhoras distintas desta cidade não aprovariam. Não precisava ter vindo pessoalmente me agradecer, poderia ter mandando um recado — Léa persistiu com o comentário, ignorando a presença das outras mulheres. — Preocupa-me o fato do que as pessoas diriam se a vissem deixando a taberna.

— Ultimamente não tenho me importado muito com o que os outros pensam — retruquei ciente do que estava fazendo. — Eu precisava agradecer por ter procurado ajuda, e isso é o que realmente importa para mim.

— Agora entendo melhor o príncipe Franco — ela divagou inexpressiva.

— Por quê? — indaguei rapidamente.

— É fácil entender por que a escolheu, porque tem um coração muito nobre.

— O príncipe Franco vem muito aqui? — interpelei, tentando disfarçar o ciúme.

— Depois que a conheceu devo lhe confessar que ele anda meio sumido — ela disse, para minha satisfação. — E como anda o vilarejo?

— Tudo na mais perfeita ordem — relatei, encarando as coisas em volta.

— O príncipe sabe que está na cidade? — ela questionou, demonstrando que não estava aprovando o meu comportamento.

— Não — retorqui de imediato. — E, por favor, não comente que estive aqui. Depois do que aconteceu naquele dia, ele me fez prometer que não voltaria a passar por essa rua novamente — supliquei.

Depois de uma breve conversa, Léa me acompanhou até a porta. Ela acenou com familiaridade para Nicolau. Existia uma tristeza profunda habitando aquela mulher, um semblante moldado por traços de culpa. Desejei que ela fosse muito feliz e que obtivesse o perdão que seu espírito tanto esperava.

Nicolau encarava em silêncio algumas nuvens que se exibiam vagarosas. Talvez estivesse preocupado em ter me levado à taberna. O rapaz reconhecia que, se Felipe descobrisse, não aprovaria a atitude de compactuar comigo.

Percebi que estávamos próximos ao comércio por causa da intensa movimentação. Meus olhos se abriram com intensidade quando visualizaram a variedade de coisas existentes naquele lugar.

Passamos por um grupo de soldados que, a julgar pelas fisionomias apreensivas, não viram com bons olhos o meu passeio pela cidade. Um dos guardas montou em seu cavalo, subindo velozmente em direção ao castelo. Concluí que certamente avisaria sobre a minha presença na cidade.

As ruas estreitas, tomadas por várias tendas, tornavam complicado o movimentar da carroça. Nicolau solicitou que esperasse em frente à tenda que vendia tecidos, enquanto procuraria um bom lugar para deixar a carroça.

O encantamento provocado pela beleza dos tecidos não me permitiu perceber que alguém se aproximava. Ele pegou

um tecido azul com amabilidade, passando pelo meu rosto disperso.

— Esse aqui combina com seus olhos — ele sussurrou, colocando-se atrás de mim.

— Acha mesmo? — resmunguei. — Também combinaria com os seus — disse, pondo-me à sua frente.

— Por acaso estaria pensando em mandar fazer um vestido? — Estêvão indagou, passando as pontas dos dedos pelo tecido.

— Sim — confirmei secamente.

— Um vestido de casamento? — ele ironizou, lançando o olhar que não aprovava.

— Não acredito que isso lhe diga respeito — discorri grosseira.

— Liv... Causei-lhe irritação com minha pergunta? — ele explanou clinicamente.

— Questionou-me sobre o casamento com ironia; decerto que desaprovo o seu comportamento — sustentei com impaciência.

— Se assim lhe pareceu, peço-lhe desculpas — ele expôs, beijando a minha mão.

— Nicolau e eu viemos procurá-lo porque julgamos que seria melhor voltarmos juntos para casa — expliquei, caminhando em volta da tenda. — Se não se importar, é claro; mas se ainda tiver algo a fazer na cidade, não vejo nenhum problema em retornarmos sozinhos.

— E perder o prazer da sua adorável companhia? — Estêvão murmurou sorrindo. — Não tenho mais nada a fazer por aqui e mesmo que tivesse deixaria para outra ocasião.

Estêvão possuía um desembaraço inacreditável. Não suportava o jeito como me olhava. Era quase impossível não estremecer diante daqueles olhos brilhantes ou daquela voz arrastada.

Ele ignorava completamente a minha presença, cortejando sem nenhum recato todas as moças que passavam por nós. Não me surpreendia quando elas se desmanchavam em gracejos.

Observava ansiosa o passar do tempo, buscando desviar o olhar das condutas nada apropriadas do melhor amigo de Felipe.

— Onde será que Nicolau está? — emiti agitada.

— O garoto deve ter encontrado uma bela moça pelo caminho — ele considerou sorrindo, com provocação. — O que não será muito difícil, pois a cidade hoje está repleta de lindas mulheres.

— O cavalheiro que o diga! — citei, buscando me afastar dos seus olhos.

— Trocaria todas apenas pelo sorriso de uma — Estêvão pronunciou, aproximando-se de mim.

Enquanto me distraía com o som das últimas palavras, não percebi que estávamos sendo observados por alguém que não aprovava aquela desagradável proximidade. Subitamente fomos surpreendidos pelo ecoar de uma frase muito comum:

— Espero não estar interrompendo nada!

a flecha

— Andreas! — anunciei com alegria, procurando disfarçar o inconveniente. — Claro que não está interrompendo nada. Estêvão e eu estávamos apenas conversando um pouco sobre a beleza dos tecidos.

— Por um momento achei que conversavam sobre algo mais interessante — ele insinuou, segurando-me pelo braço com gentileza. — Caríssimo Estêvão, como tem passado?

— Estou muito bem, alteza — Estêvão replicou, fazendo uma reverência, enquanto alguns soldados nos observavam.

— Espero que possa continuar assim por um bom tempo — Andreas expressou com malícia.

— E por que não continuaria? — Estêvão indagou, enquanto eu experimentava a vontade de tapar-lhe a boca.

— Quando me aproximei dos dois, posso jurar que tive a nítida impressão de que cortejava Liv — Andreas persistiu, tornando o encontro desconfortável.

— Alteza... Penso que foi apenas impressão de sua parte — Estêvão disfarçou, notando o meu alívio. — Felipe, pela manhã, pediu que cuidasse de Liv pessoalmente no período em que ela estivesse na cidade.

— Acredito que meu irmão tem a capacidade de desempenhar bem a tarefa que lhe foi designada. — Andreas certificou, demonstrando não estar convencido. — Caso não tenha sido informado... O seu futuro rei rendeu-se

aos encantos dessa bela jovem e posso lhe garantir que Franco costuma perder o controle quando alguém se aproxima dela carregado de intenções duvidosas — Andreas advertiu com uma ênfase dispensável aquelas palavras. — Acho que deve ter ouvido falar sobre a surra que ele deu num bêbado outro dia.

— Andreas... — fiz uma pausa procurando respirar melhor. — Felipe pediu que Estêvão me acompanhasse no retorno à vila — defendi o rapaz sobressaltado, porque o tom daquela conversa me incomodava. — Nicolau foi guardar a carroça para procurarmos juntos por Estêvão, no entanto o cavalheiro acabou me encontrando antes que o rapaz retornasse.

— Não iria até o castelo? — Andreas perguntou, num tom de indignação.

— Desde que cheguei à cidade estava pensando em visitá-los no castelo, mas Nicolau está demorando tanto em seu retorno que receio que talvez fique muito tarde para voltarmos à vila.

Felizmente, terminei aquela frase antes que a minha voz desaparecesse por completo. O meu coração disparou quando enxergou que Franco caminhava junto a Nicolau em nossa direção.

Nunca o contemplei mais perfeito do que naquele momento em que a brisa leve soprou balançando os seus cabelos castanhos. Um sorriso estonteante se abriu, tornando mais perceptível a cicatriz que eu considerava um encanto.

— Andreas... Basta me afastar um pouco de Liv para que se aproveite da situação e insista em incomodá-la — Franco observou, beijando com carinho o topo da minha cabeça.

— Franco, talvez não acredite no que lhe direi, mas eu estava justamente tomando conta dela para você — Andreas pronunciou a frase lançando um súbito olhar em direção a Estêvão; o sinal não foi ignorado por Franco.

— Nicolau, por onde andou? — questionei indignada, buscando retirar a atenção da frase de Andreas.

— Acabei me distraíndo jogando cartas com alguns conhecidos no mercado — ele justificou, dando uma explicação inaceitável.

— Precisamos voltar à vila antes que escureça — Estêvão declarou, caminhando com pressa.

— Andreas... Preciso ir agora — murmurei com um sorriso acanhado. — Gostaria de lhe dizer que da próxima vez visitarei o castelo. Por favor, adoraria que mandasse lembranças a Norah.

— Darei o seu recado e aguardarei ansiosamente a sua visita em minha casa — Andreas proclamou jocoso. — Acho que ainda não conheceu todos os cômodos do palácio; ficaria imensamente feliz em lhe mostrá-los.

O rapaz beijou a minha mão demoradamente, gesto que determinou uma reação intempestiva por parte de Franco. Quase sem raciocinar, ele me retirou dos lábios impertinentes de Andreas. A gargalhada provocativa vinda da parte do irmão ecoou por todos os lugares.

— Acertaremos as nossas contas mais tarde — Franco percorreu ríspido, deixando Andreas para trás.

— Veio à cidade acompanhada por Estêvão? — Franco interrogou com certo agastamento enquanto nos afastávamos.

— Felipe achou que seria mais conveniente — respondi num tom baixo.

— O que veio fazer na cidade? — ele perguntou, provocando o meu embaraço.

— Vim porque precisava resolver uns problemas de Nicolau. Acabamos aproveitando o belo dia para dar um passeio pelo comércio — discorri, ocultando a visita à taberna.

— Quando quiser passear pela cidade, envie-me um recado que mandarei um soldado de minha confiança buscá-la — ele expôs, repousando a mão de forma involuntária sobre o meu rosto.

— Não acho que seja necessário. Agradeço a sua preocupação, mas sinceramente acredito que não preciso de escolta — asseverei, demonstrando que a ideia não me agradava.

— Eu ficaria mais tranquilo — ele insistiu, escorregando os dedos pela minha face fria de emoção.

— Chegamos à carroça! — apontei, mudando de assunto. — Franco... Precisa voltar daqui.

Estêvão encontrava-se em cima do seu cavalo e, para o meu estranhamento, continuava me observando persistente, desconsiderando totalmente a presença de Franco. Ele desviou o olhar quando percebeu o meu semblante de total desaprovação.

Franco fez um sinal a um dos soldados que o acompanhava. Ele solicitou com cordialidade que o rapaz lhe trouxesse um cavalo. O pedido foi atendido numa velocidade espantosa.

— Eu a levarei pessoalmente para casa — ele comunicou, segurando as rédeas do cavalo.

— Franco, não vejo nenhuma necessidade disso! — articulei franzindo o rosto. — Estou acompanhada por Estêvão e Nicolau — comentei, balançando a cabeça, aturdida com a sua decisão irracional. — Além do mais, logo escurecerá e não acho que seja preciso expor-se a um risco dessa magnitude.

— Faço questão de acompanhá-la — ele insistiu, diminuindo o tom de voz. — Não gosto do jeito como Estêvão olha para você. Compreendi muito bem o que Andreas quis me avisar nas estrelinhas agora há pouco. Prefiro que se mantenha o mais longe possível dele — ouvi o discurso transtornado de ciúme.

— Estou notando que não adiantará utilizar nenhum argumento porque não desistirá dessa ideia absurda — resmunguei, observando um sinal de concordância com o que acabara de dizer. — Não está pensando em seguir sozinho, não é mesmo?

— Estou sim — ele alegou com altivez. — Também não preciso de escolta.

— Franco, está sendo irresponsável e imaturo! — esbravejei. — Aceito a ideia de que precisa me acompanhar, mas não precisa dispensar a sua escolta.

— Acredite! — ele garantiu com ênfase. — Sei muito bem me defender dos meus inimigos.

Não concordava com a decisão de Franco de acompanhar-me sem segurança até o vilarejo, no entanto não tinha como impor a minha vontade diante da sua autoridade. Estava claro que o comportamento imprudente tratava-se apenas de pura exibição.

Estêvão ignorava silencioso os olhares incisivos de Franco e seguia num galope sereno à nossa frente. O meu príncipe inconsequente, por sua vez, cavalgava mais próximo da carroça, retribuindo todos os meus sorrisos.

Após um longo caminho percorrido de estrada, uma súbita falta de ar me atingiu intensamente. Experimentava um aperto devastador em meu tórax. Era como sentir a dor lancinante de uma flecha certa atravessando o peito.

Olhei por entre as árvores oscilantes, lutando para escapar daquela sensação angustiante de temor. Vislumbrei pontos luminosos que se movimentaram rapidamente diante da minha face assombrada. Como uma espécie de alerta, o som dos ventos sussurrou ao meu ouvido: *“Precisam voltar”*.

Por um momento ponderei que talvez fosse um delírio, mas logo em seguida um dos pontos luminosos fixou-se num brilho tão intenso que os meus olhos se fecharam rapidamente. Notei que nenhum dos rapazes enxergava o evento que se manifestava à minha frente. A figura de minha mãe mostrou-se de uma maneira surpreendente. O seu rosto se mostrava em todos os detalhes, mas o restante do corpo pairava numa cortina de ventos turbulentos.

— Existe perigo iminente logo à frente — Híndria alertou mentalmente, perdendo a calma peculiar.

— Que tipo de perigo? — interpelei aflita, sentindo o vento balançar a barra do meu vestido.

— Algo de muito ruim acontecerá — a sua voz tremulava. — Convença os seus amigos a voltarem imediatamente para a cidade.

Minha mãe desapareceu velozmente, assim como todos os pontos luminosos que a acompanhavam.

— Parem! — gritei, encarando os olhares assustados.

— O que está acontecendo, Liv? — Franco considerou num tom preocupado, enquanto Estêvão fazia a volta com o cavalo, aproximando-se de nós.

— Nós não podemos prosseguir — informei com nervosismo. — Temos que voltar para a cidade.

— Liv... Por que precisamos voltar à cidade? — Franco articulava carinhosamente.

— Estou com um mau pressentimento — murmurei colérica, observando em pânico o movimento de cada elemento que compunha aquele lugar.

— Liv... Não podemos voltar para a cidade — Franco pronunciou plácido. — Seu pai e seu irmão ficariam muito preocupados.

— O príncipe Franco tem razão — Estêvão concordou.

— Não deve ser nada além de cansaço — Franco sugeriu, discordando totalmente dos meus sentidos. — Assim que chegarmos em sua casa perceberá que se trata apenas da exaustão provocada pelo dia intenso — Franco tentava inutilmente me acalmar.

— Não retornará sozinho à cidade hoje — expus com nervosismo. — Repousará em minha casa.

— Decidiremos isso quando chegarmos ao vilarejo — Franco comentou com tranquilidade.

Totalmente contra a minha vontade, continuamos o caminho que nos levaria até a vila. A minha alma se encontrava no mais completo desassossego a cada trepidar da carroça pelo solo. Qualquer barulho tornava-se motivo suficiente para determinar a minha agitação descontrolada.

Considereei que a minha mãe não teria se dado ao trabalho de me fazer o alerta se realmente algo de ruim não estivesse prestes a acontecer.

Nicolau definitivamente era o único a acreditar em tudo o que eu havia dito. Observava a angústia em cada gesto impreciso do garoto.

Todo o meu corpo exalava uma imensa tensão. O semblante tranquilo de Franco me causava certo incômodo. A distração, algumas vezes, pode nos levar a uma situação que tenha uma consequência fatal.

Por um momento pensei em revelar que a agonia havia sido provocada por uma advertência dada pela minha mãe, mas temia a sua reação diante do fato. Temia que ele julgasse que aquilo era fruto de bruxaria ou algo parecido.

— Disse mais cedo que foi até a cidade resolver problemas de Nicolau... O que o garoto aprontou dessa vez? — Franco interrogou sorrindo.

— Eu não fiz nada de errado! — o menino respondeu indignado. — As pessoas costumam ser tão injustas... Basta

que se faça algo fora dos padrões uma única vez e você passa a ser julgado pelo resto de sua vida.

— É necessário apenas um pequeno ato ruim para comprometer a reputação de um grande homem — Franco proferiu, provocando Nicolau.

— Precisava esclarecer algumas dúvidas quanto ao caráter de Nicolau com uma moça da cidade — explanei, encarando Franco.

— Parece que Nicolau não tem muito jeito com as mulheres — Estêvão aludiu, colocando-se no lado oposto ao que Franco se encontrava.

— Foi apenas um mal-entendido — Nicolau defendia-se das acusações que considerava impróprias.

— Com o propósito de reparar o tal mal-entendido foi necessária uma longa conversa e a promessa de uma aproximação com a princesa Norah — narrei, buscando por uma calma inexistente.

— Pelo menos foi possível fazer uma reparação — Estêvão indicou, desviando o olhar para a alameda de árvores à nossa frente. — Eu não sei como Rose teve a capacidade de perdoar um cavalheiro que lhe ofereceu um buquê de capim.

— Um buquê de capim? — Franco constatou, surpreendido. — Nicolau, precisa tratar melhor as suas conquistas! — um sorriso brotou dos seus lábios. — Nunca lhe disseram que as mulheres adoram flores e não capim? Se persistir com esse comportamento equivocado acabará sozinho.

— Eu não ofereci um buquê de capim... A culpa foi do cavalo; o pobrezinho estava faminto e acabou comendo as flores — Nicolau explicava-se inutilmente. — Estava com as melhores intenções e...

Numa fração de segundos, uma flecha com velocidade inexplicável rompeu o ar, cessando a sua força irrefreável apenas quando encontrou o corpo de Franco totalmente desprotegido e vulnerável. Franco tombou ao chão violentamente perante o meu esperado desespero.

Estêvão desceu do cavalo numa corrida alucinada atrás do executor da maldade. O rapaz adentrou célere pelos arbustos no mesmo momento em que me colocava de joelhos ao lado de Franco.

A maldita flecha havia atingido precisamente o ombro esquerdo de Franco, que agonizava coberto pelo suor. O sangue vibrante vertia quase incontrollável. Desnorteada, depositava a minha mão pálida na tentativa de estancá-lo.

O medo de perdê-lo sucumbiu pelas fibras dos meus músculos. As lágrimas rolavam pelo rosto de uma maneira devastadora. A minha visão embaçada observava Nicolau gritar por ajuda incansavelmente. Permaneci totalmente entorpecida, experimentando uma sensação de formigamento apoderar-se de mim.

As árvores inexplicavelmente imóveis, a terra espantosamente fria, os animais admiravelmente silenciosos, um céu assustadoramente negro.

— Franco... Por favor... Fale comigo — suplicava, num choro convulsivo.

— Fique comigo... — ele sibilava apertando a minha mão, como se alguma coisa o corroesse por dentro.

— Nicolau, o que faremos? — questionei aflita, me sentindo impotente.

— Sinceramente eu não imagino o que faremos para salvá-lo — Nicolau murmurou com apreensão. — Veja... Estêvão está voltando.

— Eu não consegui alcançar o maldito que fez isso com o príncipe — Estêvão informou ofegante. — Contudo tenho certeza absoluta de que parecia um dos midrões.

— Como pode ter tanta certeza? — Nicolau indagou, observando Franco amortecido pelo sofrimento.

— A pele do miserável estava totalmente coberta pela pintura característica da tribo. Sem falar que tenho convicção de que já vi aquele rosto antes — ele inteirou, recuperando o fôlego e curvando-se ao lado do corpo quase imóvel de Franco. — Precisamos fazer alguma coisa bem rápido; ele está perdendo muito sangue.

— A cabana de Sara fica bem próxima daqui — anunciei, desejando que aquela fosse uma boa saída. — Imagino que ela possa encontrar um meio de ajudá-lo.

— Isso mesmo! — Estêvão atestou com entusiasmo, aprovando a solução para aquela perturbação que me destruía. — Nicolau, ajude-me a carregá-lo.

Os dois rapazes carregaram Franco, colocando o seu corpo com cautela nos fundos da carroça. Subi ligeiramente, acomodando a sua cabeça sobre o meu colo. O azul anil da camisa havia desaparecido quase por completo. Destacava-

se o tom vermelho do seu sangue entranhando na trama do tecido sedoso.

Os meus ouvidos eram torturados pela ineficácia das minhas mãos diante da sua dor. Desejei que aquela flecha tivesse atingido a mim. Era penoso presenciar os seus músculos contorcendo-se de agonia.

Notava em seu semblante torturado que perdurava algo muito maior do que aquele ferimento e da perda considerável de sangue. Existia algo que possivelmente dilacerava cada centímetro de suas veias.

Estêvão, visivelmente atormentado, seguia em seu cavalo, arrastando o animal de Franco pelas rédeas. Nicolau chorava incontrolavelmente durante aquele sacudir instável da carroça. O garoto lembrava insistentemente da morte de seus pais.

— Franco... Se estiver ouvindo, por favor, aperte minha mão — implorei, sentindo os seus dedos apertarem os meus, enquanto os seus olhos permaneciam semicerrados. — Meu amor, não me deixe, fique comigo. A sua existência faz parte de todos os meus sonhos; não me abandone.

O manto da noite espalhou-se pelo céu brilhante, mas a penumbra em minha alma me impedia de enxergar as estrelas. A ausência da sua voz arrebatava em vazio o meu coração. As gotas do seu sangue vivo penetravam na minha pele, queimando como se fosse fogo, e o meu ouvido repousado sobre o seu peito tornava possível escutar o repercutir da batida que ainda me mantinha viva.

Assim que a casa de Sara despontou por entre as árvores, coloquei a cabeça de Franco apoiada sobre um

saco de feno. Saltei da carroça sem fazer qualquer avaliação com relação à altura. Disparei com inquietação até encontrar a porta de madeira.

— Sara! Sara! — bradei, espancando a porta e sentindo os ossos do meu punho crepitarem.

Eu podia ouvi-la responder pacientemente do lado de dentro, mas continuava a bater como se o gesto pudesse resolver um pouco da minha agonia. Sara abriu a porta assustando-se ao testemunhar o meu lamento manifestado por olhos inchados e uma face encharcada. Um discurso desconexo começou a se verter por meio da minha voz trepidante. A atenção dela desviou-se quando, após alguns minutos, ela recebeu totalmente em choque o corpo de Franco carregado por Estêvão e Nicolau.

Havia tanta escuridão naquela estrada. Havia tanta escuridão em mim.

— Coloquem-no aqui — ela solicitou, apontando o quarto onde havia uma cama estreita.

— Sara, por favor, salve-o! — eu rogava com insistência, enquanto Sara levava as mãos à cabeça.

— Contem-me tudo o que aconteceu naquela estrada — ela impeliu, procurando manter a calma. — Não esqueçam nenhum detalhe. Tudo será valioso para que eu possa encontrar uma forma de salvar a vida dele.

— Nós estávamos voltando para a vila e de repente vimos apenas o corpo dele ser atingido por uma flecha — Estêvão falou de forma breve. — Eu corri atrás do malfeitor, mas não consegui alcançá-lo, porém tenho certeza de que era um midrão — Estêvão deu ênfase, como se aquele fosse

o detalhe mais importante. — Foi um midrão que lançou aquela flecha contra o príncipe Franco.

— Se o rapaz tem tanta certeza de que foi um midrão, existe a possibilidade de a flecha estar envenenada — ela mostrou-se receosa. — É um costume muito antigo daquela tribo e, se levarmos em consideração alguns sinais apresentados, está bastante claro que o veneno o está matando muito mais do que o próprio ferimento.

— Sara, pode curá-lo? — instiguei, tomada pela dor ao segurar suas mãos.

— Prometo que farei o possível. O príncipe não pode morrer, pois ainda é muito jovem. Nós precisamos da sua força e coragem, se quisermos vencer a batalha pelo medalhão — Sara olhou em direção à cintura de Estêvão. — Essa adaga está amolada? — ela perguntou com firmeza.

— Sim — ele respondeu, retirando-a da cintura.

— Leve-a até a cozinha — Sara requereu, sob o olhar atencioso de Estêvão. — Coloque-a no fogo e deixe esquentar por um bom tempo. Traga-a para mim depois, mas não toque na lâmina.

— Está bem — Estêvão saiu rapidamente.

— Menino... Pegue a água que está fervendo na cozinha — Nicolau saiu correndo em direção à cozinha. — Preciso primeiro retirar a flecha, depois darei a cura para o veneno.

— Sara... Eu preciso dele... Eu preciso... — clamei, sem qualquer traço de vergonha pela minha dependência.

— Eu sei, minha querida — ela sorriu confiante. — Confie em mim... Eu jogarei fora o meu medalhão mágico se não

conseguir salvá-lo — Sara caminhou até uma gaveta, retirando pedaços de um tecido alvo como algodão.

Nicolau voltou ao quarto trazendo uma pequena bacia de metal com água quente. Sara mandou que o garoto a colocasse em cima de uma mesa forrada por um tecido limpo. Cuidadosamente, ela lavou cada pedaço das mãos naquela água aquecida. Em seguida, ordenou que Nicolau trouxesse mais água limpa.

Depois de um tempo breve, Estêvão e Nicolau entraram no quarto quase ao mesmo tempo, um carregando a adaga e o outro trazendo mais água. Sara pediu apressada que Estêvão rasgasse a manga da camisa tingida pelo vermelho do sangue. Depois, segurou a adaga com destreza, fazendo um gesto para que eu me aproximasse de Franco.

— Diga ao príncipe o quanto o ama; receio que ele vai precisar ouvir isso! — Sara recomendou, levando a adaga até o local em que a flecha se acomodava.

Os meus olhos se estreitaram, compartilhando daquela dor imensurável que Franco experimentaria.

— Franco... Eu te amo — sussurrei, segurando a mão dele com firmeza. — Eu sempre lhe amarei... Eu sei que sobreviverá a tudo isso...

Sara aproveitou o discorrer das minhas palavras, enfiando a adaga sem nenhuma hesitação na ferida. Ouviu-se o grito de agonia ressoar pelas paredes do pequeno quarto. Passei os dedos com delicadeza em sua testa molhada pelo suor, testemunhando o retirar da flecha com rapidez.

As forças dos braços de Estêvão foram utilizadas para pressionar as compressas de tecido em cima do ferimento. Com a ajuda de Nicolau e uma agilidade incontestável, Sara amarrrou um pedaço do tecido em volta da ferida.

— Agora vou preparar uma infusão com ervas para neutralizar o efeito nocivo do veneno — ela deixou o quarto, aproximando o nariz da flecha como se precisasse reconhecer a toxina — Depois que o príncipe tomar todo o antídoto, costurarei o corte — Sara pronunciou aquelas palavras alcançando o curto corredor.

— Nicolau... Precisa avisar meu pai sobre tudo o que aconteceu na estrada — Nicolau balançou a cabeça positivamente. — Diga que ficarei com Franco e retornarei para casa assim que ele melhorar.

Nicolau deixou o quarto apressado em direção ao vilarejo.

— Estêvão, preciso que volte à cidade para avisar a família de Franco — expressei o pedido com ansiedade. — Diga que pelo menos esta noite Franco precisará repousar aqui. Conte que a situação está sob controle e peça que alguns soldados sejam enviados para garantir a sua segurança.

— Eu voltarei à cidade agora mesmo — Estêvão garantiu ainda atormentado com o incidente.

Toquei a testa de Franco e notei que seu corpo assumia um estado febril. Provavelmente, aquela devia ser uma das reações do maldito veneno. Durante um breve momento de delírio, ele repetiu palavras que eu não podia compreender, um diálogo totalmente sem sentido para mim.

— Franco... Olhe para mim! Não pode me deixar! — ordenei.

— Meu pai... Meu pai... — senti o medo cortar minha alma, sabia que o seu pai estava morto. — Não sei se posso ir! Onde... Onde... Ele está?

— Sara! Rápido, por favor! — berrei.

Franco prosseguia com expressões que eu não era capaz de decifrar. Os olhos semicerrados finalmente me encararam.

— Não... Quero partir... Sem conhecer... O sabor do seu beijo — ele balbuciava devagar, esboçando uma lucidez temporária.

Franco iniciava, por meio daquelas palavras, uma espécie de despedida dolorosa. Talvez aquele beijo fosse a sua única motivação para iniciar novamente uma luta totalmente desgastante pela vida.

Aproximei com amabilidade dos seus lábios trêmulos. A boca macia repousou sobre a minha, como se aquele fosse o único antídoto de que realmente precisava. Numa atitude inesperada, Franco segurou firme o meu pescoço, como se não quisesse me abandonar. Munido do último traço de força, ele aproximou o tórax cansado contra o meu peito atormentado. Teria permanecido naquela cadência perfeita se não tivesse percebido que a sua respiração havia diminuído bruscamente. A palma da minha mão infelizmente experimentou o seu coração bater cada vez mais fraco.

Ouvi os passos apressados de Sara açoitando o assoalho.

— Faça-o beber tudo — ela pronunciou segura, entrando no quarto.

— Meu amor... Precisa beber isso — enunciei com calma.

Com uma força que nem imaginava que possuía, levantei seu tronco, desejando que ele bebesse todo o líquido existente na caneca. O fluido verde desceu por entre seus lábios vacilantes, escorrendo pelos meus dedos, que seguravam firme a caneca.

Após presenciar Franco beber todo o conteúdo feito por Sara, conheci a sensação de ter o meu espírito inundado por sentimentos intensos. Em minha mente repercutia o medo, a dor, o amor, a tristeza, a esperança, todos tão intensamente difundidos em doses milimetricamente regulares.

Clamei pela ajuda de minha mãe, implorando aos ventos que tentassem convencer a Força Divina de que ainda não era o momento de Franco partir. Solicitei que ela utilizasse como justificativa a necessidade que eu sentia de prosseguir com aquele amor tão irrevogavelmente real que irrompia dentro de mim.

A cada instante em que escutava o som da sua respiração imperfeita, celebrava mais um instante que ele passava comigo. A melhora do seu estado começou a ser notada quando os delírios cessaram e a febre diminuiu, fazendo desaparecer todo o suor que outrora a sua pele expelia.

Com uma serenidade reconfortante, Franco começou a adormecer, aquietando o meu peito apreensivo. Sara fez um

gesto para que saíssemos do quarto. Totalmente contra a minha vontade, resolvi deixá-lo.

A tranquilidade agora se espalhava pelos meus pensamentos, fazendo com que a lembrança daquele beijo voltasse à minha memória.

— Minha querida, está mais calma agora? — Sara falou maternal.

— Agora posso dizer que estou respirando aliviada — murmurei, apoiando-me numa cadeira de balanço. — Considero que esses foram os piores momentos da minha vida.

— Eu imagino! Eu imagino! — ela repetiu, mostrando um sorriso.

— Tive tanto medo de perdê-lo — declarei chorosa.

— Nem de longe parecia a menina calma e curiosa que eu havia conhecido — Sara fez questão de elucidar o meu desespero. — O seu olhar reluzente havia desaparecido totalmente, em lugar dele existia apenas escuridão.

— O mais trágico é que fui avisada de que algo de nefasto aconteceria conosco — revelei sentando-me na cadeira em que me apoiava. — A minha mãe fez questão de nos alertar de que algo ruim nos esperava à espreita na estrada — suspirei. — Houve momentos em que achei que tudo se dissiparia. Achei que tudo acabaria antes mesmo de começar.

— Você é o destino dele — Sara afirmou reflexamente.

— Tenho que lhe confessar uma coisa — fiz uma pausa. — Eu o beijei.

— O que sentiu quando o beijou? — ela indagou curiosa.

— Eu me senti totalmente preenchida de amor — respondi subitamente. — Era como se todo esse tempo estivesse faltando uma parte de mim, porém quando o beijei... Era como se tivesse finalmente me encontrado — Sara sorria dos meus devaneios. — Foi especial! Foi pleno! Deliciosamente mágico! — discorri em completo enleio.

Sara bateu leves palmas em presença da minha empolgação.

— Não quer comer alguma coisa? — ela inquiriu com preocupação.

— Quero apenas um pouco de leite — repliquei, passando a mão no cabelo com agitação.

— Precisa alimentar-se melhor, está muito magrinha. Se continuar desse jeito acabará adoecendo. Como lutará ao lado do seu amor contra as forças sombrias? — Sara reclamou coberta de razão. — Depois que fizer um lanche, arrumarei um lugar para que possa descansar.

— Eu gostaria de passar a noite ao lado de Franco — contestei com convicção.

— Naquela cama pequena? — Sara interpelou com espanto. — Não descansará nada se passar a noite ali.

— Ainda assim, prefiro repousar naquele quarto. Não tenho a intenção de deixá-lo passar a noite sozinho, nem por um momento — justifiquei, levando a mão ao peito.

— Com toda certeza ele nem notará a sua presença porque ainda estará sob o efeito das ervas.

— Sei que não conseguirei dormir direito se estiver longe dele — persisti, antes de trocar o assunto. — Sara, nem imagino como lhe agradecer por tudo o que fez — articulei,

erguendo as mãos até a face com alívio. — Eu lhe serei grata pelo resto da minha vida.

— Que bom que o universo permitiu que nós pudéssemos ajudá-lo — Sara proferiu com uma voz cansada. — Se o príncipe Franco estivesse sozinho durante o ataque dificilmente sobreviveria.

— Preocupa-me reconhecer que Franco não perdoará o que fizeram — pronunciei com temor. — Com toda certeza ele partirá atrás dos midrões com o propósito de aplicar uma punição pelo ataque.

— Deverá aconselhá-lo a fazer exatamente o contrário — Sara percorreu calmamente, seguindo até a cozinha.

Escutei os seus passos firmes retornando à sala, segurando firme uma jarra de leite nas mãos.

— Tenho receio de que não conseguirei convencê-lo — mencionei descrente, sentindo a saliva umedecer a minha boca.

— Os midrões são uma tribo muito selvagem — Sara relatou, colocando um pouco de leite num copo. — Aqueles homens não seguem as mesmas leis da cidade.

— Farei o possível para convencer Franco a não tomar nenhuma atitude drástica, mas intimamente sei que, assim que ele se recuperar, com toda certeza procurará o malfeitor. Afinal de contas, Franco quase perdeu a vida nesse ataque. Precisamos lembrar que agressões como essa têm se tornado cada vez mais constantes, portanto precisam acontecer punições mais severas — aludi indistintamente, recebendo o copo de suas mãos.

— Há pouco tempo foi firmado um acordo de paz entre os midrões e a realeza — ela coçou a testa com preocupação. — Seria péssimo se nos tornássemos inimigos declarados desse povo novamente — Sara advertia, comendo um pedaço de pão que enfeitava a travessa da pequena mesa da sala. — Acho que está compreendendo o que estou querendo dizer com isso, não é mesmo? — confirmei com um longo suspiro.

Sara referia-se ao fato de que não seria conveniente ter a tribo dos midrões como nossos oponentes quando a batalha pelo medalhão começasse. Ponderaria com Franco a possibilidade de evitar um confronto, mas ainda não sabia se conseguiria fazê-lo desistir de aplicar uma punição severa ao homem que fora responsável por todo aquele desgaste.

— Fiquei imaginando, durante os momentos de agonia, que se a festa de Celebração da Chegada das Summerwitchs já tivesse acontecido pelo menos teria em minhas mãos a tal poção, o que minimizaria bastante o transtorno.

— Está falando do Ad Salutem? — ela questionou encarando-me, enquanto levantava o copo em direção aos lábios.

— Isso mesmo — ratifiquei. — Ad Salutem! — exclamei, bebendo um pouco de leite.

— Estou preparando a poção há bastante tempo. Irei ofertá-la como prêmio de uma disputa durante a noite da festa — Sara revelou com veemência no momento que experimentava o líquido morno e sedoso descendo pela

minha garganta. — Um presente muito valioso... Talvez o maior presente que já tenha sido dado numa festa de Celebração da Chegada.

— Ficaria mais segura com algo tão poderoso — anunciei, notando que os olhos de Sara ainda repousavam em mim. — Sei que a vida de Franco corre perigo a todo momento. Com o Ad Salutem em minhas mãos teria a certeza de que poderia, de alguma forma, salvá-lo de um destino trágico.

— Espero que a sorte esteja ao seu lado durante os festejos — Sara murmurou com carinho.

Entrei no quarto na ponta dos pés. Celebrei quando percebi que ele sustentava uma expressão serena. Retirei o que sobrou da sua camisa rasgada com cautela. A lassidão em seu repousar era tão evidente que Franco não esboçou nenhum movimento.

Toquei com delicadeza a sua pele de seda. Os meus dedos passeavam pelo desenho esplendoroso dos músculos que pertenciam àquele corpo magnificamente forte.

Pacientemente, limpei cada vestígio do sangue que escorrera sobre o seu peito. Encantei-me diante do traçado perfeito das linhas do seu tórax. Após todo aquele ritual fabuloso de limpeza, decidi que realmente precisava descansar.

A cama estreita permitia que eu experimentasse o calor do seu corpo. Admirei em deslumbre o seu sono tranquilo e, mesmo Franco exibindo tamanha fragilidade, não existia um lugar no mundo onde me sentisse mais segura do que ao seu lado.

A minha alma estava em festa, mas o cansaço em meu corpo impedia que esboçasse qualquer traço de celebração. Finalmente, deixei-me ser vencida e adormeci.

a visita

Para minha surpresa, consegui dormir a noite inteira. Isso poderia ser facilmente explicado por toda energia desgastada durante a noite anterior, enquanto lutávamos com o desígnio de salvar a vida de Franco.

A fadiga descomunal impediu que eu percebesse o desconforto de ocupar aquela cama realmente muito pequena para nós dois. Estiquei o corpo preguiçosamente, tarefa que se mostrou praticamente impossível de se realizar por causa da falta de espaço.

Franco dormia com sinais aparentes de tranquilidade, as pálpebras cerradas, a respiração calma, os lábios relaxados. Por um breve instante pareceu que nenhum mal havia se abatido sobre ele. Acaricieei o seu rosto com delicadeza; precisava evitar que ele acordasse muito cedo.

Levantei e segui na direção dos fundos da casa, aproximando-me do poço, de onde retirei um pouco de água. Lavei o rosto com ânimo, sentindo a frieza recobrir o meu semblante. Recostei-me à superfície abrasiva da parede, permitindo que os primeiros raios de sol atingissem a minha face.

Sara surgiu subitamente, encarando com discreta inveja o meu gesto. O calor do sol naquele horário aquecia de maneira aprazível os meus ossos. Notei que os seus olhos ainda estavam recobertos pelo inchaço. Certamente, ela

havia despertado por causa do barulho quando a porta enferrujada dos fundos foi aberta.

Dentro da cozinha estreita ela sorriu animadamente ao notar a agitação com que apanhei uma maçã. Comi a fruta ao mesmo tempo em que passos apressados guiavam-me novamente ao quarto. Precisava desempenhar a tarefa adorável de velar o sono de Franco.

Depois de algum tempo daquele delicioso deslumbramento, percebi que ele esboçava os primeiros movimentos. Os olhos confusos me fitaram antes de pronunciar as primeiras palavras.

— Liv? — ele sussurrou, com uma expressão intrigada.

— Bom dia! — o saudei com um sorriso. — Como está se sentindo? — ele fez menção de se levantar, mas o impedi rapidamente.

— Um pouco cansado... O que aconteceu? — Franco perguntou desnorteado.

— Não se recorda de nada? — indaguei admirada, sentando-me ao seu lado.

— Recordo-me de algumas coisas... — ele revelou, enquanto eu tentava decifrar a expressão do seu rosto; parecia algo que se dividia entre dor e alívio. — Lembro-me de ter sido atingido por alguma coisa quando estávamos na estrada... E depois não me recordo de mais nada.

— Não se lembra de nada mesmo? — insisti.

— Não! — ele murmurou enfático. — Estou sentindo uma dor muito forte aqui em meu ombro — Franco comentou, levando a mão ao local ferido. — O que aconteceu comigo? Por que estou sentindo tanta dor?

— Franco, você foi atingido por uma flecha envenenada quando seguíamos em direção ao vilarejo — anunciei, sem rodeios. — Tive muito medo de que não resistisse ao ataque.

— Flecha envenenada? Quem fez o ataque? — ele inquiriu ansioso.

— Estêvão acredita que pode ter sido um dos midrões — expliquei. — Ele até tentou alcançá-lo numa corrida alucinada por dentro da mata, mas o miserável conseguiu escapar.

— Posso lhe dizer que até imagino quem possa ter feito isso comigo... E se ele fez mesmo esse ataque acabou de quebrar o acordo de paz — ele afirmou, enrugando a testa, demonstrando claramente que mudaria de assunto. — Eu sonhei com meu pai ontem à noite. Em meu sonho ele parecia ansioso; repetiu diversas vezes que precisava revelar algo importante.

— Eu não sei se foi apenas um sonho ou talvez um delírio. Presenciei quando chamou por seu pai algumas vezes ontem — confirmei, arrumando as sobrancelhas dele. — Devo confessar que fiquei bastante assustada porque achei que estivesse morrendo e o seu pai estivesse vindo até aqui para buscá-lo.

— Liv... Às vezes você tem cada ideia! — ele enunciou sorrindo, fazendo as minhas pernas estremecerem. — Os meus pensamentos estão tão confusos que não estou conseguindo diferenciar o que foi sonho do que foi realidade — ele ficou pensativo por um tempo. — Minha mãe

certamente deve estar enlouquecida com o fato de eu não ter voltado para casa.

— Estêvão retornou à cidade com o propósito de avisá-la sobre o que tinha acontecido na estrada — relatei, notando Franco um pouco disperso. — Alguns soldados estão fazendo ronda pelas redondezas desde ontem à noite. Não precisa ficar preocupado com sua mãe, porque orientei Estêvão a dizer que as coisas estavam sob controle.

— A quem pertence essa casa? — ele interpelou, recuperando um pouco o entusiasmo.

— Pertence à mulher que ajudou a salvar sua vida — proferi, sintetizando a explicação enquanto o seu olhar se fixava em mim. — O nome dela é Sara. Nós tivemos muita sorte por tudo ter acontecido aqui por perto. Ela soube exatamente o que fazer para salvá-lo — comentei com vivacidade, fitando os seus olhos primorosos. — Sara retirou a flecha e lhe deu uma infusão, que combateu o efeito do veneno.

— Onde está essa senhora para que eu possa agradecê-la? — ele emitiu com ânimo.

— Terá muito tempo para isso — articulei, tentando mantê-lo tranquilo.

— Quer dizer que quase morri ontem? — ele questionou sorrindo.

— Como pode dizer isso sorrindo? — refutei com nervosismo. — Eu quase morri junto! Tive tanto medo de lhe perder... — segurei a mão dele com solidez.

— Estêvão não se aproveitou do meu tormento para levá-la embora? — Franco disse sem disfarçar o ciúme.

— Devo lhe dizer que Estêvão ajudou a socorrê-lo — assegurei, caminhando lentamente até a pequena janela do quarto.

— Então preciso que me lembre de agradecer a ele também — Franco concluiu contrariado, enquanto eu abria a janela.

— Parece que existem muitas coisas que precisarão ser lembradas — discorri, retornando ao seu lado e dando-lhe um beijo na face. — Por favor, permaneça descansando porque estou indo até a cozinha buscar o seu café da manhã.

Para o meu evidente desalento, Franco não se lembrava do beijo. No entanto, não poderia culpá-lo por isso, afinal de contas ele estava à beira da morte, sendo sucumbido por um veneno mortal. Como se lembraria que uma desvairada de paixão o havia beijado num momento tão crítico?

Entrei na cozinha observando a agilidade com que Sara acendia o fogão a lenha.

O estralar peculiar dos ovos na frigideira, o cheiro abrasador inebriando o ambiente e o movimento da colher expondo a aparência suculenta provocaram o ato irracional de enfiar as mãos dentro da panela. Assoprei a ponta dos dedos depois que experimentei a maciez se dissolver em minha boca.

— Cuidado... Pode acabar se queimando — ela advertiu, levando a frigideira até a mesa.

— Sara... Gostaria de servir algo para o desjejum de Franco — pronunciei relaxada, molhando os dedos numa tina com água.

— Pode pegar tudo o que quiser — ela abriu os braços, apontando as coisas. — Tem leite, pão, frutas, mel — seu pescoço inclinou em minha direção. — Gostaria que levasse um pouco dos ovos para ele também. O príncipe precisa alimentar-se muito bem por conta da sua recuperação.

— Franco também gostaria de lhe agradecer por tudo que fez — articulei, enxugando a mão e procurando arrumar a bandeja de madeira.

— Não fiz nada mais do que a minha obrigação — Sara retorquiu, colocando a mistura de nuances de branco neve e amarelo ouro sobre o prato de cerâmica. — Estou muito honrada por ter ajudado a salvar a vida do Escolhido.

Assim que terminei de arrumar a bandeja, Sara me acompanhou até o quarto. Franco a encarou com um semblante agradecido.

— Nem que eu viva mil anos... Terei como lhe agradecer tudo o que fez e que continua fazendo por mim — ele murmurou, estendendo a mão a Sara.

— Estou feliz por ter conseguido salvá-lo do ataque — Sara declarou, apertando a mão dele. — Confesso que em alguns momentos cheguei a achar que não seria possível, contudo não pude demonstrar as minhas dúvidas porque senão a mocinha aqui desabaria — ela comentou, apontando o polegar em minha direção. — Príncipe Franco, precisará ficar de repouso por um tempo — Sara aconselhou, esforçando-se em manter a autoridade. — Preciso que evite as cavalgadas; não poderá partir para longas viagens; terá que evitar também treinos exaustivos com espadas.

— Farei o possível — ele replicou, me observando com a bandeja.

— Fará o possível e o impossível — Sara ponderou séria.

— Eu prometo — ele disse, assentindo com a cabeça. — Assim como prometo que irei recompensá-la pelo que fez.

— Não quero recompensa nenhuma — Sara afirmou. — Prometa-me apenas que fará tudo que estiver ao seu alcance para fazer Liv feliz e já me darei por satisfeita.

Franco confirmou com um olhar sincero que tentaria cumprir o desejo de Sara.

— Vou deixá-los a sós — Sara pronunciou deixando o quarto.

Aproximei-me da cama, retirando qualquer traço de sentimento ruim de minha face.

— Não sei se suportarei ficar repousando no castelo — ele confessou, bebendo um pouco do leite. — Será que poderia se hospedar no castelo durante os dias que passarei em repouso?

— Acredito que meu pai não permitirá — respondi, enquanto ele enfiava uma garfada generosa de ovo em sua boca. — Certamente, Felipe dirá que não existe nenhuma necessidade para isso.

— Não suportarei ficar muito tempo longe de você — ele resmungou insatisfeito, limpando os lábios com guardanapo de linho bordado com linha violeta.

— Prometo que irei ao castelo visitá-lo sempre que puder — expus sincera. — Agora basta de tanta conversa! Precisarás alimentar-se muito bem se quiser acelerar a

recuperação — reclamei, presenciando aquele sorriso iluminar tudo ao seu redor.

Entregar o meu coração a Franco parecia algo escrito nas linhas do meu destino e isso se cumpriria tão certo como o sol que surgia resplandecendo a manhã ou como a lua que abrilhantava a escuridão da noite.

Quando ele terminou de comer o último pedaço de queijo, escutamos o bater insistente à porta de entrada da cabana. Levantei imediatamente porque precisava descobrir quem havia chegado com tanta pressa.

Ao entrar na sala, deparei-me com a rainha Sophia sustentando uma fisionomia totalmente perturbada. O acontecimento da noite anterior, explicado sem a riqueza de detalhes, certamente seria o motivo da agonia que extravasava dos seus olhos esverdeados.

— Rainha Sophia, como tem passado? — perguntei, buscando iniciar uma conversa amena.

— Confesso que desde ontem não tenho passado bem; estou intensamente preocupada por conta da tragédia que se abateu sobre o meu filho — ela repontou, fitando-me com certa autoridade.

— Franco está fora de perigo agora! — discorri breve.

— Será? — ela pronunciou irritada. — Será que posso acreditar que meu filho está mesmo fora de perigo?

— Majestade... Estou lhe assegurando que Franco está bem — reafirmei. — Se desejar, poderá vê-lo agora mesmo.

— Claro que desejo vê-lo, mas antes preciso dizer que não fiquei nada satisfeita com os últimos acontecimentos — o seu semblante faiscava de ódio. — Se o meu filho não

tivesse tido a infeliz ideia de acompanhá-la, com toda certeza essa tragédia nunca teria acontecido — a voz dela assumia um tom que me desagradava.

— Eu não pedi ao seu filho que me acompanhasse, majestade — retruquei ressentida.

— Não me opus a esse romance desde o início porque achei que você seria apenas uma diversão, mas, pelo que vejo, precisarei tomar uma atitude radical — os nossos olhares se cruzaram e não pude deixar de notar a raiva existente por trás da fisionomia sisuda. — Franco possui muitas responsabilidades para com o povo. Saiba que farei questão de lembrá-lo todos os dias das suas obrigações e do desejo veemente de seu pai — a voz soava ríspida. — O meu filho não colocará uma plebeia acima de tudo que sonhamos para o seu futuro brilhante.

— Acredito que a senhora está sendo injusta comigo — mostrei-me ofendida, enquanto Sara assistia em choque à atitude da rainha.

— E a senhorita está sendo injusta com o futuro desse povo — a rainha replicou furiosa. — Franco nasceu para ser rei de Lanóvia. O meu filho sempre foi um homem sensato. Tenho convicção de que intimamente ele reconhece que ficar ao seu lado não será a melhor escolha a fazer.

— Não levarei em consideração o que está me dizendo, pois sei que a senhora está fragilizada por tudo que ocorreu com o seu filho — discurssei, ignorando aquelas palavras enquanto continha as lágrimas que sobressaíam dos meus olhos.

— Como gostaria que estivesse? — ela retorceu o nariz. — Certamente, em sua opinião, deveria estar dando pulos de alegria depois de um acontecimento tão trágico — o sarcasmo apareceu impiedoso dos seus lábios. — Por sua causa o meu filho poderia ter morrido naquela estrada, por sua causa o povo de Lanóvia perderia um grande rei — ela bradou convicta, revirando os lábios. — Em meu íntimo carrego a certeza de que o futuro do meu filho será a coroa deste reino.

— Essa decisão caberá somente a ele — contestei. — Estarei inteiramente de acordo com o caminho que Franco escolher.

— Mesmo que esse caminho não a inclua? — ela propagou incrédula.

— Tenha certeza que sim — reafirmei. — O amor que sinto pelo seu filho é grande demais, para que tenha rompantes de egoísmo. Se o desejo de Franco for realmente ser o rei desse povo, não farei qualquer tipo de oposição.

— Espero sinceramente que não utilize a sua influência sobre o meu filho, pois não quero que entusiasme Franco a tomar a decisão errada — ela discorreu ameaçadora.

— Majestade... — respirei profundamente. — Espero que saiba que desejo que Franco faça o que for melhor para ele... Esse é meu único desejo.

A rainha produziu alguns passos, colocando-se junto a mim numa postura arrogante.

— Pode partilhar da vida de Franco de outra forma, mas nunca como sua esposa — ela movimentou o imenso anel

em seu dedo. — Qual mulher do povo não se sentiria honrada em tornar-se a amante do rei?

— Eu não me tornarei amante de Franco! — manifestei, abrindo os lábios perante a perplexidade da proposta. — Essa é uma condição que não me satisfaz.

— Essa condição seria satisfatória para muitas mulheres da sua classe — ela defendia a sua proposta com empenho. — A posição lhe renderia joias, uma habitação adequada, trajes luxuosos, muitos criados... Desse modo, Franco se casaria com uma mulher que estivesse à sua altura e teria herdeiros legítimos para serem seus sucessores.

— O que mais uma moça como eu poderia desejar, não é mesmo? — escarneci. — A única coisa na qual tenho um interesse incondicional, a única coisa que me completa, a única coisa pela qual abro os meus olhos todos os dias e que realmente tem uma importância fundamental em minha vida... É o amor de seu filho.

— Mas isso já lhe pertence! — Franco proclamou, entrando na sala aparentemente em estado de torpor.

Sara caminhou velozmente e, com gentileza, colocou uma cadeira ao lado de Franco, ajudando-o a sentar-se em seguida.

— Meu filho amado! — a rainha disse, beijando-lhe a cabeça. — Tive tanto medo que algo ruim lhe acontecesse.

— Eu estou bem, como a senhora mesma pode ver — Franco discorreu com frieza.

— Há quanto tempo estava aí, meu querido? — ela perguntou desconcertada.

— Há tempo suficiente para vê-la ofender a mulher que amo — ele declarou, notando a rainha afastar-se um pouco.

— A sua mãe não me ofendeu — aclarei, abrandando a situação mesmo insatisfeita com o comportamento da rainha.

— Minha mãe, por favor, entenda de uma vez por todas que a minha vontade prevalecerá — Franco elucidou, fingindo não ter escutado o que eu havia dito. — Eu sei de todas as minhas obrigações; a senhora não precisará lembrar-me delas todos os dias.

— Estava apenas tentando sugerir uma solução ao impasse — a rainha proferiu com insatisfação, apontando em nossa direção.

— Nesse momento não estou aberto a sugestões — Franco rebateu com evidente inquietação. — Venho considerando todas as formas de resolvermos a questão; tenho pensado todos os dias numa maneira de encontrar a melhor solução para todos — ele apertou os lábios antes de continuar. — Eu não quero abandonar o meu povo, mas também não quero perder Liv. Porque, se isso acontecer, a felicidade que me encontrou no dia em que a conheci deixará de existir.

Franco murmurava, estabelecendo um abismo na minha convivência com a rainha. A minha simples existência havia se tornado um motivo de preocupação, pois afundava todas as certezas com relação ao futuro reinado.

— Espero profundamente que não insista com esse assunto, porque, caso não tenha percebido, a possibilidade de separar-me de Liv tem sido o motivo de toda a minha

agonia — a voz de Franco suavizou-se. — Sei como ama todos os seus filhos, sempre nos protegeu de todos os males, nos apoiou quando precisamos, mas a minha situação com Liv pretendo resolver sozinho — ele suspirou. — Não quero encontrar culpados se fizer a escolha a errada.

— Eu prometo que não tocarei mais no assunto — a rainha assegurou aborrecida. — Será que poderíamos voltar para casa agora?

— Claro que sim — Sara enunciou, desejando acabar com aquele desconforto. — Cuide bem do ferimento para que cicatrize rapidamente.

— Sara... Eu lhe agradeço novamente pelo que fez por mim — ele reconheceu, esticando os dedos em minha direção. — Prometa que irá até o castelo visitar-me o mais cedo que puder.

— Prometo que farei o possível — asseverei sorrindo, buscando aliviar a tensão. O meu rosto direcionou-se à sua camisa, que demonstrava as marcas da noite anterior.

— Estranho... Ainda sinto-me tonto — ele revelou, começando a levantar-se lentamente.

— O veneno dos midrões tem efeitos nocivos muito duradouros; mesmo eu tendo lhe oferecido o antídoto é normal que ainda se sintá assim — Sara explicou, ajudando Franco a caminhar até a porta. — Tenho certeza de que amanhã se sentirá melhor.

— Espero que sim — ele sussurrou receoso.

Na porta da casa de Sara havia uma majestosa carruagem e uma escolta reforçada de soldados. Franco

adentrou devagar ao coche, sustentando um sorriso surreal diante da condição em que se encontrava.

Por mais que estivesse demonstrando tranquilidade, tudo que a rainha Sophia havia dito me atingiu profundamente. Disfarçava com sorrisos cada espinho que arrancava da minha alma.

Franco havia sido criado para ser um grande rei, no entanto um amor arrebatador surgia, desviando-o do caminho planejado. Infelizmente, depois daquela visita, começava a me sentir responsável por estar destruindo a construção de um grande império.

Entramos no pequeno quarto com o objetivo de arrumar a bagunça. Sara retirava os lençóis da cama, enquanto recolhia pedaços de tecidos, copos e a adaga de Estêvão.

— Franco está com ciúmes de Estêvão, mas não vejo necessidade — concluí, olhando a adaga ainda manchada de sangue.

— Será que não existe algum fundamento nisso? Por que o príncipe Franco implicaria com ele sem motivo? — ela me abarrotava de perguntas. — Lembra-se que eu disse no dia em que chegou aqui que estaria dividida entre dois amores, mas somente um seria o seu amor verdadeiro? Será que esse homem seria Estêvão?

— Estêvão? De maneira nenhuma! — respondi, observando Sara esticar-se na cadeira com os lençóis sobre o colo. — O que incomoda Franco talvez seja a maneira como Estêvão tem me olhado.

— E como se sente quando Estêvão a olha? — Sara inquiriu intrigada.

— Ora... Como me sinto? Como me sinto? — repeti. — Eu não sinto absolutamente nada — falei, desviando o olhar. — Ontem, andei pensando durante aqueles momentos de agonia... Será que o midrão que atacou Franco seria o Emissário da Noite de que fala a profecia?

— Não sei — ela refutou introspectiva.

— O homem que atacou Franco quase o destruiu — proferi com inquietação.

— Se observarmos por esse ângulo, talvez tenha razão.

— Se por acaso o tal midrão tivesse completado o seu plano, talvez a essa hora o Escolhido estivesse morto e o nosso mundo poderia ser dominado pela noite eterna.

— Algo dentro de mim... Está revelando que essa aparição ainda não tem relação com o Emissário da Noite — Sara pronunciou, arrepiando-se depois que um vento frio espancou a janela do quarto.

— Sabe do que acabei de me dar conta? — observou, sacudindo a cabeça, evitando pensar no Emissário.

— Diga-me... O que está passando pelo seu pensamento?

— Sara interrogou com interesse, imaginando que pudesse ter alguma relação com Estêvão.

— Que voltarei para casa a pé! — comentei, dando uma gargalhada.

— Oh... Por todos os Etéreos! Tem toda razão! — ela corroborou irrequieta. — O meu cavalo ficou doente há alguns dias e acabou morrendo, estou sem montaria, por enquanto.

— Não fique preocupada, eu gosto de caminhar — considerei, querendo evitar que ela se sentisse culpada.

Agradei a Sara um milhão de vezes e depois parti em direção ao vilarejo, considerando que seria melhor caminhar devagar. Ainda faltava um pedaço grande da trilha e não gostaria de ficar exausta logo no início.

Convoquei Híndria buscando pela proteção dos ventos. Imaginei como seria aterrorizante se encontrasse o homem que lançou a flecha contra Franco. Idealizei em minha mente se o miserável faria o mesmo comigo. Talvez os passos curtos que dava pela estrada de terra fossem uma estratégia para me desviar de qualquer possibilidade de encontro.

Dominada pelo medo de prosseguir sozinha por todo aquele trajeto, resolvi desviar os pensamentos dos caminhos que me afastassem completamente daquela percepção cruciante de solidão.

A minha lembrança desviou-me a considerar sobre aquele sentimento que carregava por Franco. Se aquele amor sem medidas me faltasse, certamente me faltariam os dias, me faltariam as noites, me faltaria a luz.

O amor de Franco me mostrava que a minha vida não seria uma tela pintada em preto e branco. As cores persistiriam vibrantes e o meu mundo não acabaria num crepúsculo melancólico.

Refletia que era insuportável não estar no controle da própria vida. Era extremamente complexo que as decisões que faziam parte dela não pudessem ser tomadas pelas minhas mãos, mas sim pelo o que o acaso me reservava.

Eu tinha recebido do destino uma nova vida, uma grande batalha, um amor eterno. Analisava, enquanto chutava um

monte de terra, que uma fatalidade havia me feito retornar à casa do meu pai. Por causa da nova morada, Franco e eu havíamos sido colocados frente a frente. Depois de tantos incidentes desagradáveis, descobrimos que nos amávamos mesmo nos conhecendo há tão pouco tempo e que uma missão nos arrastaria a uma guerra em busca do medalhão, que, caindo em mãos erradas, poderia levar tudo à mais completa destruição. Todos esses acontecimentos ocorrendo totalmente contra a minha vontade, contra o meu desejo, contra a minha razão.

Encarei as imensas árvores frondosas ao meu lado. Observava os ramos abundantes pendendo na direção da estrada; o verde que prevalecia das folhas largas evidenciava a força vital que surgia da natureza.

Escutei a marcha de cavalos ao longe. Contornei a curva visualizando dois cavalos que seguiam lentamente em sentido contrário ao meu. Ao chegar mais perto reconheci o sorriso por trás daquele cavaleiro.

— Considerei vir um pouco mais cedo para buscá-la, mas imaginei que a dama ainda estivesse cuidando do seu príncipe ferido... E, é claro, que detestaria incomodá-la — ele enunciou, dando um largo sorriso.

— Estêvão, já lhe disse que não me incomoda — retorqui, subindo ao cavalo e celebrando o fato de não ter mais que caminhar.

— Talvez não incomode a você... Mas, com relação ao príncipe Franco, algo me diz que não podemos dizer o mesmo — ele retrucou satírico.

— Por que Felipe não veio ao meu encontro? — perguntei, buscando esclarecer o fato de meu irmão não ter ido me buscar.

— Ontem o seu pai teve uma indisposição — os olhos de safira se estreitaram após o relato. — A ansiedade de Nicolau, quando chegou ao vilarejo, fez com que ele imaginasse que havia ocorrido algo com você — Estêvão esclareceu com a sua tranquilidade própria. — O senhor Raul está bem melhor hoje. Mesmo assim, Felipe considerou que deveria ficar em casa fazendo companhia a ele e então me ofereci para buscá-la.

— Obrigada por ter se oferecido, pois afirmo que gosto de caminhadas, mas devo confessar que já estava exausta. Imagino que o cansaço ainda seja proveniente de todo aquele transtorno de ontem — declarei, movimentando os ombros e buscando aliviar a tensão.

— Raciocinei que, diante do que havia acontecido, o príncipe Franco fosse lhe trazer de volta para casa escoltada — Estêvão sugeriu irônico.

— O príncipe não estava em condições de pensar em nada — defendi a pequena e compreensível distração de Franco. — Ele saiu da casa de Sara ainda sem se recuperar totalmente — inclinei o pescoço, querendo ser mais enfática. — Estêvão... Não deveria ser tão cruel. Franco quase perdeu a vida por conta daquele ataque. Não podemos exigir que se ocupe com trivialidades.

— Espero que o príncipe não tenha ficado com alguma lesão que o impeça de disputar o torneio — Estêvão ansiou, fazendo desaparecer o tom irônico da sua voz. — Imagino

que você já tenha ouvido falar dos torneios, não é mesmo? — ele concluiu, admirando o céu perfeitamente azul enquanto eu balançava a cabeça afirmativamente. — Os torneios são muito disputados; eles atraem competidores de todos os lugares. A participação do príncipe Franco no evento é imprescindível, pois sua fama de invencível motiva as grandes disputas, porém creio que esse ferimento possa prejudicá-lo um pouco.

— O bom desempenho dele nos torneios dependerá da recuperação — respondi distraída com o canto de um pássaro.

Uma pequena pedra atingiu as costas de Estêvão. O rapaz curvou-se inclinando o pescoço para trás com o objetivo de descobrir quem havia praticado o delito, porém não existia nada naquela estrada que despertasse qualquer motivo de preocupação.

— O príncipe Franco sempre é o grande vencedor dos torneios de Lanóvia — Estêvão revelou, virando-se para a frente novamente.

— Isso quando Pantor não estraga a festa dele! — um rapaz confrontou, saltando da árvore e empacando diante de nós.

Estêvão segurou as rédeas do cavalo com força, interrompendo o cavalgar rapidamente. Não tive dúvidas de que deveria tomar a mesma atitude. O meu amigo respirou fundo, evidenciando um desprazer desmedido em sua face. A fisionomia demonstrava que ele conhecia bem o sujeito de atmosfera prepotente parado à nossa frente.

O sorriso brotou esplendorosamente irônico diante da insatisfação de Estêvão. O pescoço longo procurava o ângulo em que pudesse nos analisar melhor. A expressão exageradamente circunspecta me intrigava a ponto de provocar um suor desmedido em minhas mãos. Os cabelos negros se agitaram assim que mais um salto foi executado, dessa vez para cima de uma árvore, por pura exibição.

A brilhante pele morena encontrava-se coberta em algumas partes por uma tinta que eu reconhecia muito bem. Os olhos azuis acinzentados divertiam-se com a minha aflição perante a sua aparição repentina. A sua aparência inevitavelmente chamava a minha atenção porque, mesmo sendo tão jovem, o rapaz exibia uma altura descomunal e músculos bastante desenvolvidos.

— Alef... Por favor, estamos exaustos por conta da noite difícil que tivemos. Queremos chegar logo em casa. Espero que não esteja aqui para dificultar as coisas — Estêvão contestou, num tom que passeava por uma estranha serenidade.

Comecei a observá-lo de maneira tão intensa que os meus olhos arregalaram-se quando enxerguei a magnífica aura dourada ao seu redor. Alef, sem qualquer traço de dúvida, tratava-se de um mesoetéreo pertencente à tribo dos selvagens midrões. Aquela descoberta fez com que o meu coração acelerasse como alerta de perigo.

— Parece que ontem à noite aconteceram alguns probleminhas com o príncipe Franco, não é verdade? — ele pronunciou ferino, descendo da árvore grandiosa. — As notícias correm com o vento por estas redondezas! Espero

sinceramente que o príncipe não resista às complicações deixadas pelo ataque.

— Sujeito asqueroso! — protestei, quando escutei o desejo ruim que ele alimentava.

— Nossa! — ele retrucou enfático. — Bem que me avisaram que a sua beleza enfeitiça — a sua mão esguia passeou pela braçadeira de couro e penas douradas que ele usava. A pedra de topázio amarelo bem ao centro do adorno impressionava. — Alguns amigos me disseram que precisaria ter cuidado com o seu atrevimento também, mas ainda assim comentei que precisava testemunhar pessoalmente se a mocinha era exatamente como as pessoas comentavam.

— Pelo visto o cavalheiro está aprimorando, a cada dia, a lição deprimente de tornar-se alguém inconveniente e egoísta exatamente como o seu mentor, Pantor — Estêvão perdeu a calma característica. — Por acaso está querendo briga?

— Por acaso... Estaria me desafiando? — Alef questionou, esboçando alguns passos, fazendo com que Estêvão saltasse do cavalo empunhando a espada, sem esboçar qualquer raciocínio.

— Gostaria que nos deixasse seguir sem confusão o nosso caminho — Estêvão replicou entre os dentes, recuperando a paciência, mesmo depois de todos os trejeitos de desdém assumidos pela fisionomia do inimigo. — Talvez seja uma estupidez da minha parte acreditar que prosseguiremos sem brigas, porque todos aqui pela região

estão cansados de saber que os midrões estão sempre dispostos a guerrear.

— A lei da selva — Alef proferiu, dando de ombros. — Por enquanto, ambiciono apenas os cavalos, a adaga na cintura da belezinha e a sua majestosa espada... Depois que me derem tudo que aspiro, os dois poderão prosseguir a viagem.

— Temos razão quando afirmamos que os midrões são os responsáveis pelos saques que vêm ocorrendo com frequência na estrada. Considero uma pena que o príncipe Franco atribua os inconiventes furtos à causa dos *Insurrectos* — Estêvão me encarou sério ao final daquelas palavras. — Por que não vem até aqui buscar o que deseja? — inquiriu, no mesmo instante em que eu descia do cavalo.

— Cavalheiro... Devo lhe confessar que hoje não estou com humor para aguentar gracinhas! — Alef berrou, erguendo as mãos, que se tornaram belamente iluminadas.

— Liv... Feche os olhos! — Estêvão ordenou algo que considerei tardio.

O foco grandioso de claridade que brotou das mãos de Alef fez todas as cores adormecerem subitamente à minha volta. Não existia nenhum chão abaixo de mim, nem mesmo o brilho da espada de Estêvão, nem a claridade da aura dourada, nada além de penumbra e de olhos que sonhavam em acordar para a luz.

— Estêvão... Não estou enxergando nada! — afirmei, debatendo-me por todos os lados com nervosismo.

— Liv, não se preocupe, porque a cegueira é temporária — a voz de Estêvão penetrou em meus ouvidos como

bálsamo. O trincar do metal daquela luta que os dois iniciaram tornou-se mais perceptível. — Estou satisfeito por você ter gastado toda a sua energia cegando Liv; pelo menos a nossa luta não será tão desleal.

— Estarei recuperado em pouco tempo, então veremos como os seus reflexos se comportarão na mais completa escuridão — Alef replicou, enquanto experimentava a vibração do solo abaixo dos meus pés.

— Liv... Precisa encontrar um local para se apoiar — Estêvão orientou quase sem fôlego, o que me fez perceber que Alef não havia desistido de atacá-lo. — Mantenha a calma e dê alguns passos curtos para trás; recoste-se com muito cuidado até que sinta o tronco da árvore logo atrás de você — escutava o rachar das espadas atritando-se. — Por favor, não saia do lugar até que volte a enxergar novamente.

Obedeci às orientações sem qualquer questionamento. O meu amigo parecia ocupado demais para dar qualquer atenção à minha dificuldade, assim que iniciei os primeiros passos. Tateava em meio à escuridão, lembrando-me com placidez de que a cegueira provocada por Alef seria temporária. A minha mão hesitante experimentou o atrito causado pela superfície rugosa do caule da árvore. Encostei-me imensamente aliviada ao tronco robusto, pois enfim havia encontrado um pouco de conforto.

Os olhos abertos com exagero não desvendavam qualquer possibilidade de a visibilidade estabelecer-se novamente ao meu redor. Considerei, enquanto esfregava as órbitas ardentes, que aquela luz proveniente das mãos

de Alef parecia uma habilidade poderosa demais para alguém tão sem escrúpulos.

Procurava concentrar-me especialmente nos sons e nos cheiros daquela atmosfera por ora nebulosa. O estalar de movimentos vigorosos indicava que a luta persistia e, julgando pela animação com que a voz de Estêvão repercutia pelo ar, o meu amigo deveria estar com certa vantagem em relação ao adversário.

Experimentei uma lufada de um vento caloroso atravessar pelo meu ombro esquerdo. Era evidente que aquele sopro não se tratava de minha mãe. Assim, arranquei a adaga da cintura rapidamente.

A minha cabeça desgovernada pelo ofuscamento preocupava-se com o silêncio devastador. Revirei o pescoço quando alguém respirou tão junto a mim que podia sentir o hálito quente arrepiar a minha pele.

— Parece que a mocinha está com sérios problemas — foi como se tivesse escutado aquela voz antes. — Devo confessar que me sentiria honrado em guiá-la até a sua casa, se eu estivesse com tempo disponível, é claro!

— Afaste-se de mim ou lhe cravarei a adaga! — berrei, movimentando a faca em todas as direções.

— Não está enxergando um palmo diante do seu nariz; dificilmente conseguiria me atingir — ele replicou, atravessando a mão pelos meus cabelos, fazendo com que desviasse a minha cabeça com celeridade. — A adaga fica comigo!

Não abrangi quando o desconhecido me desarmou, porém, numa questão de segundos, as minhas mãos

ficaram vazias, restando apenas a sombra do medo. Os dedos passearam pelas linhas da minha expressão apavorada. Eles percorriam com grande intimidade cada pedaço da minha face gélida.

— Ele morreria por você! — o desconhecido pronunciou, alterando o tom de voz. Em seguida, passos potentes sobre o solo o afastaram de mim. — Alef... Acabou a brincadeira! Deixe os cavalos e a espada para lá; não faltarão oportunidades de obtermos tudo o que desejarmos — a voz ecoou um pouco mais distante.

O crepitar típico do metal cessou por completo. Escutei passos acelerados invadindo a mata, o que provocava o agitar forte da vegetação, tornando evidentemente claro que Alef abandonara a estrada.

— Liv... Está tudo bem com você? — a voz de Estêvão soprou ao meu ouvido.

— Sim — respondi breve. — Eles já foram embora? — indaguei com perturbação.

— Já devem estar distantes daqui — Estêvão informou, segurando a minha mão com amabilidade. — Não consegui enxergar quem estava acompanhando Alef. O miserável estava de costas para mim enquanto a abordava.

— Tenho a sensação de que já escutei aquela voz antes... — revelei, notando que a claridade voltava a surgir. Conseguia notar o vulto de Estêvão afastando-se de mim. — Parece que o efeito da habilidade de Alef está finalmente cessando.

— Alef é um mesoetéreo exatamente como você — Estêvão explicou, retornando ao meu lado e lavando os

meus olhos com um pouco de água. — Sei que parecerá estranho o que direi, mas Alef é filho de Uno com uma mulher da tribo dos midrões. Desse modo, o rapaz curiosamente é filho da luz. Estranho que tenha escolhido um caminho duvidoso porque todos comentam do senso de justiça praticado por seu pai.

— Imagino que sejam as influências ruins — concluí, observando que Estêvão segurava um cantil. — Se Alef continuar com esse comportamento tão inadequado não tardará que o Etéreo Uno faça algum tipo de interferência.

— Espero que sim — ele comentou, no instante em que passei a enxergar melhor a sua silhueta. — A arma do sujeito é espetacular — Estêvão sentou-se ao meu lado. — Aquela braçadeira em seu braço, na verdade, é uma arma dada pelo pai. O objeto se transforma numa machadinha dourada magnífica que tem o poder lançar pequenas esferas de luz capazes de queimar tudo ao seu redor. Quando a força daquela arma se manifesta é como se Alef sustentasse o sol com as próprias mãos — Estêvão deu um suspiro longo. — Tivemos muita sorte de ele não utilizá-la. Certa vez, testemunhei a força do brinquedinho.

Respirei profundamente depois que considerei a energia camuflada por trás da braçadeira que o rapaz carregava.

— Estêvão... Estou bem melhor agora — declarei, afastando-me da árvore. — Acho que podemos seguir para casa.

— Está enxergando novamente? — ele perguntou com preocupação.

— Estou sim — respondi, movida pelo esgotamento. — Nunca desejei tanto voltar para casa — suspirei, antes de prosseguir com a minha visão dos fatos. — Acho melhor não comentar com Felipe sobre Alef. Sabemos o quanto o meu irmão é temperamental; detestaria que ele fosse até a tribo tirar satisfações com o maldito mesoetéreo midrão.

— Acho que posso guardar esse segredo — Estêvão explanou, ajudando-me a subir no cavalo.

— Sobre o que estávamos falando antes de o estúpido Alef aparecer em nosso caminho? — comentei, desejando que Estêvão apagasse da memória todas as lembranças do embate com Alef. Para minha alegria, não existiam muitas recordações do que acontecera na estrada, afinal, o sujeito desprezível havia transformado tudo à minha volta em escuridão.

— Estávamos conversando sobre os torneios de Lanóvia — Estêvão repontou, subindo com destreza no animal.

Assumi uma fisionomia sossegada, fazendo de conta que nenhuma intempérie havia atrasado o nosso retorno à vila.

— Estêvão... Costuma competir nos torneios? — questionei, trazendo a tranquilidade de volta. — Pelo que pude notar agora há pouco, luta muito bem e possui bons reflexos.

— Engraçadinha... Não estava nem enxergando! — ele retrucou com tranquilidade.

— Eu tenho bons ouvidos! — garanti sorrindo.

— Nunca compito porque estou sempre muito exausto por conta do aumento da carga de trabalho — ele comentou, reiniciando a cavalgada. — O príncipe costuma

solicitar a construção das arquibancadas, de cadeiras, de tendas, enfim são tantas coisas a fazer que não me sinto preparado para enfrentar uma competição, portanto sinto muito em desapontá-la, mas não me verá disputar nada naquela arena — ele explicou os seus motivos sorrindo.

— Posso compreendê-lo — enunciei, tentando assumir uma fisionomia frustrada.

— Ontem acreditei que nada fosse capaz de salvar o príncipe — ele voltava a falar sobre o assunto que eu gostaria de evitar.

— Eu também temia que isso acontecesse — confessei, experimentando um frêmito percorrer a minha coluna. — Tive medo de que Franco não resistisse ao ferimento e à letalidade do veneno — a serenidade acabou preenchendo a minha face por conta do pensamento subsequente. — Estou tão infinitamente aliviada porque ele está a salvo do veneno mortal e o pesadelo assustador terminou. Sara confirmou que Franco está completamente fora de perigo.

— Percebi o quanto você estava sofrendo assistindo o príncipe naquele estado lastimável — ele proferiu, demonstrando uma alternância imediata de humor. — Eu me sentia um completo inútil, pois reconhecia que naquele momento nada do que fizesse lhe traria qualquer conforto — ele desviou os olhos em minha direção. — Realmente deve amá-lo muito, não estou certo?

— Ah... Tenha certeza disso! — confirmei, enxergando a decepção estampada em sua face. — O que sinto por Franco é realmente muito forte, algo que não poderia expressar apenas com palavras. São sentimentos tão intensos que se

apoderam da minha alma a ponto de me fazer perder o controle. Por mais que exista a possibilidade de não ficarmos juntos, ainda assim o amor que sinto não enfraquece, parece que se intensifica a cada dia.

— Não teme que o príncipe Franco perceba que não a ama? — ele interrogou, sem receio de me magoar. — Que um dia ele descubra que você poderá ser um grande erro, porque, se ele estiver ao seu lado, jamais realizará o sonho de ser rei?

— Sei que Franco nunca sentiu nada parecido por ninguém... E acredite, Estêvão, isso me basta no momento! — considerei sincera, notando a sua frustração. — Se algum dia perder o amor de Franco... — engoli em seco — Reconheço que não perderei minha capacidade de amar. Tenho certeza de que poderei me dedicar a outra pessoa novamente se for da minha vontade, porém nunca sentirei por essa pessoa o mesmo que sinto por ele — os seus olhos alegraram-se de esperança, fazendo com que me arrependesse do que havia dito. — Estêvão... A nossa capacidade de amar é infinita e possui uma intensidade variável.

— Então reconhece que existe a possibilidade de perdê-lo? — ele inquiriu com interesse.

— Todas as coisas têm um começo, mas também poderão ter um fim — murmurei, sentindo o meu corpo acompanhar o balanço do cavalo. — Se elas serão breves, duradouras ou como acabarão... — dei de ombros. — Esse é um intrigante mistério que a vida nos reserva.

— Preciso agradecer ao destino por ter me dado a possibilidade de conhecê-la! — ele disse, arrancando uma flor do craveiro e entregando-a em minhas mãos. — Por enquanto, posso dizer que estou muito feliz em tê-la como amiga.

Estendi a mão até alcançar a flor, pensando que Franco não gostava daquela aproximação com Estêvão. Não tinha coragem de confessar que seria muito conflitante continuar com aquela amizade. Os meus pensamentos foram interrompidos subitamente pela voz sossegada de Estêvão:

— Em que estava pensando? — ele perguntou sorrindo, tentando invadir a minha privacidade.

A minha expressão preocupada dever ter sido a principal responsável pela pergunta sem rodeios.

— Estêvão... — fiz uma breve pausa pensando em algo para desviar da pergunta. — Gostaria que falasse um pouco sobre a sua família. Estamos sempre juntos conversando sobre tantos acontecimentos, mas quase nunca fala sobre os seus parentes.

— Bem... Moro com os meus pais e os meus irmãos mais novos — ele informou intrigado com o meu súbito interesse. — O meu irmão mais velho, Sebastian, é casado com uma moça chamada Ester. Ela veio do território de Ika. Eles têm apenas um filho, que se chama Ricardo, e moram numa casa ao lado da nossa — Estêvão relatou, desviando do galho seco de uma árvore.

— E como se chamam os seus irmãos mais novos? — indaguei com curiosidade.

— O nome da minha irmã é Jimena; ela está noiva de Levi. Lembra-se dele, não é mesmo? Ele estava na reunião dos *Insurrectos* naquela noite — balancei a cabeça positivamente. — O meu irmão mais novo chama-se Caio.

— Tem uma família grande! — exclamei.

— Está desviando a conversa para minha família porque o príncipe Franco não aprova a nossa amizade, não é mesmo? — ele observou, demonstrando que não adiantara evitar a conversa. — Imagino que esteja buscando evitar os conflitos reais dos seus pensamentos porque não sabe como me dizer que precisamos nos afastar. Ontem enxerguei toda a reprovação da nossa amizade nos olhos do príncipe Franco — a sua voz assumiu um tom sério. — Liv... Qual é o temor do príncipe?

— Franco fica enciumado toda vez que nos vê juntos. Por esse motivo, ele não aprova que a nossa amizade continue. Não me parece nada contra você em especial... É apenas um ciúme bobo, que considero sem fundamento — esclareci, tentando amenizar o desagrado que aquela notícia lhe provocava.

— Sabe o que acho? — ele interpelou, para responder em seguida. — Que deveria ir até a minha casa qualquer dia desses, para conhecer Jimena pessoalmente — Estêvão expôs, demonstrando ter ignorado totalmente o pedido de Franco.

— Acho que aceitarei o seu convite — acatei o pedido, também ignorando o desejo de Franco. Compreendia que a amizade de Jimena seria algo bom para mim.

Cavalgamos num ritmo bastante acelerado, entretanto a harmonia dos galopes permitia que enxergássemos toda a beleza existente naquele lugar, em especial quando alcançamos a entrada da vila, com seus arbustos bem cuidados pelos moradores.

As flores campestres cobrindo todo o terreno... Os meus olhos não se cansavam do encanto inevitável provocado pelas casas milimetricamente paralelas, graciosamente enfeitadas por vasos de plantas, cortinas, tapetes e bancos nas varandas.

-- Veja o seu pai! — ele enunciou, apontando o senhor agitado que dava inúmeras voltas pela varanda. — Parece que o senhor Raul ainda está muito nervoso.

— Pai! — gritei, na esperança de acalmá-lo.

Meu pai caminhou na direção em que estávamos, mostrando-se preenchido pela inquietação que a ausência de notícias provocava.

— Liv... Quase morri de preocupação! — meu pai revelou, mostrando-se mais aliviado.

Felipe saiu de casa impaciente a tempo de presenciar a minha descida exaustiva do cavalo. Seguimos até a varanda numa marcha arrastada. Recostei-me ao gradil buscando abrandar o esgotamento que se apoderava do meu corpo.

— Sempre soube que nos traria problemas! — Felipe resmungou com um sorriso, arrancando-me do gradil e ofertando-me um abraço forte.

— Dessa vez precisarei defendê-la. Liv não pode ser considerada culpada pelo que ocorreu na estrada — Estêvão

afirmou, justificando-me. — O príncipe Franco foi muito imprudente.

— Meu pai... Felipe... — proferi, encarando um de cada vez. — Aquela flecha vindo certa em direção a Franco foi algo realmente muito assustador! Por um momento achei que ele não fosse resistir àquele ataque.

— E o príncipe Franco, como está depois do ocorrido? — Felipe perguntou com veemência.

— Posso considerar que agora ele está muito melhor, mas ainda precisará de alguns dias para se recuperar totalmente — respondi com calma.

— Então receberei o benefício de passar alguns dias sem precisar olhar para aquela cara sisuda ou, muito melhor, estaremos livres por uns tempos das declarações de amor eterno — Felipe declarou, sustentando um sorriso provocativo.

— Saiba que serão os dias mais detestáveis da minha vida — murmurei, empurrando o indicador em seu abdômen na tentativa de vingar-me da provocação. — Onde estão Liana e Ama? — questionei, buscando equilíbrio suficiente para retirar as botas que apertavam o meu pé.

Com os pés aliviados, segui até o interior de nossa casa. A porta moveu-se com dificuldade. Talvez fosse pela força inexpressiva que utilizei para empurrá-la. Atirei-me sobre a primeira cadeira vazia que encontrei na sala. Eles decidiram me acompanhar até o lado de dentro.

— As duas saíram para dar um passeio pelo vilarejo — meu pai repontou, olhando o lado de fora da casa. — Estava ansioso demais, por isso não consegui suportar o

interrogatório insistente de Liana — meu pai pronunciou, enquanto retirava a espada de Felipe de uma das cadeiras, fazendo um sinal para que Estêvão se sentasse nela.

— Espero que o príncipe Franco tome mais cuidado de agora em diante — Felipe falou, aproximando-se de mim. — Estêvão nos contou que ele estava seguindo para a vila sem nenhuma escolta. Sabemos que os inimigos não estão para brincadeira. Precisamos ter muito cuidado tanto com os inimigos do mundo real quanto com os inimigos do mundo das sombras, no entanto, o príncipe Franco insiste em desconsiderar todas as coisas que estão ocorrendo.

— Nenhuma escolta impediria o ataque — discorri com confiança. — Quem lançou aquela flecha é um excelente atirador e tinha Franco como seu único alvo naquele momento. Mesmo que ele estivesse com uma segurança de mil soldados ainda assim teria sido atingido.

— Acho que Liv tem toda razão — confirmou Estêvão em tom sério. — Quem atirou a flecha queria apenas atingir o príncipe Franco. Eu quase alcancei o desgraçado dentro da mata e ele nem mesmo tentou arremessar uma flecha contra mim — Estêvão articulou estreitando os olhos. — Tudo aconteceu muito rapidamente; parecia algo muito bem planejado. Liv nos avisou da ocorrência de um possível ataque. Erramos porque não levamos em consideração o pressentimento de sua irmã.

— Desconsiderar um aviso de Liv... Isso me pareceu um grande erro... — meu pai retrucou.

— Pronto, Felipe! — Estêvão expressiu, levantando-se. — A sua irmã está entregue sem nenhum arranhão — eles

riram do comentário. — Agora preciso voltar à minha casa porque tenho muito trabalho pela frente.

Levantei de forma educada, procurando acompanhá-lo até a escada. Estêvão seguiu fazendo com que eu experimentasse o gosto amargo de ser consumida pela dúvida. Com certeza, o meu príncipe não aprovaria um almoço na casa do meu amigo, porém não encontrava um problema sequer em conhecer Jimena. Julgava que ela seria uma excelente companhia, exatamente como Luna, que agora se aproximava da varanda com aquele sorriso esplêndido.

Chamei-a de forma tão ansiosa que seus olhos negros se sobressaltaram enquanto seguíamos numa corrida acelerada até o meu quarto. Apontei a cama pedindo que ela se sentasse. Fechei a porta em seguida.

— Eu o beijei! — franzi a testa, com receio de levar uma bronca pelo comportamento inapropriado.

— Beijou quem? — ela questionou confusa.

— Como quem eu beijei? — repeti a pergunta. — Franco... É óbvio! — anunciei com descontentamento por Luna ter tido dúvidas. — Quem pensou que poderia ser? — retruquei com desagrado.

— Estêvão... Acabei de vê-lo sair daqui e então me diz que beijou alguém. Imaginei que pudesse ser ele — Luna considerou, colocando uma almofada no colo.

— Ora, que bobagem, Luna! — murmurei, aproximando-me dela. — Estêvão é apenas um amigo. A-MI-GO! — ponderei com uma convicção exagerada.

— Como beijou o príncipe Franco? — ela pronunciou, com ansiedade. — Ele não foi atingido por uma flecha envenenada? Nicolau espalhou o acontecimento diante da vila inteira ontem à noite. Todos ficaram apavorados com a possibilidade de o príncipe morrer por causa do ataque. Será que poderia explicar melhor como o beijou? — ela expressava atordoada.

— Hum... Nem sei por onde começo... — raciocinei sentando ao lado dela.

— Pode pular toda a parte do ataque, porque Nicolau a descreveu com detalhes. — ela discorria com agastamento. — Por favor, prossiga com a narração dos fatos apenas pela parte do beijo.

— Sei que Franco e eu não temos um compromisso, mas não consegui negar um beijo vendo-o naquela situação tão deprimente — explicava sem graça.

— Que mal pode existir em beijar o homem que se ama? Tola! — Luna fez um gesto, demonstrando não ter se importado com a conduta.

— Eu experimentei uma emoção tão forte... — expressei em devaneio pelo quarto.

Fomos interrompidas por batidas intensas à porta.

— Pode entrar! — articulei com uma altura exagerada.

Felipe entrou no quarto demonstrando insatisfação ao se deparar com Luna. A minha amiga, por sua vez, não conseguiu disfarçar o impacto que a presença dele lhe causava. Ela esfregava as palmas das mãos com um nervosismo tão contagiante que quase sem perceber comecei a fazer o mesmo.

O meu irmão expressava todo o seu desagrado por meio das feições cerradas e de um pigarrear insistente na garganta. Os olhos negros de Luna inundaram-se de amor mesmo que a todo custo ela tentasse disfarçar.

Arquitetei que aquela seria a oportunidade ideal para que os dois tentassem encontrar uma forma de conviver pacificamente. As brigas costumeiras começaram incomodar, a ponto de Luna ter começado a evitar a nossa casa.

— Não sabia que estava com visita — Felipe proferiu, com um tom que confirmava a sua irritação. — Posso retornar outra hora quando o espaço estiver mais vazio, livre de todas as impurezas — ele assumiu uma expressão de repulsa.

— Não se incomode com a minha presença porque já estava mesmo de saída — Luna discorreu aborrecida. — Portanto, o espaço ficará totalmente disponível para a criança brincar à vontade.

— Tenham um pouco de calma! — berrei com irritação. — Os dois precisam conversar com urgência. Por acaso não perceberam que já são adultos? — esbravejei. — Não suporto mais tantas discussões a troco de nada.

— Discussões? — Felipe inquiriu sustentando um tom irônico. — Eu não posso discutir com alguém que simplesmente não existe — Felipe expressou, observando Luna ferver de ódio.

— Felipe... Está sendo severo demais com ela! — ponderei, tentando acalmar sua exaltação. — Escute o que

Luna tem a lhe dizer. Acho que dessa maneira poderão pelo menos estabelecer uma convivência civilizada.

Deixei o quarto antes que meu irmão expressasse o desejo de desviar-se daquela conversa. Permaneci do lado de fora onde fosse possível escutar a conversa, perto o suficiente para fazer uma intervenção caso fosse necessário.

— Felipe... Sei o quanto errei quando lhe escondi as minhas origens, mas tive medo de admitir que pertencia à tribo de Sinaia; tive receio de que não aceitasse a minha condição de feiticeira — ela assinalou, num tom de tristeza. — As mulheres da minha tribo não são bem vistas pela sociedade por causa da necessidade de independência, mas a forma como essas mulheres vivem talvez não seja a melhor maneira para me julgar.

— Esconder suas origens realmente foi algo que não deveria ter feito, no entanto, reconheço que teria capacidade de perdoar essa questão facilmente — ele replicou bastante furioso. — Porém uma traição... Uma traição, Luna... — ele repetiu com indignação. — Por que resolveu me trair com aquele homem asqueroso? — ele ficou em silêncio; era possível ouvir apenas o choro de Luna. — Nós éramos tão felizes juntos... — escutei alguns passos pelo assoalho que indicavam uma aproximação. — Eu a amava tão intensamente, estávamos planejando o nosso casamento.

— Felipe, eu nunca o traí! — ela garantiu, como se estivesse exausta de repetir. — Eu não sei como aquele homem foi parar em minha casa, nem mesmo Betânia o viu

entrar. Tenho convicção de que foi tudo uma artimanha de Malena, porque sei que ela desejava arrebatadamente ficar com você — ela alegou aos soluços. — Eu prefiro a morte a continuar vivendo torturada pelo seu desprezo, sendo castigada por algo que não fiz.

— Não diga bobagens! — o tom da voz dele soou mais sereno. — Eu não posso acreditar apenas nas suas palavras, mas farei o possível para conviver harmonicamente com você. Farei isso pela minha irmã.

— Um dia conseguirei provar toda a verdade — Luna declamou com certo furor. — Espero que não seja tarde demais para nós dois.

— Caso não tenha percebido, já é tarde demais para nós dois! — ele falou friamente.

Luna abriu a porta do quarto violentamente, encarando-me com um semblante dominado pela tristeza. Felipe admirava a movimentação do vilarejo pela janela. No instante seguinte, encontrei os seus olhos abarrotados pela dor. Aproximei-me com serenidade com a intenção de abraçá-lo.

Seria mesmo tarde demais? Como provar que Luna falava a verdade?

Por causa do orgulho, o meu irmão não estava sendo capaz de compreender que quando existe amor é preciso aprender a ouvir, é preciso aprender a aceitar, é preciso aprender a perdoar.

a ameaça

Num piscar de olhos, apreciei outra noite da varanda. Calculei que alguns dias já haviam se passado desde o ataque a Franco e daquela interferência inesperada de Alef em nosso caminho, o poderoso mesoetéreo midrão.

Meu pai ordenou que eu permanecesse por um período evitando a estrada. Os ataques frequentes começaram a preocupá-lo bastante e, como Felipe não tinha nenhuma atividade a realizar pela cidade nos últimos tempos, praticamente fui obrigada a evitar visitas a Franco. As notícias de sua melhora eram trazidas por soldados que surgiam fazendo a ronda habitual.

A ausência compreensível de Franco e os segredos que começamos a compartilhar possibilitaram o fortalecimento da minha amizade com Estêvão. Passávamos horas conversando sobre as suas viagens por conta do trabalho, sobre os festejos durante os jogos de Lanóvia, sobre a festa de Celebração da Chegada das Summerwitchs, mas principalmente sobre a perigosa tribo dos temidos midrões.

Durante a manhã daquele mesmo dia ensolarado, Estêvão me fizera prometer inúmeras vezes que conheceria a sua irmã no dia seguinte. Segundo o seu discurso empolgado, a sua família faria um almoço especialmente para me receber. O ânimo com que meu melhor amigo me

convidava transformou a solicitação em algo impossível de recusar.

Escutei as marteladas intensas de Felipe vindas do galpão. Reconheci que, se meu irmão trabalhava até aquela hora da noite, significava que precisava esquecer as mudanças que o retorno de Luna havia provocado em sua vida.

A minha visão direcionou-se ao céu inteiramente estrelado, exibindo uma lua clara e mostrando-se belamente perfeito em toda a sua totalidade. Aquela noite tão inspiradora me fazia refletir que Luna amava imensamente alguém que não se encontrava disposto a perdoar.

Alguns homens caminhavam devagar pelas ruas do vilarejo, colocando a conversa em dia. Três crianças pulavam corda com animação e os meus olhos encararam o exato momento em que a minha vizinha de frente acendeu uma vela perto da janela.

O meu olhar, que se manteve fixo na flama da vela, permitiu que contemplasse um acontecimento curioso: o apagar quase imediato da chama, mesmo que a todo custo a jovem tentasse mantê-la acesa.

Um vento soprou gélido, apagando todas as labaredas que clareavam a vila. A escuridão tornou todo o lugar tão assombroso que resolvi alcançar a entrada da casa, procurando por algo que iluminasse o meu caminho.

Lembrei da sensação que a habilidade do mesoetéreo Alef havia me provocado. A experiência, de certa forma, ajudou-me a tatear pela penumbra até alcançar a sala, onde

sabia que minutos antes havia deixado algumas velas em cima da mesa.

Cuidadosamente, coloquei a mão hesitante sobre o móvel, encontrando o objeto tão desejado. Marchei até a cozinha, deparando-me com a lenha queimando enfraquecida sobre o fogão. Encafifei quando percebi que aquela parecia ser a única fonte de calor existente na casa. Quando deixei o cômodo novamente, chamei por Ama duas vezes, mas não obtive nenhuma resposta.

Andei com pressa até a varanda, pois lembrar que Felipe trabalhava naquele imenso galpão escuro realmente me preocupava. As minhas mãos tremularam porque meus ouvidos não escutavam nem mais um ruído de suas marteladas potentes.

Espantei-me porque não existia qualquer brilho pelas ruas vazias, sensação que somente foi aumentando o clima sombrio. O único clarão persistente àquela altura era o da vela que eu carregava em minhas mãos. A minha aflição aumentava com o silêncio infindo perpetuando-se pelo ambiente.

Inclinei o pescoço em direção ao céu, surpreendendo-me assim que notei o desaparecimento das estrelas que iluminavam o firmamento. Os meus olhos defrontavam-se apenas com a sombra preenchendo todo o espaço e com uma densa nuvem negra que recobria a lua.

— Que coisa estranha! — murmurei em voz alta.

Causava-me uma admiração espantosa que a vela protegida pela firmeza de minha mão ainda não tivesse se apagado. A insistência da ventania gelada que arrebatava

de dentro do galpão não conseguia acabar com a chama calorosa que iluminava o meu trajeto. Espantei-me quando a quietude fora brusca e inesperadamente finalizada pelo som do metal caindo no chão.

— Felipe! — berrei, descendo apressada as estreitas escadas da varanda, seguindo numa correria irrefreável até o galpão.

Alcancei a porta gigantesca, empurrando-a com esperado vigor; no entanto, não parecia possível movê-la, mesmo que utilizasse toda a força existente em meu ombro direito.

Outra vez, os meus ouvidos testemunharam o som de metal rolando pelo chão. Empurrei o ombro contra a porta novamente, buscando por toda a energia vivente em meu corpo. Precisava vencer a estranha potência que a portinhola fechada e que certamente ameaçava a vida de meu irmão.

Interrompi por alguns segundos a tentativa de invadir o galpão dominado pela penumbra inexplicável, pois considerei que devia concentrar-me com fervor na tarefa de identificar a voz que repercutia desconhecida e assustadora de dentro dele.

— Eu quero a arma da mesoetérea! — a voz desfigurada gritava. — Eu posso sentir a energia da arma extravasando... Sei que o arco está escondido por aqui em algum lugar.

— Eu... Eu... Não sei do que está falando — Felipe enunciou, parecendo sufocado.

— Claro que sabe! — o ser desconhecido grunhiu. — Os mesoetéreos sempre ganham as armas dos elementos que

os geraram. É óbvio que sabe da existência de um arco poderoso pertencente à sua irmãzinha.

— Não sei de arco nenhum — Felipe escondia a verdade com obstinação.

Ao mesmo tempo em que meu irmão se desviava das investidas do invasor, eu recordava que alguns dias atrás, durante uma conversa, Luna havia feito a recomendação de que deveria esconder melhor a minha arma. A minha amiga considerou imprudente que o arco permanecesse encostado a uma das paredes do quarto, visível aos olhos de todos. Em sua opinião, a arma adquiria um imenso poder em minhas mãos e esse fato despertaria a cobiça dos nossos inimigos. Ela explicou todos os prejuízos que ocorreriam se por acaso o objeto fosse furtado ou destruído.

Expliquei a Felipe as orientações dadas por Luna e, depois de reclamar durante dias que não realizaria nada recomendado por ela, finalmente numa sexta à noite, após ter terminado todo o trabalho com as espadas, o meu irmão decidiu abrir um buraco sem muita profundidade embaixo de uma mesa de madeira que ficava num dos cantos do galpão. Coloquei a arma coberta por um lençol num cesto de palha e a enterrei, considerando que daquela forma ela estaria mais protegida e fora do alcance dos intrometidos.

Depois que lembrei dos acontecimentos que me fizeram esconder o arco no galpão, iniciei um clamor desmedido à minha mãe; implorei diversas vezes que as forças das ventanias exercessem qualquer influência sobre a porta.

Após o pedido feito com extrema veemência, com as mãos sobrecarregadas de esperança, empurrei a superfície

rígida mais uma vez. A felicidade pairou sobre a forma de um sorriso largo quando enfim a porta se moveu. A minha fisionomia verteu-se em mais puro espanto após a execução da tarefa com a ajuda dos ventos fortes.

Totalmente imobilizado numa grandiosa bancada de madeira, Felipe era severamente torturado por uma lança de metal em brasa que atingia o seu braço esquerdo, ao mesmo tempo em que a mão esquerda do executor apertava com força o pescoço do meu irmão.

Caminhei com passos cuidadosos até colocar com precisão a vela em cima de uma prateleira. A pequena iluminação que a chama trazia ao galpão mostrou mais uma cena que considereei desesperadora.

Sem nenhum pesar, o maldito agressor encostou a lança no peito de Felipe. O meu irmão agonizava de dor, recebendo a punição severa por negar a existência da arma pela enésima vez.

Aquela criatura tenebrosa tinha mais de dois metros e meio de altura. O malfeitor descontrolado usava uma capa preta que escondia sua face. Certamente o indivíduo não parecia ser alguém que pertencesse ao nosso mundo. Confirmei a suspeita quando observei a força descomunal com que as suas mãos levantaram Felipe pelo pescoço, em retaliação ao soco que recebera em sua cara.

A lança que o monstro segurava parecia coberta por uma espécie de cristal negro, exibindo um símbolo reluzente em sua ponta, que infelizmente a penumbra do local não me permitia enxergar com precisão.

A sede descontrolada de maltratar Felipe persistia tão grande naquele ser animalesco que o miserável nem mesmo notou a minha entrada no galpão. Silenciosamente, marchei até o local onde o arco se encontrava escondido. Enfie-me debaixo da mesa cavando a terra com as próprias mãos; por fim, os dedos ansiosos produziram um crisar audível quando tocaram a palha do cesto.

O verme inescrupuloso preparava-se para ferir Felipe mais uma vez, porém a minha voz ecoou com fúria, impedindo a perpetuação da perversidade.

— Grandalhão... Por acaso estaria procurando por algo que me pertence? — proclamei, buscando disfarçar o nervosismo.

— Sangue maldito! — ele berrou, atirando Felipe ao chão. — Eu quero a arma, sua mesoetérea amaldiçoada! — a voz medonha espalhou gotículas do que parecia ser saliva por todos os lados.

O impacto das suas passadas pelo galpão assustaria até o mais corajoso dos homens. O monstro partiu em minha direção, tornando possível, enfim, enxergar a sua fisionomia pavorosa. A criatura maligna possuía o corpo com formas humanas, mas completamente coberto em abundância por pele reptiliana; as garras enormes ergueram-se, fazendo estremecer as minhas pernas, que tremularam ainda mais quando visualizaram os olhos vermelhos emoldurados naquela cabeça grandiosa. A boca disforme fazia questão de repetir que me deixaria em pedaços.

— É isso aqui que deseja! — gritei, retirando o cobertor cinza que escondia o arco.

— Ordeno que me dê o arco imediatamente! — ele pronunciou, com os olhos ainda mais vermelhos. — A arma não poderá permanecer em suas mãos!

— Não obedeco a ordens de trogloditas! — expus, notando que Felipe não tinha forças para reerguer-se.

— Quero a arma em minhas mãos agora mesmo! — o monstro ordenou, erguendo os braços com ódio. — Entregue-me o arco, maldita!

— Por que não vem pegar? — inquiri, num tom desafiador.

Repliquei a frase sem estar bem certa daquele desafio, afinal de contas o sujeito era gigantesco. A criatura produziu passos velozes, aproximando-se de mim mais do que eu gostaria. Num gesto rápido, ostentei o arco esplendoroso em minhas mãos. Os olhos assustadores do indivíduo chamejaram quando vislumbraram a arma.

Apanhei a primeira limalha de ferro que consegui alcançar junto à prateleira despedaçada. O tempo curto não possibilitava qualquer planejamento com relação ao ataque que faria àquela pavorosa ameaça, seria algo totalmente dominado pelo meu instinto.

Praticamente sem raciocinar, encostei a limalha de ferro à corda do arco e, com um leve sopro, a bela flecha reluzente surgiu. Encarei o alvo atirando com precisão a flecha, que encontrou a testa escamosa do bicho.

Violentemente, o malfeitor debateu-se até declinar-se por um grandioso buraco que se formou dentro do galpão e que apenas alguns segundos depois havia desaparecido como mágica.

— Felipe... Como está se sentindo, meu irmão? —
interroguei, repousando o arco no chão.

— O sujeito queria mesmo o seu arco, hein? — Felipe
considerou, apertando os olhos com alívio.

— Deixe-me ver essa ferida... — requeri. Afastando a
camisa, encarei o formato de uma lua negra gravada em
sua pele. — Tenho certeza de que foi a Escuridão que
mandou aquele monstro até aqui — comentei furiosa. —
Hulter mandou aquele animal com o objetivo de arrancar o
arco das minhas mãos.

— Nossa... — uma discreta ironia revolveu os seus olhos
castanhos. — Parece que Hulter, popularmente conhecido
como Escuridão, não desistirá de acabar com todos os seus
planos — Felipe denotou, erguendo-se do chão com
dificuldade. — Aquele monstro terrível quase acabou comigo
por causa do arco — meu irmão apontou o indicador em
direção à arma sobre o chão. — Por favor, vamos para casa
agora porque estou me sentindo muito estranho.

— Não é para menos, aquela fera quase o matou! —
proferi, curvando-me até alcançar o arco.

Felipe seguiu claudicando até o lado de fora do galpão.
Admirei o céu mais uma vez e não me espantei quando
constatei que as estrelas voltaram a brilhar, assim como
todas as chamas resplandecentes nas casas do vilarejo.

Meu pai abriu a porta de casa espantando-se com o
estado em que meu irmão estava. Ele desceu a escada da
varanda oferecendo o apoio que Felipe precisava para não
se arrastar.

Dentro do quarto, narrei todo o acontecimento ao meu pai, que esbravejou comigo pelo fato de eu ter omitido a existência de uma arma tão poderosa. Ama chegou ao cômodo, impedindo que o sermão continuasse. Com uma bacia repleta de folhas, a adorável senhora relatou que retiraria todo o mal do corpo de Felipe. Ela solicitou com uma evidente intensidade que deixássemos o local imediatamente. Obedecemos às suas imposições sem reclamação.

Segui ao meu quarto ainda perplexa com o que havia ocorrido no galpão. Arrastei um baú embaixo da minha cama, guardando o arco enrolado em um lençol de algodão. Depois, quase sem forças, atirei o meu corpo sobre a minha cama.

— Liv... — ouvi aquela voz familiar.

— Híndria... Que bom que está aqui! — declarei, mostrando os dentes sem conter a minha alegria. — Nem havia me recuperado do que acontecera com Franco e tive que enfrentar o mesoetéreo Alef. Quando acreditei que os problemas haviam desaparecido momentaneamente, aquele monstro insano atacou o meu irmão sem clemência.

— Aquele monstro é mais uma das criaturas escravizadas por Hulter no mundo das sombras — ela expôs, enrugando os lábios. — A Escuridão utilizará inúmeras artimanhas com o propósito de destruir todos aqueles que lutarão contra as sombras. Hulter sabe o quanto a sua arma é poderosa e por esse motivo queria roubá-la — ela colocou a mão macia sobre o meu rosto aflito. — Sempre que estiver em perigo lembre-se de que farei de tudo para protegê-la.

A minha mãe estendeu a mão, iniciando uma caminhada pelas ruas vazias. Não demorou muito até que estivéssemos bem distante de minha casa. O meu corpo físico vivenciava a minha habilidade novamente, porém dessa vez com permissão. Observava cada passo dado por Híndria sem ter qualquer ideia para onde estava sendo levada, mas a companhia extremamente agradável começava a dissipar toda a minha curiosidade.

Entramos numa densa floresta escura e fria e os meus pés afundavam num lamaçal, o que provocava uma sensação desconfortável abaixo dos meus pés. A trilha tornava-se cada vez mais intransponível em meio a tantas árvores grandiosas.

Atravessamos um pequeno córrego enquanto inúmeros temores me atormentavam insistentemente naquele passeio bastante peculiar. Com a ajuda das mãos cruzamos maciços arbustos até nos depararmos com um clarão acompanhado por um estalar de faíscas. Inevitavelmente o meu olhar direcionou-se a uma enorme fogueira.

Enxerguei uma espécie de tribo composta por palhoças dispostas uma ao lado da outra formando um círculo irregular; num terreno mais à frente uma pequena horta bem cuidada enfeitava o espaço com um tom de verde vibrante sobre a terra preta. Alguns metros depois, um cercado com largas dimensões exibia admiráveis animais de montaria, alguma vacas, cabras e aves.

Homens, mulheres e crianças ostentavam o rosto coberto por uma tinta preta de aspecto brilhante e trajavam

vestimentas que pareciam feitas por um couro de aparência macia.

Sentado numa cadeira de palha ao centro de uma roda em torno da fogueira, um homem aparentando ser o mais velho entre todos, chamou a minha atenção pela altivez com que comandava todas as pessoas, mesmo possuindo uma aparência tão frágil.

Os sons dos tambores ressoavam enérgicos naquela espécie de ritual noturno.

O velho estocou um bastão de madeira pontiagudo duas vezes sobre a plataforma de madeira logo abaixo da sua cadeira, surpreendentemente todos, sem exceção, fizeram silêncio.

Uma mulher corpulenta trouxe uma criança recém-nascida, que passou a ser erguida pelos braços cansados do velho. Ele prosseguiu com aquela cerimônia típica pronunciando palavras incompreensíveis.

— Esses são os midrões! — a minha mãe esclareceu, encarando o meu semblante assustado depois de compreender onde estava. — Não precisa se preocupar, eles não podem nos ouvir e muito menos nos ver — o seu sorriso me tranquilizou. — Eles estão comemorando o nascimento de mais uma criança na tribo. Para os midrões, celebrar a chegada de uma vida é um acontecimento muito importante, tão importante que existe um ritual para isso — ela enunciou, esticando os lábios finos. — Está vendo aquele homem mais velho que segura a criança? — ela apontou o homem que havia chamado minha atenção anteriormente.

— Sim, eu o vejo claramente! — respondi rápido.

— Ele se chama Akamu; é o chefe dos midrões — ela informou, dando mais uns passos à frente. — Grande parte da tribo tem muito respeito por aquele homem. A maioria dos midrões segue as suas orientações. Akamu é um homem muito sábio; ele detém conhecimentos sobre ervas, sementes, animais, águas... — ela virou o pescoço, encarando-me mais atrás. — O filho dele é aquele rapaz sentado do seu lado esquerdo.

A minha mãe ergueu o dedo em direção a um jovem forte de pele morena, com longos cabelos pretos e os olhos cobertos de uma imensa maldade.

— Caleo não respeita os inimigos e utiliza artifícios desonestos em suas conquistas — ela pronunciou com indignação. — O rapaz se aproveita da falta de saúde do pai e da sua influência sobre alguns membros para cometer diversos crimes. As suas determinações acabam sempre sendo obedecidas, afinal de contas algum dia ele se tornará chefe da tribo.

— Infelizmente já ouvi falar das injustiças cometidas por essa tribo — discorri irrequieta.

— Quanto a Alef, eu soube que teve o desprazer de conhecê-lo — a minha mãe afirmou, quando notou os meus olhos repousados sobre o rapaz. — Uno está extremamente insatisfeito com o comportamento do filho... Alef deveria ser uma espécie de representação da virtude dentro da tribo dos midrões, entretanto o jovem está cada vez mais desprovido de escrúpulos.

— Pelo que pude testemunhar, Alef acompanha com efervescência os péssimos modelos de conduta do futuro

chefe da tribo — disse, levando um tempo para restaurar o foco nas explicações de minha mãe, imaginando se teria sido Caleo que acompanhava Alef quando Estêvão e eu fomos agredidos na estrada.

— Mantenha o príncipe Franco afastado dos midrões — ela advertiu, esticando os dedos num sinal para que me aproximasse. — Existe alguém nessa tribo com muita sede de vingança. O homem que lançou a flecha contra o príncipe está sentado próximo a Caleo.

Experimentei um arrepio penoso assim que encarei o homem de pele morena segurando um arco como se procurasse por um alvo. O sujeito aparentava uma força impressionante. Os olhos negros e brilhantes deflagravam arrogância, enquanto um sorriso devastador se difundia pela sua face.

— Pantor é primo de Caleo, melhor amigo de Alef e o maior inimigo do príncipe Franco.

Contemplar fixamente aquele homem impediu que escutasse as últimas palavras de minha mãe, mas, para evitar qualquer constrangimento, não solicitei que repetisse o que havia dito; busquei pelas palavras que mais se encaixassem ao momento.

— Híndria... Conversei com Franco sobre o assunto; comentei que ele não deveria se aproximar dos midrões, mas, sinceramente, acho pouco provável que ele deixe tanto sofrimento passar em branco — a expressão de entendimento mostrou que as minhas palavras estavam dentro do contexto.

— Existe um acordo de paz entre o príncipe Franco e Akamu — Híndria pronunciou com seriedade. — Liv... Imagine se o príncipe Franco der um bom motivo aos midrões? Seria tudo o que alguns integrantes da tribo desejam para finalmente quebrar o acordo — ela deu um longo suspiro. — Retaliar a tribo por causa do atentado seria a desculpa que Pantor e Caleo precisavam para iniciar o ataque contra a cidade e os povoados com a permissão de Akamu.

— Hum... Entendo — balbuciei, mergulhando os olhos de volta à celebração que ocorria na tribo. — Está querendo dizer que não é o melhor momento para se iniciar uma guerra por aqui — expressei, encarando os olhos negros de Pantor. A sua existência de alguma forma me devastava.

— Exato! — ela falava com mais ânimo. — O príncipe Franco precisa preparar-se para outra batalha; ele precisará evitar que a metade do medalhão caia nas mãos da escuridão. Ocorreriam inúmeros danos se uma guerra contra os midrões fosse iniciada justamente agora. Ao longo do tempo, os midrões se muniram de armamentos e todos os homens da tribo estão envolvidos em treinamentos.

— Farei tudo o que estiver ao meu alcance para que Franco não tome nenhuma atitude mais drástica contra a tribo — prometi, assumindo um semblante controlado.

— Liv, preciso lhe dizer mais uma coisa — Híndria emituiu, segurando as minhas mãos com carinho. — As areias da vida traçam o destino dos humanos, mas a Força Divina permite que escolhas sejam feitas — sua face verteu-se em apreensão. — Quando se deparar com uma serpente,

afaste-se, não a enfrente, pois existe a possibilidade de ser mordida e se por acaso isso acontecer... Certamente precisará do seu veneno para permanecer viva.

— O que foi que disse? — indaguei confusa.

— Mais cedo ou mais tarde entenderá — ela expôs, apertando os lábios. — Precisamos voltar, pois já passamos tempo demais longe de casa.

Regressamos pelo mesmo caminho utilizado para alcançar a tribo, porém os passos tornaram-se mais apressados durante o retorno. A minha mãe explicou que eu havia ficado tempo demais naquela condição e, como ainda não possuía total controle sobre o meu dom, o afastamento do meu corpo poderia me trazer alguns prejuízos.

Quando estávamos a alguns passos da estrada, Híndria contou-me que precisaria de muita sorte para conseguir a poção durante a festa de Celebração da Chegada das Summerwitchs. Alguns Etéreos torciam para que o Ad Salutem ficasse em meu poder, pois dessa forma garantia-se um pouco de segurança a Franco. Eles tinham receio que o Emissário da Noite destruísse o príncipe antes mesmo da partida ao mundo oculto.

O meu pé esquerdo espetou-se num grandioso espinho no mesmo instante em que um imenso clarão surgiu em nossa frente. A força dos ventos protegeu os meus olhos com velocidade.

De dentro da luminosidade avermelhada despontou uma mulher magra trajando um vestido preto, que deixava à mostra somente os seus pés pálidos. A boca enorme sustentava um sorriso pretensioso que deixava à mostra os

dentes levemente separados. O nariz pontiagudo entortou-se de repugnância, enquanto os cabelos negros até a linha da cintura sacudiam-se com energia que escapava das mãos temporariamente humanas dos ventos.

— Ora! Ora! Se não é a minha velha conhecida Híndria... — a mulher proferiu, colocando os olhos acinzentados em cima de mim.

Os ventos tempestuosos se abrandaram pausadamente.

Retirei o espinho e, com segurança, dei os primeiros passos até alcançar minha mãe.

— Magnólia! — Híndria disse, tentando me manter afastada. — Certamente, deve ter feito alguma espécie de feitiçaria para conseguir nos encontrar aqui.

— Não vai me apresentar à bela moça? — ela indagou, exterminando-me com os olhos negros felinos. — Imagino que deva ser a mesoetérea que pariu — ela persistiu diante da insatisfação expressada no semblante de Híndria.

— Sabe muito bem que essa é a minha filha — Híndria retorquiu, puxando-me com rapidez como se almejasse nos afastar dali imediatamente. No entanto, Magnólia se intrometeu lançando-nos um olhar ameaçador. — Peço-lhe que nos deixe passar sem conflitos! Não tenho permissão para ferir nenhuma criatura terrena sem motivos aceitáveis, muito embora tenha uma série de dúvidas com relação à sua humanidade — Híndria a fitou com sarcasmo.

A minha mãe estava sendo irônica? — pensei comigo mesma.

Aquele parecia ser um sinal de que estávamos com sérios problemas com a aparição daquela mulher.

— Uma bela moça! — ela pronunciou, dando um espirro fingido.

Híndria sustentava um posicionamento defensivo e ao mesmo tempo ameaçador.

— Digna de um grande rei — a mulher comentou com discreta zombaria, arqueando a sobrancelha direita. — Ah... Que pena! — a sua fisionomia verteu-se em falsidade. — A pobrezinha não poderia se casar com um rei, pelo menos não aqui em Lanóvia — a bruxa vibrava sem acanhamento. — Não se permite casamento entre plebeus e a realeza nesse território, mas você não teria a pretensão de se casar com o futuro rei, ou teria?

Magnólia discorreu cínica, demonstrando que conhecia a minha complexa relação com Franco.

— Acredito que as minhas intenções não lhe digam respeito! — respondi contundente.

— Não sei... Depende... — ela retrucou, arrastando a voz. — Talvez os seus desígnios me digam respeito sim, principalmente agora que se tornou muito valiosa para os inimigos do seu pretendente — Magnólia relatou, lançando um olhar de intimidação.

— Não se aproxime da minha filha, Magnólia. Não pense em usá-la com o propósito de alcançar os seus sórdidos objetivos! — Híndria advertia a megera. — Se fizer algo para machucá-la, não responderei pelos meus atos!

— Calma... Calma... Calma... — ela deu algumas batidinhas nas mãos. — Eu não faria nenhum mal à sua filhinha... Pelo menos, não por enquanto. Sou inteligente demais para cometer tal insanidade — Magnólia pronunciou

com escárnio. — Não deveria estar lhe dando conselhos, mas acredito que seja melhor afastá-la dos inimigos do príncipe. Preciso adverti-las de que não são poucos! Os oponentes do futuro rei de Lanóvia podem achar que a moça... Vejamos... — ela fez uma pausa batendo o indicador sobre os lábios. — Seria uma espécie de ponto fraco do príncipe... Atingindo-a... Atinge-se o temido príncipe Franco.

— Magnólia... Eu estou ordenando que se afaste de Liv!
— Híndria recomendou enfurecida.

Híndria levantou uma das mãos fazendo Magnólia estremecer a ponto de afastar-se de nós.

— Infelizmente, a sua filha despertou a cobiça de todos os inimigos do poderoso e quase invencível príncipe Franco — os olhos da víbora brilhavam. — Todos a ambicionam ardentemente, pois sabem que ele seria capaz de praticar qualquer coisa por causa dela, até mesmo entregar a metade do Medalhão Elemental se fosse preciso.

Híndria parecia nitidamente apreensiva com as declarações feitas por Magnólia e tudo o que meu pai realmente temia havia acontecido; os inimigos se aproveitariam do sentimento de Franco visando obter tudo o que desejassem.

Antes que minha mãe pudesse fazer mais alguma recomendação, Magnólia desapareceu, deixando apenas uma fumaça negra espalhada pelo ar. Híndria explicou que a bruxa não havia tomado nenhuma atitude mais violenta porque todos os inimigos de Franco me querem com vida.

— Que bom que Magnólia foi embora — declarei suavizada, recostando-me à árvore para renovar a minha

energia. — As suas ameaças realmente me assustaram.

— Magnólia não tem nenhum pudor, nenhum respeito por seus inimigos — a sua face exalava angústia. — Aquela bruxa enfeitiça, envenena, mata sem esboçar qualquer traço de arrependimento — Híndria narrou com ênfase as artimanhas da bruxa. — Antusa e Malena seguem o mesmo padrão destrutivo.

— O que Malena tem a ver com isso tudo? — perguntei curiosa, afastando o corpo da árvore para voltar a caminhar.

— Magnólia e Antusa são as temidas bruxas de Winter. As duas servem ao lado maligno das energias — ela explicava num tom de alerta, seguindo cada vez mais rápido. — Ao que tudo indica, alguns antepassados de Malena pertencem ao Clã das Winter. Depois que deixou a vila, ela fez inúmeros sacrifícios para ser aceita pelas bruxas. Após um breve período de iniciação, aprendeu todos os feitiços possíveis — a minha mãe suspirou. — Na verdade, ela está tentando encontrar uma forma de ter Felipe ao seu lado e receio que não medirá esforços para conseguir o que deseja.

— Então quer dizer que Malena agora é uma bruxa de Winter? — interroguei, mordendo os lábios. — Acho um absurdo que ela esteja tentando conquistar Felipe utilizando bruxaria — o semblante de minha mãe demonstrava o quanto ela concordava comigo.

Híndria voltou a assumir uma expressão serena quando voltamos ao vilarejo. Entramos em meu quarto e experimentei uma estranha sensação quando me deparei com o meu corpo fisco repousado sobre a cama. As

evidências da intensa agitação provocada pelo passeio noturno estavam nos lençóis arrancados e nas almofadas espalhadas por todos os lados.

Híndria admirou-me com uma fisionomia terna; era como se quisesse aliviar o sentimento curioso que me dominava naquela experiência tão excepcional.

— Precisa ter muito cuidado! Sempre que quiser dar um passeio pelas redondezas, prefira fazer isso acompanhada, principalmente quando tiver que tomar o caminho da estrada — ela recomendou serenamente. — Os inimigos de Franco tomaram conhecimento da sua existência e não medirão esforços para alcançarem os seus objetivos.

— Farei o possível para não deixar a vila sozinha — disse com certo receio. — Agora entendo melhor porque Franco sempre se afastou das emoções — levei as mãos com impaciência até o rosto. — Aquele homem tão forte, tão poderoso, tão corajoso, comandante de um grandioso exército, atualmente se encontra dominado por uma fraqueza imensa, o amor que sente por mim — desviei os olhos para baixo. — Talvez fosse melhor retornar para a floresta de Hans?

— Para a floresta de Hans? — Híndria franziu a testa. — Acho que não, minha querida... Você se tornaria um alvo mais fácil por lá, principalmente para as bruxas de Winter, que conhecem aquele lugar profundamente — ela passou as mãos docemente em meus cabelos. — Aqui no vilarejo sempre existirá a proteção de Felipe, os cuidados de seu pai e a coragem do príncipe Franco para defendê-la — Híndria mencionou, beijando a minha testa. — Por enquanto,

preciso apenas que descanse um pouco, pois tivemos uma noite muito tumultuada.

Impregnada por sinais de inquietação que surgiram nas rugas que se formaram em minha testa e no maltratar insistente dos meus lábios, observei a minha mãe escapar por uma pequena abertura da janela sob a forma de uma brisa leve e perolada.

Descansar seria praticamente impossível mediante as situações que esboçavam um perigo concreto. Reconheci, logo após a sua saída, que precisaria preparar-me melhor se desejava enfrentar tantos inimigos; treinaria por um período maior com o arco e conversaria com Felipe sobre a possibilidade de iniciar meu treinamento com espadas o mais rápido possível.

Acabei sendo tragada de volta ao meu corpo por uma força sem proporções mensuráveis. Tudo aconteceu tão rapidamente que nem ao menos sei como acordei na cama novamente. Passei a mão pela garganta completamente encharcada de suor e experimentei uma sede avassaladora me dominar.

Levantei sentindo o corpo estafado. Caminhei até a cozinha, cessando a sede insuportável com vivacidade. Peregrinei exausta de volta ao corredor, encarando o quarto de Liana. Assim que entrei naquela atmosfera acolhedora, acabei sendo preenchida pela paz que o seu sono tranquilo me causava.

Abri os olhos de manhã sendo completamente absorvida por pensamentos obscuros. Ergui o tronco com dificuldade, conhecendo da pior maneira os sinais de cansaço

indesejáveis. As dores que permaneciam inalteráveis em meus músculos lembravam-me a perturbação causada pela noite anterior.

As lembranças trouxeram de volta a percepção dos experimentos vividos durante aquela trajetória insólita até a tribo dos midrões. Permaneciam gravados em minha retina os olhos malvados de Caleo, a pretensão desmedida de Alef, o exibicionismo inaceitável de Pantor e as ameaças intoleráveis de Magnólia.

Lentamente, fui levantando-me da cama, expondo as minhas pernas a uma sensação de fadiga desconfortante, principalmente porque não possuía força suficiente para manter-me de pé. Os inúmeros sons da noite passada pairavam em minha cabeça, o ruído do riacho, o toque do tambor, a voz assustadora de Magnólia.

Sentimentos profundos e inconstantes se misturavam, fazendo transparecer a minha natureza humana. Encontrava-me tão genuinamente insípida, vulnerável e exausta, sentindo-me exposta aos receios que me assombravam a cada passo curto dado pelo quarto.

Ao banhar-me naquela singela tina de madeira, as memórias de Franco regressaram ao meu pensamento. Aquele amor havia agitado o meu mundo como uma forte tempestade. Internamente, era como se estivesse sendo invadida por ventos, chuvas, raios e trovões. Depois que o assisti quase sem vida, saboreei o medo consumir a minha alma enquanto ardia em chamas apenas de pensar na possibilidade de perdê-lo. Detestava reconhecer que seguir

até a casa de Estêvão, mesmo que fosse para conhecer Jimena, talvez fosse algo que o desagradasse.

Segurei a porta do armário apoiando-me até os meus dedos escolherem um vestido cinza. Aparentemente, a cor estava diretamente atrelada aos sentimentos que acompanhavam o meu despertar.

Prossegui até a cozinha, amarrando a faixa do vestido à cintura. Entrei a tempo de testemunhar o afã com que Liana mordida um pedaço de pão. Ama empurrou um prato de mingau em minha direção assim que sentei à mesa.

— Liv... Achei que dormiria o dia inteiro. Está se sentindo bem? — Ama perguntou desassossegada.

— Um pouco cansada, mas nada com que deva se preocupar — afirmei, lançando um beijo a Liana, que acenou com a mão engordurada pelo queijo.

— Deve ter tido pesadelos durante a noite — Ama relatou, fazendo um sinal em direção ao prato de mingau. — Sacudia-se de um lado a outro com uma grande inquietação.

— Tive alguns pesadelos realmente — respondi, enfiando a colher entre os lábios, fazendo a sua vontade.

— Eu tenho medo de ter pesadelos! — Liana falou, arregalando os olhos. — Quando eles acontecem corro ao quarto do nosso pai ou de Felipe.

— Também tenho medo dos pesadelos, mas às vezes eles são inevitáveis — confessei, apoiando com calma a colher sobre o prato, reconhecendo que faria um imenso esforço se quisesse erguê-la mais uma vez. — Não precisa ficar tão apavorada; os pesadelos não podem machucá-la.

— Sabe... Às vezes nem durmo direito com medo — a voz de Liana soou fraca.

— Precisa adormecer sem medo, pois para cada possibilidade de pesadelo sempre existirá a possibilidade de um sonho — aclarei, encarando os olhos castanhos.

Liana abriu um sorriso fascinante.

— Vou brincar com os meus amigos — ela disse, deixando a cadeira. — Posso brincar, não é mesmo?

— Claro que pode — declarei, vendo-a deixar a cozinha saltitando. — Ama... Irei até a casa de Estêvão — informei, tomando com sacrifício um pouco do mingau.

— Procure não se afastar da vila; todo cuidado ainda é muito pouco — Ama me advertiu.

Depois de minutos incontáveis, terminei o interminável mingau e parti em direção à casa de Estêvão. Afastar-me do meu melhor amigo parecia uma tarefa de complexa execução, e de certa forma as pessoas do vilarejo se encontravam atreladas ao meu destino.

Bati algumas palmas insistentes em frente à sua casa, mas ninguém veio atender a porta. Analisei que talvez fosse cedo demais para a visita, no entanto recordei que especialmente naquele dia havia acordado mais tarde que o habitual.

Cruzei um corredor lateral guiada pelo barulho vindo dos fundos da casa: era um serrote talhando madeira. Ao fim da pequena caminhada, coloquei os olhos num pequeno barracão com portas estreitas. Os passos seguintes exigiam certo cuidado, pois existiam restos de madeira e ferramentas espalhados por todos os lados.

Apreciei, à espreita, Estêvão trabalhando com uma concentração admirável. Ele cantarolava uma canção antiga que me lembrou os tempos de infância no vilarejo. O rapaz não usava camisa, talvez porque o calor intenso não permitisse. Era possível notar as gotas de suor escorrendo em sua pele clara.

Decidi que não deveria continuar observando Estêvão às escondidas. Recuei com o intuito de fingir a minha chegada ao barracão, como se ainda não o tivesse visto. Assim que virei o corpo com a finalidade de executar o meu plano, assustei-me ao dar de encontro com uma mulher alta, cabelos pretos impecavelmente amarrados no alto da cabeça e um sorriso contagiante. A moça esbelta segurava um copo e com um olhar travesso encarou-me, demonstrando que havia testemunhado a minha indiscrição.

— Ele é muito bonito, não é mesmo? — ela exprimiu ainda sorrindo.

— Desconcertantemente bonito! — murmurei atordoada.

— Hum... Deixe-me adivinhar? Você é Liv, não é mesmo? — ela estendeu a mão desocupada. — Eu sou Jimena, a irmã de Estêvão.

— Bem... É... Sou eu mesma — discorri estonteada.

— Não precisa se preocupar — Jimena expôs, presenciando a minha respiração acalmar. — Não contarei a Estêvão o que presenciei aqui.

— Como assim o que presenciou? Estêvão é apenas um amigo — assegurei, abrindo a boca com espanto. — Se por acaso dei uma impressão diferente, devo lhe pedir desculpas pelo mal entendido que causei.

— Liv... Não precisa se envergonhar... — Jimena pronunciou sincera. — Devemos ter quase a mesma idade, não é mesmo? — balancei a cabeça afirmativamente. — Conheço bem os seus anseios, os seus medos, as suas dúvidas. Creio que considerar um homem bonito não seja um delito grave — ela expressou, para minha tranquilidade. — Vamos entrar, Estêvão ficará muito feliz em vê-la.

Enquanto observava Jimena adentrar ao barracão, imaginava se Estêvão seria o outro amor ao qual as interpretações dos sonhos se referiam. A lembrança vívida das conclusões de Sara confundia as minhas sensações internas. Balancei a cabeça afastando os pensamentos dúbios e, obedecendo ao convite, entrei no local, deliciando-me com o aroma da seiva que perfumava o ambiente.

Estêvão enxugou o suor com pressa numa toalha de linho, vestindo a camisa logo em seguida. De certa forma, vê-lo daquele jeito era um pouco desconfortável para mim.

Assim que deixamos o pequeno barracão Jimena comentou que o almoço estava quase pronto.

Incerta da minha decisão de ter aceitado o convite, caminhei com passos imprecisos até a sala, sendo apresentada ao pai de Estêvão. A situação tornou-se um pouco constrangedora quando ele insinuou que o meu melhor amigo e eu formaríamos um belo par.

Para disfarçar o acanhamento que a sugestão havia provocado, iniciei uma conversa sobre coisas do cotidiano, mas principalmente sobre o ataque a Franco. Ainda abalada, descrevi com intensidade os detalhes ao senhor Robert.

Estêvão deixou a sala por alguns momentos. Imaginei que a situação o incomodava. Nos últimos tempos, ele havia se tornado a pessoa com quem eu mais tinha contato. Considerei que aquela aproximação permitiu que os sentimentos se confundissem um pouco. Era nítido que Estêvão não sabia diferenciar a amiga da mulher.

Durante a ausência do meu melhor amigo, o senhor Robert conversou comigo sobre o Medalhão Elemental. Ele referenciou por inúmeras vezes, com uma expressão visivelmente preocupada, todas as mudanças que aconteceriam em nosso mundo. A sua voz falhou quando ele comentou que viveríamos momentos difíceis se a pessoa errada alcançasse a metade.

Os meus olhos se arregalavam com a narração sobre os perigos que o príncipe Franco enfrentaria se quisesse apossar-se do artefato, ressaltando enfático que o príncipe estava totalmente errado por acreditar que os fatos faziam apenas parte da crendice popular.

A conversa foi interrompida quando escutamos algumas batidas leves na porta. Jimena levantou-se para atender. Reconheci aquela voz doce assim que Levi emitiu a primeira palavra.

— Acabei de chegar da cidade — Levi percorreu apressado, enquanto sentava-se numa cadeira bem no canto da sala.

— Da cidade? Como estão as coisas por lá? — interpelei, com discreto interesse.

— Estão mais calmas atualmente, mas as pessoas ainda estão temerosas — Levi alegou, alcançando a taça que

Jimena lhe oferecia. — Todos acreditam que o príncipe Franco será um grande rei para Lanóvia. Então, acho natural o temor que se abateu sobre a população — ele me encarou.

— Os *Insurrectos* não pensam assim, não é mesmo? — falei irônica.

— Eles acreditam que o príncipe Franco será um grande rei para Lanóvia, no entanto desejam que um pouco do poder de decisão se concentre nas mãos do povo — Levi comentou, levando a taça até a boca. — As pessoas estão seguindo até o castelo numa espécie de peregrinação, para ter a confirmação do bem-estar do príncipe Franco.

— Por onde anda Benjamin? — Jimena indagou, desviando o assunto. — Aquele menino levado ainda não apareceu por aqui hoje... — ela sentou-se à mesa.

— Não vejo Benjamim desde hoje cedo. Deixei o garoto aos cuidados de Vivian, a noiva de Carlo — Levi respondeu como se quisesse evitar conversas sobre o garoto.

— Benjamin é o sobrinho de Levi, uma criança adorável — o senhor Robert esclareceu, desviando o olhar para mim.

— Já tive a felicidade de conhecê-lo. Benjamim é amiguinho de Liana, mas não sabia que Levi e ele eram parentes — relatei, notando o desagrado de Levi com o prosseguimento daquela conversa.

— Ah... Quase ia me esquecendo... — os pensamentos mostravam que Levi mudaria o rumo do diálogo. Disfarcei a mudança em meus olhos curvando a cabeça. — Caio e Sebastian chegaram de viagem, acabei de encontrá-los na cidade — Levi comentou, levantando-se para sentar-se ao

lado de Jimena. — Rejeitei o convite de Caio para uma taça de vinho dizendo que tinha muitas coisas a resolver, e os aconselhei a retornar imediatamente ao vilarejo, afinal de contas foram meses de ausência. Porém, os dois não deram nenhuma atenção à minha orientação. Sebastian se deixou seduzir por Caio relatando que uma taça de vinho não faria mal.

— Ester ficará furiosa quando souber que Sebastian foi à taberna — Estêvão previu aflito, entrando na sala novamente. Assim que notei o cabelo molhado compreendi o motivo pelo qual havia se ausentado.

— Caio se comporta como um boêmio... Nunca está disposto a assumir compromissos. Com certeza, induziu Sebastian a tomar vinho naquele lugar — Jimena reclamou com preocupação.

O assunto encerrou-se por completo quando a mãe de Estêvão colocou a comida na mesa.

Durante o almoço falou-se muito sobre a personalidade de Caio e de como Sebastian sempre o acompanhava em todas as aventuras, mesmo sendo o mais velho entre os irmãos. Assim que terminamos, ofereci-me para ajudá-las na cozinha, mas Jimena recusou a oferta, mandando-me de volta à sala com o pote de doce de leite, que deveria ser oferecido como sobremesa.

Acatei a ordem desejando encontrar uma maneira discreta de fugir das fantasias que se perpetuavam pelos pensamentos de Estêvão. Se não era amor o que sentia por ele... O que poderia ser?

Enquanto tentava encontrar uma resposta para minha pergunta, bateram à porta mais uma vez. Dessa vez foi Estêvão quem se levantou. Reconheci de imediato o homem com boa postura parado na soleira da porta. O meu amigo inclinou-se, fazendo um sinal para que me aproximasse.

— Boa tarde, Patrício, o que deseja? — indaguei aflita.

— Eu tenho um recado do príncipe Franco para a senhorita — ele respondeu.

— Pois então diga o que Franco deseja — falei apressadamente, demonstrando que o recado poderia ser dado na presença de Estêvão.

— O príncipe Franco deseja vê-la o mais breve possível! — ele pronunciou com entusiasmo. — O príncipe pediu que lhe dissesse que, se fosse conveniente, ele ansiaria por encontrá-la amanhã mesmo. Caso a resposta seja positiva, a carruagem será encaminhada para buscá-la amanhã bem cedo.

— Claro que será conveniente! — expressei, sem disfarçar o ânimo. — Diga-lhe que pode mandar a carruagem, se não for causar muito incômodo — respondi ansiosa.

— Não será incômodo nenhum — ele retorquiu rápido. — Esteja pronta de manhã bem cedo.

Apesar de perceber toda a insatisfação de Estêvão, continuava efusiva. Percebi que a minha alegria era motivo de tristeza para ele e por isso deveria voltar para casa imediatamente. Enxergar claramente em seus olhos todo o desalento atingia-me intimamente.

Estêvão fechou a porta devagar, procurando evitar que outros escutassem a nossa conversa.

— Será sempre assim, Liv? — Estêvão pronunciou com irritação. — Sempre que o príncipe Franco quiser estará disposta a atendê-lo? — ele engoliu em seco, sem evitar a impaciência. — Como pode ser tão tola!

— Estêvão, desta forma está me ofendendo! — repliquei magoada.

— O príncipe a tratou mal quando se conheceram, até mandou prendê-la por causa da confusão no comércio. Depois que lhe defendeu de um bêbado maldito tornou-se o seu salvador e, desde então, nada mais tem importância — ele discorreu irritado. — O príncipe Franco poderia decidir o destino de vocês ainda hoje se assim desejasse!

— Estêvão... A escolha de Franco não me parece tão fácil — rebati com segurança, sem desviar os olhos dele. — Não escutou o que Levi falou há poucos instantes? — ele balançou a cabeça, como se desprezasse as minhas explicações. — O povo espera muitas realizações de Franco. Sabemos que existem muitas responsabilidades em suas mãos. O destino de Lanóvia e de todos os seus territórios seguem a cargo de Franco. Como ele poderia abandonar tudo tão rapidamente porque se apaixonou por uma mulher do povo?

— Tomar essa decisão não seria tão difícil para mim — ele resmungou, dando de ombros. — Se estivesse no lugar do príncipe Franco, escolheria você.

— Fala isso com tanta propriedade porque não está no lugar dele — sustentei a minha opinião. — Franco

conquistou tantos impérios; sabemos que ele é responsável pelo bem-estar de muita gente — respirei fundo. — E com relação a mim... Dei a Franco o tempo que fosse preciso para pensar. Não quero que ele se arrependa de qualquer decisão que venha a tomar.

Escutar as minhas palavras fez Estêvão apertar o corrimão com tanta força que testemunhei os seus tendões sobressaltarem.

— A única coisa que desejo é que o príncipe Franco lhe faça feliz — ele declarou, demovido de todo o ânimo.

Ficamos em silêncio por um longo período. O sol decaía no horizonte quando fomos interrompidos pelo som macio que escapava dos lábios de Levi. Todos ficaram preocupados com a visita do soldado.

Entramos na sala explicando os motivos daquela visita inesperada. Aproveitei para me despedir de todos agradecendo os momentos agradáveis e toda a hospitalidade com que aquela família havia me tratado.

Estêvão me acompanhou até a saída sustentando o olhar lânguido. Enquanto descíamos as escadas escutamos uma algazarra expressiva. O rapaz balançou a cabeça para os lados demonstrando que conhecia muito bem os dois cavalheiros que se aproximavam.

— Meu adorado irmão Estêvão! Sentimos muito a sua falta! — o rapaz de cabelos dourados desceu do cavalo.

— Sebastian... Está embriagado... — Estêvão reclamou, aproximando-se do irmão com o intuito de apoiá-lo. — Ester não gostará de recebê-lo dessa forma depois de tanto tempo ausente.

— Quem é essa moça? — Sebastian perguntou revirando os olhos.

— Essa é Liv... A irmã de Felipe — Estêvão respondeu, segurando o rapaz que se abaixava para beijar minha mão.

— Liv... Desculpe por todo esse transtorno — Estêvão afirmou mais calmo. — Sebastian não tolera a bebida e Caio sabe muito bem disso — os olhos de Estêvão se viraram ao rapaz mais jovem. — Por causa desse imprevisto nem poderei acompanhá-la até em casa.

— Se quiser eu mesmo acompanho a moça com todo prazer... Eu me chamo Caio, ao seu inteiro dispor — o belo rapaz moreno de cabelos espetados sugeriu, curvando-se à minha frente.

— Eu moro tão perto daqui que não vejo problema algum em voltar sozinha — emití, encarando o rapaz deslumbrante parado à minha frente.

— Caio... Acha que cometeria a insanidade de deixar que a acompanhasse? — Estêvão advertiu ríspido, fazendo um esforço para manter o irmão de pé — Papai não gostará nada de ver Sebastian nesse estado deplorável. Prepare os seus ouvidos! — Estêvão avisava furioso.

— Nós trabalhamos muito durante a viagem — Caio resmungou. — Será que não tínhamos o direito de nos divertir um pouco? Que mal pode haver em dois trabalhadores honestos tomarem algumas taças de vinho, não é mesmo, senhorita? — dei um sorriso, sem expressar qualquer palavra que compactuasse com a situação.

Estêvão regressou com Sebastian casa adentro, enquanto Caio sentou-se desolado em um dos degraus como se

quisesse fugir das reclamações.

Segui em direção à minha casa, notando o entardecer extasiante que se anunciava. Caminhei devagar, admirando a beleza daquele momento. A sensação de tranquilidade reconfortava a minha alma.

Encontrei com Nicolau próximo ao galpão. O garoto esteve na cidade pela manhã. Ele confirmou com entusiasmo as palavras de Levi sobre a preocupação do povo com a saúde do príncipe, sugerindo que talvez fosse melhor que a rebelião tivesse um fim definitivo. Segundo o garoto, ninguém conseguiria convencer o povo em não apoiar as decisões tomadas pelo príncipe Franco.

A noite se iniciava com o abrilhantar das estrelas no céu negro. Inclinei o pescoço enxergando o clarão da lua e percebendo que todo dia evitava o amor de Estêvão apenas para ser completamente fiel a um homem que ainda não era meu.

Questionei repetidamente se seria o mais correto a fazer. Em uma fração de segundos depois, encontrava a resposta em todo o amor que eu sentia por Franco e que acalorava com chamas intensas o meu interior naquele anoitecer contraditoriamente frio.

o plano

Eu permanecia imóvel em frente ao galpão, observando Nicolau tomar o caminho de casa.

— Passou o dia inteiro fora! — Felipe enunciou, chegando à porta do galpão. — Devo confessar que senti a sua falta bisbilhotando por aqui — ele murmurou, abraçando-me com carinho. — Somente na hora do almoço soube por Ama que estava na casa de Estêvão.

— Estêvão queria que eu conhecesse Jimena e os seus pais — esclareci, retribuindo o abraço afetuoso. — Acabei conhecendo a família inteira, porque agora há pouco Caio e Sebastian chegaram de viagem.

— Eu sei... Passaram por aqui fazendo um alvoroço enorme — Felipe relatou, voltando para dentro do galpão; então resolvi acompanhá-lo. — Caio às vezes é tão irresponsável! Todos estão sempre lhe chamando a atenção, mas parece que o rapaz não aprende.

— Para tudo há seu tempo — delineei com certeza inesperada. — Com certeza, na hora certa Caio amadurecerá.

— Estêvão lhe convidou para conhecer a família? — Felipe questionou desconfiado, arrumando as ferramentas. — As coisas estão evoluindo muito bem...

— Estêvão e eu somos apenas bons amigos.

— Hum... Sei... Amigos? — ele esboçou, carregado de dúvida.

— Não sei o motivo da sua desconfiança — retruquei num tom de irritação. — Estou conhecendo Estêvão melhor e não vejo nenhum problema nisso. Por acaso se opõe a essa amizade? Porque se alguma coisa não lhe agrada... — considere, erguendo as duas mãos.

— Me opor a essa amizade? De forma alguma! — ele uniu as sobrelanceias. — Faço muito gosto da sua amizade com Estêvão. Ele é um bom rapaz, nunca conheci uma pessoa mais leal. É um bom filho, um bom irmão, um bom amigo. Tenho certeza de que será um bom marido — Felipe declarou, como se estivesse disposto a me convencer daquilo.

O meu irmão carregou as ferramentas, colocando-as num grandioso armário de madeira.

— Acredito sinceramente que você seria feliz se ficasse ao lado de Estêvão — Felipe discorreu com sinceridade. — Sei o quanto ama o príncipe Franco, mas com o tempo poderia aprender a amar Estêvão.

— Não é tão fácil assim! — repliquei. — Franco e eu... Não sei... Algumas vezes, sinto como se a vida dele dependesse da minha de alguma forma — considere com convicção aquelas palavras. — Não consigo explicar o que sinto, apenas sei que temos uma ligação muito forte.

— Devo confessar que no início não fiquei animado com a sua vinda à nossa casa, mas agora não a imagino longe dessa família. Sempre desejarei que o melhor lhe aconteça e tenho medo que o príncipe a faça sofrer — ele sussurrou,

tomado pela preocupação. — Claro que percebi uma mudança drástica no comportamento do príncipe Franco, mas ainda não confio totalmente nele — ele aproximou-se e segurou a minha mão, fazendo com que me sentisse segura. — Sou seu irmão e estou apenas buscando protegê-la de sofrimentos futuros. O príncipe Franco foi treinado, estimulado e preparado para se tornar o rei de Lanóvia. Não acho que desistirá dos seus planos audaciosos por amor — ele suspirou antes de continuar. — Espero que possa compreender a minha posição.

— Claro que o compreendo! — pronunciei com sinceridade. — Sempre poderá me apontar o melhor caminho, porém a decisão de qual devo seguir precisa ser minha. Espero que possa compreender isso também — Felipe balançou a cabeça com um sinal afirmativo.

— O príncipe Franco mandou um soldado procurá-la mais cedo. Precisei dizer ao guarda onde poderia encontrá-la — Felipe informou receoso, apagando a caldeira.

— O príncipe gostaria que fosse visitá-lo. Acha que nosso pai negará uma visita ao príncipe? — interroguei, estreitando os olhos.

— Dificilmente — ele afirmou com convicção. — O nosso pai não seria tão desumano a ponto de negar um desejo a um moribundo — Felipe pronunciou, sorrindo com sarcasmo.

— Franco não está moribundo, por favor pare de agourá-lo! — resmunguei. — Eu tenho certeza de que ele ficará ainda melhor depois da minha visita — discursiei exultante.

Felipe deu alguns passos, fechando as janelas do galpão.

— A sua amiga também não apareceu por aqui — Felipe comentou, virando-se de costas. — Será que ainda está muito ofendida por causa das verdades que eu lhe disse?

— Passarei na casa dela antes de seguir até a cidade amanhã — proferi, imaginando se deveria continuar com aquela conversa. — Felipe, não acha que tem sido muito cruel com Luna?

— Cruel? — ele falou exaltado. — Aquela mulher me traiu! Saiba que apenas por sua causa tenho sido até muito gentil com Luna.

— Talvez ela esteja falando a verdade — defendi a verdade que enxergava a cada vez que conversava com Luna.

— Nosso pai estava procurando por você mais cedo — Felipe mencionou, desviando-se do assunto. — Por que não entra para ver o que ele deseja?

Entrei em casa encontrando meu pai sentado à mesa da cozinha.

— Passou tanto tempo na casa de Estêvão que eu já estava disposto a ir buscá-la — ele resmungou, levantando a caneca até a boca.

— Nem me dei conta de que tinha passado o dia inteiro por lá... — observei, aproximando-me da mesa. — No entanto, não vejo motivo para tanta agonia. Aliás, o senhor Robert se queixou de que o senhor não tem aparecido — sentei-me ao seu lado.

— A apreensão em que vivo desde que você retornou a essa casa tem me tirado a vontade de ir a qualquer lugar — ele replicou sem pensar.

— Desse jeito me sentirei culpada! — refutei com tristeza. — Meu pai... Se algo tiver que acontecer comigo o senhor não poderá evitar, portanto trate de dar mais atenção a seus amigos — recomendei convicta.

— Farei uma visita a Robert assim que as coisas se acalmarem — meu pai contrariava a minha vontade.

— Teimoso como Felipe — os meus lábios se esticaram num sorriso. — Por falar em visita, o príncipe Franco solicitou que fosse vê-lo amanhã. Antes que o senhor diga que não permitirá, devo informá-lo de que ele mandará a carruagem com escolta — meu pai me observava com atenção. — Sendo assim, não vejo motivo para recusar o convite. Como irei em segurança até a cidade, levarei Liana comigo, pois prometi que um dia ela conheceria o castelo.

— Não conseguirei convencê-la do contrário, não é mesmo? — balancei a cabeça negativamente. — Considerarei, então, o estado de saúde do príncipe para consentir a permissão. Pode ir até o castelo, mas todo o cuidado ainda será pouco.

Procurei Liana pela casa para lhe comunicar a novidade. Ela brincava com o sorriso iluminado de sempre em seu quarto. Vê-la me fez recordar Benjamim. Por que motivo Levi evitava falar do garoto?

Os seus olhinhos atentos repousaram sobre mim enquanto as mãos rechonchudas retiravam as mechas dos cabelos castanhos que dificultavam a sua visão.

— Princesa... Preciso lhe dar uma notícia — discorri entrando no quarto.

— Liv... Se for notícia boa, por favor, me conte logo! — ela articulava com empolgação.

— Amanhã gostaria que vestisse o seu vestido mais bonito, pois iremos ao castelo visitar o príncipe — proclamei, escutando os gritos de alegria.

— Não posso acreditar! — ela deu alguns pulos em cima da cama. — Iremos ao castelo de verdade, de verdade mesmo? Eu verei a rainha de perto... E a princesa? Poderei ver a princesa, Liv?

— Claro que sim! — prometi, encarando uma face repleta de contentamento. — Norah é minha amiga, estou certa de que ficará muito feliz em conhecer alguém tão adorável quanto você.

— Ah... Poderei ver o príncipe Franco também, não é mesmo? Anseio em ver com os meus próprios olhos que ele recuperou a saúde — ela discorria com graça.

— Claro que se encontrará com o príncipe Franco — confirmei, achando divertido o entusiasmo da garota. — Entraremos apenas onde formos convidadas e comeremos apenas o que nos for oferecido... E de maneira nenhuma nos intrometeremos nos assuntos deles — ela observava com atenção as minhas orientações. — Poderei contar com a sua descrição?

— Ah, sim! Claro! — ela replicou, sacudindo a cabecinha.

— Amanhã cedo irei até a casa de Luna para resolver alguns assuntos. Depois que eu retornar, seguiremos até o castelo, como combinado — comuniquei, imaginando o seu desespero se acordasse e não me encontrasse em casa no dia seguinte.

— O que tem a resolver com Luna? — ela indagou, sentando-se na cama.

— Assuntos de gente grande! — respondi apertando o seu nariz.

— Hum... Deve ser sobre Felipe — ela murmurou, acertando em cheio o motivo da conversa que teria com Luna. — Se lhe contar um segredo não contará a ninguém? Promete que não falará a ninguém, mesmo?

— Prometo que sempre poderá confiar em mim — discurri incisiva.

— Eu acho que Felipe... Bem... Na verdade, eu penso que o nosso irmão ama Luna — Liana sussurrou, olhando em todas as direções.

— Como descobriu uma coisa tão importante assim? — fingi surpresa, procurando não desapontá-la.

— Quando não morava aqui... Sabia que eles foram noivos? — balancei a cabeça afirmativamente. — Felipe não quis se casar com ela, mas depois ficou tão infeliz. Nunca entendi porque a mandou embora, se depois ficou tão triste e sozinho — Liana expôs, repousando as mãos na cintura com indignação.

— Bobagens de gente grande — sugeri, dando um longo suspiro. — Coisas com as quais não deve se preocupar ainda.

Felipe adentrou pelo quarto e sem que Liana esperasse acabou sendo erguida ao alto pela cintura.

— Felipe, ponha Liana no chão! — pedi sorrindo com as gargalhadas dadas pela garota.

— Quer dizer que fará uma visita ao castelo amanhã, princesa? — Felipe disse, colocando-a no chão.

— Conhecerei a princesa e a rainha pessoalmente. Não é um sonho, Felipe? — ela exaltou sorrindo.

— Para alguns, sim! — ele replicou, entortando os lábios. — Ama pediu para chamá-las porque o jantar está servido — Felipe comentou, fazendo uma reverência.

Durante o jantar meu pai perdia-se observando as múltiplas diferenças entre os seus três filhos.

Liana sempre feliz, Felipe sempre cauteloso, Liv sempre ansiosa — as suas conclusões pairavam sobre os meus olhos curiosos.

Notava a preocupação de meu pai com relação ao meu futuro, especialmente no que dizia respeito à minha relação com o príncipe Franco. Apesar de boa parte da sociedade considerar uma grande honra tornar-se amante de um rei, o meu pai não enxergava nenhuma glória nesse destino.

Grande parte dos casamentos feitos pela realeza acontecia buscando apenas manter a linhagem nobre das famílias, outras vezes os casamentos ocorriam para que fossem feitas grandes alianças. Na maioria dos casos não existia amor de verdade naquelas uniões. Por esse motivo, os envolvidos acabavam arrumando amantes para preencher o vazio em suas almas.

Acabamos o jantar seguindo até a sala. Não demorou muito para que Liana adormecesse no colo de Felipe. Ele a carregou com facilidade até o quarto, colocando-a na cama, enquanto as minhas mãos retiravam os seus sapatos.

Antes que o sol despontasse no horizonte, eu estava de pé abrindo o armário e tomando o melhor vestido que possuía. O vestido escolhido era marfim, com um decote quadrado; as mangas compridas seguiam bordadas por um dourado discreto.

Terminei o banho demorado observando a aurora deslumbrante pela janela. Sentei em frente ao espelho penteando os cabelos volumosos com atenção.

Deixei a casa testemunhando algumas nuvens que recobriam o céu mostrando a possibilidade de chuva. Apressei um pouco mais o passo, pois detestaria ter que evitar o encontro com Franco por causa de uma tempestade.

Bati à porta com cautela, desejando que Luna atendesse. Betânia sempre reclamava das minhas visitas muito cedo.

— O que deseja aqui tão cedo? — Luna interpelou sonolenta. — Aconteceu alguma coisa? Por que está vestida assim?

— Por favor, uma pergunta da cada vez — pronunciei, notando que ela sorriu do comentário. — Será que eu poderia entrar um pouco?

— Claro que sim — Luna afirmou, bocejando. — O que aconteceu para que batesse à minha porta tão cedo enfeitada desse jeito? Por acaso está indo a um baile?

— Como tem passado? — disse, quase sem fôlego. — Tem evitado ir à minha casa e a sua atitude provocou-me preocupação.

— Estou bem — ela respondeu sem pensar. — Quer dizer, não tão bem quanto deveria... Mas a cada dia mais disposta

a esquecer Felipe! O seu irmão não merece que eu gaste as minhas forças tentando convencê-lo de que sou inocente.

— Felipe é mesmo um cabeça-dura! — pronunciei, sem defendê-lo da conclusão a que Luna havia chegado. — Porém tenho certeza de que ele a ama.

— Liv, sinceramente não acredito que isso seja possível — ela murmurou, jogando-se exausta na cadeira. — Se Felipe me amasse realmente pelo menos estaria disposto a me escutar, no entanto ele está sempre pronto a fazer acusações, disposto o tempo inteiro a me ofender — Luna falou incrédula, deslizando os dedos nos cabelos embaraçados.

— Ontem mesmo, sei que ele sentiu a sua falta — afirmei, notando o brilho em seus olhos. — Até mesmo Liana sabe o quanto Felipe a ama.

— O que deseja que eu faça? — ela indagou, aumentando o tom de voz. — Estou esgotada de implorar pelo perdão de Felipe, exausta de repetir que sou inocente. — ela expôs, dando de ombros.

— Que pena que está pensando em desistir de Felipe justamente agora que Malena está se preparando para conquistá-lo utilizando os meios mais sórdidos — adverti, lembrando-me das palavras de minha mãe.

— O que sabe sobre Malena? — Luna movimentou-se aflita, voltando a ter interesse pelo assunto. — Se encontrá-la algum dia acho que sou capaz de torturá-la para que confesse a verdade! — Luna relatou a mentira.

— Malena retornou ao vilarejo ainda mais perigosa — adverti, tentando fazer com que Luna esquecesse a

possibilidade de retirar satisfações com a megera. — Ela está envolvida com as bruxas de Winter; por isso precisamos atrair Felipe para o seu lado sem uma confissão daquela maldita.

— E como conseguiremos tal façanha? — ela questionou irônica.

— Desprezo — disse sucinta.

— Desprezo? — ela retrucou.

— Acho que deve ignorá-lo um pouco. Felipe precisa perceber que você não está tão disponível como ele pensa — recomendei, dando alguns passos sutis pela sala. — O meu irmão precisa acreditar que existe uma possibilidade de perdê-la para sempre.

— Será que isso daria certo? — ela inquiriu, esboçando um sorriso. — De qualquer forma, não tenho alternativa. Darei um pouco de desprezo a Felipe e veremos de que maneira ele se comporta — ela refutou animada.

— O nosso plano pode ter início agora mesmo — recomendei astuta. — Franco pediu que eu fosse até a cidade para vê-lo. Vista o seu melhor vestido e me acompanhe no passeio. Por favor, ignore Felipe quando nos aproximarmos da carruagem.

— Excelente ideia! — ela articulou, erguendo-se da cadeira.

Passado algum tempo Luna regressou à sala. Os cabelos negros brilhavam como uma noite estrelada e o sorriso claro combinava com a pele morena, que se adequava perfeitamente ao vestido amarelo que usava.

Encontramos Estêvão em pé junto à varanda de sua casa. Ele nos cumprimentou e a cortesia foi retribuída com um sorriso. Caio penteava a crina do cavalo, mas fez questão de acenar, elogiando a nossa estonteante elegância naquela manhã nublada.

À nossa frente, aproximadamente cinquenta soldados cercavam a carruagem.

— É muito feio deixar o príncipe esperando, sabia? — Liana reclamou quando nos viu.

— Pediremos desculpas pelo atraso — respondi, notando Felipe impressionar-se com a indiferença com que Luna o tratava. Ela nem sequer olhou em sua direção. — Felipe, não precisa ficar preocupado, pois é bem provável que passemos o dia inteiro pelo castelo.

Felipe não dava nenhuma atenção ao que eu dizia. Os seus olhos encaravam com incômodo o desprezo de Luna.

— O que disse? — ele murmurou atordoado.

— Por favor, será que poderia prestar atenção no que lhe digo? — interpelei, segurando o riso. — Certamente passaremos o dia inteiro fora, portanto não precisa ficar preocupado. Será que entendeu agora? — ele confirmou positivamente, porém sem desviar o olhar de Luna.

Patrício aproximou-se solicitando que entrássemos com rapidez na carruagem. Obedeci àquele soldado que não era muito alto. Os cabelos pretos curtos agitaram-se com o vento; descobri que a sua fisionomia carrancuda me deixava assustada.

Alcançamos a estrada e por alguns instantes tive a nítida sensação de que estávamos sendo observados. Apreciei o

lado de fora inúmeras vezes, mas não existia nada que justificasse as minhas desconfianças.

Chegamos à frente do castelo e finalmente experimentei a tensão aliviar os meus músculos. Fiz questão de que Patrício anunciasse a Franco que havia trazido companhia. O soldado achou desnecessário, mas mesmo assim obedeceu ao pedido.

Não demorou até que Patrício retornasse pedindo que seguissemos para dentro do palácio. Caminhamos pelos corredores até alcançarmos a direção do quarto de Franco.

Liana e Luna caminhavam pelos corredores boquiabertas. As duas nem piscavam, para não perder nenhum detalhe.

Patrício bateu à porta do quarto anunciando a nossa chegada. Caminhamos devagar até penetrar naquela atmosfera inebriante.

Franco sorriu, transformando a sua face num esboço de perfeição. Ele ajeitou-se com elegância na poltrona no momento em que eu admirava a harmonia dos seus olhos com a camisa azul turquesa que vestia.

As minhas pernas estremeceram, as minhas mãos esfriaram e o meu coração disparou. O amor que eu sentia por Franco percorria minhas veias como o sangue que me mantinha viva. Seria praticamente impossível deixá-lo porque enquanto metade de mim revelava cautela a outra metade divulgava insistentemente que não restava saída, a não ser a entrega.

Afetuosamente, Franco mantinha o sorriso, fazendo um gesto para que me aproximasse. Atendi ao pedido sentando-me numa cadeira ao lado da sua.

Patrício orientou Liana e Luna a ocuparem outros assentos vazios do quarto.

— Parece bem melhor agora! — disse, curvando-me aliviada, alcançando a sua mão curiosamente fria. — Estou extremante feliz com a sua recuperação.

— Que bom que lhe pareço melhor — ele declarou sorrindo. — Imagino que a sua visita seja responsável por isso.

— Já que lhe faço tão bem prometo que virei mais vezes visitá-lo — murmurei, retribuindo o sorriso.

— Se fosse por minha vontade, estaria aqui todos os dias! — ele expôs, sorrindo com os olhos.

— E como está a ferida em seu ombro? — perguntei aflita, soltando a sua mão.

— A ferida praticamente está curada — Franco respondeu sem hesitar. — Malvin, uma espécie de curandeiro que mora aqui no castelo, cuidou muito dela — ele expressou um tanto contrariado. — Em resumo, a minha mãe confia muito nele. Ela insiste em mantê-lo por perto. Malvin, na verdade, é um bruxo; por isso a sua presença constante aqui no castelo não me agrada muito — ele fez uma pausa, indicando que mudaria de assunto. — Será que a linda menininha poderia vir até aqui? — Liana desceu da cadeira e aproximou-se de Franco, que afagou seus cabelos. — O passeio de carruagem foi agradável?

— Sim... Muito agradável, alteza — os olhos vívidos encararam Franco. — E seu o castelo é muito mais bonito do que eu imaginava. O seu quarto é tão perfumado, a sua

cama é tão grande, o seu armário é tão magnífico! — ela respirou fundo. — Hum... Tudo aqui é tão perfeito!

— Estou satisfeito por saber que está se divertindo com o passeio — ele articulou com sinceridade. — Espero que goste de jardins! Faço questão de cuidar pessoalmente dos nossos; funciona como um relaxamento.

— Claro que gosto de jardins! Gosto muito de animais também! — ela respondeu com os olhos faiscantes.

— Então, tenho muita coisa para lhe mostrar! — ele garantiu com satisfação por agradá-la. — Nós temos um jardim belíssimo e muitos animais também. Espero que esteja preparada para conhecer tudo.

— Estou preparadíssima! — ela disse, apertando os olhinhos. — Ontem adormeci mais cedo do que o costume porque estava ansiosa por esta visita. Também gostaria de conhecer a princesa Norah.

Franco acenou para Patrício solicitando que a princesa Norah fosse chamada até o seu quarto.

— Luna, é esse o seu nome, não é mesmo? — Franco mencionou, cordial. — Nunca esquecerei porque era você quem acompanhava Liv naquele dia do episódio com o bêbado.

— Algumas vezes Liv é muito impaciente — Luna comentou. — Pedi que aguardasse junto à carroça, mas ela ignorou totalmente o meu pedido.

— Liv... É mesmo tão impaciente? — ele me questionava com um contemplar sedutor.

— Para algumas coisas creio que sim — repliquei timidamente.

— Fico aliviado que a impaciência não inclua todas as coisas — ele expressou sorrindo. — Precisarei de muita paciência da sua parte.

— No que diz respeito a você... — sorri, fazendo uma pausa. — Terei sempre toda a paciência do mundo.

Andreas entrou no quarto movendo-se com uma elegância peculiar.

— Andreas... Como pode ser tão inconveniente? — Franco resmungou, entortando os lábios. — Peço que chamem a Norah e a sua figura desagradável me aparece...

— Franco, meu caro irmão, agradeço pelas palavras amáveis — ele ironizou, com aquela alegria empolgante. — Quando soube quem estava lhe fazendo uma visita, fiz questão de vir imediatamente e, pelo que vejo, a minha correria valeu a pena — ele suspirou antes de prosseguir. — Liv, está tão magnífica que me casaria com você agora mesmo.

Andreas inclinou-se, beijando a minha mão com demora. Tornou-se um alvo fácil a Franco, que lhe deu um leve pontapé na canela.

— Andreas... Fique bem longe dela! — Franco expressava um falso aborrecimento.

— Como longe? — ele provocou, erguendo as mãos para cima. — Preciso aproveitar que está enfermo para levar alguma vantagem sobre você — o seu olhar se desviou para Luna, que abaixou o rosto envergonhado. — A senhorita também é muito bonita e não me causaria problemas de família.

Todos riram enquanto Andreas beijava a mão de Luna.

— O príncipe Andreas me parece um conquistador por natureza — Luna disse sorrindo.

— Querida, cheguei a esse mundo com o propósito de fazer as mulheres felizes. Essa é uma árdua missão, da qual nunca declinarei — Franco balançava a cabeça. — Vejam, senhoritas... O destino do meu irmão é tornar-se o rei desse povo e o meu destino se resume a amar as mulheres — ele sorriu jocoso. — A minha tarefa é muito mais complexa, pois acredito que administrar um país seja algo muito mais fácil do que conduzir os desejos do coração de uma mulher... — ele fez um breve silêncio. — Ainda assim, reconheço que a minha missão é muito mais prazerosa.

— Senhoritas... Não deem ouvidos ao meu irmão! Andreas é um tolo — Franco articulou com graça, tapando os ouvidos.

— Franco... Devo confessar que é quase impossível ignorá-lo — proferiu sorrindo.

— Sua aprovação é a única coisa que me importa! — Andreas zombou, lançando-me um beijo.

Norah entrou ainda a tempo de ouvir as gargalhadas.

— Disseram-me que alguém por aqui deseja me conhecer — Norah disse a Liana, que sorria tímida.

— Você é a princesa? — Liana falou sorridente.

— Sim, em carne e osso! — Norah reportou para ela.

— Muito mais osso do que carne. Sejam os francos, querida irmãzinha! — Andreas discorreu crítico.

— Andreas, algumas vezes você é tão importuno! Senhoritas, não acham que sou muito elegante? —

reafirmamos a opinião da princesa enquanto Andreas deixava o local. — Qual é o seu nome?

— Eu me chamo Liana. Sou irmã da sua amiga querida... Liv — ela discorreu contente.

— Bem que percebi a semelhança... É bonita e graciosa, assim como sua irmã. Estou muito honrada em conhecê-la.

— Você tem muitos vestidos? — Liana interrogou, fascinada.

— Sim. Gostaria de vê-los? — ela fez um sinal afirmativo. — Vamos ao meu quarto, pois todos os meus vestidos estão lá, os meus sapatos, as minhas joias... — Norah olhou diretamente para Luna. — Gostaria de nos acompanhar?

Luna levantou-se quando compreendeu que Norah desejava me deixar a sós com Franco. Assim que as garotas deixaram o quarto iniciei uma conversa delicada com ele. Evitei fazer rodeios e fui direto ao assunto.

— Por favor, Franco... Preciso lhe pedir que esqueça tudo o que aconteceu naquela estrada e não arrume confusão com aqueles selvagens.

— Eu nunca me posicionei como um fraco! — ele disse com altivez. — Sei que estou me arriscando, arriscando a vida das pessoas que amo, inclusive a sua, meu amor... Mas não posso simplesmente esquecer o ataque. Se continuar aceitando tudo passivamente, os midrões atacam novamente. O fato de eu não ter tomado nenhuma providência até agora pode estar fortalecendo as estratégias deles — fitei-o com preocupação.

— Existe alguém naquela tribo disposto a lhe destruir — a minha voz arranhava a minha garganta.

— Acha que não sei disso? — ele replicou, fixando os olhos em mim.

— Por favor, prometa-me que não fará nada contra os midrões — insisti. — Os boatos que ouvi pelos corredores revelam que em poucos dias pretende atacá-los, mas eu lhe imploro, meu amor, para que não se aproxime deles.

— Prometo-lhe que pelo menos por enquanto não tomarei nenhuma atitude mais severa, porém se os midrões continuarem com os ataques... Sinto muito se precisarei desapontá-la, mas executarei um plano para dizimar aquela tribo — o furor extravasou pelos seus lábios.

— Lembre-se de que a energia do medalhão está prestes a ser liberada — tentava convencê-lo a desistir de uma retaliação. — Não precisamos tê-los como inimigos!

— Quanto ao medalhão, não preciso preocupar-me com o assunto — ele comentou sem interesse.

— Acredito que tomará a decisão que considerar melhor para todos — contestei esmorecida.

Levantei, seguindo até a sacada, triste com a sua descrença. Encantei-me com a vista que vislumbrei, a ponto de esquecer as preocupações. A posição que o quarto de Franco ocupava parecia estratégica; dali era possível observar a cidade por todos os ângulos. Notei a estrada que levava até a vila, observei toda a extensão do comércio, analisei as pequenas ruas estreitas e enxerguei nitidamente a cruzamento que dividia os dois lados da floresta de Hans.

Uma brisa fresca acarinhou o meu rosto. Admirei o caminhar alinhado de Franco até o meu lado. A proximidade tão intensa permitia que eu escutasse a sua respiração

acelerada. Admirei os seus olhos de tom indefinido por um longo tempo, porém não experimentei vontade de descobrir o que ele pensava, talvez porque os seus gestos tão precisamente previsíveis demonstrassem a magnitude do amor que ele sentia.

A brisa partira lentamente, espalhando o cheiro das rosas plantadas no parapeito da sacada. Um frêmito percorreu a minha espinha quando os seus dedos longos passearam delicadamente pelas linhas da minha face.

Num gesto totalmente premeditado, cerrei os meus olhos para obter aquilo que mais desejava. Não foram necessárias palavras para que a minha vontade fosse velozmente compreendida por ele.

O movimentar gentil do indicador contornou o desenho da minha boca ansiosa; as minhas mãos entrelaçaram, confusas, o seu pescoço e os seus braços afetuosos encaixaram-se em torno de mim como deliciosas amarras. A felicidade dissipou-se por cada centímetro da minha pele quando me encontrei totalmente aprisionada.

A aproximação quase instintiva possibilitou o contato dos nossos corpos e finalmente as nossas bocas se encontraram com uma íntima amabilidade. Eu podia senti-lo completamente meu.

Sutilmente, ele pressionou o meu corpo trêmulo contra a balaustrada. Senti o momento exato em que o seu tórax se curvou num movimento perfeito, permitindo que o seu rosto permanecesse na altura do meu. Um sussurro convidativo escapou fazendo com que me entregasse àquele beijo sem temor.

Os pensamentos racionais se mantiveram afastados mesmo depois que Franco retirou, sem nenhum traço de pressa, os seus lábios dos meus. Permaneci em êxtase por um longo tempo até experimentar o despertar pelo som de sua voz.

— Nunca esqueça o que sinto por você — ele disse, vislumbrando a minha face. — Eu lhe amo tão profunda e intensamente... Tenho a nítida sensação de que está destinada a mim. Preciso que saiba que foi esse amor que me tornou uma pessoa melhor!

— Franco, também sinto o mesmo por você... — correspondi, sentindo as lágrimas invadirem os meus olhos. — Não será sacrifício nenhum esperar por seu amor o tempo que for — garanti, encostando minha cabeça em seu peito; escutei o seu coração tão acelerado quanto o meu.

— Preciso confessar uma coisa... — as minhas sobancelhas moveram-se, fazendo um sinal para que ele prosseguisse. — Quando a beijei... Tive uma impressão muito forte de que isso já tinha acontecido antes...

— Descreva-me essa sensação — discurri irônica, lembrando do beijo depois do ataque.

— Era como se já a tivesse beijado antes, mas sei que isso não é possível — ele enrugou a testa. — Algumas lembranças não foram muito claras, elas passaram com rapidez em minha cabeça... Talvez tenham sido memórias referentes a um sonho... Não é mesmo?

— Claro... Um sonho... Devem ter sido mesmo as lembranças de um sonho... — sorri diante da sua agonia. — Será que podemos encontrar os outros? — indaguei,

repousando os dedos em suas mãos frias. — Receio que Liana talvez esteja dando muito trabalho.

Seguimos acompanhando o barulho que nos guiaria até uma sala de jantar.

A rainha Sophia me cumprimentou calorosamente, fato que me deixou um pouco mais calma. A última conversa que tivemos na casa de Sara havia sido tão intensa que de certa maneira temia pela sua reação. Imaginei, enquanto assistia à minha irmã relatar como os olhos da rainha eram magníficos, que mesmo se ela tivesse guardado qualquer resquício de raiva aquele não seria o dia mais apropriado para demonstrar.

Era confortável notar que a realeza tratava as pessoas com muito respeito e atenção. Até mesmo Franco mostrava-se completamente modificado; nem de longe parecia o homem grosseiro que conheci na primeira vez que estive no castelo. De alguma forma, ele parecia mais doce, mais humilde, mais acessível.

Depois de algum tempo nos divertindo com a enxurrada de perguntas de Liana, uma figura exótica chamou minha atenção quando entrou na sala. O senhor de cabelos brancos volumosos coçou com animação a barba vasta assim que notou a minha presença. Os seus passos se apressaram, fazendo a túnica azul que ele vestia se agitar em todas as direções, enquanto os seus olhos negros me fitavam com fascínio.

— Eu sabia que chegaria! — a força com que aquelas palavras foram pronunciadas assustava. — Não imagina como o seu retorno foi importante para nós... Precisamos

que tenha coragem, para que as sombras não dominem o mundo!

— Malvin... Assim irá assustá-la... — Franco o repeliu.

— Desculpe-me, porque essa não foi a minha intenção; no entanto é tão surpreendente vê-la pessoalmente... Algumas vezes, enxerguei o seu rosto em meus sonhos — Malvin disse, mantendo os olhos ansiosos sobre mim. — As areias da vida tinham razão... As profecias sempre revelavam que um dia “ela” entraria em sua vida, mas eu era cético demais para acreditar na força do amor e no poder da magia — ele encarou Franco.

— Malvin... Nem mesmo me recordo mais dessas profecias... — Franco proferiu, buscando evitar o assunto.

— Poderia explicar melhor o que dizem as profecias? — indaguei curiosa.

— Há bastante tempo, alguns sacerdotes anunciaram que uma mulher entraria em minha vida e lutaria comigo na difícil batalha pelo Medalhão Elemental — Franco demonstrava que não havia esquecido uma só palavra do que haviam dito. — Disseram que os sonhos confirmaram que o meu coração retornaria e lançaria por terra todas as minhas convicções, todas as minhas ambições... Revelaram que essa mulher seria capaz de despertar a minha fé... E que toda a força que brotaria desse amor seria responsável por livrar o mundo da energia das sombras... Foram tantas coisas que nem me lembro mais... — ele narrou impaciente.

— As profecias ainda podem estar erradas, meu filho — a rainha discorreu, demonstrando que não aprovava a minha relação com Franco.

— Não com relação a isso, minha rainha — Malvin sustentou, ignorando a opinião da soberana. — Esse é um dos destinos escritos nas areias da vida do seu filho Escolhido. Os dois sempre serão parte um do outro. Se a senhora soubesse como essa moça será importante para garantir a vida de seu filho... A senhora nunca mais repetiria que as profecias estão erradas.

Malvin expressou seriamente, deixando a sala com um semblante carregado por uma estranha angústia.

Por que a minha simples existência seria tão importante para garantir a vida de Franco? — refleti, acreditando que talvez tivesse alguma relação com o Ad Salutem.

Deixamos a sala de jantar por sugestão de Franco. Ele fez questão de mostrar a Liana todos os jardins do palácio pessoalmente. A menina observava com imensa felicidade todas as cores que enfeitavam aquele ambiente esplendoroso.

Despedimo-nos assim que o sol começou a baixar. Partimos em direção à carruagem. Patrício ajudou gentilmente Liana e Luna a subirem no coche, enquanto eu prosseguia na minha interminável despedida de Franco.

— Estou feliz em vê-lo melhor — disse, repousando as mãos em sua face.

— Espero vê-la o mais breve possível — ele proferiu, brincando com uma mecha de cabelo que recaía insistente sobre a minha testa. — Acredite... Não suporto mais ficar longe de você.

— Prometa que pensará no assunto dos selvagens? — indaguei, retornando à missão que os ventos haviam me

dado.

— Liv, os midrões são mais perigosos do que imagina — ele discorreu com agastamento. — Acha que estou satisfeito por ter que arrumar confusão num momento tão tumultuado? — ele disse, enrugando a testa. — Claro que não, no entanto preciso mostrar a quem me atacou que ele não ficará impune.

— Tenho medo do que poderá acontecer com você se por acaso decidir seguir até a tribo para enfrentá-los.

Franco passou as mãos em meu rosto com uma delicadeza desmedida.

— Em outros tempos teria mandado devastar aquela tribo — Franco afirmou cheio de raiva. — Ainda não fiz isso porque temo que os midrões possam acabar com o vilarejo como forma de retaliação. Estou tentando encontrar uma maneira de punir apenas o culpado, porém reconheço que poderei pagar um preço muito alto por não ter tomado nenhuma atitude até o momento.

Franco beijou a minha testa, tornando o gesto determinante para findar aquela conversa. Delicadamente, as suas mãos macias ajudaram-me a subir na carruagem. O desfecho esplêndido daquele dia foi poder apreciá-lo ao longe admirando a minha saída do castelo.

Admirei o céu coberto pelo véu tênue do entardecer. Os raios de sol ainda cintilavam nas vidraças de algumas casas, a carruagem vibrava sobre as pedras brilhantes das ruas e o meu peito se enchia de uma estranha angústia.

— Marcus! — a voz familiar surgiu enfática, e a curiosidade fez com que eu direcionasse os olhos para o

lado de fora.

Patrício chamou o arqueiro no instante em que alcançávamos o início da estrada para o vilarejo. O jovem rapaz aproximou-se da carruagem.

— Em que posso ser útil? — Marcus indagou, controlando a agitação do cavalo.

— Acho melhor retornar com os seus arqueiros daqui, pois uma tropa tão grande chamaria muito a atenção dos inimigos — Patrício comentou com altivez. — Deixe apenas um de seus homens mais experientes e retorne com os outros ao palácio.

O jovem arqueiro acatou a ordem, regressando com muito mais da metade dos homens em direção à cidade. O sol estava declinando no horizonte quando finalmente chegamos à metade do caminho.

Recostei a cabeça, experimentando a maciez da seda do estofado, e recordei-me daquele beijo perfeito na sacada. A distração daquela lembrança permitia que eu escutasse a distância o som da voz animada de Liana descrevendo a Luna toda a felicidade daquele dia especial.

Os meus pensamentos foram abruptamente interrompidos por um tombo. Escutei o relinchar dos cavalos assustados e nossos corpos sacolejaram com o parar brusco da carruagem. Encarei os poucos homens do exército de Franco com fisionomias espantadas. O receio dissipou-se pela minha fisionomia quando reconheci a voz rouca que ecoava com uma detestável ironia.

Os meus olhos úmidos visualizaram o perigo iminente e o meu coração divulgava que talvez não existisse uma forma

de escapar.

o sequestro

Dentro da carruagem testemunhei Liana assustada, enquanto Luna tentava acalmá-la com um abraço forte. Mesmo que eu procurasse oferecer algum conforto à minha irmã, o meu semblante deixava aparente todos os temores que se espalhavam pela minha garganta seca.

Os gritos potentes do lado de fora sobressaltavam as linhas de expressão dos nossos rostos. Era possível escutar toda a agitação de Patrício. O seu evidente nervosismo demonstrava que a situação dificilmente seria controlada.

Mais de quarenta homens indumentados, como se estivessem partindo para uma guerra, impediam que a carruagem prosseguisse. Devidamente armados e ocupando posições privilegiadas, divertiam-se diante dos fragilizados adversários.

Aqueles rostos expressivos pintados de preto sustentavam uma maldade desproporcional que se lançavam até nós por olhares gélidos. Reconheci algumas daquelas faces que alardeavam, por meio de lábios exageradamente abertos, toda a satisfação por interpelar a nossa trajetória.

Infelizmente, estávamos em franca desvantagem. Notoriamente éramos minoria naquela estrada que se tornou nebulosa. Imaginei que seria uma grande tolice atacá-los. Patrício expressava a mesma conclusão em seus

gestos precisamente calculados. A sua experiência dizia que se buscássemos um confronto seríamos derrotados. Imediatamente, observei o seu arrependimento ao concluir que havia sido um erro ter mandado o arqueiro regressar ao castelo.

Os meus olhos inevitavelmente buscaram o corpo do soldado ao chão. O rosto encontrava-se completamente entorpecido pela dor. A flecha certa atingiu o seu peito desprotegido; dificilmente aquele jovem teria salvação.

Julgando pelas fisionomias vitoriosas, os midrões possuíam os seus próprios planos. Eles estavam decididos a enfrentar com força bruta qualquer retaliação vinda de nossa parte. Considerei que aquele povo totalmente sem lucidez não tinha limites. Primeiro um membro da tribo realizava um ataque direto ao príncipe, agora interceptavam sem nenhum motivo a carruagem real.

Precisava proteger Liana e Luna da insensatez dos midrões; afinal de contas, as duas estavam fazendo parte daquela desordem por causa do meu convite. Encarei as suas fisionomias amedrontadas e desci da carruagem sem a permissão de Patrício.

Assim que o soldado notou os meus pés tocarem a terra, ele ordenou com veemência que eu voltasse à carruagem. Ignorei completamente o apelo incessante, dirigindo-me em direção a Caleo.

— Por que motivo nos ataca tão covardemente? — inquiri, sustentando uma incompreensível arrogância. — Arrancar a vida de um jovem soldado a troco de nada, o que pretende com isso? Existe uma criança dentro da carruagem

muito assustada com a sua ofensiva sem sentido! — relatei com a voz trêmula, mas com alguma confiança. — Estávamos apenas querendo voltar para casa em paz.

— Não tenho que lhe dar explicações! — ele respondeu grosseiro. — O que faço ou deixo de fazer não lhe diz respeito; no entanto, devo confessar que é muito corajosa por me enfrentar e somente por causa disso lhe prestarei alguns esclarecimentos — Caleo saltou do cavalo com destreza. — A minha tribo tem olhos e ouvidos espalhados por toda a região. Soube que a carruagem do príncipe havia seguido à vila mais cedo; como a situação não é muito comum, resolvi ver com os meus próprios olhos do que se tratava.

— Satisfeito com o que vê? — manifestei, colocando as mãos para cima. — Não existe nada de mais a ser visto. Sou apenas uma amiga da princesa Norah e a seu pedido fui visitá-la para um lanche no castelo — declarei, sem me intimidar.

— Ela mente, Caleo! — estremeci ao som daquela voz.

Pantor repousou os olhos sombrios sobre mim. Estranhamente o seu olhar me causou um arrepio; por um breve momento, as minhas pernas estremeceram inteiramente contra a minha vontade. Eu demonstrava a minha aparente fraqueza diante daquele homem que considerava assustador. Suspirei, numa clara tentativa de encontrar o ar que faltava em meus pulmões.

— Por que acha que minto?— murmurei, encarando o seu olhar persistente. — Por que diz isso com tanta propriedade?

— Com certeza, ela tem muita importância para ele — Pantor sustentou um sorriso irritante. — Caleo... Parece que ganhou um belo presente, pois diante de você está a moça de quem todos falam nas redondezas.

— A bela mesoetérea que atingiu o coração daquele estúpido — Alef informou pretensioso. — Tivemos o prazer de nos conhecer na estrada outro dia, não foi mesmo?

— A moça do príncipe Franco! — Caleo disse, com aparente contentamento.

— Alguns dias atrás a vi em companhia do príncipe — Pantor fez ressoar a voz rouca que sufocava os meus ouvidos. — Os dois pareciam bastante íntimos...

— Claro que já deve ter me visto com o príncipe — ironizei. — Por acaso testemunhou isso quando o atacou covardemente aqui mesmo na floresta? — indaguei, desafiando o inimigo.

— Eu não ataquei ninguém... Não pode provar isso! — ele esbravejou, descendo do cavalo.

Pantor seguiu furioso em minha direção, fazendo com que Patrício retirasse a espada da bainha; entretanto, impeli a ação de forma imediata, evitei que o soldado tomasse qualquer atitude precipitada. Estávamos cercados pelos selvagens e de nada adiantaria enfrentar aquele midrão nitidamente mais forte do que ele.

Por mais impressionante que parecesse, intimamente eu intuía que Pantor não me faria mal, pelo menos não naquela oportunidade.

— Caleo, não precisa dar muita atenção a nada do que ela diz — Pantor advertiu, colocando-se junto a mim, gesto

que foi suficiente para apavorar a todos. — Vamos levá-los como prisioneiros!

— Pantor tem toda razão — Alef concordou com a estupidez do amigo. — O príncipe Franco certamente fará qualquer coisa para tê-la de volta.

— Caleo... — a minha voz irrompeu como uma súplica. — Não acho que seja necessário levar todos como prisioneiros... — comentei, diante da sua expressão confusa. — Por favor, permita que essas pessoas fiquem fora disso. A minha presença será suficiente para alcançar os seus objetivos com o príncipe Franco.

— Que atitude de bravura, oferecer-se em sacrifício! — Pantor pronunciou, cínico.

Assim que os seus dedos encontraram o meu braço frágil, reconheci aquele toque firme imediatamente. Percebi que aquela mão calejada havia percorrido a minha pele fria em outras ocasiões. Pantor encarou o meu semblante como se eu fosse a sua melhor presa. Os seus lábios se retorceram num sorriso azucrinante, enquanto as suas mãos percorreram com uma bizarra delicadeza os fios agitados dos meus cabelos.

O prenúncio de uma possível agressão promoveu num jovem soldado a necessidade de proteger-me. O rapaz movimentou-se com discrição como se pretendesse atingir Pantor com a espada. Tentei impedi-lo do desígnio esboçando um sinal por meio de um olhar assustado, no entanto o rapaz parecia disposto a defender-me a qualquer custo.

A minha concentração em fazer com que o soldado desistisse da loucura e a sua determinação em defender-me do inimigo não permitiram que percebêssemos o momento preciso em que um midrão lançou a flecha que arrebentou em seu braço, cessando as suas honradas intenções.

— Basta! — gritei quando escutei o pranto de Liana vindo da carruagem. — Acabem com esse derramamento de sangue desnecessário! Caleo, eu lhe imploro para que os deixe seguir viagem. Deve existir alguma piedade em seu coração.

— Piedade no coração de Caleo? — Alef retrucou, ajeitando-se no cavalo. — Não esperava que fosse tão espirituosa — os dentes alvos surgiram num sorriso sarcástico. — Estou começando a acreditar que nos divertiremos muito durante a sua estadia em nossa tribo.

A aura dourada reluziu depois da provocação, tornando quase inconcebível acreditar que Alef seria mesmo filho da Luz. Precisei de algum tempo até restabelecer-me da enxurrada de ironia dita pelo mesoetéreo. Desejei fortemente que ele não exibisse a sua habilidade; detestaria perder a visão durante uma negociação tão importante.

— Existe uma criança dentro da carruagem que não merece passar por uma experiência tão traumática — articulei, sonhando que Caleo desse alguma importância às minhas palavras. — Eu o seguirei até a tribo dos midrões e tenho certeza de que tudo será resolvido de acordo com a sua vontade.

— Estaria disposta a satisfazer a minha vontade também? — Pantor questionou, mordiscando os lábios.

A pergunta deveria ter sido motivação suficiente para me fazer escapar das suas mãos, no entanto não foi exatamente isso o que aconteceu. Decidi enfrentá-lo com um olhar ameaçador. Para o meu desespero, reconhecia que Pantor possuía a capacidade de me irritar, mas não demonstraria isso com tanta facilidade.

— Caleo, não acho prudente confiar nela — Alef rebateu com desconfiança. — Não podemos esquecer que ela é uma mesoetérea e nem mesmo sabemos o tipo de habilidade que possui.

— As minhas habilidades ainda não despontaram — murmurei a mentira para me proteger e porque precisava que Caleo atendesse à minha sugestão.

— Levaremos as armas, os melhores cavalos e a senhorita — Caleo disse, enquanto parte dos homens obedeciam às suas ordens arrancando tudo das mãos dos soldados.

— Liv, está cometendo um grande erro! — Luna alertou, descendo da carruagem para tentar impedir a minha deliberação. — Não tem cabimento ir à tribo dos midrões sozinha!

— Por acaso deseja acompanhá-la? — Caleo perguntou com deboche.

Os olhos vibrantes de Caleo revelaram com clareza que Luna nunca devia ter descido da carruagem. Fiquei completamente apavorada quando os seus pensamentos expuseram claramente que ela não regressaria com os soldados.

— Luna, retorne à carruagem imediatamente — Patrício determinou, contido.

Talvez seja tarde demais... — conjecturei, escondendo os meus olhos.

— Como a bela moça se chama? — Caleo interpelou, aproximando-se dela.

— Acredite... — fiz uma pausa. — Luna não significa nada para o príncipe Franco, portanto não vejo sentindo nenhum em levá-la — proferi, tentando dissuadi-lo da ideia.

— Luna também seguirá para a tribo conosco — Caleo pronunciou sem hesitar.

Carregava a certeza de que os midrões não me fariam mal, pois sabia que eles precisavam de mim para fazer barganha com Franco, mas o meu coração sobrecarregava-se de receio com relação à Luna.

— Avise ao seu futuro rei que Liv agora me pertence. Espero que o príncipe Franco não tome nenhuma atitude precipitada — Caleo preveniu ríspido, arrastando Luna pelo braço em direção ao seu cavalo. — Espero sinceramente que ele não faça ataques surpresa e nem ouse invadir a minha tribo esta noite — um sorriso cínico surgiu perante a evidente agonia de Patrício. — Exclusivamente amanhã estarei aberto a negociações, está me entendendo? — o soldado balançou a cabeça afirmativamente. — Se aquele estúpido fizer qualquer coisa que me desagrade, acabo com a vida dela sem nenhuma piedade.

Pantor praticou com prazer a tarefa de atravessar o braço imenso pelo meu pescoço apenas com o propósito de apavorar ainda mais o soldado.

— Caleo... Por que não leva apenas as armas e os cavalos? — Patrício ainda tentava argumentar. — Para que tornar as moças suas prisioneiras?

— Para que contentar-me com pouco, se sei que poderemos ter tudo? — Caleo afirmou, fitando Luna com cobiça. Depois, voltou-se para mim e completou: — Tenho certeza de que serei melhor recompensado se a mocinha estiver em minha companhia.

— O príncipe Franco não se negará a lhe dar uma boa gratificação se deixá-las voltar comigo — Patrício repetia humildemente. — Estou lhe suplicando que peça tudo o que desejar. Sabemos que o príncipe é um homem honrado, tenho certeza de que ele lhe recompensaria muito bem se fizesse a gentileza de não levá-las.

— Ora... Ora... O melhor soldado da tropa não costuma ser tão fraco — Alef escarneceu ardiloso, retribuindo com desdém o olhar de ódio que eu havia lançado a ele.

— Certamente, ela deve ser muito importante para aquele imbecil! Esse deve ser o motivo de tamanho desespero — Pantor disse, arqueando as sobrancelhas. — Sinto muito desapontá-lo, mas nós a levaremos conosco. E nem gaste a sua saliva tentando nos convencer do contrário! — a sua mão inconveniente deslizou pelas minhas costas. Eu abominava cada segundo que sua pele odiosa encostava na minha. — Precisamos de todas as garantias possíveis! O príncipe Franco não se atreveria a fazer nenhum mal ao nosso povo com a presença dela em nossa tribo.

Caleo afirmava com um gesto fervoroso de cabeça que concordava com o discurso daquele infame.

— Liv, levarei a sua irmã para casa imediatamente — Patrício garantiu num tom mais calmo, deslocando toda a sua atenção a Pantor. — Explicarei pessoalmente a situação à sua família — ele respirou fundo. — Sei que os midrões não farão nenhum mal a você; apenas temo pela vida da outra moça. Amanhã bem cedo iremos até a tribo para resgatá-las — os seus olhos passearam sobre os homens selvagens espalhados na estrada. — Não adiantaria lutar contra esses malditos... Estamos em desvantagem.

— Os midrões perderam o respeito porque não ocorreu um contra-ataque depois do incidente com o príncipe — um soldado resmungou irritado.

— Patrício, não se preocupe comigo, sei que ficarei bem! — murmurei apenas para tranquilizá-lo. — Por favor, controle qualquer atitude precipitada de Franco, pois sei o quanto ele ficará enfurecido por saber que estou nas mãos dos seus inimigos.

Pantor segurou firme o meu braço, buscando cessar as recomendações que eu dava ao soldado.

— Será que eu poderia pelo menos me despedir de minha irmã? — requeri com irritação, vendo-o balançar a cabeça de maneira afirmativa.

Retornei à carruagem e pude notar o sofrimento de Liana escorrer através dos seus olhos tristes. A cena me comoveu numa profundidade inimaginável. O tom de vermelho que rodeava a retina, a evidente expressão de agonia em sua testa enrugada e o movimento ansioso das pequenas mãos

fizeram Pantor se afastar por um breve momento. Talvez, testemunhar o sofrimento da criança estivesse de alguma forma incomodando-o.

Liana enxugou as lágrimas passando as mãos ao redor dos olhos. Eu não desejava mostrar que estava sentindo medo. A minha irmã tivera um dia tão perfeito... Analisei que não seria justo que as coisas terminassem daquela forma. Procurei todas as maneiras possíveis de acalmá-la.

— Princesa... Voltará para casa em companhia de Patrício — esclareci, tocando a sua face. — Quero que seja obediente, está bem?

— Liv... — ela murmurou chorosa. — Gostaria que retornasse comigo à nossa casa.

— Não posso retornar com você porque preciso resolver um problema muito sério na tribo dos midrões — pronunciei, buscando manter a tranquilidade. — Prometo que amanhã bem cedo estarei em casa.

Sorri para disfarçar a sensação de pânico que invadia o meu interior.

— Esses homens vão lhe fazer mal? — ela indagou com a voz trêmula.

— Eles não nos farão mal — assegurei, cruzando o olhar com Pantor, que se encontrava encostado na carruagem. — Estou lhe dando a minha palavra de que tudo acabará bem — discorri, sem ter certeza do que dizia. — Tenho certeza de que Franco encontrará uma forma de resolver o impasse.

— Liv... Pedirei à sua mãe que tome conta de você — Liana expressou, enchendo-se de doçura. — Eu lhe amo muito — sustentei um sorriso com muita dificuldade. — Ah...

Prometo que tentarei controlar Felipe... O nosso irmão não pode fazer nenhuma bobagem, não é mesmo?

— Não... Ele não pode — concordei, esticando os lábios numa alegria fingida. — Confiarei em você para que tome conta de nosso pai e de Felipe também — disse, segurando as suas mãos frias.

— Acho que consigo — a sua voz surgiu como um sussurro.

— Claro que consegue! — proclamei, soltando os seus dedos lentamente.

Os soldados prosseguiram pelo caminho que os levaria até o vilarejo. Visualizei aquela marcha tristonha da guarda, suplicando à minha mãe que protegesse a minha irmã. Um vento suave soprou os meus cabelos, mostrando que o meu pedido seria atendido.

Pantor aproximou-se, provocando o resfriar do meu corpo. Os dedos ergueram o meu rosto pelo queixo e os gestos seguintes foram completamente dominados pela angústia que aquele homem me despertava. Alef nos contemplou maldoso assim que testemunhou a aflição que a presença do seu melhor amigo me causava.

Pantor estendeu a mão demonstrando que desejava a minha companhia em seu cavalo. De maneira previsível recusei a falsa gentileza, notando que um sorriso descontrolado mostrou os seus dentes perfeitos.

Os midrões não nos deram nenhum animal. Os selvagens temiam que utilizássemos os bichos para fugir alucinadamente pela floresta. Caminhei com impaciência por dentro da mata sentindo a exaustão me dominar a cada

passo. Pantor colocou-me em seu cavalo, mesmo que eu repetisse milhares de vezes que preferia seguir todo o percurso a pé.

Caleo observava Luna com um encantamento obsessivo. Enxerguei todos os pensamentos repulsivos que se espalhavam pela mente da minha amiga com relação àquele homem cruel.

Adentramos na densa floresta que eu já havia visitado com Híndria. A mesma sensação desagradável revestiu o meu rosto quando os cavalos penetraram sem hesitação na trilha cerrada por árvores. Os cascos atravessaram o córrego sem qualquer necessidade de orientação.

Chegamos à tribo e alguns habitantes observaram a nossa entrada naquele território com muita desconfiança.

Akamu despontou com lentidão de uma das cabanas, lançando um olhar de reprovação sobre o filho.

— Caleo... Quem são essas moças? O que elas fazem aqui? — o velho proferiu, irritado.

— A moça em companhia de Pantor é o mais novo objeto de desejo do príncipe Franco... — ele anunciou, apontando para mim. — Sequestrei essa moça para obtermos algumas coisas de que estamos precisando — ele discorreu, cínico.

— Não acho que seja o momento mais conveniente para arrumar confusão com o príncipe Franco... — uma moça murmurou, sentando-se em um banco.

— A sua opinião pouco me importa! — Caleo proferiu, rude.

— Acho que a sua prima tem toda razão — Akamu disse, com grande sensatez. — Nós não estamos precisando de

nada — ele ponderou, fazendo com que eu vibrasse de alegria perante o ato de censura. — Fez muito mal, meu filho. Não bastasse aquele ataque estúpido, agora aparecem em nossa tribo com prisioneiras. Amanhã mesmo irão devolvê-las às suas respectivas famílias — Akamu articulou, esfregando as mãos com preocupação.

— Não vou devolvê-las, meu pai — ele retrucou, aumentando o tom de voz. — Se tiver que devolvê-las perderei toda a minha autoridade diante do inimigo — Caleo expôs, descendo do cavalo e entregando as rédeas a um rapaz alto. — Negociarei com o príncipe Franco um preço justo pela vida dela.

— Pela vida delas? Foi isso o que quis dizer, não é mesmo? — Akamu perguntou, atormentado, como se fosse concordar com a barganha.

— Ainda não sei o que farei com Luna! — as palavras determinaram o inundar dos meus olhos. — Acredito que a moça poderá ser muito útil algum dia... Achei Luna fascinante demais para deixá-la partir — Caleo deslindou sem embaraço, roçando os lábios sobre o pescoço dela. O gesto provocou a gargalhada de Alef.

— Nem pense em machucá-la, seu crápula! — discorri, num tom de ameaça.

— Acha que Caleo se preocupa com as suas ameaças? — Pantor debochou sorrindo, colocando-me de volta ao chão. — Os seus gritos descontrolados não intimidam ninguém. Talvez seja melhor ficar um pouco calada, porque essa sua impulsividade está começando a me irritar. Não lhe darei uma boa lição porque servirá como moeda de troca.

— Liv, os midrões manterão a sua integridade física apenas porque ela nos renderá bons frutos — Alef elucidou com total falta de apreço, amarrando o cavalo à cerca.

— Reafirmo que talvez não seja o melhor momento para se indispor com o príncipe Franco — a moça insistiu, aproximando-se de nós como se planejasse cada passo daquela marcha estranhamente habilidosa. — Diversas mudanças estão prestes a acontecer e estão procurando irritar o Escolhido no período que considero o mais crítico...

— Naíma, o assunto não lhe diz respeito — Pantor expressou descontente. — Por... Por... Por que não volta para sua cabana?

Naíma agitou os longos cabelos pretos encaracolados e sorriu perante a inquietação de Pantor. Aquela agitação evidente sugeria que o meu inimigo precisava fugir daquela aproximação. Os passos imprecisos que ele esboçava confundiam completamente a direção que a moça de pele morena devia tomar.

Os dedos de Naíma esbarraram levemente na pele de Pantor. De certa forma o gesto lhe causou um descontrole inexplicável. O selvagem tentava a todo custo repelir o toque da moça, porém o afastamento ocorreu apenas quando ela permitiu.

— Sequestrou a moça da cachoeira? — Naíma questionou, tentando conter o sorriso primoroso; um tom brilhante azulado surgiu em seus olhos. — Gostaria de poder prever quais seriam as suas verdadeiras intenções com relação a ela, mas infelizmente não possuo tal habilidade.

Encarei os olhos de Naíma de perto e notei que possuíam um tom esbranquiçado. Estranhei porque, por alguns instantes, cheguei a considerar que fossem azuis. Os movimentos discretamente incertos acabaram por mostrar que a moça deslumbrante à minha frente não enxergava.

Com uma precisão absurda, os dedos gentis de Naíma moveram-se pela minha face. Enquanto as suas mãos precisas delineavam com calma o meu nariz anguloso, eu vasculhava a minha mente procurando explicações para o fato de aquela moça saber quem eu era apenas tocando em Pantor.

A concentração permitiu que eu enxergasse a luz azul intensa contornando toda a extensão do seu corpo. Os meus olhos repousaram sobre a pedra de safira que enfeitava o brinco de couro que ela usava em sua orelha direita. Concluí imediatamente que eu não havia me enganado sobre a tonalidade de seus olhos. A cor havia se alterado por causa da manifestação de sua habilidade.

As botas de couro marrom arrastaram-se pelo chão. A oscilação provocou o agitar das franjas em sua saia de couro, de um tom mais claro que a do calçado. Com um sorriso radiante, as suas mãos bem treinadas ajeitaram com precisão o cinto que enfeitava a sua cintura.

— Parece que a sua vida gira mesmo em torno do príncipe Franco — Naíma comentou, sob a atenta observação de todos. — Pantor, preciso lhe dizer que causou um pânico espantoso quando a encontrou na trilha da cachoeira.

— Não imagina como fico feliz por ter alcançado o meu objetivo — Pantor replicou, ainda amedrontado.

Akamu deu alguns passos com certa dificuldade. O velho não tinha outra intenção senão encerrar aquela conversa.

— Caleo... Sua atitude foi imatura e precipitada — Akamu comentou, mas foi ignorado pelo filho.

— Imaturo e precipitado, como sempre — Naíma resmungou, voltando a ocupar sem dificuldades o banco onde estava sentada.

— Por que não se cala, Naíma? — Alef replicou, com uma estupidez inerente à sua personalidade. Mesmo assim a sua vontade foi atendida.

— O príncipe há muito tempo não tem nos causado transtorno, portanto não vejo razões para sequestrar alguém que me parece ter muita importância para ele. Eu ainda sou o chefe dessa tribo e lhes digo... Seguirão as minhas ordens e amanhã mesmo elas voltarão para casa. Como é seu nome, moça bonita? — Akamu me olhou com expressão séria.

— Meu nome é Liv — pronunciei, cumprimentando-lhe gentilmente com a cabeça. — Agradeço a sua compreensão. Não vejo motivo para o sequestro — fixei o olhar no rosto desagradável de Caleo. — Se alguns homens dessa tribo desejam riqueza, poder e armas, que trabalhem de maneira honesta para alcançar o que anseiam... Akamu, a sua decisão foi a mais acertada.

— Mandaremos as duas embora da tribo, mas não hoje — Akamu expressou com convicção. — A mata esconde

inúmeros perigos. Acho melhor que passem pelo menos essa noite aqui.

— Posso até devolver Liv ao estúpido príncipe, mas não entregarei você — Caleo articulou com firmeza, olhando para Luna.

— Não pode manter alguém aqui contra a vontade! Luna não deseja ficar aqui... Além do mais... Ela... Ela... Ela é noiva! — disse, com nervosismo. — Luna tem um compromisso! O casamento já foi até marcado e por esse motivo ela não poderá permanecer aqui na tribo!

— Nós temos alguns costumes em nossa tribo — Caleo descreveu, sem nenhuma pressa. — Quando um midrão escolhe uma mulher, ele tem o direito de lutar por ela.

— Sem respeitar a minha vontade? — Luna finalmente interrompeu o silêncio. — Eu tenho compromisso... Não ouviu o que Liv disse? — a irritação determinou o estreitar dos seus olhos.

— Em nossa tribo, quando queremos a mesma mulher... Nós duelamos por ela. — Caleo asseverou com um sorriso petulante. — O melhor vence a disputa e fica com sua escolhida. Se o seu noivo a quiser de volta terá que lutar comigo.

— Isso é um absurdo! — berrei, fazendo com que Naíma fechasse os olhos abruptamente. — Essas são as leis dos midrões... Não as nossas! Não me parece correto exigir que o noivo de Luna trave uma batalha com você.

— Liv... Esses são nossos costumes. Caleo quer fazer da moça a sua esposa, portanto tem o direito de lutar pela posse dela — Akamu falou calmamente. — Se o noivo

realmente a ama, creio que não irá se opor ao duelo. Isso me parece muito justo!

— Não estou enxergando nenhuma justiça! — Luna pronunciou, transtornada. — A minha vontade não está sendo levada em consideração.

— No caso de Caleo vencer o duelo e ainda assim a moça se recusar a ficar ao seu lado... Ele terá o direito de lhe tirar a vida — Akamu discorreu, sustentando um olhar severo para Luna. — Um midrão não pode ser rejeitado perante o seu povo, principalmente Caleo, que será o futuro chefe da tribo.

— Todas essas mulheres aqui aceitaram essa situação? — articulei visivelmente nervosa, observando uma mulher de cabelos dourados que deixou uma das cabanas, impregnando a atmosfera de tristeza. — Os senhores estão nos tratando como se fôssemos mercadorias. Na cidade não somos tratadas dessa maneira.

— Mas vocês não estão na cidade! — Alef protestou, esticando uma mecha do cabelo de Naíma, que se defendeu colocando o pé para que o sujeito implicante tropeçasse.

— Verdade seja dita, nós temos conhecimento de que alguns casamentos na cidade também são arranjados. Não existe muita diferença entre o nosso costume e o costume do seu povo — Akamu falou, seguindo em direção à cabana.

Luna soltou-se das mãos de Caleo e caminhou com pesar até o local onde me encontrava, ainda perplexa por conta daquele impasse.

— Como conseguirei escapar desse martírio, Liv? — Luna murmurou, colocando-se diante de mim. — Será que estou

condenada a viver o resto da minha vida ao lado desse homem? — ela expressou a sua dor com lágrimas.

— Eu não sei... Talvez... Algo me passou pelo pensamento agora! — mencionei, de forma distraída.

— O que passou pela sua cabeça? — Luna sondou quase sussurrando, pois Caleo nos observava.

— Não sei... Mas... Talvez... Felipe pudesse duelar com Caleo por você. Sabemos o quanto meu irmão domina as espadas e tenho certeza de que poderá vencê-lo facilmente — segredei esperançosa.

— Não acredito que Felipe faria isso por mim! — ela partilhou, descrente.

Aquela parecia ser a única saída. Felipe não permitiria que algo de ruim acontecesse a Luna. Meu irmão tinha um coração enorme. Por mais que ele tivesse dúvida sobre o caráter dela, eu tinha certeza de que no fundo ele não permitiria aquela vida tão injusta.

Luna havia sido sequestrada por Caleo. Era impossível conceber que ela passaria o resto de sua vida condenada a alguém como ele ou, muito pior, que poderia ter a sua vida ceifada caso não aceitasse a união.

Enquanto os meus pensamentos me dominavam por completo, Caleo segurou Luna com firmeza e a levou em direção a uma grande cabana localizada mais ao fundo da tribo. Durante todo o tempo que estive observando o comportamento dos midrões, quase não vi manifestação de carinho daqueles homens com as suas companheiras.

Pantor ordenou que eu o acompanhasse até a sua cabana. Compreendi que não adiantaria resistir. O fato de a

minha vida ser algo de extremo valor para Franco talvez pudesse me trazer alguma segurança naquele momento.

— Liv, não se preocupe com Pantor — a voz de Naíma surgiu quando passamos ao seu lado. — Tenho certeza de que o meu primo vai tratá-la muito bem.

— Como sabe que estou perto de você? — indaguei perplexa.

— Audição aguçada, olfato aguçado e anos de prática — Naíma revelou, com um sorriso que iluminou a sua face.

Entramos numa cabana rústica e quase sem conforto. Sentei numa esteira colocada na lateral esquerda da cabana, perpetuando a minha postura fingida de pouco amedrontada. Agarrei uma almofada de um tecido grosseiro, e os meus dedos sentiram o fragmentar da palha enquanto o cheiro das ervas dentro dela exalavam pelo lugar.

Apreciei alguns bancos feitos com toras de madeira, uma pequena mesa ao centro, uma travessa com frutas e um jarro de barro que deveria conter água. Admirar aquela mesa me fazia recordar que sentia fome e sede, porém não pediria nada àquele homem. Odiava pensar na possibilidade de lhe dever favores.

Pantor quase havia tirado a vida de Franco com o seu ataque descabido. Eu sucumbia à vontade insana de lhe tirar a vida com as minhas próprias mãos. Não gostaria de estabelecer nenhuma ligação com alguém tão sem escrúpulos, alguém tão sem regras.

O maldito retirou a parte de cima da roupa de couro que usava. Talvez, se eu pudesse pressentir que ele tomaria

aquela atitude, tivesse retirado as vistas do seu tórax tão perfeitamente esculpido. Se eu tivesse o dom de prever acontecimentos futuros, pelo menos privaria os meus olhos de um gesto tão desrespeitoso.

Com a mão em concha, ele apanhou um pouco de água na tina, jogando por seu pescoço. Os olhos negros, intensos, encararam os meus. Aquele gesto começou a se tornar costumeiro demais. Novamente, os seus dedos arremessaram um pouco mais de água sobre os negros cabelos desgrenhados.

De uma maneira apavorante, Pantor se tornava cada vez mais assombroso aos meus olhos. Repeli totalmente o desejo de observá-lo naquele ritual tão lacônico, em que cada gota de água reluzia magnífica em sua pele bronzeada.

Quando ele alcançou a toalha de linho, pendurada numa espécie de varal improvisado, experimentei uma súbita vontade de escapar. A minha intenção se tornou evidente enquanto encarava a saída.

— Liv... Por acaso estaria pensando em fugir? — ele murmurou, fazendo com que me deflagrasse com um medo ainda maior. Eu não escaparia dali. — Posso apostar que estará muito mais segura aqui comigo do que sozinha naquela mata fechada, entretanto quero deixar claro que está livre para fazer isso — ele umedeceu os lábios com a língua. — Pode partir se assim desejar!

— Não estou pensando em fugir... — disse, coçando a maçã do rosto, pois precisava justificar o meu rubor. —

Akamu me deixará partir amanhã mesmo... Eu sou muito paciente; acho que consigo esperar.

— E se eu a quisesse para mim? — ele esfregou a toalha, enxugando os cabelos molhados. — Sabe que seria obrigada a ficar, não é mesmo? — Pantor retirou a toalha da cabeça, exibindo seu sorriso petulante.

— Não me quer verdadeiramente! — repliquei. — Deseja apenas arrumar briga com Franco, portanto encontre outra maneira de conseguir o que almeja.

— Não vejo uma maneira mais interessante! — Pantor expôs, pisando firme em minha direção. — Disputá-la seria um bom motivo para me confrontar com o príncipe Franco e fazê-lo sangrar até morrer.

— Não se atreva a fazer nenhum mal a ele — ameacei inutilmente.

— Eu não tenho medo de você — ele replicou, curvando-se à minha frente. — Não me ameace! Não desperte a minha ira! — a sua voz tornou-se sombria. — Eu não costumo ser tão piedoso como meu tio Akamu. Eu poderia acabar com sua vida agora mesmo e, dessa maneira, alcançaria o meu objetivo: atingir o príncipe Franco.

Estremeci quando a lâmina fria do punhal encontrou a minha pele.

— Então faça isso! — aproximei a sua mão, sentindo o punhal espetar o meu peito.

— Não me tente! — ele considerou, mordendo os lábios com uma expressão de quem não tinha intenção de me fazer mal.

— Poderia ter feito isso na cachoeira, quando tentou roubar meus cavalos... Poderia fazer isso agora... Por que não o faz? — provoquei, mesmo depois do ressoar em minha mente, dizendo que aquilo não era necessário.

— Como me reconheceu se naquele dia não pôde ver o meu rosto? — ele indagou, afastando o punhal.

— Reconheci a sua voz quase de imediato. O jeito tempestuoso como tocou em mim também foi o mesmo — declarei, observando a inquietação em seu olhar. — E a sua prima Naíma confirmou todas as minhas dúvidas.

— Teve muita sorte naquele dia — ele rebateu, quase imóvel. — Acordei de muito bom humor, sem falar que a sua amiguinha retornou trazendo ajuda. Por isso acabei partindo sem ao menos levar os cavalos — Pantor tomou uma distância ainda maior.

— Como a Naíma soube que eu era a moça da cachoeira?

— Imagino que tenha percebido que Naíma é mesoetérea — ele expôs, diante da minha confirmação. — A minha tia Moema, irmã caçula de Akamu, teve um breve relacionamento com a personificação dos trovões, Tronius — ele elucidou com desdém. — Naíma soube de quem se tratava porque por meio do toque ela consegue enxergar acontecimentos do passado. A sua habilidade permite vasculhar todas as nossas lembranças — ele comentou com insatisfação.

— Está me dizendo que pelo tato ela consegue desvendar o passado? — questionei perturbada. — Basta um simples toque e então Naíma pode descobrir fatos da nossa história?

— Exato — ele respondeu, sucinto.

— A sua prima sempre foi cega? — indaguei, mesmo diante da sua falta de interesse pelo assunto.

— Desde que nasceu — Pantor repontou sem hesitar. — Mas não pense que isso é uma limitação para ela — ele explicou, recobrando o entusiasmo. — Naíma escuta melhor que nós dois juntos, identifica os cheiros a quilômetros de distância e possui um paladar extremante apurado. O tato altamente desenvolvido e o senso de percepção que ela tem do corpo no espaço é incrível.

— Foi possível perceber isso — comentei, notando que ele encarou a mesa.

— Quer comer alguma coisa? — Pantor interrogou, desviando completamente o rumo da conversa. — A comida aqui não é tão variada quanto a do castelo, mas acredito que poderá saciá-la por uma noite — a ironia me aborrecia. — A não ser que esteja planejando prorrogar a permanência em minha cabana por mais algumas noites... — um sorriso discreto alongou os seus lábios. — Posso lhe garantir que a estadia seria divertida e prazerosa.

Levantei com cautela, ignorando as suas palavras, e coloquei as mãos hesitantes sobre uma manga succulenta; não recusaria a oportunidade de acabar com a fome que provocava um ardor intenso em meu estômago.

Observei que por todos os lados do lugar existiam arcos, flechas, espadas e punhais; aquele sujeito pretensioso parecia destinado às batalhas. Estremeci quando assimilei que me encontrava diante do maior inimigo de Franco. O semblante quase indecifrável não revelava com precisão os

planos que pairavam em sua mente apenas com o propósito de destruir o homem que eu amava.

Admirei a vista pela fresta estreita da janela. As nuvens densas planavam sobre um céu escuro, mostrando que eu enfrentaria uma noite que poderia ser considerada, no mínimo, complexa. Tomei um pouco de água com intensa voracidade e sentei-me na esteira novamente.

Pantor deitou-se calmamente ao meu lado visivelmente exausto. O fitar insistente do seu olhar me incomodava. O seu semblante revelava que o meu temor parecia óbvio, mas ainda assim não aspirava demonstrar fraqueza.

O que poderia ter despertado o desejo de Pantor em acabar com Franco? Qual seria o verdadeiro motivo para o ataque? As perguntas passeavam pela minha cabeça enquanto me sentia ser devorada pela sua atenta observação.

— O fato de ser mesoetérea a torna muito atraente aos olhos de todos — ele demonstrou, colocando as mãos atrás do pescoço. — O príncipe Franco sempre foi tão impiedoso, frio, egoísta... Contudo, o sujeito tornou-se muito cordato, contido, amoroso... — Pantor disse, erguendo o queixo em minha direção. — O que fez para despertar tal mudança?

— Essa é uma pergunta para a qual não tenho resposta! — discorri breve.

— A sua existência faz de Franco um homem mais fraco — ele conjecturava com os olhos cerrados. — Está preparada para testemunhar a morte de seu príncipe? — ele murmurou provocativo.

— Por que tanto ódio do príncipe? — esbravejei firme a ponto de fazê-lo abrir os olhos novamente. — O que Franco lhe fez de tão grave?

— Ele tirou a vida do meu irmão — ele explicitou, com os olhos marejados. — O príncipe Franco divertiu-se enfiando a espada sem qualquer arrependimento no garoto; cravou-a com uma força brutal até que a última gota de sangue escorresse... Não havia motivo para tanta violência.

— O príncipe Franco matou o seu irmão a troco de nada? — perguntei, estreitando os olhos diante do seu semblante inexpressivo. — Está dizendo que ele tirou a vida do seu irmão apenas por divertimento? — articulei incrédula.

— Os midrões estavam cometendo alguns ataques naquela época — ele comentou sem interesse. — Alguns de nós saqueamos e matamos algumas pessoas na estrada — ele pronunciava as palavras sem nenhum acanhamento. — O príncipe Franco começou a ficar insatisfeito com o nosso comportamento e, assim que foi comprovada a autoria dos ataques, invadiu a tribo, dizimando muitos de nós.

— Queria que Franco continuasse a assistir sem punição todos os delitos que praticavam contra pessoas inocentes? — concluía que Franco tomara uma atitude justa diante das atrocidades cometidas pelos midrões.

— Lennox não tinha participado de nada daquilo, porém o príncipe Franco não conhecia o sentimento de compaixão — ele esbravejou. — Ele arrancou a vida do meu irmão, enquanto o garoto suplicava para viver.

— Eu não acredito que Franco faria algo dessa natureza — desacreditei, entrelaçando os dedos nos meus cabelos

para aliviar a tensão. — Pantor, as suas ações demonstram que não é um homem confiável! Portanto, não acredito em uma só palavra do que me diz — os seus olhos negros me fitaram. — Para mim, você não passa de um sujeitinho inescrupuloso que está nitidamente tentando me colocar contra Franco.

— Pouco importa a sua opinião a meu respeito! — ele retirou com cuidado os longos braços detrás do pescoço. — Sei que algum dia conseguirei vingar a morte de meu irmão — ele confrontou, levantando a sobrancelha grossa. — E estou disposto a usá-la se for preciso.

— Vivemos no mesmo território — expressei com veemência. — Por que não tentam estabelecer a paz?

— Paz com o príncipe Franco? — ele deu uma gargalhada. — Os midrões não desejam isso.

— Isso me parece algo que você não deseja — rebati.

A minha respiração ficou irregular porque a sua mão alcançou o canto dos meus lábios para limpar um fiapo da fruta. Repeli o gesto impetuoso de forma rápida retirando os seus dedos do meu rosto.

— Farei o que for preciso para proteger Franco de você... Eu posso ser uma inimiga muito perigosa se eu quiser — ele deu uma gargalhada novamente.

— Perigosa? Estou apavorado com as suas ameaças! — Pantor deu um longo suspiro como se quisesse encerrar a conversa. — Você tem família no território? — ele perguntou, mostrando-se mais receptivo.

— Tenho — respondi. — A menininha que estava na carruagem é minha irmã. Moro com meu pai e com meu

irmão e imagino que eles devem estar muito preocupados com o sequestro.

— Eu também estaria se estivesse no lugar deles... — ele fez uma pausa antes de continuar. — Akamu falou em devolvê-la; no entanto, isso não lhe dá nenhuma garantia. Os midrões costumam ser volúveis. Hoje, o chefe da tribo acha que é melhor evitar uma guerra... Amanhã não se sabe — um sorriso astuto invadiu a sua face. — Eu posso convencê-lo de que é melhor trocá-la por algo extremamente valioso ou mantê-la aqui para ter o príncipe sempre em nossas mãos.

— Akamu me pareceu decidido — considerei convicta. — Não conseguirá convencê-lo a não me entregar. Tenho certeza de que amanhã estarei segura em minha casa e sem nenhuma gota de sangue derramado.

— Hum... Não sei... Será mesmo? — Pantor comentou sarcástico. — As coisas podem mudar em poucos instantes... — ele ficou em silêncio; depois prosseguiu. — Quem é noivo da sua amiga?

— É meu irmão! — anunciei com a voz agitada.

Uma gargalhada escarninha perpetuou-se pelo ambiente por alguns segundos.

— Acho quase impossível que seu irmão vença Caleo — ele pronunciou, enquanto notava que tudo não passava de provocação. — Luna não sairá da tribo amanhã.

— Eu tenho certeza de que meu irmão vencerá! — discorri convicta.

— A única certeza da vida é a morte! — ele murmurou, observando a aflição por trás do meu olhar. — Fora essa

exceção... Tudo pode se modificar a qualquer momento. Não acredito em destino e nenhuma força maior nos cerca.

— Não acredita em nada pelo visto! — ironizei.

— Acredito em mim — ele colocou a mão no peito despido. — Isso me parece suficiente.

— Eu acredito em destino! — revelei, observando a censura em sua fisionomia. — Nada em nossa vida acontece por acaso. Se nós estamos juntos agora é porque estava escrito nas areias da vida que seria assim.

— Isso tudo é bobagem! — ele divulgou, entortando a boca volumosa. — Está aqui comigo porque foi sequestrada. Qual é o mistério por trás disso? — um sorriso zombeteiro apareceu por causa da minha crença. — Já que mora pelo vilarejo, então não faz parte da nobreza, estou certo?

— Está certo — confirmei. — Não sou da nobreza.

— Sendo assim, não poderá se casar com o príncipe Franco, porque em Lanóvia não se permite casamento entre plebeus e a realeza — ele confirmou, reprimindo o sorriso por conta da infelicidade que se difundiu em minha face. — A não ser que o estúpido príncipe abdique do trono.

— Acredite, não é a primeira pessoa que me diz isso — rumorejei descontente, encarando a sua fisionomia converter-se em satisfação.

— Agora entendo melhor as coisas!

— O que entende melhor? — indaguei desconfiada.

— Aquele verme não se modificou coisa nenhuma! — Pantor pronunciou, pondo-se sentado. — Depois que se aproveitar de você de todas as formas, irá jogá-la fora como um trapo velho. Caso ninguém tenha lhe dito, o príncipe é

tão obcecado com a ideia de ser rei como eu tenho vontade de matá-lo. Liv... Como pode ser tão tola! — ele sorriu com escárnio da minha irritação por ter sido chamada de tola novamente pelo mesmo motivo.

— Tenho certeza dos sentimentos de Franco por mim — enunciei, com um sorriso, mas literalmente gostaria de apertá-lo pelo pescoço. — Não adianta destilar o seu veneno cruel. Muito embora não acredite nisso, saiba que o amor pode modificar as pessoas.

Pantor piscou um dos olhos, mantendo um semblante repleto de péssimas intenções, porém a petulância não fora motivação suficiente para impedir que continuasse com as minhas explicações.

— Tenho certeza de que Franco não está me usando e muito menos se livrará de mim como se eu fosse um trapo velho — pisquei os olhos por causa da sonolência. — O que vejo diante de mim é apenas a figura de um homem amargurado. Por que não tira o peso dos seus ombros? Procure por algo que preencha o seu vazio.

— O amor não serve para nada — ele disse, mantendo o controle. — A única coisa que tem algum valor em nosso mundo é o poder. Estou aguardando a hora certa de conseguir o poder que tanto almejo.

— Deve estar querendo se apoderar da metade do medalhão, não é mesmo? — articulei com segurança.

— É o que todos querem! — seus olhos brilharam. — Todos estão esperando ansiosos por esse momento.

— Não pense que será tão fácil se apoderar do medalhão! — adverti. — Nós faremos o que for preciso para

que a energia não seja utilizada de forma desonesta.

— Pelo visto nós estaremos em lados opostos — ele respirou fundo. — Farei de tudo para que o medalhão seja meu. Quero que a sua força seja usada em benefício dos midrões — o peito desenhado exibia a sua tensão. — Parece que somos inimigos declarados e lutaremos um contra o outro na batalha que está por vir. Sabe que não poderá me vencer?

— O nosso destino está traçado. Devo confessar que a possibilidade de enfrentá-lo me parece algo extremamente fascinante. Adoraria fazê-lo engolir toda a soberba e ironia que escapam de você cada vez que abre a boca — ele franziu o cenho diante da minha ameaça.

— Sinto ter que decepcioná-la, mas isso não será possível — desejei ler os pensamentos que se passavam por trás daquelas palavras. — Eu sairei vencedor da batalha; não sentirei pena de você, nem do seu príncipe. Presenciarei os dois caídos aos meus pés, suplicando pela minha piedade! — ele se aproximou, fazendo com que o hálito quente percorresse o meu rosto. — Será mesmo uma pena ter que lhe tirar a vida... Tão jovem... Tão bonita... Porém, do lado errado! Ainda está em tempo de mudar.

— Sua proposta não me desperta interesse... E tem mais... Quem está do lado errado é você — declarei sorrindo, vitoriosa. — O tempo ainda lhe mostrará isso.

— Como pode ter tanta certeza? — ele demonstrava um lapso de receio.

— É o que o amor une e não os nossos interesses! Nós temos muitas pessoas fortes e de coração nobre que lutarão

ao nosso lado — Pantor pensou em dizer como eu estava sendo utópica; retirei os olhos de sua direção. — E não pense que estou sendo utópica quando lhe digo essas palavras — proferi, arrependendo-me no momento seguinte.

— Como sabia que eu lhe diria isso? — ele indagou, parecendo confuso.

— Eu não sabia... — sussurrei, sentindo os seus dedos atravessarem o meu braço com força.

— Leu o meu pensamento, não foi? Confesse... — ele insistiu, apertando os dedos sobre a minha pele. — É uma mesoetérea; imagino que deva ter algum dom.

— Foi apenas coincidência — disse, com convicção. — Como eu poderia saber o que você estava pensando? — ele respirou mais calmo. — Eu não tenho esse poder. Como já disse, as minhas habilidades ainda não despertaram.

— Alguma coisa me diz que você não está falando a verdade. Vejo que é diferente, como Alef e Naíma... Existe algo de muito especial em você — os seus olhos desviaram dos meus. — Em todo caso, comentarei com Akamu sobre a “coincidência”.

— Claro que não estou lhe escondendo nada — sustentei, estabelecendo uma distância segura. — Sou tão normal quanto você — sorri, sem graça. — Tão vulnerável e mortal como você.

— Não costumo ser gentil com ninguém, não gosto de conversas e não tolero desaforos, então não sei por que continuo suportando os seus insultos — ele apertou os lábios de aparência sedosa. — Parece que, de alguma forma, consegue arrancar tudo de mim. Algumas vezes,

chego a cogitar a possibilidade de estar executando algum feitiço.

Feitiço? Pelos Etéreos... Mais um achando que sou bruxa!
— pensei.

— Não estou de acordo com esse tipo de estratégia — indaguei sorrindo, com acanhamento. — Está completamente enganado com relação à minha pessoa.

— Eu não costumo me enganar com as pessoas! — ele discorreu sério.

— Existe sempre uma primeira vez para tudo — rebati. — Agora solte o meu braço porque está me machucando.

Não gostaria que Pantor descobrisse minha capacidade de ler pensamentos ou, pior, que ele descobrisse que eu posso me transportar. Considerei essa possibilidade algo extremamente perigoso. Os midrões não me deixariam partir se tomassem conhecimento dos meus dons, nem mesmo se Franco oferecesse o meu peso em ouro.

Eu sabia que precisava controlar meus impulsos, pois Pantor sustentava um olhar desconfiado diante das minhas atitudes. Ele observava concentrado todos os meus movimentos, tornando difícil manter a naturalidade diante de tantas suspeitas.

Com o passar da noite a temperatura começou a cair. Esfreguei os meus braços, buscando me manter aquecida. O sequestrador percebeu a agonia que congelava os meus ossos e, sob o meu olhar atento, caminhou até um pequeno baú de madeira entalhado com figuras selvagens.

As dobraduras rangeram quando a tampa se abriu. As suas mãos vasculharam até retirar de dentro do objeto um

cobertor cinza, que me foi entregue logo em seguida. Agradei pelo gesto civilizado.

Pantor lutava de forma desesperada para se manter acordado. O receio mútuo não permitia que nada nos levasse a uma distração. A situação tornou-se quase insustentável, já que os nossos olhos semicerravam-se, mesmo que a todo custo quiséssemos mantê-los abertos.

Pantor levantou-se como se tivesse criado alguma estratégia para entregar-se à sonolência. Com um gesto ágil, ele alcançou uma corda grossa ao lado de uma rede de pesca. Os meus protestos acalorados não foram suficientes para impedir que uma das minhas mãos fosse amarrada a uma coluna de madeira. Em seguida, a minha mão direita foi atada à sua mão esquerda.

— Por que me amarrou? Eu não pretendia fugir — murmurei baixo.

— Dessa forma me sinto mais seguro — ele expôs. — Com as mãos amarradas não poderá me lançar nenhum feitiço — ele comentou, fechando os olhos.

— Quantas vezes repetirei que não faço feitiços — elucidei impaciente. — O seu posicionamento está sendo ridículo — revolvi-me na esteira enfurecida por causa daquela atitude. — Que mal poderia lhe fazer?

— Não considero que seja uma atitude prudente fechar os meus olhos e deixá-la livre pela cabana para fazer tudo que desejar.

— Pantor... Um grande guerreiro! Tão poderoso! Indestrutível! — escarnei, notando que ele mantinha os

olhos fechados. — Tremendo de medo por causa de uma frágil mulher.

— Eu não estou com medo de você! — ele comentou, abrindo os olhos.

— E por que esse comportamento tão ofensivo? — continuava a pressioná-lo. — Por que me amarrou? — repeti.

— Porque dessa forma terei mais controle sobre você — ele fez uma pausa; depois virou-se de frente para mim. — Ah... Sem falar que podemos ficar mais próximos. A sua pele exala um cheiro maravilhoso.

— Que pena, não posso dizer o mesmo de você — retruquei sorrindo.

— Está dizendo que cheiro mal? — ele retorquiu, escondendo o sorriso. — Que indelicadeza!

— Apenas tem um cheiro diferente das pessoas da cidade! — expliquei sem graça, sentindo o aroma cítrico que se espalhava pelo ar.

— Cale a boca porque precisamos dormir — ele contestou com pressa. — Teremos um dia muito longo amanhã.

Após alguns segundos e o mais completo silêncio, escutei a sua voz outra vez:

— Espero ter uma boa-noite de sono, pois precisarei estar preparado para qualquer tipo de ocorrência — escutei um longo suspiro de escárnio. — Nunca se sabe quando será preciso iniciar uma guerra.

Virei-me de costas buscando ajeitar o cobertor; no entanto, com as mãos amarradas, parecia uma tarefa de difícil execução. Diante da impossibilidade de realizá-la, o inimigo resolveu ajudar. As suas mãos se moviam

cautelosamente, colocando o cobertor sobre o meu corpo. Experimentei a sensação desagradável de ter a sua pele encostando na minha.

Ao fim do favor que Pantor realizava meio a contragosto, as suas mãos tocaram displicentes o meu pescoço. Paralisei de pavor quando senti os dedos longos aproximarem-se do meu ombro e franzi a testa quando os lábios passearam com indiscrição pelos meus cabelos. Uma ventania soprou, fazendo Pantor cair em sono profundo rapidamente. Respirei aliviada depois da ajuda de minha mãe.

Pantor parecia tão indefeso dormindo, mas não podia esquecer quem ele era realmente. Não podia esquecer que ele havia convencido Caleo a nos sequestrar. Não podia esquecer que ele fora o responsável pelo ataque a Franco. Não podia esquecer que ele era um midrão selvagem que não respeitava os seus inimigos e estava em luta constante para alcançar o poder das maneiras mais sórdidas.

Felizmente, o meu coração revelava que mesmo lutando em lados opostos, Pantor me protegeria. Ele escondia por detrás daquelas palavras ríspidas um desejo de amparo que sufocava a sua alma.

Eu não conseguia controlar o sono, nem as sensações. Entorpecí ao seu lado sem relutar.

o confronto

Abri os olhos e admirei as palhas escuras que recobriam o teto. Confirmei, para a minha dilacerante tristeza, que não se tratava de mais um sonho. As minhas costas cansadas ardiam, as minhas mãos torturadas formigavam e a minha boca ofegava em busca de ar fresco, comprovando a realidade angustiante em que eu estava envolvida.

Do lado de fora, o dia alvorecia lentamente. Enxergar o brilho da manhã fazia com que saboreasse o acre do medo e a doçura do alívio. Concebia que Franco certamente estava a caminho da tribo. O acelerar instável do meu coração divulgava que ele estava mais próximo do que imaginava.

A inquietação com que movimenteiei o corpo provocou o despertar súbito dos olhos negros de Pantor. Sua face demonstrava um cansaço intenso determinado por uma noite complexa. Sinalizei com o erguer do tronco que precisava levantar. O algoz desamarrou com tanto cuidado as minhas mãos que isso provocou suspeita.

As marcas deixadas pelas cordas em meus punhos produziam a impressão de que estava machucada, no entanto suspirei tranquila quando o sangue fluiu dentro da normalidade novamente, fazendo desaparecer as evidências inaceitáveis da tortura vivida na noite anterior.

Marchei até a tina buscando apagar os traços de um ressonar conturbado. Pantor acompanhou-me com passos impecavelmente ordenados. Num ritmo semelhante, nossas mãos penetraram na água fria, provocando um conforto imediato. O gesto causou efeito similar assim que encontrou a minha face descontente.

Antes que pudéssemos nos cumprimentar com alguma civilidade naquele amanhecer tortuoso, fomos interrompidos por gritos daquela voz docemente circumspecta que reconheceria sempre. A minha redenção havia chegado, tornando impossível disfarçar a satisfação.

— Caleo! Caleo! Caleo! — Franco gritava sem pausas do lado de fora.

— O seu príncipe veio mesmo lhe buscar! — Pantor disse, esboçando irritação.

Abandonamos a cabana e os meus olhos testemunharam algo inacreditável. Franco parecia ter se preparado para uma guerra contra os midrões. Não era possível mensurar o número de homens que compunham o exército. Pantor não disfarçou o pavor diante da grandeza da cavalaria do príncipe.

Os rapazes do vilarejo acompanhavam Franco naquela manhã revigorante, algo que presumi durante a noite turbulenta naquela cabana. Julguei apropriado o fato de não ter conversado com profundidade sobre a rebelião. Talvez, Franco não se sentisse confortável se soubesse que lutava ao lado dos *Insurrectos*, os mesmos homens que faziam oposição à sua forma de comando.

Quando esbocei a intenção de correr para os braços de Franco, numa tentativa de livrar-me de todo aquele tormento, Pantor segurou forte a minha mão e lançou-me um olhar assustador.

— Ainda não está livre para seguir até o seu amado — a fúria possuía tanta intensidade que podia senti-la atravessando o meu braço.

— Pantor, sei que não quer machucá-la — Naíma anunciou, deixando uma cabana logo atrás de nós.

— Naíma, melhor permanecer calada porque não sabe o que eu quero — ele proferiu entre os dentes. — Pelo que sei ainda não possuí a capacidade de ler pensamentos — seus olhos me encararam com fúria após a frase.

Franco desceu rápido do cavalo, arrancando a espada da bainha. Seus olhos de tom indefinido estavam cobertos pelo evidente vermelho da ira. Pantor retirou o punhal da cintura e o apontou para minha garganta. O gesto fez com que Franco paralisasse de pânico.

— Não a machuque! — Franco rogou, ainda imóvel. — Diga o que os midrões desejam que lhes darei sem questionamentos — ele abaixou a cabeça diante do inimigo. — Pantor, eu lhe suplico humildemente, por favor, não faça nada que possa machucar Liv.

— Alteza... — Pantor enunciou, aproximando ainda mais o punhal. — Descreva-me a sensação de ver alguém que se ama tanto tão vulnerável — ele virou o meu rosto em direção ao seu semblante irreconhecível. — Acho que eu deveria fazer com Liv exatamente o que você fez com meu irmão!

As palavras surgiram com um furor descontrolado no exato momento em que eu arrancava o meu rosto de sua mão.

— Por que não damos início a uma luta agora mesmo? — Franco inquiriu abrindo os braços e abandonando, enfim, a postura inerte. — Pantor, não percebe que tem a oportunidade perfeita de tentar acabar comigo? — os olhos úmidos de Franco encontraram os meus. — Não seria justo que Liv pagasse por todas as coisas que fiz — ele concluiu, evitando qualquer movimento brusco.

Os selvagens midrões aos poucos surgiam armados com arcos e flechas bem atrás de Pantor. As suas expressões compenetradas revelavam que todos fariam o que fosse preciso para defendê-lo.

— O seu sofrimento será muito maior se testemunhar o meu punhal atravessando a garganta dela! — Pantor percorreu atormentado.

— Solte a minha irmã, seu maldito! — Felipe desceu do cavalo seguido por outros homens. — Não acho justo que a envolva em questões do passado.

— O assunto diz respeito apenas a mim e ao príncipe Franco — Pantor gritou, fazendo com que meu irmão descontinuasse os passos. — Quanto a você, precisará se entender com Caleo. Aceite um conselho: não se canse tão cedo.

Felipe empalideceu quando viu Luna abandonar uma das cabanas acompanhada por Caleo.

— Felipe, acalme-se, porque resolverei toda a situação com Akamu — Franco recomendou com uma calma

dissimulada. — Nenhum mal acontecerá à sua irmã.

— Quem garante isso, alteza? — Pantor declamou com escárnio. — Estou com uma faca deslizando sobre o pescoço dela.

— Pantor, precisa se acalmar imediatamente. Não percebe que está totalmente descontrolado? — Naíma declarou deixando a cabana e aproximando-se, com o objetivo de livrar-me das mãos do primo.

— Não se intrometa em meus assuntos! — Pantor grunhiu furioso.

— Os seus assuntos podem prejudicar toda a tribo! — Naíma replicou irritada.

— Por que não fazemos uma troca justa? Eu assumo o lugar de Liv — Franco anunciou sem hesitar, para desespero de todos. — Colocarei a minha espada no chão — Franco curvou-se até repousar a arma no solo. — Estarei desarmado, portanto completamente vulnerável às suas decisões.

— NÃO! — a minha voz poderia ser ouvida do outro lado da mata. — Deixará que o príncipe Franco conduza as negociações? Precisa mostrar quem está no comando — expressei, fazendo um esforço grandioso para encará-lo.

Uma lufada de ar frio nos envolveu, causando um torpor temporário nos pensamentos de Pantor. Os seus olhos revelavam uma intensa confusão, com tantas ideias diferentes que passavam por sua cabeça.

— Claro que será muito mais sofrido se me mantiver presa — aleguei, buscando evitar a troca a qualquer custo.

— Acredito que você não deseja que a agonia do príncipe Franco termine agora, não é mesmo?

— Liv... Meu amor... Deixe que eu tome o seu lugar! — Franco praticamente implorava.

— Que cena romântica e previsível! — Alef manifestou, surgindo com a machadinha reluzente em uma das mãos. — Por acaso os pombinhos estariam tentando manipular Pantor?

Pantor encarou o maldito mesoetéreo, compreendendo as suas claras insinuações. Naíma revirou os punhos manifestando uma súbita vontade de esmurrar Alef. Por conta das colocações dele a fisionomia de Pantor havia se transformado em entendimento.

— Deveria estar do nosso lado, Naíma — Alef expressou convicto.

— Deveria evitar embates — Naíma rebateu irada.

— Quem decide o que fazer aqui sou eu! — Pantor vociferou, mostrando que tinha o poder de decisão em suas mãos. — Franco, não imagina como é aprazível vê-lo tomado por tanta angústia. É delicioso vê-lo implorar pela vida dela — ele apertou o punhal contra o meu pescoço.

— Desgraçado! Eu vou cortar a sua cabeça! — Franco rugiu com cólera.

— Isso mesmo! — Pantor grunhiu. — Desperte o monstro que existe em sua alma.

— Arrancarei o seu coração com as minhas mãos se fizer mal a Liv — a voz de Franco surgia como um rugido.

Nicolau saltou fazendo um esforço grandioso para impedir que Franco se aproximasse de nós; enxergava com

nitidez a bota do garoto arrastando-se pela areia seca. Patrício rapidamente se prontificou a ajudá-lo, mas somente quando o arqueiro Marcus juntou-se aos dois a calmaria se restabeleceu.

— Nós trouxemos muitas joias, armas e cavalos — Levi discorria com tranquilidade enquanto se aproximava. — Podem ficar com tudo o que desejarem. Queremos apenas levar as duas moças para casa.

— Não existe sentido em tirar a vida de Liv — Estêvão ponderou com ansiedade, no instante em que Franco recobrava a resignação. — Se tomar uma atitude tão estúpida desencadeará uma guerra desnecessária. Temos homens suficientes para destruir a vila em um piscar de olhos.

— Imagino que não deseja algo dessa proporção — Carlo ironizou.

— Pantor, não dê ouvidos a esses estúpidos — Alef comentou, aproximando-se de Caleo, que aguardava o seu momento em silêncio. — Basta uma ordem e lançarei chamas contra esses palermas.

— Nossa... Que ideia brilhante, Alef! — Sebastian explanou com um sorriso em seus lábios finos. — Destrua toda a vila com as suas chamas incontrolláveis, exatamente como fez com aquela hospedaria em Ika! — Alef permaneceu cabisbaixo perante as palavras. — Estou começando a ficar arrependido de tê-lo ajudado a escapar da fúria dos donos da hospedaria. Os homens queriam arremessá-lo às chamas e, ironicamente, seria destruído pelo próprio fogo que causou.

— Alef, possui conhecimento pleno de que ainda não sabe controlar totalmente a sua machadinha. — Naíma pronunciou com evidente preocupação, virando o pescoço em direção ao local exato em que Alef se encontrava. — Que ideia estúpida!

— Como pode ser tão insuportável? — Alef questionou, desistindo da ideia.

— Pantor... Esqueça as suas diferenças com o príncipe Franco — Caio articulava ao longe, surpreendido com a beleza de Naíma. Imaginei o que ela pensaria se pudesse enxergar como todos estavam impressionados com a sua coragem. — Devolva as moças e seguiremos para casa em paz.

Akamu deixou a cabana presenciando Pantor empunhar com displicência o punhal contra o meu pescoço. Seu olhar fulminante reprovava a atitude do sobrinho. A voz ecoou ordenando que o miserável me soltasse.

— Eu nunca a machucaria — Pantor segredou quase inaudível junto ao meu ouvido.

Por alguns momentos, Pantor me manteve presa ao seu corpo. Os dedos longos abandonaram com vagareza a minha pele, libertando-me para encontrar a felicidade nos braços de Franco.

— Está se sentindo realmente bem? Aquele infame lhe fez algum mal? O miserável por acaso a machucou? — Franco fazia inúmeras perguntas.

— Não... Ele não me machucou — decidi responder apenas à última.

— Akamu, o que posso fazer para retribuir a sua atitude?
— Franco proclamou ao velho chefe.

— Não quero nada em troca — Akamu replicou sincero. — Apenas lhe peço que retire os seus soldados da minha tribo o mais rápido possível. Não quero outro derramamento de sangue por aqui.

— Jamais provocaria uma guerra em sua tribo agora. Estou lhe dando a minha palavra de honra. Não haverá nenhum derramamento de sangue. Estou agradecido por ter livrado Liv desse pesadelo — Franco declarou calmamente.
— Depois que Luna estiver livre partiremos sem causar qualquer estrago.

— Está falando da outra moça? — Akamu indagou enfático. — Com relação à outra moça, preciso lhe dizer que se trata de outra história. — Akamu retirou os olhos de Franco.

— Sobre o que está falando? — Franco indagou confuso.
— Só poderei deixar a tribo se levar as moças em segurança. As duas estavam sob a minha proteção quando foram sequestradas.

Uma das minhas mãos arrastou Franco enquanto a outra fazia um sinal para que Felipe se aproximasse.

— Caleo deseja se casar com Luna — expliquei de imediato. — Ele não tem intenções de deixá-la partir da tribo.

— O que está dizendo? — Felipe discorreu indignado. — Por acaso Luna quer ficar com esse brutamonte?

— Claro que não! — aclarei, notando o alívio preencher a sua face. — Os midrões têm certos costumes com relação

aos seus prisioneiros. Caleo não deixará Luna ir embora conosco, a menos que... — interrompi a frase com receio de contar a solução.

— A menos que? — Franco perguntou agitado.

— A menos que Felipe duele por Luna — revelei, arrancando um peso da minha alma.

— Mas por que precisaria duelar por Luna? — Felipe questionou surpreso.

— Ontem eu não sabia o que fazer para tirar Luna dessa confusão — os olhos de Felipe me fitavam intrigados. — Acabei dizendo que ela tinha compromisso e por esse motivo não poderia se casar com Caleo. Aí ele comentou que quando homens da tribo desejam a mesma mulher eles lutam por ela — Franco cruzou as mãos pelos cabelos com preocupação. — Caleo fez questão de dizer que se o noivo realmente a amasse aceitaria o duelo.

— Que ótima notícia! — Felipe proferiu com apreensão. — Liv... Por acaso já viu o tamanho de Caleo? — os olhos castanhos arregalaram-se. — Com toda certeza, conseguiu tirar a sua amiga de uma confusão, mas acabou colocando o seu irmão em outra maior ainda.

— Dei a minha palavra de que não haveria uma guerra por aqui — Franco considerou, passando a mão em volta do pescoço para aliviar a tensão. — Não posso dar ordens para que o exército ataque — Franco esclareceu com uma expressão preocupada. — Como tiraremos a moça da tribo?

— E o pior de tudo... — articulei com desânimo.

— Por todos os Etéreos... O que pode ser pior do que duelar com Caleo? — Felipe proclamava impaciente.

— Suponhamos que Felipe perca o duelo, então ela será obrigada a se casar com Caleo... — exprimi, sendo observada atentamente pelos dois. — No caso de Luna se opor à união tenebrosa, Caleo terá o direito de acabar com a vida dela.

— Parece que não é mesmo o meu dia de sorte — Felipe disse, levando as mãos ao rosto. — Passo uma noite inteira em claro imaginando os riscos que a minha irmãzinha estaria correndo nas mãos dos midrões. Quando acredito que toda a situação está definitivamente resolvida, que seguiremos felizes e salvos à nossa casa, surge um maldito duelo colocando tamanha responsabilidade sobre os meus ombros.

— Eu sinto muito por tê-lo envolvido nisso — expressei, notando que havia sido perdoada por meu irmão.

— Felipe, existe apenas uma alternativa para o impasse — Franco mencionou, colocando as mãos nas costas curvadas do meu irmão.

— Qual seria a alternativa? — Felipe questionou, sendo tomado pelo desânimo.

— A vitória! — Franco asseverou firme. — Não existe alternativa senão a vitória!

— Eu confio em você — disse, para encorajá-lo. — Siga até o centro da arena e acabe com a raça daquele ordinário.

O meu irmão permanecia imóvel, observando a espada em suas mãos.

— Felipe, aceitará o duelo? — Franco interrogou com ansiedade.

— Parece que não tem outro jeito, não é mesmo? — Franco confirmou o questionamento. — Não posso deixar que a moça passe o resto da vida confinada com os midrões — Felipe repontou respirando fundo.

— Eu sabia que aceitaria! — comemorei saltitando.

— Que fique bem claro que não estou fazendo isso por amor — Felipe murmurou desaforado. — Diga à sua amiga que eu faria isso por qualquer moça que estivesse na mesma situação.

— Diga você mesmo! — retruquei severamente por não aceitar a mentira.

— Não tenha dúvidas de que direi — ele respondeu ainda mais severo.

A expressão sisuda de Caleo apavoraria até o mais experiente dos guerreiros. Intimamente, eu reconhecia que Felipe possuía tudo de que precisava para vencer: tinha muita habilidade com a espada e amor suficiente para lutar por Luna até o fim, mesmo que a todo custo tentasse ocultar isso.

As lágrimas escorriam intensas, descendo em desalinho pelo rosto atormentado de Luna. Os passos apressados a guiaram sem hesitação em direção a Felipe, buscando livrá-lo daquele compromisso.

— Espero que saiba que não estou fazendo isso por amor — Felipe emitiu com frieza aquelas palavras. — Apenas não acho justo deixá-la passar o resto da vida com alguém que não deseja.

— Felipe... Por favor, não faça isso — ela implorou, enxugando as lágrimas. — Caleo não terá pena de você

durante o duelo! Se por acaso acontecer qualquer coisa de ruim com você não me perdoarei — os lábios dela se retorceram de tortura. — Não precisa fazer esse sacrifício por mim. Estou lhe livrando completamente desse compromisso.

Os olhos de Felipe se estreitaram perante o pedido de Luna. Reconheci que as palavras que se seguiriam magoariam a minha amiga.

— Quanta pretensão! — o deboche transfigurou o seu sorriso. — Não estou fazendo isso por você; não merece tamanho sacrifício — ele discursou, quase perverso. — Faço apenas pela minha consciência. Não desejaria que isso acontecesse com minhas irmãs, portanto não posso permitir que aconteça com qualquer mulher do planeta.

— Talvez eu consiga suportar o convívio com essas pessoas. Não posso esquecer que também já vivi em uma tribo, totalmente longe da civilização — observávamos Luna tentando convencê-lo a desistir.

— Então deseja ficar aqui com esse homem? — Felipe perguntou surpreso.

— Está me parecendo uma excelente solução. Pelo menos, assim ninguém sairia machucado — ela murmurou cabisbaixa, mas resolvi interferir.

— Luna... Não é isso o que deseja... — acautelei, unindo as sobancelhas diante das suas desculpas mentirosas e afastando-me de Franco para que ele não percebesse a mudança em meus olhos. — Na verdade, apenas teme que algo de ruim aconteça com Felipe.

— Não adianta tentar evitar o confronto — Felipe discorreu firme. — Fiz a escolha que considereei justa; além do mais, odiaria ser considerado por todos um covarde — ele anunciou, encarando a espada. — Será que podemos duelar com espadas? — meu irmão indagou diretamente a Caleo.

— O visitante tem o direito de escolher a arma — Caleo disse, expressando falsa cortesia. — Já se despediu dos seus amigos estúpidos? — o deboche escorreu pelos lábios enormes.

— Não sou eu quem precisa de despedidas! — Felipe retrucou à altura.

— Sabe que nunca poderá me vencer — Caleo articulava convencido. — Sou um guerreiro muito melhor do que um mísero ferreiro de fundo de quintal. Esse é o ofício do maldito, não é mesmo, Alef?

— O sujeito serve apenas para fazer espadas, não para manejá-las — Alef menosprezou com a pretensão habitual. — Tenho certeza de que o ferreiro nunca será melhor com espadas do que Caleo — Alef comentou, fazendo oscilar o eco da sua voz por todas as direções.

— Talvez seja cedo demais para cantar vitória — Naíma contestou entre risos.

— Ferreiro! — Pantor gritou com os olhos voltados a Felipe. — Ainda há tempo de desistir. Caleo vai estraçalhar você!

— Eu não teria tanta certeza disso — Felipe respondeu à provocação examinando o adversário. — Nunca me viram manejando uma espada, portanto não podem afirmar quem

é o melhor — Felipe defrontou com confiança. — Preciso lhe contar uma coisa, que talvez não saiba, brutamontes... Luna não ficará aqui com você.

— Isso é o que nós vamos ver! — Caleo grunhiu. — Vencerá o duelo aquele que desarmar o adversário primeiro, portanto significa dizer que o jorrar de sangue não será motivo para acabar com a luta.

— Não pretendo perder uma única gota do meu sangue precioso — Felipe replicou com arrogância.

Caleo e Felipe encaminharam-se ao centro da tribo. Pantor atirou uma espada ao primo, que segurou a arma com destreza. Os dois competidores não usavam armaduras, fato que os tornava mais suscetíveis aos golpes que fossem desferidos. O rival do meu irmão mostrava os dentes cerrados, como um animal tomado por uma raiva insana. Considerava estranho que Felipe sorrisse tranquilo diante de um conflito tão perigoso.

Caleo partiu ao ataque com uma fúria incontrollável. O trincar das espadas surgiu arrepiante. Sob a minha perspectiva, o duelo parecia bastante equilibrado. Os adversários se defendiam e atacavam com uma majestosa segurança.

Franco assistia ao combate com uma aflição evidente. O agitar das mãos apontavam o desejo de tomar o lugar do meu irmão. Observei os semblantes apreensivos diante do embate, principalmente o de Nicolau, que a cada golpe apertava os olhos como se não quisesse enxergar os possíveis erros de Felipe.

Era insuportável imaginar que qualquer distração de Felipe poderia fazê-lo perder o duelo, perder Luna, perder a vida.

Desejei que tudo acabasse logo, mas nenhum sinal de cansaço era esboçado. Caleo parecia arrancar forças do fundo da alma. A cada instante ele erguia a espada reluzente em direção ao meu irmão e, após um período de ataques incessantes, Felipe começou a aparentar um pouco mais de exaustão do que o opositor.

O meu irmão evidenciava a minha percepção com um cambalear quase constante; segundos depois da minha conclusão, percebi que o cansaço inevitável o trairia. Caleo atingiu com força o braço direito de Felipe, que urrou dominado por uma dor lancinante.

Luna gritou tomada pelo desespero, enquanto seguia protegida pelas mãos de Pantor como um troféu. Franco precisou me conter para que não arrancasse o meu irmão daquele combate maldito.

Todos acreditavam que seria o momento de Felipe admitir que havia perdido o duelo, porém os seus pensamentos revelavam o quanto amava Luna e que esse tornava-se o verdadeiro motivo para não deixá-la tão facilmente.

— Por acaso está achando que essa bobagem me fará desistir? — Felipe indagou, franzindo o cenho.

— Desista! — o inimigo exclamou vitorioso. — Abandone a maldita espada ao chão, seu verme! — Caleo não media as palavras. — Não compreende que nunca me vencerá? Por acaso não está vendo que morrerá se persistir com o embate?

— A única coisa que estou vendo é um completo estúpido sem escrúpulos — Felipe bradou, para espanto de todos. — Um homem asqueroso que deseja a todo custo obrigar uma mulher a ficar em seu poder. Para mim, não passa apenas de um grandessíssimo covarde.

— Covarde? — Caleo rebateu com uma gargalhada sombria. — Pois saiba que esse covarde aqui acabará com sua vida! — ele espalmou o peito.

— Será mesmo? — Felipe sorria com sarcasmo. — Existe algo dentro de mim revelando que você saiu derrotado!

— Talvez seja a insanidade — Caleo ironizou. — Por acaso está com medo de me atacar? Tem receio de que eu arranque a sua cabeça fora? — Caleo apregoava cínico.

— Nossa... Estou com tanto medo! — Felipe expressou sorrindo.

— Pelo que vejo não está em condições de fazer gracinhas — Caleo lembrava a Felipe de suas dificuldades. — A meu ver, você está perdendo a luta; está com um ferimento tão profundo que dificilmente terá forças para tentar algo contra mim.

A zombaria excessiva de Felipe me preocupou, a ponto de fazer com que olhasse para Franco com impaciência.

— Felipe por acaso enlouqueceu? — indaguei. — Não me parece um bom momento para brincadeiras.

— Seu irmão sabe o que está fazendo — Franco conciliou com uma calma que me aborrecia.

Os meus olhos se voltaram aos dois novamente depois das palavras seguras de Franco.

— Acha que porque estou ferido preciso desistir? — Felipe interpelou, empunhando a espada novamente. — Os meus amigos ficariam extremante decepcionados comigo — Felipe abriu o braço, apontando para nós.

— Os seus amigos são um bando de idiotas! — Caleo pronunciou, dando as costas a Felipe por um longo período.

— O meu pai me ensinou a arte de dominar uma espada, porém me ensinou algo ainda melhor, algo mais grandioso, ensinou-me a arte de desconcentrar um inimigo.

O contra-ataque aconteceu tão rapidamente que Caleo nem mesmo havia se virado de frente quando Felipe o atingiu com uma força aniquiladora. O inimigo tombou ao chão sem entender o que ocorrera. O seu olhar atônito assistiu ao reluzir da espada voando pela atmosfera até espancar o chão, completamente fora do alcance das suas mãos.

Os homens do exército e do vilarejo gritavam com alegria exaltando a vitória de Felipe sobre o maléfico Caleo.

Luna sorriu radiante, ajoelhando-se como um bálsamo pelo feito de Felipe. Por causa de sua coragem a minha amiga havia escapado das garras do inimigo e finalmente estava livre do suplício de imaginar uma vida inteira ao lado de alguém tão bárbaro.

— Eu disse que era cedo demais para festejar a vitória — Naíma atestou, dando alguns saltos antes de alcançar a sua cabana.

— Mais tarde, acertaremos as nossas contas, sua maldita! — Caleo proclamou em tom de ameaça. Naíma ignorou suas palavras e entrou na cabana com ânimo.

Depois daquela noite angustiante e daquela manhã aterrorizante, enfim respirávamos aliviadas.

— Temos que sair logo daqui! — Franco discorreu, arrastando-me em direção ao seu cavalo. — Eu não confio nos midrões, não confio em Caleo e muito menos em Pantor.

— Felipe venceu o duelo; os midrões não podem fazer nada contra nós — murmurei breve, tentando acompanhar seus passos.

— Realmente não podem — ele disse, virando-se para mim. — No entanto, nunca temos certeza se eles estão dispostos a cumprir acordos — o som da sua voz continha uma seriedade que julguei significativa. — Liv, as pessoas dessa tribo não são confiáveis. Alguns midrões roubam, matam e ferem sem motivo. Felipe acabou de vencer um duelo com o futuro líder deles. Tenho medo de que tomem alguma atitude contra nós, portanto darei ordem de retirada imediata aos meus homens.

— Talvez tenha mesmo razão — proferi convencida.

— Vamos, todos em retirada! — Franco gritou aos soldados, que subiram em seus cavalos sem questionar.

Franco fez um sinal ao velho chefe, que se aproximou de nós. Pantor fez menção de acompanhá-lo, mas Akamu sugeriu que o sobrinho permanecesse no mesmo lugar, porém a ordem não foi obedecida.

— Príncipe Franco, em que posso ajudá-lo? — Akamu aludiu com uma fisionomia séria.

— Akamu, apenas gostaria de lhe agradecer por ter feito com que a tribo respeitasse todas as regras — Franco discursou com sinceridade.

— E nós continuaremos respeitando — ele pronunciou com segurança. — Ninguém ousará atacá-los. Podem seguir em paz para suas casas.

— Tenho certeza disso — Franco refutou com gratidão.
Franco estendeu a mão ao velho homem.

— Eu não teria tanta certeza assim — Pantor rebateu, enquanto Akamu lhe lançava um olhar de repreensão.

— Acaso pretende me atacar pelas costas, Pantor? — Franco interpelou furioso.

As minhas pernas estremeceram porque eu não estava preparada para outro acontecimento do mesmo nível que o duelo.

— Não se pode prever o que acontecerá no futuro, principalmente quando se precisa cavalgar por uma floresta tão perigosa... — Pantor retrucou com escárnio. — Guardo uma certeza comigo, a de que ainda nos enfrentaremos. Será um grande prazer vencê-lo em combate.

— Acha mesmo que poderá me vencer? — Franco prosseguia com o desafio.

— Tenho conhecimento de todas as suas conquistas, no entanto os seus feitos não me apavoram. Sustento o sonho veemente de acabar com você, fazê-lo sofrer, penar... — ele maltratou os lábios com os dentes. — Arrancarei de suas mãos tudo aquilo que mais ama — a voz insensata atravessou os meus ouvidos. — Eu vou tirá-la dos seus braços.

Decifrei um duplo sentido por trás daquelas palavras. Enxerguei a verdade expressada em seus olhos vibrantes. Abaixei a cabeça escondendo o tom perolado que

preenchera as minhas órbitas; não gostaria que Pantor percebesse que eu havia decifrado alguns dos seus segredos.

— Não se aproxime de Liv ou serei capaz de esmagá-lo lentamente para que o seu sofrimento se torne ainda maior!

— Franco esbravejou, entendendo apenas o literal da expressão do inimigo. — Pantor, não imagina como anseio pelo dia em que nos enfrentaremos!

— Tenha certeza de uma coisa, seu maldito! — Pantor ululou raivoso. — Não anseia por esse dia mais do que eu!

Pantor repousou os olhos sobre Franco de forma tão assustadora que acabei sendo forçada a dar alguns passos para trás.

— Franco... Por favor, vamos embora logo! — clamei aflita.

— Está com medo que eu acabe com o seu príncipe agora mesmo? — Pantor raciocinou o óbvio, disparando a frase num tom irônico.

— Precisamos ir embora. O meu pai deve estar preocupado — justifiquei, imaginando a motivação que a minha presença provocava. — Acredito que não temos mais nada a fazer por aqui.

— Pantor, a moça tem razão... Deixe-os partir — Akamu determinou rispidamente.

— Não os estou segurando, meu tio — Pantor murmurou sem esconder a fúria. — Os dois podem ir embora da tribo a hora que desejarem. Apenas comentei que tenho umas contas a acertar com esse aí... — ele advertiu, apontando o dedo para Franco sem nenhum respeito.

— Eu não fiz mal ao seu irmão por prazer — Franco pronunciou, movido por sinceridade. — Precisava defender-me ou então morreria. Todas as vezes que acabei com um inimigo estava envolvido em batalhas — Franco ponderava com segurança. — Artifício que parece não condizer com o comportamento de algumas pessoas desta tribo, já que inocentes tem sido roubados, as suas vidas vem sendo tiradas e tudo me faz crer que os midrões estão participando disso.

— Está agindo com tanta cautela porque teme que eu machuque Liv... — Pantor replicou diante do olhar de furor de Franco. — Se o seu grande amor não estivesse presente, minimamente já teria enfiado uma espada que arrancaria as minhas tripas sem uma gota de compaixão.

Pantor deu alguns passos, aproximando-se de mim. Franco fez alusão de retirar a espada da cintura, mas a minha censura o impediu de imediato.

— Eu não quero ter que lhe fazer nenhum mal; não é meu desejo envolvê-la nisso, porém, se a única forma de atingir esse desgraçado for machucá-la, não tenha dúvida de que a machucarei — os dentes trincaram após aquelas palavras.

— Estou disposta a fazer qualquer coisa para me defender de você — as minhas palavras também exibiam um sentido duplo.

— Estou começando a acreditar que a tratei melhor do que realmente merecia na noite passada.

A expressão de mágoa me atingiu mais do que esperava. Inexplicavelmente, preferia não ter escutado a sua

conclusão. Aquela toxina maldita impregnava o sangue em minhas veias, aquele veneno letal que me suprimia e também me restaurava.

A voz da minha mãe ressoou em meu pensamento: *Quando se deparar com uma serpente, afaste-se, não a enfrente, pois existe a possibilidade de ser mordida e, se por acaso isso acontecer... Certamente precisará do veneno dela para se manter viva.*

Pantor se afastava rapidamente de nós, enquanto eu descobria de forma dolorosa que Híndria se referia a ele quando revelara as palavras que não fizeram sentido algum. Ele havia deixado bastante claro que faria tudo que fosse necessário para levar a amaldiçoada vingança adiante. Os berros descontrolados que ele proferiu contra Caleo, os chutes enérgicos nos bancos de madeira que encontrou pelo caminho e a maneira feroz como cravou a adaga num cesto de palha que encontrou pelo caminho evidenciavam o seu cruel anseio.

Franco tinha certeza de que aquelas ameaças seriam levadas até as últimas consequências e que aquele confronto seria o primeiro de muitos que nós dois teríamos que enfrentar. Ele reconhecia que Pantor tinha mágoa suficiente para promover situações que os levassem a uma desforra.

Quando iniciamos os primeiros passos que me colocaram em cima do seu cavalo, os nossos sentimentos pareciam totalmente contraditórios. Curvei os olhos desejando que Franco não tivesse percebido a mudança.

De maneira espantosa, sentia-me imensamente fortalecida ao seu lado, porém Franco julgava-se totalmente vulnerável quando se encontrava junto a mim. Experimentei com frenesi a sensação de ser inatingível quando a sua mão macia alcançou a minha cintura, porém Franco conheceu a impressão inexplicável de tormento quando tocou a minha pele. Era como se o simples olhar do inimigo, mesmo ao longe, pudesse aniquilá-lo.

Preciso me afastar dela! — submergi em agonia diante daquele pensamento de Franco.

— Eu não admito que deseje se afastar de mim por conta das ameaças de Pantor — ele me admirou confuso perante a observação tão precisa.

— Precisa afastar-se de mim ou com toda certeza os meus inimigos a destruirão buscando alcançar objetivos sórdidos — Franco concluiu, mordendo os lábios com aflição. — Temo por sua segurança!

— Não quero ouvir mais nenhuma palavra sobre o assunto — proferi firme, aumentando o tom de voz. — Não percebe que os inimigos já reconhecem a importância que tenho na sua vida? A distância entre nós pouco importará agora. Se eles tiverem que me fazer algum mal, tenha certeza de que farão.

— Eu posso espalhar o boato de que os meus sentimentos não são verdadeiros, que me enganei com relação ao que sinto por você — Franco vasculhava a mente atrás de uma solução viável ao impasse.

— Talvez, com o passar do tempo, não conseguisse disfarçar o que realmente sente. Não demoraria muito até

que eles percebessem a mentira — afirmei com desânimo, procurando alcançar os seus dedos trêmulos.

— Liv, não quero ser responsável por algo que possa lhe machucar — a voz assumiu um tom angustiante. — Pantor é o meu maior inimigo; o miserável a ameaçou claramente.

— Por acaso quer me enlouquecer com essa conversa de distância? — disse, testemunhando o sorriso perfeito.

— Claro que não, meu amor! — a doçura em sua voz amenizava a tortura em meus olhos. — Contudo... — ele fez uma pausa repousando o olhar sobre mim. — Não consigo pensar em nada que possa protegê-la de gente tão abominável.

As mãos firmes me ajeitaram em seu cavalo, enquanto a minha pele sucumbia a um arrepio interminável.

— Por favor, esqueça a bobagem de manter distância — supliquei chorosa, procurando por um pouco de conforto sobre a sela.

— Está bem! — ele assentiu num tom de incerteza, subindo ao cavalo. — Nenhuma distância será estabelecida por enquanto.

Cerrei os olhos recostando a cabeça ao seu peito e buscando livrar-me da intensa agonia que saboreava. A possibilidade de um afastamento me machucava profundamente. O meu íntimo esbraseava escutando o seu coração pulsar ao longe num acelerar desacertado por conta dos eventos recentes.

Principiei uma procura discreta por uma respiração mais serena; concentrei-me até restabelecer um pouco de calma. A serenidade permitiu que escutasse as vozes dos homens

repetindo todo o duelo com detalhes minuciosos. Com toda aquela confusão provocada por Pantor nem mesmo sabia como Luna havia deixado a tribo.

— Alteza, não gostaria de passá-la ao meu cavalo? — Felipe sugeriu em vão.

— De forma alguma Felipe, a sua irmã está muito bem aqui comigo — Franco murmurou sorrindo.

— Felipe, como está o seu braço? — indaguei preocupada.

— Parece que não foi nada muito grave — ele expôs olhando a ferida.

— Como Luna deixou a tribo? — perguntei, ansiosa pela resposta.

— Não precisa ficar preocupada; a sua amiga está com Nicolau — Felipe respondeu breve.

— Poderia tê-la trazido em seu cavalo. Que falta de cordialidade — expressei com recriminação o seu gesto.

— Não acha que já fiz demais por Luna hoje? — ele inquiriu, estreitando os olhos acobreados. — Quase perdi a minha vida por causa dela; não preciso fazer o sacrifício de trazê-la em meu cavalo — Felipe discorreu ríspido.

— Farei de conta que acredito no que diz — considerei sorrindo.

— Acredite mesmo! — ele disse enfático. — Você nunca me perdoaria se não tivesse duelado com Caleo.

— Eu não me perdoaria se algo de ruim tivesse acontecido com você — retruquei, respirando aliviada.

— Felipe, praticamente tive que segurá-la porque, do contrário, ela teria ocupado o seu lugar no duelo — Franco

descreveu, esticando o pescoço para me encarar.

— Eu a conheço muito bem; sei exatamente do que Liv é capaz — Felipe anunciou sorrindo, afastando-se de nós em seguida.

— Franco, existe algo que preciso lhe perguntar... — falei calmamente.

— Pode perguntar tudo o que quiser — ele mencionou, estalando um beijo em minha cabeça. — O que deseja saber?

— Poderia me explicar como a morte do irmão de Pantor ocorreu? — interroguei desconfiada.

— Claro que posso! — ele respondeu breve.

— Então, por favor, diga-me como tudo aconteceu — requisitei ansiosa, esperando pelo relato.

— Bem... — ele fez uma pausa. — Acabou de ser vítima do comportamento inadequado dos midrões... — outra pausa foi feita antes de prosseguir. — Alguns membros da tribo já foram bem piores algum tempo atrás.

— Piores do que são? — repliquei. — Imaginar que os midrões eram piores chega a ser aterrorizante...

— Akamu ficou doente por um longo tempo, então Caleo e Pantor assumiram o domínio da tribo. Como estava muito debilitado, o pobre chefe ficou sem nenhuma autoridade sobre os dois — ele narrou, conduzindo o cavalo na direção desejada.

Os nossos olhos se esbarraram, fazendo com que Franco refletisse se deveria realmente continuar o relato, mas a insistência expressada pelo movimento enérgico dos meus lábios o impediram de parar.

— Eu andava afastado de Lanóvia, protegendo o território de Ika, que havia sido invadido por acarianos — Franco explicou e, com cautela, afastou um galho de árvore. — Os facínoras aproveitaram-se da fragilidade da guarda e da minha longa ausência para cometer os crimes.

Expressei a minha melhor face de desprezo aos midrões, pois não existia nada além de sinceridade em tudo o que Franco descrevia.

— Os selvagens assaltaram as casas, saquearam as tendas do comércio, mataram pessoas inocentes — a sua voz sucumbiu à sua aversão pelos atos. — Assim que retornei, tomei conhecimento dos ataques e vasculhei durante dias todos os lugares, buscando por provas e testemunhas que pudessem incriminá-los pelas atrocidades cometidas. Como ficou comprovada a culpa dos midrões em todas as agressões, decidi fazer um ataque surpresa à tribo, como retaliação.

— Por que não tentou selar um acordo de paz? — questionei. — Por conta do diálogo as coisas acabaram tão bem hoje...

— As coisas terminaram bem por causa de Akamu. Aquele velho é um homem decente, no entanto Pantor e Caleo não são honrados — a sua expressão demonstrou que não existia alternativa na época. — Os soldados contaram que tudo que os midrões conseguiram com os assaltos e com a morte de inocentes acabou sendo utilizado na compra de armamentos em Acária — estiquei as costas para aliviar a tensão. — Alguns espiões da guarda descobriram que eles possuíam um verdadeiro arsenal e tinham sérias

intenções de invadir a cidade e destruir os vilarejos mais próximos com a ajuda dos acarianos. Precisava pegá-los desprevenidos.

— Os midrões não puderam se defender? — interpelei com assombro.

— Digamos que naquele dia os midrões não tiveram tempo de planejar uma boa estratégia de defesa — ele exprimiu com certo incômodo. — Não ferimos os velhos, nem as crianças e nem as mulheres. Permitimos que todos escapassem da tribo. Na verdade, o que eu desejava realmente era dar uma boa lição em Pantor e em Caleo — a voz expressava a realidade dos fatos. — Contudo, alguns midrões decidiram nos atacar, mas a desvantagem do número de homens acabou determinando um massacre.

— Por que não interrompeu a invasão quando percebeu a desvantagem? — indaguei com tristeza.

— Liv... Eles não eram tão inocentes — um leve tom de indignação surgiu de seus lábios. — Todos que lutavam contra nós compactuavam com todas as crueldades que Caleo e Pantor faziam pelos vilarejos e estradas. Não pode esquecer que famílias inocentes morreram por conta desses ataques.

— Eu sei... — dei um longo suspiro. — Conte-me como o irmão de Pantor acabou morrendo pelas suas mãos.

— Dentre os homens que permaneceram na tribo estava Lennox — a sua voz embargou ao pronunciar o nome. — O garoto era um bom guerreiro; algumas vezes, competiu nos jogos de Lanóvia — ele comentou, recuperando a voz. — Eu lutava contra Pantor e consegui atingi-lo. Quando Lennox

notou que o irmão estava ferido, partiu em minha direção — ele fez uma pequena pausa. — A todo custo quis evitar um embate entre nós, pois reconhecia que Lennox era muito inexperiente.

Repousei um olhar sobre a sua face que pronunciava claramente: *Não precisa continuar.*

— Saiba que as coisas são extremamente diferentes quando estamos em tempos de guerra... — ele divagou, ignorando a sugestão. — Quem não está do nosso lado é nosso inimigo; desse modo, não podemos ter clemência.

Inclinei o pescoço, percebendo por meio dos lábios torturados o retorno da sua memória ao passado.

— Pantor observava assustado a insistência do garoto — Franco murmurou, sem expressar contentamento. — Lennox avançava contra mim. Eu notava que os golpes não tinham a mesma potência, mas ainda assim ele conseguiu me ferir — ele apontou a cicatriz que se estendia do canto do lábio até o queixo. — Compreendi que precisava defender-me do ataque e, no momento seguinte, cravei a espada em seu peito.

— Pantor lhe odeia tanto porque assistiu à morte do irmão pelas suas mãos... — indiquei, compreendendo melhor as coisas.

— Acredite... — ele assumiu um silêncio tortuoso. — Eu não tive escolha. Se não tivesse me defendido tenho certeza de que Lennox me mataria — Franco se explicava desnecessariamente. — Preciso que fique longe de mim por um tempo. Receio que Pantor possa usá-la com o objetivo de me atingir.

— Ficarei mais desprotegida sem sua presença —
articulei sorrindo.

— Eu acompanharia a sua vida de longe; faria isso secretamente para que ninguém percebesse o quanto a amo — ele murmurou com ansiedade. — Tentaria aparecer nos lugares em que estivesse apenas para me certificar de que nenhum mal lhe aconteceria. Observaria os seus passos a distância apenas para entregar-me ao encantamento de vislumbrar o seu sorriso.

A sua mão repousou com delicadeza, sossegando os cabelos que balançavam com o vento.

— Eu não posso ficar longe de você — resmunguei chorosa, ignorando a sua vontade.

Recostei a cabeça sobre o seu peito firme como uma rocha. O gesto permitiu que eu experimentasse a sensação de que me encontrava resguardada de todo o mal. Perdida em meus pensamentos, sustentava a plena consciência do que Franco sentia por mim. Ele não conseguiria me abandonar; nós não suportaríamos a agonia.

Considerava, durante aquele cavalgar tranquilo, que precisaríamos ter paciência antes de obtermos a libertação; necessitaríamos preencher as nossas almas de coragem se quiséssemos nos salvar; deveríamos derrotar, mesmo que por instinto, toda a ambição dos nossos inimigos. Reconhecer que aquelas dificuldades estavam apenas começando determinava um afundar mais profundo em sua armadura gélida.

Os meus olhos arremessavam-me em direção ao único mundo que eu conhecia. Serenamente, busquei pelo único

brilho que distinguia, enquanto o meu corpo experimentava o calor da única chama que me aquecia. Espantosamente, tudo de que precisava estava onde eu abandonava a minha cabeça atormentada; tudo de que necessitava para me manter viva repousava naquelas batidas descompassadas do seu coração.

o treinamento

Franco parecia aliviado por ter me trazido de volta ao vilarejo. Os seus olhos atentos observavam cada passo arrastado que eu dava. Cruzei a porta da minha modesta casa e o meu pai finalmente respirou aliviado.

Liana exibia uma fisionomia assustada diante das inúmeras pessoas que invadiram a nossa sala. A aflição desapareceu por completo depois que corri para abraçá-la. A minha irmã sossegou depois que notou que eu não possuía nenhum arranhão.

Luna me agradeceu silenciosamente, partindo em direção à varanda. A conversa acalorada dos rapazes a impediram de agradecer a Felipe seu gesto tão nobre.

Ama arrastou o meu irmão com o propósito de cuidar do ferimento. Àquela altura, o rapaz já não demonstrava tanta coragem como na tribo. A cada tentativa de aproximação da ferida, ele saltitava, procurando evitar o inevitável: o ardor que a loção de limpeza provocaria.

Franco iniciou uma breve despedida das pessoas que se encontravam espalhadas pela sala. Cuidadosamente, ele segurou a minha mão, encaminhando os meus pés cansados até a varanda.

— Eu preciso voltar ao castelo agora — um sorriso quase apático acomodou-se em minha face. — Prometa que não ficará se expondo ao perigo cavalgando sozinha pela

estrada ou distraíndo-se em trilhas pela mata — Franco pronunciou docemente.

— Prometo que farei o possível! — disse, melhorando o sorriso.

— Liv... — ele fez uma longa pausa. — Durante um breve período, devemos evitar os passeios desnecessários à cidade. Não precisa ficar aflita porque virei até a vila sempre que puder.

— Tenho confiança de que sabe o que é melhor para nós dois — proferi contrariada, virando a face.

— Liv... Olhe para mim... — Franco ordenou tão afetuoso que foi impossível não obedecê-lo. — Quero apenas protegê-la dos meus inimigos — os dedos frios seguraram a minha face. — Espero que compreenda a minha ausência. Em breve, ocorrerá a tal festa de Celebração da Chegada na tribo de Sinaia. Prometi à chefe da tribo que daria um apoio à estrutura do evento. Além disso, precisa lembrar-se de que os jogos de Lanóvia e o baile estão se aproximando. Não será possível vê-la tanto quanto gostaria.

— Eu sei... — afirmei tristemente.

— Espero que se comporte durante a minha ausência — ele assumiu uma fisionomia fechada. — Apenas por precaução, deixarei alguns soldados rondando a vila no caso de Pantor, Caleo ou qualquer outro inimigo aparecer. Não será nada que modifique a sua rotina, apenas uma atitude cautelosa.

— Por que temos que viver assim? — indaguei com inquietação, passando as mãos com impaciência em meus cabelos. — Cercados de soldados por todos os lados. Por

que não temos segurança nem mesmo dentro da nossa própria casa? Por que tenho que me privar da minha liberdade, enquanto aquele que pratica toda a maldade caminha livremente e totalmente impune pelas ruas e estradas?

Franco me encarou atônito diante de tantos questionamentos.

— Nossa! Quantas perguntas! — Franco esboçou um sorriso. — As injustiças existem e sempre existirão — sabia que ele tinha razão. — Não me parece justo que fique refém por medo dos criminosos, eu sei disso, mas o que podemos fazer? — os seus dedos deslizaram pela minha face. — Talvez algum dia, em algum lugar, possa existir paz e justiça, por enquanto preciso que tome o máximo de cuidado.

Franco aproximou os lábios devagar, enquanto o meu corpo arrebatava de emoção. Aquele momento único e intenso em que me sentia tão completamente dele, mas que sempre me dissolvia em vazio quando as nossas bocas se afastavam.

Analisar o seu semblante tão visivelmente preocupado preenchia o meu peito do mesmo sentimento. O sequestro havia despertado Franco para o mal que dimanaria das mãos dos inimigos. Por conseguinte, pela primeira vez algumas evidências concretas lhe mostraram que ele faria parte de uma batalha desonesta mesmo que quisesse evitá-la. No entanto, o seu maior temor era reconhecer que a minha presença estava incluída naquele evento tortuoso.

Ele deixou a vila enquanto o sol da tarde esquentava a terra, que agora encontrava os cascos dos cavalos.

Quando Estêvão deixou a minha casa milhares de estrelas recobriram o céu. O meu melhor amigo havia sido o último a ir embora, fato que somente aconteceu por conta da insistência com que Caio o gritava do lado de fora.

Depois do banho, abandonei o corpo sobre a cama, implorando aos Etéreos que esvaziassem a minha mente. O pedido não parecia algo impossível de ser concedido, tamanha era a agitação com que me movia entre os lençóis.

Lembrei-me da noite em companhia de Pantor. Recordei da dolorosa forma como descobri que possuíamos uma detestável ligação. Relembrar as suas palavras tornaram os meus pensamentos confusos, turbulentos, duvidosos. Concluía, de uma maneira aborrecível, que a natureza humana era dúbia, ambígua, imprecisa.

Cerrei os meus olhos com rapidez, pois necessitava acordar bem disposta para mais um dia imprevisível.

— Liv, querida, acorde — escutava aquela voz familiar ao longe.

Ao abrir os olhos me deparei com Híndria sustentando a mesma expressão terna de sempre.

— Estava sentindo sua falta! — disse, abraçando-a no momento seguinte.

— Estive o tempo inteiro perto de vocês — ela murmurou, fazendo questão de revelar que não havia me abandonado.

— Tive receio que algo ruim acontecesse a Felipe, a Franco... — comentei quando ela interpelou.

— Precisa tomar mais cuidado com suas escolhas! — existia um algo mais circulando naquela frase. — Concentre as suas atenções em coisas realmente importantes; não se desvie do seu verdadeiro caminho. O dia em que a metade do medalhão emanará a sua energia está cada vez mais próximo. Se a Etérea Naya for invocada por quem tem o sangue real, com toda certeza ela entregará aquilo que lhe for solicitado.

— Naya... Naya... — pronunciei, recordando que existia alguma ligação entre aquele nome e o medalhão.

— Naya é a guardiã da metade do medalhão — ela elucidou, estreitando os olhos azuis por conta da minha distração. O gesto promoveu uma lufada de vento que sacudiu serenamente os meus cabelos. — O rei Henrique deixou o medalhão sob a proteção de Naya depois que conseguiu retirá-lo do monte Ireu sem a autorização de Hária. Os dois fizeram um pacto para que a energia não fosse utilizada pelas sombras — Híndria deu alguns passos lentos pelo solo dourado de Beltar. — Naya entregará a metade do medalhão apenas para os que tiverem o sangue real, obedecendo à vontade do rei.

— O sangue real seria o sangue dos descendentes do rei Henrique? — ponderei, demonstrando interesse.

— Exatamente — ela confirmou com intensidade. — Somente os filhos do rei Henrique poderão pegar a metade do medalhão das mãos de Naya, mas qualquer um que leve essa metade até o monte Ireu poderá ter o seu pedido alcançado — Híndria declarou, franzindo o cenho.

— Não consigo compreender porque o rei Henrique não destruiu a metade do medalhão. Ele poderia ter feito isso se quisesse. Sara me revelou que todos que estiverem ligados ao desejo ou ao sacrifício podem acabar com o medalhão — descrevi com impaciência, notando que Híndria apenas aguardava que eu terminasse para justificar a decisão do rei.

— O rei Henrique almejava recuperar algo muito importante que havia perdido quando realizou o sacrifício — ela discorreu num tom defensivo. — Apenas por essa razão o artefato não foi destruído.

— Hum... Entendo! — coloquei o indicador no canto do lábio. — Estou começando a achar que esse medalhão nos causará muitos problemas — previ, observando que a minha mãe trocaria de assunto.

— Pedi permissão aos outros Etéreos para trazê-la até aqui — ela comentou, enquanto iniciávamos uma caminhada mais acelerada. — Achei que estava merecendo um pouco de paz.

— Em meio a tantas desavenças... Paz é o que mais preciso no momento — mencionei, agradecendo a gentileza com o olhar.

— Precisa afastar-se de conflitos desnecessários — ela aconselhou, mantendo o olhar fixo em minha direção. — Não importa o que foi predestinado pelas areias da vida; nada do que está descrito pode ser considerado definitivo — a preocupação se confirmava a cada palavra dita por Híndria. — Liv, sempre existirá a possibilidade de nos distanciarmos daquilo que poderia nos prejudicar.

— Está se referindo a Pantor? — questionei com o coração apertado. — Por acaso as areias da vida disseram que ele estaria em meu destino?

— Não posso interferir tão diretamente em sua vida — ela considerou firme. — Apenas escute o seu coração.

Os meus pés tocavam o chão, contudo sentia como se passeasse pelas nuvens. A túnica sem mangas num tom perolado que Híndria vestia agitou-se por conta própria. Encarei o céu notando os tons variados que ele assumia a cada instante. Cerrei os olhos assim que o vento iniciou uma brincadeira com a mecha dos meus cabelos.

Despertei renovada após a conversa com a minha mãe. Cheguei à cozinha sustentando uma expressão mais tranquila que no dia anterior. Felipe fazia seu desjejum acompanhado por meu pai e Liana.

— Julgando pela serenidade em seu rosto, imagino que tenha dormido bem — meu pai disse, quebrando o silêncio.

— Sim — soltei um suspiro. — Felipe... Temos que conversar sobre o treinamento o mais rápido possível — falei com interesse.

— Nicolau já está nos aguardando no galpão — o meu irmão informou, levantando-se da cadeira. Foi necessário inclinar a cabeça para encarar o quase gigante. — Quando acabar de comer siga imediatamente para lá — ele determinou, deixando a cozinha.

— Treinamento? — meu pai replicou intrigado. — Sobre o que estavam falando?

— Depois de tudo o que aconteceu, chegamos à conclusão de que preciso aprender a manejar uma espada

corretamente — respondi, mordendo um pedaço de queijo. — Quero estar preparada para me defender melhor dos inimigos.

Após comer toda a diversidade de bolos que Ama havia preparado, desci as escadas da varanda seguindo ao galpão. Observei que Nicolau segurava a espada completamente sem jeito, tornando inevitável esconder o riso.

Felipe caminhou até a bancada, alcançando dois pedaços longos de madeira. Em seguida, arremessou-os em direção a Nicolau. O rapaz conseguiu agarrá-los de forma bastante atrapalhada.

Estava intrigada, procurando por explicações que justificassem aqueles pedaços de madeira nas mãos do rapaz. Ajeitei os cabelos atrás da orelha quando Nicolau aproximou-se repousando um dos pedaços em minha mão. Depois do gesto as intenções de Felipe ficaram mais claras.

— Treinarei com um pedaço de pau? — questionei indignada.

— Inicialmente sim — Felipe esclareceu, com um semblante relaxado. — Depois que eu considerar que está realmente preparada, então lhe darei uma espada — o meu irmão balbuciou, cruzando os braços. — De qualquer maneira, a sua espada ainda não está pronta mesmo; ainda estou terminando de fazê-la.

— Está fazendo uma espada para mim? — inquiri efusiva, correndo para abraçá-lo. Rapidamente ele se afastou, pois o pedaço de pau o incomodava.

— Cuidado! — a voz surgiu séria. — Se estivesse segurando uma espada teria me machucado — ele replicou, passando a mão no local espetado. — Liv... Para manejar uma espada é preciso primeiramente se conhecer, saber todas as suas reações, testar todos os seus limites, principalmente naquelas situações em que algo inesperado acontece — Felipe discorreu contrito.

— Então preciso me conhecer profundamente — murmurei, observando os passos que meu irmão dava pelo galpão. — Aff... Que tarefa difícil!

— Enquanto não conhecer a si mesma profundamente, receio que não estará pronta para enfrentar os seus inimigos — ele colocou o indicador no queixo. — Precisar ter muita disciplina, concentração e confiança — a voz ecoou com firmeza pelos ares. — Um bom guerreiro esquece a individualidade e busca aquilo que for melhor para todos.

— Eu procurarei desenvolver todas as habilidades que me forem ensinadas — falei, com a fisionomia mais ajuizada.

— Quero que procure melhorar a cada dia; nunca permita se sentir vencida e esteja sempre disposta a modificar uma situação mesmo quando tudo estiver perdido — Felipe recomendou entrelaçando os dedos.

— Como fez durante o duelo com Caleo? — ponderei enfática.

— Exatamente — Nicolau asseverou, antecipando-se. — Todos nós achávamos que Felipe havia perdido a luta, mas o seu irmão sabia que a situação poderia ser revertida. Ele

aproveitou-se da falta de atenção de Caleo para vencer o duelo.

Nicolau discorreu enquanto manejava o pedaço de madeira entre os dedos, atrapalhando-se o suficiente para deixá-lo cair.

— Nossa! — exclamei. — Imaginei que lutar com uma espada fosse um pouco mais fácil — articulei, inclinando o pescoço.

— Liv... Lutará com a permissão dos Etéreos — meu irmão reavivava a minha memória. — Cada vez que retirar a sua espada da bainha ou utilizar o seu arco... Ajude o seu aliado até o fim e não tenha misericórdia dos inimigos, porque os inimigos não terão compaixão de você — Felipe discorreu, com os olhos cobertos de confiança. — Aprenda a enxergar as melhores oportunidades para alcançar a vitória. Os adversários do príncipe avistaram em você grandes possibilidades... — ele apontou o dedo indicador em minha direção. — Todos os inimigos, sem exceção, tentarão usá-la para atingi-lo.

Nicolau observava a explanação com um brilho de admiração em seu olhar.

— Não cometa o erro primário de achar que já aprendeu tudo, pois sempre temos algo novo para aprender a cada dia. Não menospreze o adversário, pois o desprezo poderá proporcionar a força que ele precisa para vencê-la. Nunca se considere imbatível; recuar quando se está em desvantagem não se trata de covardia, se trata de inteligência...

Felipe fez uma pausa antes de prosseguir com os seus ensinamentos. Em seguida, ele estendeu as mãos sobre o balcão de madeira bem ao centro do galpão.

— Não se esqueça de que todos possuem um ponto fraco — ele instruiu, movendo os dedos com agilidade. — Feliz do inimigo que souber como encontrá-lo, infeliz de você se não souber como escondê-lo. Aceite com dignidade a derrota, aproveite a glória da vitória e tenha sabedoria para lidar com as duas — um sorriso sereno abriu-se em seus lábios. — Liv, é muito fácil vencer os inimigos, difícil é vencer a si mesmo — aconselhou ele, parecendo honesto. — Bem, existirão outras coisas que aprenderá apenas com o tempo e com a prática.

— Farei tudo o que meu mestre mandar — considere, curvando-me diante do seu semblante controlado.

— Começaremos por golpes básicos — Felipe expôs, movendo-se até apanhar a espada de Nicolau junto à porta e esboçando movimentos simples com a arma. — Nesse primeiro momento, quero que esqueça os golpes mirabolantes, saltos, giros.

— Também acho muito cedo para tudo isso — Nicolau pronunciou, cheio de propriedade.

— Agora feche os seus olhos e imagine o seu maior inimigo à sua frente. Empunhe a espada com firmeza, avançando em sua direção e golpeando-o com o seu instinto — Felipe articulou, apertando os lábios.

Idealizei Pantor repetindo cada uma daquelas ameaças hediondas feitas a Franco. A voz entusiasmada de Felipe incentivava a um ataque incessante. Sentia o tremor dos

meus pés espanearem o chão e experimentava a vibração de Nicolau defendendo-se dos golpes.

Durante vários dias, frequentei o galpão exclusivamente para o treinamento com as espadas de madeira. Jimena assistia às fantásticas lutas matinais quando tinha algum tempo livre. Felipe fazia questão de ressaltar que a moça deveria permanecer calada e aparecer sempre acompanhada de um delicioso pote de doce de leite.

Naquela manhã, entristeci quando tomei conhecimento de que Nicolau precisou seguir cedo até a cidade, cumprindo ordens de meu pai. Sobraria apenas Felipe para prosseguir com o treinamento. Ele sorria da minha inexperiência ao enfrentá-lo. Estêvão, inesperadamente, adentrou ao galpão nos segundos finais da complexa luta, batendo palmas para mim como incentivo. Dei-me por vencida quando meu bastão de madeira voou pelos ares, empacando nas botas impecáveis de Estêvão. Procurei desculpar-me pelo deslize convidando o rapaz para o almoço.

Quando terminávamos de almoçar, Ama seguiu com passos lentos até alcançar a porta. Reconheci a voz de Luna ecoando pela casa. Os olhos negros demonstravam todo o seu amor por Felipe. Repousava em seu íntimo somente o desejo de convencê-lo da sua inocência. Ela precisava provar que os dois haviam sido vítimas da sordidez de Malena.

Felipe mal respirava, buscando disfarçar a inquietude que a presença dela lhe causava. Por diversas vezes, ele fechou os olhos para que eu não pudesse ler os seus verdadeiros

sentimentos. Mal sabia ele que a verdade escapava pelos seus poros e eu nem precisava de nenhum dom especial para saber disso.

— Precisava agradecer a seu irmão, porque com toda aquela confusão não pude demonstrar o meu sincero reconhecimento — Luna pronunciou, direcionando o olhar agradecido a Felipe. — Sei que já se passaram alguns dias, mas preciso lhe dizer que serei eternamente grata pelo o que fez — ela encarou o braço machucado de Felipe. — Como está o ferimento em seu braço?

— O meu braço melhorou muito com o passar dos dias. Atualmente, quase não sinto dor — o meu irmão refutou, repousando a vista sobre o machucado. — E como você tem passado depois daquele susto?

Todos os presentes se surpreenderam com o súbito interesse.

— Como eu tenho passado? Por acaso... Está... Seria isso... Seria isso que gostaria de saber? — Luna gaguejou, admirando Felipe afirmar com a cabeça. — Eu... Tenho passado muito bem depois daquele pesadelo — ela respondeu, quase sem acreditar no interesse. — Não podem avaliar como foi difícil passar uma noite inteira nas mãos daquelas pessoas inescrupulosas.

— Para mim não foi tão complexo — comentei quase sem pensar, deixando todos ainda mais surpresos. — Afinal de contas, eu sabia que seria libertada mais cedo ou mais tarde, porém temia por Luna e principalmente por Felipe — expliquei-me, notando que todos respiraram aliviados.

— Caleo não deixará essa derrota passar em branco — Estêvão ponderou, bebendo um pouco de água.

— Não temam por mim! — Felipe proclamou com segurança. — Eu não tenho medo de Caleo. Estou preparado para o pior; reconheço que na primeira oportunidade ele se vingará de mim sem piedade — ele expôs, levantando-se da mesa.

— Infelizmente, precisam ficar cientes de que coisas inacreditáveis acontecerão por aqui — meu pai pressagiou com um tom agourento. — Caleo... Com certeza será o de menos.

— Por falar nisso, alguns rapazes do vilarejo comentaram que ontem, bem ao final da manhã, a estrada foi totalmente tomada por um clarão negro que transformou tudo na mais completa escuridão — Luna descreveu, sentando-se ao meu lado.

— Também escutei o mesmo relato vindo de alguns garotos — Estêvão confirmava o comentário. — Os três rapazes ainda estão muito assustados com tudo o que viram; eles relataram que pediram ao Etéreo Uno para escapar daquela atmosfera sombria.

— Quem pode ter sido responsável por isso? — Felipe perguntou, esbarrando os olhos em Luna.

— Talvez a própria escuridão, o próprio Etéreo Hulter — Ama considerou, colocando uma jarra de limonada sobre a mesa.

— Os rapazes acreditam, sinceramente, que não tenha sido nenhuma manifestação de Hulter — Estêvão expôs,

vendo-me desviar os meus pensamentos em busca de qualquer informação que pudesse esclarecer os fatos.

— Talvez tenha sido o mesmo feiticeiro que apareceu quando sofremos o ataque da quimera — Luna questionou, antes que pudesse impedi-la de completar.

— Ataque de quimera? Feiticeiro? — meu pai indagou intrigado. — Até quando continuará escondendo todas as coisas que vêm acontecendo? — a fisionomia de meu pai converteu-se em aborrecimento.

— Apenas não quero que se preocupe com bobagens — escusei, piscando os olhos de forma angelical; precisava a todo custo ser perdoada. — Franco resolveu o problema e o que importa é que estamos bem.

— Desculpe... — decifrei os lábios de Luna.

— Esse feiticeiro que as atacou na estrada seria alguém de aparência jovial? — Estêvão perguntou, limpando alguns ciscos sobre a mesa com as pontas dos dedos.

— Não — Luna respondeu convicta. — O feiticeiro que nos atacou parecia ser alguém muito mais velho, alguém com bastante experiência.

— Então não pode ter sido a mesma pessoa — Estêvão afirmou, dando seguimento às informações antes que se iniciassem os questionamentos. — O vulto tinha uma aparência juvenil; também possuía uma voz jovial, conforme o relato dos garotos; na verdade, parecia alguém que, aparentemente, divertia-se com a situação deles.

— Um mesoetéreo — disse entre os dentes.

— Um mesoetéreo? — Felipe retrucou, enquanto levantei-me do banco de madeira levando as mãos até a cintura.

— Alguém de aparência humana e com habilidades extraordinárias? Só pode ser um mesoetéreo — respirei antes de continuar. — Preparem-se, meus amigos, porque temos outro mesoetéreo pelas redondezas.

— Infelizmente, um mesoetéreo de caráter duvidoso — Felipe exprimiu, recostando-se ao armário. — Uma pessoa que se propõe a assustar os outros a troco de nada não deve ser alguém em que se possa confiar.

— De qualquer forma, investigarei pelo comércio ou até mesmo pelo vilarejo mais informações sobre o suposto mesoetéreo — Luna garantiu, atravessando os dedos pelos cabelos longos. — Se existe realmente outro mesoetéreo do quilate de Alef pelo território, precisamos estar bem informados.

— Espero que tenha cuidado com as suas averiguações — Felipe murmurou preocupado. — O sujeito parece não ser uma boa pessoa.

O sorriso de Luna tomou proporções sem tamanho depois da evidente demonstração de preocupação.

— Bem... — Estêvão fez uma breve pausa. — Infelizmente, preciso ir agora! Tenho algumas pendências a resolver. Quem fará a gentileza de me acompanhar até a porta?

Estêvão ensaiou durante todo o almoço aquela desculpa esfarrapada para ficarmos a sós.

— Liv... Acompanhe Estêvão, por favor — meu pai declarou, como uma ordem, obedecendo de forma inocente ao desejo de Estêvão.

Quando chegamos à varanda, o meu amigo sugeriu um passeio ao seu lugar preferido. Nós passávamos displicentes por todas as casas do vilarejo, seguindo por uma trilha de terra que nos levaria aos arredores da cabana onde os *Insurrectos* faziam as suas reuniões.

Atravessamos por um trecho de pedregulhos grandiosos até que finalmente deparei-me com algo infinitamente lindo, um campo de flores coloridas com um perfume único que inebriava o ambiente. Tomada de encantamento por tamanha beleza, aproximei-me de cada flor, sentindo a maciez de suas pétalas.

Estêvão guiou-me em direção a uma árvore frondosa e solitária em meio ao campo infinitamente colorido; nos curvamos até recostarmos ao caule robusto da planta.

— Esse aqui é o meu lugar especial, Liv — ele respirou profundamente.

— Estêvão... É magnífico, lindo, impressionante... — proferi, admirando os detalhes daquela natureza espetacular.

Estêvão segurou a minha mão de forma cuidadosa.

— Gostaria que tudo simplesmente desaparecesse, nem que fosse por míseros segundos... Queria que restasse apenas a mim e a você nesse entardecer imperante. Adoraria ter o poder de esvaecer o seu maior tormento, assim como gostaria que as minhas palavras pudessem sarar todas as suas dores. Um segundo para ser sua cura, um segundo para ser tudo que precisasse, mesmo que o meu precioso tempo passasse célere e subitamente voltasse a ser aquele a quem não ama — Estêvão refletiu,

encarando a minha tortura diante daquele amor que renegaria.

— Estêvão... Eu estou sem palavras... — expressei sinceramente emocionada. — Entretanto, o que posso lhe dizer nesse momento é que sempre terá a minha amizade e a minha confiança.

— Parece que terei que me conformar com isso — ele falou, contendo as lágrimas que inundavam os olhos de safira.

— Estêvão, sabe melhor do que ninguém o quanto amo Franco — expliquei mais uma vez, sem ocultar a verdade. — Sei que estamos a cada dia mais próximos, mas em meu coração ocupa o lugar do meu melhor amigo, ocupa o lugar da pessoa em quem mais confio.

— Não imagina como está sendo difícil ter que reconhecer todos os dias a verdade que habita em seu coração — ele ficou um longo tempo em silêncio. Depois, aparentemente magoado, mudou de assunto. — Durante os próximos meses estarei ocupado por conta das encomendas feitas pelo príncipe Franco para os jogos. Certamente, passarei longos dias pelas redondezas ou pela cidade em busca de material.

— Ficaria muito feliz se me deixasse acompanhá-lo sempre que fosse à cidade — pedi, imaginando que talvez aquela não fosse uma boa ideia.

— Espero não arrumar confusão com o príncipe por conta disso — ele disse sincero, respirando fundo em seguida. — Em vez de se preocupar comigo, o príncipe Franco precisa encontrar uma forma eficaz de se proteger de Pantor.

A minha saliva arranhou a garganta quando escutei o nome que precisava evitar. Pronunciar a existência de Pantor fazia com que me defrontasse com os meus piores conflitos diante do meu melhor amigo.

— Estêvão... Está ansioso para a batalha que ocorrerá em Hans? — interroguei com empolgação, renegando qualquer conversa que tivesse relação com Pantor.

— Não somos obrigados a servir ao príncipe Franco — ele respondeu ríspido. — No entanto, confesso que será um bom antídoto contra a monotonia — a sua fisionomia transformou-se em inquietação abruptamente. — Felipe revelou que “Os Ventos” lhe presentearam com um arco poderoso; precisa guardá-lo com cuidado para que não caia em mãos erradas.

— O arco está bem guardado em minha casa — segredei, notando o alívio aparecer em seu semblante. — Estou feliz em conhecer esse lugar tão belo, mas precisamos voltar rápido porque está começando a escurecer e, além disso, não posso esquecer-me de que deixei Luna em companhia de Felipe.

— Isso não me parece nada bom — ele considerou, com um sorriso distante.

Estêvão acompanhou-me em silêncio até a porta de casa. Luna conversava animadamente com meu pai e Felipe observava a sua vivacidade em todos os seus trejeitos. Assim que ela notou a tristeza em meu semblante, encerrou a conversa e acompanhou os meus passos vagarosos até o quarto. Ela escutou com atenção os detalhes da minha rejeição ao amor de Estêvão.

Depois de um longo período de conversa, alguns conselhos dela fizeram com que me sentisse melhor. Não foi preciso implorar a Felipe que levasse Luna para casa. A noite escura tornou isso praticamente necessário. O meu irmão sustentava um olhar de sacrifício, porém os seus pensamentos revelavam que aquilo era tudo o que ele mais desejava. Os dois seguiram pelo corredor numa sintonia perfeita.

Sentei na varanda contemplando as estrelas, esperando que Estêvão compreendesse a minha decisão. Havia sido difícil vê-lo desmoronar e não estender a mão para confortá-lo. Reconhecia que não existia a possibilidade de colocar um fim ao sentimento que carregava por Franco; parecia impossível esquecê-lo; o meu coração pronunciava, com batidas aceleradas, aquela verdade.

Comecei a recuperar a minha calma quando retornei ao interior da casa. Persisti respeitando a quietude que entorpecia o meu corpo cansado a ponto de me fazer cair em sono profundo.

Pela manhã, enquanto me banhava na água dolorosamente fria, não me surpreendi que a apatia habitasse em todas as minhas projeções das tarefas futuras. Toda a minha rotina foi descrita nas pontas dos meus dedos em questão de segundos. Apertei os olhos quando reconheci como o dia seria monótono porque talvez Franco não aparecesse no vilarejo.

Ajeitei o laço do vestido azul celeste encarando a imagem de Felipe refletida no espelho. Os olhos perfeitamente acobreados estavam ainda mais admiráveis

que na noite anterior. A evidente tranquilidade revelava que as feridas do seu coração começavam a ser curadas.

Depois que ele se ajeitou sobre a cama desforrada, um largo sorriso se abriu e com rapidez o rapaz cruzou os braços atrás do pescoço. Arranquei a tolha dos cabelos molhados notando que meu irmão admirava fixamente o telhado. Ele balançava os pés numa deliciosa ansiedade.

— Demorou em seu retorno para casa ontem à noite... Por acaso se perdeu pelo caminho? — interpelei com discreto sarcasmo, sentando-me ao seu lado.

— Quanta ironia! — Felipe enunciou, cessando o balanço em seus pés. — Liv, ainda é tão cedo e já se encontra com a natureza tão profundamente vil! — ele murmurou com graça, piscando o olho esquerdo. — A conversa que tive com Luna demorou mais do que o esperado.

— Demorou? E por qual motivo? — indaguei enfática.

— Acha que Luna fala mesmo a verdade? — ele interrogou, apertando os lábios. — Acha mesmo que ela não me enganou? Acredita sinceramente em tudo que ela contou? — ele proferiu, sentando-se na cama e repousando as mãos preocupadas em meus joelhos.

— Luna sempre parece sincera quando fala do amor que sente por você — aclarei, observando o seu rosto ser preenchido por calma. — A maior prova desse sentimento foi quando sugeriu ficar na tribo dos midrões em companhia daquele monstro do Caleo, somente por não suportar a possibilidade de vê-lo ferido no duelo.

— Sinceramente, não sei o que pensar com relação a nós dois — Felipe revelou, unindo as sobrancelhas. — E se Luna

tiver mesmo razão? E se ela for inocente de todas as acusações que lhe fiz? — aquelas palavras foram repetidas com aflição.

— Estaria deixando de viver ao lado da mulher que ama de verdade — ele atravessou os dedos nos fios de cabelo enquanto ouvia a minha opinião. — Felipe... Nenhuma espera é infinita!

— Ontem, Luna parecia tão sincera que tive vontade de beijá-la — ele segredou em deslumbramento.

— Deveria tê-la beijado! — expressei sincera.

— Fala como se fosse fácil — ele deu um longo suspiro. — Não é tão fácil aceitar o que meus olhos testemunharam. Entenda que um homem não suporta uma traição — Felipe alegou, empurrando algumas almofadas para o lado. — Por mais que Luna diga que tudo não passou de uma emboscada, a lembrança que paira em minha cabeça é sempre a mesma... — ele ficou um tempo em silêncio. — A decepção de vê-la deitada nos braços de outro homem.

— Tenho certeza de que um dia tudo será esclarecido — garanti, ajeitando os cabelos molhados.

— Liv... — ele passou a mão no queixo. — Mudando um pouco de assunto, ontem, quando regressava à nossa casa, encontrei Estêvão. O meu amigo me pareceu extremamente triste, acaso saberia por quê? — Felipe questionou, notando que fiquei repentinamente cabisbaixa.

— Talvez Estêvão esteja infeliz porque revoguei todas as suas esperanças com relação a mim.

Levantei-me da cama, caminhando apática pelo assoalho do quarto.

— Espero que esteja certa da sua decisão — Felipe enunciou, levantado-se da cama e deixando o quarto em seguida.

— Liv... Nenhuma espera é infinita — ele repetia as palavras pelo corredor.

revelações

A certeza de que tomara a atitude mais correta percorria as linhas do meu pensamento, mas a minha consciência gritava que eu precisava verificar se Estêvão estava bem depois que havia lhe arrancado todas as esperanças.

Assim que desci apressadamente as escadas deparei-me com Nicolau estático em frente ao galpão. Depois que notou a minha presença, o garoto resolveu mover-se, gesticulando exaustivamente para que me aproximasse.

— Liv, por acaso não treinaremos hoje? — Nicolau indagou, simulando a posse de uma espada que cortava o vazio.

— Treinaremos sim! — respondi, enxergando a felicidade espalhar-se pelo seu semblante. — Mas antes preciso esclarecer algumas coisas. Quando eu retornar da casa de Estêvão, continuaremos com o nosso habitual treinamento. Espero que esteja preparado porque hoje estou disposta a acabar com você — comentei sorrindo e impelindo o dedo indicador em sua face.

— Eu já nasci preparado! — ele retrucou, recebendo um sorriso. — Ah! Por falar em Estêvão, acabei de passar pela casa dele e devo confidenciar que achei o rapaz bastante abatido. Ele arrumava as ferramentas em sua carroça com um desânimo quase contagiante. Acaso sabe o porquê de tanta falta de entusiasmo? São tão amigos...

Disparei aflita sem responder à pergunta feita pelo garoto. Nicolau apenas observou boquiaberto a pressa com que me dirigi à casa de Estêvão, porém ele abrangeu que a falta de cortesia poderia ser facilmente perdoada. Os seus olhos esverdeados revelaram que compreendiam a minha total responsabilidade pela tristeza do meu melhor amigo.

Os passos firmes deixavam as marcas das minhas botas pelo chão. Depois de alguns breves segundos experimentei a sensação de que estava sendo observada. A cada toque potente do meu calcanhar sobre a terra, percebia como se um olhar maléfico acompanhasse o balançar discreto da barra azul-marinheiro do meu vestido.

Subi alguns degraus estreitos e bati à porta apressadamente. Os raios de sol que inundavam a varanda pareciam queimar a minha pele, ou talvez fosse somente alguma artimanha do inimigo para causar-me desespero.

O meu punho arrebentava com força a madeira até que finalmente Jimena abriu a porta, espantando-se com a ansiedade que eu extravasava por meio das gotas de suor que encharcavam o tecido.

— Jimena, por favor, veja se alguém está me seguindo!

Ela deu alguns passos, esticou a cortina e olhou cuidadosamente pela fresta da janela.

— Não estou vendo ninguém — ela respondeu, soltando a cortina. — Talvez tenha sido apenas impressão — respirei aliviada depois da sua afirmação. — Imagino que tantos acontecimentos ruins estejam assustando você.

— Será que eu poderia falar com Estêvão? — indaguei. — Prometo que serei o mais breve possível. Estou ciente dos

muitos compromissos que ele tem na cidade. Nicolau até me contou que o viu arrumando a carroça, mas preciso conversar um instante com ele.

— Liv, nem sei como lhe dizer isso, mas creio que ele não deseja vê-la — Jimena preveniu, balançando a cabeça negativamente. — Pelo menos foi o que meu irmão comentou agora há pouco, imaginando que você talvez pudesse aparecer.

— Estêvão lhe disse isso? — questionei, sentando devagar em uma das cadeiras que decoravam a sala. — Ontem, conversamos por um longo tempo e ele pareceu ter compreendido as minhas razões.

— Compreendido o quê? — Jimena interrogou incomodada. — Você e Estêvão possuem uma relação de amizade tão bonita, nem mesmo todas as proibições do príncipe Franco foram suficientes para separá-los. O que fez de tão sério para que Estêvão não queira recebê-la?

Antes que pudesse responder, Caio adentrou a sala desarrumando vigorosamente os cabelos castanhos, realizando o ritual que evidenciava a sua natureza rebelde.

— Liv o rejeitou — Caio proferiu, sentando-se em frente a mim. — Pelo pouco que entendi, parece que ela não ama Estêvão e o mau humor sem explicações revela que ele não está aceitando muito bem a verdade dos fatos.

— Não o rejeitei com tanta frieza — murmurei cabisbaixa. — Caso não saibam, eu amo muito Estêvão — Jimena assumiu uma fisionomia de espanto. — Não da maneira como ele gostaria, mas o seu irmão é muito importante para

mim. Não sei como conseguirei ficar longe do meu melhor amigo.

Apreciei o canto da sala, notando que Benjamim brincava concentrado com um cavalinho de madeira. Precisava esquecer um pouco o assunto desconfortável. Por esse motivo, decidi iniciar uma conversa com o garoto.

— Olá, querido, nunca mais nos vimos, não é verdade? — enunciei, aguardando a resposta.

— Tem razão — Benjamim disse, fazendo o cavalinho cavalgar pela sala. — Mais tarde estarei em sua casa. Liana combinou de brincar comigo hoje.

— Ficarei muito honrada com a sua visita — pronunciei, observando o ânimo com que o garoto conduzia a brincadeira. — E como tem passado o seu tio Levi?

— Benjamim, nós iremos para a cidade com Estêvão. Não lhe parece divertido? — Caio não permitiu que o garoto respondesse. — Apresse-se porque não podemos perder nenhuma oportunidade de conhecermos belas mulheres.

Caio comentou enquanto o menino arrumava apressadamente os brinquedos numa pequena caixa. O garoto animou-se ainda mais quando foi colocado sobre os ombros largos do rapaz, sendo conduzido em direção ao fundo da casa.

— Benjamim é tão adorável! — discorri, tentando esquecer o desprezo de Estêvão.

— Ah... Sim — Jimena pronunciou distraída, buscando decifrar o meu semblante, que possuía notas de agonia e incerteza. — Não faço ideia do que aconteceria com esse pobre coitado se não fosse por Levi.

— Onde está a mãe do garoto? Por que uma mulher abandona uma criança tão encantadora? — interpelei curiosa.

Jimena respirou fundo, procurando recuperar o equilíbrio que havia perdido por causa das lembranças com relação a Benjamim.

— Levi tem uma irmã mais nova — Jimena falava em voz baixa, certificando-se de que ninguém escutava a nossa conversa.

— Nunca ouvi comentários sobre a existência de uma irmã de Levi — mencionei, afastando as costas da cadeira.

Jimena agitou a cabeça a ponto de balançar avidamente os cabelos negros como a escuridão plena da madrugada.

— A irmã de Levi tratava-se de uma jovem bonita, bastante alegre, muito prendada. Ela era a moça do vilarejo com mais pretendentes, mas, talvez por inexperiência, envolveu-se com quem não devia e por conta disso acabou se perdendo — a testa enrugou-se ao fim daquelas palavras. — Acho que consegue entender o que lhe digo, não é mesmo?

— Claro que compreendo — respondi, sentindo o meu rosto aquecer por causa do assunto.

Jimena admirou todos os cantos da sala mais uma vez; parecia querer ter certeza de que estávamos realmente sozinhas.

— Foi um grande escândalo no vilarejo — ela comentou, levando as mãos ao rosto como se o assunto ainda lhe causasse sofrimento. — O pai de Levi colocou a moça para fora de casa logo que desconfiou. O meu pai permitiu que a

moça ficasse por alguns dias em nossa casa, mas as coisas ficaram ainda piores.

— Que situação complicada! — murmurei, notando que ela suspirava com discreta aflição. — Jimena, o que poderia ser pior do que ser posta para fora de casa?

— A moça estava grávida — Jimena sussurrou diante do meu espanto. — Levi não queria abandonar a irmã naquele estado, mas o pai não permitia sequer que os dois se falassem. A situação ficou tão desconfortável no vilarejo que ela preferiu deixar a nossa casa o mais rápido possível.

— E para onde a tal moça foi depois que deixou a sua casa? — questionei-a.

— Estêvão encontrou um abrigo na taberna — ela segredou, apertando os lábios sôfregos. — A dona daquele lugar permitiu que a moça ficasse, mas todos reconheciam que não seria possível criar uma criança dentro de um ambiente como aquele — os belos olhos de Jimena marejaram como os meus. — Depois que o menino nasceu, a jovem implorou de joelhos a Levi para que ele cuidasse do garoto.

— E o pai do garoto? — inquiri entre os dentes. — Por que não procuraram o responsável por toda essa desventura?

— Nem mesmo quando apanhou a moça revelou quem era o pai do menino.

— Então ninguém sabe quem é o pai de Benjamim?

— Ninguém — ela confirmou. — Levi decidiu ajudar a irmã e esse foi o motivo de uma briga muito séria. O pai dele nunca o perdoou por ter trazido o menino para casa — ela apertou os lábios com ansiedade. — Pouco tempo depois

do ocorrido o pobre homem morreu e, por conta disso, a irmã acabou não sendo perdoada; afinal de contas, o pai havia morrido muito magoado com Levi. Por isso, cada vez que ele encara Léa, infelizmente se recorda da destruição que a sua imprudência causou à família.

— Léa! — disse, levando a mão até a boca. — Achei a fisionomia dela bastante familiar quando a conheci. Confesso que senti um pouco de ciúmes inicialmente por causa de Franco, mas depois que a conheci constatei que é uma boa pessoa. Foi Léa quem buscou por ajuda quando o bêbado enfeitado me atacou.

— Às vezes, tento convencer Levi de que a irmã não fez nada por maldade, no entanto posso lhe garantir que apenas um milagre o faria aceitá-la de volta — Jimena exprimiu, colocando uma almofada atrás das costas. — Estêvão sempre que pode leva o menino até a cidade. Léa observa o garoto de longe, mas as regras dizem que ela não pode se aproximar de Benjamim, porque todos nós tememos a reação de Levi.

— Estou profundamente comovida com tudo o que ouvi sobre Léa — declarei com angústia, lembrando que precisava regressar ao galpão por conta do treinamento. — Preciso voltar para casa agora; tenho algumas coisas a fazer — anunciei, erguendo-me da cadeira com calma. — Com a distância que Estêvão deseja manter precisarei ficar um pouco longe, por isso me faça uma visita sempre que quiser.

Jimena levantou-se para receber um longo abraço. Mesmo o vilarejo sendo tão pequeno não sabia quando voltaria a vê-la.

— Prometo que farei uma visita assim que puder. Tenho andado muito atarefada por conta do meu casamento! — ela esclareceu sincera, abrindo a porta.

Caminhei devagar, tentando digerir o afastamento imposto por Estêvão e os infortúnios que acometeram a vida de Léa. Será que Estêvão me evitaria para sempre? Por que Léa escondia, com tanto afinco, a identidade de alguém que havia lhe feito tanto mal? As perguntas ficaram sem respostas porque fui interrompida abruptamente pelo vulto de uma mulher que me causou arrepios.

A silhueta baixa e corpulenta de cabelos castanhos encaracolados colocou-se à minha frente. Os olhos pretos como sombras da noite recaíam sobre a minha face, enquanto os lábios grandes exibiam um sorriso capcioso.

— Que maravilhosa coincidência — ela proferiu no momento em que buscava me afastar do perigo. — Encontrei justamente a pessoa que procurava.

— Eu deveria conhecê-la? Por que não me recordo de sua fisionomia? — disse, apressando os passos.

— Não... Não... Não... — ela repetiu esfregando as mãos. — Infelizmente, nós nunca fomos apresentadas; no entanto, as pessoas pelas redondezas têm falado muito sobre você ultimamente.

— As pessoas deveriam procurar coisas para se ocupar — esbravejei ríspida.

— Oh, minha estimada Liv, não seja ingênua — experimentei um frêmito quando escutei o meu nome saindo da boca da criatura. — Quem era você antigamente? Apenas uma mesoetérea que vivia isolada na floresta de

Hans — os dedos se movimentaram pelo vazio provocado por uma corrente de ar. — Porém, a situação modificou-se bastante depois que veio morar no vilarejo... Visto que assim que o futuro rei desse lugar a conheceu caiu de amores por você, deixando transparecer a quem pertencia o coração do Escolhido — os seus olhos vibrantes lampejaram. — Devo adverti-la que durante muito tempo não existirá um assunto mais interessante do que a sua história.

— Queira me desculpar, caríssima senhora, mas meu pai sempre me orientou a não falar com estranhos — considere, encarando-a com autoridade. — Tenho muitos afazeres em casa, portanto passar bem!

Ofereci as costas à estranha, entretanto mesmo assim os pés curtos acompanhavam a minha marcha, estabelecendo entre nós um ritmo quase similar naquela caminhada desconfortável.

— O seu querido príncipe Franco tem um encontro marcado com a morte durante a batalha pelo medalhão — parei atônita depois que escutei as palavras. — Parece que a mocinha se interessou pelo assunto...

— Quem é você? — interroguei, controlando a respiração acelerada. — Por que está me dizendo essas coisas?

— Creio que a sua mãe, também conhecida como Ventania, Ventos e similares, já deva ter lhe falado sobre a minha pessoa — ela tropeçou antes de continuar. — Antusa, bruxa de Winter... Ao seu inteiro dispor.

O meu olhar transfigurou-se por causa do pavor diante daquela voz nebulosa.

— O que sabe sobre o futuro de Franco? — questionei, ainda aterrorizada por saber com quem dialogava.

— Se deseja saber a verdade precisará me fazer um pequeno favorzinho — ela divulgou, divertindo-se com a minha ansiedade. — Nada que possa ser considerado muito grande, dada a importância da revelação detalhada que posso lhe fornecer sobre o futuro do príncipe Franco.

— Não farei nenhum favor a uma pessoa como você — rebati.

— É mesmo uma pena... — Antusa alegou respirando fundo. — Imagino que seja muito triste carregar sob os ombros o peso de ser a responsável pela morte do ser amado — ela deu as costas, sendo seguida por mim.

— Diga-me então, o que deseja? — emiti contrariada.

— Preciso que descubra em que período o medalhão terá todo o potencial da energia dos elementos — Antusa sugeriu direta. — Sei que se trata de uma tarefa muito simples para uma mesoetérea. Com toda certeza, será fácil seguir ao encontro de Naya e ter acesso à importante informação.

— Acha mesmo que eu faria isso? — manifestei, com indignação. — Está bastante claro que inventou toda essa história usando o nome de Franco apenas para conseguir as informações de que precisa — declarei petulante, para disfarçar o meu temor. — Por que a senhora mesma não tenta descobrir?

— Acredite, Naya nunca me contaria. Não somos muito amigas. Digamos que a frieza dela incomoda-me um pouco — Antusa ironizou Naya, a Neve.

— Não compactuarei com a sua sordidez — disse, notando o seu desagrado. — Tenho certeza de que nada de mal acontecerá a Franco, porque farei tudo o que estiver ao meu alcance para protegê-lo.

— Pois bem, então que assim seja! — ela mencionou, dando de ombros. — Ficaré morrendo de curiosidade! Preciso partir porque essa sua cara patética está me dando enjoos.

Antusa desapareceu coberta por uma nuvem cinza. Concluía, afastando-me da cortina cinzenta, que aquelas bruxas eram mesmo poderosas; elas detinham em seu poder várias bruxarias; talvez, realmente soubessem algo sobre o futuro de Franco...

Lembrei-me de que talvez Sara pudesse desvendar algo que tranquilizasse o meu coração. Àquela altura, eu estava tão desesperada por respostas que entrei no estábulo apressadamente, ignorando completamente as orientações para não deixar o vilarejo sozinha. Segurei com força as rédeas do cavalo de Felipe e acabei deixando a vila sem permissão. Não dei ouvidos nem aos berros de Nicolau. O rapaz repetia com fervor que os soldados de Franco faziam a ronda habitual pelos arredores e que, portanto, eu não deveria persistir com o passeio sem companhia.

Cheguei tão rápido à cabana que me surpreendi quando encarei a fumaça cinzenta que escapava da chaminé. Saltei tão energicamente sobre o solo que acabei por assustar o pobre cavalo. Enquanto amarrava o animal à cerca de madeira, chamei por Sara de forma insistente. A minha amiga não demorou a abrir a porta.

— Liv... O que aconteceu? — ela interpelou, com a porta entreaberta.

— Sara... — disparei ofegante para dentro da casa. — Quer dizer que existe a possibilidade de Franco morrer durante a batalha? — respirei ao fim daquelas palavras.

— Liv, acalme-se, menina! — ela acautelou branda. — Por que não entra um pouco? Explique-me calmamente tudo o que aconteceu... Se é que isso é possível.

Sentei numa cadeira e narrei todo o ocorrido com Antusa diante dos olhos atentos de Sara.

— Será que Franco realmente morrerá durante a batalha pela metade do medalhão?

— Liv, talvez tenha sido apenas uma invenção de Antusa com o objetivo de conseguir a informação de que precisa de Naya — ela exprimiu, levando o dedo indicador até o queixo, evitando os meus olhos.

— Quando estive no castelo certa vez... Malvin, o curandeiro, disse que a minha presença seria muito importante para a vida de Franco. Talvez exista alguma relação com o que Antusa falou — relatei, esfregando as mãos no rosto com impaciência. — Estou imaginando uma coisa... Será que o Emissário da Noite matará Franco durante a batalha?

— As profecias revelam certos acontecimentos de uma forma muito evasiva, mas não deve preocupar-se com isso agora — Sara aconselhou, evitando conversar sobre o assunto. — Não deveria estar andando sozinha pela estrada, pelo menos não depois de tudo que vem acontecendo nos

últimos tempos — ela comentou, evitando um aprofundamento sobre o assunto.

— Fiquei tão assustada com a conversa de Antusa que acabei deixando a vila sem permissão e sem companhia.

Iniciei alguns passos apressados em direção à saída. Queria evitar que todos se desesperassem com a minha ausência.

— Liv... Outro dia tive um sonho que revelava que algo aconteceria na noite do baile. Gostaria que ficasse um pouco mais atenta durante esse período! — Sara alertou com preocupação.

— O que poderia ser? — ponderei confusa, soltando a maçaneta.

— Não sei... — ela divagou, colocando as mãos hesitantes sobre o medalhão em seu pescoço. — Por isso lhe peço que observe tudo com muita atenção, para que não seja surpreendida.

— Agradeço por tudo mais uma vez — enunciei, estendendo as mãos trêmulas que Sara apertou com carinho. — Sempre me lembrarei de tudo que fez por mim e por Franco.

— O príncipe Franco não me permite esquecer isso — a sua voz impregnou-se de sinceridade. — São tantos presentes que ele me manda como agradecimento que daqui a alguns dias nem terei espaço para guardá-los — sorrimos do exagero dele.

— Deixe-me ir agora — proferi, alcançando a maçaneta da porta.

Sara observou o meu cavalgar até que desaparecesse na curva da estrada.

Acabei sendo forçada a ter calma com relação à notícia que havia recebido de Antusa, talvez porque Sara intimamente soubesse que nada poderia ser feito para interferir no destino de Franco.

Respirei fundo seguindo serenamente pela estrada, contudo fui assombrada repentinamente pelo relinchar de um cavalo e o contemplar daquele semblante tão inconvenientemente conhecido.

— Mas veja só quem cavalga sozinha pela estrada... — a ironia desapareceu depois de um sorriso. — Não tem medo depois de tudo que lhe aconteceu?

A voz ameaçadora sucumbiu o meu corpo ao pavor. Segurei forte a rédea do animal, buscando que o bicho não se alimentasse do mesmo receio.

— Não tenho medo de gente da sua espécie — murmurei, sem notar nenhum aborrecimento pelo meu comentário.

— Imaginei que o seu príncipezinho fosse acorrentá-la para sempre em seu grandioso castelo — ele me fitou com discreta cobiça. — Pensei que ele jamais permitiria que cavalgasse por essas estradas sem companhia.

Um sorriso petulante preencheu a face que fiz questão de evitar.

— Como pode observar com os seus próprios olhos, receio que estava completamente equivocado — ironizei, desviando dos seus olhos.

— Liv, eu tenho tanta pena de você... — Pantor expressou, guiando o cavalo a uma proximidade que julguei

demasiada. — O príncipe Franco é um grandíssimo canalha de sangue frio. Em diversos momentos fico imaginando... O seu desapontamento depois que descobrir todas as verdades que ele esconde de você.

Pantor atravessou o cavalo, colocando-se à minha frente numa clara evidência de que dificultaria a minha passagem.

— Por que acha que acreditaria em algo que me diz? — repliquei despretensiosa.

— Quem sabe talvez por causa do meu charme? — Pantor declarou, sorrindo e colocando-se ainda mais perto. — Interiormente... Sabe muito bem que estou lhe dizendo a verdade. Nós temos conhecimento de que o príncipe Franco sustenta pretensões de conquistar alguns territórios. Acho pouco provável que ele se junte a uma plebeia. Ele não colocaria em risco tudo o que conseguiu e que ainda pretende conseguir.

— Não perca seu tempo comigo! — esbravejei. — Não acredito em nenhuma palavra que venha da boca de alguém tão sem caráter.

— Não acredita porque é uma estúpida.

— Por que sempre faz questão de me ofender? — indaguei, odiando enxergar o sorriso que ele mantinha em seu rosto.

— Porque não suporto as mulheres desprovidas de inteligência.

Os meus olhos se estreitaram em presença da afirmação extremante grosseira.

— Alef comentou que talvez a sua habilidade possa ter realmente alguma relação com leitura de pensamentos —

ele disse, erguendo o pescoço como se necessitasse observar melhor a atmosfera que nos cercava. — Depois da longa conversa que tive com ele, acho que tomarei mais cuidado com os meus pensamentos toda vez que encontrá-la.

— Que absurdo! Claro que não posso ler pensamentos — retorqui, procurando disfarçar a ansiedade que a conclusão havia me causado.

— Naíma e Alef possuem habilidades, por que seria diferente com você? — ele interpelou com desconfiança.

— Não posso lhe responder porque sou diferente dos outros — proferi, buscando desviar daquela conversa. — Será que poderia me deixar passar? — bradei, franzindo o cenho.

— Por que deixaria que passasse? — ele inquiriu, prosseguindo com um tom de sarcasmo. — Deixe-me ver... Talvez por esses belos olhos azuis?

— Claro que não! — repontei ainda mais sarcástica, notando que ele se aproximava do meu cavalo. — Nós dois sabemos que talvez esse não seja o melhor momento para tentar algo contra mim — recomendei, engolindo a saliva com nervosismo. — Não temos plateia!

— Infelizmente... Precisarei lhe dar razão — ele disse, mordendo severamente os lábios volumosos. — As coisas certamente perderiam um pouco a graça sem a presença de outras pessoas, mas principalmente sem a presença do príncipe Franco — a voz levemente rouca enlouquecia os meus ouvidos. — Parece que me conhece muito bem.

— Muito melhor do que imagina — retruquei escarninha, considerando o que a minha habilidade permitia.

— Quando o príncipe Franco a levou da tribo depois daquele desastroso sequestro, digo desastroso porque não obtivemos nada em troca, Akamu chamou-me para uma conversa a portas fechadas — Pantor murmurou diante do meu controlado interesse. — O meu tio enxergou por meio do feitiço das cinzas que a sua vida estará em minhas mãos em alguns momentos. Ele disse que a salvarei de diversos perigos porque as areias da vida determinaram que fosse assim — o sorriso em seu rosto perpetuou-se por mais tempo do que gostaria. — Não acha engraçada a dedução patética do meu tio?

— A minha vida está em suas mãos agora! — rebati com provocação. — Poderia acabar comigo num piscar de olhos, não é mesmo? — os meus olhos lampejaram com um prazer que repugnava. — Ninguém descobriria o seu grandioso feito, mas não tem capacidade de fazer isso. Não pode acabar comigo; os seus olhos me dizem que não conseguiria.

Pantor ignorou por completo o arriscado desafio e a minha transparente pretensão.

— Akamu também descobriu que a minha morte chegará por meio das mãos... — Pantor não terminou a frase e nem mesmo pensou nas palavras que a completariam, apenas destinou-se a me questionar como se precisasse mudar o curso dos seus pensamentos. — Será que alguém tão frágil conseguiria ser o meu algoz?

Um vento frio soprou agitando os meus cabelos como se quisesse me arrastar em direção à minha casa.

— Gostaria que me deixasse seguir o meu caminho! — bradei, demonstrando um pouco de tensão.

— Eu não acredito em nada do que Akamu revelou por meio do feitiço das cinzas e muito menos nessa baboseira de areias da vida — Pantor me encarou sedento de ódio. — Não acabo com você imediatamente porque o príncipe Franco não está aqui para assistir — ele declarou entre os dentes. — Adoraria vê-lo se contorcer de dor por causa da sua perda.

— Estou lhe desafiando a acabar comigo agora... — proclamei, certificando-me de que tinha uma adaga na cintura. — Franco sofreria com a minha morte de qualquer maneira, estando presente ou não.

Pantor abandonou o cavalo numa agilidade tão impressionante que não tive nem tempo sequer de me mover. Os seus braços me arrancaram contra a minha vontade de cima do animal.

Esbanjando uma potência que julguei considerável, as suas mãos arrastaram-me até dentro da mata silenciosa. A minha adaga reluzente foi arrancada rapidamente da cintura e as minhas costas retorceram-se quando sentiram a rocha gélida para onde fui delicadamente arremessada.

Esbocei uma breve intenção de corrida, mas a pressão do seu tórax comprimiu as minhas costelas, tornando impossível a fuga. Restavam apenas os seus olhos negros avançando contra os meus.

— Pantor, está me machucando! — expus em vão, observando os seus dedos tomarem a forma do meu braço. — Deixe-me seguir em paz!

— Agora parece assustada — ele murmurou vibrante, lançando as armas para bem longe de nós. — Por que não continua com as suas provocações? Por acaso o medo silenciou o seu atrevimento?

— Parece que conseguiu o que tanto desejava! — gritei, encarando o caminho que me levaria à estrada. — Consegue sentir cada traço de pânico invadindo o meu semblante? — a sua face vislumbrou os meus olhos avermelhados pelas lágrimas de temor. — Estou disposta a lhe implorar de joelhos para que me permita seguir o meu caminho — proferi, tentando livrar-me das suas garras. — Será que poderia me conceder a honrada permissão?

As mãos frias passearam pelos fios dos meus cabelos até atingirem a minha nuca rígida. Por segundos, que pareciam infinitos, os seus lábios percorreram o meu pescoço com uma estranha amabilidade. Eu procurava a todo custo desviar a minha pele daquele toque tão invasivo.

— Continua com medo de mim? — ele indagou, segurando a minha face.

— Muito mais do que deveria — respondi.

— Quais são as sensações que lhe desperto? — Pantor divertia-se com o pavor que escorria pelo meu rosto.

— Desperta-me as sensações mais desprezíveis que um ser humano pode experimentar.

— Ou seriam as mais tentadoras? — ele retrucou pretensioso. — Quiçá... As mais temerosas?

Pantor tirou as próprias conclusões no que dizia respeito às sensações que ele me despertava. Como se precisasse comprovar as suas abomináveis desconfianças, uma de suas mãos, ansiosa por me provocar qualquer traço de horror, repousou com força em minha cintura. Estremeci quando a sua boca sobrecarregada pela tensão percorreu a minha face embebida pelo pânico.

— Afaste-se de mim! — sussurrei ao seu ouvido. Alcancei um pedregulho com as pontas dos dedos e, sem que ele percebesse, mirei a pedra de tamanho considerável diretamente em sua têmpora. — Afaste-se de mim ou partirei a sua cabeça — repeti, sentindo o alívio provocado pelo afastamento.

— Duvido que tenha coragem — ele respondeu, sustentando o sorriso.

— Não duvide! — disse, caminhando até alcançar a adaga. — Afaste-se de Franco porque sou capaz de destruí-lo em pedaços se tentar qualquer maldade contra ele — ameacei, mordendo os lábios com tanta força que experimentei um gosto metálico tão característico em minha boca.

— Alguém como você nunca destruirá alguém como eu — ele proferiu com segurança, desaparecendo das minhas vistas alguns segundos depois.

Precisava escapar o mais rápido possível da região próxima daquela trilha que levava à tribo dos midrões, principalmente depois que os olhos de Pantor expuseram sensações que eu não possuía coragem de confessar nem

para mim mesma, pensamentos que aquele sujeitinho miserável não fazia a mínima questão de esconder.

Pantor descobriu, por meio de Akamu, que eu estava destinada a destruir a sua vida, mas, de uma maneira estranha, o maldito não sentia qualquer resquício de medo, apenas divertia-se considerando todas as possibilidades de resistência ao que o futuro lhe reservava.

Marchei profundamente aborrecida até o meu cavalo. Odiava o comportamento irritante que Pantor assumia a cada vez que nos encontrávamos. A distração determinou o susto incontável quando um vulto arrebentou atrás de mim.

— Nunca conheceu alguém tão charmoso, não é mesmo?
— Naíma considerou, afastando-se um pouco.

— Quase me matou de susto! — exclamei ainda alarmada, encarando os seus olhos hesitantes. — Como chegou até aqui?

— Chama Negra me ajudou — ela respondeu com um sorriso largo.

— Chama Negra? — questionei intrigada.

— O meu cavalo... Ele funciona como uma espécie de guia, além de ser o meu melhor amigo — ela explicou, apontando o animal escondido atrás dos arbustos. — Digamos que circular pela floresta ou pela cidade é muito mais fácil quando estou com ele.

Observei um pouco a distância a bela crina negra brilhante e o pelo aparentemente macio, enquanto o animal ruminava satisfeito.

— Agora... Nem tente se esquivar... Desviando toda a sua atenção para o meu cavalo... Nunca conheceu alguém tão charmoso como Pantor, não é mesmo? — ela repetiu a tortuosa pergunta.

— Sinto muito em ter que desapontá-la, mas preciso discordar de você — pronunciei ajeitando a cela, atenta aos seus gestos; não podia esquecer que ela fazia parte da tribo dos midrões. — Não considero o seu primo um homem charmoso.

— Se estivesse em seu lugar, também detestaria admitir isso — ela comentou, arrastando alguns cipós que atrapalhavam a sua caminhada pela estrada. — Algumas mulheres da minha tribo matariam para tê-lo como marido... — ela permaneceu um pouco em silêncio antes de completar. — Quer dizer... Apenas aquelas mulheres que não possuem qualquer traço de juízo, é claro.

Decidi ajudá-la com a tarefa de retirar os obstáculos porque reconhecia que isso facilitaria muito a sua locomoção. No instante em que arrastei um longo cipó, os meus dedos tocaram por descuido a mão direita de Naíma. O toque foi suficiente para determinar a mudança no tom dos seus olhos esbranquiçados.

A simpática midrã investigou, contra a minha vontade, todas as lembranças que possuía relacionadas a Pantor. A bisbilhoteira enxergou nos mínimos detalhes a abordagem inaceitável na cachoeira, o ataque inesperado com a participação de Alef, a noite do desastroso sequestro até chegar àquele instante em que o sujeito me interpelou atravessando o meu caminho de maneira inesperada.

— Considero a sua habilidade um tanto invasiva — disse insatisfeita, arremessando o cipó para dentro da mata.

— Tão invasiva quanto ler pensamentos — ela piscou o olho esquerdo, como se soubesse da existência do meu dom. — Não imaginei que em sua cabeça existissem tantas memórias relacionadas a Pantor — um sorriso se antepôs à sua voz. — Precisa ter mais cuidado com essas recordações; o meu primo me parece muito mais perigoso do que as suas lembranças idealizam.

— Por que está fazendo questão de me fazer esse alerta? — averigui intrigada.

— Porque reconheço a maldade existente no coração de alguns homens da minha amada tribo — ela considerou, utilizando o tato com uma rapidez invejável. Sem muita dificuldade, sentou-se no tronco caído à beira da estrada. — Tenho percebido que a cada dia o meu tio Akamu está mais cansado e tenho plena convicção de que Caleo será um péssimo chefe para nossa tribo — o vento brincou com os seus cabelos. — Às vezes, fico imaginando o que aconteceria com todos nós... Se o meu primo mais adorado colocasse as mãos em metade do medalhão?

— Então está apenas tentando impedir que isso aconteça? — inquiri, sentando-me ao seu lado, assim que a garota confirmou a minha conclusão. — Desculpe por minha intromissão... Mas acho que você não possuía essas cicatrizes no ombro quando nos conhecemos... O que aconteceu contigo?

— Apenas uma retaliação por ter sido tão desobediente no dia do sequestro — ela murmurou triste, passando os

dedos suavemente pelas marcas avermelhadas. — O meu tio Akamu tentou de todas as formas evitar a punição, mas Caleo detesta ser contrariado.

— Não deveríamos ser amigas, não é mesmo? — interoguei, concluindo que lutar ao nosso lado implicaria para Naíma a persistência daquelas retaliações descabidas.

— Não precisa ficar preocupada com isso — ela anunciou sorrindo, ruborizada. — Acho que ainda consigo suportar mais algumas açoitadas daquele infame.

— Por que a sua mãe não lhe defendeu das agressões de Caleo? — questionei indignada.

— A minha mãe partiu da tribo com um mercador. Ela sonhava com uma vida melhor nas terras além do mar — a sua voz embargou após o reavivar das memórias. — Acredito que ela se cansou de tantas humilhações. Não a culpo por ter me deixado para trás... Talvez, se estivesse em seu lugar teria feito a mesma coisa...

Naíma colocava as inúmeras justificativas como se procurasse de alguma maneira sentir-se mais confortável com o fato de a mãe ter lhe abandonado.

— Você tem algum contato com o seu pai?

— Sempre nos encontramos por meio dos sonhos — os seus olhos movimentaram-se com celeridade. — O meu pai é tão incrivelmente maravilhoso! — a alegria passeava por sua voz depois daquela afirmação. — Eu sou imensamente grata pela habilidade que me foi concedida, pois por meio dela posso enxergar o mundo utilizando as lembranças de outras pessoas.

— Tronius foi brilhante quando escolheu a sua habilidade — observei com animação, escutando ao longe o ressoar de um trovão.

— Qual foi a arma que a sua mãe lhe deu de presente? — ela perguntou, fazendo com que sustentasse dúvidas em relação à resposta.

— A minha arma é um arco — respondi breve.

Naíma observou que eu não estava disposta a revelar todos os meus segredos de imediato.

— A minha arma é uma funda — ela emitiu, deslizando os dedos pelo brinco em sua orelha direita. — Trata-se de uma arma de arremesso... Ela é formada por uma correia de couro dobrada e ao centro dela coloco o objeto que desejo lançar — um sorriso contagiante preencheu os seus lábios. — A velocidade de alcance do arremesso é realmente impressionante.

— O que acontece quando acerta o seu alvo?

— A pessoa ou criatura que for atingida começa a sentir vibrações sonoras capazes de espalhar dor por todo o corpo — encarei os olhos esbranquiçados repousados sobre a minha face. — Por conta disso, sempre ganho tempo suficiente para escapar ou me defender dos ataques, afinal de contas, eu não enxergo.

— Algumas vezes, até esqueço desse detalhe — comentei enquanto recordava-me da independência que a minha nova aliada tinha. — Pelo menos a sua arma não me parece tão prejudicial como a machadinha de Alef. Sinto arrepios somente de lembrar que o objeto dispara rajada de

fogo por todos os lados — expus, erguendo-me do tronco. O mesmo movimento foi executado por Naíma.

— Quanto a Alef... Infelizmente, também somos parentes — ela resmungou. — Às vezes, tenho vontade de esquecer o parentesco e partir aquela face exibicionista em mil pedaços, porém logo desisto do plano porque a inteligência vale muito mais do que a impulsividade.

— Então quer dizer que posso contar com você? — indaguei, com a intenção de me certificar sobre o assunto.

— Estou certa de que escolhi o melhor lado — ela replicou esticando a mão.

Apertei os dedos esguios selando o pacto de amizade entre nós, depois retornei ao rumo que Pantor havia me impedido de seguir momentos antes.

Os meus olhos atentos assistiram Naíma invadir a mata alcançando Chama Negra com uma agilidade espantosa. Decidi conservar aquela amizade em segredo absoluto. A nossa aliança seria revelada apenas no momento certo, pois eu sabia que precisava protegê-la das retaliações de Caleo.

Ao cruzar a entrada da vila, a minha alegria desabrochou quando contemplei Franco sentado na varanda da minha casa. Os seus lábios se entreabriram num sorriso perfeito, curando toda a minha aflição. Todo aquele martírio tornou-se insignificante quando o seu olhar encantador proporcionou o celebrar da minha alma.

Franco caminhou deslumbrante ao meu encontro. Saltei rapidamente do cavalo chegando mesmo a tropeçar. Não pude deixar de agradecer à adversidade, pois o deslize diminuiu a distância entre nós.

A minha cabeça recostou-se ao seu peito e o meu mundo se resumiu àquele instante. A sua mão gentil levantou a minha face com delicadeza pelo queixo. Os dedos impregnados de carinho enxugaram as minhas lágrimas; depois vivenciei apenas o prazer de saborear os seus lábios. O toque macio da sua boca deslizava por cada linha da minha e por alguns instantes os meus pés pareciam ter deixado o chão. O meu corpo flutuava por entre as nuvens alvas. A sua boca afastou-se lentamente da minha, estabelecendo uma doce tortura.

— Liv, qual é o motivo de tanta aflição? — ele disse, arqueando as sobrancelhas.

— Tenho sentido muito sua falta — comentei, tentando ignorar os terrores que havia acabado de passar.

Franco sorriu com graça diante da minha desculpa nada convincente.

— Ausentei-me por tão pouco tempo que se torna difícil acreditar que esteja angustiada dessa maneira por conta da saudade — o brilho em seus olhos disparava com frenesi o meu coração. — Por que não revela a verdade que atormenta o seu coração? — ele insistiu enfático.

— Porque não existe nada para lhe contar. Foi simplesmente saudade — afirmei, segurando as suas mãos fortemente.

— Estava vindo da estrada, por que continua arriscando-se tanto? — ele indagou persistente.

Respirei aliviada por considerar que certamente Franco fizera o trajeto até o vilarejo no período em que estava na

casa de Sara. Seria um verdadeiro martírio testemunhar um novo encontro entre ele e Pantor tão precocemente.

— Encontrei com um Nicolau desesperado dizendo que a senhorita havia saído a cavalo completamente aturdida. Como pode dizer-me que nada aconteceu? — Franco persistia com o assunto que me incomodava.

— Eu fui apenas visitar Sara — declarei, evitando os seus olhos. — Fazia um bom tempo que não a via.

— Se não deseja falar sobre o assunto imagino que deva ter seus motivos — ele proferiu, desistindo de descobrir. — Bem, esqueçamos momentaneamente o assunto que está lhe deixando aflita.

Franco caminhou até o banco de madeira que enfeitava a varanda da minha casa e, sem dificuldade, estendeu o braço, alcançando uma caixa de veludo vermelho enfeitada com um bordado de flores delicadas. Num gesto afetuoso, o presente surpreendente foi entregue em minhas mãos.

— Espero que goste — ele considerou, diante da minha alegria.

Os meus olhos incrédulos se extasiaram com a beleza do presente, um belo colar de pedras de rubi, que cintilava sob os raios de sol. No centro da caixa havia um saquinho de veludo azul. Ao espaçar a linha escura que o amarrava deparei-me com um belo cordão dourado.

— Franco... — pronunciei, quase perdendo a voz. — São tão lindos! Não precisava se incomodar com tantos presentes... — adverti espantada.

— Não foi incômodo nenhum! Queria tornar o seu dia especial e imaginei que um presente seria perfeito —

articulou com sinceridade. — Gostaria que usasse o colar de rubis no dia do baile, mas se não quiser usá-lo entenderei perfeitamente.

— Certamente, usarei o colar; não posso desprezar a sua gentileza — conciliei erguendo o colar.

— O cordão de ouro...

Franco estabeleceu uma pausa, retirando um anel do dedo anelar direito. O desenho da águia com as garras presas a um escudo, que marcava o brasão da família real, impressionava. Cuidadosamente, o brilho dourado deslizou pelo cordão e seus dedos se moveram num sinal para que me virasse de costas. Experimentei o arrepiar da minha pele quando as suas mãos trêmulas colocaram a joia em meu pescoço.

— O anel que coloquei no cordão está em minha família há anos; foi um presente dado a mim por meu pai — escutei a sua voz com muito mais nitidez depois que me coloquei de frente. — Quero que fique com ele porque, dessa maneira, estará sempre me carregando com você.

— Eu já o carrego comigo — respondi, repousando a mão em meu peito. — Confesso que me sinto muito honrada por ter me presenteado com algo tão especial.

— Preciso lhe dizer também que tomei a liberdade, obviamente com a ajuda de Norah... — ele fez uma pausa. — E lhe mandei fazer um vestido para o baile, mas não precisa aceitar se não quiser — ele se preocupava que a gentileza pudesse soar como ofensa. — Estava pensando numa forma de agradá-la e então Norah sugeriu que lhe presentearse com o vestido.

— Como explicarei ao meu pai o motivo para tantos presentes? — questionei sorrindo.

— Diga apenas que a amo — Franco sugeriu. — Que a amo tão intensamente que meu único propósito nesse mundo é fazê-la feliz — ele murmurou, sustentando um sorriso que movia a cicatriz. — Acredito que seja uma explicação bem convincente, não acha?

— Claro que sim... Convincente... Muito convincente... — assenti sorrindo. — Fique para almoçar conosco!

— Certamente — ele concordou, beijando minha testa.

Admirei as ruas da vila e deparei-me com Estêvão voltando da cidade em seu cavalo. Logo atrás dele seguiam Caio e Benjamim na carroça. Os ocupantes da carroça fizeram questão de cumprimentar Franco com ânimo, enquanto o meu melhor amigo apenas nos lançou um olhar repleto de desaforo.

Entramos em casa e encontramos Felipe sentado na sala, cuidando com muito empenho da sua espada. O meu irmão fez uma reverência quase reflexa quando notou a chegada de Franco, que rapidamente correspondeu com um gesto de que aquilo era desnecessário.

Marchei até a cozinha, pois precisava dizer a Ama que teríamos um convidado para o almoço. Quando regressei à sala notei que os dois conversavam sobre a metade do medalhão. Experimentei um frio desconfortável na barriga porque aquela história começava a me incomodar profundamente.

— O seu irmão acredita que a sua presença será muito útil quando formos apanhar o medalhão dentro do mundo

oculto — ele encarou Felipe antes de pronunciar as palavras seguintes. — Infelizmente, preciso me conformar com o meu destino, mas jamais permitirei que a sua irmã se arrisque partindo para uma batalha no mundo oculto! Nem ao menos temos conhecimento do que enfrentaremos quando chegarmos lá — Franco discorreu, exaltando as suas convicções. — Depois dos últimos acontecimentos, conversei com Malvin e o feiticeiro colocou-me a par de alguns detalhes. Existem alguns mesoetéreos pelo reino... Podemos convencer um deles a abrir a passagem.

— A batalha tem relação com o destino de Liv também; não existe nada que vossa alteza possa fazer para impedir a participação de minha irmã em tudo isso — Felipe persistiu, levantando-se para servir um pouco de vinho a Franco.

— Eu não levarei a sua irmã comigo. Isso está decidido! — Franco insistiu com veemência. — Não confiarei a vida de Liv a uma batalha tão imprevisível.

— Sinto muito desapontá-lo, Franco, mas estou me preparando para seguir até o lado norte de Hans. Felipe está me ajudando bastante com o treinamento — disse, observando o seu olhar de receio. — Precisa reconhecer que sou uma aliada muito importante para que vença essa guerra.

— Liv... A única coisa que sei nesse momento é que é muito importante para mim — a sua voz falhou de ansiedade. — Não posso consentir que seu pai permita que viaje rumo a uma batalha contra os selvagens dos midrões, contra os inescrupulosos acarianos, contra mesoetéreos de

caráter duvidoso, contra aquelas lendárias bruxas malditas e principalmente contra conde Trevor.

— Conde Trevor? — articulei, com curiosidade.

— Dar início a uma conversa sobre conde Trevor estragaria o nosso almoço — Franco declarou, alcançando o copo na mão de Felipe. — Outro dia conversamos sobre essa pessoa tão desagradável.

— O que tem nessa caixa, Liv? — Felipe indagou, querendo estabelecer outro assunto.

— Um presentinho de Franco — comuniquei despretensiosa, abrindo a caixa. Testemunhei o engasgo do meu irmão com um gole do vinho assim que encarou a joia. — Um lindo colar, não é mesmo?

— Sim — ele reportou, tossindo levemente. — Por qual motivo o príncipe resolveu presenteá-la com tão belo adorno? — Felipe articulou com certa rispidez.

— Desejava apenas agradar a sua irmã — Franco respondeu firme. — Acredito que não exista problema nenhum em fazer um mimo a alguém tão especial para mim.

— Problema nenhum, alteza — Felipe discorreu com um pouco de desagrado.

Meu pai e Liana entraram na sala e, como esperado, a garota lançou-se nos braços de Franco.

— Como tem passado, pequena? — questionou, para vê-la sorrir fascinada.

— Tenho passado muito bem, alteza — ela respondeu. — E como o senhor tem passado? — Franco sorriu com a astúcia da garota.

— Hoje me sinto bem melhor do que ontem. Acredito que a sua irmã seja totalmente responsável por isso — Franco explicou, responsabilizando-me pelo sorriso perfeito que abrihantava a sua face.

— Como se o senhor precisasse me confessar isso — ela comentou, colocando as mãos na cintura. — Basta apreciar o semblante de vossa alteza com um pouco mais de atenção que os seus olhos nos revelam tudo.

Todos riram com a colocação da menina.

— Liana, por favor, comporte-se adequadamente — meu pai indicou, na tentativa de repreendê-la. — Que intimidade é essa com o príncipe Franco!

— Papai, logo seremos parentes — ela retrucou em sua defesa. — Se o senhor casar-se com a minha irmã... Nós seremos parentes, não estou certa? — ela enunciou, fixando o olhar em Franco.

— Claro que está certa! — Franco assegurou sorrindo.

— Está vendo, papai? — ela proferiu, encarando o meu pai. — Se seremos parentes não existe problema nenhum quanto à intimidade — os olhos vivos de Liana recaíram sobre as minhas mãos. — Liv, o que tem nessa caixa?

— Foi um presentinho de Franco — ponderei receosa com a presença de meu pai.

— Por que não mostra o presentinho do príncipe? — Felipe replicou irritante.

— Presente do príncipe? — meu pai indagou com desconfiança. — Existe alguma ocasião especial para que receba presentes do príncipe?

— Senhor Raul, desculpe o atrevimento, mas não existe nenhuma ocasião especial, apenas queria agradecer a sua filha.

— Papai, eu perguntei a mesma coisa para ele! — Felipe discorreu ironizando.

— Acho que dessa maneira estão fazendo uma desfeita ao príncipe — Liana pronunciou, demonstrando sensatez. — O príncipe Franco queria apenas fazer Liv feliz. Existe algum mal nisso?

— Claro que não, querida — manifestei, apoiando a conclusão. — Felipe e papai compreendem muito bem a situação, não é mesmo?

Os dois balançaram a cabeça positivamente.

— Posso ver o seu presente? — Liana questionou com os olhos brilhantes.

— Claro que sim, princesa — confirmei, abrindo a caixa.

— É o presente mais bonito que já vi — o sorriso de Liana era fascinante. — Alteza... Preciso lhe dizer que o senhor tem muito bom gosto — Liana concluiu encantada.

Franco agradeceu a animada cordialidade da garota, enquanto o meu pai observava atravessado o meu presente. Mesmo acanhada diante do constrangimento, entendia perfeitamente a preocupação de Felipe e de meu pai. Os dois temiam que aquele fosse apenas o começo de uma vida que não desejavam para mim.

Franco sentia um amor que não mediria esforços para viver. Em sua essência, eu compreendia que não existiam intenções de me magoar. Ele não abrangia a possibilidade de me conceber qualquer mal.

Os seus desígnios demonstravam que a todo momento Franco procurava encontrar a forma mais acertada de viver ao meu lado. A dor por ainda não ter realizado a tão sonhada descoberta recobria aqueles olhos de tom indefinido, atormentava os seus pensamentos mais íntimos e ao mesmo tempo o fazia sangrar.

Analisava, em pormenores, toda a sua agonia, compartilhando do mesmo mal com uma indesejável vivacidade. Decifrava cada gesto com uma quietude inimaginável e dentro daquele silêncio guardava todos os seus segredos, todos os seus profundos sonhos tão destinados a mim, aquela sensação infinita de amor pleno que transbordava, concretizando-se em medo pelo vindouro incerto.

Prosseguia inteiramente destinada a todo aquele afeto enquanto compreendia que o nosso sentimento parecia ser uma marca esculpida em nossas almas, entalhada de forma tão intensa que seria algo impossível de apagar.

os raios

O sol vibrante esquentava a terra do lado de fora da casa. Alguns dias haviam se passado desde a última vez que repousara os olhos em Franco.

Como havia prometido à minha mãe que não usaria a habilidade de me transportar pelo menos momentaneamente, os tempos que se seguiram foram mesclados por dias angustiosos sem a presença de Franco, tediosos sem a companhia de Estêvão e tortuosos com a lembrança das ameaças de Pantor.

O vestido azul-turquesa me aguardava em cima da cama, que fora arrumada de forma primorosa diante da insuficiência de atividades para me entreter. Arrastei-o pela manga curta até que finalmente o tecido descansou em meu corpo impassível.

Os meus passos apáticos afrontavam o assoalho tão perfeitamente limpo pelas minhas mãos no dia anterior. Entrei na cozinha partindo em direção à mesa, sem gestos significativos. As minhas mãos alcançaram uma maçã suculenta que enfeitava um cesto de frutas.

Com certa displicência, abandonei numa pequena bacia o copo de leite que havia bebido avidamente ao lado de outros utensílios. Com um pouco mais de ânimo, quem sabe causado pelo meu excelente desjejum, caminhei até o meu quarto novamente.

O meu braço direito contorceu-se com empenho procurando alcançar bem no topo do armário a chave do baú que estava embaixo da minha cama. Os dedos se encheram de poeira, mostrando que o armário não estava tão impecavelmente limpo como imaginava. Arrastei o baú sem dificuldade, destrancando a tampa em seguida.

Retirei o lençol com cuidado, observando o arco majestoso que a minha mãe havia me dado. As minhas mãos delicadas posicionaram-se em cada ponta da arma. Experimentei a sensação de segurar as asas de uma águia. Notei que precisaria do objeto se quisesse me livrar do decorrer de mais um dia repleto de um fastio indescritível.

Recordava, no momento em que colocava o arco em cima da cama, que havia iniciado o meu treinamento no galpão e que o passar do dias produzira uma melhora significativa com o manejar das espadas, mas reconhecia volta e meia que deixara de lado a minha a maior habilidade: os arcos e as flechas.

Coloquei o baú embaixo da cama novamente. Apanhei o arco em cima da cama, segurando o objeto com firmeza, e procurei recobri-lo com o lençol novamente. Não desejava expor a ninguém o que escondia com tanto afinho.

Ao abrir a porta, encarei os soldados de Franco escoltando a casa. Desci vagarosamente a escada, encostando o arco devidamente coberto bem na porta do galpão. Chamei Nicolau por algumas vezes antes que ele me atendesse. A demora do garoto permitiu que os meus olhos se encantassem com a resiliência do ferro. Para minha

felicidade, o metal estava sendo responsável por conferir toda a atenção de meu irmão naquela ocasião.

— Precisa distrair os soldados para mim — disse enfática, notando o nariz de Nicolau entortar-se de desconfiança.

— Sabe muito bem que não posso fazer o que me pede — ele respondeu rápido, olhando o objeto encostado na porta de madeira. — Felipe me arremessaria aos abutres se ajudasse a senhorita a enganar os soldados.

— Se por acaso não me ajudar a acabar com a monotonia que tem me cercado nos últimos dias, certamente eu mesma farei questão de arremessá-lo aos abutres! — proclamei, lançando um olhar ameaçador sobre o garoto. — Caso deseje, poderá me acompanhar na diversão. Estou pensando em treinar com o arco numa trilha bem perto daqui.

Um dos garotos do vilarejo passou por nós cumprimentando Nicolau, que respondeu ao aceno sem empolgação.

— Como se trata apenas de diversão, não vejo problema algum em levar alguns soldados para garantir a nossa proteção — o rapaz declarou enfático, erguendo as sobrancelhas.

— Não acho adequado que todos fiquem sabendo da existência de uma arma tão poderosa — expressei com firmeza. — Distraia os soldados enquanto sigo para aquela trilha perto da cachoeira. Se desejar ter um dia diferente, basta que siga até lá — sorri perante um Nicolau completamente incerto. — Prometo que nos divertiremos muito.

— E o que faço com Felipe? — ele indagou, diminuindo a incerteza.

— Diga que lhe chamei para um lanche na casa de Luna — articulei apressadamente.

— Por que sempre consegue tudo o que quer? — Nicolau replicou, espalmando as mãos com discreto nervosismo. — Alguma coisa está me dizendo que me arrependerei profundamente por ajudá-la... — ele resmungou, seguindo em direção aos soldados.

Nicolau serviu um pouco de água aos soldados visivelmente torturados pelo calor. O rapaz conversava animadamente coisas sem sentido algum, até que finalmente retirou uma moeda do bolso. Utilizando alguns truques muito bem elaborados, o garoto conseguiu impressionar os homens da guarda, que acabaram se esquecendo decididamente que eu havia deixado a casa momentos antes.

Alcançar a trilha sem que ninguém percebesse não foi uma tarefa difícil. Àquela hora do dia, as pessoas estavam atarefadas demais para se preocuparem com as minhas travessuras.

Parei a caminhada quando encontrei o lugar que considerei mais adequado. Com agilidade, retirei as botas para sentir a rigidez da terra firme. A vegetação do local escolhido possuía altura suficiente para esconder os meus objetivos de curiosos que porventura passassem pela trilha.

As árvores de caules robustos serviriam de alvos primorosos, além do que, existia grande fartura de pedaços de palha, cipós e pequenas pedras que se transformariam

em flechas magníficas. O local perfeito ainda possuía sombra suficiente para me proteger do calor escaldante daquela metade de manhã.

Desenrolei o lençol do presente tão estimado, defrontando-me mais uma vez com o arco impressionante. A única coisa que aliviava o meu coração era saber que nas mãos de outra pessoa aquela arma não teria nenhuma valia.

Demorou um pouco até que Nicolau me encontrasse. Escutei a sua voz aguda ao longe clamando pelo meu nome, fazendo cair toda a minha preocupação com a descrição do treinamento.

Apareci rapidamente na trilha, gesticulando fervorosamente para que aquela celeuma acabasse. O rapaz aproximou-se atrapalhado trazendo consigo pedaços de pão, algumas frutas e um pouco de água num cantil.

— Quer um pouco de água? Apanhei algumas coisas na cozinha de sua casa; imaginei que poderia estar com fome — ele disse, sentando-se no chão, enquanto aceitei a sua oferta sem reclamar. — Consegui distrair os soldados por um bom tempo com a moeda, mas fique a senhorita sabendo que só conseguimos escapar porque Patrício não estava por lá. Seria impossível ludibriá-lo, pois aquele soldado possui muita experiência.

— O que disse a Felipe? — questionei, alcançando um graveto, que magicamente transformou-se numa flecha após o meu sopro. Nicolau não disfarçou o espanto mesmo sendo de seu conhecimento que aquela transformação aconteceria.

— Disse que nós dois estaríamos na casa de Luna. Acho que Felipe ficou meio desconfiado com o convite repentino para um lanche — ele respondeu, coçando a cabeça.

— Quando Felipe perceber alguma coisa sobre a sua mentira, com toda certeza já teremos voltado para casa — comentei.

— Deve ser fantástico ser um mesoetéreo! — ele denotou, espalhando um brilho pelos olhos enquanto eu acertava em cheio o tronco da árvore.

— Não existe nada de especial em mim que também não exista em você — retruquei, lembrando que aquilo havia se tornado costumeiro. — Somos todos iguais perante os olhos daquela força que criou todas as coisas existentes em nosso mundo. Confesso que até gosto de possuir alguns dons, mas reconheço que isso não me torna melhor do que ninguém.

— Existem mesoetéreos espalhados por todo o território — ele declarou, notando que a conversa havia me interessado. — Algumas vezes, os mesoetéreos costumam passear pela cidade na época dos jogos ou então aparecem pelo comércio com o objetivo de comprar mantimentos.

— Teve a oportunidade de conhecer algum deles? — indaguei, dando alguns passos até o local onde o garoto havia se sentado momentos antes.

— Nunca tive a oportunidade de conhecê-los intimamente... Algumas vezes, estive muito próximo de Alef, mas o sujeito é tão detestável que não procurei estabelecer qualquer conversa — ele esclareceu, coçando a cabeça novamente. — Na verdade, acho que os

mesoetéreos são todos meio esquisitos, mas ao mesmo tempo possuem alguma coisa que encanta.

— Então está dizendo que sou esquisita? — repliquei, segurando o riso.

— Não foi bem isso que eu quis dizer... — ele corou, sem graça. — Acho que os mesoetéreos se comportam dessa maneira porque muitas vezes são abordados por pessoas inconvenientes. Geralmente, essas pessoas tendem a fazer perguntas estúpidas sobre bruxaria. Indivíduos muito cruéis que os apontam nas ruas como se vocês possuíssem alguma espécie de maldição.

— Diante das suas palavras estou começando a considerar que ser um mesoetéreo talvez não seja algo tão magnífico assim — murmurei, arrancando um pedaço generoso de pão de suas mãos magras. — Tem razão quando diz que as pessoas nos encaram como se fôssemos amaldiçoados; talvez por esse motivo a maioria de nós prefira viver na floresta ou então isolada do mundo.

— Que estranho! — Nicolau enunciou, olhando para cima. — Tenho a impressão de que o tempo começou a esfriar de repente...

— Tem toda razão — acordei, apertando os lábios. — Até agora há pouco o clima estava tão quente, um calor quase intolerável... — considere, caminhando com velocidade até alcançar as minhas botas. — Não gosto de mudanças bruscas no ambiente; em geral, elas costumam ocorrer quando alguma coisa sobrenatural está por vir. Acho melhor seguirmos para casa! — enfatizei as últimas palavras.

— O mais rápido possível! — Nicolau proferiu quase como um rugido.

Não houve tempo de qualquer escapatória. A mudança de temperatura foi tão veloz que aquele acontecimento começou a ficar sinistro. Tornava-se nítida a aproximação de algo extremamente ruim. A frieza que se anunciava sem controle algum brotava com força da terra, que até minutos antes se encontrava tão abrasadora.

Diante de nossos olhos inteiramente descrentes, inúmeras pedras de granizo começaram a desabar sobre as nossas cabeças rispidamente. Compreendemos que alguém procurava nos atacar aproveitando-se de um fenômeno da natureza.

Galopes potentes de cavalos oriundos da trilha eram trazidos pelo vento. Não demorou muito para que o barulho promovido pela cavalaria cessasse. Escutamos passos firmes avançando na densa vegetação, que anteriormente nos escondia da curiosidade alheia. Dedos longos retiraram as plantas com cautela. A figura reconfortante de Franco irrompeu o ambiente, que naquela altura encontrava-se completamente coberto por uma neve gélida.

— O que está acontecendo aqui? — ele pronunciou assombrado, quando um barulho ensurdecido arrebentou do solo.

Os soldados não tiveram qualquer chance de acompanhar Franco até o local em que estávamos. Imaginei que a angústia dele havia sido um fator imprescindível para que se adiantasse com relação aos demais.

Os guardas do exército tornaram-se apenas testemunhas da grandiosa muralha de gelo que se ergueu instantaneamente ao nosso redor. Acabamos nos tornando prisioneiros contrariados de um muro que parecia intransponível.

Os esforços dos soldados buscando nos livrar da masmorra fria eram ouvidos pelas estocadas insistentes, porém o gelo permanecia intacto, mostrando que estávamos sendo mantidos presos por uma força sobre-humana.

— Há muito tempo que não temos nevasca em Lanóvia — Franco observou com perplexidade.

— Alguém está provocando esse evento — disse aflita. — Precisamos sair daqui rapidamente.

— Alteza, como nos encontrou aqui? — Nicolau interpelou com os lábios trêmulos; parecia complicado reconhecer se o gesto era provocado pelo medo ou pelo frio.

— Cheguei ao vilarejo com a intenção de diminuir a saudade, entretanto tive a triste surpresa de que Liv não estava em casa — ele esclareceu, num tom de repreensão. — Ao chegar ao galpão, Felipe revelou que a senhorita havia partido para a casa de Luna em companhia de Nicolau, porém novamente fui surpreendido porque a sua amiga afirmou-me que não havia estado por lá essa manhã — os seus olhos se estreitaram.

— Desculpe-me! — murmurei constrangida.

— Conversei com os soldados que faziam a guarda e os rapazes me contaram que nosso amigo Nicolau possui habilidades espantosas com moedas — Franco manifestou

com uma discreta ironia. — Associando o relato dos guardas com a mentira que inventaram para Felipe, tornou-se bastante claro que os dois saíram em busca de aventura.

— Alteza... Perdoe a minha asneira — Nicolau exprimiu com ansiedade. — Não devia ter concordado em ajudar Liv... — retribuí àquela inaceitável denúncia com uma careta.

— Um garoto que brincava nas imediações disse ter visto Nicolau seguir em direção à trilha que levava à cachoeira — Franco falou, procurando encontrar uma forma de nos retirar daquela prisão. — Enquanto cavalgava, avistei uma densa camada branca localizada bem nessa direção. Julguei o fenômeno estranho e decidi conferir com os meus próprios olhos do que se tratava. Por obra do destino, acabei encontrando os dois — a sua espada trincava no gelo, que permanecia indestrutível. — Os soldados que faziam a escolta em sua casa pela manhã eram muito inexperientes, por isso Nicolau os enganou com tanta facilidade.

— Nicolau chegou a comentar que se Patrício estivesse presente não teria conseguido distraí-lo — discorri, esmurrando o gelo, que queimava o meu punho esquerdo. — Se soubesse que me visitaria não teria saído de casa. O tédio dos últimos dias me fizeram crer que não haveria nenhum problema em praticar um pouco de arco.

Franco ainda demonstrava insatisfação diante do meu comportamento.

— Dificilmente conseguiremos escapar utilizando a força — Nicolau fez a observação, esfregando as mãos sobre a fria muralha. — Claro que o acontecimento tem relação com algo sobrenatural.

— Nicolau... Não seja tolo! — Franco anunciou com descrença. — É óbvio que o evento se trata apenas de um fenômeno da natureza! Em breve, o gelo começará a derreter e escaparemos daqui... Isso se os soldados não nos retirarem antes.

— Não consigo imaginar quem possa estar fazendo isso... — analisei, tomando a direção do centro. — A Etérea Naya... A neve... Jamais faria algo que nos prejudicasse.

— Talvez sejam as bruxas de Winter nos assustando por simples diversão — Nicolau considerou, enquanto Franco demonstrava não acreditar naquela conclusão. — Estou começando a congelar; morreremos de frio se não conseguirmos escapar daqui imediatamente.

— Eu queria descobrir qual o motivo...

Antes que eu completasse a frase, uma fenda grandiosa se abriu embaixo dos meus pés. Franco atirou-se em minha direção sem raciocinar. Ele estendeu a mão firme, mas infelizmente não consegui alcançar; cravei o arco na parede gélida do inesperado buraco, procurando evitar despencar o meu corpo pelo vazio. Inclinei o pescoço na tentativa de identificar qualquer vestígio de segurança por trás da escuridão logo abaixo.

Franco seguiu deslizando pelo chão gelado com uma ansiedade bastante previsível. Ele esticava o braço, numa tentativa de lançá-lo o mais próximo possível do local em que eu estava. O seu movimento provocou apenas o arrastar do meu arco pela parede. A vibração do seu corpo sobre a superfície gelada guiou-me para dentro da abertura ainda mais, tornando impraticável que eu enxergasse

qualquer coisa acima de mim. Após alguns segundos, ocorreu o fechamento abrupto da fissura por uma espessa camada de gelo.

Avistava toda a aflição de Franco através daquela parede translúcida. Ele tentava, inutilmente, estilhaçar a placa gelada que nos separava. Eu visualizava, através de uma leitura turva, os seus lábios chamando o meu nome insistentemente.

O meu corpo lutava para manter-se preso à fresta cravada pelo meu arco, entretanto todo o meu entusiasmo parecia ser em vão, pois uma força superior me tragava para baixo totalmente contra a minha vontade.

Batalhava com todo o meu empenho para não ser sugada. Os meus pés me impulsionavam a subir pelo plano escorregadio; feria os lábios resgatando qualquer energia que me afastasse do perigo, contudo o meu arco não se mantinha fixo à parede, o que dificultava a minha permanência próximo à superfície.

Os meus ouvidos se entregaram ao estalido suave promovido pelo atrito do arco com as pequenas rochas. No instante seguinte, vivenciei um deslizar irrefreável até o fundo do buraco. A descida levou o meu corpo a tombar sobre o chão negro. Vislumbrei o lugar sombrio recoberto por escórias de maldade.

Morros grandiosos explodiam rajadas de fogo, gritos de pânico escapavam de fendas espalhadas pelo solo negro, águas escuras cortavam com violência os galhos secos de uma vegetação inespecífica.

As sensações térmicas confundiam a minha mente. Não sabia definir com certeza se experimentava o calor das chamas queimando os meus músculos ou a sensação do frio estourando os meus ossos.

Uma rajada de vento devastadora formou-se à minha frente. A força da ventania insuportável machucava a minha pele. De uma forma cruciante sentia os meus pés deslizarem pela camada de gelo que se formou por entre as lufadas acinzentadas.

Procurava me manter ereta, no entanto a tarefa parecia impossível de concretizar. O sopro tempestuoso por fim cessou e o meu cérebro assimilava as centenas de informações disseminadas em todas as terminações nervosas do meu corpo.

A escuridão que dominava o ambiente transformava-se, diante da minha visão incrédula, em um homem de altura incomensurável. O traje que usava estava coberto por uma capa negra que se movimentava com uma bizarra harmonia; luvas de couro revestiam as palmas das mãos, deixando os dedos pálidos expostos; as unhas grandes e sujas promoveram uma repulsa, que determinou o cerrar imediato dos meus olhos.

Fiquei perplexa quando notei que os olhos daquela criatura pareciam ser tão negros quanto os seus cabelos longos e esvoaçantes. A pele translúcida da sua face exibia vasos que vibravam de satisfação porque eu estava totalmente tomada pelo pânico.

Uma gargalhada agourenta torturou o meu coração, fazendo com que transbordasse de medo.

— Está com medo, cria de Híndria? — a voz sombria expressou-se diante do meu previsível pavor.

— O que deseja de mim? — disse apavorada, presenciando que as chamas continuavam inexplicavelmente se erguendo naquele mundo frio. — Que lugar pavoroso é esse? — segurei o arco com solidez em minha mão.

— Apresento-lhe o agradável caminho para o mundo das sombras — ele respondeu, testemunhando o estremecer das minhas pernas quando as suas mãos pavorosas abriram um imenso buraco negro ao seu lado. — E receio que não poderá retornar para casa, a menos que me faça uma gentileza... — ele fechou o buraco dando outra gargalhada.

— O que preciso fazer para voltar ao meu mundo? — inquiri aflita, dando passos descoordenados para trás.

— Eu quero o maldito presente que a sua mãe estúpida lhe deu. Entregue o arco que sustenta em sua mão com tanta firmeza — ele replicou, fazendo o arco em minha mão balançar. — Um preço bastante razoável a pagar se quiser regressar ao seu mundo.

— Parece que o meu arco representa algo de muito valor — avaliei com rispidez. — Não é a primeira vez que tenta tirá-lo de mim.

— Não seja estúpida! Passe-me o arco agora mesmo! — ele proclamou num sopro arrepiante, a ponto de movimentar as mechas volumosas do meu cabelo.

— E se eu não quiser me desfazer do presente? — indaguei com a voz trêmula.

A minha estratégia era muito simples: precisava ganhar um pouco de tempo até que a minha mãe percebesse o que ocorria e procurasse encontrar uma forma de me salvar das garras tortuosas da escuridão.

— O arco possui um valor afetivo inestimável — expus, apertando os lábios com evidente ironia.

— Não tenho tempo para as suas gracinhas — ele grunhiu.

— Estou falando sério! — divulguei, levantando um pouco a arma. — Não tenho intenção de me separar do meu arco — esbocei um falso sorriso de tranquilidade. — Hulter, talvez seja melhor procurar outro objeto de obsessão!

— Todas as armas dos mesoetéreos serão minhas! — a voz distorceu-se, fazendo as minhas pernas tremerem.

— Sinto muito desapontá-lo, mas o meu arco não será — desafiei-o, notando os seus olhos negros assumirem um tom avermelhado.

— Não terei muita dificuldade em acabar com você. Na verdade, será um grande prazer. Dê-me o arco imediatamente, sangue amaldiçoado, ou prefere que eu mesmo arranque da sua mão? — a figura pavorosa ordenou. — Parece que chegou a hora de lhe mostrar um pouco do meu poder. Logo se arrependerá por ter me desafiado!

Hulter posicionou as mãos como se fosse formar um círculo. Os seus dedos se movimentaram em sentidos alternados e uma energia alarmante apareceu, fazendo com que eu desse passos imprecisos para trás.

Os lábios tortos da Escuridão esticaram-se num sorriso que misturava contentamento e domínio. Num gesto

violentamente esperado, a força misteriosa navegou diretamente até mim. O espancar da energia em meu tórax determinou o arquear das minhas costas e o despencar sem controle do meu corpo ao chão. No entanto, as minhas mãos ainda seguravam o arco.

— Está vendo do que sou capaz? — Hulter considerou, seguindo até o meu corpo dolorido que começava a reerguer-se.

Experimentei um leve tremor embaixo dos meus pés. Belas linhas amareladas ascenderam em torno de mim até formarem um escudo grandioso que me manteria protegida dos ataques de Hulter.

Um raio com uma proporção sem igual declinou do céu sombrio, atingindo o solo atrás de mim. O barulho descomunal fez com que eu utilizasse os braços como proteção em volta dos meus ouvidos; eu necessitava amenizar o barulho que foi provocado pelo impacto.

— Filha de Híndria... Não faça o que Hulter lhe pede — a voz surgiu estável.

Girei o corpo bruscamente porque precisava descobrir quem havia chegado para me salvar. Deparei-me com algo que dificilmente conseguiria elucidar. Um brilho intenso ofuscava o meu campo de visão. Mesmo dentro do escudo precisei utilizar a mão desocupada para proteger meus olhos.

A claridade viva que aquela criatura emanava por fim diminuiu, permitindo que eu encarasse a perfeição de cada traço do seu rosto. A suavidade persistia naquele sereno

entoar da sua voz, provocando em minha mente uma espécie de torpor.

— Hulter... Por quanto tempo insistirá em retirar forçosamente os presentes que foram dados aos mesoetéreos por seus pais? — ele interpelou, erguendo uma das mãos contra a ventania escura.

— Não tem a minha permissão para estar aqui! — Hulter disse num tom de revolta, lançando um sopro de vento, que foi bloqueado por um foco de luz amarela.

— Uno concedeu a permissão — ele anunciou com placidez. — Assim como permitiu que fizesse o que fosse preciso em defesa de Liv. A Luz conhece bem todas as armadilhas inescrupulosas da Escuridão.

— Parece que precisarei mudar de estratégia... — a voz adquiriu uma intensidade que me provocou um arrepio.

Hulter arrancou a capa preta que revestia as suas costas quando uma cortina de fumaça começou a brotar dos seus pés. Espantosamente, o seu corpo foi sendo envolvido por uma atmosfera negra de proporções imensuráveis.

Ergui a cabeça, contemplando aquela nuvem sombria com duas esferas vermelhas como se fossem olhos aterrorizadores. Bem no alto do que presumi ser uma cabeça disforme, escapavam linhas negras onduladas com garras hediondas em suas pontas. Um interstício abriu-se bem no centro da nuvem, atirando fogo em nossa direção.

— Gostaram da minha forma habitual? — a voz deformada surgiu depois que o fogo cessou da fenda. — Não deveriam se meter com a Escuridão!

A Escuridão apareceu como um monstro nebuloso com a capacidade de devastar todas as minhas esperanças. A minha visão, curiosamente precisa, encarou Zarion extravasando certo temor de seus olhos negros de beleza indescritível.

— Parece que a Escuridão tem muitas faces — Zarion comentou de forma irreverente, tentando relaxar.

— Confesso que preferia a face antipática de antes — observei no mesmo tom.

Uma das garras buscou atingir Zarion, que deu um salto, parando apenas quando alcançou o lado oposto. A garra sedenta de ódio arrebentou um grande pedregulho, que se transformou num poço de lama efervescente. Considerei um privilégio o escudo de proteção em que estava.

— Por que não tenta mais uma vez? — Zarion replicou, em tom de provocação.

A garra localizada no centro da cabeça moveu-se, apontando diretamente ao provocador, que estava recostado a um enorme galho seco. O meu olhar atento apavorou-se quando notou que um pedaço das vestes claras de Zarion se mantinha preso à ponta de um dos galhos.

Enfiei os dedos nervosos em meus cabelos quando imaginei que a Escuridão finalmente conseguiria o seu tão sonhado objetivo. Numa velocidade espantosa, Zarion escapou da adversidade subindo a uma altura que nem mesmo o inclinar em amplitude total do meu pescoço conseguiu alcançar. Ele desapareceu rapidamente pelas nuvens densas e os galhos secos foram atingidos, tornando-se um monte de cinzas em questão de segundos.

Assim que compreendi que estava sozinha novamente, o meu instinto de preservação fez com que recuasse o máximo possível para trás. Estremeci reconhecendo que o medo poderia ser o único responsável pela sobrevivência. Não me envergonhei quando senti que ele se espalhava velozmente pelas minhas estruturas físicas; evitaria qualquer embate, pois desejava deixar aquele lugar nebuloso ilesa.

— Zarion abandonou você, estúpida! — a Escuridão comemorou com a voz alterada; em seguida, lançou esferas de fogo tentando atravessar o escudo. — Restamos apenas nós.

Uma gargalhada repercutiu em todas as direções e por alguns segundos conseguia escutá-la atravessando o escudo.

— Pelo que a minha avantajada inteligência pode presumir, nós voltamos ao começo agora que Zarion esquivou-se de pânico — a voz provocava um tremor intenso bem abaixo dos meus pés. — Quero o arco imediatamente!

— O arco é seu! — anunciei, erguendo a arma pensando em minha mãe. — Agora precisará retirá-lo do escudo.

— Com todo prazer! — a Escuridão afirmou com empolgação.

Uma das apavorantes garras se arrastou, provocando um arranhar angustiante pelo escudo energético. Celebrei interiormente quando apenas uma unha atravessou a proteção, tocando quase sem força a ponta do meu vestido; contudo concebi que com a insistência de tantos golpes

agressivos a proteção não permaneceria intacta por muito tempo. Entristeci diante da possibilidade de ser completamente destruída.

Um lampejo cruzou toda a extensão do céu negro acima da minha cabeça.

— Não é possível! — a voz inconformada da Escuridão reconfortou o meu coração.

O imenso clarão dourado ziguezagueante atirou-se na direção da figura nebulosa, que acabou sendo arremessada violentamente em um imenso buraco negro. Depois de um breve período, Zarion retornou à sua forma personificada.

— Precisamos sair daqui imediatamente. Acho que esse lugar é frio demais para você — ele constatou sorrindo, retirando o escudo que me protegia.

— Por um momento considere que tivesse me abandonado — murmurei sincera, colocando o cabelo atrás da orelha.

— Jamais! — ele respondeu ainda mais sincero. — Precisei deixá-la para recarregar as minhas energias. Enfrentar a Escuridão não se trata de uma tarefa tão fácil — ele deu um sorriso encantador. — Devemos partir antes que Hulter se recupere da minha ofensiva. Tenho certeza de que ele retornará ainda mais furioso comigo.

Como magia, a criatura magnífica girou o indicador, fazendo as estruturas grandiosas de gelo movimentarem-se distorcidas num bailado primoroso. Retornamos à floresta de cores belamente variadas. Respirei aliviada porque a atmosfera era algo muito mais familiar.

— Eu me chamo Zarion, sou a personificação dos Raios — encarei os olhos negros em contraste com a pele pálida. — Híndria me incumbiu da tarefa de protegê-la sempre que estivesse impossibilitada. Por exemplo, neste momento a sua mãe foi conter uma ventania que está arrasando a costa. Os ventos tempestuosos foram criados por Hulter com o objetivo de manter a sua mãe bastante ocupada — ele explicou, sorrindo jovial, com os lábios finos movendo-se em sintonia com o nariz alongado. — Uno concedeu a minha entrada em caráter emergencial no mundo das sombras, pois precisava impedir que Hulter a machucasse.

— Hulter tem tentado a todo custo retirar o arco das minhas mãos — expressei, passando a mão nos cabelos desarrumados assim que enxerguei o balançar perfeito dos cabelos louros acinzentados de Zarion.

— Na verdade, ele quer as armas de todos os mesoetéreos — ele aclarou, com uma calma invejável. — Ele tem conhecimento de que as armas são poderosos instrumentos nas mãos certas e que isso fará uma diferença enorme na busca pela metade do medalhão.

— Algumas vezes percebo que Hulter tem o desejo de acabar comigo — expressei, com um semblante invadido por angústia.

— Não somente com você, mas com todos da sua espécie — ele comentou. — Hulter tem conhecimento do que ocorrerá com os mesoetéreos e com as suas armas assim que chegarem ao mundo oculto — ele enunciou, notando a minha fisionomia alterar-se para a dúvida.

— O que acontecerá conosco e com as nossas armas? — interroguei com certo nervosismo. — Pensei que precisávamos apenas seguir para o lado norte de Hans, apanhar a parte do medalhão que está aos cuidados de Naya, destruí-lo e pronto... Tarefa executada! — ele sorriu da simplicidade com que eu narrava a tarefa.

— No lado norte da floresta de Hans está localizada a passagem que os levará ao mundo oculto — ele disse, notando que o observava ainda maravilhada. — Os mesoetéreos têm consentimento para entrar no mundo oculto; quanto aos humanos, a permissão será analisada. O mundo oculto não pode ser visto por todos os humanos, apenas pelos escolhidos dos Etéreos.

— Que notícia fantástica! — murmurei com discreta ironia. — Então quer dizer que existe a possibilidade de alguns de nós ficarmos fora da batalha?

— Correto — ele confirmou com um sorriso perfeito.

— Por esse motivo é que alguns humanos dizem que o norte de Hans é como outra floresta qualquer... — afirmei, levando a mão até a boca sem disfarçar a admiração diante da revelação.

— Alguns humanos enxergam aquele lugar somente como uma floresta. Para outros, é a possibilidade de alcançar a entrada para um mundo mágico — ele avaliou, unindo as sobrancelhas. — Existe um mundo paralelo e coisas que não são visíveis aos olhos humanos.

— Desculpa se lhe pareço muito curiosa, mas ainda falta esclarecer a parte da metamorfose. O que ocorrerá com os

mesoetéreos e as suas armas? — questioneei, sem nenhuma hesitação.

— Ocorrerão transformações expressivas em cada um dos mesoetéreos que atravessarem a passagem — ele descreveu, enquanto os meus olhos permaneciam fixados em sua face extasiante. — As suas armas e os seus dons passarão por uma evolução extraordinária — ele pronunciou enfático. — Fisicamente, todos também passarão por mudanças significativas... Afinal, os mesoetéreos não são totalmente humanos; nada mais natural do que assumirem a parte Etérea que herdaram de seus pais enquanto permanecerem dentro do mundo oculto.

— Anuncia tudo isso com tanta naturalidade... — expressei, mordendo os lábios com preocupação. — Por acaso faz ideia de como ficarei?

— Não... As transformações sempre são surpreendentes — ele elucidou, com aquela tranquilidade infinita.

— Espero que não me cresçam garras enormes! — cogitei com graça.

— As garras costumam acontecer com certa frequência — ele comentou sorrindo, para meu desespero. — Parte de você é proveniente de uma Etérea. No mundo dos humanos possui essa forma... Uma menina muito bela, por sinal — Zarion examinou, vendo-me corar. — No entanto, assim que entrar no mundo oculto, a possibilidade de as suas características físicas se modificarem é enorme.

— Essas descobertas estão me deixando nervosa — revelei.

— Não fique nervosa por tão pouco. Quem somos interiormente é o que realmente importa — ele refletiu, observando as coisas de outra perspectiva. — Hulter quer todas as armas e, se possível, destruir todos os mesoetéreos, porque sabe que vocês têm a chave para alcançar o mundo oculto, além de se tornarem muito poderosos assim que entrarem nele — ele divulgou, observando a diminuição da minha impaciência. — Ele facilitará toda a busca do seu protegido pela parte do medalhão de Hária.

— Hária é mesmo como todos dizem? — falei indiscreta, ignorando totalmente a observação sobre a vontade de Hulter.

— Exatamente como dizem! — Zarion expressou quase sem pensar. — Preciso lhe avisar... *Tenha muito cuidado com ela.*

— Por acaso fiz algo que a ofendeu? — perguntei ingênua.

— Hária a inveja — ele desvendou, fitando-me fixamente. — Assim como inveja a todos os humanos.

— Por que ela invejaria os mortais? — inquirei sorrindo.

— Porque tudo é sempre tão intenso, tão forte, tão único quando se é humano — ele explicitou, tocando no tronco de uma árvore. — A vida humana pode acabar a qualquer instante, tornando cada momento vivido algo extremamente significativo.

— Zarion... E não existe escolha para os Etéreos? — indaguei com indiscrição.

— Não temos escolhas! — percebi que o assunto o incomodava. — Agora vou guiá-la ao local onde estava antes de cair nas garras de Hulter. Parece que existe alguém muito angustiado à sua espera — ele sorriu novamente. — Siga o seu coração; ele sempre lhe concederá o melhor caminho.

— Estou imensamente feliz em conhecê-lo — proferi, com empolgação.

— A recíproca se faz verdadeira — ele respondeu com um sorriso largo. — É encantadora, exatamente como a sua mãe havia me dito.

Zarion abriu um túnel luminoso numa rocha imponente, fazendo um sinal para que eu entrasse devagar no local indicado. Uma energia espantosa conduziu os meus passos coordenados até espantosamente encontrar a saída no lugar exato onde treinava com o arco minutos antes.

O gelo espantosamente havia derretido por completo. Enxerguei Franco arremessando o corpo dentro do buraco, enquanto alguns soldados escavavam a terra úmida imaginando se conseguiriam me resgatar das mãos do inimigo.

— Franco... — disse, notando a admiração em sua face.

— Diga-me que não estou sonhando? — ele murmurou, atirando-se aos meus braços.

— Liv, que bom que conseguiu escapar! — Nicolau declarou, com contentamento.

— A propósito... Como conseguiu escapar daquele buraco? — Franco expressou com perplexidade, esperando

ouvir uma explicação coerente. — Estou realmente impressionado.

Decidi esconder qualquer observação referente ao acontecimento fenomenal que ocorrera no caminho ao mundo das sombras, principalmente a parte da metamorfose que acontecerá sem minha autorização quando adentrarmos no mundo oculto.

— O buraco possuía uma saída logo atrás daquela árvore — expliquei aturdida, apontando a planta. — Apenas segui por dentro dele e, quando enxerguei a luz, imaginei que havia encontrado a saída.

— Estranho... Muito estranho que depois de tudo que presenciamos tenha encontrado uma forma tão simples de deixar o buraco, muito mais estranho foi a rapidez com que o gelo se derreteu... — Nicolau avaliou, desconfiado da minha explicação.

— Será que podemos ir para casa agora? — indaguei, com a finalidade de encerrar o assunto.

Franco concordou de imediato com a sugestão, arrastando o seu cavalo pelas rédeas. Todos os soldados fizeram o mesmo e seguimos caminhando pela trilha, sem agitação. Relatamos a Felipe o que havia ocorrido, mas, apesar das minhas explicações persuasivas, o meu irmão não acreditou na versão de que fora apenas um evento da natureza. Ele logo imaginou que o meu posicionamento se explicaria devido à resistência de Franco em considerar os fenômenos sobrenaturais.

Nicolau espalhou o acontecimento fenomenal pela vila durante dois dias seguidos. Considerei a sua atitude

bastante apropriada, pois ela foi fundamental para despertar a preocupação de Estêvão. A narração exacerbada dos fatos foi responsável por promover uma visita do meu melhor amigo, que deixou definitivamente a decisão de ignorar-me.

— Espero que esteja mesmo bem — ele pronunciou, com reservas. — Depois de tudo que Nicolau nos contou, imaginei que fosse encontrá-la de cama.

— Nicolau, às vezes, exagera um pouco... — proferi sorrindo, percebendo a tensão diminuir.

— Confesso que o acontecimento me fez repensar nossa amizade. Estou disposto a selar um acordo de paz — ele propôs, presenciando o meu semblante suavizar. — Nicolau relatou que o príncipe Franco ficou desesperado ao vê-la despencar no buraco.

— Foi realmente assustador! — descrevi, ao relembrar o momento angustiante.

— Felipe também me contou que o príncipe lhe cobriu de presentes outro dia — ele não disfarçou o ciúme.

— Ele não me cobriu de presentes... Franco apenas quis me agradar — elucidei, observando Ama entrar na cozinha. — Não vejo mal nenhum nisso.

— Eu não consigo acreditar na mudança repentina do príncipe Franco — Estêvão expôs, carregado de incertezas. — Eu prefiro continuar não confiando nele. Até bem pouco tempo atrás, tratava-se apenas de um homem que pensava em poder e riquezas.

— Acredito que Franco tenha aprendido que não existe sentido algum em basear a sua vida apenas com

conquistas, batalhas e posses — justifiquei convicta. — Talvez o amor verdadeiro tenha feito com que ele enxergasse as coisas de outra forma.

Confiei a Estêvão a verdadeira história por trás de toda aquela mentira que eu havia inventado. O meu melhor amigo ficou impressionado quando relatei o encontro com Hulter e Zarion. Ele vibrou com vivacidade quando contei todos os detalhes do embate entre a Escuridão e os Raios.

Após descobrir a verdade dos fatos, Estêvão considerou que de nada adiantava os soldados de Franco do lado de fora da casa. Os guardas poderiam combater os inimigos humanos, mas talvez não estivessem prontos para combater o mundo das sombras.

Estêvão despediu-se de mim com desgosto, pois tinha muito trabalho a fazer na parte da tarde. Ao levá-lo até a varanda, percebi que Felipe e Nicolau arrumavam a carroça; provavelmente seguiriam até a cidade. O meu olhar insistente fez com que meu irmão me convidasse para acompanhá-los, meio a contragosto.

Caio resolveu nos seguir, informando que possuía muitos negócios a resolver na cidade. Alguns soldados continuaram protegendo a casa, enquanto outra parte prosseguiu conosco, para desagrado de Felipe.

— Quando estiver pela cidade direi que sou íntimo do príncipe Franco. Se Nicolau conseguiu o perdão de Rose utilizando o artifício, tenho certeza de que dessa forma conseguirei atrair a atenção de todas as mulheres — Caio considerou sorrindo.

— Acredita mesmo que as mulheres cairiam aos seus pés por causa disso? — interpelei, vislumbrando a sua face.

— Eu não tenho dúvida nenhuma — ele insistiu convicto.
— Qual mulher não gostaria de ser a companheira de alguém tão influente?

— É uma pena que pense assim das mulheres! Nem todas são tão interesseiras como julga — aleguei, com certa indignação. — Acredito sinceramente que os homens...

— Sem ofensas, por favor! — Felipe proclamou, interrompendo-me.

— Como ia dizendo, os homens possuem mais jogos de interesses do que as mulheres. Geralmente, os homens agem muito mais com a razão — sustentei a minha opinião.

— Liv está mesmo certa — Nicolau comentou, concordando comigo. — Tenho plena convicção de que Rose algum dia gostará de mim apenas pelo que sou — Nicolau discorreu esperançoso.

— É melhor encerrarmos a conversa antes que ela termine em confusão — Felipe nos repreendia inutilmente.

— Pelo visto nunca se apaixonou, não é mesmo, Caio? — perguntei irônica.

— Para que perder tempo com a companhia de apenas uma mulher, se existe a possibilidade de desfrutar da companhia de muitas! — Caiu analisou atrevido.

— As meninas da taberna que o digam! — Felipe retrucou. — Porque a companhia de moças de boa família é categoricamente proibida ao encenqueiro.

— Por quem me toma? — Caio questionou sorrindo. — Apenas não anseio ser estúpido como os meus irmãos! Um

casou-se muito cedo enquanto o outro sofre por um amor não correspondido — engoli em seco depois que escutei as suas palavras.

— Não julgue os seus irmãos! — a voz aguda de Nicolau subiu alguns tons. — Não tem competência para isso; ainda não conheceu o sabor agri-doce do amor — ele articulou, lançando um beijo para Caio.

— Nicolau, controle os seus impulsos! — todos riram. — Não quero conhecer o gosto amargo do amor tão cedo — Caio disse, sem qualquer hesitação. — Estou bastante satisfeito com a minha vida e não pretendo apaixonar-me pelos próximos mil anos.

— Não somos nós quem escolhemos o amor... É o amor que nos escolhe!

— Acho que Liv tem razão — Felipe admitiu, sacudindo a cabeça suavemente. — Talvez o amor realmente nos escolha, portanto não me parece que apaixonar-se seja uma decisão que esteja em suas mãos, Caio.

— Não existe controle quando se trata de amor — Nicolau exprimiu, conduzindo a carroça mais ao centro da estrada.

— Confesso que as suas palavras me foram muito animadoras! — Caio discorreu com escárnio. — Acho que me arremessarei no próximo penhasco.

Caio despediu-se de nós quando entrou na cidade. O rapaz garantiu que não demoraria pelo comércio, fazendo questão de ratificar que nos encontraria nos portões do castelo o mais rápido possível.

Considerarei que as boas intenções de Caio dificilmente se cumpriram naquele dia. O período da Celebração da

Chegada das Summerwitchs se aproximava, tornando o comércio ainda mais movimentado.

Cruzamos com algumas mulheres da aldeia de Sinaia espalhadas pelas ruas agitadas. O entusiasmo com que conversavam me levou a crer que certamente estariam organizando todos os preparativos para a realização da festa.

Os meus pensamentos rapidamente se voltaram aos boatos de que o Ad Salutem seria o presente especial dado durante o evento. Tinha conhecimento de que precisava vencer a prova se quisesse que o líquido precioso me pertencesse. Alegrava-me a possibilidade de ter algo que poderia manter a vida de Franco preservada.

A minha distração não me impediu de notar que Patrício aguardava Felipe em frente aos portões. O soldado se mostrou surpreso com a minha presença. Ele me cumprimentou gentilmente, fazendo um sinal para uns rapazes que se encontravam parados à porta do estábulo. Os garotos conduziram os nossos cavalos às baias.

Patrício seguiu em direção ao alojamento, conversando com um homem de fisionomia muito familiar. Recordei que aquele soldado estava presente quando fui atacada pelo bêbado. A cicatriz grandiosa em sua face havia me deixado muito impressionada. Durante dias fiquei imaginando como o soldado teria se ferido, talvez numa briga de bar ou quiçá em uma grande batalha.

Assim que nos aproximamos do alojamento, escutamos os gritos animados que arrebatavam de dentro dele. Ocorria uma disputa acirrada de queda de braços e não me

tomei por surpresa quando deparei com os competidores. Franco e Andreas, totalmente envolvidos pelo embate, nem notaram a minha chegada.

Patrício relatou que Andreas, durante toda a manhã, insistiu em comentários de que o príncipe Franco não era o mesmo de antigamente e que seria perfeitamente capaz de vencê-lo em qualquer categoria durante os jogos.

Segundo o relato curiosamente entusiasmado do soldado, o príncipe Franco se ofendeu com as insinuações impertinentes do príncipe Andreas e teria comentado que o irmão não seria capaz de vencê-lo nem mesmo em uma queda de braços. Após a explanação degradante, a balbúrdia se concretizou e os soldados começaram as suas apostas.

Franco dominava a disputa e apenas um momento de fraqueza fora suficiente para que Andreas fosse derrotado pela experiência de Franco. O rapaz, inconformado com a derrota, insistia em iniciar um novo duelo, porém o vencedor ignorava as suas reivindicações. Agarrou o jovem com uma força controlada pelo pescoço, beijando-lhe com firmeza a cabeça.

Franco ergueu as sobrancelhas com admiração assim que percebeu a minha presença no alojamento. Rapidamente juntou-se a nós, sustentando um sorriso perfeito, enquanto Patrício se afastava dando algumas orientações a um jovem soldado.

— Se a tivesse notado antes certamente teria perdido a disputa — ele repousou a mão em meu cabelo, beijando a minha testa.

— Estou imensamente feliz que não tenha me visto — expressei sorrindo. — Eu me sentiria muito culpada se perdesse o duelo para o seu irmão. Consegue imaginar o quanto Andreas lhe atormentaria por tal feito?

— Confesso que prefiro nem imaginar — Franco declarou, enquanto Andreas se aproximava de nós.

— Pelos Etéreos! — Andreas proferiu, beijando a minha mão. — Como desejei que aparecesse antes! A sua presença retiraria totalmente a concentração de meu irmão. Devo declarar que retiraria a minha também, mas certamente, ainda assim o venceria.

— Gostaria de dizer que foi muito divertido vê-los em combate — comentei com animação, sentindo os dedos de Franco entrelaçar os meus. — Sinto-me mais segura por habitar um reino protegido por cavaleiros tão fortes — ambos sorriram.

— Patrício! — o soldado então se aproximou. — Por favor, queira avisar a princesa Norah de que estamos com visita.

— Desculpe se lhe parecer inoportuno, mas adoraria conversar um pouco a sós com Norah; já faz algum tempo que não nos vemos — discorri, desejando aquele encontro muito embora não compreendesse por quê.

— Está pretendendo colocar as fofocas em dia? — Felipe questionou, esboçando um sorriso irritante.

— Ah... Querida Norah, o seu irmão me deu presentes tão lindos! — Nicolau modificava o tom de voz, fazendo uma péssima interpretação de mim. — Estou cada dia mais apaixonada por ele... — o garoto rodopiou, provocando gargalhadas em todos.

— Pretendo apenas diminuir a saudade — resmunguei.

— Patrício, acompanhe Liv até o castelo — Franco requestou, encarando o soldado, que nem pestanejava. — Depois, preciso que retorne com Lenói, imediatamente. Temos que discutir algumas pendências com relação aos armamentos. Felipe foi chamado ao castelo para conversarmos sobre o assunto.

Enquanto caminhávamos apressados, Patrício quase não me olhava; limitava-se a responder apenas ao que lhe era perguntado. Aproveitei a ocasião para esclarecer as dúvidas com relação à cicatriz do soldado.

— Lenói por acaso seria aquele soldado com a cicatriz? — interroguei, aguardando a resposta.

— Sim — ele respondeu breve.

— Saberia dizer como ele arrumou aquela marca tão grande? — inquiri, interessada.

— Salvando a vida do príncipe Franco — Patrício expôs, engasgando-se com a saliva.

— Quando Lenói salvou a vida de Franco? — repeti, com uma preocupação evidente.

— O príncipe Franco comemorava na taberna o retorno de uma batalha bem-sucedida. Um homem aproveitou-se do descuido da escolta e tentou ferir mortalmente o príncipe. Lenói percebeu o ataque e colocou-se na frente. Ele acabou sendo ferido no rosto e no pescoço — Patrício discorreu, descrevendo o trajeto da cicatriz.

— O que aconteceu com o homem que cometeu a agressão? — proferi irritada.

— Com toda a confusão que se formou no lugar por causa do ataque, o desgraçado conseguiu escapar — ele narrou com furor. — Estávamos mais preocupados em cuidar de Lenói. Alguns soldados partiram em busca do sujeito, mas foi impossível encontrá-lo, pois a cidade estava muito movimentada por conta da festa da colheita.

— Compreendo — murmurei, assim que ele abriu a porta.

Patrício soube, por um dos empregados do castelo, que Norah repousava em seu quarto. Quis convencê-lo a todo custo de que não precisava incomodá-la, mas o soldado me garantiu que a princesa não ficaria aborrecida.

— Cheguei a pensar que nunca mais nos visitaria — ela disse com ânimo, ofertando-me um longo abraço.

Observei Patrício deixar o quarto apressado, buscando cumprir as ordens que Franco havia dado.

— Franco acha mais seguro que ele me visite no vilarejo — justifiquei a minha ausência. — Foi sugestão dele que eu visitasse menos a cidade.

— Gostou dos presentes? — ela indagou astuta, escovando os cabelos dourados.

— Adorei! — articulei com empolgação. — Franco me falou da sua participação na escolha. Devo lhe dizer que a senhorita tem muito bom gosto.

— Acredite... Você precisará ser a mulher mais bela durante os festejos dos jogos de Lanóvia — senti o corpo mais pesado depois daquele alerta. — Terá que ser a mulher mais esplêndida do baile.

— Por que precisarei ser a mulher mais bonita durante o período dos jogos? Estou ficando nervosa diante das suas

observações. Norah, será que poderia ser um pouco mais específica? — demonstrei certa aflição nos gestos descontrolados.

— Não me agrada nada discorrer sobre esse assunto com você, mas sinto que devo — ela observou, abandonando a escova sobre o toucador. — Alexia, a princesa de Duxia, estará presente em todo o período dos jogos e receio que precisará ter muita atenção durante a estadia dela aqui no castelo — engoli em seco quando escutei o nome.

Os meus olhos não modificaram o tom, pois não desejavam descobrir nenhuma linha das palavras que surgiriam no decorrer daquela conversa.

— O rei Adrian é o irmão mais velho de Alexia. Ele se trata de um poderoso aliado de Franco e, infelizmente, a família real de Duxia não poderia deixar de ser convidada para os festejos, muito embora Franco tenha considerado a possibilidade — Norah suspirou antes de prosseguir, demonstrando que o relato sobre o fato se agravaria. — A minha mãe gostaria de estreitar os laços entre Duxia e Lanóvia e ela acredita que Franco e Alexia poderiam contribuir muito na realização desse desejo — explanou ela, observando os meus lábios se contorcerem diante da notícia. — Compreende o que digo?

— Claro que sim! — afiancei, notando a tristeza me abater visivelmente. — Alexia é uma mulher interessante? — sentei-me, quase vencida, na cama.

— Devo admitir que sim — ela sussurrou com sinceridade. — Alexia consegue atrair todos os olhares.

— Conseguiria descrevê-la? — indaguei, sentindo que aumentaria o meu sofrimento.

— Bem... Alexia possui os cabelos pretos encaracolados, olhos negros como a noite e a pele belamente dourada pelo sol constante de Duxia — ela diminuiu o tom de voz. — Ela é muito sedutora, extremamente sedutora.

— Precisarei mesmo tomar muito cuidado... — ponderei, notando Norah sentar-se ao meu lado.

— Todo cuidado ainda é muito pouco! — ela confirmou. — Muito em breve, toda a família chegará a Lanóvia e eles ficarão hospedados aqui no castelo — Norah entortou os lábios. — Alexia e Franco ficarão muito próximos, o que facilitará bastante as coisas para ela.

— Os dois já tiveram algum tipo de compromisso? — sorvi a saliva que desceu arranhando minha garganta.

— Nada oficial... — suspirei sem disfarçar o alívio. — Existem alguns boatos, mas não posso lhe confirmar com precisão os fatos. Não fique tão apavorada; tenho certeza de que Franco a ama verdadeiramente — Norah tentava inutilmente me acalmar.

— Ah... Como se já não bastassem tantos conflitos pairando pela minha cabeça, agora preciso suportar mais esse — desabafei com certa irritação. — Ficarei transtornada por conta da chegada dessa mulher.

— Tantos conflitos? — ela perguntou, estreitando os olhos. — Está passando por algum problema? Pode falar comigo sobre o assunto. Somos amigas e estou pronta para lhe aconselhar.

— Não... Não existe nada de mais acontecendo no momento. Pelo menos nada que mereça ser discutido — sustentei a mentira. — Logo, tudo será resolvido; por enquanto veremos se os rapazes terminaram de abordar assuntos como armas e guerras.

Saímos em direção aos jardins do castelo, enquanto o meu pensamento não comportava outra palavra senão “Alexia”. Como aquela mulher seria? Quando chegaria a Lanóvia? O que ela faria por Franco?

Franco, Andreas e Felipe estavam sentados em volta de uma pequena mesa redonda. Naquele momento, gargalhavam porque Nicolau lhes contava mais uma de suas muitas aventuras.

Franco admirou-me, erguendo uma taça como um sinal de aproximação. Sorri completamente sem graça; parecia difícil afugentar os sentimentos patéticos que pairavam em mim por causa da descoberta de Alexia.

Eu... Uma figura apática... Continuava parada na soleira de uma grandiosa porta, sentindo Norah me arrastar pela mão fria.

Franco nos observou aturdido, buscando entender o motivo da minha estranha reação.

— Vejam quem chega... O motivo legítimo da minha alegria — Andreas enunciou sorrindo, enquanto Franco percebia visivelmente a minha agonia. — Felipe, para mim não existe uma mulher mais bonita que sua irmã, porém devo dizer-lhe que ela não tem um bom gosto para escolher pretendentes — Felipe sorriu do comentário. — Tendo a mim como opção ainda preferiu o maldito do meu irmão. Sou

muito mais bonito, mais inteligente, mais gentil, mais corajoso...

— E mais mentiroso também — Norah o interrompeu e todos riram da observação.

— Teria mandado lhes chamar antes, mas a conversa até poucos minutos atrás não estava adequada — Franco informou, tocando a minha mão. — Andreas estava relatando as suas conquistas em detalhes — ele apontou gentilmente a cadeira vazia. — Aconteceu alguma coisa? — a sua voz sussurrou ao meu ouvido quando sentei ao seu lado. — Parece que algo está lhe incomodando bastante.

— Estou um pouco indisposta — disse, observando Norah me encarar desconfiada.

Analisávamos a movimentação dos soldados com a chegada de alguém ao castelo. Patrício concedeu a entrada do visitante com rapidez, extinguindo todos os questionamentos.

— Caio acabou de chegar ao castelo — Nicolau discorreu com sua voz tipicamente estrídula, enquanto apontava o rapaz que se aproximava.

Fiquei grata por Caio ter aparecido naquele momento. Ao me deparar com a sua figura, consegui de forma momentânea desviar meus pensamentos para algo que não fosse Alexia. Eu nunca o havia observado tão atentamente, porém inspecioná-lo havia se tornado necessário porque precisava afastar a lembrança que até agora há pouco me afligia.

Os olhos verdes combinavam de forma perfeita com a pele morena, o sorriso iluminado nos incitava a sorrir do

mesmo modo, o porte elegante parecia algo nato, fato curioso para um rapaz que nasceu num vilarejo simples. E aquela discreta arrogância em seu semblante poderia até ser considerada um charme.

O rapaz executou a reverência de costume aos três membros da realeza, mas os olhos repousaram persistentes sobre Norah. Os rapazes estavam tão ocupados com pilhérias sem importância que não foram capazes de perceber o que acontecia.

Caio respondia com uma fisionomia invariável ao que lhe era perguntado, no entanto o seu olhar permanecia voltado a Norah. Considerei que estivesse impressionado daquela maneira porque nunca tinha visto a princesa tão de perto.

Norah não esboçou nenhuma saudação, nem mesmo por gentileza. Compreendi que a princesa julgava o rapaz impertinente por fitá-la daquela forma insistente. Infelizmente, eu precisava concordar com a sua insatisfação, afinal de contas, Caio parecia ter se esquecido de quem ela se tratava.

— Felipe, será que podemos seguir de volta ao vilarejo?

— Caio murmurou com uma estranha pressa.

— Preciso lhes apresentar formalmente o meu amigo, Caio — Felipe emitiu, estendendo o braço em direção ao rapaz. — Por que tanta pressa em voltar ao vilarejo? — Felipe ironizou o comportamento.

— Tome uma taça de vinho conosco — Andreas apontou-lhe uma cadeira.

— Achei que Felipe quisesse voltar cedo para a vila... Nós viemos com Liv e poderá ser perigoso voltar muito tarde

para casa — Caio discorreu, sentando-se na cadeira completamente vencido.

— Meu irmão mandará uma escolta maior acompanhá-los — Andreas preveniu, solicitando ao empregado que servisse uma taça de vinho ao visitante.

— Caio, não consigo compreender a sua atitude neste momento — Nicolau considerou com controlado cinismo, como se tivesse notado a tensão. — Algo está lhe importunando?

— Definitivamente, não há nada de errado — Caio asseverou breve.

— Felipe nos disse há alguns instantes que o aguardava porque seguiriam juntos no retorno ao vilarejo. Segundo o seu amigo, ainda não havia retornado porque estaria resolvendo negócios em meu lugar preferido da cidade — Andreas relatou, sem enleio, expondo a teoria de Felipe. — A taberna!

— Aquelas meninas precisam da atenção de gente como nós, alteza — Caio mencionou com naturalidade, afirmando que realmente havia procurado o lugar. — Alguns rapazes que nos cercam não conseguem compreender que estamos oferecendo o que temos em nosso coração.

— Finalmente encontrei o parceiro perfeito! — Andreas pronunciou com empolgação, propondo um brinde ao rapaz. — Que mal pode haver em oferecer carinho, amizade e apoio àquelas meninas tão bem apessoadas e caridosas?

Todos riram da observação de Andreas, com exceção de Norah.

— Devo confessar que tamanha cumplicidade me traz certa preocupação — Franco examinou, inclinando o pescoço para trás.

— Esses rapazes são um perigo para a nossa sociedade — Felipe completou sorrindo.

— Coitadas daquelas pobres moças — Nicolau declarou em desconsolo, balançando a cabeça.

— Existem crimes bem piores — Caio sustentou sorrindo. — Por que não falamos de algum assunto mais interessante do que a minha estimada pessoa?

— Pela forma como o cavalheiro se comporta... Intimamente acredita que existe algo mais interessante no mundo do que o seu próprio umbigo? — Norah bradou, nitidamente irritada.

— Se por acaso fiz algo que desagradou vossa alteza, não foi minha intenção. Peço que perdoe esse humilde súdito — Caio proferiu com contido sarcasmo.

— Norah tem prazer em ser desagradável quando quer — Andreas repreendeu a atitude da irmã.

— Não preciso lhe perdoar de nada — Norah proclamou exaltada. — Para gente do seu tipo não existe absolvição — a sua voz soou como se Caio não tivesse importância. — O cavalheiro discursa sobre aquelas mulheres como se elas fossem objetos. Aquelas mulheres não estão morando naquele lugar por vontade própria. Certamente, estão ali porque passaram por alguma tragédia.

— Alteza... Não fui eu quem as coloquei lá — Caio enfrentava Norah sem nenhum temor. — Portanto, não poderá me considerar culpado pelas adversidades que se

abateram sobre elas! Se a nossa conversa não está do seu agrado talvez fosse melhor se retirar — ele manifestou, testemunhando a aprovação de Andreas.

— Que sujeitinho petulante! — Norah esbravejou. — Não lhe dei intimidade para que converse comigo nesse tom! — ela encarou o irmão mais velho. — Franco, faça alguma coisa!

— Norah, foi a senhorita mesmo que começou com as ofensas — Franco reprovava o comportamento da princesa. — Está sendo grosseira com o nosso convidado.

— Peço desculpas pela atitude inapropriada de minha irmã — Andreas disse, olhando diretamente para Caio.

Franco encarou severamente Norah, que deixou o jardim batendo os calcanhares com profunda indignação.

— Vou me certificar de que ela está bem — exprimi, seguindo rápido em direção ao quarto de Norah.

Caio apenas começara com o assunto porque fora incentivado por Andreas. O rapaz não tinha nenhuma intenção de ofender a princesa. Norah havia sido rude sem nenhum motivo aparente. Solicitei ao criado que anunciasse a minha presença. Por um momento, julguei que a sua irritação me impediria de entrar, mas felizmente me enganei.

— Quase não a reconheci — disse, sentando-me ao seu lado. — O que aconteceu para que assumisse um comportamento tão grosseiro?

— Aquele tal de Caio é um sujeito muito atrevido. Acaso não percebeu a forma como o sujeito me lançou olhares? — Norah continuava, inexplicavelmente aborrecida.

— Norah, os homens nos olham assim o tempo todo — justifiquei.

— Não para mim — ela respirou fundo. — Quem ele pensa que é? Encarou-me como se eu fosse uma daquelas mulheres com quem está acostumado a se divertir.

Norah levantou-se e caminhou até a sacada do quarto, provavelmente buscando observá-lo no jardim, enquanto eu discordava plenamente da sua última observação. Porém, compreendia que não adiantaria discutir o assunto.

— Aquele indivíduo é sempre assim? — ela pronunciou, virando-se para mim.

— Assim como? — questionei sorrindo.

— Impertinente, insolente, desaforado — ela discorreu, sem pausa.

— Um pouco atrevido, mas confesso que até gosto disso — expressei. — Norah, penso que Caio talvez ainda seja uma criança. Sabemos que os homens sempre amadurecem mais tarde — defendi o garoto, percebendo que ela estava mais serena. — Agora que está mais calma, voltarei com o intuito de explicar aos rapazes que tudo se tratou apenas de um mal-entendido.

Norah aceitou a minha decisão sem contestar. Ela permaneceu deitada de barriga para cima sobre a cama, sustentando uma fisionomia de tormento, provocado por aquele encontro. Voltei até o jardim procurando esclarecer que Norah não havia gostado da espontaneidade de Caio. Por esse motivo o seu comportamento foi tão agressivo.

Andreas insistiu que o rapaz fizesse a promessa de que retornaria outras vezes ao castelo. Definitivamente, o

príncipe parecia ter gostado muito das conversas que teve com Caio. Com animação, pediu desculpas, inúmeras vezes, por conta do procedimento inadequado da irmã.

Franco aumentou a escolta que nos acompanharia em nosso retorno para casa, mesmo depois de Felipe ter insistido que não existia a mínima necessidade. Apenas por uma questão de precaução, ele resolveu nos acompanhar pelo menos até a saída da cidade.

Quando estávamos próximos da estrada que nos levaria até o vilarejo, escutamos uma agitação muito intensa vinda da direção do comércio. Estava procurando manter-me bem apoiada ao cavalo quando uma mulher corpulenta atravessou o nosso caminho relatando que uma briga estava ocorrendo num bar por causa de uma dívida.

Ao escutar atenciosamente a narração dos fatos pela testemunha apressada, Franco seguiu rapidamente até o mercado, procurando por maiores esclarecimentos sobre a confusão. O seu interesse na resolução do caso impediu que ele nos proibisse de acompanhá-lo e a nossa curiosidade talvez fosse grande demais para fingirmos que não tinha acontecido nada.

Os galopes dos cavalos ecoavam pelas ruas estreitas. Vez por outra, alguém diminuía o ritmo apenas com o propósito de evitar acidentes.

Assim que encarei a responsável por provocar toda a confusão no mercado, e meus olhos, vividamente confusos repousaram sobre aquela figura jovial que resmungava ininterruptamente, compreendi de imediato que não existia

em seu pensamento a intenção de causar um problema de tamanha magnitude.

Desci do animal com cuidado, amarrei as rédeas com força na tentativa de evitar que o meu cavalo escapasse e fui diretamente ao bar onde o transtorno ainda se alardeava numa proporção sem tamanho.

Uma águia deu um voo rasante enquanto atravessávamos a porta de entrada do local. O movimento ágil do animal determinou o disparar do meu coração, como se aquele fosse um anúncio de que os problemas de maiores proporções ainda nem haviam começado.

pelos ares

Ainda houve tempo de presenciar um prato de barro pairando no ar até se espatifar pelo chão.

Franco adentrou o bar sustentando uma expressão de total domínio da situação, enquanto os soldados buscavam a todo custo controlar a confusão entre as pessoas que estavam presentes dentro e fora do estabelecimento.

A moça que fora alvo da desordem encontrava-se aprisionada por três guardas do exército. Espantava-me observá-los porque, mesmo sendo tão, aparentemente, mais fraca, a tarefa de contê-la parecia extremamente complicada.

Os olhos, numa tonalidade acastanhada, direcionaram-se com fúria a Franco. O cabelo encaracolado exibia um tom de vermelho primoroso; os fios volumosos se agitavam por conta da sua insistência em escapar das mãos firmes dos soldados. As narinas se abriam com intenso ódio diante da circunstância desfavorável em que se encontrava.

— Qual o motivo de tamanha desordem? — Franco questionou a um dos soldados que agarrava a moça.

— Parece que essa agitadora comeu um bom pedaço de queijo, tomou um pouco de mingau, serviu-se de pão à vontade, mas queria deixar o mercado sem pagar pelo que havia consumido — o soldado esclareceu, parecendo nervoso.

O dono do estabelecimento aproximou-se com certo pavor recobrando a sua face.

— Quando eu disse que ela precisaria pagar pelo que consumiu ou então chamaria os soldados... Não gosto nem de recordar o que ocorreu... — o homem revelou, com o suor escorrendo pela testa. — Acho que essa moça fez alguma espécie de bruxaria porque os objetos, de uma forma inexplicável, começaram a sair do lugar, voando em todas as direções. As canecas, os pratos, as facas voaram por todos os lados. Os meus fregueses correram assustados tentando se proteger, todavia alguns deixaram o local um pouco machucados.

Quando vasculhei os pensamentos do comerciante descobri o quanto ele havia exagerado no quesito “machucados”.

Franco apreciou com grande reprovação a moça que ignorava totalmente a evidente autoridade que ele exercia sobre as pessoas que permaneceram no local.

— Como se chama, moça? — Franco inquiriu austero.

— Eu me chamo Jazilyn — ela repontou, encarando o dono do estabelecimento com antipatia. — Prazer em conhecê-lo — um sorriso de sedução, ensaiado, apareceu.

— As bruxarias são proibidas em Lanóvia — Franco sustentou o rigor, ignorando o sorriso. — Os feitiços podem levar diretamente à prisão aqueles que insistem em praticá-los.

— Eu não sei do que esse velho está falando — ela expressou ríspida. — Não fiz bruxaria nenhuma por aqui. Não sou bruxa! — ela proferiu, com segurança.

— E como se explica toda a destruição? — Franco indagou mais sereno.

— Não se explica — ela disse, dando de ombros. — Talvez esse senhor tenha quebrado tudo de propósito apenas com o intuito de me incriminar.

— Essa louca está mentindo! — gritaram do lado de fora.

— Posso lhe garantir que não sou responsável por nada do que o gentil senhor está insistindo em lhe relatar — a voz surgiu com nuances de uma discreta ironia.

— Eu tenho muitas testemunhas de que algo sobrenatural aconteceu em meu comércio e todos viram que essa senhorita azucrinante está por trás de tudo! — o velho replicou aborrecido.

— O senhor por acaso pode provar que fui responsável por essa bagunça? — ela interpelou, segurando o riso. — Reconheço que estava faminta e não tinha nenhuma moeda para pagar pelo meu lanche, que, por sinal, posso lhes afirmar que foi a única refeição que fiz nesses últimos dois dias — ela inclinou um pouco o pescoço longo. — Imaginei que o senhor pudesse perdoar a minha dívida, no entanto parece que não se fazem mais cavalheiros como antigamente...

Caio não conseguiu segurar a gargalhada diante da observação da garota. Os risos incontrolláveis contaminaram Nicolau, que acabou por receber uma cotovelada de Felipe para se recompor.

— Estou caminhando há vários dias — ela elucidou, parecendo exausta, tornando impossível não se compadecer da situação. — Escapei, por muita sorte, das mãos dos

acarianos. O rei Hesdras me mantinha prisioneira sem que tivesse cometido crime algum; não imaginam como foi difícil fugir do calabouço.

— Por que resolveu vir para Lanóvia? — Franco indagou penalizado.

— Porque me contaram que a tirania do príncipe daqui é um pouco menor que a opressão de Hesdras — ela declarou, sem imaginar que falava com o suposto tirano. — A minha viagem tem sido um verdadeiro tormento.

Jazilyn desabafou honestamente, incomodando-se com a situação desconfortável de encontrar-se presa nas mãos vigorosas dos soldados. O gesto fez com que Franco emitisse a ordem para soltá-la.

— Fui surpreendida por salteadores, que levaram as poucas moedas que me restavam. Procurei por trabalho assim que cheguei a Lanóvia, mas parece que as pessoas não se interessam em ajudar mulheres sozinhas.

Escutava o relato realmente impressionada com aquela moça. Ela possuía uma energia diferente. Por um breve momento, enxerguei um círculo à sua volta; parecia algo num tom de azul acinzentado ou seria esverdeado?

Mesoetérea? — concebi no minuto em que o círculo desapareceu. Recordei que não possuía concentração suficiente para conseguir a confirmação.

Percebi que Jazilyn não impressionara somente a mim. Observei que a sua presença também causava impacto nas outras pessoas, que a analisavam com um pouco mais de atenção. As palavras pronunciadas pelos seus lábios finos soavam como um feitiço espantoso, no entanto sabia que

ela não estava mentindo quando disse que não era uma bruxa.

— Devia ter pedido ao dono do lugar algo que matasse a sua fome; não custava nada ter explicado a ele que não tinha como pagar pelo lanche. A sua conduta não foi a mais apropriada — Franco a repreendia, enquanto ela permanecia cabisbaixa. — Imagine como esse senhor teria prejuízos se alguns moradores de Lanóvia resolvessem tomar uma atitude parecida com a sua?

— E quem pagará pelos estragos? — o velho berrou amofinado.

Franco retirou um punhado considerável de moedas do bolso e colocou em cima do balcão.

— Por conta do seu comportamento inadequado, precisarei tomar algumas providências — Franco advertiu com severidade.

— Um momento, por favor. Parece que a moça já teve problemas demais — explanei, intercedendo pela garota. — Acredito que no momento não convém nenhuma punição severa. Algo me diz que Jazilyn não cometerá um erro como esse novamente, não é mesmo? — ela confirmou com um sinal afirmativo de cabeça. — Franco, permita que a jovem siga o seu caminho sem lhe causar maiores transtornos.

— Por acaso disse Franco? — Jazilyn indagou com admiração, observando a confirmação da pergunta. — Então estou diante do príncipe Franco... O “Príncipe Sem Coração”? — ela sorriu internamente. — Não me parece tão severo como disseram, sem falar que é absurdamente mais bonito do que descreveram — estreitei os olhos com ciúme

da ressalva. — A partir de agora, darei menos atenção às opiniões alheias.

— Jazilyn... Não receberá uma punição mais rigorosa porque Liv tem razão quando diz que já enfrentou adversidades demais para chegar aqui... Sem falar que não tenho provas concretas de que o acontecimento foi provocado por você — Franco disse, com excessiva cordialidade. — Como pagamento pelo seu lanche, limpará toda a bagunça.

— Limparei a desordem com todo prazer, alteza — Jazilyn aceitou sorrindo.

— Também gostaria que soubesse que as suas explicações não me convenceram nem um pouco e que estarei de olhos bem abertos para a senhorita — Franco completou as observações.

Franco resolveu permanecer no local até que a garota concluísse o serviço. Apenas por uma questão de garantia, comentei com Felipe que não retiraria os meus pés do lugar até que a punição chegasse ao fim.

Em cada gesto desconfiado que Jazilyn manifestava, tornava-se evidente que ela estava escondendo algo. Como poderia ser explicado o fato de as coisas simplesmente voarem pelos ares?

Em alguns momentos, parecia que existia algo nela que a aproximava de mim. Por um breve segundo, tive a nítida impressão de que ela também pensava da mesma forma. Vez por outra, ela direcionava um olhar de cumplicidade em minha direção.

Assim que a garota terminou o ofício muito bem desempenhado, o velho vestido verde que ela usava havia adquirido alguns tons de acinzentado por conta da poeira. Educadamente, a moça desculpou-se com Franco por tê-lo chamado de tirano. Ele aceitou o pedido de desculpas e colocou algumas moedas em suas mãos finas sem que ninguém percebesse. Ela agradeceu a gentileza com um sorriso.

Em seguida, a moça desceu pela rua principal do mercado chutando uma pequena pedra que encontrou pelo caminho. Depois de alguns metros, ela inclinou o pescoço, defrontando-se com a mudança brusca do tempo. Os seus olhos se mantiveram fixos na águia que ainda sobrevoava o céu das redondezas.

— Estou com muita pena dessa moça — Caio enunciou, sincero.

— Tenho a impressão de que ela não tem onde repousar à noite — Felipe observou, subindo ao cavalo.

— O que será que aconteceu com os pais dela? — Nicolau expôs, identificando-se com aquela situação.

— Melhor que esqueçam Jazilyn por enquanto. Por favor, sigam rapidamente para casa antes que essa chuva desabe — Franco sustentava uma urgência em seu pedido.

As despedidas demoraram, contrariando o desejo de Franco. Ele se preocupava porque sabia que seguiríamos sem a escolta habitual, pois os soldados estavam tentando conter os tumultos formados após a confusão no bar.

Decidimos seguir depois que o ronco de um trovão brotou de uma nuvem cinza.

Franco subiu a ladeira íngreme que o levaria até o castelo, conduzindo alguns agitadores que seriam trancafiados no calabouço por uma noite, enquanto seguimos pelas ruas estreitas.

Compreendemos que não adiantaria aumentar a velocidade do galope, pois seríamos afetados pela chuva de qualquer maneira. As primeiras gotas começaram a cair quando chegamos à estrada. Os cavalos pareciam não se incomodar com a água, ao contrário de Nicolau, que reclamava o tempo inteiro da camisa molhada, que definia, contra a sua vontade, o contorno das suas costelas.

— Parece que tem alguém caminhando pela estrada — Caio observou, avistando um vulto um pouco distante.

O “alguém” olhou para trás por conta do barulho provocado pelos cascos dos cavalos.

— É a garota da confusão... Jazilyn — Nicolau atentou, apertando os olhos.

— Felipe, será que não poderíamos convidá-la para passar pelo menos essa noite em nossa casa? — indaguei.
— Ela poderia dormir no galpão.

— Liv... — o meu nome surgiu num tom de repreensão. — Nem conhecemos a garota. Não sabemos quem ela é de verdade — o meu irmão desaprovava a possibilidade. — O que sabemos é que ela esteve presa em Acária, mas não sabemos porque o rei Hesdras mandou prendê-la.

— Sei que Jazilyn é completamente inofensiva. Estou lhe garantindo isso — afirmei, para que ele entendesse que eu tomava a atitude baseada numa intuição etérea. — Seria muito cruel deixá-la na estrada entregue a toda essa chuva,

ao frio ou a coisas bem piores. Sabemos de todos os perigos que se escondem por trás dessas árvores — insisti.

— Realmente seria muito desumano de nossa parte — Nicolau comentou, incentivando o convite.

— Está bem... Está bem... Convide-a para passar a noite, mas saiba que ficarei de olho nela — ele informou, impaciente.

Adiantei o meu cavalo com uma velocidade descomunal, buscando a aproximação.

— Jazilyn, para onde pretende ir? — questionei, enquanto ela me olhava com um sorriso amistoso.

— Estou sem destino algum! — ela respondeu, ainda mantendo o sorriso esplendoroso.

— Estava conversando com meu irmão... — articulei, olhando para trás. — E nós decidimos convidá-la para passar a noite em nossa casa. O convite seria do seu agrado?

— Claro que sim! — ela expressou, com entusiasmo. — Eu passaria a noite por aqui mesmo. Na verdade, procurava um lugar pela floresta onde pudesse me acomodar, mas confesso que estou muito feliz e aliviada com o seu convite.

— Então suba na carroça, porque ainda falta um bom pedaço de terra até chegarmos ao vilarejo — expliquei, vendo a sua correria para atender ao meu pedido. — A propósito, eu me chamo Liv.

Jazilyn assumiu um semblante de conforto por saber que teria abrigo pelo menos por aquela noite. Chegamos ao vilarejo quase ao anoitecer. Felipe entrou em casa com a

finalidade de explicar a meu pai sobre a visitante. Por conta disso, a jovem ofereceu-se para cuidar dos cavalos.

Caio lançou-me um olhar de quem precisava ter uma conversa.

— Caio... Deseja falar-me algo? — perguntei, alisando a crina do animal antes de entregar as rédeas nas mãos de Jazilyn.

— Bem... A princesa... Norah... — ele balbuciava, enquanto Jazilyn entrava no estábulo.

— O que tem Norah? — indaguei, caminhando até a entrada da casa.

— Eu a ofendi tão profundamente assim? — ele expressou, carregando um pouco de culpa.

— A princesa acha que sim, mas não fique tão temeroso. Norah possui um grande coração; creio que logo esquecerá o ocorrido — esclareci, numa clara tentativa de acalmá-lo.

— Eu não estou temeroso! — ele não imaginava que eu reconhecia a verdade por trás daquelas palavras. — Pouco me importa a opinião daquela mimada. A princesa começou as ofensas... Por isso teve o que mereceu — ele mordeu os lábios. — Gostaria que os *Insurrectos* colocassem o plano em prática. Eu faria questão de tomar conta dela apenas para vê-la implorar por sua liberdade.

— Seria uma atitude muito madura de sua parte! — falei com sarcasmo. — Não adianta sonhar com isso porque os *Insurrectos* não levarão esse plano infame adiante. Encontre outra maneira de se aproximar dela — alfinetei.

— Não tenho qualquer interesse em manter contato com uma pessoa tão desagradável como a princesa Norah — ele

resmungou, seguindo na direção de casa.

— Caio, como tem passado? — escutei a voz de Luna saudá-lo.

— Luna, já tive dias bem melhores — ele murmurou irritado, enquanto Luna fazia uma cara de espanto.

— Ainda bem que está aqui! — emití com ânimo suficiente para que ela ouvisse.

Luna correu até a varanda, visando escapar da chuva que agora aumentara a intensidade.

— Hoje mais cedo, estive no castelo e Norah me falou que existe uma princesa, uma princesa de nome Alexia, que é completamente apaixonada por Franco... — exagerei por conta da aflição. — E o pior de tudo isso... A rainha Sophia faz muito gosto dessa união...

— Liv... Que péssima notícia... Qual é a opinião do príncipe sobre a questão? — Luna retrucou com interesse.

— Não tive coragem de falar sobre o assunto — confessei, esfregando as mãos com ansiedade. — Descobri que a rainha Sophia aprova o relacionamento dele com essa Alexia. Isso me causou um pavor enorme, então preferi me calar.

— O príncipe Franco a ama perdidamente; ninguém por aqui tem qualquer dúvida disso. Precisamos apenas ficar de olho nessa tal de Alexia, pois não queremos que ela faça alguma maldade para separá-los, como a maldita da Malena fez comigo e Felipe — ela mencionou, num tom de advertência.

Luna notou Jazilyn deixando o estábulo.

— Quem é aquela garota? — ela perguntou, intrigada.

— O nome dela é Jazilyn — elucidei, respirando fundo. — Fique como minha convidada para o jantar que lhe explicaremos como ela acabou vindo parar aqui.

Felipe apareceu na porta de entrada e não foi preciso vê-lo para chegar à conclusão, pois os olhos de Luna revelaram o exato momento em que meu irmão apareceu.

— Jantará conosco? — ele questionou, esperando um sim como resposta. — Eu mesmo poderia levá-la para casa depois do jantar.

Luna balançou a cabeça afirmativamente, enquanto Jazilyn expressava aos berros que havia terminado o trabalho no estábulo.

Aproveitei a entrada na cozinha para beber um pouco de água e apresentei a garota a Ama. Deixamos o meu pai incumbido de contar aos outros os detalhes sobre a súbita aparição da jovem.

— Jazilyn, gostaria de tomar um banho? — indaguei, entrando em meu quarto.

— É o que mais preciso no momento.

Entreguei em suas mãos algumas toalhas e apontei o final do corredor, permitindo que a convidada se banhasse primeiro. Depois do banho notei que Jazilyn sustentava um semblante descansado, porém ainda vestia o mesmo vestido verde coberto de poeira.

— Jazilyn... Pode trocar de roupa ali — apontei o pequeno biombo um pouco atrás da porta. — Possui alguma roupa limpa? — interroguei, olhando a pequena sacola de linho que ela transportava.

— Devo admitir que não — ela proferiu, envergonhada. — Dentro da minha sacola estão as moedas que o príncipe gentilmente me ofertou, dois vestidos imundos que alternei durante a viagem e um par de meias muito sujas.

— Não precisa se preocupar — discorri naturalmente, fazendo com que ela se sentisse mais à vontade. — Tenho certeza de que no armário existe alguma coisa que caberá em você — sorri, abrindo o modesto armário. — Sou um pouco mais magricela, mas possuo um vestido que lhe servirá perfeitamente — ela sorriu diante da minha insatisfação com a magreza. — Ama fez para mim no ano passado, mas errou nas medidas. Ela bem que queria consertá-lo, no entanto confesso que o guardei na esperança de um dia poder usá-lo.

Retirei do fundo do armário a caixa que continha o vestido num tom de rosa pálido. As mangas eram bordadas num tom de rosa mais vivo e a faixa branca na cintura conferia à peça certo encanto.

Jazilyn caminhou até o biombo, trocando de roupa com uma rapidez invejável. O vestido não lhe coube de maneira impecável, pois as mangas ficaram um pouco apertadas, mas isso seria imperceptível à maioria dos olhos distraídos.

— Está linda! — anunciei, para vê-la abrir um sorriso. — Lavaremos os seus vestidos assim que o tempo melhorar. Eu falarei com Luna e Jimena; elas são minhas amigas e tenho certeza de que devem ter alguma coisa que sirva em você.

— Está sendo tão gentil comigo... — ela murmurou sincera, sentando-se na cama. — Por isso sinto que preciso

lhe contar tudo ao meu respeito — encarei-a com uma expressão carregada de curiosidade. — Bem... Para início de conversa, eu fui adotada por meus pais acarianos. O meu pai me encontrou no monte Kapta, nos arredores de Acária. Ele disse que era um dia chuvoso e que eu chorava muito porque estava faminta.

— Parece que sempre foi gulosa! — analisei, aliviando a atmosfera triste e recebendo um sorriso em troca.

— O meu pai me levou para casa. Ele não podia precisar por quantos dias me encontrava abandonada naquele lugar, portanto achou que o melhor a fazer seria me manter aquecida e bem alimentada para que não adoecesse — ela sofria ao reviver as lembranças. — A minha mãe ficou extremamente feliz com a minha chegada. O casal possuía apenas um filho, que já era rapaz, e a possibilidade de um ter bebê em casa foi muito revigorante.

— Então não sabe quem são os seus pais verdadeiros? — indaguei.

— Não! — ela respondeu firme. — As pessoas que me criaram carregavam uma certeza... Eu sou filha de um Etéreo.

Jazilyn estreitou os olhos com a revelação, enquanto sorri aliviada com a confirmação.

— Então lhe digo que sou filha de um Etéreo e age como se esse fato fosse algo perfeitamente natural? — ela indagou surpresa. — As pessoas que menos me ofenderam quando lhes revelei a verdade me chamaram de amaldiçoada, isso porque estavam bem-humoradas.

— Continue, por favor — pedi breve.

Jazilyn continuou sem entender o meu conformismo diante da revelação.

— Os meus pais tiveram essa certeza quando recebi a minha espada de presente — ela disse, caminhando até a janela. — A arma apareceu misteriosamente sobre a janela do quarto em que eu dormia.

— A arma possuía algo de especial? — questionei com pressa. — Por isso concluíram que fosse uma mesoetérea?

Jazilyn levantou um pouco o vestido, retirando de dentro de suas botas velhas o cabo de uma espada, cravejado com diferentes pedras deslumbrantes.

— O que isso lhe parece? — ela interpelou, caminhando até o saco que carregava e removendo as meias sujas; provavelmente pensava em lavá-las.

— O cabo de uma espada — respondi, dando de ombros. — A lâmina fora destruída durante a fuga dos acários?

Jazilyn atirou uma das meias imundas para o ar. A meia pairou até finalmente se dividir ao meio diante dos meus olhos incrédulos. As partes caíram uma de cada lado sobre o assoalho do quarto.

— O que... O que aconteceu por aqui? — inquiri, gaguejando. — Será que poderia explicar como conseguiu dividir a meia em dois pedaços se não existe uma lâmina?

— Aos seus olhos a lâmina não existe, mas para mim é diferente, basta que eu deseje para que a lâmina surja como magia — ela revelou, sob o meu olhar atento. — Aos olhos de todas as pessoas a lâmina é invisível, porém consigo enxergá-la perfeitamente, o que torna a espada bastante poderosa em minhas mãos — ela divulgou,

enfiando os dedos nos cabelos embaraçados. — Algumas vezes tentaram roubá-la de mim.

— Hulter tentou roubá-la de você — garanti convicta, alcançando a escova na penteadeira.

— Como sabia que Hulter tentou retirar a espada de mim? — ela interrogou com uma rigidez nos músculos da face.

— Porque Hulter também tentou retirar o meu arco — aclarei sem rodeios. — A minha arma produz flechas a partir de qualquer objeto ou coisa.

— Então está querendo me revelar que também é uma mesoetérea! — ela exclamou animada, guardando a espada de volta na bota; estiquei a escova em sua direção. — Não consegui enxergar a sua aura.

— Concentração, querida Jazilyn! — expliquei.

Jazilyn passou alguns segundos com os olhos focados em mim, depois atravessou a escova em seus cabelos brilhantes.

— Agora posso vê-la nitidamente... A sua aura é tão brilhante, num tom perolado! Poderia ser um tom mais discreto — ela sorriu. — Por isso tive a sensação de que possuíamos alguma semelhança... Tem alguma ideia de quem a colocou no mundo?

— A Etérea Híndria — respondi breve. — Sou filha das ventanias!

— Que fantástico! — ela proferiu expressiva. — Infelizmente o meu pai ou a minha mãe nunca se comunicou comigo. Nem mesmo recebi qualquer explicação para o fato de ter sido abandonada no monte Kapta — ela

descreveu cabisbaixa. — Não sei qual o motivo que levou o meu pai ou mãe de verdade a me deixar naquele lugar morrendo à míngua.

— Quem sabe um dia consiga esclarecer tudo — ponderei, observando o seu ânimo melhorar. — Quando estávamos na cidade, disse que o rei Hesdras mandou prendê-la... Por que ele fez isso? — indaguei, com o objetivo de esclarecer melhor os fatos.

— Não demorou muito para que todos na região notassem que eu era diferente — ela repontou, voltando-se ao meu lado. — A minha habilidade começou a surgir sem que eu percebesse. Bastava que alguém me irritasse para que fosse atingido de forma misteriosa por um prato, copo ou pedra. Os meus pais me aconselhavam a controlar a minha natureza intempestiva, mas confesso que era difícil executar o pedido. Os boatos se espalharam por toda a Acária. Todos sabiam que existia outro mesoetéreo na região.

— Existe outro mesoetéreo em Acária além de você? — investiguei, aguardando a sua resposta.

— Exatamente — Jazilyn enunciou, enquanto passava a mão em seu pescoço com apreensão. — Devon... Esse é o nome dele! Liv... O garoto é a personificação da maldade. A aura do sujeitinho é muito negra! Para início de conversa, ele é filho de Hulter — ela comunicou, notando que os meus olhos extravasaram de agonia.

— Isso mesmo, filho de Hulter com uma acariana chamada Leonora, que é prima distante de ninguém menos que o rei Hesdras. Acaso consegue imaginar que tipo de

pessoa surge da união de Hultar com alguém que possui a mesma linhagem do rei Hesdras? — ela suspirou profundamente.

— Prefiro nem imaginar!

— Devon é um rapaz sinistro... Apavorante... Ameaçador... Contudo, estranhamente bonito. Um dos rapazes mais fascinantes da região, mas posso lhe garantir que o sujeito é desprezível, detestável, execrável — Jazilyn contava cada característica nos dedos, demonstrando que conhecia bem o rapaz. — Eu não tenho dúvidas de que Devon conduzirá o rei Hesdras ao lado norte de Hans.

— Então Devon sabe sobre o medalhão? — disse, notando que a chuva havia diminuído.

— Por que acha que vim para cá? — ela murmurou sorrindo. — Assim que o rei Hesdras descobriu a minha existência, fez com que os soldados acarianos invadissem a minha casa com o objetivo de me sequestrar — os seus olhos se encheram de lágrimas. — O meu pai tentou me defender da invasão, mas foi covardemente assassinado pelo rei. A minha mãe morreu alguns dias depois de tanta tristeza e o meu irmão foi preso. Destruíram a família que eu tanto amava — uma lágrima escorreu pelo seu rosto. — O meu irmão ainda está em Acária, não consegui encontrá-lo durante a fuga, mas sei que muito em breve retornarei para resgatá-lo.

— Mas, afinal, por que Hesdras mandou prendê-la? — inquiri, quase sem fôlego.

— Hesdras não tem interesse em deixar os mesoetéreos livres porque sabe que nós possuímos a permissão para

ingressar no mundo oculto — Jazilyn respondeu, balançando fervorosamente a cabeça. — Todas as informações sobre os mesoetéreos são precisamente passadas para Hesdras por meio de Devon, por isso o malvado rei teve conhecimento de que a chave que pode nos levar àquele lugar está em nossas mãos — ela ergueu a mão direita um pouco acima da cabeça. — Como se não bastasse, completando a corja da maldade, está o conde Trevor, que se aliou a Hesdras na luta pela metade do medalhão.

— Não é a primeira vez que escuto o nome do conde Trevor — afirmei, esfregando as mãos com angústia.

— O conde Trevor tem seus próprios interesses — ela replicou circunspecta. — Se os mesoetéreos que estiverem ao lado do Escolhido forem aprisionados, a vitória se tornará mais certa para o conde Trevor e para os acarianos.

— Claro — expressei, recuperando a vitalidade. — Se o rei Hesdras aprisionar todos os mesoetéreos que possivelmente lutariam ao lado do bem, seria praticamente impossível que Franco alcançasse o mundo oculto.

— Isso mesmo, garota — ela atestou, com graça. — Além de Devon, sei que existem outros de nós ao lado do rei Hesdras — ela exprimiu, adquirindo a sua leveza habitual. — Se estivesse em seu lugar, tomaria muito cuidado, porque, com certeza, Hesdras já tomou conhecimento da sua existência e sem dúvida tentará prendê-la, exatamente como fez comigo.

— Parece que as coisas estão se complicando a cada dia... — expus.

— E ainda ficarão bem piores — ela intensificou o meu comentário. — Desculpe-me pela indiscrição, mas possuo muita intimidade com o príncipe Franco. Por acaso teria algum compromisso?

— Por acaso teria algum interesse nele? — questionou, enciumada.

— De forma nenhuma — ela replicou rápido. — O príncipe Franco é um homem charmoso, mas muito bonzinho; não é um tipo que me atrai — sorri da observação.

— Não temos um compromisso oficial, no entanto nos amamos muito — comentei, satisfazendo a curiosidade. — Para permanecer ao meu lado, Franco precisará desistir da ideia de ser rei.

— Que desagradável! — ela exclamou. — Odeio as convenções sociais que nos cercam; são tão castradoras — ela murmurou sincera. — Mas se não se importar, gostaria de retornar à sala. Talvez o jantar já tenha sido servido e o meu estômago está ansioso para provar o tempero de Ama.

Deixamos o quarto seguindo em direção à sala. Assim que expliquei que Jazilyn também era uma mesoetérea, todos em nossa casa respiraram mais aliviados.

Durante o jantar caprichado daquela noite, Nicolau fez questão de narrar o quanto a princesa havia odiado Caio. Felipe não dava qualquer atenção ao garoto, tamanha era a sua fixação em cada gesto produzido por Luna. Jazilyn, por sua vez, partia para o segundo prato, encorajando Liana a comer um pouco mais.

O verde reluzente das ervilhas não desviou os meus pensamentos de Alexia. Precisava saber quais eram as suas

intenções quando chegasse a Lanóvia. Decidi, ainda durante o jantar, que me transportaria até Duxia com o objetivo de descobrir qualquer pista com relação aos planos da minha rival.

Com a desculpa de que estava totalmente dominada pelo cansaço, pedi perdão a todos e fui para o meu quarto. Fechei os olhos, concentrando-me em meu único objetivo: transportar-me precisamente ao castelo onde a princesa Alexia vivia.

Escutava todos os meus ossos estalarem por conta da energia absurda que precisei resgatar. As minhas órbitas observavam a minha fluidez sendo comprometida por causa da distância entre as cidades. Experimentava a sensação desagradável de batimentos descontrolados. Decidi cerrar os olhos por um tempo maior, pois queria amenizar o transtorno causado pelo desprendimento.

Ao abrir os olhos novamente, concluí que, mesmo diante de tantas dificuldades físicas, havia conseguido realizar o meu tão planejado feito. Encontrava-me em frente a um grandioso portão de uma cidade que com certeza não era Lanóvia.

Atravessei a imensidão de ferro e madeira sem precisar abri-lo. Julguei o ato divertido e ao mesmo tempo espantoso. Peregrinei pelas ruas escuras, porém bastante movimentadas para o horário. A cidade não parecia tão grande quanto Lanóvia, mas era deliciosamente agradável.

Um vento determinou o golpear dos meus cabelos em minha face.

— Liv, retorne agora mesmo — Híndria falou em desagrado.

Um raio riscou o céu bem à minha frente, chamando a atenção de algumas pessoas que frequentavam uma espécie de mercado central.

— Pode ser muito perigoso afastar-se tanto do seu corpo — escutei Zarion ao longe, enquanto persistia naquele caminhar.

— Não deve utilizar os dons para atender às suas necessidades — Híndria contestou, aumentando o tom de voz.

— Estou apenas me preparando para a batalha — repliquei irônica.

— A sua atitude demonstra que não está preparada para ajudar o príncipe Franco a proteger o medalhão — utilizar o nome de Franco era muita covardia. — Não deve empregar o seu dom para interferir em seu destino. Estou profundamente decepcionado com esse comportamento inadequado — Zarion expressou, me fazendo parar.

Os ventos me ajudaram a atravessar um belo campo de lírios, deixando-me testemunhar sozinha a transformação dos raios em Zarion. Um brilho transcendental faiscou sobre os meus olhos encantados.

— Zarion... Os Etéreos se apaixonam? — ele admirou surpreso o imediatismo da pergunta.

— Sim — ele respondeu atônito. — A sua existência, por exemplo, é a prova de que os Etéreos realmente se apaixonam.

— Já amou alguém, Zarion? — aquela conversa era interessante. Queria encontrar argumentos que permitissem o meu encontro com Alexia naquela noite.

— Quanta curiosidade! — ele replicou, afastando-me da cidade e deixando para trás todas as minhas intenções.

— Zarion, por favor, responda-me! Já amou alguém? — insisti.

— Hum... Sim — ele respirou fundo.

— A moça era mortal? — indaguei, encarando as estrelas.

— Prefiro não falar sobre esse assunto agora — Zarion pronunciou, parecendo desconfortável. — Preciso que prometa que nunca mais se arriscará dessa forma.

— Prometo — aludi, cruzando os dedos por trás das costas.

— Agora feche os seus olhos calmamente e, quando abri-los, estará em segurança dentro do seu quarto.

Obedeci à ordem de Zarion e, quando me dei conta, estava em meu quarto presenciando Felipe lutando com desespero pelo meu despertar.

— Liv... Nossa, me assustou! — ele declarou, mais aliviado. — Desculpe-me por tê-la acordado, mas precisava falar com você — Felipe ficou em silêncio por míseros segundos. — Eu beijei Luna — gargalhei de felicidade, saltando em seu pescoço.

— Eu sabia que isso acabaria acontecendo! — expressei com animação. — Então reataram o compromisso?

— Nada de compromisso por enquanto. Luna ainda não conseguiu me provar a sua inocência — ele proferiu firme. — Ela estava ali à minha frente tão linda... Percebi o quanto

ainda a amava e, mesmo contra a minha vontade, os meus dedos tocaram os seus cabelos macios.

— Luna tem muita sorte por ter o seu amor — murmurei com ânimo, segurando as suas mãos. — Acredite em mim, vou ajudá-la a encontrar a verdade.

— Eu preciso acreditar que sim — ele assentiu, beijando a minha cabeça.

— Por acaso Luna conversou com você sobre a festa da Celebração da Chegada das Summerwitchs? — perguntei, notando que os dois conversaram sobre o assunto.

— Ela falou comigo que a celebração está se aproximando — Felipe disse, esticando os braços. — Os homens não são bem-vindos nem mesmo durante os festejos, por isso sei que não poderei participar.

— Não tinha conhecimento desse detalhe tão importante... — avaliei tristemente por imaginar que os rapazes não poderiam participar dos festejos.

— Talvez o nosso pai nem permita que você participe dessa festa — Felipe advertiu.

Jazilyn adentrou o quarto, procurando pelo seu merecido descanso. O fato de ela ser mesoetérea inviabilizava uma hospedagem no galpão. A partir daquela noite, Ama passaria a dormir no quarto com Liana.

— De que festa estão falando? — Jazilyn interrogou, sentando-se na cama ao lado.

— É sobre uma festa realizada na tribo de Sinaia — respondi. — Ela acontece para relembrar a chegada das bruxas de Summerwitchs na tribo. Durante os festejos

acontecem provas, nas quais se recebem presentes... Em geral, coisas fantásticas.

— Nós vamos a essa festa, não é mesmo? — Jazilyn cogitou, observando que Felipe não estava contente com a empolgação.

— Felipe acabou de me contar que o festejo na tribo de Sinaia não permite a entrada de homens — relatei, entortando os lábios. — Não sei se o meu pai consentirá que eu participe do evento.

— Bofetada! Plaft... Plaft — Jazilyn descreveu, balançando a mão direita e simulando um tabefe no ar. — Que decepção!

— O nosso pai terá toda razão se não permitir — Felipe comentou, tomando a direção da porta. — Imaginem uma festa sem o comparecimento dos soldados, sem os rapazes do vilarejo, sem a minha presença... Liv ficaria muito vulnerável aos inimigos. — Felipe conjecturou, carregado de inquietação, deixando o quarto.

— Será que o seu pai não vai deixá-la ir? — ela supôs, bocejando.

— Não sei... — suaves nuances de silêncio invadiram o quarto; depois de um tempo completei: — Existe algo que desejo muito e só terei se participar dos festejos.

— Do que se trata?

— Amanhã conversaremos um pouco mais sobre o assunto — comentei, notando que os olhos de Jazilyn piscavam de fadiga. — Vou deixá-la descansar agora; afinal de contas, sei que passou por maus bocados nesses últimos dias.

— Não imagina o quanto! — ela respondeu, ajeitando-se embaixo dos lençóis.

Houve tempo apenas para uma saudação de boa noite e, no momento seguinte, a minha nova amiga ressonava.

a madrugada

Um enorme campo coberto de grama molhada por gotas de chuva que acabaram de cair. Um vestido branco completamente encharcado envolvia o meu corpo pálido. A água do dilúvio ainda fluía sobre o meu cabelo, penetrando em minha pele fria, o que provocou um intenso arrepio. Testemunhei o descompassar do meu coração.

— Experimentarei a percepção incômoda de sentir a sua mão tocando o meu braço com cobiça — a voz que invadia os meus ouvidos simplesmente me paralisava; procurei permanecer de costas para não encará-lo.

Lutei inutilmente com a energia que extraía de dentro de minha alma, buscando afastá-lo; no entanto, a minha mão frágil foi sucumbida pela força inabalável de suas mãos; os dedos firmes passeavam por cada pedaço de mim, enquanto permanecia imóvel sentindo o seu lábio repousar sobre o meu pescoço.

Inteiramente embriagado pelo meu cheiro, ele permitiu que seu corpo fraquejasse. Compreendi que aquele parecia o momento do ataque. Assim que o toquei o sangue escorreu pelos meus dedos. Intimamente, vibrava pelo sofrimento descrito em cada gota que jorrava do seu peito. Pantor finalmente caiu aos meus pés.

Continuei a caminhar, perdida em um imenso vale. O sangue em minhas mãos desaparecera totalmente. Não

exibia qualquer traço de arrependimento. Visualizei ao longe, Estêvão solitário, próximo a uma montanha escura. O meu melhor amigo implorava por uma aproximação, porém uma tempestade violenta não me permitia alcançá-lo. Testemunhei o desabar do seu pranto inconsolável quando o líquido vermelho, precioso, embebeu a sua camisa. O meu coração queimou de tanta consternação por ser observadora daquela aflição. Por algum motivo, precisava abandonar Estêvão, e assim foi feito.

As chuvas tempestuosas me guiaram até um monte descomunal, onde nunca estivera antes. Encarei a figura de uma mulher majestosa sustentando um olhar triunfante. Enxergava o medalhão em suas mãos cintilantes como diamantes, enquanto enxergava o corpo de Franco coberto pelo sangue vivo aos seus pés.

O ar faltou completamente em meus pulmões. Os meus gritos estridentes acordaram toda a casa, fazendo com que Felipe e meu pai entrassem no quarto preocupados.

— Liv... Ei... Foi apenas um pesadelo! — Jazilyn tentava abrandar a minha inquietação, enquanto se sentava em minha cama.

— Acordei assustado, porque achei que alguém havia invadido a casa — Felipe murmurou, sentando-se em uma cadeira.

— Felipe... Tudo pareceu tão real... Eu podia senti-lo tocar em mim... — disse, levantando-me coberta de lágrimas.

— Quem a tocava? — Jazilyn interrogou, esfregando os olhos enquanto ignorava a pergunta.

— Foi apenas um pesadelo, minha filha — meu pai colocou a mão sobre o meu ombro.

— Não me pareceu um pesadelo comum, foi uma espécie de aviso... — afirmei, engolindo em seco. — Precisamos seguir até a casa de Estêvão imediatamente.

— Acaso ficou louca? — Felipe berrou. — Caso não tenha notado, já entramos pela madrugada!

— Se não me acompanhar seguirei sozinha — assegurei, vestindo uma capa pendurada atrás da porta. — A decisão é sua — pressionei. — Porque não dormirei até me certificar de que Estêvão realmente está bem — discorri convicta.

— Ah... Então esse é o motivo de tanto desespero? Certificar-se de que Estêvão está bem? — Felipe proferiu, com ironia.

— Quem é Estêvão? — Jazilyn perguntou, sonolenta. — Será que poderia responder à minha pergunta pelo menos dessa vez?

— É o meu melhor amigo — respondi de imediato. — Não foi apenas com Estêvão que sonhei, no entanto ele parece ser o único que posso ver nesse momento.

— Minha filha... — meu pai falou carinhosamente. — Não me parece conveniente ir à casa de Estêvão tão tarde.

— Não adianta tentar me convencer, pois não se trata de conveniência — declarei, deixando o quarto e partindo em direção à rua. — Preciso ter certeza de que tudo está realmente bem.

— Espera, Liv... Eu irei com você — Felipe falou, contrariado.

Felipe alcançou uma tocha acesa na varanda da casa e caminhamos a passos largos em direção à casa de Estêvão. As ruas da vila estavam completamente desertas. Vez por outra, o meu irmão abria a boca, fazendo questão de anunciar o seu sono, enquanto o estado de alerta persistia em mim.

Com agilidade, subi os pequenos degraus da escada, enquanto Felipe se deteve no meio da rua fazendo um sinal para que eu prosseguisse sozinha. Insistentemente, bati à porta. Depois de muitas tentativas, escutei uma voz familiar que me mandava aguardar.

— Os Etéreos estão sendo muito generosos comigo — Caio articulou, abrindo a porta enquanto terminava de vestir a camisa. — O que deseja golpeando com tanta aflição a porta da minha casa a essa hora da noite? Um passeio romântico pela madrugada?

— Diga-me onde Estêvão está — expressei com desconforto, por temer uma interpretação equivocada.

Antes mesmo que Caio pudesse me responder, Estêvão surgiu na sala totalmente surpreso com o fato de eu procurá-lo em plena madrugada.

— Eu tive um pesadelo horrível. Eu pensei que fosse real — esclareci, com a voz embargada. — Estêvão, o seu corpo estava coberto de sangue...

— Foi apenas um pesadelo! — ele pronunciou tranquilo. — Estou muito bem, como pode ver; não existe necessidade para tamanha agonia — ele esticou o pescoço, encarando o lado de fora. — Não está sozinha, não é mesmo?

— Felipe está do lado de fora, envergonhado com a minha atitude descontrolada. Peço desculpas aos dois pelo meu comportamento tão inoportuno, mas não conseguiria esperar amanhecer para ter notícias suas — olhei para Estêvão.

— Por mim, não existe problema algum... Não é todo dia que uma mulher maravilhosa arranca-me da cama com tanta impetuosidade — Caio murmurou, lançando um sorriso.

— Sara sempre diz que os nossos sonhos querem nos revelar algo.

— Nem tudo o que Sara fala deve ser levado tão a fundo — Estêvão replicou, guiando-me até uma cadeira.

Ele ainda conversou comigo por um tempo, buscando restabelecer a minha calma. Em seguida, me acompanhou com gentileza até a porta. Os seus olhos encararam Felipe, que ergueu os braços acima do peito, com desdém, demonstrando que não havia compactuado com a minha decisão.

Fiz o caminho de volta até a minha casa carregando uma certeza em meu peito: aquele pesadelo era uma espécie de aviso. O meu coração, naquele momento, era habitado apenas pelo medo de perder as pessoas que tanto amava.

Olhando o silêncio da noite, busquei me concentrar somente em coisas que me trouxessem um pouco de paz. O meu irmão caminhava cada vez mais rápido. Tornou-se até engraçado vê-lo desejar tanto a sua a cama.

Felipe colocou a tocha de volta na varanda, entrando rapidamente. Permaneci do lado de fora, respirando um

pouco de ar fresco para acalmar meus pulmões. Talvez tivesse sido melhor ter entrado, pois visualizei ao longe alguém que não me agradava.

Ele surgiu de um enorme arbusto, sorrindo com atrevimento e caminhando sem qualquer receio até o local onde eu estava. Decidi encarar os seus olhos com mais proximidade, pois reconhecia que da sua boca escaparia apenas coisas que não pairavam em seus pensamentos. No entanto, assim que o enfrentei descobri que estava redondamente enganada.

— Parece que não fui o único que não conseguiu dormir nas redondezas — ele observou, com certo cinismo.

— E o que lhe fez perder o sono? — questionei, de forma estupidamente delicada, desejando que os meus olhos estivessem no tom habitual.

— Não seria muito tarde para uma dama caminhar pelas ruas? — ele expressou, ignorando a minha pergunta.

— Como se o cavalheiro se importasse comigo — ironizei, aumentando a problemática daquele diálogo. — Pantor, gostaria que deixasse a vila imediatamente — disse, num tom de ameaça.

— Os soldadinhos do seu príncipe não estão aqui para oferecer-lhe proteção — ele lembrou-me petulante.

— Por mais estranho que pareça, acredite, sei me defender sozinha — esbravejei visivelmente irritada. — Os soldados do exército têm mais com que se ocupar, além do mais, basta um clamor de minha parte e todos os homens de bem da vila aparecerão com o propósito de exterminar a sua raça.

— Nossa... Estremeci de tanto temor! — ele murmurou, aproximando-se ainda mais.

— O que faz na vila em plena madrugada? — perguntei, admitindo temer a resposta.

— Eu precisava vê-la — ele revelou, notando o meu espanto. — Tive um pesadelo com você; depois disso não consegui dormir novamente... Faria uma vigília se fosse necessário até conseguir falar com você, mas fui surpreendido pela sua beleza invadindo a madrugada — ele enunciou irônico, fazendo com que ignorasse o comentário.

— Pesadelo? — indaguei, impressionada com o motivo que o levara até vila. — Que tipo de pesadelo?

— Um pesadelo em que a minha vida acabava por suas mãos — ele informou, sem nenhum traço de medo.

— Não precisa ficar impressionado — sorri involuntariamente. — Foi apenas um pesadelo. Não reconheço nele qualquer motivo que justifique tanta angústia a ponto de levantar-se no meio da noite galopando até o vilarejo... Não tenho pretensão de acabar com você, pelo menos por enquanto.

Arrisquei me distanciar partindo em direção à varanda, mas, com rapidez, Pantor me segurou pelo braço.

— Em meu pesadelo, antes que o seu objetivo fosse alcançado... Você foi inteiramente minha! Devo confessar que seria prazeroso morrer dessa forma — ele considerou, com provocação.

— Provavelmente, o meu irmão ainda deve estar acordado. Acho que talvez seja mais adequado deixar a vila

agora mesmo — resmunguei, sentindo o calor da sua pele naquela madrugada fria.

— Por que não desfaz o que fez? — ele inquiriu, ficando tão próximo que podia experimentar a vivacidade dos seus gestos.

— O que acha que fiz para você? — sussurrei.

— Desfaça o feitiço maldito que lançou sobre mim — ele reclamou, enquanto recordava que Franco carregava a mesma impressão no início.

— Posso lhe assegurar que não fiz feitiço algum — expus, sentindo a sua mão acariciar meu rosto.

— Eu nunca conseguirei lhe fazer mal, não é mesmo? — ele avaliou, visualizando a minha tristeza, que lutava para disfarçar.

— Eu também não quero fazer mal a você — ponderei, com os olhos marejados. — Por favor, precisa ir embora — implorei.

Pantor observava atentamente a minha face com uma expressão indecifrável. Ele não abrangia se eu sustentava um semblante preenchido de amor ou aversão. Contrariamente ao que poderia ser esperado, Pantor temia a mim muito mais do que deveria. Não esbocei nenhum movimento, pois receava por alguma atitude impensada da parte dele.

A sua mão passeou pelas ondas dos meus cabelos, deslizando lentamente pelas minhas costas. Ele aconchegou-se bruscamente ao meu corpo trêmulo de pavor, beijando com intensidade a minha testa. Os meus olhos cerraram-se, considerando absurda aquela maldita

aproximação. No momento seguinte, o seu longo nariz declinou pelo meu pescoço suavemente. A minha pele gélida experimentava o alento com que ele absorvia a fragrância que o meu corpo exalava, buscando ansiosamente guardá-la para sempre em sua memória.

Existia amor verdadeiro derrotando aquele coração. Ouvia a sua respiração ofegante num combate constante para esconder as suas emoções, no entanto compreendia que aquele sentimento era mais forte, tão profundamente forte que poderia lhe custar a vida.

Pantor cobiçava com toda força afrontar aquele desejo; aspirava com todas as energias afastar-se daquela vontade de ser tão desesperadamente meu. Em seus olhos brilhantes como pérolas negras desenhava-se o desejo de parar o tempo.

O meu silêncio permitiu que por ínfimos segundos ele pertencesse ao meu mundo, contra o meu desejo. Continuava munida de quietude porque não ansiava desperdiçar palavras; não adiantaria resistir ao despertar do meu ímpeto maligno. A crueldade com que fora mordida fazia com que provasse daquele veneno amargo, ressalvando repetidamente de que precisaria dele se quisesse permanecer viva.

O seu corpo se distanciou, provocando o cessar da minha culpa. Respirei aliviada quando apenas os seus dedos longos delinearam o contorno da minha face. Um sorriso afetuoso possibilitou o entusiasmar da madrugada. Pantor seguiu pelo imenso vazio noturno enquanto a minha mente se convencia de que fora apenas um delírio.

— Nossa! — a voz dela quebrou o silêncio. — Uau... O que foi que aconteceu por aqui?

— Jazilyn, por favor, sem gracinhas — impeli, passando as mãos em meus cabelos.

Armada com um genuíno exibicionismo, ela fazia uma caneca de argila levitar, sustentando o olhar azul acinzentado... Talvez amarelo... Ou seria verde?

— Um pouco de água para acalmá-la — ela ofereceu, depositando a caneca em minha mão. — Pensei que amasse o príncipe Franco.

Jazilyn sentou-se na escada.

— Jazilyn... — berrei irritada, vendo-a erguer as mãos. — Eu amo Franco perdidamente. Amo. Amo. Amo — bradei, para que não restassem dúvidas.

— Esse que é o tal do Estêvão? — ela indagou, levantando o pescoço e observando-me sentar ao seu lado.

— Não — respondi exausta, bebendo a água.

— Outro pretendente? — ela interpelou, abrindo os olhos. — Que moça afortunada!

— Para que fique muito bem claro... — expressei impaciente, colocando a caneca sobre o degrau. — Estêvão é o meu melhor amigo e não um pretendente. Quanto a Pantor... Não conseguiria defini-lo nesse exato momento.

— Liv... Por um breve momento, achei que ele fosse beijá-la — ela disse, descrevendo o que observava. — O sujeito é muito bonito... E forte... E sedutor... Não sei como conseguiu resistir — ela considerou, apertando os olhos. — Confesso que ele precisaria fazer muito menos para que eu me atirasse aos seus pés.

Sorri, por conta do comentário sem cabimento dela.

— Para mim, não existe ninguém além de Franco — retorqui, notando o seu semblante alterar-se de suspeita para confiança. — Não posso explicar-lhe com clareza de detalhes o que presenciei aqui, mas posso lhe confirmar que o meu coração pertence a Franco — o olhar atencioso persistiu sobre mim. — Quando as noites são longas e a escuridão torna-se o único abrigo, é o amor que sinto por Franco que transporta o brilho que preenche a minha alma de felicidade.

— Convinceu-me que realmente ama Franco, porém esse tal de Pantor também a ama e a senhorita sente algo por ele — ela expôs, sem relevar novidades.

— Parece que sim — murmurei desanimada. — Quer dizer que a senhorita ficou observando os meus passos às escondidas?

Jazilyn sorriu diante do questionamento.

— Foi apenas uma coincidência — Jazilyn comentou. — Levantei com a intenção de beber um pouco de água. Olhei através da janela da sala para o lado de fora e deparei-me com aquele drama — ela estreitou os olhos novamente.

Quando decidimos voltar ao conforto de nossas camas, fomos surpreendidas por um barulho que brotava de um arbusto próximo à minha casa. O chacoalhar da planta determinou o meu rápido estado de alerta. Jazilyn colocou-se de pé sobre os últimos degraus da escada. A atmosfera nebulosa da madrugada preenchia o meu semblante de pavor.

Poderíamos procurar por segurança dentro de casa, no entanto a minha curiosidade excessiva jamais permitiria isso. Munida de alguma celeridade, dei alguns passos, sendo acompanhada por Jazilyn. Inclinei o meu tronco para a frente, esperando pelo pior... Bruxas, kanítoras ou talvez outra investida de Hulter.

— Estou achando fantástico esse efeito provocado pelo barulho numa madrugada tão aconchegante, mas será que a pessoa por trás do ruído poderia se manifestar? — Jazilyn denotou jocosa, buscando disfarçar o pânico.

O arbusto balançou de maneira ainda mais fervorosa, no entanto o responsável pelo evento não saiu detrás dele.

— Quem está por trás desse arbusto? — clamei com receio.

— Não permaneceremos a madrugada inteira apenas aguardando a sua boa vontade de se apresentar — Jazilyn provocou, colocando-se bem próxima do arbusto.

Um pouco mais de movimento e em seguida ouvimos uma voz melodiosa:

— Não posso deixar o arbusto — ele exprimiu, quase inaudível. — As minhas roupas foram roubadas na estrada.

Naquele momento, detestei que a minha curiosidade superasse a minha razão. Corri quase reflexamente ao interior da casa vasculhando o cesto de roupas sujas, buscando por algo que coubesse no estranho misterioso.

— Estão sujas! — pronunciei, voltando para junto de Jazilyn. — Mas foi o melhor que pude arrumar — lancei as roupas em direção ao arbusto.

— Estou imensamente agradecido — ele declarou, quase como um sussurro.

Começamos a ficar desconfiadas porque a voz harmoniosa estava demorando tempo demais para alguém que precisava apenas vestir uma calça e uma camisa.

— Qual o problema, hein? — Jazilyn expôs em voz alta, sem titubear. — Está demorando tempo demais para vestir-se com algo tão simples.

— Por acaso as roupas não couberam? — indaguei, com preocupação.

— Receio... Que talvez seja melhor que não me vejam — ele advertiu sutil.

— De forma nenhuma! — contestei, com os olhos arrebitando de curiosidade. — O cavalheiro nos relatou que fora assaltado; nós lhe arrumamos uma roupa; agora precisa se apresentar de maneira adequada.

— Foi a senhorita quem pediu... — ele disse, perspicaz.

Jazilyn deu alguns passos para trás, exatamente como eu fiz. Tínhamos o mesmo pensamento. Se por acaso o homem tentasse nos atacar estaríamos mais próximas da entrada da casa.

A criatura que apareceu diante de nossos olhos era realmente espantosa. As características humanas sobressaíam-se expressivas em sua face lívida, os lábios finos estreitaram-se buscando disfarçar o sorriso diante da nossa perplexidade, enquanto a mandíbula bem marcada movia-se pela incerteza da nossa reação.

Uma brisa leve soprou, agitando os caracóis loiros em sua cabeça. Os fios imediatamente resplandeceram,

iluminando a madrugada. As mãos firmes seguravam a camisa, procurando dominar o desconforto que aquele momento lhe provocara. Assim que encarei as grandiosas asas atrás de suas costas, concluí por que o desconhecido não queria deixar o arbusto.

— Eu não vou machucá-las — os olhos verdes me fitaram. — Não existe a mínima possibilidade de vesti-la, mas mesmo assim muito obrigado pela gentileza — ele anunciou, entregando-me a camisa.

— Esperamos sinceramente que a parte em que disse que não nos machucaria seja mesmo verdadeira — Jazilyn analisou com temor, ao encarar o rapaz forte à sua frente. — Não posso acreditar no que vejo! — ela alegou admirada.

— Será que poderia se apresentar? — perguntei, disfarçando a hesitação, no intuito de diminuir o seu desconforto.

— Claro que sim — ele respondeu, gentil. — Eu me chamo Eike. Sou da cidade de Hita, no entanto faz um bom tempo que não apareço naquele lugar.

— Como pode ser humano e ao mesmo tempo possuir essas asas enormes? — Jazilyn interrogou com expressão confusa, vislumbrando as asas, que pareciam nuvens flutuantes em suas costas.

— Estão preparadas para ouvir a minha história? — ele demandou, mostrando os dentes perfeitos.

Balançamos positivamente a cabeça.

— Na cidade de Hita havia rumores de uma moça que possuía muita semelhança com a Etérea Híndria — ele me encarou, por enxergar em mim a mesma semelhança. —

Diziam que o Etéreo Kiarnos escolhera a moça para ser sacerdotisa e, na Casa do Fogo, não era permitido que ninguém se aproximasse dela — ele narrou, recordando o passado. — Digamos que sempre fui um rapaz com inclinação às coisas inacessíveis. Aquela situação me provocava um desejo muito intenso de encontrar a moça. Certo dia, após o fim do ritual, permaneci escondido, buscando um contato com ela.

— Devo confessar que apreciei bastante a sua atitude — Jazilyn comentou, expondo a sua aprovação. — Quem os Etéreos pensam que são? Por acaso acreditam que podem comandar as nossas vidas? — ela argumentou ressentida, golpeando o ar. — Foi muito corajoso da sua parte desobedecer a uma imposição de Kiarnos.

— Não diria que fui corajoso, diria que fui, no mínimo, estúpido — ele murmurou, com arrependimento. — Nós passamos a nos encontrar dentro da própria Casa do Fogo, mas Kiarnos descobriu o nosso romance secreto — ele aclarou cabisbaixo. — Furioso, aplicou-me uma maldição. Eu passaria os dias como uma águia e à noite retornaria à minha forma humana, porém as minhas asas permaneceriam para lembrar-me de que não se deve desafiar um Etéreo. Os humanos não devem desafiar as forças da natureza.

— Existe alguma forma de desfazer o castigo? — mencionei penalizada.

— Alguns feiticeiros que procurei durante as peregrinações que fiz disseram que existem possibilidades de reverter a maldição — ele respondeu, levando as mãos

aos cabelos cacheados. — Por isso estou aqui em Lanóvia. A cura para a minha maldição está no lado norte de Hans, precisamente dentro do mundo oculto.

— Quem disse que deveria nos procurar? — Jazilyn indagou, adquirindo calma novamente.

— Na verdade... — ele ficou incerto se deveria prosseguir. — Tenho acompanhado a senhorita pelos caminhos desde que deixou Acária — Eike esclareceu, sendo totalmente atingido pela insatisfação de Jazilyn.

— Que insolente... Estava me seguindo? — ela berrou furiosa.

— Seguindo-a não! Acompanhando-a — Eike se explicou de maneira bastante convincente. — Percebi que era mesoéterea desde a primeira vez que a vi; afinal de contas, a senhorita gosta muito de exhibir-se por todos os lugares em que passa — sorri diante da explanação convincente. — Preciso de um mesoetéreo se quiser ter a chance de alcançar o mundo oculto — ele olhou para Jazilyn completando. — Não se trata de nada pessoal.

— Agora as coisas estão mais esclarecidas — ela bufou, com irritação.

— As senhoritas não vão se apresentar? — ele interpelou com a voz doce, tendo os seus olhos fixos em suas asas.

— O meu nome é Liv; a minha amiga irritadiça chama-se Jazilyn — repliquei de maneira amistosa, porque reconheci que os pensamentos de Eike estavam repletos de sinceridade.

— Liv, existe uma semelhança muito grande entre você e a tal moça sacerdotisa de quem lhe falei — ele comentou,

enquanto as asas sacudiram-se lentamente. — Tenho certeza de que Kiarnos ficará muito impressionado quando a conhecer.

— Também sou mesoetérea — confirmei sem ressalvas, porque senti que podia confiar naquele rapaz de semblante amigável. — Sou filha de Híndria. Espero que Kiarnos, a personificação do Fogo, não queira me manter prisioneira por causa disso.

— Contam por aí que Kiarnos sustenta uma paixão arrebatadora por sua mãe — ele expôs, aparentando exaustão.

— Deixemos os Etéreos um pouco de lado — proferi, sem saber se me arrependeria pelo comentário. — Vou providenciar algo para matar a sua fome, enquanto Jazilyn seguirá até o quarto em busca de cobertores. Passará o resto da noite no galpão. Amanhã conversarei com meu pai e com meu irmão sobre a possibilidade de mantê-lo hospedado por aqui — encarei o semblante cauteloso de Jazilyn. — Caso não saiba, o medalhão ainda não manifestou a energia necessária; portanto, ainda aguardaremos mais um tempo antes de entrarmos no mundo oculto.

— Serei eternamente grato pela acolhida — ele disse com entusiasmo.

— Kiarnos não gostará nada desse acolhimento — Jazilyn anunciou, seguindo com o propósito de alcançar a entrada da casa.

— Os Etéreos não são oniscientes — ele comentou. — Somente a Força Divina possui onisciência. Se tivermos um

pouco de sorte talvez Kiarnos nunca descobrirá que estive hospedado por aqui.

Realizamos tudo como havíamos planejado. Eike entrou no galpão para descansar o resto da madrugada. Jazilyn me acompanhou inquieta no retorno ao quarto. Escutei-a repetir dezenas de vezes que talvez não tivéssemos feito o mais correto, oferecer guarida a alguém que desafiou Kiarnos. As coisas se tornaram mais complexas quando a garota considerou a possibilidade de o Etéreo ser o seu pai, mesmo não possuindo qualquer indício disso. Jazilyn narrou com detalhes o desapontamento imaginário do seu suposto pai quando descobrisse que a própria filha ajudou alguém que o profanara.

Sem que Jazilyn percebesse, eu possivelmente a ouvia, mas certamente não a escutava. Encontrava-me tão apavorada com situações muito mais conflitantes, assombrada por todos aqueles fantasmas da madrugada que agora resistiam intensos dentro da minha alma.

Enquanto deitava exaurida em minha cama, as palavras de Pantor persistiam em minha mente. Olhava as linhas das minhas mãos, reconhecendo que o destino dele repousava nelas, no entanto não sabia se estava pronta para concretizá-lo.

Quando o sol despontou no céu, apressei-me em contar ao meu pai sobre o visitante. Caminhei até a cozinha relatando ao meu irmão que a águia que se encontrava no galpão era um amigo recente.

Meu pai reclamou durante algum período sobre as invasões dos visitantes em nossa casa. Pouco tempo depois,

compreendeu que aquilo se fazia necessário. Os tempos de guerra se aproximavam e qualquer ajuda seria bem-vinda.

Discutimos durante toda a manhã se seria viável a nossa ida até a tribo de Sinaia para participar da festa de Celebração da Chegada das Summerwitchis. Diversos argumentos foram utilizados, até que finalmente conseguimos convencer meu pai e Felipe de que estaríamos protegidas durante os festejos na tribo. O meu irmão, felizmente, reconheceu que aquelas mulheres estavam preparadas para qualquer tipo de ataque.

Ainda foram necessários alguns dias até que Nicolau se acostumasse com a águia que residia no galpão. Era difícil controlar a sua ansiedade toda vez que o animal se apoiava sobre o ombro do rapaz atrapalhado. No que dizia respeito em relação a mim, Jazilyn e Felipe aquilo se tornara algo totalmente habitual.

Em uma das visitas de Franco ao vilarejo, contei-lhe em detalhes a tragédia que havia se abatido sobre a vida de Eike. Ele observou-me paralisado por infinitos minutos, até contrapor que seria quase impossível aceitar com bons olhos todas aquelas coisas sobrenaturais acontecendo à nossa volta. Ele ainda repetiu por milhares de vezes o quanto odiava aqueles eventos, fazendo questão de ressaltar o alívio que sentia com o fato de que eu era uma mesoetérea normal. Evitei o seu olhar, considerando que seria melhor ficar distante dos seus pensamentos por tempo indeterminado.

Aproveitei uma daquelas oportunidades e comentei sobre a Festa de Celebração da Chegada que ocorreria na tribo de

Sinaia. Franco demonstrou resistência à ideia da minha participação, mas após algum tempo aceitou os meus argumentos, comentando que enviaria alguns soldados com o objetivo de assegurar pelo menos o nosso trajeto até a tribo.

Os dias passavam cada vez mais rápidos. Eike e Jazilyn ajudavam em todas as tarefas da casa ou do galpão. Os nossos amigos do vilarejo tomaram conhecimento da existência deles por meio de um encontro na cabana dos *Insurrectos*.

Os rebeldes ficaram impressionados com as grandiosas asas de Eike e com a beleza estonteante de Jazilyn.

Jazilyn colocou como ponto principal durante o encontro que os ideais da rebelião deveriam ser deixados momentaneamente de lado, tudo por conta da necessidade de algo muito maior, a busca pela metade do medalhão.

Os rapazes concordaram com a explanação da garota, contanto que me compromettesse a discutir as necessidades do grupo com o príncipe Franco assim que tivesse oportunidade. Seria muito mais fácil conversar sobre a rebelião, afinal ele era definitivamente um homem diferente agora.

Aquele momento levou-me a refletir se Franco, que sempre fora tão acostumado a conquistar, a desbravar, a decidir, apresentaria coragem suficiente para deixar tudo nas mãos de outro?

Enquanto os rapazes expunham todos os seus propósitos, concebia que seria extremante difícil acreditar que isso seria possível. Franco ainda era um homem de muitas

responsabilidades, carregava sobre os seus ombros o peso de ser responsável por todos os povos que havia conquistado.

Possivelmente a decisão estivesse mesmo em minhas mãos, talvez precisasse ter um pouco de consciência e não permitir que ele abandonasse tudo por minha causa. Franco e eu pertencíamos a mundos completamente opostos; a única coisa que nos unia e que nos transformava em iguais era o amor incondicional que sentíamos um pelo outro.

Um novo dia havia começado a se apresentar quando retornou à minha memória a madrugada em que tive o pesadelo. Parecia complexo aceitar a incoerente ligação que existia entre mim e Pantor.

A águia pousou na balaustrada da varanda. Desejei que Eike estivesse em sua forma humana, pois precisava desabafar sobre a complexidade dos sentimentos que me cercavam. Jazilyn não seria a pessoa mais indicada para confiar segredos tão inconfessáveis e Luna havia partido para a cidade mais cedo. Esqueci um pouco dos meus problemas e, quando dei por mim, a noite chegou, esfriando a casa.

Encarei Jazilyn sentada na sala fazendo um conserto numa calça de meu pai, que serviria como vestimenta para Eike. Fui à cozinha disposta a ajudar Ama a terminar a sopa de abóbora.

Após o jantar, seguimos até o galpão com um prato de sopa para Eike. Àquela altura da noite, o nosso amigo de asas encontrava-se devidamente vestido com uma calça num tom marrom envelhecido.

Depois da noite passada, em que Eike precisou cobrir-se com um monte de palha do pequeno celeiro, decidimos espalhar calças por todas as partes, evitando que o rapaz passasse por certas dificuldades.

— A sopa está deliciosa — Jazilyn comentou sobre um dos assuntos que mais apreciava.

Eike estendeu a mão, alcançando o prato que fumegava. Estiquei o braço, conjecturando que mesmo depois de tantos dias as asas ainda impressionavam.

— Quando pretendem dar um passeio pela cidade? — ele interrogou, engolindo um pouco da sopa quente.

— Por quê? — indaguei, arrastando um banco e sentando-me ao seu lado em seguida. — Está precisando de alguma coisa?

— Estou precisando encontrar algumas explicações dentro da Casa da Luz — ele respondeu, equilibrando o prato de sopa na mão.

— Que tipo de confirmações? — Jazilyn inquiriu, apoiando os cotovelos sobre a mesa ao centro do galpão. — Qual reposta acredita que encontrará quando for à casa de Uno?

— Uma feiticeira me revelou que a sacerdotisa mais antiga de lá poderá esclarecer melhor as minhas dúvidas quanto à quebra da maldição — ele repontou, bebendo mais um pouco de sopa. — Não posso fazer nada de errado se quiser livrar-me dessas asas!

— Se acredita que poderá encontrar as respostas de que necessita seguindo até a Casa da Luz, então assim que passar o período da festa de Celebração da Chegada nós iremos — prometi.

— Preciso que me façam esse favor — ele disse, abaixando o prato de sopa. — Como águia eu não poderia me comunicar com ninguém e em minha forma humana certamente todos deixariam o local correndo.

— Nem todos! — comentei.

— Será que na Casa da Luz existem respostas para todas as perguntas? — Jazilyn questionou, retirando os cotovelos da mesa.

— Por acaso estaria imaginando se os sacerdotes podem descobrir quem seria o responsável por você? — cogitei, enquanto os dois permaneciam em silêncio. — Claro... Talvez eles saibam uma forma de encontrar a resposta para a incógnita.

Escutei Luna e Felipe conversando na varanda da casa. A quietude no galpão permitiu que compreendesse que ela havia levado um bolo de laranja com o intuito de que eu experimentasse. Entendi, com perfeição, a parte em que ela implorava para que meu irmão não comesse todo o meu agrado. Continuei onde estava porque a harmonia em suas vozes revelava que os atrapalharia se fosse até lá reivindicar o meu pedaço. Agradei por Jazilyn estar tão dispersa; certamente a garota seria a primeira a deixar o galpão por conta do bolo.

— Quando a maldição for quebrada, pretende voltar a Hita? — interpelei, enquanto ele repousava o prato em cima da mesa. — Imagino que deva estar sentido muitas saudades da tal moça.

— Não pretendo regressar a Hita porque as lembranças daquele lugar ainda me causam muito sofrimento — ele

considerou, com os olhos inundados pelas lágrimas, que brilhavam como diamantes. — Quanto à moça, prefiro permanecer bem distante dela; não a amo perdidamente para arriscar o meu pescoço novamente.

— Pretende ficar aqui em Lanóvia? — Jazilyn demandou, voltando ao nosso mundo.

— Imagino que seja bem provável — ele declarou, recompondo-se enquanto passava os dedos disfarçadamente nos olhos. — Poderia fazer parte do exército do príncipe; teria alojamento, comida e uma ocupação digna.

— Jazilyn, o que pretende fazer depois que a guerra acabar? — indaguei, notando um ar de preocupação preencher o seu semblante.

— Espero, veementemente, que o rei Hesdras deixe a guerra pelo medalhão derrotado — ela conjecturou, num tom vigoroso, balançando os cabelos. — Depois disso, retornarei a Acária com o desígnio de resgatar o meu irmão da prisão — a possibilidade de concretizar o seu desejo suavizava o seu semblante. — Nós possuímos uma casa bastante aconchegante e uma boa propriedade por lá — ela respirou fundo antes de completar. — Certamente, continuaremos trabalhando na lavoura como fazíamos antes de o canalha destruir a nossa vida.

— Não quero nem pensar na possibilidade de o lado inimigo sair vencedor — expressei com nervosismo.

— Eles não sairão! — Eike asseverou, vendo-me deixar o galpão.

o renascer

Os dias que se seguiram foram completamente dominados por uma expectativa excessiva com relação ao dia da festa da Celebração da Chegada das Summerwitchs.

Intimamente, odiava considerar que existia a possibilidade de que meu pai exigisse a desistência de algo que julgava uma diversão, mas que para todas as outras pessoas se tratava apenas de correr sérios riscos.

Kira, a chefe da tribo de Sinaia, enviou uma mensageira comunicando a Luna todos os detalhes da festa. A animada moça enviada pela tribo exibia uma pele bronzeada e agitava os cabelos curtos enquanto divulgava o recado, inclusive fazendo questão de ressaltar que todas as amigas da ex-integrante da tribo eram bem-vindas.

Naquele dia tão especialmente aguardado, Franco chegou cedo ao vilarejo exatamente como eu esperava. A sua ansiedade por reconhecer que eu estaria participando de uma celebração onde ele não poderia colocar os pés o incomodava bastante.

As mulheres de Sinaia possuíam suas próprias regras e Franco, assim como os seus ancestrais, fazia questão de respeitá-las. Luna comentou, sob os olhares atentos de Felipe e de Franco, que a presença masculina não era aceita em rituais, nem em festejos, nem mesmo em funerais.

Durante quase toda a manhã ensolarada, o meu amor tentou demover de mim o desejo de participar da festa em Sinaia, porém os seus argumentos não foram suficientes para me desviar do meu principal objetivo: a poção.

— Tem certeza que deseja mesmo participar disso? — o tom amável da sua voz agitou o meu sangue. — Estou com tanto receio de deixá-la seguir sozinha para essa tribo...

— Não estarei sozinha — expressei, acarinhando o seu rosto macio. — Jazilyn e Luna estarão comigo. Não combinamos que alguns dos soldados ficariam por perto?

— Sim... — Franco perpetrou uma pausa angustiante, ostentando uma expressão preocupada. — Infelizmente, não acho que isso seja suficiente. Eu respeito as regras... Os nossos inimigos não.

— As mulheres de Sinaia são muito experientes com guerra — bati de leve em seu peito forte. — No caso de os inimigos tentarem qualquer coisa durante a Celebração da Chegada das Summerwitchs... Acredite... — interrompi de súbito, balançando a cabeça e erguendo as vistas para encará-lo. — Tenho quase certeza de que aquelas mulheres saberão como defender as mulheres que estiverem participando da comemoração.

Franco assumiu um semblante sereno depois que escutou as minhas palavras. A fisionomia magnífica determinou o estremecer das minhas pernas, principalmente quando fitei a cicatriz perfeita mover-se no canto dos lábios.

Sustentei um momento de resistência, pois não gostaria de sucumbir tão facilmente àquela entrega inevitável.

Apenas um sorriso e no instante seguinte afundava-me num beijo profundamente afetuoso.

— Hum... Hum — Felipe disse chegando à varanda. — Bom dia, príncipe Franco — o meu irmão recostou-se à balaustrada.

— Bom dia! — Franco respondeu corando.

— Concorda com a ideia de Liv seguir até tribo de Sinaia? — meu irmão indagou, ajeitando a espada na cintura.

— Em nenhum aspecto — Franco comentou, apoiando a insatisfação de Felipe.

— Precisam compreender que durante a celebração dos festejos Sara oferecerá um prêmio importantíssimo.

Caminhei com agitação pela varanda, enquanto a águia pousava no ombro de Felipe.

— A poção que será oferecida tem força suficiente para ressuscitar uma pessoa. Sei que existem diversas profecias feitas pelos sacerdotes a seu respeito — apontei diretamente para Franco. — Uma bruxa me disse que uma delas descreve claramente que você perderá a vida na batalha, portanto farei tudo o que estiver ao meu alcance para deixar a tribo com a poção em minhas mãos.

— Não quero que se arrisque por minha causa — Franco exprimiu sério, colocando os olhos de tom indefinido sobre mim. — As profecias foram feitas pelos sacerdotes de Uno, mas isso não significa dizer que elas realmente acontecerão. O futuro me parece algo muito subjetivo para ser definido com tamanha precisão.

— Prefiro prevenir! — contestei, com convicção.

— De qualquer forma... — Felipe fez uma pausa. — Por uma questão de segurança, levarei as maluquinhas até a tribo — ele afastava a orelha das bicadas divertidas da águia. — Alguns dos rapazes da vila também me farão companhia por dentro da mata. Precisamos garantir um retorno tranquilo quando a festa acabar.

— Alguns soldados da guarda também farão parte da escolta — Franco pronunciou me observando retornar ao seu lado.

— Espero que nenhum imprevisto ocorra durante a celebração e nem em nosso trajeto de volta para casa — Felipe murmurou, descendo as escadas da varanda.

Enquanto seguia com velocidade em direção ao galpão, o meu irmão motivava, com afinco, que a águia iniciasse um voo pelas redondezas.

— Seria um desejo muito ambicioso pedir aos céus que uma estrela a acompanhasse nessa noite em que ficaremos distantes? — Franco anunciou, cruzando os braços em volta da minha cintura. — Se por acaso algo saísse errado durante os festejos, a estrela me avisaria e então correria até Sinaia para salvá-la — um sorriso moveu os seus lábios.

— Um pedido aos céus? — questionei, bailando em seus braços reconfortantes. — Como as coisas se modificaram por aqui nos últimos tempos! — ele mantinha o sorriso.

— Sei que costumava ostentar um aspecto sombrio e tenho convicção do quanto isso devia assustar as pessoas — os seus lábios suaves repousaram sobre a minha testa antes de ele prosseguir. — Porém... Liv... Depois que a conheci... Você... Tornou-se a luz do meu lado sombrio!

A boca macia difundiu-se na minha com amabilidade. A visão de um amor espantoso manifestou-se por meio dos nossos lábios. Experimentava a sensação de felicidade palpável naquela desenvoltura primorosa de um movimento tão íntimo.

— Ei... Será que os dois poderiam diminuir esse excesso de paixão? — Jazilyn berrou, entrando pela varanda. — Por favor, resguarde as fibras do meu corpo de serem devastadas pela inveja.

Franco afastou-se ruborizado pelo descomedimento da minha amiga.

— Ama pediu para avisar que o almoço está servido — Jazilyn avisou, seguindo para o galpão.

Convenci Franco a almoçar conosco mesmo depois de tê-lo ouvido enumerar todas as pendências que o esperavam no castelo. As responsabilidades eram tantas que por um minuto considerei a possibilidade de deixá-lo seguir até o castelo para resolvê-las. Desconsiderei a ideia quando escutei a gargalhada deleitável ao final da última frase, quando ele relatou uma punição que seria aplicada ao irmão caçula.

Preenchida por deslumbramento, escutava-o explicar com entusiasmo que Andreas recebera como castigo lavar todos os pratos do jantar por toda semana. Segundo o seu relato acalorado, o irmão resolvera passar a noite na taberna sem nenhum aviso prévio. O desaparecimento provocou a preocupação da rainha e uma procura desnecessária por Andreas em toda a cidade e vilarejos. Franco comentou que o rapaz aguardava ansioso o seu

retorno, imaginando que seria possível diminuir o tempo da pena aplicada perante o comportamento nada adequado.

Adentramos na sala notando a mesa farta que nos aguardava. O fato de ele ter chegado cedo à vila permitiu que Ama tivesse um pouco mais de tempo para caprichar no cardápio do almoço.

A travessa longa ao centro exibia um grande pedaço de carne assada; o caldo acobreado extravasava, armazenando-se na lateral da baixela. O verde cintilante das vagens de aparência tenra abrilhantava a ponta da mesa e os meus olhos repousavam em deliciosas espigas de milho cozido que exalavam um cheiro adocicado. Era aceitável observar Franco salivando pelos fibrosos grãos amarelos que se encontravam dispostos ao lado de um prato abundante de arroz, com uma brancura impecável.

— Príncipe Franco... Espero que tenha gostado da comida — meu pai comentou, após alguns minutos de silêncio, enquanto Ama aguardava ansiosa a resposta.

— A comida por aqui é sempre deliciosa — ele afirmou sorrindo, vendo Ama respirar aliviada.

— Concordo plenamente — Jazilyn apoiou, partindo para a segunda espiga de milho.

— A sua afirmação não se trata de novidade aos presentes — Felipe declarou, colocando o garfo com um pedaço de carne na boca.

— A boa comida revigora a alma! — Jazilyn murmurou, mordendo a espiga com vontade.

— Franco, quem é o responsável pela Casa de Uno? — perguntei, bebendo um pouco de água.

— Bem... — Franco refletiu, apertando os olhos. — Não tenho uma informação muito precisa sobre o assunto, porém Malvin certa vez comentou que o responsável pelo local seria a própria filha de Uno.

— Príncipe Franco, a sua informação está correta — Nicolau afirmou, quase engasgando com a vagem. — A filha de Uno ainda permanece como a pessoa responsável por tomar conta do lugar.

— Assim que os festejos na tribo de Sinaia terminarem, nós seguiremos para uma visita à Casa da Luz — pronunciei com convicção, encarando Jazilyn.

— Por que o interesse súbito pelo local? — Felipe disse, enrugando a testa com desconfiança.

— O nosso amigo Eike, também conhecido como “cabeça de penas”, carrega algumas dúvidas que talvez possam ser esclarecidas pela sacerdotisa de Uno — Jazilyn esclareceu, engolindo uma boa porção de arroz.

Aquela seria a última vez que escutaríamos a voz dela durante o almoço. A garota não se envolveu mais em nenhum assunto enquanto comíamos. Nada parecia suficientemente interessante para retirá-la da concentração com que saboreava o assado.

Depois do almoço, acompanhei Franco até a saída, balançando a cabeça afirmativamente para todas as recomendações feitas com relação à festa que aconteceria mais tarde. Por conta das muitas atribuições, ele desculpou-se por não poder me acompanhar pelo sul da floresta de Hans, em direção a Sinaia.

O início da tarde foi totalmente dedicado aos preparativos com relação a penteados, enfeites e vestidos. O vestido azul que escolhi declinou pelo meu tórax completamente instável. A maciez do tecido alcançou as minhas pernas, permitindo que experimentasse aquele balanço inexato em meus tornozelos. Observei o cordão de ouro transluzir em meu pescoço. Decidi que deveria continuar usando-o, pois dessa maneira sentiria a presença de Franco durante toda a noite.

O céu escarlate despontou no horizonte quando nos encontrávamos próximos à tribo. As nuances de vermelho vivo, que dominavam o firmamento antes da escuridão, expressavam um brilho de magnitude incandescente que pactuava da mesma intensidade com que as mudanças ocorreram em nossas vidas naqueles últimos tempos.

Luna orientou o local exato onde os rapazes deveriam aguardar o nosso retorno. Assim que Felipe desceu do cavalo, Nicolau relatou um desconforto intestinal, adentrando numa corrida desabalada pela mata. O estalar de faíscas na tocha que o rapaz carregava fizeram com que Felipe o advertisse sobre o perigo de um incêndio.

Perceber a aproximação da noite fez com que a água se agitasse. O nosso amigo reconhecia que a transformação aconteceria em breve. Felipe balançou uma calça azul-marinho antes de jogá-la atrás de um grandioso arbusto, para onde a água voou ligeira.

Deixamos os rapazes concentrados na tarefa de acender uma fogueira de tamanho regular. Jazilyn e eu seguíamos as instruções precisas do caminho que Luna apontava. Ao

virar-me de costas, notei que dois soldados ainda nos acompanhavam.

— Senhores... Precisam voltar daqui — Luna disse com firmeza.

— O príncipe Franco solicitou que acompanhássemos a senhorita Liv pelo menos até a entrada da tribo — o rapaz respondeu num tom vigoroso, impedindo qualquer argumentação de nossa parte.

— Acho que “os sombras” não nos incomodarão por muito tempo — Jazilyn expressou com relação aos soldados, avistando a tribo toda iluminada à nossa frente.

— Permaneçam aqui! — postulei, apontando algumas árvores frondosas localizadas bem na entrada da tribo. — As mulheres de Sinaia foram bem claras com relação à entrada de homens no local... Terminantemente proibida.

Os dois soldados procuraram se acomodar num rochedo grandioso. Eles observavam, a distância, as nossas mãos amarrando os animais antes de adentrarmos definitivamente na tribo.

As palhoças acolhedoras encontravam-se majestosamente enfeitadas por lírios. Fogueiras descomunais aqueciam o ambiente e tambores ecoavam, determinando o ritmo da dança daquelas belas mulheres vestidas com roupas de couro, que exibiam os músculos torneados.

— Onde está Kira? — Luna pronunciou, abraçando aquela face conhecida.

— Kira dirigiu-se até a montanha com o intuito de completar a cerimônia na Casa da Terra. Selíope precisa

permitir que os eventos aconteçam em seu solo — a mensageira que esteve no vilarejo informou a Luna. — Aproveitem a festa.

Jazilyn seguiu até uma grandiosa mesa, esbaldando-se na grande variedade de frutas, enquanto Luna seguiu sorridente, cumprimentando cada uma das suas antigas companheiras.

Caminhei na direção de um pequeno balcão em que Sara pronunciava uma sequência de palavras desconhecidas; bem ao centro um pequeno frasco reluzia único. O líquido azul dentro do pequeno pote translúcido chamava a atenção da maioria das mulheres presentes na festa de Celebração da Chegada das Summerwitchs.

A felicidade de Sara tornava-se cada vez mais evidente, enquanto os fatos do passado eram demonstrados numa bela encenação feita pelas mulheres da tribo. As jovens moças representavam com brilhantismo todo o sofrimento das mulheres do Clã Summerwitchs nos tempos tortuosos, em que fugiam da perseguição do Clã dos Winter, que buscavam destruir toda e qualquer magia da luz.

Sara marchou até mim exibindo um sorriso largo.

— Estou feliz com a sua presença — ela declarou, abraçando-me em seguida. — Naquele frasco existe um feitiço poderoso chamado Ad Salutem. Aquela poção tem o poder de salvar uma vida — Sara falou pausadamente, fazendo com que eu compreendesse a importância da substância.

— Farei o que for preciso para que a poção seja minha — divulguei, deslumbrada pelo líquido azul.

— O Ad Salutem é um feitiço poderoso criado pelo Clã das Summerwitchs, porém a poção só pode ser feita uma vez a cada vinte e cinco anos — Sara parou diante do meu sobressalto.

— Uma vez a cada vinte e cinco anos? Nossa! — proferi alarmada.

— Exato — ela reafirmou. — Há vinte e cinco anos salvei uma vida com esse feitiço... Esperei todo esse tempo para executá-lo novamente. Entende a importância do presente que será dado hoje?

— Sei que existe uma grande possibilidade de Franco machucar-se na batalha pelo medalhão... Se por acaso ganhar a poção, com toda certeza guardarei para ele — garanti rapidamente. — Para quem deu o Ad Salutem?

— Ofereci a poção a alguém que nem conhecia, mas posso lhe garantir que esse alguém merecia ser salvo — ela fechou os olhos, como se buscasse recordar o passado. — O Ad Salutem em mãos erradas poderá tornar-se algo muito perigoso.

— Como a poção funciona? — indaguei, esperando o esclarecimento das dúvidas sobre algo tão poderoso.

— A poção de Ad Salutem sempre deverá ser oferecida à pessoa antes do último sopro de vida — os seus olhos abriram-se num suspense tortuoso. — Dessa forma, não ocorrerá nenhuma alteração com relação às características físicas e de personalidade para quem a poção foi dada.

— Então a pessoa ainda precisa estar com vida? — interroguei com espanto, aguardando a resposta.

— Com toda certeza — Sara reafirmou. — O Ad Saludem nunca deve ser utilizado em alguém que já tenha morrido — ela respirou fundo, apertando os lábios. — Oferecer o líquido a uma pessoa que já morreu significa seguir contra o equilíbrio natural do universo e isso poderá trazer sérias consequências — Sara advertia, segurando as minhas mãos.

— Quais seriam essas sérias consequências? — averigui, virando a orelha na direção de Sara, desejando que o barulho não me impedisse de escutar a resposta.

— Esse alguém ressurgiria sem alma — os olhos dela se arregalaram. — Com poder suficiente para captar todas as almas que julgasse necessárias, apenas com o intuito de permanecer vivo — o tom da sua voz surgiu assustador.

Um frêmito aterrorizante percorreu toda a extensão da minha coluna.

— Por isso, tenha muito cuidado se ganhar a poção — ela recomendou, erguendo os olhos para cima. — Precisa saber exatamente como usá-la ou terá sérios problemas.

O movimento de Sara permitiu que eu enxergasse as cordas amarradas em plataformas de madeira, que se localizavam de um lado a outro no pequeno campo montado na parte lateral da tribo.

Sara explicou que a prova resumia-se em atravessar a corda que lhe fosse designada e alcançar bandeiras coloridas presas à respectiva plataforma. A competidora que terminasse a tarefa com o maior número de bandeiras receberia o líquido tão precioso.

— Neste cesto existem bandeiras brancas e coloridas — Sara comentou, levantando o cesto. — As mulheres que

retirarem as bandeiras coloridas serão as escolhidas para competir na prova do equilíbrio.

O cesto alcançou velozmente as mãos de Jazilyn, que retirou uma bandeira verde de dentro dele. A garota balançou-se com animação quando constatou o seu feito. O meu coração petrificou ao considerar que as possibilidades diminuíram quando a minha amiga tornou-se detentora de uma das bandeiras.

Depois de inúmeras tentativas frustradas das mulheres de Sinaia, a mensageira finalmente arrancou uma bandeira amarela, provocando a vibração fervorosa das companheiras, pois em suas mãos existia a possibilidade de a poção permanecer na tribo.

As minhas pernas tremularam quando o cesto encontrou os meus dedos ansiosos. Engoli em seco tamanha era a agonia que me rondava. Enfiei a minha mão cuidadosamente dentro do balaio, experimentei a suavidade dos tecidos até fazer a minha tão esperada retirada: uma bandeira branca.

As lágrimas percorreram pelos meus olhos infelizes. A decepção dolorosa abalou o meu semblante quando reconheci que não poderia disputar a poção. Sara entristeceu ao contemplar meu desapontamento quando a mulher ao meu lado retirou a bandeira vermelha.

— Não posso acreditar que não participarei da prova — disse com desgosto a Jazilyn, que se aproximava. — Eu queria tanto aquela poção... Precisava do Ad Salutem para ter garantias de que Franco terminaria a batalha com vida.

— Tomem os seus lugares! — Sara gritou às competidoras antes que Jazilyn pudesse me confortar.

As competidoras subiram às suas correspondentes plataformas num alto nível de concentração. Todas reconheciam que desequilibrar-se promoveria não somente uma grande queda, mas também a eliminação da competição.

Jazilyn era muito habilidosa. A rapidez com que caminhava pela corda a colocava à frente das outras competidoras. As coisas ficaram melhores ainda para ela quando a oponente que conquistava as bandeiras vermelhas perdeu a estabilidade, desabando ao chão e sendo eliminada da prova.

Sara anunciou o término da prova quando notou que toda a areia havia escorrido pela ampulheta que segurava. Uma mulher esbelta vestida com uma túnica cinza correu de imediato para ajudar na contagem das bandeiras conquistadas. Não foi surpresa para quem apreciava a disputa quando, ao final da apuração, a remanescente da Summerwitchs anunciou que as bandeiras verdes possuíam um maior número.

— Jazilyn... A brutal! — a garota proclamou, com um sorriso vencedor.

Quando a minha amiga caminhou garbosa com a clara intenção de apoderar-se daquilo que lhe era de direito, escutamos uma voz que estremeceu a todos as presentes.

— Entregue-me a poção! — a voz rouca fez com que o medo arranhasse a minha garganta.

— Não poderia entrar na tribo! — uma das mulheres gritou raivosa. — As regras são bem claras!

— Não obedeco às regras! — ele emitiu, puxando Nicolau detrás de um arbusto.

— Nicolau! — Jazilyn pronunciou aflita, agarrando a poção antes que o inimigo se apoderasse dela precocemente.

— Liberte o rapaz — Sara murmurou, assim que o punhal alcançou a garganta do garoto.

— Pantor, com que direito invade a tribo de Sinaia querendo apoderar-se de algo que não lhe pertence? — divulguei nervosa, testemunhando Nicolau machucado entre as mãos do adversário.

— Sem delongas! Entregue-me a poção! — Pantor manifestou austero.

Sara exibiu um sinal que induzia Jazilyn a entregar o Ad Salutem a Pantor. Com irritação, a garota caminhou e entregou o pequeno frasco nas mãos do invasor, que, munido de uma força descomunal, arremessou Nicolau em cima dela, fazendo com que os dois desabassem no chão.

Pantor subiu no cavalo, disparando com rapidez para dentro da mata.

— Liv... Nem pense nisso! — a voz de Luna reconhecia qual seria minha próxima atitude quando caminhei a passos largos em direção ao cavalo.

Naquele instante não raciocinei nem por um segundo. Não parei nem mesmo para comprovar se os meus amigos estavam machucados. Desejava apenas segui-lo para impedir que o Ad Salutem fosse utilizado para fins escusos.

Segurei as rédeas do meu animal, quando o seu cavalo descontinuou o galope, parando num enorme campo de terra seca, quente e arejada.

— Pantor, o que está pensando em fazer com a poção? — indaguei, saltando do cavalo e caminhando até ele.

— O que está fazendo aqui? — ele retrucou colérico. — Por favor, vá embora imediatamente — a voz surgiu numa ordem. — Não quero que se machuque.

— Como soube do Ad Salutem? — inquiri, movida pela curiosidade.

— No dia em que a ataquei na cachoeira... Escutei quando a sua amiga falou sobre a poção — Pantor revelou, diminuindo o tom de voz. — Esperei a oportunidade certa para roubar o feitiço. Nicolau apenas facilitou as coisas para mim quando surgiu na mata. Eu sabia que com seu amigo em meu poder as mulheres de Sinaia não se negariam a me entregar a poção.

— Que lugar é esse? — disse, repousando as mãos em seu braço. — O que pretende fazer com a poção?

— O meu irmão... Lennox... Está enterrado aqui — ele explicou, contendo o grande lamento. — Não tive coragem de queimá-lo na pira. Amava-o demais para vê-lo sendo consumido pelas chamas. Fiquei alguns dias trabalhando na construção da estrutura que guarda o seu corpo dentro daquela caverna — ele apontou o local.

— Não estaria pensando em oferecer a poção ao seu irmão, estaria? — a minha voz surgiu hesitante. — Sara me contou que sérias consequências podem acontecer se

oferecer a poção a alguém que já esteja morto — esclareci, com uma estabilidade questionável.

— Não me importo com as consequências — Pantor murmurou, fitando-me com solidez. — Quero o meu irmão vivo novamente!

— O homem que regressará não será mais o seu irmão — comuniquei quase em súplica, retirando o olhar do seu rosto. — Ele ressurgirá sem alma. Lennox se tornará uma criatura descontrolada, captando a alma de quem encontrar pelo caminho, apenas para manter-se com vida.

O meu apelo ressurgia cada vez mais intenso.

— Como pode saber disso? — ele questionou, aproximando-se de mim muito mais do que gostaria.

— A bruxa Summerwitch que fez a poção contou-me todas as consequências negativas se ela não for bem utilizada — respirei fundo, levando a mão com delicadeza ao seu rosto confuso.

— Esse líquido azul poderá trazer o meu irmão de volta à vida — ele explanou, balançando o frasco diante dos meus olhos angustiados. — Não imagina como sofro todos os dias por não ter tido a oportunidade de salvá-lo.

— A alma do seu irmão está adormecida, aguardando pela salvação — disse aflita, tentando fazê-lo desistir. — Lennox não está mais entre nós. A pessoa que está tentando trazer de volta não será mais o seu irmão — a minha voz embargou. — Deixe-o descansar em paz!

— Não sabemos se o que a bruxa diz é verdade — ele resmungou, fitando o meu rosto.

— Sara é de minha inteira confiança — atestei, com nervosismo. — Precisa acreditar no que digo. Apodere-se da poção se essa é a sua vontade, mas não a ofereça a alguém que já não possui o sopro da vida.

— Quer guardá-la para o príncipe Franco? — ele questionou com irritação, quase juntando os seus lábios aos meus. — Por isso tanta preocupação com o destino da poção? — a ironia discorria do contorno perfeito da sua boca.

— Não estou fazendo isso por Franco — emiti, sentindo uma saliva amarga dissolvendo em minha língua. — Estou fazendo isso por você... Não quero enxergar o arrependimento corroer a sua alma quando encarar a criatura horrenda que acordará daquela caverna.

— Acha mesmo que vou acreditar nas bobagens que me diz? — ele pronunciou sarcástico.

— Deveria acreditar no que digo — adverti, jogando os cabelos que incomodavam para trás.

— A minha verdade é o que importa — ele esbravejou.

— Felizmente a sua verdade não é única! — proferi, para vê-lo dar de ombros.

A minha mão rebaixou cuidadosa, procurando encontrar a frieza do frasco aprisionado com segurança pela força dos seus dedos.

— Não ouse me impedir de realizar o meu desejo! — a voz surgiu intimidante, a ponto de me fazer cessar o movimento. — Sonhei com a possibilidade de trazer Lennox de volta à vida durante todo esse tempo.

Pantor adentrou na caverna, sendo acompanhado por mim, que ainda lutava de todas as formas com a intenção de fazê-lo desistir da ideia de oferecer a poção ao irmão morto.

Dentro do local existia um túmulo feito de pedra, sustentado por um balcão extenso de granito. A atmosfera bem conservada e iluminada do lugar fazia com que esquecesse, temporariamente, que me encontrava dentro de uma tumba e prestes a testemunhar o despertar de uma fera aterrorizante.

Pantor arrancou com uma força cavalgar a tampa pesada que recobria a caixa feita de pedra. Um cheiro nauseante disseminou-se, promovendo um cessar provisório da minha respiração. Observei que havia ervas aromáticas espalhadas por todo o túmulo, porém elas não foram suficientes para mascarar aquela essência tão característica.

O corpo coberto de linho foi retirado de dentro da caixa. Com tranquilidade, Pantor desenrolou todo o tecido do cadáver. Estranhei o sangue-frio com que as suas mãos faziam aqueles movimentos. No momento seguinte, considerei que a frieza nada mais era do que a vontade de trazer o seu irmão de volta à vida.

Olhei o corpo em seus braços apresentando apenas alguns sinais de decomposição. Julguei que o clima do local escolhido, o túmulo bem construído onde o rapaz fora enterrado, o linho que enrolava o seu corpo e as ervas que impregnavam cada pedaço de célula necrosada deveriam ser os agentes responsáveis pelo bom estado de conservação.

Observei que, mesmo com todo aquele excesso de cuidado, era possível notar boa parte da estrutura óssea do lado esquerdo da face, os ossos do antebraço e as falanges da mão direita bem aparentes.

O meu coração disparou quando os dedos firmes de Pantor puxaram a mandíbula de Lennox, despejando parte do conteúdo em direção ao que parecia ser a boca do cadáver. Quando Pantor pensou em prosseguir oferecendo o Ad Salutem ao irmão morto, disparei para cima dele quase por instinto e felizmente arranquei o frasco de suas mãos.

A atitude inesperada impediu que Pantor reagisse e o pequeno frasco com metade do líquido ficou bem seguro comigo.

— Não posso permitir que continue com essa insanidade — disse, notando que ele colocava o corpo de volta à tumba.

— Liv, devolva-me o resto da poção! — o tom da voz assemelhava-se a uma advertência no momento em que tampei o frasco.

— Desculpe... Mas não posso fazer isso — pronunciei, enfiando o frasco dentro do decote quadrado do meu vestido.

— Não quero machucá-la — ele anunciou com uma expressão séria, ao mesmo tempo em que considerava uma aventura interessante retirar o frasco do local em que havia depositado.

— Não conseguiria me machucar — disfarcei o medo com um falso sorriso.

— Acho melhor não pagar para ver — Pantor preveniu, esticando a mão.

Um tremular incessante brotou da tumba, dissipando-se por toda a caverna.

O semblante de Pantor converteu-se em alegria, enquanto o meu rosto vertia-se em pânico legítimo. A criatura apavorante ergueu-se do túmulo com sua face assombrosa voltada diretamente para mim. Enxergava os ossos da face esquerda se movimentarem raivosos e da sua garganta eclodiu um grito bestial.

Lampejos de fogo estouraram das falanges esqueléticas. As faíscas salpicavam pelo chão da caverna. Eu saltava num desespero descontrolado tentando fugir daquele calor destruidor.

O ser abominável retirou-se da tumba com uma potência avassaladora. A força dos ares malignos que brotavam de sua boca apavoraria qualquer mortal. Os meus ouvidos escutavam o impacto dos passos ambíguos afundando a terra. Aqueles golpes intensos abriam frestas em cada pedaço de chão que os seus pés arrepiantes pisavam.

Encarei o seu semblante devastador constatando que não existia alma dentro daquele corpo putrefato. Habitava naquela criatura anômala toda a fúria existente na humanidade.

— Acabou de criar um monstro! — a minha voz anunciou, quase inaudível.

Cruzei toda a extensão da caverna dominada inteiramente pelo pavor.

Os passos raivosos daquela fera desprovida de domínio dispararam atrás de mim sem esboçar qualquer traço de hesitação. A última coisa que discerni no semblante de Pantor antes de abandonar aquele ambiente catastrófico era o receio evidente de que a fúria de Lennox me exterminasse.

Esbarrei com um dos soldados do exército de Franco paralisado bem na saída da caverna. Ordenei que o rapaz se afastasse rapidamente do local, porém o alerta não foi suficiente para que o jovem despertasse do transe provocado pelo acontecimento atípico.

O soldado retornou a si quando contemplou o perigo iminente que o cercava por trás de um grunhir tenebroso. Assim que ele esboçou o primeiro passo com o objetivo de promover a sua escapada, a criatura bloqueou a intenção de fuga agarrando-o pelo pescoço com um vigor desnecessário.

Assisti ao rapaz debater-se com a falta de oxigênio, enquanto a pele massacrada pela dor assumia o tom púrpuro tão característico. Arremessei uma pedra contra a monstruosidade na tentativa de evitar que a tortura prosseguisse. O baque da rocha provocou um som abafado quando atingiu um pedaço do crânio exposto, porém Lennox permaneceu bárbaro nos gestos que perpetuavam o martírio do pobre soldado.

Pantor abandonou a caverna quando escutou o meu clamor de piedade e, aparentemente apavorado, tornou-se testemunha da ira insana que escapava das profundezas de seu irmão. O seu olhar apreensivo revelava de forma

límpida todo o arrependimento de não ter seguido as minhas insistentes recomendações.

Observamos a boca daquela aberração se abrir numa dimensão desproporcional. Um clarão negro se movimentou como a língua de uma serpente, submergindo em direção à face aterrorizada do soldado.

De uma maneira inexplicável, os meus olhos presenciaram a alma do rapaz deixar o corpo sob a forma de uma linha tênue de fumaça. O espectro adentrou num traçado preciso pelas ventas do monstro, provocando o saciar efêmero do seu desejo. Compreendi a satisfação daquele ser alucinado quando visualizei o avermelhar circunspecto de suas órbitas perversas.

Assim que o massacre do soldado findou-se, com o seu corpo retornando ao pó, o anseio da criatura voltou-se a mim. Corri transtornada procurando sobreviver àquela vontade incontrolável que a fera alimentava de arrancar a minha alma.

O meu corpo trêmulo tombou ao chão quando uma das minhas sandálias desamarrou. A besta desferiu uma pancada violenta num paredão rochoso. A brutalidade do golpe fez com que uma pedra grandiosa desprendesse, rolando sem controle até alcançar o meu vestido.

Inclinei o pescoço para baixo, aproveitando a derradeira gota de ânimo que percorria as minhas veias. Precisava rasgar o vestido para livrar-me daquela prisão involuntária que me fixava ao solo. Quando os meus olhos se elevaram, após escutar o estilhaçar do algodão, encarei acima de mim o monstro que salivava pela minha essência.

— Socorro!

A palavra brotou da minha garganta antes de tudo se converter em escuridão.

domínio

— Lennox... Pare! — o grito de Pantor poderia ser ouvido em qualquer canto da floresta. — Não toque nela! — os movimentos da besta cessaram por completo. — Não a machuque! Liv é muito importante para mim.

Estranhamente a fera desviou-se, voltando os olhos para Pantor. O gesto executado não parecia algo compassivo. De alguma forma incompreensível, existia uma certa autoridade provocada pela voz de Pantor sobre aquele monstro que ele havia criado.

— Retorne para a caverna... E não saia de lá até receber a minha ordem.

Lennox encarou a face severa de Pantor, grunhindo algo que pareceu impossível de decifrar. Ele regressou à caverna com passos violentos, porém dominados inteiramente pela obediência.

— Espero que não esteja muito machucada — ele disse, observando os arranhões em minha perna.

— Cometeu uma loucura trazendo o seu irmão de volta à vida — declarei, estreitando os olhos por conta da dor.

— O importante é que Lennox está vivo novamente — ele alegou, disfarçando o evidente arrependimento.

— Aquele não era o seu irmão — atestei, enquanto ele se curvava ao chão buscando me alcançar. — Não existe nenhum sentimento naquela alma e nem naquele corpo.

— Por que não se cala por um instante? — ele contrapôs, irritado.

— O que pretende fazer? — ignorei.

Pantor respirou fundo, muito mais preocupado com meu estado físico do que com a minha pergunta.

— Por que não me responde... O que pretende fazer agora que criou esse monstro incontrolável?

— Incontrolável? — Pantor replicou. — Lennox não me pareceu nem um pouco incontrolável. O monstro que diz que eu criei está totalmente sob o meu domínio.

Pantor sorriu, sendo minuciosamente cuidadoso ao retirar o meu corpo do chão. Ele examinou cada centímetro da minha pele apenas para ter certeza de que não estava muito machucada.

— Ainda não respondeu à minha pergunta — disse, lutando para escapar dos seus braços.

— Não tenho que lhe responder nada — ele contestou; em seguida, colocou-me sentada em um rochedo, dando-me as costas logo depois.

— Tenho todo o direito de saber quais são as suas verdadeiras intenções com relação ao seu fantoche — berrei.

Ele descontinuou os passos desconcertados. Virou-se para mim. Então, ergueu o meu rosto, me destruindo com aquele olhar de fogo.

— Quer mesmo saber a minhas intenções? — a voz irônica, carregada por um sentido duplo, arrepiou a minha pele.

— Acredito que eu tenha esse direito! — meu olhar se esquivou do seu.

— Não a culpo, Liv — ele esticou os dedos compridos pelos meus cabelos impregnados de poeira. O toque insensato me obrigou a encará-lo. — Talvez se estivesse em seu lugar também estaria estremecendo de pânico. Convenhamos, não precisa da minha resposta para saber exatamente o que farei.

— Por favor, não...

Os dedos repousaram em meus lábios trêmulos antes que prosseguisse a frase.

— Nada seria mais justo do que presenciar o meu fantoche destruir o príncipe Franco. O imparcial princípio do retorno! — ele proclamou pausadamente. — O príncipe matou o meu irmão. Agora chegou a hora de pagar pelo seu ato.

Pantor sorriu do meu semblante de tormento.

— Imagine quando começar a pagar pelos seus! — disse com ódio expressivo.

— Comecei a pagar por todos eles quando a conheci — a resposta provocou a minha inquietação.

Rapidamente desviei o rosto angustiado. Um movimento mínimo uniria os nossos lábios e naquele instante não era o que ambicionava. A agitação friamente calculada não fora suficiente para provocar o afastamento que desejava.

O cheiro cítrico da sua pele percorria pelas minhas narinas, enquanto a mão calejada segurou com instabilidade o meu braço trepidante de receio por conta do desejo que visualizava claramente em seus pensamentos.

Por um segundo, Pantor esqueceu o seu objetivo naquele lugar. A sua mente voltou-se totalmente para mim, exatamente como um caçador por sua presa.

Fechei os olhos com celeridade, pois precisava esconder o tom perolado que escapava deles. Tudo o que menos aspirava era que aquele inimigo tão ameaçador descobrisse as minhas habilidades. As minhas mãos levantaram-se com o intuito de arremessá-lo o mais distante possível de mim.

— Nenhuma atitude brusca — a voz da minha mãe ecoou, deixando-me sozinha novamente.

A advertência determinou o cessar ríspido da minha vontade incontrolável de afastá-lo. Existia bastante coerência naquela recomendação, afinal de contas Pantor estava armado, possuía total controle sobre uma fera destruidora de almas e era infinitamente mais forte do que eu.

O seu corpo aproximou-se do meu, causando um desconforto insuportável. A minha perna atritou-se contra a pedra fria numa clara tentativa de subterfúgio. Os lábios volumosos percorreram cada pedaço do meu pescoço, que se movimentava resistente. Afastei o seu tórax potente com as frágeis palmas das minhas mãos hesitantes.

A minha expressão era uma mistura de repulsa e dor nas mesmas proporções. A declaração tão nítida desenhada nas linhas da minha face determinou que o inimigo abandonasse a investida cheia de intenções, que eu julgava calamitosas.

Não suportava experimentar o toque preciso dos seus dedos longos sobre a minha pele gélida... Não suportava

reconhecer que Pantor tinha algum domínio sobre mim.

— Afaste-se de mim imediatamente... Abomino quando me toca... — eu emiti, engolindo em seco. — Não sou propriedade sua! — esbravejei.

— Mas bem que gostaria de ser... — ele sorriu, com aquele jeito irritante.

— O que disse? — murmurei incrédula. — Não existe nada em mim que não seja uma aversão desmedida à sua pessoa.

— Percebo a sua aversão cada vez que me aproximo... — escutar aquelas palavras sarcásticas me irritavam.

— Não ficarei nem mais um minuto escutando essas barbaridades que vive dizendo! — anunciei, claudicando em direção ao cavalo.

— Diga ao príncipe Franco que precisará tomar um pouco mais de cuidado da próxima vez que nos encontrarmos — ele cruzou os braços sobre o tronco. — Poderei estar em companhia do meu irmãozinho... E como testemunhou... Lennox não responde mais pelos atos.

— Maldito egoísta!

Repliquei, esquecendo-me do ferimento em minha perna e empurrando com força o seu peito. A sua mão agarrou com energia o meu braço delicadamente trêmulo. Esquecer o conselho dado por minha mãe motivou um formigamento inesperado de temor por todas as estruturas do meu corpo.

Os olhos vermelhos de fúria fitaram o meu rosto numa expressão que me fazia sucumbir ao medo do desconhecido. O incógnito é um terreno tão fértil que por meio dele é possível germinar inúmeras suposições.

— O seu irmão não passa de um brinquedo em suas mãos! — afirmei, com os olhos lacrimejando, temendo o semblante indecifrável. — Ofereceu o Ad Salutem àquele pobre coitado para que Lennox satisfizesse o seu desejo insano de vingança.

— Não sabe o que está falando — ele conclamou, com irritação.

— Cometeu essa tamanha insanidade por causa da inveja que navega por suas entranhas — enunciei entre os dentes. — Sei o quanto sente inveja de Franco... Inveja da coragem, inveja da força, inveja da inteligência, inveja do poder...

Ele levantou a mão num sinal para que eu parasse com aquele discurso.

— A única coisa que invejo de Franco...

Pantor interrompeu subitamente a frase.

— Por que não me diz o que inveja de Franco? — inquiri, colocando-me na ponta dos pés, vitoriosa. — Por que não brada em alto e bom tom que inveja algo que nunca pertencerá a você?

— Estúpida! — ele grunhiu, soltando o meu braço. — Não medirei esforços para destruí-lo — odiava toda a verdade expressa naquelas palavras perigosas. — Espero que esteja preparada para quando este dia chegar.

— Não serei capaz de perdoá-lo — murmurei, encarando as belas pérolas negras que enfeitavam o seu rosto.

— Não anseio por seu perdão... Anseio por seu amor — ele sibilou, apertando os dedos.

— Está bem claro que não sente amor por mim. Deseja apenas ferir os sentimentos de Franco — articulei, notando

que sua expressão permanecia incompreensível.

— Pense o que quiser — ele disse, ignorando a observação. — Não sou o tipo que valoriza muito a opinião das outras pessoas.

— Quando pretende nos atacar? Por que não me responde? Quando dará início às suas atrocidades?

Pronunciei todas as perguntas desesperadas perante o seu silêncio devastador. Pantor ofereceu o desprezo como resposta aos questionamentos que considerei inúteis em seguida. Ele prosseguiu impassível para dentro da caverna. O meu coração aliviou-se quando recordei que talvez Naíma pudesse me ajudar com a procura por aquelas respostas.

Cavalguei lentamente, como se não almejasse alcançar com brevidade a tribo de Sinaia. Julgava torturante ter que encarar aquelas mulheres e confessar que fracassei na tentativa de impedir que o Ad Salutem fosse utilizado por Pantor.

Desviei a cabeça dolorida dos galhos de uma árvore, escutando em seguida o trotar de cavalos se aproximando do local em que me encontrava. O barulho cada vez mais próximo determinou o segurar das rédeas numa atitude cautelosa. As tochas faiscantes iluminaram tudo à minha volta, enquanto me dissolvia em alegria por reconhecer aqueles semblantes.

— Felipe... — expressei quase como um sussurro.

— Que loucura sem precedentes foi essa? — o meu irmão pronunciou, tentando controlar a agitação do cavalo. — Não deveria ter seguido atrás de Pantor!

— Precisava impedi-lo de utilizar o Ad Salutem — professei, respirando fundo.

— Pelo desânimo em sua face... posso pressupor que não conseguiu concretizar o seu desejo — Luna concluiu diante da minha apatia.

— Tem razão... Não consegui — admiti, dominada pelo cansaço.

— E ainda perdeu um belo vestido — Jazilyn comentou, aproximando-se o suficiente para que ninguém escutasse o que diria aos meus ouvidos. — Pelo menos, me confirme se o vestido foi rasgado no arrebatamento da paixão...

— Jazilyn... A coisa é muito pior do que imagina! — discorri, repreendendo a brincadeira com a voz embargada.

— Liv... Sinto muito pelo acontecido — Nicolau articulou com tristeza. — Não me perguntem de que maneira tudo aconteceu, mas quando notei Pantor estava à minha frente com aquele jeito ameaçador e irônico.

— O tempo que teve foi satisfatório para terminar o servicinho que foi realizar ou Pantor apareceu enquanto ainda pegava uma folha de bananeira? — Jazilyn perguntou indiscreta.

— Isso não vem ao caso! — Nicolau emituiu com irritação diante da gracinha. — Peço desculpas por todo esse transtorno.

— Isso é fisiológico! — Jazilyn zombou sem conter a gargalhada. — Não precisa desculpar-se conosco... Acredito... Que os animaizinhos que circulavam pela área mereçam a sua retratação.

— Imagino que o desconforto intestinal tenha ficado muito mais agressivo quando encarou Pantor à sua frente — Caio disse, na tentativa de presenciar o esboço de um sorriso advindo da minha parte.

— Por favor, interrompam a brincadeira desnecessária — Estêvão expressou com ansiedade ao deflagrar minha fisionomia inalterável. — Não percebem que aconteceu alguma coisa muito séria?

— Precisamos seguir imediatamente para o castelo — anunciei, quase vencida pela apreensão.

— Se deseja seguir até o castelo com a intenção de conversar com o príncipe Franco receio que isso não será necessário — Eike comunicou calmo, movimentando as asas impressionantes.

— Um dos soldados que fazia a sua escolta partiu com a missão de comunicar a sua corrida estúpida atrás de Pantor — Caio informou, prosseguindo a viagem.

— A essa altura o príncipe Franco talvez já esteja próximo da tribo — Felipe considerou preocupado.

— O que aconteceu com o soldado que a seguiu? — Sebastian perguntou à procura do pobre rapaz.

— A história é muito longa — esfreguei a mão sobre a testa. — Luna... Existe algum lugar próximo da tribo onde seria permitida a entrada dos rapazes? — indaguei, esperando uma resposta positiva.

— Bem... Existe um lugar utilizado pelas mulheres de Sinaia que se localiza fora da tribo e onde a entrada dos rapazes seria permitida — Luna respondeu comedida. —

Uma espécie de toca utilizada para as eventuais festas com a presença masculina.

— A toca das raposas! — Jazilyn murmurou, fazendo Luna corar. — Eu não me curo dessa sinceridade! — a garota explanou, balançando o pescoço, quando percebeu que Felipe não havia gostado do comentário.

— O lugar é bastante escondido e fica depois de um declive na margem direita do rio que corta a tribo — Luna seguiu com as explicações, antes que as coisas se tornassem ainda mais delicadas. — A mensageira Inara nos guiaria até o local sem dificuldades — ela apontou para o rosto familiar que nos acompanhava.

Solicitei a Inara que ela cavalgasse rapidamente até a tribo com o objetivo de trazer Sara ao nosso encontro. Reconhecia que a presença da minha amiga bruxa do bem seria fundamental para encontrar resoluções imediatas ao impasse criado por Pantor.

As duas retornaram acompanhadas por Franco e por um bom número de soldados do exército. O semblante dele se exalou em agonia ao notar os poucos arranhões que cobriam o meu corpo. Eram notórias as rugas de inquietação que traçavam a sua testa, principalmente depois que ele observou o meu vestido rasgado até a altura do meu joelho.

— Seguiremos até o local agora mesmo — a minha voz quase desapareceu na última palavra.

Inara nos conduziu a um trajeto muito íngreme que nos levou diretamente até uma toca escura, localizada bem

abaixo do nível do rio. Nem todas as pessoas da comitiva puderam adentrar no local, por causa da falta de espaço.

As tochas foram colocadas com calma em colunas de gesso. O clarão faiscante foi responsável por iluminar a penumbra. Os meus olhos ainda cobertos de receio se depararam com os diversos tapetes espalhados pelo chão. As almofadas de algodão espalhavam-se por quase todos os cantos. Apoiei-me sobre a mesa de madeira enfeitada por jarras de barro e um barril pequeno que parecia ser de vinho.

O cheiro de incenso dominava o ar e aquela atmosfera claramente limpa tornou a toca um bom refúgio.

Aguardei ansiosa até que todos se acomodassem. Quase como um reflexo as pessoas formaram um círculo expressivo. Franco confirmou a exceção quando permaneceu de pé ao meu lado, completamente intrigado com a minha total ausência de palavras, algo que não era frequente quando se tratava de mim.

— Liv... O que aconteceu depois que Pantor roubou a poção? — Franco interrogou, por não suportar mais aquele silêncio.

O ar me faltou aos pulmões porque reconhecia a necessidade de responder àquela pergunta.

— Pantor ofereceu a poção ao irmão Lennox — declarei rapidamente.

— O que está dizendo não seria possível de acontecer...
— Franco expressou irrequieto, prosseguindo com o raciocínio. — Porque Lennox está morto há um tempo bastante considerável.

— Por todos os Etéreos! — Sara proclamou, levando as mãos à cabeça. — Pantor não podia ter dado a poção a alguém que já estivesse morto!

— Eu sei... Por isso utilizei todos os argumentos possíveis buscando impedir que ele cometesse tal loucura, mas Pantor não me deu ouvidos — disse abatida.

— Aquele selvagem não escuta ninguém! — Felipe divulgou furioso. — Por que acha que escutaria você? — um pouco de ironia surgiu daquelas palavras que decidi ignorar.

— Pantor criou um monstro sem proporções — proferi, voltando o olhar em direção a Sebastian, que se encontrava junto a Felipe. — Quanto ao soldado... A alma do pobre rapaz foi sugada pela fera.

— Por acaso estaria delirando? — Franco questionou, com a respiração acelerada.

— Quisera eu que tudo não passasse de um delírio — comuniquei, dominada pela aflição. — A criatura criada por Pantor com a ajuda do Ad Salutem tem a capacidade de se alimentar de almas. Foi horrível presenciar a alma daquele jovem ser arrancada sem piedade enquanto o corpo se reduzia a pó.

— Então... Pela forma como está descrevendo os fatos, me parece que Pantor despertou o Emissário da Noite — Inara disse, unindo as palmas das mãos nos lábios.

— Brilhante dedução! — Sara comentou, concordando com a mensageira.

— Claro! — expressei, compreendendo que existia racionalidade por detrás daquela desconfiança. — “Aquele que se levantará contra o Escolhido para tentar transformar

o nosso mundo em uma noite eterna” — divulguei, quase inaudível, a profecia.

— Então Lennox é o tão temido Emissário da Noite! — Luna considerou, demonstrando que conhecia o presságio.

— Precisamos proteger o príncipe Franco das garras do Emissário ou as esperanças de vencermos a escuridão terão um fim — Sara pronunciou com agitação.

— Por esse motivo combato com tanta veemência os eventos sobrenaturais — Franco disse com agitação, dando alguns passos.

— Aquela criatura possui uma força fora do comum — comentei, com os olhos de Franco fixados nos meus. — Tenho certeza de que Pantor utilizará o Emissário da Noite para destruir Franco — a dor atravessou os meus ossos após pronunciar a frase. — Essa é a verdadeira intenção que se difundiu por meio das palavras impulsivas que ecoaram dele instantes atrás.

— Isso não me surpreende! — Franco expôs, com um sorriso alterado pelo desprezo que sentia pelo inimigo. — Considero algo perfeitamente natural escutá-la dizer que Pantor está tramando algo que causaria a minha ruína.

— Se aquele canalha conseguir tal feito tudo estará perdido — Felipe murmurou, segurando a nuca. — Dificilmente conseguiremos vencer a batalha sem a liderança do príncipe Franco.

— Sara... Precisa nos dizer se conhece alguma forma de exterminar essa fera descontrolada — implorei com a voz mais enérgica. — Ou então tudo estará definitivamente

perdido... Com alguém tão poderoso ao lado de Pantor será impossível vencer a batalha.

— Preciso consultar o livro de magia das bruxas Summerwitchs. Tudo que sei no momento se resume ao fato de que a criatura fará tudo que o criador ordenar — apreciava o visível nervosismo de Sara. — O criador tem total domínio sobre a criatura.

— Presenciei esse domínio com os meus próprios olhos — certifiquei, trazendo toda a atenção de volta para mim. — Lennox quase me atacou, mas foi impedido por Pantor... Ele defendeu-me rapidamente, por isso a fera não arrancou a minha alma.

O semblante de Franco encheu-se de ciúme quando pronunciei a frase final. Ele franziu a testa, estreitou os olhos e repousou o indicador sobre os lábios, aguardando as minhas próximas palavras.

— Bastou apenas um comando de Pantor para que a besta obedecesse à sua ordem, seguindo direto ao interior da caverna novamente — eu narrei.

— Espero que isso não tenha se tornado motivo para que estabeleça alguma confiança com relação a Pantor — Franco proferiu, mordendo os lábios. — Espero que não se esqueça de que ele não passa de um estúpido egoísta dominado por um desejo de vingança insaciável.

— O príncipe Franco tem razão — Felipe apoiou, colocando-se de pé. — O fato de ter impedido que Lennox acabasse com você não significa nada.

— Talvez Pantor esteja esperando uma oportunidade melhor para colocar os planos da sua mente doente em

prática — Estêvão considerou contrariado em ter que concordar com Franco.

— Com uma fera tão poderosa sob a sua possessão, os passos de Pantor precisarão ser monitorados a todo instante — Franco disse aos presentes. — O meu inimigo tornou-se muito mais perigoso agora que controla um monstro que arranca almas — o sarcasmo, misturado com irritação, ficou evidente ao final da frase.

— Durante o dia, enquanto eu estiver na forma de águia, posso acompanhar cada ato de Pantor — Eike sugeriu, movendo as asas cintilantes. — Ele nunca desconfiará que um animal da floresta estaria observando os seus passos.

— Ficarei imensamente agradecido pelo seu apoio — Franco aludiu, aprovando a ideia de Eike. — Durante a noite podemos nos revezar, seguindo os passos daquele facínora pela mata ou pela cidade... Assim, controlaremos qualquer atitude suspeita e quem sabe dessa forma teremos algum tempo para nos preparar contra o possível ataque.

— Eu conheço alguém que poderá observar os passos de Pantor dentro da tribo dos midrões — divulguei, para o espanto de todos. — Em outro momento explicarei melhor essa história a todos vocês.

— Retornarei à minha cabana agora mesmo. Vou procurar em todos os livros por algum feitiço que reverta o poder do Ad Salutem ou que pelo menos acalme a fera. — Sara percorreu aquelas palavras no ritmo das batidas do meu coração. — Não quero que nenhum mal recaia sobre o príncipe Franco!

Vislumbrei um sorriso de agradecimento mobilizar a cicatriz perfeita no canto dos seus lábios.

— Também recomendo que retornem para suas casas — Franco orientou, encarando a noite escura do lado de fora. — Pantor não tomará nenhuma atitude por hoje... Tenho certeza de que o sujeito se aproveitará de um momento de distração para colocar o seu plano em exercício.

— Príncipe Franco, assim que retornar ao castelo procure o feiticeiro Malvin. Conte-lhe tudo o que aconteceu por aqui... — Sara permaneceu em silêncio por alguns segundos, depois prosseguiu. — Ele possui inúmeros recursos para descobrir algo relativamente efetivo contra o monstro.

— Farei o que me pede — Franco assegurou, num tom respeitoso, mesmo detestando tudo que tivesse relação com o sobrenatural.

Franco discutia algumas questões com Felipe relativas à minha segurança. Ele descrevia ao meu irmão todo o seu temor depois daquele acontecimento terrível, fazendo questão de ressaltar que Pantor poderia utilizar o monstro com a finalidade de me pressionar em diversos aspectos.

Todos começaram a abandonar a toca lentamente. Observei Jazilyn se aproximando de mim e, com rapidez, retirei o pequeno frasco com metade da poção, procurando entregá-lo à sua verdadeira dona.

— Acho que isto lhe pertence — balancei o pequeno frasco diante dos seus olhos.

Jazilyn não respondeu de imediato; apenas me encarou com a testa enrugada, relaxando alguns segundos depois.

— Cruzes... Não quero ser a proprietária desse levantador de defunto — Jazilyn expressou, dando um sorriso. — Agora é sério... Imagino que lutou bastante tentando arrancar a poção das mãos de Pantor. Acho que será mais justo de minha parte permitir que você fique com o restante dela.

— Estou agradecida por conceder que a sobra da poção fique comigo.

— Bem... — ela espalmou as mãos no vestido. — Estou seguindo direto para a vila com os rapazes. Precisamos descansar depois de toda essa confusão... Precisamos lembrar que amanhã seguiremos até a Casa da Luz com o propósito de encontrar algumas repostas.

— Espero que a sacerdotisa conheça alguma solução para o problema criado pelo Ad Salutem — comentei quase sem respirar.

— Isso é o que todos nós esperamos — Jazilyn concordou enquanto Eike cruzava os braços em volta do seu ombro.

— Jazilyn... Hora de voltarmos para casa — Eike pronunciou sorrindo. — A senhorita Liv ficará por mais alguns instantes.

— Mais alguns instantes? — indaguei, no momento em que Felipe e Luna deixavam a toca.

— O príncipe Franco pediu permissão a Felipe... — ele apertou os lábios antes de continuar. — Parece que ele deseja levá-la para casa pessoalmente.

Eike esclareceu com a voz rouca familiar, agitando as asas com a intenção de me fazer sorrir.

— Querida... Divirta-se! — Jazilyn declarou, deixando-me para trás.

A forma circunspecta com que Franco encarou o meu semblante devastado depois que todas as pessoas deixaram o local revelava traços evidentes de que não teríamos um diálogo divertido.

Reconheci de forma quase imediata que não aproveitaria nenhuma parte do conselho que me fora dado por Jazilyn.

— Gostaria de conversar comigo? — questionei.

Franco balançou a cabeça afirmativamente, fazendo o meu corpo cambalear no mesmo ritmo daquele movimento irregular que ele executava.

Epílogo indefesa

— Por que sente a estranha necessidade de partir em defesa de Pantor? — Franco disse, como se não quisesse reconhecer algo que julgava ser verdade.

— Não o defendi — expressei consistente. — Apenas descrevi a forma como as coisas aconteceram.

— Descreveu o ocorrido fazendo questão de enaltecer a parte em que Pantor a livrou corajosamente das garras de Lennox — compreendi a razão em meio à ironia que surgia por detrás daquelas palavras.

— Desculpe! — proferi, repousando a mão em seu peito e sentindo o palpitar acelerado do seu coração. — Não tive a intenção de defender ou enaltecer Pantor... Saiba que o segui até aquela caverna com um único propósito: queria a poção para usá-la em seu benefício.

Franco aproximou-se, exalando um delicioso cheiro amadeirado.

— Sobre a poção... — fiquei imensamente feliz pela mudança na conversa. — Não pude deixar de assistir quando mostrou o que sobrou do líquido mágico a Jazilyn... Mesmo abominando o sobrenatural em todos os aspectos, acredito que para a sua própria segurança nunca deverá se afastar dela.

— De maneira nenhuma — contestei relutante. — A poção deverá ficar com você, porque é você quem carrega uma profecia de que deixará a batalha sem vida, isso sem contar a profecia do Emissário da Noite...

— Liv... Espero sinceramente que fique com a tal poção porque sempre será mais indefesa do que eu — ele explicou, acariciando o meu rosto, inundando a minha essência de afeto.

— Não sou tão indefesa quanto pareço... — respondi insatisfeita.

Encarei os olhos naquele tom indefinido que amava recordando as minhas habilidades e o poder espetacular do meu arco, porém não considerei interessante revelar quem eu era de verdade.

— Outro dia discutiremos sobre quem fica com a poção — encerrei o assunto.

— Agora, mais do que nunca, precisa ficar bem longe de Pantor — ele trouxe a minha cabeça junto do seu tórax. — Aquele selvagem não tem nenhum escrúpulo e posso apostar mais de mil moedas de ouro que ele utilizará o monstro que criou para coagi-la.

Afastei a cabeça do seu peito, procurando admirar cada traço do seu rosto. Os lábios finos esticados num sorriso brilhante, as maçãs do rosto proeminentes, o maxilar bem marcado, o nariz descendo numa linha reta de dimensão perfeita.

Eu o amava tanto que experimentava o fraquejar diante daquele sentimento. Um amor infinito que sucumbia os meus joelhos a uma queda metaforicamente voluntária e

prazerosa aos seus pés cada vez que o encarava. Encontrava-me totalmente vulnerável à sua vontade... Quer fosse consciente ou inconsciente... Completamente indefesa em suas mãos!

— Acho que estou com medo... — a minha voz falhou.

— Não tenha medo! — ele pronunciou, ofertando-me um abraço que abrandou a minha agonia. — Sempre estarei aqui para protegê-la! Eu a protegerei com a minha própria vida se for necessário.

— As coisas estão ficando cada vez mais perigosas... — alertei, temendo de maneira excessiva as intenções de Pantor.

— Prometo que cuidarei de você para sempre.

— Que promessa reconfortante! — aludi sorrindo.

— Preciso levá-la de volta à sua casa antes do início da madrugada — ele explicou, encarando a sombra da noite. — Não quero enfrentar a fúria do seu irmão.

— Felipe às vezes exagera um pouco — sorri ruborizada.

— Sabe muito bem que o seu irmão não está exagerando. Ele está tentando resguardá-la de todo o mal — ele defendeu os excessos de Felipe.

Franco iniciou uma caminhada vagarosa em direção à saída.

— Ainda não terminei... Preciso lhe dizer algo — segurei a sua mão com firmeza.

— Aconteceu alguma coisa que não me contou? — ele proferiu, com uma inquietação esperada.

— Nunca esqueça que meu coração pertence a você — declarei sem arrependimento.

— Nunca esqueça que pertence a você meu coração e minha alma.

A sua voz silenciou-se em meus lábios num beijo calmo e lento.

Ao deixarmos a toca, enfrentamos o frio noturno tão peculiar. Surpreendemo-nos ao visualizar que algumas pessoas ainda nos aguardavam silenciosas, carregando semblantes aflitos.

Os nossos amigos compreendiam que muito ainda estaria por vir naqueles próximos dias. A possibilidade do incógnito atormentava cada face que alimentava a esperança de que Franco resolveria todas as catástrofes que se anunciavam.

Os jogos, o baile, a colheita, mas principalmente a partida até a floresta de Hans, todos aqueles eventos brotavam como um terreno favorável ao acontecimento de desastres que poderiam destruir vidas inocentes.

A fisionomia apreensiva revelava que Franco carregava a responsabilidade de lutar para manter a integridade de todas aquelas pessoas. Em sua respiração abreviada existia um comprometimento em acalmá-las, exatamente como havia feito comigo momentos atrás.

— Alteza... Estamos assustados! — Nicolau revelou, colocando-se à frente da aglomeração.

— Príncipe Franco... A cada dia o nosso ânimo vem sendo devastado diante de tantas adversidades — Sebastian anunciou, esfregando as mãos pelos cabelos.

Franco subiu com agilidade numa rocha grandiosa ao lado da toca em que estávamos.

— O segredo da vitória é o entusiasmo! — a sua voz soou firme. — Preciso que tomem total conhecimento de que essa não será uma batalha fácil, porém não devemos desanimar nunca... A coragem presente em nossos atos nos conduzirá ao triunfo! — Franco exaltou, tendo toda a atenção de olhos que cintilavam. — Não permitiremos que o medo exerça total domínio sobre nós. Uma dose equilibrada dele pode nos resguardar do mal, porém o seu excesso pode nos transportar ao fracasso.

A voz de Franco inspirou a incursão de valentia nas expectativas de todas aquelas pessoas que observavam o seu discurso.

— Essa guerra deverá ser conduzida pela bravura, pela disciplina e pela perseverança daqueles que lutarem ao nosso lado — ele respirou fundo. — Não cederemos às trapaças, muito menos a atitudes de traição e conspiração, como fazem os nossos inimigos — Franco removeu a espada da bainha, um gesto que foi imitado por todos que possuíam objetos semelhantes. — A batalha que está por vir será vencida pela coragem que habita em seus corações... Quem confia não teme!

A tranquilidade manifestou-se magnífica sobre a face de todos aqueles que escutaram as palavras encorajadoras de Franco.

Sutilmente iniciou-se uma ascensão acalorada até o declive que nos levaria de volta à floresta, até o caminho entusiástico que nos conduziria ao nosso retorno para casa.

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS
PUBLICAÇÕES
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

Cadastre-se no site:

www.novoseculo.com.br

e receba mensalmente nosso boletim
eletrônico.

